
constelação
de gênios

uma biografia
do ano de 1922

kevin jackson





constelação
de gênios

uma biografia
do ano de 1922

kevin jackson

Tradução
Camila Mello



Copyright © 2012 by Kevin Jackson

Primeiramente publicado como *Constellation of Genius: 1922: Modernism Year One* por Hutchinson

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

Constellation of Genius

Capa

Thiago Lacaz

Revisão

Christiane Ruiz

Tamara Sender

Fatima Fadel

Bruno Fiuza

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Freitas Bastos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J15c

Jackson, Kevin

Constelação de gênios [recurso eletrônico] : uma biografia do ano de 1922 / Kevin Jackson
; tradução Camila Mello. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

450 p., recurso digital

Tradução de: *Constellation of Genius*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-390-0649-6 (recurso eletrônico)

1. Anos 1920. 2. Modernismo (Literatura). 3. Livros eletrônicos. I. Título.

14-17271 CDD: 917.3

CDU: 94(73)'20'

SUMÁRIO

[Capa](#)
[Folha de rosto](#)
[Créditos](#)
[Agradecimentos](#)
[Introdução](#)

[Janeiro](#)
[Fevereiro](#)
[Março](#)
[Abril](#)
[Maio](#)
[Junho](#)
[Julho](#)
[Agosto](#)
[Setembro](#)
[Outubro](#)
[Novembro](#)
[Dezembro](#)

[Resultado](#)
[Bibliografia Seleccionada](#)

AGRADECIMENTOS

Meus amigos e colegas de trabalho Mark Booth, Jocasta Hamilton e Peter Straus atuaram bem acima do esperado para que este livro viesse ao mundo. Não há palavras para expressar minha gratidão.

De todos os meus amigos, Ian Irvine foi o mais incansável fornecedor de informações, textos raros, citações, sabedoria e apoio intelectual durante os anos de trabalho neste livro.

Gratias ago também para:

O falecido Gilbert Adair (descanse em paz), Ian Alister, Pamela Allen, Mohit Bakaya, Jo Banham, Alastair Brotchie, Kate Bassett, John e Marie-Do Baxter, Tobias Beer, Anne Billson, prof. Simon Blackburn, Peter Blegvad, Jacqui Brocker, Kate Bolton, Jonathan Burt, Pete Carpenter, a família Cuddon, Richard Cohen, prof.^a Anne Dunan-Page, Hunt Emerson, Tig Finch, Francis FitzGibbon QC, sir Christopher Frayling, Philip French, Alexander Fyjis-Walker, Spike Geilinger, Mark Godowski, Colin Grant, Richard Humphreys, Magnus Irvin, Robert Irwin, dra. Mary-Lou Jennings, dr. Glyn Johnson e dr. Evie Johnson, Philip Gwyn Jones, Gary Lachman, Shan Lancaster, dra. Anne Leone, Nick Lezard, Kevin Loader, o falecido Tom Lubbock (descanse em paz), Kevin Macdonald, Rob Macfarlane, Fiona McLean, Roger Michell, Deborah Mills, Colin Minchin, Alan Moore, Kim Newman, Simon Nicholas, Charlie e Sally Nicholl, Holly O'Neill, prof. Christopher Page, a família Parsons, Tanya Peixoto, David Perry, Mark Pilkington, Marzena Pogorzaly, Toby Poynder, a família Preston, Nick Rankin, dr. David Ricks e dra. Katy Ricks, dr. Stephen Romer, Martin Rowson, a família Real, prof. Jonathan Sawday, Marcus Sedgwick, a família Shepherd-Barron, Iain Sinclair, Tom Sutcliffe, dr. Peter Swaab e Andrew MacDonald, dr. Bharat

Tandon, David Thompson, prof. Martin Wallen, prof^a. Marina Warner,
Lisa Williams, Clive Wilmer, Louise Woods, David e Linda Yates.
Sem Clara, minha esposa: nada.

KJ, 8 de junho de 2012

INTRODUÇÃO

1922 E TUDO MAIS

O poeta americano Ezra Pound se referiu ao ano de 1922 como o Ano Um de uma nova era. Para ele, a época anterior — que chama de Era Cristã — teve fim no dia 30 de outubro de 1921: isto é, no dia em que James Joyce escreveu as últimas palavras de *Ulisses*. Pound sugeriu que todas as pessoas esclarecidas adotassem aquele novo calendário dali em diante. Durante certo tempo, ele de fato datou suas cartas com *p.s. U. — post scriptum Ulixi*. Foi um hábito que não durou muito. Mais tarde, no Anno Domini 1922, os fascistas de Benito Mussolini tomaram o controle da Itália. Eles também iniciaram um novo calendário; e Pound, um admirador cada vez mais entusiasmado de Mussolini, abandonou o esquema joyciano de tempo e adotou o italiano.

Estaria ele brincando quanto à natureza divisória de eras de *Ulisses*? Até certo ponto, sim. Ainda jovem em idade — fez 37 em 1922 — e mais jovem ainda em espírito, Pound amava brincar e provocar; ou melhor, amava desaforar. Mas sua proposta de que, de certa forma, o mundo mudou radicalmente a partir do início de 1922 não era uma insensatez completa — ou pelo menos foi o que pareceu quando estudiosos das décadas seguintes começaram a revisitar aqueles dias inebriantes e únicos, e a avaliar sua significância duradoura. Muito antes do final do século XX, já era quase um lugar-comum dizer que 1922 foi, inquestionavelmente, o *annus mirabilis* do modernismo literário. O ano que começou com a publicação de *Ulisses* e terminou com a publicação de *A terra devastada*, de T. S. Eliot: o romance de língua inglesa mais influente daquele século, o poema de língua inglesa mais influente daquele século. Apesar de diversas revoluções do gosto, essas duas obras continuam o marco da literatura moderna;

alguns diriam da modernidade em si.

Certamente, nem todo mundo concordou com o ano de 1922 como linha de partida. Existiram outros candidatos para o momento hipotético de transição do pré-moderno para o moderno — o ano de 1910, por exemplo, como na célebre declaração de Virginia Woolf (em “Mr. Bennett and Mrs. Brown”, 1924): “Em ou nos arredores de dezembro de 1910, o caráter humano mudou.” Outro romancista moderno, D. H. Lawrence, insistiu que “foi em 1915 que o velho mundo acabou”. (Propôs essa data em seu romance australiano *Canguru*, escrito em... 1922.) O passatempo de chamar um velho mundo de falecido e um novo mundo de recém-nascido ou iminente foi bastante popular nas primeiras décadas do século XX. Os tempos modernos, como já foi falado muitas vezes, começaram com a primeira performance de *Ubu Rei*, de Jarry, em 1896 (“Depois de nós, o Deus Selvagem”, escreveu W. B. Yeats, que testemunhou aquela noite tumultuada); com *A interpretação dos sonhos*, de Freud, em 1899; com Einstein e sua formulação da teoria da relatividade em 1907; com *As senhoritas de Avignon*, de Picasso, em 1905; com *A sagração da primavera*, de Stravinsky, em 1913; com o começo da Primeira Guerra Mundial, em 1914 (nunca mais a mesma inocência); ou com a Revolução de Outubro, em 1917.

Conforme sugere essa lista, a literatura moderna estava notavelmente aquém das outras artes no quesito experimentação. Dentre os escritores bem-sucedidos de prosa daquela época estavam pessoas como Galsworthy, Bennett e Kipling: mestres de uma prosa simples e nada absurda que aspirou à condição de humildade total. Até mesmo H. G. Wells, que compôs romances filosóficos e científicos, escreveu sobre futuros estranhos com estilo devidamente antiquado. Com exceção de poucas almas selvagens, promovidas e recrutadas por Pound, os poetas em geral aspiravam escrever na forma georgiana — versos curtos, formais e nostálgicos impregnados na vida rural da Inglaterra. A. E. Housman era o deus vivo dessa tradição. O teatro de língua inglesa havia acabado de começar a alcançar Ibsen — um ídolo antigo de Joyce —, porém ainda estava longe de Strindberg ou Jarry, e as peças espirituosas e bem-torneadas de Shaw eram basicamente as mais ousadas que as companhias teatrais conseguiam tolerar.

Vamos tentar imaginar as reações de um leitor comum e despreparado de 1922, contente com sua cerveja e pinos de boliche e seu Kipling. De repente, um irlandês magricela e surrado e um

americano garboso e silenciosamente sinistro entram, os dois determinados a explodirem tudo o que a ficção realista e a poesia georgiana mais estimavam. No romance de Joyce, as antigas seduições de enredo e personagem não chegavam aos pés de uma orgia selvagem da linguagem. Longe de ser modesta, sua prosa é oferecida como uma glória por si só: termos filosóficos extremamente recônditos estão lado a lado com palavras do pub e do bordel; as páginas abundam em paródias e pastiches de jornais e da linguagem jurídica, de catecismos religiosos e de relatórios científicos, de rimas infantis e de poemas épicos, de pornografia sutil e de pornografia descarada. A linguagem se rebelou contra a tirania do tema e do personagem, e se tornou protagonista por mérito próprio. O horror!

Pior ainda é a insistência de Joyce em retratar todos os aspectos da vida cotidiana em detalhe sem precedentes, incluindo o que acontece na privada e na cama de um casal... Embora qualquer pessoa que folheie o livro em busca de cenas picantes corre o risco de logo se desanimar, seja pela qualidade assustadoramente pretensiosa das ruminações no cérebro de Stephen Dedalus (um retrato de Joyce em 1904), seja pelos saltos associativos enlouquecedoramente excêntricos no cérebro de Leopold Bloom (o improvável personagem “Ulisses”, um corno gentil de meia-idade que no fim da narrativa vai assumir o papel de pai compassivo para Stephen). Os leitores que mal podem esperar pelas palavras devassas devem ir direto para o capítulo final, um longo devaneio noturno, quase sem pontuação, da mulher de Bloom, Molly. Ali há bastante sexo.

Quanto ao poema de Eliot: bem, é muito menos indecente do que Joyce quando se trata de vocabulário — apesar de incluir um diálogo *cockney*² que de maneira muito clara e óbvia é sobre aborto, e a noite de um jovem cheio de espinhas com uma secretária apática. Entretanto, em termos formais, talvez seja até mais ofensivo ao leitor convencional de poesia, pois à primeira vista não passa muito de uma série de vozes anônimas e vinhetas que mal se compreendem, infladas por plágio descarado — dezenas e dezenas de versos furtados de outros poemas e obras literárias, só Deus sabe em quantas línguas, francês, italiano, provençal, alemão e — dá para acreditar? — sânscrito...

Então, bem ou mal, a literatura inglesa finalmente teve seu próprio *Ubu*, seu próprio *Senhoritas*, sua própria *Sagração da primavera*. Assim como Jarry, Eliot e Joyce produziram, deliberadamente,

trabalhos obscenos que se deleitaram em sua própria (aparente) falta de sentido. Assim como Picasso, destruíram regras de representação que eram convencionais e governadas pela “perspectiva”, alongaram-se sobre aspectos impronunciáveis da sexualidade e se apaixonaram pela feiura e pelo primitivo. Assim como Stravinsky, cuspiram em seus predecessores imediatos e retrocederam séculos, ou até milênios, às raízes antropológicas da arte e da civilização. (As notas finais de Eliot ao poema declararam seu débito essencial com antropólogos recentes.) Com Eliot e Joyce, a literatura inglesa finalmente entrou no novo século, com um pequeno atraso de 22 anos para a festa.



Vários jovens estudantes da escrita moderna perceberam sozinhos esse fato curioso, que *Ulisses* e *A terra devastada* pertencem ao mesmo ano, e se perguntaram o que isso poderia significar, se é que significa alguma coisa. (A curiosidade me veio pela primeira vez aos 17 anos, enquanto me desdobrava em um trabalho temporário não intelectual em um banco de Londres — da mesma forma que eu sabia que Eliot vivia quando compôs seu poema — e passando as tardes devorando *Ulisses* com muita fome a fim de escapar para um mundo mais vívido.) Seria esse fato uma mera coincidência, dessas que aparecem inesperadamente na história da literatura — do tipo Cervantes e Shakespeare terem morrido no mesmo dia? Ou haveria algum tipo de inevitabilidade histórica acontecendo ali?

Os dois, é claro. Se Joyce não tivesse se guiado por uma necessidade sobrenatural de publicar o livro no seu quadragésimo aniversário — 2 de fevereiro de 1922 —, poderia facilmente ter sucumbido aos seus velhos hábitos de procrastinação, às revisões e expansões enlouquecedoramente frequentes nas provas de prelo e à preguiça em geral, e *Ulisses* teria sido postergado e postergado. Se Eliot não tivesse persuadido lady Rothermere a bancar um periódico literário trimestral, *The Criterion*, no qual ele pôde lançar seu longo poema, talvez a publicação no Reino Unido também tivesse sido postergada. E por aí vai.

Depois disso, há mais o que dizer. Os livros de consulta geralmente vão classificar essas duas obras como expressões do sentido geral de desilusão e crise após o fim da Grande Guerra; e dirão que a aparente

falta de forma e anarquia foi sintoma de um colapso de antigos valores humanistas. Consequentemente, são livros que estavam destinados a aparecer em, ou próximos a, 1922 porque foram os primeiros grandes escritos a avaliar o mundo depois de 1918 — considerando que a composição de uma grande obra deve levar pelo menos alguns anos.

Apesar de ser prudente não amenizar o efeito da guerra em nada que a procedeu, tomar esses livros como historicamente inevitáveis é, com frequência, um exagero. Lembrem-se que nem Eliot nem Joyce tiveram experiências diretas nas trincheiras. Eliot, apesar de o senso de dever de sua família tê-lo incitado a se juntar às Forças Armadas americanas quando os Estados Unidos entraram na guerra, foi considerado inapto para prestar serviço e permaneceu em seu emprego no banco. Joyce, um pacifista e um homem que mal prestava atenção ao que acontecia no resto do mundo, a não ser que interferisse em sua escrita ou em sua família, foi correndo para a Suíça, país neutro durante o conflito, e gostava de demonstrar surpresa quando diziam que havia uma guerra assolando a Europa. Tanto *Ulisses* quanto *A terra devastada* contêm trechos autobiográficos, e os homens que os escreveram não eram combatentes.

Lembrem-se também que os primeiros rascunhos das duas obras antecedem a guerra, e apesar de esses primeiros esboços terem sido claramente moldados por movimentos culturais mais abrangentes (nenhum homem, para citar John Donne, um dos escritores favoritos de Eliot, é uma ilha), muita perspicácia e tato seriam necessários para definir exatamente de que forma expressaram o espírito da época. Os dois escritores, por exemplo, cresceram em um tempo e em culturas em que se esperava que jovens decentes professassem o cristianismo, mas onde cada vez mais espíritos astutos e independentes achavam impossível cumprir esse papel.

Tanto Joyce quanto Eliot passaram da fé para a dúvida — e ambos eram excepcionalmente versados em filosofia e teologia da Idade Média, adoradores de Dante e estudiosos dos pais da Igreja —, mas expressaram e lidaram com a crise de maneiras muito diferentes. Joyce rejeitou ostensivamente o catolicismo enquanto fé (críticos católicos extremamente perspicazes tentaram retomá-lo algumas vezes), embora tenha mantido um interesse vitalício por São Tomás de Aquino; Eliot passou por anos de angústia, foi poderosamente atraído pelos ensinamentos do budismo e acabou virando membro de uma comunhão anglicana. *Ulisses* documenta um distanciamento da fé; *A*

terra devastada, um desejo passional e atormentado por redenção.

Contudo, se as sementes de Joyce e de Eliot tivessem caído em terreno infértil, talvez nunca tivéssemos ouvido falar deles. O mundo, ou uma fração pequena, porém significativa, dele, estava pronto para ler livros como aqueles. Poucos anos antes, poemas publicados de Eliot foram amplamente considerados asneiras — delírios de um servo bêbado, como disse o pai de Evelyn Waugh. Em 1922, havia uma quantidade suficiente de homens de letras com alguma idade para insistir que *A terra devastada* era fraudulenta ou insana; naturalmente, o desprezo deles fez com que o poema fosse ainda mais glamoroso para jovens rebeldes inteligentes. O poeta inglês Hugh Sykes Davies, estudante na década de 1920, costumava se lembrar de um professor pegando um exemplar do poema, lendo alguns versos com horror galopante e dizendo: “Meu Deus, Sykes Davies, isto aqui é bem bolchevique.” (Uma observação que parece ainda mais obtusa considerando a profunda inclinação de Eliot ao partido Tory, conservador, anos depois.) O semelhante culto de *Ulisses* na década de 1920 também teve muito a ver com sua reputação de ato indecentemente selvagem de revolta.

A questão da erupção simultânea de Joyce e Eliot em 1922 tem uma solução mais humilde do que a que os explica como expressões de um *zeitgeist*. Ambos deveram o lançamento de suas carreiras ao generoso, incansável e brilhantemente criterioso Ezra Pound, um jovem poeta sempre inovador que se mudou para Londres para estar na capital da literatura, e que se sentiu entretido e amargurado com o tédio e a timidez que encontrou ali. Concluiu que outro Renascimento se fazia necessário. Buscando sinais de novos talentos ao seu redor em todos os campos das artes, da escultura à música, mas especialmente na literatura, Pound ficou entusiasmado ao descobrir dois escritores jovens e obscuros de vasta erudição e evidente genialidade. Avistou os dois pouco antes da guerra e logo começou a ajudá-los. Dadas as condições nada promissoras em que Pound estava trabalhando, o período de cerca de sete ou oito anos entre descoberta e lançamento parece razoável.

O crédito será eternamente de Pound, por ter reconhecido o potencial de Joyce e de Eliot — pouquíssimos o fizeram — e por ter devotado, sem egoísmo algum, a maior parte de seu tempo e esforço nos anos que se seguiram para cultivar e promover o trabalho dos dois. No começo, a amizade entre Pound e Joyce se deu essencialmente por

meio de cartas, e eles só começaram a se encontrar pessoalmente depois que Joyce cedeu à sugestão de Pound e se mudou para Paris — que na década de 1920 já estava firmemente estabelecida como indiscutível capital mundial das artes.

Por outro lado, Eliot, que ainda era pós-graduando em Oxford, onde estudava para obter um ph.D. em filosofia, via Pound com frequência em Londres, onde o poeta americano, um pouco mais velho, o apresentou a círculos artísticos e boêmios. Também graças a Pound, Joyce e Eliot logo descobriram um ao outro — Eliot acompanhou os capítulos de *Ulisses* conforme eram publicados na *Little Review*, e ficou profundamente impressionado —, porém só se conheceram em pessoa no verão de 1920.

Sete anos antes, Joyce era pobre, tão pobre que às vezes ele e a família tinham de sobreviver sem o jantar. Vinha trabalhando arduamente como professor de inglês e estava sempre em batalhas longas e infrutíferas com editores (nada publicado, salvo por um livreto de poemas). Poderia facilmente ter continuado assim para o resto da vida: um bêbado empobrecido e amargurado, ciente do vasto talento apodrecendo dentro dele.

Pound deu um jeito nisso com uma velocidade notável. Finalmente encontrou um editor para *Um retrato do artista quando jovem* e outros escritos; leu os primeiros esboços de *Ulisses*, louvou esse material e intimidou ou seduziu editores para que também os publicassem (em especial, as editoras da *Little Review*, Margaret Anderson e Jane Heap; não foi difícil seduzi-las). Localizou diversos patronos para Joyce, principalmente a editora rica e idealista Harriet Shaw Weaver, que lhe forneceu um salário regular para seu sustento (com o passar dos anos, seus presentes somaram cerca de 600 mil libras em bens — se convertermos o valor para o século XXI), e o rico advogado de Nova York, John Quinn, que pagou quantias elevadas por manuscritos de Joyce e Eliot.

Pound foi um patrocinador ainda mais importante para Eliot, e não apenas de formas materiais. Um dos recursos mais valiosos de Joyce era uma crença constante em sua própria genialidade e na precisão de suas escolhas de vida, independentemente do quão impiedosas ou desencorajadoras fossem as circunstâncias. Eliot, em total contraste, se

corroía em dúvidas. Intuíra (ou talvez a palavra mais pertinente fosse “suspeitava”); o clima de seus primeiros poemas é denso com uma ameaça insinuada) que tinha um dom significativo para a poesia, mas não tinha certeza alguma de que isso seria duradouro, ou de que valeria a pena fazer grandes sacrifícios para desenvolver esse dom.

Foi Pound, acima de tudo, que falou para ele que seus primeiros poemas eram não apenas promissores, mas provavelmente o melhor trabalho sendo escrito por uma pessoa daquela geração em ascensão; foi Pound quem lhe deu a determinação de largar a carreira acadêmica e se mudar para Londres, apesar da dor que isso causaria em seus pais na América; foi Pound quem escreveu uma carta tranquilizadora para os pais alarmados e reprovadores de Eliot, louvando os talentos literários do filho, defendendo as mudanças drásticas de vida — incluindo o casamento às pressas com Vivien Haigh-Wood.² Pound também citou sua própria carreira como evidência de que um brilhante jovem literato americano podia ter uma vida respeitável em Londres.

Não que Pound fosse desleixado quando o assunto era melhorar os aspectos materiais da triste vida de Eliot. Fez questão que o escritor conhecesse pessoas influentes e divertidas, e, de maneira escusa, arrumava-lhe trabalhos como revisor. Em 1920, Eliot já era conhecido nos círculos literários como um dos críticos mais brilhantes da época, apesar de suas contribuições no *Times Literary Supplement* serem anônimas, como as de outros críticos. Quando finalmente desistiu de tentar sustentar a si próprio e Vivien dando aulas em escolas para meninos e aceitou um cargo de salário modesto no Lloyd’s Bank de Londres, foi Pound quem ajudou a organizar o chamado esquema *Bel Esprit*. A ideia era que os admiradores mais abastados de Eliot concordassem em lhe fornecer uma renda anual pelo menos durante alguns anos. O esquema não deu certo. Mas e se Pound não tivesse intervindo?

Esse jogo de histórias alternativas tem valor limitado, mas podemos usar estudos iniciais para reconstruir as previsões que observadores empáticos de Joyce e Eliot poderiam ter feito sob a perspectiva pré-guerra. Sem a intervenção de Pound, é bem provável que Joyce tivesse continuado a viver da maneira com a qual se acostumou: cronicamente pobre, com pouco trabalho e desconhecido. Seu orgulho e senso de mérito ferido muito provavelmente teriam garantido que ele

continuasse a repelir editores, como fez durante anos. Seu senso de vocação artística teria feito com que continuasse a escrever histórias e livros que ninguém queria ler. Seu lado irresponsável o levaria a ficar em cafés e restaurantes noite após noite, gastando mais do que podia e traçando um caminho precoce à sepultura por excesso de bebida.

Certamente, há probabilidades mais felizes: ele poderia ter tirado vantagem de seu sucesso local como promotor de teatro na Zurique dos tempos de guerra e se tornado uma espécie de empresário teatral. Poderia ter feito outra tentativa de abrir uma cadeia de cinemas na Irlanda, e dessa vez talvez desfrutasse do sucesso que não teve antes; ou poderia finalmente ter persuadido uma universidade em algum lugar do mundo anglófono a tê-lo admitido como professor de italiano. Mas uma vida de labuta obscura, digna apesar de medíocre, é um destino mais provável.

A vida, ou vidas, alternativa de Eliot são mais fáceis de traçar; ele mesmo às vezes refletia sobre essas questões. Cedendo, como era de sua natureza, a um senso de dever e de lealdade familiar, provavelmente teria voltado aos Estados Unidos, terminado sua dissertação sobre F. H. Bradley e se tornado um filósofo acadêmico em Harvard ou em outra respeitável universidade. Seu brilhantismo reconhecido no assunto talvez o transformasse, com o tempo, no principal filósofo americano do século XX. Seu interesse crescente no budismo e em outras tradições orientais poderia tê-lo levado a escrever trabalhos importantes sobre escolas não ocidentais de pensamento. Ou talvez sua falta de histamina, sua meticulosidade e sua timidez poderiam tê-lo transformado em um notório pesquisador sem publicações — algo que ainda era possível naqueles dias antes das constantes avaliações de pesquisa. Em uma alternativa mais feliz, provavelmente teria se casado com sua amada de anos, Emily Hale, e desfrutado enquanto ainda jovem da felicidade doméstica que na realidade só conheceu na velhice, no segundo casamento. Teria escrito poesia? O próprio Eliot acreditava que provavelmente estaria muito esgotado pela filosofia para voltar a escrever versos.

Por outro lado, se Eliot tivesse decidido permanecer na Inglaterra, mas abandonado suas ambições literárias e se estabilizado na carreira bancária — para a qual tinha uma propensão inesperada —, talvez sua vida virasse um inferno, e não uma mera sentença prolongada de infelicidade mitigada por pequenos triunfos ocasionais como crítico e

poeta. Seria difícil exagerar a miséria da vida pessoal de Eliot nos anos que precederam *A terra devastada*. Sofreu sozinho de diversas doenças físicas (dores de cabeça, gripe, problemas nos brônquios), assim como de excesso de trabalho, melancolia, falta de vontade e desespero ocasional. Comparado a Vivien, no entanto, Tom era um modelo de saúde exemplar. Embora ela tenha inicialmente atraído Eliot com sua aparente vivacidade e alegria de viver, na verdade sua saúde física ia mal, e a mental, pior ainda. Havia períodos extensos em que ficava confinada à cama e Tom era seu enfermeiro de plantão. Recentemente, biógrafos (incluindo Ray Monk) estabeleceram, com uma boa margem de certeza, que ela foi seduzida — possivelmente dias depois do casamento deles — pelo filósofo Bertrand Russell. (Há alguns versos nos esboços de *A terra devastada* que sugerem que Eliot sabia que Bertie e Viv tinham feito dele um corno.) Também parece provável que o casamento carecesse de intimidade sexual; Vivien comentou certa vez que vinha esperando estimular Tom, mas havia se decepcionado.

Não surpreende que finalmente Eliot tenha sofrido um colapso nervoso total. Seus empregadores foram gentis e cederam três meses de licença médica, e Eliot passou os últimos meses de 1921 na costa do mar, em Margate, e depois em uma clínica em Lausanne, onde o poema foi finalmente finalizado. *A terra devastada* é sobre muitas coisas — sobre a estranheza de Londres durante a guerra, por exemplo —, mas um dos tópicos principais é o sofrimento do casamento em geral, e do casamento de Eliot em especial. Certa vez, ele confidenciou a um amigo escritor que foi a vida com Vivien que trouxe o estado de espírito do qual *A terra devastada* foi produzido. Pelo menos sua angústia rendeu um fruto excepcional. Sem o encorajamento, aconselhamento e ajuda preciosos de Ezra Pound, talvez Eliot tivesse envelhecido e dessecado a serviço do Lloyd's Bank, mantendo seu casamento terrível um segredo perante todos, com poucas exceções.

Felizmente, Pound interveio; e seus protegidos, Eliot e Joyce, gradualmente, no decorrer das décadas, passaram a ser reconhecidos como gigantes.



Pode parecer cinismo propor que uma das razões para que *Ulisses* e *A*

terra devastada tenham se tornado os ápices da literatura modernista é que são pastos ideais para a sala de aula. Afinal de contas, ambas as obras tiveram seu impacto inicial bem longe do mundo acadêmico, dentre círculos seletos de escritores e artistas camaradas, patronos prósperos e diletantes antenados. Ambos, como já foi dito, foram então tomados por alguns poucos jovens idealistas, em geral como expressões de rebelião contra o mundo abafado de seus antecessores ou — lembrem-se da famosa cena de *Memórias de Brideshead*, na qual uma esteta de Oxford entoava o poema de Eliot em um megafone — contra a estupidez complacente de seus contemporâneos mais conformistas.

Fora desses círculos, não viraram sensação do dia para a noite. Durante alguns anos, *A terra devastada* mal era conhecido fora de Bloomsbury e suas colônias em Cambridge, Oxford e outros lugares — ou, nos Estados Unidos, entre leitores de pequenas revistas literárias; *Ulisses* era um tanto mais conhecido do público em geral por causa dos casos judiciais contra os editores da *Little Review* por obscenidade. Em seus primeiros 11 anos de vida, foi um livro banido. Nos Estados Unidos, a publicação de *Ulisses* só foi legalizada depois de 6 de dezembro de 1933, quando o juiz distrital americano John M. Wollsey declarou, no caso *Estados Unidos vs. Um livro intitulado Ulisses*, que o romance não era pornográfico, portanto não era obsceno. A Random House publicou a primeira edição comercial americana de *Ulisses* em 1934; a edição da Bodley Head, no Reino Unido, apareceu em 1936. Conclusão: *Ulisses* era apenas um “livro indecente”, ao passo que *A terra devastada* desconcertava e enojava os que ainda viviam no cenário mental dos georgianos.

E, no entanto, essa é a história familiar da literatura moderna — desde, digamos, os julgamentos de Baudelaire por *As flores do mal*, e de Flaubert por *Madame Bovary*: o livro banido e escandaloso de uma geração se torna o texto-base da próxima. (O mesmo princípio pode ser visto em vigor de maneira ainda mais dramática na história da pintura moderna.) *Ulisses* e *A terra devastada* começaram verdadeiramente sua ascensão quando foram adotados por universidades. E é claro que o fato de serem obras escritas por gênios ajudou.

As qualidades que fizeram com que Joyce e Eliot estivessem maduros para essa colheita são axiomáticas. Suas obras-primas são trabalhos complexos, repletos de conhecimento abrangente e estranho,

e que demandavam um grau de atenção muito maior do que um mero curioso está geralmente disposto a dar. Em certos pontos, são comparáveis a textos religiosos, como o Talmude, pois requisitam um leitor “profissional” para fazer a mediação entre seus mistérios e o público laico. Sendo assim, o crítico de tais textos é transformado em um tipo de rabino ou padre secular: não mais um humilde locutor sem graça, talvez até um pedante levemente patético, como um pobre professor de escola de um romance de Dickens. Em consequência da revolução modernista, os críticos literários acadêmicos se tornaram cada vez mais importantes. E com o crescimento de universidades nas décadas que se seguiram, milhares de estudantes assimilaram a ideia de que Joyce e Eliot ultrapassaram suas respectivas divisões.

É uma história um tanto complexa, mas seus protagonistas são de fácil nomeação. No caso de *A terra devastada*, os primeiros patrocinadores acadêmicos na Grã-Bretanha foram I. A. Richards — um dos membros fundadores do novo *trapos*³ de inglês de Cambridge — e dois de seus colegas juniores, William Empson e F. R. Leavis. Esses três críticos — que geralmente são aglutinados como “a escola de Cambridge”, apesar de suas diferenças serem tão marcantes quanto suas semelhanças — mudaram a forma como a literatura inglesa era ensinada, não apenas no Reino Unido, mas em departamentos no mundo todo. Richards era o mais velho do grupo, o primeiro a se impressionar com o brilhantismo de Eliot e o primeiro a fazer contato com o poeta. Tentou, sem sucesso, fisgá-lo para ser professor exclusivo de Cambridge.

Empson — considerado hoje por alguns estudiosos como, de muito longe, o mais talentoso do estranho trio — também foi profundamente influenciado por Eliot, e mais tarde escreveria um ensaio deslumbrante sobre os manuscritos de *A terra devastada* (republicados em *Using Biography* [Usando a biografia], que também inclui um fragmento idiossincrático de *Ulisses*). No entanto, o crítico que teve o maior papel em trazer *A terra devastada* para o palco central foi Leavis; o ensaio principal veio no livro *New Bearings in English Poetry* [Novas tendências na poesia inglesa], publicado em 1932. Leavis ficou menos impressionado com o trabalho subsequente de Eliot, mas o ensaio de *New Bearings* — ainda bastante lido hoje em dia, muito tempo depois da perda de poder de Leavis — foi um passo crucial para que Eliot fosse inserido em todos os programas universitários e, mais tarde, escolares.

Nos Estados Unidos, a história é bastante similar. Com o triunfo gradual de Eliot nas universidades, há também o triunfo da chamada Nova Crítica, a força dominante no ensino de literatura inglesa desde cerca do começo da década de 1940 até quase o fim dos anos 1970. Seus nomes principais incluem John Crowe Ransom — cujo *The New Criticism* [A nova crítica], 1941, deu nome ao movimento — e seus amigos e conterrâneos do Sul, Allen Tate e Robert Penn Warren; seguidos por R. P. Blackmur, Cleanth Brooks (autor de *The Well-Wrought Urn* [A urna bem-forjada], 1947) e William K. Wimsatt e Monroe Beardsley, coautores de um ensaio bastante lido, “The Intentional Fallacy” [A falácia intencional]. Richards, Empson e Leavis às vezes também são chamados de Novos Críticos, mas isso é uma falha.

Os dois pontos principais que os críticos britânicos tinham em comum com seus colegas norte-americanos é que também estavam preocupados com a prática da leitura minuciosa de textos literários — bem similar à disciplina conhecida em Cambridge, após o livro homônimo de Richards, como “Crítica Prática” — e que todos admiravam Eliot. Às vezes diziam que Eliot foi o homem que inspirou a Nova Crítica, e em parte isso é verdade, mesmo que os próprios ensaios de Eliot não tenham quase nada em comum com o que chamava, com desdém, de “a escola espremadora de limão da crítica”. Em termos gerais, a Nova Crítica foi formalista — preocupada apenas com o que podia ser dito, por vezes de maneira engenhosa, sobre as combinações de palavras na página, sem se preocupar com questões de história, intenção autoral ou ideologia. (Visto que um dos grandes pontos fortes da crítica de Empson era sua percepção aguçada da pressão e da presença da história nos textos, parece quase cômico que ele tenha sido visto como um típico Novo Crítico.)

Como abordagem geral à literatura, tal método é lamentavelmente empobrecido. Como método de sala de aula, especialmente para ensinar àqueles que não têm muita leitura, tem usos óbvios e consequências óbvias. Wordsworth propôs certa vez que grandes poetas criassem o clima no qual são apreciados; esse certamente foi o caso de Eliot, visto que a Nova Crítica foi muito boa em mostrar pelo menos alguns dos aspectos que eram muito positivos em sua poesia.

Conforme a reputação de Eliot cresceu, a de seu amigo irlandês seguiu os mesmos passos. Os livros que haviam sido banidos ou ridicularizados eram agora elementos compulsórios do currículo. Mas

fazer parte de um cânone é ser seguro e confortável, e provavelmente tedioso. Nenhuma das poucas pessoas que leram os autores em 1922 os classificaria dessa mesma forma.



1922 foi um ano de primeiras vezes, nascimentos e fundações memoráveis. Um velho mundo estava indo embora. Os jornais falavam sobre o colapso final do Império Otomano, o fim do liberalismo britânico com a derrota esmagadora por parte dos conservadores na eleição geral de 1922, a frustração dos sonhos de Marcus Garvey para uma nova África. A Conferência Naval de Washington viu a supremacia naval da Grã-Bretanha — existente desde a derrota da Armada Espanhola — passar para os Estados Unidos. No mundo das artes, o dadaísmo teve seu fim; e Proust morreu.

Novas nações foram criadas, e novos modos de governo. O primeiro Estado fascista do mundo foi estabelecido na Itália. Um tratado no fim do ano marcou a formação oficial das Repúblicas Socialistas da União Soviética. O Egito conquistou a independência, pelo menos formal, da Grã-Bretanha; e, ao mesmo tempo, esta iniciou seu mandato na Palestina. Depois de uma guerra civil brutal, a Irlanda moderna voltou à vida — e W. B. Yeats, amigo tanto de Eliot quanto de Pound, foi eleito um de seus senadores.

Definitivamente, foi o *annus mirabilis* do rádio, o primeiro ano em que ele deixou de ser uma novidade local, cresceu e se transformou em um meio mundial de (palavra antiga, sentido novo) transmissão, com estações abrindo nos Estados Unidos praticamente todos os dias e a BBC começando no Reino Unido. Dali em diante, quase todas as casas no mundo seriam tomadas por vozes sem corpos; uma experiência, como notaram Hugh Kenner e outros, comparável a ler *A terra devastada*, na qual locutores não identificados vêm e vão, enunciando frases crípticas em um âmbito de línguas distintas. Foi como se Eliot tivesse profetizado a experiência que mais tarde se tornaria lugar-comum: ligar um rádio para bisbilhotar terras estranhas e distantes.

O cinema não era mais a novidade que havia sido, porém sua escala e universalidade tiveram efeitos sem precedentes. Hollywood, apesar de bastante danificada em 1921 e 1922 por uma série de escândalos, continuou a transformar a natureza da fama. Charles Chaplin, adorado

tanto pelas massas quanto pelos intelectuais, era o homem mais imediatamente reconhecível do planeta, apesar de sua popularidade ser desafiada de maneira aguçada por artistas como Mary Pickford, Douglas Fairbanks e Rudolph Valentino. O ano de 1922 foi aquele em que Chaplin decidiu passar dos curtas-metragens cômicos para dirigir seu primeiro longa de verdade, *Uma mulher de Paris*. E nem de longe estava sozinho na tentativa de galgar produções ainda mais ambiciosas.

Esposas ingênuas, de Von Stroheim, lançado no começo daquele ano, foi o filme mais caro já feito até então, mas no final do ano foi superado pelo glorioso *Robin Hood* — o primeiro filme a ter estreia em Hollywood. Na Grã-Bretanha, um jovem obscuro e pesado chamado Alfred Hitchcock dirigiu seu primeiro filme, *Número 13*. Walt Disney fundou a companhia Laugh-O-Gram e produziu seus primeiros curtas-metragens animados. Na República alemã de Weimar, o *Nosferatu* de Murnau e o primeiro filme de Fritz Lang sobre o mestre criminoso dr. Mabuse levaram aos espectadores novas formas do terror cinematográfico. O imensamente popular *Nanook, o Esquimó* foi o primeiro filme-documentário do mundo. *The Toll of the Sea* [O tributo do mar], o primeiro filme da Technicolor de fato, foi lançado. E na Rússia — ainda alguns anos antes de seu florescimento mais triunfante —, o jovem Dziga Vertov começou a fazer seus documentários Kino-Pravda.

Por todos os lados, e em todos os campos, havia um frenesi de inovação. A filosofia linguística moderna pode ser datada desde a publicação de *Tractatus Logico-Philosophicus*, de Wittgenstein, naquele ano. A antropologia moderna teve seu início com a publicação triunfante de *Argonautas do Pacífico Ocidental*, de Malinowski. Kandinsky e Klee se juntaram a Bauhaus e adicionaram seus talentos peculiares àquele projeto utópico. Louis Armstrong pegou o trem de Nova Orleans a Chicago, juntou-se à King Oliver's Band e se lançou como o maior intérprete na história do jazz. A cultura afro-americana atingiu sua maturidade com as primeiras grandes manifestações do que passou a ser conhecido como o Renascimento do Harlem...

Ulisses e *A terra devastada* são as obras literárias proeminentes daquele ano, o Sol e a Lua da escrita modernista. Contudo, apareceram em um céu — tomando a metáfora usada pelo famoso crítico americano Harry Levin — que flamejava com uma “constelação de gênios” nunca antes vista, e que nunca mais foi igualada. As páginas a

seguir tentam identificar as estrelas mais importantes nessa constelação e mostrar como as obras-primas de Joyce e Eliot se encaixam nesse quadro.

1. Nativo do Leste de Londres, cuja maneira de falar usa gírias que rimam. (N.T.)
2. Foi batizada Vivienne, mas, por algum motivo, não gostava de como o nome era escrito; ela e seus contemporâneos todos usavam Vivien, escrito dessa forma, em cartas e diários; este livro segue essa ortografia.
3. Exames da Universidade de Cambridge que conferem distinções e títulos de honra aos alunos de graduação em diversas áreas. (N.T.)

JANEIRO

1º DE JANEIRO

LAUSANNE — PARIS T. S. Eliot estava a caminho de Paris vindo de Lausanne. Chegou no dia 2 de janeiro, onde voltou a se encontrar com a esposa, Vivien, e permaneceu por duas semanas. Durante a estada, Ezra Pound apresentou os Eliot a Horace Liveright, o editor americano, e jantaram com James Joyce. Por cerca de dez dias, Pound e Eliot trabalharam lado a lado no manuscrito de *A terra devastada*. Em meados de janeiro, Eliot voltou a Londres — para seu apartamento no número 9 do prédio Clarence Gate Gardens.



HOLLYWOOD Logo no começo do expediente, Douglas Fairbanks reuniu todos os seus colegas e declarou: “Acabei de decidir que vou fazer a história de Robin Hood. Vamos construir os cenários aqui mesmo em Hollywood. Vou chamar o filme de *Robin Hood*.” Dentre aqueles que ouviram esse discurso veemente estava o diretor do departamento de assuntos estrangeiros da Pickford-Fairbanks, Robert Florey, que relatou mais tarde: “Nunca vou me esquecer da força com que Douglas fez esse pronunciamento. Bateu o punho em uma mesa pequena. Ninguém disse nada.”

Fairbanks explicou que ele e a esposa, Mary Pickford, estavam planejando comprar um estúdio — o velho Jesse Hampton Studio em Santa Monica, cercado de enormes terrenos abandonados onde cineastas podiam recriar Nottingham, o castelo de Ricardo, Coração de Leão, a floresta Sherwood, a Palestina, o acampamento de paladinos na França... Fariam milhares de figurinos, todos com base em autênticos desenhos do período, e escudos e lanças e... Finalmente, John, o irmão de Fairbanks, tomou coragem e perguntou quanto isso tudo custaria à empresa (da qual era o tesoureiro).

“Essa não é a questão!”, respondeu Fairbanks. “Essas coisas têm de ser feitas direito, ou é melhor nem fazer!”

Ao meio-dia, todos estavam de acordo com ele. *Robin Hood* tinha de ser feito.

Na época do lançamento (Cf. 18 de outubro), *Robin Hood* havia custado um milhão e 400 mil dólares. Era, de longe, o filme mais caro que Hollywood já havia produzido — quase exatamente o dobro dos gastos de um recordista prévio, *Intolerância*, que devorou 700 mil. A Dream Factory estava entrando em uma nova fase de ambição, realização e arrogância.



PARIS Marcel Proust adentrou o Ano-Novo ficando acordado a noite toda em um baile oferecido por seus amigos aristocratas, o conde Etienne de Beaumont e sua esposa. Proust agora era famoso; e estava muito doente (na verdade, estava morrendo, não sobreviveria o ano todo). Essa última condição era bastante familiar ao romancista, que poderia muito bem ter descrito sua vida, na frase de Alexander Pope, como uma “doença prolongada”. Mas a fama ainda era uma novidade.⁴

Proust desfrutou de sua fama, tanto quanto a saúde permitiu, embora também tivesse novas tristezas. Em janeiro de 1919, levou um baque do qual nunca se recuperou por inteiro: sua tia anunciou que vendeu o prédio onde Proust tinha seu lendário apartamento, no Haussmann Boulevard, 102, para que fosse convertido em um banco. Ele foi forçado a se mudar no final de maio e passou a maior parte do verão vivendo no número 8 *bis* da rue Laurent-Pichat, antes de finalmente se estabelecer na rue Hamelin, 44.⁵

Todavia, ele continuou a trabalhar com perseverança na revisão e correção dos textos de seu romance gigantesco, apesar de a insônia e a fadiga terem feito com que seu trabalho fosse miserável. Pediu ajuda à editora, a NRF; por alguma razão incompreensível, colocaram a tarefa de corrigir as provas de texto nas mãos de André Breton. O protossurrealista foi sublimemente lento na tarefa, mas adorava os ritmos das frases de Proust e costumava lê-las em voz alta para seus assistentes.⁶

Se algumas das doenças de Proust tinham origem psicossomática, toda a aprovação que sua obra recebeu não ajudou em nada a aliviá-las. No outono de 1921, ele sofreu um colapso e começou a exibir sinais de uremia. No começo de outubro, ele se envenenou acidentalmente com overdoses massivas de ópio e veronal. Mas continuou revisando; e quando os sintomas permitiam continuava

tendo uma vida social. Em 15 de janeiro de 1922, foi ao baile do Ritz, onde foi apresentado pela srta. D'Hinnisdael com uma demonstração dos novos passos de dança que estavam em voga. Ficou impressionado: “Até mesmo quando se entrega à dança mais característica de 1922, ela ainda se parece com um unicórnio dentro de um brasão!”



PARIS André Breton,⁷ 25 anos, e sua esposa Simone, cujo sobrenome de solteira era Kahn, mudaram-se para um apartamento de dois quartos no quarto andar de um prédio modesto no número 42 da rue Fontaine, na parte norte do nono distrito.⁸ No andar de baixo havia um cabaré chamado *Le Ciel et L'Enfer*; daí as referências brincalhonas, desde então, aos Breton morarem “nos aposentos acima do Céu e do Inferno”.⁹

Em 1922, Breton havia publicado pouco e ainda mal era conhecido fora do seu pequeno círculo. Nascido na Normandia, começou o curso de médico e psiquiatra. Durante a guerra, passou o começo do serviço militar em um hospital psiquiátrico em Nantes, onde, em fevereiro de 1916, conheceu um jovem soldado extraordinário, Jacques Vaché, cujo estranho senso de humor e ar geral de rebelião o impressionaram profundamente.¹⁰

Na companhia de Vaché ou sozinho, Breton começou a desenvolver uma sensibilidade exótica e um conjunto idiossincrático de obsessões. Seus modelos do passado incluíam figuras como Rimbaud, Jarry e Lautréamont.¹¹ Mas também estava atento a várias influências contemporâneas. Uma foi o dadaísmo, o movimento anarquista antiarte, que ele conheceu pela primeira vez em janeiro de 1919, quase exatamente na mesma época da morte de Vaché.¹² Outra influência foi o corpo teórico que estava sendo desenvolvido por Sigmund Freud.¹³

Breton começou a perceber que estava criando algo que ainda não conseguia definir adequadamente, e para o qual não tinha nome.¹⁴ Ainda assim, cerca de cinco anos antes do nascimento oficial do movimento, em 1924, ele estava reunindo membros vitais de sua equipe: Soupault, Aragon, Eluard.¹⁵

Nesse ínterim, no entanto, Breton ficou contente em unir forças com Tristan Tzara quando este levou o dadaísmo a Paris em uma série de provocações conflituosas. De maneira mais prosaica, largou seus

estudos médicos e procurou emprego no meio editorial: a Gallimard não só o aceitou por certo tempo, como também pagou a mais para que ajudasse Proust com as correções de *O caminho de Guermantes*, que haviam concordado em publicar. Para a surpresa do jovem, Proust foi inteiramente amável e o recebeu de maneira cordial em longas sessões de edição na rue Hamelin, 44, tarde da noite.

O trabalho na Gallimard não durou muito, mas depois de um período de busca por empregos de meio expediente, Breton deu sorte. Já havia sido apresentado a Jacques Doucet, um modista chique e abastado de 67 anos, automeado patrono das artes, que era o costureiro mais bem-sucedido em Paris depois de Coco Chanel e Paul Poret. Doucet tinha uma grande coleção, que crescia rapidamente, de manuscritos e pinturas modernos em seu acervo particular na rue de Noisiel, 2, no 16º “distrito”. A coleção aumentara tanto que necessitava de catalogação; além disso, Doucet, sem educação formal, precisava dos conselhos de peritos para suas compras futuras.

Breton, ambos concordaram, era o homem ideal para a tarefa. Ele levava o trabalho a sério, desenvolvia-o com inteligência e discernimento, e usava-o para ajudar seus amigos, persuadindo Doucet de que seria sábio comprar primeiras edições e manuscritos de membros de seu grupo. (Ele tinha razão.) Quando, no fim de janeiro de 1922, Louis Aragon decidiu abandonar seus estudos médicos, Breton persuadiu Doucet de que ele daria um cocurador ideal. Com um salário estável, Breton agora era capaz de comprar uma casa.

Na verdade, o apartamento na rue Fontaine, 42, era muito mais do que simplesmente um lugar onde dormir. Como disse Mark Polizzotti, o apartamento e ateliê:

[...] adquiriu uma permanência que logo acumulou a aura de lenda... Tornou-se um símbolo, parte da história do surrealismo tanto quanto o próprio Breton. Era “seu cristal, seu universo”, como disse a filha depois; o local de várias reuniões noturnas do grupo e o mostruário de suas várias coleções.

Foi o quartel-general do movimento surrealista.¹⁶

Assim que se mudou para esse apartamento, Breton começou a mobiliar o ateliê, principalmente com pinturas de artistas que havia “descoberto” ou que compartilhavam de suas preocupações: *O cérebro da criança* (1914), de Giorgio de Chirico, por exemplo, que viu pela

primeira vez de dentro do ônibus na vitrine de uma galeria; ficou tão impressionado que saiu do ônibus e voltou correndo para ver a obra mais de perto. Também havia trabalhos de Max Ernst, Picabia, Man Ray, Derain, Marcel Duchamp, Picasso, Braque e Seurat.

Além disso, adornou os cômodos com obras de arte e objetos da África e da Oceania — máscaras, bonecos e esculturas. Isso causava uma impressão poderosa nos visitantes, e um deles disse que “cada pintura, cada objeto produzia uma emanção excepcionalmente poderosa, uma alucinação, que se aderiria a ele como uma sombra onde quer que fosse colocado”. Em suma, o número 42 da rue Fontaine tornou-se um museu particular, ou, para ser mais exato, um Gabinete de Curiosidades em tempos modernos — a coleção mais rica e estranha desse tipo na história do surrealismo.¹⁷

Algumas semanas depois de se mudar para o novo apartamento, Breton havia estabelecido uma rotina de regularidade realmente burguesa. Logo após o trabalho, geralmente de 17h30 às 18h30, encontrava-se com outros membros do movimento embrionário e depois jantava em um restaurante barato. O grupo então voltava ao número 42, onde jogariam e conduziriam os experimentos que estavam levando-os à revelação. André e Simone então se retirariam para dormir, ao passo que Aragon e os outros ficavam de bar em bar no bairro. Essa vida calma e doméstica virou o solo que nutriu os crescimentos desenfreados e selvagens da imaginação de Breton.

E havia uma revolução a ser gerenciada. Em 3 de janeiro de 1922, Breton publicou uma nota no jornal *Comoedia* anunciando um “Congresso Internacional para a Determinação e a Defesa do Espírito Moderno” (Cf. 17 de fevereiro).

5 DE JANEIRO

SUL DA GEÓRGIA O corajoso explorador da Antártica, sir Ernest H. Shackleton, morreu de um ataque fulminante do coração. Havia tido dificuldade de se readaptar à vida cotidiana depois de suas explorações e provas; como o Ulisses de Tennyson, queria uma última grande viagem.¹⁸

9 DE JANEIRO

PITTSBURGH 1922 foi o ano do rádio. Até então, a tecnologia do rádio havia sido usada quase exclusivamente para enviar e receber mensagens de pessoa para pessoa — como diríamos hoje, para fazer “transmissão limitada”. Mas, nos primeiros meses do ano, um período que foi chamado de “sala de transmissão”, várias estações foram ao ar nos Estados Unidos e no mundo todo.

A primeira estação AM norte-americana a ser lançada durante essa explosão foi a KQV-AM em Pittsburgh, que entrou no ar em 9 de janeiro.¹⁹



PARIS O jovem jornalista americano Ernest Hemingway (nascido em 21 de julho de 1899; não tinha nem 23 anos em janeiro de 1922) e sua nova esposa Hadley se mudaram para um pequeno apartamento no quarto andar na rue Cardinal Lemoine, 74, perto da Place Contrescarpe. Chegaram a Paris cerca de duas semanas antes, em 22 de dezembro de 1921, e ficaram hospedados no Hotel Jacob. Paris seria a base deles nos próximos dois anos, embora os dois tenham viajado bastante pela Europa nesse período.

Em suas memórias, Hemingway tende a exagerar o grau da pobreza animada do casal em Paris. O apartamento custava apenas 250 francos — cerca de 18 dólares, nas taxas de 1922 — e a renda garantida deles, proveniente apenas do acordo de casamento com Hadley, era de 3 mil dólares por ano. Além disso, Hemingway tinha um salário por conta de seu trabalho como correspondente internacional do *Toronto Daily Star*. Visto que ele estimava que um canadense ou um americano podiam viver confortavelmente com mil dólares por ano, sua renda era mais do que suficiente.²⁰

Sendo assim, mimados pelas taxas de câmbio, os Hemingway tinham dinheiro para contratar uma empregada, que limpava durante as manhãs e fazia o jantar para eles nas noites em que não comiam em restaurantes. No entanto, o apartamento era um pouco apertado, e Hemingway logo recorreu a um escritório alugado na rue Mouffetard. Ali, trabalhava durante horas regulares e, assim, conseguiu escapar do destino comum daqueles que iam a Paris buscar visões artísticas e acabavam simplesmente bebendo e falando sobre trabalhos que viriam a fazer.

10 DE JANEIRO

PARIS Uma nova boate, a *Le Boeuf sur le Toit*, abriu na rue Boissy d'Anglas. O proprietário era Louis Moyses, que nomeou o estabelecimento de acordo com uma peça musical recém-escrita por Jean Cocteau em colaboração com Erik Satie e Darius Milhaud. Extremamente popular depois de apenas alguns dias de inauguração, a boate rapidamente se estabeleceu como uma grande instituição parisiense, quase imediatamente suplantando o antigo bar de Cocteau, o La Gaya, como um lugar para ver e ser visto. Em 1922, e nos anos que se seguiram, o Le Boeuf foi “o berço da sociedade dos cafés”, com uma reputação que se equiparava, ou excedia, à do Maxim's ou à do Moulin Rouge. Para Paris, os “loucos anos 20” — *les années folles* — começaram de fato nessa noite.

Se não foi o maior gênio de sua era e de sua cidade natal, Cocteau certamente foi sua figura mais representativa — o homem que determinou o tom da modernidade parisiense e incorporou seu espírito inebriante e estiloso. Elegante, meticuloso, espirituoso, eclético e utópico, era por mérito próprio um talento encantador e um promotor de olhar afiado e enérgico do talento dos outros. Tinha diversos inimigos — Breton o detestava e, com frequência, fazia o seu melhor para que a vida de Cocteau fosse infeliz —, mas também tinha um regimento de amigos poderosos. Seu biógrafo principal, Francis Steegmuller, sugere que Cocteau “inventou” a Paris da década de 1920, e apesar de uma hipérbole divertida, essa ideia tem sim um cerne de verdade.

Foi Cocteau, por exemplo, quem levou o crédito de ter introduzido a moda parisiense de beber coquetéis no estilo norte-americano (as pessoas brincavam com a semelhança entre Coct-eau e coque-tel); era Cocteau quem falava entusiasmadamente e em voz alta sobre o “gênio universal” de Charles Chaplin; foi Cocteau quem reuniu e promoveu o Les Six: um grupo de novos compositores em ascensão — Francis Poulenc, Germaine Tailleferre, Louis Durey, Darius Milhaud, Arthur Honneger e Georges Auric — que, apesar de em geral gratos por suas habilidades como publicista, declaravam às vezes que, fora um desgosto por Debussy e um gosto por Satie, que compartilhavam, tinham pouco em comum. E havia o jazz... Sem dúvida Paris poderia ter recebido a nova música norte-americana a qualquer momento, mas Cocteau fez o que pôde para promover o caso florescente de amor — escrevendo críticas de jazz para o *L'Intransigeant*, convidando a banda

de jazz de Billy Arnold para irem de Londres a Paris (o primeiro grupo musical a tocar em uma casa de show em Paris) e até mesmo improvisando um jazz, ele mesmo, no piano do La Gaya.

Em 1922, Jean Cocteau celebraria seu aniversário de 33 anos. Um almofadinha gay, muito influenciado por Oscar Wilde, chamou a atenção do público pela primeira vez com uma coleção de poemas publicados em 1909, quando mal tinha saído da adolescência. Foi mais ou menos nessa época que ele encontrou e foi cativado pelo Ballets Russes, do qual se tornou uma espécie de mascote. Foi influenciado por Diaghilev para voltar-se para o desenho e para o design de palco; também ficou encantado pelo meio artístico claramente afeminado do Ballets, ao qual Stravinsky, um amante comprometido das mulheres, se referia com mau humor como a “Guarda Gay da Suíça”. Diaghilev foi uma figura crucial no desenvolvimento artístico de Cocteau; o desafio ao jovem parisiense para que atingisse algo maior — “Surpreenda-me!” — é sua frase mais famosa.

Cocteau encarou o desafio com *Parade* [Desfile],²¹ uma colaboração com Picasso²² e Erik Satie. Cocteau seguiu essa dupla com mais poesia e mais entretenimento para o palco: o original *Boeuf sur le Toit* [O boi no telhado] e o tragicômico *Les Mariés de la Tour Eiffel* [Os casamentos da Torre Eiffel], que misturava convenções dramáticas gregas e vaudeville contemporâneo. No começo de 1922, Cocteau era uma celebridade completa.

Contudo, sua vida particular não era tão reluzente quanto sua carreira pública. Apaixonou-se por um homem muito mais jovem; na verdade, por um menino, visto que Raymond Radiguet tinha apenas 16 anos quando apareceu no apartamento de Cocteau na rue d’Anjou, 10, em junho de 1919.²³ Nos quatro anos seguintes, até a morte de Radiguet por febre tifoide em 1923, o laço entre eles foi tão intenso quanto volátil. Foram amantes no sentido físico? Difícil dizer. Radiguet era um caçador crônico de mulheres, e não raro se rebelava contra os cuidados maternos de Cocteau e suas ambições para ele; é provável que o casal jamais tenha feito sexo.²⁴

A noite de estreia de *Boeuf sur le Toit* foi ocasião para uma das pequenas rebeliões de Radiguet. Segundo relatos da época — um de Jean Hugo, outro de Nina Hamnett —, Radiguet incomodou Cocteau terrivelmente ao escolher essa noite, que seria triunfante, para encenar uma defecção temporária. Quando Nina Hamnett chegou ao bar, aproximadamente às 23 horas, descobriu um pequeno grupo de

peessoas bem-vestidas reunidas em volta de Cocteau e Moyses: os Picasso, Marie Beerbohm, Marie Laurencin... mas nada de Radiguet. Com sede de bebidas mais fortes, e irritado com o comportamento de Cocteau, Radiguet havia se dirigido ao bar para se juntar a Constantin Brancusi, o escultor romeno. Brancusi também estava irritado, então os dois partiram para Montparnasse com Hamnett.

Depois de uma caminhada, Brancusi propôs irem para a estação de Lyon para comerem um bouillabaisse, um cozido de peixe e legumes, à meia-noite. Foi o que fizeram, mas o prato não estava ao gosto deles, então os dois homens decidiram sair em busca de um melhor — em Marselha. Deixando Hamnett, entraram no trem noturno que ia para o sul. Finalmente, quando chegaram a Marselha, descobriram que a versão local do prato também não lhes satisfazia, e depois de uma rodada prolongada de muita bebedeira tomaram um barco para Córsega. Durante cerca de uma semana, ficaram em um hotel enorme e gélido, mantendo-se aquecidos (ou sob a ilusão de que estavam aquecidos) bebendo galões de conhaque de Córsega. Finalmente retornaram a Paris, e para o Boeuf, dez dias depois. Cocteau estava furioso; Brancusi nunca mais voltou à boate.

Apesar do aborrecimento pessoal, Cocteau tinha todas as razões para ficar feliz com a abertura do novo point noturno.²⁵ “Le Boeuf”, conforme abreviado pelos especialistas, logo se tornou o ponto de encontro de todos os admiradores e coconspiradores de Cocteau: Morand e Milhaud, Radiguet, os Hugo, Pierre Bertins, os Picabia e os outros membros do Les Six. Na descrição do próprio Cocteau: “O Le Boeuf não virou um bar, mas sim uma espécie de clube, o ponto de encontro de todas as melhores pessoas de Paris, de todas as esferas da vida — as mulheres mais bonitas, poetas, músicos, empresários, editores — todo mundo encontrava todo mundo no Boeuf.”²⁶

Esperava-se que os homens usassem ternos pretos; as mulheres vestiam as roupas de marca mais exclusivas: Chanel, Lanvin, Vionnet. Boêmios e aristocratas, vanguardistas e tradicionalistas mesclavam-se livremente, e todos podiam dançar e flertar com os lindos jovens que adornavam o salão de dança. A boate inspirou pelo menos dois livros sobre o período — *Au Temps du Boeuf sur le Toit* [Nos tempos do Boeuf sur le Toit], de Maurice Sachs, e *Quand le Boeuf Montait sur le Toit* [Quando o boi subiu no telhado], de Jacques Chastenet — e foi mencionada em inúmeros outros. Além da facção de Cocteau, dentre os que eram atraídos à boate estavam Man Ray e Marcel Duchamp, o

príncipe de Gales e Arthur Rubinstein. Anos depois, sua clientela ficou ainda mais glamorosa: Charles Chaplin, Coco Chanel, Josephine Baker, Ernest Hemingway e o Aga Khan.

Em um ano, o Le Boeuf era “o umbigo de Paris”. Proust, apesar de gravemente doente, não aguentava ficar de fora e exigiu que o amigo Paul Brach o acompanhasse até a boate para jantar. A noite não foi boa; um grupo desordeiro de homossexuais começou uma discussão embriagada com Brach, e Proust se sentiu na obrigação de desafiar um deles para um duelo. Na ocasião, uma carta humilde de desculpas na manhã seguinte trouxe um fim anticlimático para essa interação.

11 DE JANEIRO

CANADÁ Primeiro uso bem-sucedido da insulina para tratar a diabetes.



ESTADOS UNIDOS O filme de Von Stroheim *Esposas ingênuas*, o primeiro lançamento de alto nível do ano, teve sua estreia. Foi o filme mais caro que Hollywood produziu até então, graças ao seu perfil perdulário, que ficaria famoso durante a década de 1920. Com a estimativa inicial, já robusta, de 250 mil dólares, *Esposas ingênuas* acabou custando, na própria estimativa do diretor, 750 mil. A modéstia nunca foi o forte de Von Stroheim, mas essa estimativa parece generosa, considerando que seu estúdio, a Universal, declarou mais tarde que o custo real foi de mais de um milhão.²⁷

Não surpreende tanto que o custo tenha saído de controle, pois Von Stroheim insistiu em criar um réplica vasta e extravagante de Monte Carlo na Califórnia; uma cópia completa, com interiores de cassinos gigantescos. Durante a produção, o jovem Irving Thalberg — que se tornaria mais tarde uma das figuras centrais da história de Hollywood, imortalizado em *O último magnata*, de F. Scott Fitzgerald — foi nomeado chefe de produção, e apesar de Carl Laemmle ter recebido, sozinho, o crédito como produtor de *Esposas ingênuas*, Thalberg sem dúvida teve um papel fundamental ao disciplinar os voos mais selvagens de seu diretor, fazendo com que a obra fosse levada à tela de maneira viável.²⁸

O mais impressionante sobre *Esposas ingênuas* hoje é o narcisismo intenso de Von Stroheim: ele aparece em praticamente todas as

grandes cenas, espetacularmente elegante em sua túnica militar branca e calça de montaria, boina de oficial em um ângulo constantemente estiloso, monóculo sem armação no olho, cigarro de tamanho exagerado na boca. Quando deparamos com ele pela primeira vez, está tomando um café da manhã nietzschiano: uma taça de vinho para começar o dia, porções de caviar úmido em vez de cereal. Em termos de estilo, o filme é uma mistura de cenários simples, quase como de documentário (principalmente quando mostra as comunidades camponesas no interior de Monte Carlo), e tomadas altamente inventivas e ocasionalmente expressionistas, como na cena da casa do impostor, que aparece marcada com barras pretas e brancas, alternadas — as sombras de uma persiana. Talvez o toque mais estranho seja que a vítima-heroína do filme seja sempre vista lendo um romance. Título: *Esposas ingênuas*. Autor: Erich von Stroheim.²⁹

12 DE JANEIRO

PARIS Cocteau — nervoso e agitado a princípio, graças à fuga impulsiva de Radiguet com Brancusi — almoçou com Valentine e Jean Hugo. Depois do almoço, Ezra Pound chegou e, conforme lembra-se Jean Hugo,

leu e cantou sua ópera sobre François Villon para nós três (...) Queria que eu fizesse a ornamentação. Cocteau deu risadinhas o tempo todo, pois qualquer coisa relacionada à Idade Média ou à música gregoriana parecia um tanto ridícula para ele. Pound deve ter percebido que estava sendo caçoado e a ornamentação jamais foi mencionada de novo.

E a ausência de Radiguet também não foi mencionada. Quando o menino finalmente retornou, Cocteau o perdoou depois de um breve período de distanciamento. Visto que Brancusi não era gay, não havia indicações de que ele e Radiguet fossem amantes; entretanto, Cocteau nunca mais mencionou Brancusi em seus escritos acerca da arte moderna.



OXFORD Evelyn Waugh “começou sua educação” na Hertford College após ganhar a bolsa de estudos nos exames do ano anterior — 100 libras por ano,

uma boa quantia. A maioria de seus contemporâneos tinha chegado à escola no outubro anterior, e já haviam feito amizades, então Waugh foi forçado a procurar novos amigos em outro lugar; ele se via como um explorador solitário dessa nova terra exótica. Sua chegada tardia também significou que todos os melhores aposentos já tinham sido escolhidos, e ele ficou hospedado em um cômodo pequeno e escuro perto do depósito de bebidas no andar térreo. Isso foi perigoso porque fez com que seu quarto virasse uma parada útil para bebedores e vadios em todas as horas do dia e da noite.³⁰

Apesar do inconveniente, Oxford pareceu um paraíso ao jovem Waugh. “Tenho pouco a dizer porque estou feliz demais”, escreveu a um amigo. “A vida é boa e Oxford é tudo o que se pode desejar.” O lugar lhe ensinaria várias lições que não tinham nada a ver com História. Como parte de sua rápida transformação de criança estudiosa a esteta em florescimento, aprendeu a andar de bicicleta, a fumar cachimbo e a falar no dialeto requerido em Oxford, que incluía o hábito de adicionar os sufixos diminutivos “-er” ou “-ers” no final das palavras, de modo que a biblioteca principal de Oxford, a Bodleian, virava “Bodder”.

Comedido outrora, Waugh também começou a beber e a comprar roupas finas, pinturas, primeiras edições e outros badulaques que estavam bem além de suas possibilidades. Depois de estudar o mínimo necessário para manter a bolsa, passando por pouco na matéria “História Prévia”, no final do segundo semestre, tomou a decisão resoluta de não fazer trabalho algum até poucas semanas antes dos exames finais, em 1924. Uma das raízes dessa vagabundagem dedicada foi seu ódio pelo tutor, C. R. M. F. Cruttwell, sub-reitor de Hertford.³¹ A antipatia entre sub-reitor e graduando era inteiramente mútua: Cruttwell se referia a Waugh como “um rapazinho bobo do interior com um complexo de inferioridade e sem gosto”. Waugh recrutou seus novos amigos para uma longa campanha de perseguição que incluiu espalhar o rumor de que Cruttwell gostava de sexo com cachorros. Certa vez, comprou um cachorro de pelúcia em uma loja de brinquedos e o colocou em uma posição onde podia ser visto — ou admirado — dos aposentos de Cruttwell.

Oxford era um lugar tão atraente para Waugh que, quando foi obrigado a passar a Páscoa em casa com o pai no interior,³² reclamou dizendo que estava sendo levado a um estado de loucura melancólica, e contou os dias até o novo semestre como um prisioneiro conta os dias para o final de sua sentença. Mas as intoxicações, literais e

espirituais, dos primeiros meses em Oxford foram apenas uma previsão pálida dos prazeres que viriam depois das longas férias de verão.

15 DE JANEIRO

IRLANDA Declaração do Estado Livre Irlandês sob os termos do tratado de 1921, negociado por Michael Collins e Arthur Griffith com Winston Churchill e outros. Collins passou a ser presidente do governo provisório. Aquele ano testemunharia uma guerra civil terrível, o assassinato de Collins e, mais tarde, a independência irlandesa. Foi um dos anos mais sangrentos na história da Irlanda.

16 DE JANEIRO

LONDRES Estreia da Sinfonia Pastoral de Ralph Vaughan Williams.

19 DE JANEIRO

PARIS Das três obras submetidas por Francis Picabia ao Salão dos Independentes, apenas uma — *Tabac-Rat/Danse de Saint-Guy* — foi aceita. O fato de terem aceitado essa obra é surpreendente, considerando que consiste em pouco mais do que uma tela vazia com uma corda amarrada ao longo de sua superfície, com o título escrito em pequenas etiquetas presas à corda. A intenção de Picabia era que o trabalho fosse exibido em pé e isolado para que os espectadores pudessem andar por trás dele e serem vistos como objetos da pintura por outros; o próprio artista o fotografou dessa forma. Picabia, usando a ocasião para fazer publicidade, disparou uma série de protestos aos jornais e pendurou os dois trabalhos negados na parede do Boeuf sur le Toit: *Chapeau de paille* [Chapéu de palha] e *La Veuve joyeuse* [A viúva feliz], onde estava presa uma fotografia da autoria de Man Ray mostrando Picabia atrás do volante de seu carro.

20 DE JANEIRO

PARIS Os Picasso dividiram um camarote com os Hugo e Georges Auric na primeira noite de *Skating Rink* [Rinque de patinação], música de Honegger,

cenário abstrato de Fernand Léger. Como observa um dos biógrafos de Picasso, “foi o cenário mais original, surpreendente e modernista desde *Parade*”. Como de costume, a parte tradicionalista do público recebeu a obra com zombarias e tumulto geral. Mas naquela mesma noite, no outro lado do Atlântico, outra estreia musical teve uma recepção bem mais calorosa.



NOVA YORK *Krazy Kat: A Jazz Pantomime* [Krazy Kat: uma pantomima do jazz], do compositor de Chicago John Alden Carpenter (1876-1951), estreou no New York Town Hall. Foi a primeira vez que um compositor usou a palavra “jazz” em um título. Esperou-se ansiosamente pela produção porque era uma novidade dupla: era uma suíte de balé alardeando elementos de jazz, e tinha inspiração em uma tira de quadrinhos publicada em jornal: a linda saga de George Herriman estrelando um gato, um rato, um cachorro e um tijolo. É possível que parte da inspiração de Carpenter tenha vindo de um artigo de Carl Van Vechten sobre “The Cat in Music” [O gato na música], publicado no *Musical Quarterly*.³³ Mas a motivação direta foi a filha de Carpenter, Ginny, que adorava a tirinha.

Quando Carpenter viajou para Los Angeles em 1917, armou um encontro com Herriman e levou Ginny, que na época tinha 12 anos. Ginny curvou o corpo em reverência para Herriman e disse: “Estou muito feliz em conhecê-lo.” Herriman sorriu e respondeu: “Srta. Carpenter, a senhorita fica feliz com muita facilidade.” Quatro anos depois, Carpenter escreveu a Herriman perguntando se gostaria de fazer parte de um concerto com ele. Herriman respondeu:

Nunca achei que esses meus humildes personagens seriam convidados a se misturarem com as artes mais aristocráticas, e devo dizer que é tudo muito chocante para mim. Não consigo imaginar K. Kat, I. Mouse, O. Pupp e J. Stork cabriolando e dando piruetas no balé nem para salvar a minha vida. No entanto, vamos torcer para que o público não faça como Ignatz [o rato] e não leve tijolos — com más intenções.

Herriman concordou em escrever o cenário e desenhar os figurinos e a cenografia. Gilbert Seldes, que mais tarde escreveu um artigo pioneiro sobre Herriman em seu livro *The Seven Lively Arts* [As sete artes vívidas], desenvolveu um interesse pela arte popular, um

resultado direto de trabalhar como publicitário voluntário para o balé de Carpenter. O enredo era simples: Krazy, depois de uma soneca, vê um pôster para um baile, coloca uma saia de balé e começa a dançar. Joe Stork traz um pacote misterioso; Krazy o abre e desvenda uma maleta com produtos de beleza. Ele/Ela (o gênero de Krazy é um enigma) começa a colocar maquiagem. Ignatz perambula de forma ameaçadora, mas o Oficial Pupp persegue o roedor até que vá embora. Krazy começa uma dança espanhola; Ignatz, disfarçado de comerciante mexicano de erva-dos-gatos, presenteia Krazy com um buquê da droga felina. Krazy entra em um “Class A Fit” [Surto classe A], que é modulado e vira um blues da erva-dos-gatos. Ignatz finalmente joga seu tijolo de sempre e escapa. Krazy, alterada como na tirinha, tem um momento de reconhecimento extático induzido pelo tijolo — Ignatz provou seu amor novamente! — e volta a dormir. O Oficial Pupp faz sua patrulha, e o mundo volta ao normal.

Influências do jazz à parte, a obra de Carpenter lembrava bastante as composições recentes aos moldes de Prokofiev (que se tornou amigo de Carpenter em sua longa estada em Chicago), Ravel e Les Six, com suas melodias espirituosas, porém comoventes. Em parte, foi também uma paródia amável do Ballets Russes. A estreia foi um grande sucesso de público, que “não se cansava de *Krazy Kat*. Aplaudiam e pediam bis”. Os críticos foram, em grande parte, mornos; os mais severos disseram que a música de Carpenter era tão ruim quanto o próprio jazz, ou simplesmente que não era um jazz bom. E até algumas pessoas que, ao contrário disso, gostaram da obra acharam que ela poderia ter sido mais bem trabalhada, com outra estrela. Seldes achava que apenas Chaplin poderia ter feito justiça ao papel de Krazy.



LONDRES Um pouco depois de seu retorno a Londres no meio de janeiro, Eliot pegou uma gripe e ficou de cama, de onde escreveu ao velho amigo Scofield Thayer, o editor da revista literária *The Dial*.³⁴ Sir John Hutchinson assumiu o papel de Eliot como autor da coluna “London Letter” na *Dial* durante um período de teste, mas sua única contribuição foi rejeitada. Eliot concordou em reassumir o posto, mas perguntou se o formato podia passar a ser “uma ruminação geral sobre Londres” em vez de resenhas sobre livros específicos.

Referiu-se também a um “poema de cerca de 450 versos em quatro

[sic] partes”, e perguntou se a *Dial* estaria interessada em publicá-lo. Assim começou uma série longa e controversa de negociações que só se firmaram no final do outono de 1922. Em 24 de janeiro, ele escreveu uma carta cordial para André Gide, e outra de negócios para Richard Cobden-Sanderson, com quem havia conversado recentemente sobre a possibilidade de ser o editor de uma revista financiada por lady Rothermere.



IOWA Christian K. Nelson patenteou o sorvete Eskimo Pie.

21 DE JANEIRO

PARIS No jardim de Jacques Villon em Puteaux, Man Ray e Marcel Duchamp expuseram fragmentos de seus últimos experimentos com filme, usando espirais anexadas aos pneus de uma bicicleta na vertical. Uma das pessoas presentes no evento foi Henri-Pierre Roche, que disse que o efeito foi “impressionante e realmente fantástico”.



LONDRES Virginia Woolf escreveu a E. M. Forster:

Todos estão lendo Proust. Eu me sento em silêncio e escuto suas descrições. Me parece uma experiência tremenda, mas sinto calafrios, e espero para ser submergida com uma sensação horrível de que vou afundar e afundar e afundar e talvez nunca mais voltar.

Assim como Proust, Virginia Woolf parecia estar morrendo. Fora de um círculo limitado de amigos e admiradores, ainda era desconhecida. Seus dois romances até então tiveram vendas ruins, e apesar de ter publicado várias resenhas e artigos, a maioria deles apareceu anonimamente no *Times Literary Supplement* (TLS). Sua saúde ia mal, e o marido, Leonard, foi avisado pelos médicos de que talvez ela não tivesse muito tempo de vida. A condição dela nos primeiros meses de 1922 certamente deu bons motivos para Leonard se sentir alarmado:

ela foi atingida por períodos repetidos de gripe severa, frequentemente apresentava altas temperaturas e sofria de sopro cardíaco. Ficou de cama em Hogarth House por quase toda a primeira parte do ano, trabalhando apenas ocasionalmente. Quando estava bem o suficiente, ajudava a escritora refugiada S. S. Koteliensky com suas traduções de Dostoievski. Enquanto isso, apesar de discussões repetidas entre os dois homens, Leonard continuou a presidir a Hogarth Press com Ralph Partridge.³⁵

22 DE JANEIRO

ROMA Morre o papa Benedito XV.

24 DE JANEIRO

Ezra Pound enviou uma carta importante a Eliot datada “24 Saturnus An I”.³⁶ Desde então, certas frases dessa carta ficaram na história literária:

A coisa agora foge de abril (...) entoar o *shantih* sem parar. São dezenove páginas, e digamos o poema mais longo da língua inglesa. Não tente quebrar todos os recordes prolongando-o por mais três páginas (...)

Complimenti, sua vadia. Estou naufragado pelos sete ciúmes (...)

Afinal de contas, é um período littttrário incrrrrível.

Eliot respondeu no, ou perto do, dia 26: “*Complimenti* aceito, visto que tenho estado tão deprimido. V. manda seu amor e diz que, se tivesse percebido o quão ruim é a Inglaterra, não teria voltado.”

A resposta de Pound, por volta do dia 28, fez uma alusão inesperada ao recato de Joyce. De tempos em tempos, Eliot tinha produzido uma série de versos obscenos detalhando a vida sexual selvagem de um tal rei Bolo. A maioria dos amigos próximos de Eliot parecia achá-los engraçados, mas Pound aconselhou: “Você pode mandar o Bolo para Joyce, se achar que não vai enlouquecer a mente um tanto sabatina dele. No geral, melhor guardá-lo do choque, chocá-lo no aguardo.”

25 DE JANEIRO

LONDRES Aniversário de 40 anos de Virginia Woolf. Nasceu apenas uma semana antes de James Joyce (Cf. 2 de fevereiro).

26 DE JANEIRO

LONDRES Agatha Christie (1890-1976) publicou seu segundo romance, *O inimigo secreto*. Debutou dois anos antes com *O misterioso caso de Styles* — o romance que apresentou ao mundo um de seus detetives imortais, Hercule Poirot.



27 DE JANEIRO

TCHECOSLOVÁQUIA A saúde de Franz Kafka também ia mal. Passou pelo que descreveu como um “colapso” — *Zusammenbruch* — pior do que tudo o que já tinha vivenciado. Sofria de uma insônia terrível, e tinha a sensação de que seu relógio interno estava radicalmente fora de sintonia com o mundo: “O interno funciona em um passo diabólico ou demoníaco ou, em todo caso, desumano; o externo capenga em sua velocidade usual...” Mais tarde, falou para seu melhor amigo, Max Brod, que se sentia à beira da loucura.

Assim como Eliot, Kafka havia recebido uma licença médica de três meses de seus empregadores, o “Instituto” — isto é, o “Arbeiter-Unfall-Versicherungs-Anstalt für das Königreich Böhmen in Prag”: uma associação de seguro para trabalhadores.³⁷ Em 27 de janeiro, viajou para o estágio final de sua licença médica; foi para Spindelmühle, um resort de inverno perto da fronteira polonesa.³⁸ Ele tentou recuperar sua força física e mental escorregando em tobogãs e andando pelas montanhas, e fez tentativas cuidadosas de aprender a esquiar.

Foi ali que começou a trabalhar em seu último grande romance, *O Castelo*.

28 DE JANEIRO

PARIS Depois de uma estada de sete meses na cidade, Duchamp partiu para Nova York. Ele se sustentou nos primeiros poucos meses dando aulas de francês, e montou uma empresa, que durou pouco, de tingimento de tecidos com um amigo. Enquanto isso, continuou a trabalhar na maior obra de sua carreira idiossincrática, *O Grande Vidro*.



PARIS O escritor Henri-Pierre Roche (lembrado principalmente por seu romance *Jules et Jim*) compareceu a um jantar encantador cujo anfitrião foi o escultor romeno Constantin Brancusi:

Jantar na casa de Brancusi, esplêndido. Seu famoso purê de feijão gelado com vinagre e alho. Seu filé grelhado. Ele está em todos os cantos, cozinhando, servindo, fazendo tudo (...) Há dois violinos. Brancusi e Satie se revezam para tocar duetos e se provocar. Nossos maxilares doem de tanto rir. Um galope para os membros mais importantes. A agilidade de Brancusi. Pessoas agradáveis e homens incríveis: ele e Satie.

29 DE JANEIRO

Thayer escreveu da rua Habsburgergasse 2, número 1, em Viena, urgindo que Eliot se apressasse com o artigo para a edição de abril da *Dial* e oferecendo uma adulação: “(...) Permita-me declarar que você é o correspondente internacional favorito da *Dial*, incluindo o incansável Ezra. Escreva sobre qualquer porcaria que você quiser.” Ofereceu também a taxa fixa de 150 dólares pelo longo poema de Eliot, sem exame prévio, para ser publicado na revista.

31 DE JANEIRO

LONDRES Bertrand Russell escreveu à sua ex-amante, Ottoline Morrell, registrando as mudanças que aconteceram em sua vida desde o nascimento do primeiro filho, John Conrad,³⁹ em 16 de novembro de 1921 — provavelmente o dia mais feliz de sua vida, visto que desejava ser pai havia quase vinte anos. Disse para ela que estava “estupefato em descobrir a

quantidade de afeição apaixonada que uma pessoa é capaz de dar a uma pequena criatura que ainda só é estimulada a agir por ganância ou por dores de estômago”. Essa sensação não familiar de felicidade se provou durável, e John permaneceu o centro da vida emocional de Russell durante anos.

Russell, que faria 50 anos em 18 de maio de 1922, passou boa parte do ano anterior lecionando filosofia em Pequim.⁴⁰ Foi acompanhado na viagem por sua amante Dora Black, que já estava grávida de alguns meses quando voltaram para a Inglaterra, em 26 de agosto de 1921. Russell rapidamente se divorciou da primeira esposa, Alys, e se casou com Dora em 27 de setembro.

Russell, Dora e John Conrad viviam agora em uma casa geminada na Sydney Street, em Chelsea, decorada com tapetes que compraram na visita recente à China, e com os móveis de madeira que Russell havia comprado de Ludwig Wittgenstein em 1919. A alegação de Russell de que não fazia mais nada fora escrever e se debruçar em amores pelo filho deve ser contraposta ao fato bem-documentado de que também desfrutava de uma vida social razoavelmente repleta, incluindo jantares frequentes — alarmantes para Dora, uma pessoa não sofisticada — em Bloomsbury com os Woolf, John Maynard Keynes e Ottoline Morrell. E sua satisfação genuína de estar com o filho foi comprometida — e até, podemos dizer, envenenada — pelo seu novo fascínio pela criação “científica” de filhos: em outras palavras, a criação de filhos de acordo com os preceitos do behaviorismo como adotado por John B. Watson, cujo trabalho Russell havia começado a estudar em 1918.⁴¹



PARIS Na casa da família Hugo. Valentine Hugo, cujo nome de solteira era Gross, era pintora, embora fosse mais conhecida como a mulher mais linda do momento, “um dos ornamentos de *le Tout-Paris*”, como diz Steegmuller em sua biografia sobre Cocteau. Cocteau a chamava de “meu cisne”. O marido, Jean, com quem se casou em agosto de 1919, era descendente de Victor Hugo e fez amizade com Cocteau quando retornou do Fronte. O casal geralmente oferecia noites sociais para o poeta e seus admiradores. Cocteau lia os manuscritos do quase finalizado *Com o diabo no corpo* em voz alta. Dentre os ouvintes estavam Picasso e Olga, os Beaumont e Radiguet. Madame de Beaumont caiu no sono, mas o resto ficou abismado.

Concordaram que Cocteau tinha razão: o romance era obra de gênio.

4. Começou apenas dois anos antes; para ser exato, na tarde de 10 de dezembro de 1919, quando o comitê da Academia Goncourt, depois de seu almoço tradicional, despachou o sorridente Leon Daudet com uma carta informando Proust que havia ganhado o Prêmio Goncourt de 1919 por *À sombra das raparigas em flor*, publicado em janeiro. Graças à imprensa, Proust pôde desfrutar daquela bênção mista dos tempos modernos, a fama instantânea. Nas palavras de seu biógrafo, George Painter, “o prêmio trouxe a explosão instantânea à fama pela qual Proust havia se esforçado durante trinta anos”. No dia seguinte, nada menos que 27 grandes artigos apareceram nos jornais franceses, tal era a curiosidade pública acerca de quem ganharia o primeiro Goncourt depois da guerra. Em um mês, quase cem artigos foram publicados, e o nome de Marcel Proust ficou conhecido por milhões de leitores de jornais franceses. Dali até sua morte, ele seria famoso nacionalmente (e, cada vez mais, internacionalmente).

5. Este seria seu último endereço. Ele odiava o lugar, um pequeno apartamento no quinto andar, ou, como disse ele, “uma choça hedionda com espaço apenas para a minha cama”. Odiava o barulho do resto da casa e também o bairro, e conforme se desfez, gradualmente, dos móveis e de outros bens valiosos, o lugar ficou com aparência ainda mais monástica.

6. Os dois volumes seguintes do romance de Proust foram publicados em 25 de outubro de 1920 e em 2 de maio de 1921; enquanto isso, a organização francesa oficializou que aprovava o vencedor do Prêmio Goncourt agraciando-o com a cruz da Legião de Honra em 25 de setembro de 1920.

7. Breton é lembrado pela posteridade sobretudo como o fundador do surrealismo. Foi seu maior teórico e, mais tarde, seu tirano de temperamento irascível e arbitrário. Agora que a poeira das rixas e das rivalidades já baixou, também é considerado um dos grandes poetas franceses.

8. Ainda eram praticamente recém-casados, a união ocorreu em 15 de setembro de 1921.

9. Nos sete anos antes disso, Breton vivia uma vida sobretudo itinerante, em barracas militares de acampamento, hotéis ou em apartamentos de outras pessoas. Este foi o primeiro lar de verdade do casal, e apesar de Breton ter se mudado mais tarde para o andar de baixo, para um apartamento maior, o número 42 da rua Fontaine permaneceu seu endereço para o resto de sua longa vida.

10. Vaché morreu de overdose — pode ter sido suicídio — em 1919, e Breton lamentou profundamente a amizade perdida.

11. Breton foi amplamente responsável pelo culto moderno do poema em prosa bizarro de Lautréamont, *Maldoror*.

12. Tristan Tzara, um dos principais dadaístas, tornou-se o substituto de Vaché na vida de Breton durante um período curto, porém intenso.

13. Historiadores da psicanálise geralmente datam sua origem no ano do nascimento de Breton, 1896; Freud havia publicado *Estudos sobre a histeria* no ano anterior. Na verdade, Breton passou parte de sua lua de mel fazendo uma peregrinação até o apartamento de Freud, na rua Bergasse, 19, em 10 de outubro de 1921, mas o encontro foi uma decepção profunda para ele: achou o velho

desleixado, filisteu e chato.

14. A palavra “surrealismo” (ou, sendo pedante, “sur-realismo”, com um hífen) havia sido cunhada em 1917 por Guillaume Apollinaire em uma nota que compôs para o programa do balé *Parade*, uma colaboração entre Cocteau, Satie, Picasso e Leonide Massine, encenado pelo Ballets Russes. O nome precedeu o fenômeno, embora Breton só tenha selecionado o termo em 1924.

15. Em retrospecto, costuma-se concordar que os primeiros trabalhos produzidos de maneira surrealista foram a coleção de poemas *Magnetic Fields* [Campos magnéticos], criada com uma técnica de escrita automática e publicada em 1919, e o jornal *Littérature*, que foi lançado aproximadamente na mesma data.

16. Entrava-se no apartamento por uma porta onde o número 1713 estava pintado. Era uma pequena piada visual: na caligrafia de Breton, o “17”, visto que o “7” tinha um traço no meio, parecia um “A”, e o “13”, um “B” — as iniciais dele. Aragon contou que os amigos de Breton às vezes o chamavam de o “dezesete treze”.

17. Estimou-se que a coleção chegou a ter mais de 5.300 itens.

18. Eliot alertou seus leitores de que o capítulo 10 de *Sul – A fantástica viagem do Endurance*, livro de Shackleton, era a fonte de uma passagem de *A terra devastada*: Livro V, Il. 360-5. Shackleton descreve a experiência de seu bando exausto de exploradores da Antártica, que desenvolveu a convicção medonha de que havia uma pessoa a mais do que o total que era contado.

19. Nos quatro ou cinco meses seguintes, várias outras estações rapidamente se juntaram a essa em todos os Estados Unidos. No fim do ano, havia mais de quinhentas estações licenciadas no país e o rádio havia alcançado as vidas de quase todo mundo que vivia em nações ricas, bem como em algumas das mais pobres.

20. Hemingway falava bastante e com entusiasmo sobre o baixo valor da comida deliciosa e variada dos restaurantes locais, onde ele e sua esposa consumiam rosbife, ou escalope de vitela, ou carneiro, ou filés grossos com batatas cozidos “da maneira que só os franceses conseguem cozinhá-los” — tudo por cerca de 50 centavos por pessoa, e vinho por 60 *centimes* por garrafa. Um ônibus em qualquer lugar da cidade custava o equivalente a 4 centavos, um quarto decente de hotel, 12 francos por dia para duas pessoas.

21. Foi encenado no Teatro de Chatelet em 19 de maio de 1917 — data que representa um dos marcos do modernismo — e, assim como todos os trabalhos vanguardistas decentes daquela época, atçou gritos raivosos e vaias; apesar de não ter incitado um levante completo.

22. Cocteau conheceu Picasso em 1915 enquanto estava de folga de suas obrigações no corpo médico.

23. Radiguet estava tentando publicar sua primeira coleção de poemas; Cocteau, encantado tanto com a escrita do autor quanto com sua pessoa, o reconheceu quase instantaneamente (e de maneira correta) como um prodígio autêntico.

24. Cocteau deve levar o crédito, no entanto, por introduzir rotina e disciplina suficientes na vida por vezes caótica e embriagada de Radiguet para permitir que o menino produzisse dois trabalhos curtos, porém duradouros, de literatura francesa: *Com o diabo no corpo* e *O baile do conde d’Orgel*. Para Radiguet, o ano de 1922 foi dominado pela finalização da primeira novela e pela composição de grande parte da segunda.

25. A maioria das pessoas presumia e dizia que ele era o proprietário; não era verdade, embora ele certamente fosse sua atração principal. Cocteau adorava as

loucuras do lugar.

26. As paredes da boate eram cheias de trabalhos de Cocteau e de outros — até mesmo Picasso, apesar de não visitar tanto o lugar depois da noite de abertura, emprestou algumas pinturas —, embora o trabalho de arte dominante fosse a pintura que Picabia fez de um olho gigante, *O olho cacodilato* (1921). Picabia havia pedido que cinquenta visitantes de seu estúdio adicionassem o que quisessem à pintura — grafite, assinaturas, recortes de jornais —, e o trabalho só foi considerado completo quando não havia mais espaço para adições.

27. A Universal tentou transformar o desastre em virtude anunciando o filme como o primeiro a ter custado mais de um milhão de dólares.

28. Dizem que Von Stroheim quis a princípio que o filme tivesse cerca de seis a oito horas; a versão disponível agora em DVD tem duas horas, bem mais digeríveis.

29. Von Stroheim, nascido na Áustria, chegou ao cinema em cerca de 1915, primeiro como conselheiro técnico sobre cultura alemã, depois como ator. Encenando alemães malvados em produções sobre os tempos de guerra, rapidamente estabeleceu uma reputação rentável de “O homem que vocês amam odiar”. Sua estreia como diretor foi em 1919, com *Maridos cegos*. Nesse ponto, poucos poderiam ter previsto o curso problemático de sua carreira — sua reputação de tirano, de um perfeccionista quase insano que esmagaria atores com a mesma jovialidade que arrasava orçamentos, deixando para trás uma fila de obras-primas destruídas. Hoje, é lembrado por não especialistas pelo papel semiautobiográfico de Max von Mayerling em *Crepúsculo dos deuses* (Cf. 2 de fevereiro).

30. Em certa ocasião, um membro cambaleante do notório Clube Bullingdon [clube exclusivo de alunos da Universidade de Oxford] colocou a cabeça para dentro da janela aberta de Waugh e vomitou — um evento que mais tarde foi adaptado e usado em seu romance *Brideshead Revisited* [Retorno a Brideshead], onde o aristocrata que vomita é revelado como Sebastian Flyte, e a vítima tímida como Charles Ryder.

31. Waugh detestava esse homem inflexível e difícil com uma força que durou até bem depois do fim da graduação: todos os seus primeiros cinco romances contêm uma figura não agradável chamada Cruttwell.

32. Os correios tinham acabado de mudar os limites entre os bairros. A casa da família de Waugh, na North End Road, 145, que antes fazia parte da aceitável Hampstead, foi relegada vergonhosamente ao Golders Green.

33. Van Vechten foi levado a escrever o artigo por causa de *Berceuses du chat* [Cantigas do gato], composição de 1917 de Stravinsky.

34. Na verdade, era um dos amigos mais antigos de Eliot, visto que estudaram juntos na Milton Academy, depois em Harvard, e depois novamente em Oxford: Eliot conheceu Vivien nos aposentos de Thayer na Magdalen College. Thayer (1890-1982) vinha de uma família rica de Massachussets e nunca teve de se preocupar com dinheiro, nem em ter trabalho de verdade. Foi o editor da *Dial* de 1919 a 1925, e sob seu comando a revista provavelmente se tornou a mais influente e inovadora dos Estados Unidos. Uma reunião com Thayer inspirou lady Rothermere a apoiar o *Criterion*. De 1921 em diante, Thayer viveu em Viena, onde começou um tratamento psicanalítico com Freud. Pelo visto, não teve muito efeito; ele sofreu uma série de surtos severos, e finalmente em 1930 foi diagnosticado como louco. Passou a metade seguinte de século em tratamento. Nessa época, Thayer ficou em Viena fazendo análise com Sigmund

Freud.

35. Partridge vivia em um triângulo amoroso com Lytton Strachey e Dora Carrington.

36. Confirmam o calendário que Pound escreveu para a *Little Review* na edição de primavera em 1922. Notem que o “Ano Um” da era pós-cristã precede o “Ano Um” dos fascistas italianos. Foi essa passagem que inspirou a expressão “A Era Pound”, consagrada mais tarde pelo livro homônimo de Hugh Kenner; mas notem também que Pound, de maneira modesta, fez com que o romance de Joyce fosse o texto principal na nova ordem mundial. (Cf. 22 de março.)

37. O período inicial [da licença] foi de 22 de outubro de 1921 a 4 de fevereiro de 1922, estendido por mais três meses, até 4 de maio, e depois mais uma vez, até 8 de junho; mas sua saúde continuou tão precária que em 7 de junho ele finalmente decidiu se aposentar.

38. Um presságio misterioso: ele descobriu que o hotel, apesar de ter escrito seu nome de maneira correta em correspondências antigas, registrou-o previamente como “Joseph K” [protagonista de *O Processo*, romance de Kafka publicado em 1925].

39. O nome do meio do menino foi um tributo ao romancista Joseph Conrad, admirado havia tempos por Russell.

40. Foi uma experiência da qual ele gostou imensamente, apesar de a estada ter sido manchada por algumas doenças sérias, incluindo um episódio de pneumonia que quase o matou.

41. O artigo de Watson, de dezembro de 1921, no qual descreve (com uma complacência que agora parece sinistra, se não aterrorizante) como conseguiu ensinar um bebê de 11 meses de vida a ter medo de um rato branco, impressionou Russell enormemente. Com Watson em mente, concluiu que a criança devia a todo custo ser induzida a não perceber a importância que tinha para os pais, e consequentemente o poder que podia exercer sobre eles. Em termos simples, ele concluiu que se deve tratar crianças com punho forte para suplantir sua inclinação à tirania, treinando-as, dessa forma, a serem adultos melhores e menos egoístas.

Muitos anos depois, o segundo bebê de Russell, a filha Katharine Jane (nascida em 1923), recordou essa política bem-intencionada com certa amargura.

FEVEREIRO

1º DE FEVEREIRO

NOVA YORK O pai de W. B. Yeats, J. B. Yeats, faleceu. Suas últimas palavras, a uma sra. Foster que o acompanhava, foram: “Lembre-se que a senhora prometeu que ia se sentar comigo pela manhã.” Cerca de quinze dias depois, Yeats contou para a amiga Olivia Shakespeare (a romancista e mãe de Dorothy Shakespeare, que havia se casado com Ezra Pound em 1914, depois de cinco anos de namoro) que achava que a morte do pai havia sido tranquila.

2 DE FEVEREIRO

LONDRES T. S. Eliot jantou com lady Rothermere na Circus Road, 58, no distrito de St. John’s Wood, para discutir a ideia do jornal — ainda sem nome. Mais tarde, ia se chamar *The Criterion*.



PARIS Além de ser o aniversário de 40 anos de James Joyce, foi o dia em que *Ulisses* finalmente foi publicado, em uma edição de mil exemplares. Era, e Joyce sabia muito bem disso, um dia palindrômico: 2/2/22.

No dia anterior, Darantiere, o tipógrafo que morava em Dijon, escreveu a Sylvia Beach garantindo-lhe que três exemplares do livro encadernado seriam enviados por correio, e quase certamente chegariam a Paris ao meio-dia. Joyce, em um estado de alta ansiedade nervosa, temeu ser muito arriscado confiar nos correios e fez com que Sylvia Beach mandasse um telegrama ao tipógrafo instruindo-o a entregar os três exemplares em mãos ao condutor do Expresso Paris-Dijon, que chegaria na capital às 7 da manhã. Ela acordou cedo, foi até o trem e recebeu a encomenda — que continha apenas dois exemplares, e não três. Depois de deixar um exemplar com Joyce, levou o outro para ser exposto na livraria Shakespeare and Co.⁴² das 9 da manhã em diante. Multidões se amontoaram na livraria o dia todo para ver a maravilha esperada havia tanto tempo, e telegramas de felicitações entupiram o apartamento de Joyce.

Naquela tarde, Joyce, Nora, Giorgio e Lucia celebraram *Ulisses* e o aniversário do autor no Ferrari's, um de seus restaurantes favoritos. Os outros convidados eram novos amigos norte-americanos: o pintor Myron e Helen Nutting, o ilustrador de livros Richard Wallace e sua esposa, e Helen Kieffer, a filha do colega de John Quinn em sua prática legal. (Foi a sra. Wallace quem, acidentalmente, forneceu a Joyce as últimas palavras de seu romance — ele a escutou conversando com um jovem pintor americano, e nessa conversa ela repetiu a palavra “sim” várias vezes em diferentes tons de voz.) Joyce usava um anel novo — o presente que havia tempos ele prometera a si mesmo para aquela ocasião. Mas seu comportamento não dava nenhum outro sinal de alegria; foi como se estivesse sofrendo de depressão autoral pós-parto. Parecia lúgubre, suspirava e falava pouco; pediu comida, mas mal mexeu nela; e manteve seu exemplar de *Ulisses* embrulhado até bem depois da sobremesa, quando cedeu aos pedidos de seus convidados e desvendou-o sobre a mesa.

Segundo suas ordens, o livro havia sido encadernado em cores “gregas”: letras de branco puro em um fundo azul: ilhas brancas emergindo do mar homérico. Um brinde foi proposto, e Joyce, mais calmo, pareceu profundamente emocionado.⁴³ O grupo seguiu então para drinques no Café Weber, e Joyce se animou; ficaram até o fechamento e — como acontecia com frequência — ele teria continuado a beber com satisfação em outro bar, mas Nora o encaminhou com firmeza para um táxi e para casa. Helen Nutting agradeceu a ele pela honra de estar presente naquela noite significativa; ele pegou sua mão como se fosse beijá-la, mas soltou-a em seguida.



MUZOT — SUÍÇA O poeta boêmio-austriaco Rainer Maria Rilke (nascido em 1875) escutou uma voz, como se vinda do céu, dizendo palavras em alemão que podem ser traduzidas como: “Ó Orfeu canta! Ó a grande árvore é toda ouvidos!”. Sobrenaturais, ou meramente uma emanção de seu inconsciente, essas palavras pareceram abrir algumas portas para a imaginação de Rilke, que, após um longo período de inatividade, voltou a escrever versos, e em um ritmo que o surpreendeu. Em três dias, de 2 a 5 de fevereiro, escreveu toda a primeira parte de uma sequência de sonetos acerca do tema de Orfeu.⁴⁴

Abandonou os sonetos quando percebeu repentinamente que alguns poemas novos — ou melhor, alguns poemas negligenciados havia muito tempo — também estavam clamando para serem escritos. Em 7 de fevereiro, escreveu uma “Sétima Elegia” para ser adicionada a um conjunto com o qual havia começado a trabalhar uma década antes, quando morava no castelo Duino, perto de Trieste. Fez uma Oitava após a Sétima, e depois voltou ao poema que havia abandonado em 1913, a Sexta Elegia. Em 11 de fevereiro, escreveu uma carta exultante à antiga amante, agora amiga leal, Lou Andreas-Salomé: “... Neste momento, agora, sábado, 11 de fevereiro às 6 da tarde, abandono a caneta depois de completar a última elegia, a Décima.” No dia 15, voltou a trabalhar nos sonetos, finalizando-os oito dias depois.

Em apenas 21 dias, Rilke completou duas das sequências de poemas mais importantes, influentes e duradouras do século XX: *As elegias de Duino* e *Os sonetos a Orfeu*.



HOLLYWOOD Às 7h30 da manhã, o corpo do prolífico diretor de cinema William Desmond Taylor foi encontrado na rua perto de seu bangalô na influente comunidade hollywoodiana de Westlake Park. A multidão se juntou; um dos espectadores, dizendo ser médico, fez um exame superficial no corpo e depois fugiu, declarando com pressa que Taylor havia morrido de causas naturais. Um exame apropriado mais tarde, naquele mesmo dia, mostrou que Taylor havia levado um tiro nas costas, e que morreu entre 10 e 11 horas antes de o corpo ser encontrado. Investigações policiais levantaram uma série de possíveis assassinos — um fato estranho, visto que em geral dizia-se que a vítima era querida por quase todos com quem trabalhava — e ficou claro também, para os que conseguiam ler nas entrelinhas dos artigos de jornal, que Taylor era bissexual.

O caso ganhou notoriedade, inspirando narrativas e um filme de grande porte.⁴⁵ De maneira mais significativa, o caso atçou as chamadas que já haviam começado com o escândalo de “Fatty” Arbuckle, quando uma jovem atriz, Virginia Rappe, morreu com as feridas infligidas durante uma louca festa oferecida por Arbuckle no fim de semana do feriado do Dia do Trabalho, em 1921. Por um lado, o assassinato de Taylor iniciou uma campanha animada de exposição de escândalos na imprensa norte-americana (e internacional), inclinada a

retratar Hollywood como uma Babilônia de promiscuidade, dependência química, perversão e subversão; por outro lado, houve uma tentativa nervosa por parte de Hollywood de assegurar aos bons cidadãos que era uma indústria íntegra, decente e saudável, cujos produtos eram inteiramente adequados ao entretenimento familiar. Campanhas barulhentas anti-Hollywood apareceram por todos os Estados Unidos, e cidadãos íntegros começaram a boicotar os filmes, causando efeitos desastrosos de bilheteria.⁴⁶

Produtores de ponta reconheceram que Hollywood devia fazer mais do que simplesmente professar sua inocência, e que precisava organizar a casa urgentemente, antes que o governo interviesse. Uniram-se para fundar a Motion Picture Producers and Distributors of America.⁴⁷ O homem escolhido para chefiar a MPPDA não poderia ter sido uma figura mais conectada ao establishment: Will H. Hays, o advogado fortemente simpatizante dos republicanos, havia recentemente sido chefe executivo dos correios dos Estados Unidos (o US Postmaster General), bem como gerente da campanha eleitoral de Warren G. Harding em 1930.

Hays, um homem de apatia exemplar, recebia um salário altíssimo — 150 mil dólares — por um trabalho que consistia principalmente em viajar pelos Estados Unidos de ponta a ponta durante o ano de 1922 clamando que a censura do governo contra os filmes era um ato absolutamente antiamericano, e proclamando no mesmo tom alto que a indústria devia corresponder às suas responsabilidades cívicas. O truque deu certo e os filmes foram salvos, mas a certo custo. Em 1930, as recomendações que Hays vinha instigando nos produtores foram delineadas em forma de um código explícito, e o Código Hays dominou todas as produções hollywoodianas até 1968.⁴⁸

3 DE FEVEREIRO

LONDRES P. G. Wodehouse — um dos cartunistas mais populares do século XX, e ainda considerado por muitos um dos melhores — publicou uma coleção de quadrinhos sobre as peripécias de jogadores de golfe: *The Clicking of Cuthbert* [O estalo de Cuthbert]. Foi o volume que apresentou seu personagem recorrente, “O membro mais antigo”.

4 DE FEVEREIRO

SUÍÇA Ernest Hemingway reportou, em *Les Avants*, Suíça, o declínio do movimento turístico no país, o que aconteceu em grande parte devido a uma taxa desfavorável de câmbio: apenas cinco francos para um dólar. Em consequência, notou Hemingway, os resorts que costumavam ficar lotados de viajantes antes da guerra pareciam agora as cidades fantasmas de Nevada. O país, concluiu ele, estava pagando um preço não previsto por sua neutralidade nos tempos de guerra.

5 DE FEVEREIRO

MINEÁPOLIS Primeira edição da revista *Reader's Digest*, editada por DeWitt e Lila Wallace. A ideia de uma revista que reuniria artigos de outras fontes e os reimprimiria em versões condensadas e simplificadas ocorreu a DeWitt Wallace enquanto estava no hospital se recuperando de ferimentos causados por estilhaços de bomba, durante seu serviço militar na França. Ele passou cerca de seis meses trabalhando sozinho na biblioteca pública de Mineápolis, treinando-se para desentranhar e condensar prosas mais elaboradas em uma versão simplificada e de fácil leitura. Quando mostrou uma prova para Lila, então uma amiga de amigos, sua resposta foi tão positiva que ele a pediu em casamento no outono de 1921.

Os Wallace montaram sua revista em um apartamento no subsolo de um bar ilegal; pagavam as meninas do bar para ajudá-los.⁴⁹ A *Reader's Digest* fez mais sucesso do que todos esperavam, e por muitos anos teve a maior circulação de todas as revistas de interesse geral dos Estados Unidos.⁵⁰ Foi também a publicação com maior número de leitores dentre os cidadãos mais abastados dos Estados Unidos. Os inúmeros subprodutos da revista incluíram uma série de “livros condensados” — simplificações de livros que nem eram tão complicados assim. (*Ulisses* nunca entrou nessa lista.) Os Wallace eram protestantes republicanos de direita, e fortemente anticomunistas; nos primeiros anos da revista, era frequente que publicassem artigos que desaprovavam católicos e judeus e que expressavam aprovação aos governos totalitários iminentes na Europa.

6 DE FEVEREIRO

WASHINGTON D.C. A Conferência Naval de Washington, que se desenrolava desde 12 de novembro de 1921, foi concluída. Foi o primeiro encontro militar internacional a acontecer em solo norte-americano, e foi considerada a primeira conferência moderna de desarmamento — um modelo de negociação bem-sucedida em vez de um conflito. A intenção principal dos diálogos, realizados no Memorial Continental Hall, foi limitar a extensão do poder naval do Japão no oceano Pacífico. Mas a conferência também foi vista como o marco do fim de uma era — a da supremacia naval britânica ao redor do mundo. Taticamente, a conferência passou essa supremacia para as mãos dos Estados Unidos.



PARIS O poeta, alpinista, fera do xadrez, praticante de magia negra (*Magick*) e guru carismático Aleister Crowley — conhecido como Besta 666 — chegou à cidade depois de viajar desde sua comuna em Cefalù, na Sicília, via Nápoles. Em 14 de fevereiro, foi para Fontainebleau, onde se hospedou em uma pousada chamada Au Cadran Bleu.⁵¹ Seu plano era curar-se da intensa dependência em heroína por meio de uma dieta imposta por ele próprio. Excessivamente confiante em sua destreza mental e física, como sempre, esperava estar curado em cerca de uma semana, mas no fim do mês ainda se presenteava com doses “extras” de heroína.⁵²

Era hora de se controlar. No começo, ele se saiu moderadamente bem. A dieta era simples: diminuir a bebida, fazer caminhadas regulares, comer apropriadamente e dividir o dia em temporadas abertas (para usar drogas) e fechadas (para abster-se). Depois, aos poucos, reduzir as temporadas abertas. Durante alguns dias, foi bastante rigoroso consigo mesmo. Mas começou a deslizar, sabendo muito bem que as dores da abstinência podiam ser curadas em segundos com uma dose rápida. Começou a ver os fantasmas de amigos mortos ao seu redor... e deslizou mais ainda.

Leah se juntou a ele. Foi sua última amante, ou, como ele gostava de chamá-la, sua Mulher Escarlate. Leah também era viciada e sua saúde ia mal: estava perdendo peso, sofria de suores noturnos e tossia sangue. Ficou animada em ir para a Suíça buscar tratamento; Crowley não gostou da ideia e, depois de consultar o *I Ching* (que Crowley chamava de *Rei Yi*), decidiu que devia ir para Londres. Vestiu-se com um traje completo das Terras Altas escocesas,⁵³ pintou o rosto e partiu

para sua cidade natal com Leah. Levava apenas dez libras. A viagem começou em um grande e absurdo estilo: quando chegaram a Hardelol, perto da balsa de Bolonha, Crowley foi identificado, erroneamente, como um financista trapaceiro e foi preso. Acabou conseguindo provar que era Aleister Crowley, poeta e notável alpinista, mostrando um livro sobre a expedição Chogo-Ri que incluía uma fotografia sua. Ele gostou muito desse episódio.



ROMA O cardeal Achille Ratti sucedeu o falecido Benedito XV; tornou-se o papa de número 259 e tomou o nome pontífice Pio XI.

8 DE FEVEREIRO

MOSCOU O corpo da polícia secreta russa, a Tcheka, foi formalmente reconstituído como GPU, uma filial do NKVD — a *Norodnyy Komissariat Vutrennikh Del*, ou o Comissariado do Povo para Assuntos Internos. Sob o comando de Stalin, o NKVD se tornaria notório como a principal agência da perseguição soviética de seu próprio povo.



PARIS Hemingway e sua esposa tomaram chá com Gertrude Stein e sua companheira, Alice B. Toklas, no estúdio delas na rue de Fleurus, 27. Poucos dias antes, Hemingway havia mandado para Stein uma carta de apresentação de Sherwood Anderson, um amigo em comum. Stein, que gostava de Anderson, respondeu calorosamente. Hemingway já sabia alguma coisa sobre as reuniões de Stein — assim como quase todo mundo que estava atualizado em relação ao vanguardismo expatriado norte-americano; ela era uma espécie de lenda. Além de seu próprio trabalho como escritora — que Hemingway logo admiraria apaixonadamente, e que promoveria onde conseguisse —, Stein era uma anfitriã conhecida pela sua generosidade a escritores, compositores e artistas visitantes: William Carlos Williams, Carl Van Vechten, Paul Bowles, Djuna Barnes...⁵⁴

Stein tinha 48 anos, idosa o suficiente para ser mãe de Hemingway, e eram um par estranho por vários outros motivos além desse, mas logo começaram a conversar com facilidade e entusiasmo, um

encantado com o outro. Hemingway escreveu a Anderson cerca de duas semanas depois dizendo que os dois estavam se dando tão bem “quanto irmãos”, enquanto Stein disse a Anderson que achava os Hemingway “cativantes”. Hemingway começou a aparecer no estúdio regularmente, ou fazia longas caminhadas à tarde com Stein no Jardim de Luxemburgo. Ela começou a instruí-lo: sobre escrita, sobre pintura e sobre o que escritores podiam aprender com pintores. Seu próprio trabalho, disse ela para ele, havia sido profundamente moldado por seu estudo de Cézanne, e Hemingway mais tarde alegaria que Cézanne era uma de suas grandes influências.

1922 foi o ano em que Hemingway embarcou seriamente em sua carreira como escritor; seus dois mentores mais importantes nessa profissão seriam Gertrude Stein e outro “americano-em-Paris” que conheceria algumas semanas mais tarde: Ezra Pound.

9 DE FEVEREIRO

ROMA O primeiro-ministro Ivanoe Bonomi, um socialista moderado que estava no poder desde 1921, se aposentou, sentindo que o país havia se tornado tão caótico que de fato não era governável. Seu sucessor imediato, Luigi Facta, ficou no governo durante poucos meses, e quando Mussolini tomou o poder, Bonomi retirou-se da política por vários anos. Voltaria a ser primeiro-ministro em 1944, quando os Aliados tomaram a Itália, e supervisionaria a conversão do país do fascismo à democracia.

11 DE FEVEREIRO

“April Showers”, cantada por Al Jolson, tornou-se o álbum fonográfico mais vendido nos Estados Unidos.



SÃO PAULO De 11 a 18 de fevereiro, no Teatro Municipal, aconteceu um dos eventos culturais mais significativos da cultura latino-americana moderna: a “Semana de Arte Moderna”, que apresentou as conquistas do modernismo brasileiro ao mundo. Seus organizadores principais foram o pintor Emiliano di Cavalcanti e o poeta Mário de Andrade — cuja maior obra, *Pauliceia*

desvairada, foi lida em voz alta pelo autor na noite de fechamento, e publicada pela primeira vez naquele mesmo ano.

Nem todos os que estavam presentes nos eventos simpatizavam com o espírito moderno. Houve uma boa quantidade de burburinhos, vaias e escárnio. Um dos participantes que seguiu adiante e desfrutou de fama internacional foi o compositor Heitor Villa-Lobos, descrito como figura única e mais importante da música erudita da América Latina. Villa-Lobos e seus músicos apresentaram várias de suas composições — incluindo *Quarteto Simbólico*, uma evocação da vida urbana no Brasil — a uma plateia que, amiúde, demonstrava reprovação.⁵⁵

Mas, se dentre esses artistas Villa-Lobos é o mais conhecido fora do Brasil, o talento mais extraordinário da Semana foi seu codiretor, Mário de Andrade (1893-1945). Com quase toda certeza o maior polímata que seu país já produziu, Mário de Andrade foi poeta, romancista, fotógrafo, jornalista e pioneiro da etnomusicologia, em momentos distintos ou simultaneamente. Sua sequência de poemas de 1922, *Pauliceia desvairada*, foi chamada de *A terra devastada* da literatura latino-americana, e é em alguns aspectos formais similar ao trabalho de Eliot. A obra é composta em grande parte por frases poderosas e crípticas, sem métrica ou rima regulares, que parecem enunciadas pelos habitantes de São Paulo ou pela cidade em si.⁵⁶



ALEMANHA O jovem Bertolt Brecht — ainda totalmente desconhecido, embora, no final do ano, viesse a se tornar o dramaturgo mais famoso de sua geração — passou a noite de 11 de fevereiro lendo uma coleção de cartas escritas por Gustave Flaubert, cada vez mais zangado. No dia 12, escreveu em seu diário ocasional:

Esses despachos frontais de um mamute lunático são espantosos. Quem pensa que é? Que gaulês pecador, teimoso e obcecado! Quanta dedicação a uma tarefa que deve ser feita com toque leve! Esse troglodita devia estar muito convencido quanto ao seu material para ter arriscado o investimento de tanto esforço nele!...⁵⁷

14 DE FEVEREIRO

HELSINQUE O ministro finlandês de assuntos interiores, Heikki Ritavuori, foi assassinado por um atirador solitário ao sair de casa. O assassino se mostrou um jovem com problemas mentais, a ovelha negra de uma família rica que se convenceu, após ler artigos da imprensa de direita, que Ritavuori era um traidor e uma ameaça à nação. O rapaz recebeu uma pena indulgente com base em sua incompetência mental. A Finlândia, que quase não tinha histórico de assassinato político, ficou em choque, tanto que as conquistas, inúmeras e substanciais, da vida de Ritavuori foram obscurecidas pelo horror de sua morte.



LONDRES Virginia Woolf, com a saúde ainda precária, comentou de forma invejosa que “K. M. [Katherine Mansfield] irrompe no mundo gloriosamente na semana que vem”. De fato: *Festa ao ar livre e outras histórias* estava prestes a ser publicado pela Constable. Isso era muito irritante para Woolf, visto que “... tenho de adiar *O quarto de Jacob* [seu último romance] até outubro, & temo que nessa época eu vá percebê-lo como uma acrobacia estéril”.

Sua cama foi levada para a sala, para a frente da lareira; ela escrevia pouco, lia muito e recebia visitantes — incluindo seu antigo amante, Clive Bell, com quem retomou um flerte.

15 DE FEVEREIRO

PARIS A edição europeia do *Chicago Tribune* publicou a primeira grande crítica de *Ulisses*; o crítico era um certo George Rehm. “*Ulisses*, tão aguardado”, começou Rehm, “esperado por esses vários anos com ansiedade e curiosidade esperançosa, finalmente apareceu”.⁵⁸

Apesar de Rehm simpatizar bastante com Joyce e de conseguir produzir algumas frases dignas de uma sinopse — “passagens profundas em sua compreensão, profundas em seu conhecimento, cintilantes em sua expressão” —, no fim fica claro que ele não fazia ideia do que extrair do livro. Esquivou-se da responsabilidade de um crítico de fornecer um veredicto final e simplesmente declarou que gerações seriam necessárias para determinar se *Ulisses* era “uma obra-prima ou um lixo”.



HAIA A Corte Permanente de Justiça Internacional foi estabelecida.



INGLATERRA A Marconi Company deu início a transmissões experimentais de rádio, em Essex.



ESTADOS UNIDOS A First National lançou *Cops* [Policiais], o novo curta-metragem cômico de duas bobinas escrito e dirigido por Buster Keaton, que também atuou. Keaton lançou mais quatro curtas-metragens de duas bobinas naquele ano: *As relações com a minha esposa* (12 de junho), *O ferreiro* (21 de julho), *The Frozen North* [O norte congelado] (3 de agosto), *Sonhos impossíveis* (28 de setembro) e *A casa elétrica* (19 de outubro).

Uma produção impressionante, mesmo que julgada apenas pela quantidade; e considerem também que o primeiro dos dois filhos de Keaton, James, nasceu no mesmo ano, portanto havia muita distração para o autor. Entretanto, esses seis curtas-metragens são também alguns dos melhores trabalhos de Keaton nesse formato — reluzem com um brilho nascido, em parte, de uma frustração criativa. A essa altura, ele estava lutando contra as limitações tanto financeiras quanto artísticas do curta-metragem de duas bobinas, e estava pensando em dirigir longas.⁵⁹

Keaton aprendeu seu ofício com velocidade impressionante, e o estrelato veio quase com a mesma rapidez. Só fez sua primeira aparição nas telas em 1917, como companheiro de Roscoe “Fatty” Arbuckle em *O garoto açougueiro*, produzido pela Comique Studios, de Arbuckle. Não se passaram nem três anos até que ele já estivesse escrevendo e dirigindo seus próprios filmes — um período até menor, considerando que Keaton se alistou na quadragésima infantaria e serviu ao seu país nos últimos meses da guerra e nos primeiros meses de 1919.

No final daquele ano, o produtor Joseph Schenck havia fundado uma empresa dedicada inteiramente à criação de peças que promoveriam a carreira de Keaton; comprou os antigos estúdios de

Chaplin e os reabriu em janeiro de 1920 sob o nome de Keaton Studio. Nos dois anos seguintes, Schenck registraria seus filmes com vários nomes empresariais diferentes, até *The Frozen North*, quando a legenda Buster Keaton Productions Inc. começou a aparecer. Contudo, a inovação mais importante de Schenck foi libertar Keaton de todas as ansiedades financeiras. Conforme recordou Keaton, o contrato “me deu mil dólares por semana, mais 25% dos lucros que meus filmes faziam”. O dinheiro era bom, mas o melhor era estar livre de tarefas menores. De agora em diante, Keaton podia se focar na arte.

Joseph Francis “Buster” Keaton cresceu em uma família do ramo do entretenimento e escapou totalmente da educação formal. Nasceu em 4 de outubro de 1895, quando seus pais ainda trabalhavam com uma trupe de “curandeiros mágicos” que viajavam à carroça; Buster tinha 4 anos quando finalmente fizeram sua estreia humilde no mundo do vaudeville no museu de Hubin, em Nova York. A essa altura, o pequeno Keaton já era um membro sazonal do grupo.⁶⁰

Aos 5 anos, era um acrobata habilidoso e versátil, e um comediante precocemente inventivo — não espanta que o público achasse que não era uma criança, e sim um anão. Gênio precisa de sorte; a sorte de Keaton foi que dos 3 aos 21 anos, quando o show da família finalmente terminou (o problema foi o pai de Keaton, um alcoólatra), a tarefa central de sua vida foi tentar fazer com que as pessoas gargalhassem como nunca haviam gargalhado antes.

Buster era sucesso garantido de bilheteria, e foi contratado pela Schubert para um de seus shows com um pagamento de 250 dólares por semana. Graças a um encontro aleatório com Arbuckle, no entanto, ele optou por filmes, com um salário inicial bem menor — quarenta dólares —, porém com possibilidades futuras mais brilhantes que a escuridão do vaudeville. O agente de Keaton, conforme recordou mais tarde, incentivou essa decisão aparentemente imprudente: “Aprenda tudo o que puder sobre esse ramo, Buster, dane-se o dinheiro. Filmes são a promessa do futuro, acredite em mim.” E Buster aprendeu e aprendeu. Arbuckle foi um bom professor, apesar de limitado, e era um homem que ele amava e que continuou a admirar muito depois de sua queda com o notório caso de homicídio culposo em 1921-1922.⁶¹

O aluno logo ultrapassou o mestre, e vários críticos já sugeriram que a sofisticação crescente do produto de Arbuckle depois de *O garoto açougueiro* pode ser creditada principalmente à presença de Keaton — que constantemente refinava piadas ou propunha outras novas. E

quando Keaton começou a dirigir seus próprios filmes, em 1920,⁶² tais produções fizeram com que o trabalho de Arbuckle parecesse ainda mais primitivo. Foi então que Keaton começou a desenvolver sua persona principal nas telas, a contrapartida do mendigo de Chaplin: vamos chamá-lo de o Estoico. O Estoico faz sua primeira aparição em *One Week* [Uma semana] (1920); esse filme, acerca de uma tentativa fracassada de construir uma casa com um kit “faça você mesmo”, é frequentemente considerado a primeira obra-prima de Keaton.⁶³

17 DE FEVEREIRO

OXFORD W. B. Yeats escreveu a Olivia Shakespear, em parte para dizer que a esposa, “George” (Georgie Hyde-Less, enquanto solteira), tinha acabado de voltar para a Irlanda e de comprar uma casa georgiana espaçosa e elegante para o casal em Dublin (na Merrion Square, 82). A casa não extrapolava a condição financeira deles, principalmente porque George conseguiu alugar o andar de cima para dois inquilinos. Yeats estava eufórico:

Sinto-me muito bem, em especial ao lembrar-me de uma balada popular sobre o duque de Wellington:

Na Merrion Square

Esse nobre herói respirou pela primeira vez

Em meio ao viva da nação.

Yeats contou que não estava muito preocupado com o estado da Irlanda, e tinha quase certeza de que tudo “daria certo” em alguns meses.



PARIS André Breton havia proposto um “Congresso de Paris” (“Congresso Internacional para a Determinação e a Defesa do Espírito Moderno”) para alguma data no fim de março, mas o processo de organizá-lo desvendou e iniciou tantos conflitos raivosos que ele foi forçado a convocar uma reunião geral de emergência no Closerie des Lilas, um bar e restaurante em Montparnasse, o preferido de várias gerações de artistas, intelectuais e boêmios parisienses; naquele período, era o favorito de Hemingway, Man Ray, Picasso e outros. Uma das intenções originais de Breton era iniciar um

protesto contra o que via como um retorno covarde de vários artistas contemporâneos a noções tradicionais de beleza e habilidade, destacando tudo o que as várias escolas do “Espírito Moderno” tinham em comum, do Impressionismo ao Simbolismo, passando por Cubismo, Futurismo e Dadaísmo. No entanto, uma de suas outras ambições, não declarada, era menos elevada. Breton estava cansado de viver à sombra de Tristan Tzara; queria ele mesmo ser um líder. Isso significava, nas palavras de seu biógrafo, Mark Polizzotti, consignar “o Dadaísmo — e Tzara — ao lixo intelectual de uma vez por todas”.

Vários dos que se registraram no congresso — uma multidão impressionante, incluindo artistas tão distintos quanto Cocteau e o futurista italiano F. T. Marinetti, Hans Arp e Brancusi, Man Ray e André Malraux — logo perceberam a falcatura, especialmente quando Breton emitiu uma nota denunciando Tzara como um “impostor em busca de publicidade”, em Zurique. Isso não caiu bem para os participantes de inclinações mais esquerdistas, que acharam que a denúncia de Breton soou um tanto xenofóbica: Eluard saiu do congresso, assim como Erik Satie. Quando, na noite do dia 17, Breton se apresentou diante de aproximadamente cem intelectuais, as paixões explodiram. Tzara berrou com voz aguda, discussões apaixonadas foram interrompidas antes de gerarem brigas e o evento se transformou em um tipo de pseudotribunal, sendo que o próprio Breton de repente virou o prisioneiro sob julgamento.

No dia seguinte, cerca de metade dos participantes repudiaram fortemente as palavras e as ações de Breton; o grupo de protestantes incluía velhos membros do círculo de Breton: Eluard, Péret. A conferência foi destruída, apesar de Breton ter conseguido reter alguns de seus aliados (Aragon, Desnos) e de ter ganhado um novo aliado importante: Picabia, um antigo amigo próximo de Tzara. Em apenas dois anos, Tzara e Breton foram da amizade próxima à hostilidade às claras. Cerca de duas semanas depois, no dia 2 de março, o *Comoedia* publicou o manifesto antidadaísta de Breton, chamado “After Dada” (Depois do dadá). O divórcio era oficial.



LONDRES Eliot escreveu a Richard Aldington, amigo e aliado, poeta, romancista, crítico e biógrafo, agradecendo-lhe por uma carta na qual

Aldington havia respondido calorosamente ao seu primeiro contato com *A terra devastada*. Aldington vinha se mostrando bastante prestativo a Eliot nesses últimos anos, e o havia apresentado aos editores de várias revistas e jornais.⁶⁴

Os Eliot passaram o fim de semana dos dias 17 e 18 com o crítico e editor John Middleton Murry. Em 21 de fevereiro, Eliot escreveu para agradecer a Murry: “Gostei do meu fim de semana com você mais do que posso descrever”, porém adicionou que Vivien, agora “muito doente”, havia sido mandada para uma clínica de repouso. “Talvez ela não fique muito, mas acho que pelo menos três semanas. Não há mais nada a ser feito neste momento. Alguém tem de fazê-la dormir.”

19 DE FEVEREIRO

GRANADA Federico García Lorca, que não tinha completado 24 anos, um aluno preguiçoso, embora já famoso nos círculos literários avançados da Espanha, deu sua palestra “*Cante jondo*” (Canto profundo) sobre o canto primitivo da Andaluzia, no Clube das Artes. Seus argumentos foram fortemente influenciados, como admitiu Lorca com satisfação, pelas conversas que vinha desfrutando com Manuel de Falla — reconhecido nessa época no mundo todo como o melhor compositor espanhol vivo — e pela pesquisa que Falla vinha desenvolvendo acerca da música flamenca. O poeta aspirante e o compositor famoso haviam se encontrado rapidamente depois do retorno de Falla a Granada, em setembro de 1920. Lorca, que oscilava entre música e poesia como sua arte primordial, virou um visitante frequente do *carmen* pitoresco de Falla, e este logo ficou impressionado com os vários talentos do jovem, além de comovido com a admiração óbvia que Lorca tinha por suas composições. Em pouco tempo, eram como pai e filho, e sonharam com a ideia de um festival de *cante jondo* em Granada. A palestra de Lorca foi parte de um processo longo de suscitar o interesse popular no festival.

Enquanto isso, Lorca também havia começado a escrever poemas inspirados pelo *cante jondo*.⁶⁵ Instigado tanto pelo assunto quanto pela explosão de criatividade que despertava nele, começou a ter uma série de convicções sobre essa forma local: que tinha suas raízes em formas poéticas e musicais do Oriente — poesia árabe, persa e turca; que havia sido moldada por cânticos litúrgicos bizantinos; e que foi aperfeiçoada pelos ciganos da Andaluzia. Lorca sentia que a música deles era a expressão das profundezas da alma da Andaluzia, feita de

melancolia e fatalismo, e não de entusiasmo e júbilo.⁶⁶

21 DE FEVEREIRO

RÚSSIA Vladimir Lenin — agora gravemente doente, sofrendo de dores de cabeça terríveis que quase o levavam à histeria de tanta dor, e extremamente desanimado diante da visão triste de sua própria maquinaria de governo caminhando para a paralisia — escreveu uma carta furiosa e desesperada ao camarada Alexander Tsyurupa, do SNK — Conselho de Ministros da União Soviética:

Tudo ao nosso redor está afogado em um pântano nojento de “administrações” burocráticas. Uma autoridade e uma força enormes serão necessárias para suplantá-las. Escritórios administrativos — maluquice! Decretos — loucura! Procurar o homem certo, garantir que o trabalho seja desenvolvido apropriadamente — isso é tudo que é necessário!

Foi um ano fatídico para Lenin, assim como para o futuro da revolução. Foi o ano de sua doença, de seu declínio político não esperado e de sua perda incrivelmente rápida de poder; e conforme a sorte de Lenin retrocedia, a de Stalin aumentava. Apenas um ano antes, Lenin era o mestre reconhecido da Rússia; os exércitos Brancos haviam concedido a derrota, e sete anos de uma guerra civil exaustiva haviam chegado ao fim. Por que o triunfo durou tão pouco e foi comprometido de forma tão severa?

Por um lado, uma grande parte dos que lutaram pela vitória Vermelha se sentiu traída pelo homem que os havia liderado. A economia estava em um estado de crise extrema; fábricas foram fechadas por falta de matéria-prima; camponeses estavam destruindo seus estoques de grãos por conta própria (se tivessem algum estoque) e sacrificando gado para impedir que seus bens fossem confiscados pelo pelotão de confisco; a Tcheka estava lidando com o descontentamento aplicando a panaceia padrão dos bolcheviques: atirar em todos à vista. A situação chegou ao ápice trágico com a repressão selvagem de uma rebelião malsucedida por parte de marinheiros Vermelhos em Kronstadt, a base naval de Petrograd.⁶⁷

Lenin deu a Trotski poder total para aniquilar a rebelião. Trotski

reuniu seus exércitos à beira do rio, do outro lado da base naval, e esperou oito dias — nos quais os marinheiros poderiam ter assegurado sua posição aniquilando as baterias, ou cavando sulcos na superfície congelada do rio para manter a infantaria a distância, ou até mesmo atacando Petrograd. Em vez disso, também esperaram, seguindo uma política rígida de não agressão.

No oitavo dia, o exército de Trotski atacou. Os marinheiros lutaram de forma magnífica, mas foram excedidos em número e armas. Dos 16 mil homens envolvidos na rebelião, apenas cem escaparam pelo gelo para a Finlândia. Os poucos que não morreram na batalha foram baleados. A guerra civil foi cheia de terrores, mas essa foi a primeira vez que a revolução assassinou deliberadamente o seu próprio pessoal sem misericórdia; uma premonição terrível das décadas sangrentas que viriam sob o comando de Stalin.

Percebendo a profundidade da crise, Lenin tomou uma decisão que teria sido impensável anteriormente: apresentou a Nova Política Econômica, ou NEP, que, dentre outras medidas, retirou o monopólio do Estado na importação de grãos. Os camponeses agora teriam permissão para vender seus excedentes de grãos no mercado aberto. Indústrias pequenas voltaram a ter presidência privada. Vender em busca de lucro, o que antes era um grande crime, foi novamente incentivado.⁶⁸ Mas com o afrouxamento da economia veio um estreitamento da disciplina.

O décimo Congresso do Partido Comunista estabeleceu que a obediência absoluta às decisões do Comitê Central agora era lei. A Tcheka foi enviada para destruir os últimos mencheviques, revolucionários socialistas e outros elementos não bolcheviques. Revoltas camponesas foram silenciadas com massacres. E então veio a crise da fome, um desastre mais medonho do que tudo o que a Rússia havia sofrido com a guerra e a revolução; esse desastre pode ter matado 27 milhões de pessoas. (Cf. 30 de julho.)

A julgar pela frieza de sua resposta a essa crise humanitária pavorosa, Lenin estava menos preocupado com as milhões de mortes do que com o crescimento incrivelmente rápido da burocracia para sua nova nação — a pior burocracia: corrupta, preguiçosa, arrogante e incrivelmente ineficiente. Seu desgosto por isso tudo, combinado com a fadiga inevitável de se manter em níveis super-humanos durante anos, teve consequências inevitáveis: começou a sofrer ataques de náusea, desmaios, insônia e, finalmente, as dores excruciantes de

cabeça. Em 7 de dezembro de 1921, foi forçado a abrir mão de seu trabalho em Moscou e partir para sua casa de veraneio em Gorki. Foi como se seu corpo estivesse se esvaindo em sinal de simpatia pela desintegração do país. O pior estava por vir.

22 DE FEVEREIRO

ESTADOS UNIDOS A revista *Life* publicou uma capa feita pelo artista F. X. Leyendecker mostrando uma “melindrosa” — uma jovem estilosa da década de 1920 — em forma de uma borboleta linda e gigante. Tornou-se, e ainda é, uma imagem elegante e definidora daquela época. Outros ilustradores que ajudaram a promover e perpetuar o arquétipo da “melindrosa” foram Russell Patterson, John Held Jr., Ethel Hayes e Faith Burrows.

Mas foi o cinema que fez o máximo para inspirar a moda, principalmente depois de 1920 e depois do lançamento, naquele ano, de *The Flapper* [A melindrosa], estrelando Olive Thomas, com direção de Alan Crosland. Apesar de ser uma comédia inofensiva, *The Flapper* [A melindrosa] levou o nome, a aparência e o ethos dessa nova forma de condição feminina ao público norte-americano em geral.⁶⁹

Tanto na realidade quanto na mitologia popular, a melindrosa era uma mulher solteira hedonista e promíscua que fumava, bebia, cheirava cocaína e dançava ao som de jazz. Embora tivesse o rosto bastante maquiado (e lembrem-se que antes da Primeira Guerra Mundial, o uso de qualquer coisa além de cosméticos discretos era considerado por muitos uma prerrogativa de atrizes, prostitutas e outras mulheres desvirtuadas), ela era magra e masculina a ponto de ser andrógina. Vestia roupas chocantes — saias curtas como nunca, sem corpetes ou suportes — e mantinha os cabelos em um corte curto, seguindo o estilo onipresente do corte de cabelo “bob”.⁷⁰

A era de ouro da melindrosa foi de imediatamente após a guerra até a quebra de Wall Street, em 1929; e seus ambientes ideais eram os bares ilegais que floresceram com a proibição de comercialização de bebidas alcoólicas (1920-33) e os salões de dança. Foi a era das modas de danças,⁷¹ em grande parte provenientes de inúmeros distritos afro-americanos em Nova Orleans e na Costa Oeste.

No Reino Unido, o termo “melindrosa” [*flapper*, em inglês] apresentava significados ocultos distintos relacionados à prostituição, visto que uma *flap* significava “prostituta” desde o começo do século

XVII. No início dos anos 1900, a palavra passou a significar simplesmente uma menina,⁷² especialmente uma menina atraente: daí a exclamação “mas que *flapper* linda!”, no “romance universitário” *Sandford of Merton* (1903), de Desmond Coke. Em 1920, os britânicos e os norte-americanos queriam dizer basicamente a mesma coisa com o termo.

Nem todos os estilistas gostaram do modelito afinado e reto na altura dos seios que as melindrosas amavam. Na Enid Frocks, uma loja de roupas modestas de Nova York, a costureira Ida Rosenthal — uma imigrante russa judia — e sua ajudante chegaram à conclusão de que seus vestidos ficariam muito mais elegantes se usados por mulheres cujos seios estivessem devidamente seguros por um sutiã parecido com uma “faixa para cabelos”, feito com duas taças apertadas, unidas por uma faixa vertical de pano. Em 1922, com a contribuição do marido de Ida, William Rosenthal, elas estabeleceram a empresa Maidenform; o nome declarava guerra contra a “forma masculina” de grande parte da moda contemporânea. Em 1925, William Rosenthal patenteou o sutiã Maidenform Uplift, o protótipo de inúmeros modelos subsequentes. A despeito da moda das melindrosas, milhões de mulheres enxergaram a atração dos produtos Maidenform, e a empresa montou uma fábrica bastante produtiva em Nova Jersey.

DICIONÁRIO DE UMA MELINDROSA
Conforme a compilação da srta. Ella Hartung em 1922

GÍRIA	SIGNIFICADO
<i>Dimbox</i>	Táxi
<i>Flatwheeler</i>	Jovem rapaz que leva uma jovem moça a um <i>Egg Harbor</i>
<i>Egg Harbor</i>	Baile de outono
<i>Clothesline</i>	Pessoa que conta histórias do bairro
<i>Whiskbroom</i>	Homem que cultiva um bigode

<i>Let's blouse</i>	Vamos
<i>Crabhanger</i>	Reformista
<i>Shifter</i>	Pessoa que pratica extorsão
<i>Snugglepup</i>	Jovem rapaz que frequenta <i>petting parties</i>
<i>Petting parties</i>	Eventos sociais dedicados ao abraço
<i>Finale hopper</i>	Jovem rapaz que chega depois que a conta foi paga; sempre promete participar da última briga, mas nunca está presente quando acontece; o gastador que chega depois que já conferiram quem pagou entrada
<i>Hip hound</i>	Pessoa que bebe álcool
<i>Sodbuster</i>	Empreendedor
<i>Applesauce</i>	Bajulação ou asneira
<i>Ritz</i>	Esnobe
<i>Alarm Clock</i>	Uma dama de companhia
<i>Father Time</i>	Qualquer homem acima dos 30
<i>Ear Muffs</i>	Receptor de rádio
<i>Dingledangler</i>	Pessoa que persiste em telefonar
<i>Cake Basket</i>	Uma limusine
<i>Statts</i>	Conversa que não significa nada

<i>Oilcan</i>	Um impostor
<i>Fire Alarm</i>	Mulher divorciada
<i>Cuddle-cootie</i>	Jovem rapaz que leva uma jovem moça para dar um passeio de ônibus
<i>Forty-Niner</i>	Homem fazendo prospecções para uma vida nova
<i>Tomato</i>	Mulher bonita sem cérebro
<i>Slat</i>	Homem jovem
<i>Strike Breaker</i>	Jovem mulher que sai com o “namorico” de outra amiga quando o clima é favorável
<i>Dud</i>	Pessoa tímida, porém interessante
<i>Cake-eater</i> (1)	Um garanhão inofensivo
<i>Boob-tickler</i>	Mulher que tem de entreter os clientes do pai, que vieram de outra cidade
<i>Snake-charmer</i>	Mulher que vende álcool sem permissão
<i>Dive-Ducat</i>	Passagem de metrô
<i>Mad money</i>	O dinheiro gasto de táxi se ela briga com o acompanhante
<i>Hikers</i>	Nativo de Nova York
<i>Whangdoodle</i>	Banda de jazz

<i>Grubstake</i>	Convite para jantar
<i>Pillow case</i>	Um jovem rapaz cheio de conversa mole
<i>Feathers</i>	Conversa mole
<i>Hush money</i>	Mesada do pai
<i>Bean-picker</i>	Pessoa que tenta amenizar os problemas
<i>Corn-shredder</i>	Jovem rapaz que pisa no pé da senhorita quando dança
<i>Police dog</i>	O noivo de uma jovem
<i>Airedale</i>	Homem caseiro
<i>Fig leaf</i>	Maiô de banho
<i>John D.</i>	Homem suave
<i>Sweetie</i>	Qualquer pessoa odiada
<i>Sugar</i>	Dinheiro
<i>Urban set</i>	Roupa nova
<i>His blue serge</i>	A menina dele
<i>Cutting yourself</i>	Fazer-se esperar pacientemente
<i>a piece of cake</i>	

<i>Dog kennels</i>	Par de sapatos
<i>Dogs</i>	Pés
<i>Stilts</i>	Pernas
<i>Mouthpiece</i>	Advogado
<i>Handcuff</i>	Anel de noivado
<i>Stutter-tub</i>	Barco motorizado
<i>An alibi</i>	Caixa de flores
<i>Anchor</i>	Dinheiro sacado
<i>Monogolist</i>	Jovem rapaz que odeia a si próprio
<i>Dropping the pilot</i>	Divorciar-se
<i>Appleknocker</i>	Um caipira
<i>Biscuit</i>	Uma melindrosa linda
<i>Dincher</i>	Cigarro fumado pela metade
<i>Barney-muggin</i>	Fazer amor
<i>Brush-ape</i>	Pessoa do interior; um <i>Hayshaker</i>
<i>Cake-eater</i> (2)	Pessoa que veste roupas apertadas, casaco com cinto, lapelas pontudas e apenas um botão, calça justa, blusa rosa-esverdeado e aquela gravata risível que os

	músicos de jazz usam
<i>Cat's pajamas</i>	Qualquer coisa boa
<i>Dapper</i>	O pai de uma melindrosa
<i>Darb</i>	Rapaz excêntrico com rolo de moedas
<i>Frog's eyebrows</i>	Agradável, ótimo
<i>Fluky</i>	Engraçado, estranho, diferente
<i>Goof</i>	O queridinho da melindrosa
<i>Half cut</i>	Intoxicada de alegria
<i>Kippy</i>	Apresentável ou agradável
<i>Sharpshooter</i>	Bom dançarino (que gasta dinheiro espontaneamente)
<i>Strangler</i>	O contrário de <i>sharpshooter</i>
<i>Toddler</i>	A irmã mais rápida de um <i>finale hopper</i>
<i>Sap</i>	Um <i>finale hopper</i>
<i>Smoke-eater</i>	Menina que fuma
<i>Plastered</i>	Sinônimo de <i>pie-eyed, oiled</i> , intoxicada
<i>They</i>	Refere-se a pais que objetam



WESTMINSTER Em face a levantes e motins nacionalistas violentos, a Grã-Bretanha proclamou o Egito — um protetorado desde 1914 — um reino formalmente independente. (Em grande parte, foi graças ao conselho do ex-comandante de T. E. Lawrence, lorde Allenby, atual Alto-Comissário, que o governo britânico aceitou a necessidade de conceder independência à nação.) A declaração foi retificada em 28 de fevereiro. Contudo, a manobra foi uma ficção diplomática em grande medida, considerando que a Grã-Bretanha continuou mantendo uma presença militar substancial no país e exercitando grande influência em seus assuntos internos.⁷³

25 DE FEVEREIRO

PARIS O serial killer mais notório da França, Henri Désiré Landru, foi executado na guilhotina.⁷⁴



PARIS De 25 de fevereiro a 19 de março, a Galerie Bernheim-Jeune promoveu uma exposição de apenas um artista com trabalhos de Henri Matisse, composta de 39 obras, todas feitas em 1921; o catálogo da exposição incluía um ensaio de Charles Vilrac. O trabalho de Matisse seria exposto em várias exibições mistas nessa galeria no decorrer da década seguinte.



PARIS Hemingway contou aos seus leitores canadenses sobre a grande colônia de aristocratas russos que fugiram da revolução e foram morar em Paris. Achava que eram encantadores, porém irritantes com o ar de esperança infantil e vã de que, de alguma maneira, a situação se resolveria sem que ninguém fizesse um esforço decisivo. As finanças deles eram um mistério, visto que poucos pareciam ter emprego e alguns viviam de forma absolutamente extravagante; sua fonte mais óbvia de sustento era a venda de joias e outros bens de família. Tantos badulaques russos eram vendidos nessa época que o preço das pérolas caiu. Hemingway temia pelo futuro desse povo.

26 DE FEVEREIRO

NÁPOLES Alguns minutos antes de a rampa de acesso ser recolhida, D. H. Lawrence e sua esposa, Frieda (von Richthofen, quando solteira), subiram a bordo do SS *Osterley* no porto de Nápoles. O destino final eram os Estados Unidos, onde pretendiam ficar permanentemente, mas a primeira parada da longa jornada era o Ceilão (hoje, Sri Lanka). Esse primeiro trecho da viagem, com parada em Porto Said, passando depois pelo canal de Suez, pelo monte Sinai e navegando através do mar Arábico, levaria 15 dias. Para Lawrence, foram dias de deslumbre sem precedentes que marcaram o retorno de sua habilidade de observação inocente.

Os Lawrence moravam na Itália desde novembro de 1919.⁷⁵ A guerra os deixou presos na Inglaterra — uma prisão que foi mais palatável graças aos seus encontros com outros escritores, artistas e pensadores: J. Middleton Murry e Katherine Mansfield; depois Eliot, Pound, Russell e outros. A saída da Inglaterra em 1919 foi o começo do que Lawrence às vezes chamava de “peregrinação selvagem”, um período de exílio e divagação imposto por ele próprio que duraria 11 anos, até sua morte precoce em 1930.⁷⁶

Apesar de manter-se ocupado a bordo do navio, Lawrence não estava muito preocupado com tarefas literárias, e cedeu inúmeras vezes à admiração e à satisfação das paisagens, dos sons e dos cheiros da viagem. Ruas entupidas de gente e cafés obscuros em Porto Said; filas de camelos vagando vagarosamente pelas margens do canal de Suez; peixes voadores que brilhavam sob a luz do sol conforme seguiam os rastros do *Osterley*. Lawrence também não se viu alheio aos outros passageiros. Ele e Frieda foram logo amigáveis com uma companheira de viagem australiana e extrovertida, Anna Jenkins, viúva e fã de Lawrence que os convidou para irem a Perth e ficarem hospedados com ela. Eles aceitaram a oferta e replanejaram a viagem subitamente, traçando uma versão pessoal da Grande Turnê que levaria o ano inteiro: Ceilão, Austrália, a viagem a São Francisco através do Pacífico, e depois a jornada por solo até Taos, Novo México.



LONDRES Eliot escreveu a Maurice Firuski, dono da Dunster House Press, em Cambridge, Massachusetts. Foi Conrad Aiken quem lhe contou sobre a editora durante um almoço em 14 de fevereiro; Aiken também mostrou uma das publicações recentes deles, *The Red Path, and the Wounded Bird* [O

caminho vermelho e o pássaro ferido] (1921), de John Freeman. Eliot ficou impressionado com a qualidade dessa edição e gostou da ideia de publicar *A terra devastada* de maneira similarmente elegante. “Meu poema tem 435 versos”, explicou ele para Firuski, “com certos espaçamentos essenciais ao sentido, 475 linhas de livro”.

Tenho uma boa oferta para publicá-lo em um periódico. Mas é, acredito eu, o melhor poema que já escrevi, e acho que causaria uma impressão muito mais distinta e atrairia muito mais atenção se fosse publicado em livro.

Firuski respondeu (em 11 de março) que geralmente pagava cerca de cem dólares por uma obra desse tipo, e disse a Eliot que, caso recebesse uma cópia do trabalho, chegaria rapidamente a uma decisão.



TRIESTE Stanislaus Joyce escreveu uma carta supostamente congratulatória ao irmão. Relutou em enaltecer o livro de James.

27 DE FEVEREIRO

PARIS Joyce deu uma cópia de *Ulisses* para Pound. A dedicatória dizia:

*Para
Ezra Pound
em sinal de gratidão
James Joyce
Paris
27 de fevereiro de 1922*



PARIS Radiguet compareceu a uma festa à fantasia — o “Bal des Jeux”. Sua roupa tinha tubos de argila com um alvo no centro; a ideia era vestir-se de tiro ao alvo. As fantasias de seus amigos seguiam a mesma ideia: Valentine Hugo foi de carrossel, Jean Hugo de mesa de sinuca, Jean Godebski de uma casa feita de cartas de baralho. Radiguet usou elementos dessa noite quando

escreveu *O baile do conde d'Orgel*.



NOVA YORK As primeiras duas partes de *Volta a Matusalém*, peça gigante de cinco atos não muito encenáveis de Shaw, estrearam na Broadway. As partes III e IV estrearam em 6 de março; a parte V, em 13 de março.



WASHINGTON, D.C. Um pedido de questionamento do direito de voto por parte de mulheres americanas — estabelecido pela recente 19ª emenda à Constituição de 1920 — foi rejeitado pela Suprema Corte.⁷⁷

⁴². Que havia se mudado pouco antes para a rue de l'Odéon, 12.

⁴³. Dois garçons, atraídos por todas as felicitações, perguntaram a Joyce se ele era o autor “desse poema”, e pegaram o livro emprestado por um minuto para se gabarem com o chefe.

⁴⁴. Não há dúvidas de que ter trabalhado pouco antes em traduções dos sonetos de Michelangelo teve uma influência, mas ainda assim...

⁴⁵. *Crepúsculo dos deuses* (1950), de Billy Wilder, cuja heroína obscura chama-se Norma Desmond, um eco abafado do nome do meio de William Desmond Taylor e do nome de seu amigo, ou amante, ou possível assassino, Mabel Normand.

⁴⁶. No fim do ano, segundo o *Daily Mail*, cerca de 65% dos cinemas americanos foram forçados a fechar as portas. Embora isso possa ser um pouco exagerado, não há dúvidas de que os cinemas correram perigo de entrar em uma queda inesperada, ao mesmo tempo que outras formas de entretenimento floresciam.

⁴⁷. Em 1945, o nome mudou para Motion Picture Association of America, e a empresa mantém esse nome até hoje.

⁴⁸. A censura aos filmes também existia em outro local em 1922 — no Reino Unido, por exemplo, onde o chefe do British Board of Film Censors definiu um sistema de classificação e uma série de princípios básicos com a intenção de uniformizar os padrões no país todo. A maior discussão do ano acerca da censura de filmes foi incitada pela versão cinematográfica da obra de Marie Stopes sobre a contracepção, *Amor e casamento*; o filme finalmente foi lançado com o título *Married Life* [Vida de casados].

⁴⁹. Mais tarde, a *Digest* se mudou para Chappaqua, Nova York.

⁵⁰. A circulação média atual ainda ultrapassa 7 milhões de exemplares por edição, e versões de franquias locais da revista prosperam em cerca de cem nações, incluindo a República Popular da China.

⁵¹. Mais tarde, ainda nesse ano, Fontainebleau serviria de base para outro guru da mesma época, George Gurdjieff.

[52.](#) Por pelo menos dois anos, Crowley usava quantidades gigantescas de heroína e cocaína. Sua dieta diária era algo na casa de três ou quatro doses pela manhã para tirá-lo da cama, seguidas de doses repetidas praticamente o dia todo, somando aproximadamente 25 miligramas. Adicionava duas ou três rodadas de cocaína a essa dieta todas as semanas. A indulgência prolongada em tal escala destruiu até a constituição formidavelmente forte de Crowley: em seus diários, reclama de vômitos, diarreia, insônia e coceiras persistentes em todo o corpo. A heroína afetou seu cérebro com a mesma intensidade: tornou-se apático, entediado diante de tudo, desistiu de fazer a barba e de tomar banho e perdeu o prazer, geralmente impetuoso, de comer e beber.

[53.](#) Era não apenas seu melhor traje, mas o único traje decente que tinha; ele o havia buscado recentemente na lavanderia, onde languescia desde 1914.

[54.](#) Décadas depois, quando Hemingway escreveu sobre seus momentos na rue de Fleurus, 27, em *Paris é uma festa*, já havia se decepcionado com sua tutora. No entanto, sua sensação de conforto físico e de veneração intelectual sobreviveu. Lembra-se dos chás, dos lanches deliciosos, dos licores de ameixa e framboesa; a coleção incomparável de pinturas modernas, começando com Bonnard, Cézanne e Renoir, terminando com Gris, Matisse e — acima de todos — Picasso. Os nus de Picasso, as paisagens ao modo cubista de Picasso, e o célebre retrato que Picasso fez da própria grande dama.

[55.](#) O fato de o compositor estar com uma infecção dolorosa no pé não ajudou sua dignidade; teve de aparecer no palco calçando uma única pantufa.

[56.](#) A outra grande obra literária de Mário de Andrade, *Macunaíma*, também foi chamada de *Ulisses* da América Latina, em parte por causa de seu retrato da vida na cidade moderna, em parte por sua preocupação intensa com a herança linguística mista do Brasil, com suas várias línguas indígenas em interação constante com a língua imperial, o português. Parte da complexidade do romance pode ser atribuída à posição social ambígua de Mário de Andrade: embora sua família fosse composta por proprietários afluentes de terras, ele era um mulato, e não um descendente branco europeu.

Suas primeiras incursões em busca de formas musicais indígenas foram realizadas com um mero caderno de anotações, e não muito além disso, porém mais tarde, quando se tornou professor de música e de estética no conservatório de São Paulo, usou equipamentos de gravação para construir uma vasta biblioteca dos sons da música nativa brasileira — uma empreitada comparável à de Alan Lomax na América do Norte. Apesar de a reputação de Mário de Andrade ter sido obscurecida nos últimos anos de sua vida, ela hoje se encontra reabilitada, e ele é reconhecido como um dos principais escritores do continente.

[57.](#) Segundo a definição de literatura modernista fornecida por Edmund Wilson em *O castelo de Axel*, e em outras fontes, uma característica que a maioria dos grandes autores do movimento compartilhava era uma dívida a Gustave Flaubert. Bertolt Brecht não se encaixa facilmente no mesmo cânone do modernismo, portanto é esperado que sua visão dos romancistas franceses seja bem diferente.

[58.](#) Com base nesse material, Rehm foi um escritor excepcionalmente desengonçado e pretensioso, e sua prosa era abarrotada de metáforas mistas: “Em geral, [Joyce] foi condenado (...) pelo elemento de moral elevada, porém sem percepção, de censura que reina com mão de ferro, aponta um dedão desalinhado e pegajoso para baixo diante de toda tentativa combatente de livrar-se das restrições sufocantes impostas por sua censura.” Em alguns momentos, sua crítica é quase sem significado: “Todas as fronteiras conhecidas que circundam o

hemisfério da literatura foram transpassadas com um sorriso cínico lançado à crítica mundana.”

59. Fez apenas mais dois curtas — *O aeronauta* (1923) e *The Love Nest* [O ninho de amor] (também em 1923; um filme que se perdeu) — antes de dirigir seu primeiro longa, *As três eras*, em 1923.

Depois disso, as obras imortais vieram rápida e fluentemente: *Nossa hospitalidade* (1923), *Sherlock Junior* (1924), *O navegador* (1924) ... e, em 1926, uma das maiores comédias do mundo, *A general*. Em 1929, já havia feito uma dúzia de filmes, quase todos bons, alguns sublimes. O fato de serem tão maravilhosamente engraçados às vezes distraía os espectadores, até os mais perceptivos, fazendo com que não percebessem o dom incrível de Keaton para a direção. O veredicto da posteridade foi mais astuto: uma pesquisa recente colocou Keaton em sétimo lugar em uma lista de melhores diretores.

60. Foi Harry Houdini, vejam só, quem lhe deu o nome “Buster” quando caiu, ileso, de um lance de escadas em um teatro aos 6 meses — ou, segundo uma versão mais plausível, aos 18 meses. Houdini presenciou a queda e disse: “Mas que *buster* de verdade!” — sendo que “buster” é um jargão do teatro para uma queda espetacular de bunda no chão.

61. Ele manteve uma foto de Arbuckle na parede até o fim da vida.

62. Sua estreia como escritor e diretor foi em *O grande sinal*, filmado em 1920, porém lançado apenas em 1921.

63. A era de ouro da arte de Keaton não sobreviveu à década de 1920, embora ele tenha vivido até 1966, adicionando dezenas de filmes, shows de rádio e televisão, roteiros e aparições públicas ao seu currículo. Perdeu e fez fortunas ao longo das décadas — o trabalho em televisão rendeu mais do que todos os seus filmes —, mas até o fim da vida, poucas de suas atuações foram duradouras, talvez salvo o camafeu de *Crepúsculo dos deuses*. O veredicto de seu biógrafo, David Robinson, é duro, porém justo: “Aos 33 anos, a carreira criativa de Keaton estava quase no fim.” No entanto, teve um último lampejo de triunfo. Para sua surpresa, foi chamado para participar de um filme curto, silencioso e um tanto aterrorizante chamado simplesmente *Film*. Essa obra estranha foi dirigida por um homem inexperiente de letras, Alan Schneider, e escrita pelo amigo e ex-secretário de James Joyce, Samuel Beckett.

64. Mais tarde, Aldington desenvolveu um ciúme amargo de Eliot; escreveu biografias de D. H. Lawrence e de T. E. Lawrence, a última extremamente hostil.

65. Esperava tê-los publicado em formato de livro a tempo para o festival, na Semana Santa de 1922, mas isso só aconteceu em 1931.

66. Talvez o fato mais importante seja que Lorca acreditava que os *cantadores* da Andaluzia eram, na verdade, médiuns espirituais por meio dos quais as pessoas expressavam seus terrores e desejos mais profundos; e ele se identificava com essa função de maneira apaixonada. Para usar termos antropológicos, Lorca via os *cantadores* como xamãs, e sentia o chamado dessa vocação ancestral. E apesar de a palestra não mencionar *duendes* de maneira explícita, é óbvio que ele estava prestes a compreender o significado desse termo perturbador e elusivo, sobre o qual escreveu um ensaio clássico em 1933. Para Lorca, *duende* (referindo-se estritamente a um tipo de fantasma) era um poder comunicativo misterioso, um tipo de inspiração dionisíaca, carregado de uma consciência aguçada das dimensões trágicas da vida. É a magia que se acumula dentro da pessoa que se apresenta perante um público, seja um poeta, um dançarino, um cantor ou um músico, e que conecta artista e espectador em uma união mística.

67. Uma das características que fazem com que a rebelião de Kronstadt seja tão particularmente triste é a conduta nobre e de teor suicida dos marinheiros rebeldes, que — caso tivessem se comportado como bolcheviques — poderiam ter vencido facilmente a batalha militar antes que Moscou tivesse a oportunidade de intervir. Suas demandas eram sãs e razoáveis — ainda eram socialistas, porém queriam uma forma modificada de socialismo, livre das atrocidades da Tcheka e menos ligada aos homens de poder em Moscou.

68. Na verdade, a NEP estava reintroduzindo uma medida de capitalismo dentro da Rússia, e a medida teve uma dimensão psicológica que foi tão valiosa à economia quanto qualquer uma das mudanças práticas.

69. O roteiro foi escrito por uma jovem, Francis Marion (1888-1973), que era, ao lado de Anita Loos e June Mathis, uma das três mulheres roteiristas mais bem-sucedidas de Hollywood no século XX.

70. O corte “bob” foi um sinal tão ressonante dos tempos que F. Scott Fitzgerald chegou a escrever um conto sobre a paixão de uma mulher por cabelos curtos.

71. A *shimmy*: a primeira música do estilo de dança *shimmy* foi lançada em 1917, mas já devia ter pelo menos uma década de vida nessa época. (Uma sugestão para as origens do nome é a corrupção do francês *chemise* — “camisa”, que é chacoalhada violentamente quando a dança é executada.) Mae West era uma das várias celebridades que diziam ter inventado a dança. A *bunny hug*: dança para casais; parece ter nascido na Califórnia, originalmente acompanhada por música *ragtime* clássica. A *black bottom*: de Nova Orleans; “Original Black Bottom Stomp” foi gravada em 1919. A *charleston*: ficou mais popular após ser apresentada em um palco em 1923, mas, assim como as outras danças, já devia ter cerca de dez anos de existência.

72. Por isso, bem no fim da era das melindrosas, as referências na mídia à eleição britânica de 1929 como a “eleição *flapper*”: a primeira em que mulheres britânicas com menos de 30 anos puderam votar, graças ao Ato de Concessão de Igualdade de 1928.

73. Em 15 de março, Faud I foi coroado rei do Egito.

74. Sua carreira sangrenta continuou a inspirar artistas populares durante várias décadas; a obra mais notável foi o filme *Monsieur Verdoux* (1947), de Charles Chaplin.

75. O casal se conheceu em março de 1912; Frieda, casada e com três filhos, era seis anos mais velha.

76. Em 3 de março de 1920, Lawrence havia encontrado uma linda casa setecentista de pedra, a Fontana Vecchia, perto de Taormina, na Sicília. Localizada em uma encosta acima do mar, a casa tinha dois terraços, uma horta e a *Fontana vecchia* em si — um chafariz antigo de água fresca que ainda funcionava —, e tudo isso por apenas trinta libras ao ano; em anos seguintes, Frieda diria que “viver na Sicília depois dos anos de guerra foi como retomar a vida”.

Mas a ilusão tranquilizadora da Sicília enquanto paraíso mostrou-se algo difícil de ser sustentado quando a política italiana ficou cada vez mais turbulenta e violenta. Em 18 de outubro de 1920, Lawrence declarou de maneira esquisita, embora perceptiva: “Acho que a Itália vai, inevitavelmente, revolver [sic].” Nenhum dos líderes italianos — Francesco Nitti, Giovanni Giolotti — foi capaz de conter uma inflação de aceleração selvagem, e apesar da rápida ascensão da libra diante da lira ter beneficiado os Lawrence, havia uma falta correspondente de bens para consumo. Foi a partir desse mundo nervoso e raivoso de uma

desgraça econômica iminente que a carreira política de Mussolini nasceu.

Perto do final de 1921, os Lawrence receberam uma carta de uma certa sra. Mabel Dodge Sterne oferecendo-lhes o uso gratuito de uma casa de adobe mobiliada perto de Taos, no Novo México, e prometendo também manter o fornecimento de todas as comidas, bebidas e produtos domésticos que fossem necessários.

Mabel Dodge Sterne, nascida em 1897, era uma americana formidável muito dedicada às Obras [conceito da teologia cristã; caridade] e às modas. Em 1918, firmou-se em Taos com o terceiro marido, Maurice Sterne, e ficou encantada com a cultura local do *Taos Pueblo* — uma tribo de cerca de seiscentas almas. Ela cismou que Lawrence era o escritor perfeito para imortalizar as maneiras desse povo, em processo de desaparecimento.

A oferta foi duas vezes mais atraente para os Lawrence. Estavam em um momento de baixa financeira e a ideia de receber moradia gratuita era tentadora. Mas ele também foi atraído pelo puro glamour do projeto, e contou a um amigo americano o quanto a oferta estava de acordo com seu antigo interesse pelo “indígena, asteca, México antigo...”. Decidiram aceitar a oferta quase instantaneamente; o único problema era arrumar transporte. Suas primeiras tentativas de reservar passagens direto para os Estados Unidos falharam e, enquanto procuravam rotas diferentes, Lawrence começou a se atrair pela ideia de um período de descanso antes de começar a vida nos Estados Unidos. Influenciado em parte pelos Brewster, amigos que haviam abraçado o budismo, acabou reservando duas passagens de segunda classe no SS *Osterley*. Custo: 74 libras por cabeça. Uma barganha para uma chance de renascer.

77. Várias mulheres na América do Norte e na Europa já haviam, na verdade, declarado sua emancipação pessoal, muito antes de a emancipação política formal se tornar realidade. Felizmente ou infelizmente, dependendo do ponto de vista, essa foi uma época em que as mulheres tiveram muito mais liberdade do que suas mães e avós sonharam. O final do século XIX e o começo do século XX testemunharam o nascimento da “Nova Mulher” — a mulher de Ibsen, digamos; insatisfeita com as recompensas tradicionais do casamento e dos filhos, com educação superior à que suas mães e avós receberam, começando a bater nas portas das profissões masculinas e, com frequência, apaixonadamente idealistas quanto aos males sociais. A “Nova” Nova Mulher foi uma feminista bastante diferente.

MARÇO

1º DE MARÇO

OXFORD Yeats escreveu a Olivia Shakespear sobre a Irlanda:

Teremos uma vida agradável e enérgica se o Tratado for aceito na eleição geral, e também teremos caos se for rejeitado. (Lady Gregory está ansiosa. São os homens jovens, os que ainda não lutaram, que rejeitam com mais veemência, diz ela.)

(...) Tenho muito pelo que lutar — uma Academia Irlandesa sendo fundada, e talvez um teatro do governo (...)



LONDRES Eliot escreveu um bilhete curto para seu amigo, o artista e escritor Wyndham Lewis: “Muito cansado e deprimido (...) a vida no geral tem sido horrível.”⁷⁸

3 DE MARÇO

ITÁLIA Fascistas ocuparam Fiume e Rijeka.



ESTADOS UNIDOS Dia de publicação de *Os belos e malditos*, de F. Scott Fitzgerald, pela Scribner. Os Fitzgerald, que viviam em St. Paul, voltaram a Nova York para celebrar, hospedando-se no Plaza e dando festa atrás de festa. Tinham bons motivos para a folia, pelo menos em termos financeiros: o romance vendeu 50 mil exemplares nos primeiros meses e Fitzgerald vendeu os direitos da obra para a Warner Brothers por 2.500 dólares.⁷⁹

Entretanto, um número surpreendente de críticos importantes ficaram impacientes com o livro. Não se tratava de um segredo que *Os belos e malditos* era, em sua grande parte, um relato autobiográfico do namoro e do casamento de Scott e Zelda — a capa do livro dava a dica, trazendo um casal jovem e bem-vestido que se parecia muito com

os Fitzgerald — e nem todo mundo ficou animado com os altos e baixos maritais dos dois. O crítico da *The Bookman* chamou o livro de “lacrimosamente sentimental”; outros disseram que era sem graça de maneira entediante, e até mesmo o leal Edmund Wilson, que havia gostado do livro quando ainda estava sendo feito, agora achava que carecia de disciplina e era decepcionante.

A crítica mais extraordinária veio da própria Zelda — o *New York Tribune* pagou-lhe 15 dólares, o primeiro pagamento de sua vida, por essa manobra publicitária. Ela descreveu o livro como “absolutamente perfeito” e declarou que todos deviam comprá-lo para que Scott pudesse lhe dar um anel de platina e o vestido de tecido banhado em ouro mais “fofo” do mundo, um retalho de apenas trezentos dólares. Mas ela também vetou uma das táticas mais dúbias de seu marido enquanto escritor de ficção: ele havia retirado partes substanciais dos diários e das cartas dela e colocado diretamente no romance, amiúde palavra por palavra. Visto que o tom de seu artigo foi bem irreverente, a maioria das pessoas não achou que estivesse preocupada com esse plágio doméstico; mas os que conheciam o casal perceberam a verdade, e a natureza fatídica, das reclamações dela.

Nessa época, Fitzgerald vinha trabalhando havia alguns meses em uma peça satírica originalmente intitulada *Gabriel's Trombone* [O trombone de Gabriel], cujo nome final foi *The Vegetable* [O vegetal], subtítulo *Or From President to Postman* [Ou do presidente ao carteiro]. O título foi inspirado no ensaio de Mencken “On Being an American” [Sobre ser americano], um ataque à tendência nacional de se conformar: “Eis aqui um país no qual é um axioma que um empresário seja membro da Câmara de Comércio, um admirador de Charles M. Schwab [um magnata do ramo do aço], um leitor do *Saturday Evening Post*, um jogador de golfe — em suma, um vegetal.”⁸⁰

A estada dos Fitzgerald em Nova York foi, de fato, uma farra alcoólica ininterrupta. Scott geralmente era animado e agradável nos primeiros estágios da bebedeira, mas era capaz de ser perverso conforme a bebida o tomava. Certa manhã, bem cedo, depois de uma noite na cidade, foi até o apartamento de Edmund (“Bunny”) Wilson, acordou-o e o convidou para dar uma volta no parque. Wilson se recusou. Declarou mais tarde que o rosto embriagado de Fitzgerald o assustou; parecia, disse Wilson, John Barrymore encenando a morte.

4 DE MARÇO

BERLIM A pré-estreia oficial de *Nosferatu* de F. W. Murnau aconteceu no Marmorsaal da Sociedade Zoológica de Berlim. Os convidados foram instruídos a se vestirem com roupas de época — para ser exato, no estilo “*Biedermeier*” formal que era popular entre as classes mais abastadas da Alemanha e dos Estados vizinhos entre cerca de 1815 e 1848.⁸¹ Apesar dos esforços dos criadores para esconderem esse fato, *Nosferatu* era uma nova narração, frouxa e não autorizada, do *Drácula* de Bram Stoker, sendo que a ação principal foi transferida para a Alemanha e os protagonistas receberam nomes novos: o conde Drácula de Stoker virou Graf Orlok.⁸²

Hoje, *Nosferatu* é considerado um dos maiores filmes de horror; talvez o maior de todos. O tributo mais clássico ao filme foi escrito pela crítica de cinema Lotte Eisner em seu estudo magistral *The Haunted Screen* [A tela assombrada]. Embora reconheça as evocações poderosas do mal sobrenatural no filme — “secas glaciais do ar vindas do além”, como coloca a autora em uma frase emprestada de outro autor —, ela se esforça para enfatizar a beleza excepcional do estilo cinematográfico de Murnau: “Em Friedrich Wilhelm Murnau, o maior cineasta que os alemães já tiveram, a composição cinemática nunca foi uma mera tentativa de estilização decorativa. Ele criou as imagens mais impressionantes e comoventes de todo o cinema alemão.”⁸³

Murnau fez a maior parte do filme em cenários externos — prática incomum no cinema alemão de então — e usou efeitos especiais com moderação. Parte da atmosfera perversamente estranha do filme pode ser fruto da influência de seu coprodutor e designer de produção Albin Grau, uma figura obscura que tinha conhecimento profundo do oculto.⁸⁴ As marcas características de Grau estão em toda a produção, desde os símbolos arcanos rabiscados nos documentos que Orlok estuda até o nome da empresa que produziu *Nosferatu*, a Prana Films — *prana* é a palavra em sânscrito que denota o sopro da vida. Infelizmente, o filme em si teve pouco tempo de vida no ano de estreia: Florence Stoker, a viúva enfurecida de Bram, processou a Prana por plágio e a lei determinou que todas as cópias do filme fossem destruídas. Algumas sobreviveram e apareceram no final da década de 1920 em Nova York.

Nosferatu também é, segundo os votos dos assinantes do International Movie Database [IMDb], o filme mais popular de todas as produções de 1922 dentre os cinéfilos do século XXI. A lista dos

primeiros trinta filmes dessa pesquisa levanta alguns resultados inesperados:

1. *Nosferatu* (dir: F. W. Murnau)
2. *Häxan — A feitiçaria através dos tempos* (dir: Benjamin Christensen)
3. *Dr. Mabuse* (dir: Fritz Lang)
4. *Robin Hood* (dir: Alan Dwan)
5. *Grandma's boy* [O menino da vovó] (dir: Fred Newmeyer)
6. *Número 13* (dir: Alfred Hitchcock)
7. *Sangue e areia* (dir: Fred Niblo)
8. *Esposas ingênuas* (dir: Erich von Stroheim)
9. *Fantasma* (dir: F. W. Murnau)
10. *Oliver Twist* (dir: Frank Lloyd)
11. *Terra em chamas* (dir: F. W. Murnau)
12. *Sherlock Holmes* (dir: Albert Parker)
13. *Esposa e mártir* (dir: Sam Wood)
14. *The Infidel* [O infiel] (dir: James Young)
15. *The Power of Love* [O poder do amor] (dir: Nat G. Deverich e Harry K. Fairall)
16. *Lure of Gold* [Delírio de ouro] (dir: Neal Hart)
17. *The Toll of the Sea* [O tributo do mar] (dir: Chester M. Franklin)
18. *A homicida* (dir: Cecil B. DeMille)
19. *Othello* (dir: Dmitri Buchovetzki)
20. *Monte Cristo* (dir: Emmet J. Flynn)
21. *Dr. Jack* (dir: Fred Newmeyer)
22. *Sodoma e Gomorra* (dir: Mihaly Kertesz)
23. *Der Sinn des Lebens* [O sentido da vida] (dir: Frederick Bureau)
24. *Die Gezeichneten* [Os marcados] (dir: Carl Theodor Dreyer)
25. *Shadows* [Sombras] (dir: Tom Forman)
26. *West of the Pecos* [Oeste de Pecos] (dir: Neal Hart)
27. *O cavaleiro sem cabeça* (dir: Edward D. Venturini)
28. *The Heart of a Texan* [O coração de um texano] (dir: Paul Hurst)
29. *Dusk to Dawn* [Crepúsculo ao amanhecer] (dir: King Vidor)
30. *Crainquebille* (dir: Jacques Feyder)

Essa pequena lista é suficiente para demonstrar que 1922 foi um ano memorável para o cinema, tanto em realização quanto em promessa. Três dos diretores na lista do IMDb — Murnau, Dreyer e Lang — hoje

são figuras canônicas do cinema europeu. Hitchcock, Von Stroheim e Cecil B. DeMille são figuras de mesma importância na história de Hollywood, ao passo que King Vidor e Allan Dwan continuam com uma legião de seguidores, e Jacques Feyder ainda é respeitado, apesar de visto com menos frequência.⁸⁵

A concentração da lista do IMDb em longas exclui uma das maiores diversões da época: o curta-metragem de comédia, tanto de personagens reais quanto animados. Dentre os mais populares estão os curtas-metragens, geralmente de duas bobinas, de Charles Chaplin (Cf. 2 de abril), de Buster Keaton e *A nossa turma*, de Hal Roach. O outro gigante da comédia da época era Harold Lloyd.⁸⁶

A ausência de títulos soviéticos nessa lista também pode parecer surpreendente: a década de 1920 não foi o período grandioso do cinema soviético? Sim, de fato, mas apenas se nos concentrarmos na segunda metade da década, a partir de — digamos — o lançamento de *O encouraçado Potemkin*, de Sergei Eisenstein, em 1925. O cinema, mesmo o tipo mais modesto, é um meio assustadoramente caro, e o estado desastroso da economia soviética no período imediatamente depois de 1917 fez com que a produção de filmes fosse impossível. Contudo, graças às reformas trazidas pela Nova Política Econômica (NEP) de Lenin, em 1921, os setores econômicos começaram a voltar à vida em 1922 e as câmeras voltaram a funcionar.⁸⁷

Uma figura domina o cinema soviético de 1922: Dziga Vertov, com seu documentário *A história da Guerra Civil*, e, mais importante, com sua série de documentários, a Kino-Pravda, 1-13.⁸⁸ Apesar de seu nome — ou pseudônimo⁸⁹ — não ser tão conhecido do público em geral tanto quanto os nomes de Eisenstein, Pudovkin, Kuleshev e companhia, a estatura heroica e pioneira de Vertov no mundo do cinema político vanguardista permanece quase incontestada — especialmente depois do final da década de 1960, quando foi adotado pelo grupo de cineastas de extrema esquerda (incluindo Jean-Luc Godard), que se uniram para fazer filmes revolucionários anônimos e coletivos sob o nome de Grupo Dziga Vertov.⁹⁰



LONDRES Em 1922, um jovem inglês virgem e rechonchudo chamado Alfred Hitchcock⁹¹ dirigiu seu primeiro filme. Vinha trabalhando como designer de

leiteiros nos estúdios Islington, propriedade da empresa norte-americana Famous Plauers-Lasky — uma divisão da Paramount. A primeira oportunidade de Hitchcock para trabalhar com atores foi quando Seymour Hicks, a estrela de uma nova comédia, *Always Tell Your Wife* [Sempre conte à sua esposa], teve uma discussão séria com o diretor Hugh Croise e fez com que ele fosse demitido. Hicks estava prestes a cancelar o filme inteiro quando “um jovem gordo encarregado do estoque no estúdio se voluntariou para me ajudar”. Gostou do rapaz, então prosseguiram como codiretores e fizeram o filme no tempo programado.

Em parte por causa desse pequeno triunfo, Hitchcock foi nomeado chefe de produção para dirigir um curta-metragem de comédia, que seria intitulado *Mrs. Peabody* ou *Número 13*; Ernest Thesiger e Clare Greet foram escolhidos como protagonistas.⁹² Hitchcock começou a gravar, mas achou que estava perdendo o controle da produção, visto que o estúdio esgotou seus fundos remanescentes para pagar dívidas. Embora Clare Greet tenha generosamente financiado alguns dias mais de gravação com suas próprias economias,⁹³ *Número 13* foi abandonado, e há quase certeza de que os rolos de filme foram destruídos, salvo algumas imagens. Hitchcock sempre disse que o filme nem era tão interessante.

O estúdio fechava gradualmente suas portas, e os principais diretores e atores estavam indo para Hollywood. Em pouco tempo, Hitchcock se viu sozinho com apenas alguns técnicos. O Islington virou uma loja de aluguel de figurinos, e a equipe que sobrou só trabalhava quando alguma companhia de fora precisava contratar seus recursos. Isso mudaria pouco depois graças a Michael Balcon, que pode ser descrito sem exagero como o salvador do cinema britânico da época.



5 DE MARÇO

LONDRES *The Observer* publicou a primeira crítica de peso de *Ulisses*, feita por Sisley Huddleston. “Nenhum livro foi esperado com mais ansiedade e curiosidade pelo círculo estranho e pequeno de amantes de livros e aficionados por literatura do que *Ulisses*, de James Joyce”, iniciou ele; e depois de certa enrolação, foi direto ao ponto: “O sr. James Joyce é um gênio.” O grosso de seu solidário artigo é voltado a enfatizar aos leitores do

Observer que Joyce é um escritor de alta seriedade, jamais um pornógrafo — embora adicione, “não posso, no entanto, acreditar que o sexo tenha um papel tão preponderante na vida quanto o sr. Joyce representa”. Huddleston também considerou que o solilóquio de Molly Bloom era “o mais vil, de acordo com padrões comuns, em toda a literatura”. Porém, no geral, julgou o livro uma realização magnífica:

Há frases em que as palavras são agrupadas com exatidão, tão podadas, tão tensas, tão perfeitas quanto podem ser. Há elipses ricas nas quais uma extensão grande de significado está concentrada em uma única frase precisa. Há um ponto de cor que dá brilho à página...

Foi uma reposta bem mais calorosa e apreciativa do que o pessoal de Joyce poderia sequer ter esperado, e sua publicação alavancou as vendas do livro; em um dia particularmente vigoroso, a loja de Sylvia Beach recebeu 136 pedidos da obra de Joyce.

6 DE MARÇO

NOVA YORK Babe Ruth assinou um contrato de três anos com o New York Yankees por 52 mil dólares ao ano.



LONDRES Os Eliot se mudaram temporariamente do Clarence Gate Gardens para o apartamento da Wigmore Street, 12, alugado por Lucy Thayer, que estava viajando; era prima de Scofield Thayer, velho amigo de Eliot em Harvard.⁹⁴ (As fofocas da época diziam que Lucy deu uma cantada bem constrangedora em Vivien Eliot, ajoelhando-se aos seus pés e proclamando seu amor eterno.) Dois dias depois, Eliot recusou a oferta de Scofield Thayer de publicar *A terra devastada* na *Dial* por 150 dólares.

8 DE MARÇO

LONDRES O místico e guru greco-armeno George Gurdjieff chegou à cidade. Seus objetivos eram estranhamente similares aos de Eliot naquela época;

queria ver lady Rothermere em busca de patrocínio para um projeto pessoal — no caso de Gurdjieff, a fundação de um instituto na França para seus ensinamentos. Assim como Eliot, foi um pretendente bem-sucedido; assim como Eliot, iniciaria sua nova empreitada no começo de outubro. Gurdjieff e seu discípulo, Ouspensky, tiveram um papel muito maior no modernismo literário do que vários relatos padrão do período indicaram. (Cf. 1º de outubro.)



OXFORD Yeats escreveu a Olivia Shakespear sobre *Ulisses*.

Estou lendo o novo Joyce — odeio quando me perco aqui e ali, mas quando leio na ordem certa, fico muito impressionado. No entanto, li apenas umas trinta páginas nessa ordem. Tem a nossa crueldade irlandesa e também o nosso tipo de força, e as páginas sobre Martello Tower são cheias de beleza. Uma mente cruel e brincalhona, como um gato rajado, grande e doce — conforme leio, escuto o relato do sargento rebelde em 98: “Ah, ele era um bom rapaz, um bom rapaz. Foi um prazer atirar nele.”

9 DE MARÇO

PARIS Hemingway escreveu ao amigo Sherwood Anderson enaltecendo *Ulisses* com fervor:

Joyce tem a droga do livro mais maravilhoso do mundo. Deve chegar a suas mãos em tempo. Enquanto isso, dizem que ele e sua família estão morrendo de fome, mas é possível encontrar esse pessoal todas as noites no Michaud’s, onde Binney e eu só temos dinheiro para ir uma vez por semana.

Gertrude Stein diz que Joyce a faz lembrar de uma senhora em São Francisco. O filho dessa senhora ficou rico em Klondyke e ela vivia por aí com os braços no ar dizendo “Ah, meu pobre Joey! Meu pobre Joey! Tem tanto dinheiro!”. Esses irlandeses dos infernos, eles têm de reclamar sobre alguma coisa, mas ninguém nunca ouve falar de irlandeses morrendo de fome.

Um comentário singularmente de mau gosto, ou singularmente

ignorante: Hemingway nunca ouviu falar da Grande Fome?



NOVA YORK *O macaco peludo*, a peça brutal de Eugene O'Neill, estreou no teatro de Provincetown, NY.⁹⁵ Ao todo, foram 127 apresentações e a maioria dos espectadores ficou entusiasmada. Esse nível de sucesso de bilheteria foi surpreendente, visto que a peça é quase totalmente sinistra — e as críticas foram longe de serem encorajadoras. A peça, um tipo de tragédia moderna, conta a queda do brutal e insensato Yank, um trabalhador das fornalhas de um transatlântico. Inicialmente orgulhoso de sua força física, Yank começa a se questionar quando uma jovem rica, aterrorizada com a aparência dele, chama-o de bruto — ou “macaco peludo”, como contam seus colegas de navio. Atracado em Manhattan, ele tem uma sequência de aventuras desagradáveis, incluindo um tempo na prisão e uma tentativa infeliz de encontrar solidariedade no IWW (Trabalhadores Industriais do Mundo). A peça termina com Yank tentando encontrar sua conexão espiritual — um macaco de verdade em um zoológico. Entra na jaula para dar-lhe um abraço e acaba sendo esmagado até a morte.⁹⁶

Apenas cinco dias depois disso, em 4 de março, outra peça de O'Neill, *The First Man* [O primeiro homem], estreou em Nova York. Devia ter sido um momento de triunfo para O'Neill, mas as críticas de *The First Man* foram péssimas e a peça seria cancelada depois de apenas 27 apresentações. No entanto, esse não foi o motivo principal da tristeza intensa de O'Neill nessa época. Sua mãe, Ella, morreu em Los Angeles em 28 de fevereiro; seu corpo, preparado de forma desajeitada pelos agentes funerários, cruzou o país e — uma coincidência que a maioria dos dramaturgos teria rejeitado como algo simbolicamente estranho — chegou à estação Grand Central na mesma noite em que *O macaco peludo* estreou.⁹⁷

Um amigo saiu do meio dos aplausos ensurdecadores quando a cortina caiu na estreia de *O macaco peludo* e encontrou O'Neill tão tomado pelo desespero que nem queria saber dos aplausos. Os dois caminharam pelo Central Park a noite toda, O'Neill desabafando sua tristeza e suas memórias — da dependência química da mãe, do alcoolismo do irmão, de toda a dor e a culpa e as tiranias da história da família O'Neill. Ao nascer do dia, estava exausto e cambaleou de volta ao hotel.

9-10 DE MARÇO

PARIS Pound escreveu a Thayer:

Temo que Eliot tenha se despedaçado de novo. Abuleia, simplesmente a impossibilidade física de correlacionar seus músculos o suficiente para escrever uma carta ou para se levantar e andar pela sala (...)⁹⁸

Seu poema é tão bom à sua maneira quanto Ulisses é à sua maneira — e existe uma escassez tão TOSCA de gênio, uma escassez tão TOSCA de trabalhos que se possa pegar e dizer “isto aqui se destaca e definitivamente faz parte da literatura”.

Pound também tentou recrutar Thayer à causa de salvar Eliot de seu emprego no banco e sugeriu várias possibilidades, incluindo “algum tipo de trabalho no Century ou no Atlantic [isto é, um trabalho editorial em um jornal literário de peso], ou talvez um cargo de professor em algum lugar”.⁹⁹

Três meses de folga e ele terminou aquele poema. Acho que [ele] estar no banco é o maior desperdício das letras, DO MUNDO. Joyce está bem, pelo menos agora tem uma renda estável, embora um pouco baixa. Seria um ÓTIMO salário se ele não tivesse dois filhos, não entendo por que ele fez isso.

10 DE MARÇO

BOMBAIM Às 10h30 da noite, uma viatura parou na rua a cerca de 70 metros da cabana de Mohandas Gandhi no retiro de Sabarmati, Bombaim, e um policial júnior foi enviado para explicar, de maneira cortês, que o líder indiano¹⁰⁰ devia se considerar preso por sedição e devia se apresentar assim que estivesse pronto. Gandhi liderou dez de seus seguidores em hino, passou pelo caminho, entrou no carro e foi levado para a prisão de Sabarmati. No primeiro interrogatório, na manhã seguinte, disse que tinha 53 anos e que sua profissão era “fazendeiro e tecelão”. Então, foi acusado de escrever três artigos sediciosos para a revista *Young India* em 19 de setembro de 1921, 15 de dezembro de 1921 e 23 de fevereiro de 1922.

O julgamento aconteceu na sede do governo em Ahmedabad. Em setembro de 1921, Gandhi havia abandonado de uma vez por todas seu

antigo figurino de sempre, jaqueta sem mangas ou colete e *dhoti* longo e esvoaçante, e havia adotado a tanga como vestimenta única; foi sua roupa durante o julgamento. Ambos os lados foram eloquentes. Longe de querer defender sua inocência, Gandhi disse que as acusações contra ele eram “totalmente justas... é inteiramente verdade, e não tenho desejo algum de esconder deste tribunal que pregar desafeto em relação ao sistema existente de governo se tornou uma paixão para mim”. Sendo assim, convidou o juiz a dar-lhe “a maior pena que pode ser infligida sobre mim”, ou a desistir. Prosseguiu, delineando todas as suas objeções ao regime britânico na Índia. Concluiu pedindo novamente pela pena mais severa.

O sr. Justice Broomfield, que presidia o julgamento, curvou-se perante o prisioneiro e deu-lhe a sentença. Seu argumento foi, à sua maneira, tão inconventional quanto o de Gandhi: era impossível, disse ele, “ignorar o fato de que o senhor é uma categoria diferente de qualquer outra pessoa que já julguei ou que irei julgar. Seria impossível ignorar o fato de que, aos olhos de milhões de nossos compatriotas, o senhor é um grande patriota e um grande líder. Até mesmo os que se opõem ao senhor na política o consideram um homem de altos ideais e de vida nobre e até santa”.¹⁰¹

Entretanto, disse ele, era obrigado a penalizar Gandhi com seis anos de prisão, adicionando que, depois, caso alguém achasse que cabia reduzir a pena, “ninguém ficaria mais contente do que eu”. Gandhi respondeu que considerava a sentença amena e que seu tratamento durante o processo foi impecavelmente cortês. Vários espectadores choraram quando Gandhi foi levado à prisão.¹⁰²

Essa amostra de força das autoridades britânicas é uma indicação da consciência cada vez maior por parte do Parlamento em relação à necessidade de ceder às exigências crescentes de uma autodeterminação indiana. Em 13 de março, sua alteza, o príncipe de Gales, futuro Edward VIII,¹⁰³ inaugurou a Academia Militar Indiana em Dehradun: uma medida para fazer com que o quadro de oficiais do Exército da Índia Britânica fosse mais integrado racialmente. É improvável que esse gesto tenha contribuído para adiar a ação inevitável em direção à independência.

LONDRES Virginia Woolf escreveu em seu diário:

Tenho visto pessoas — & pessoas. Eliot, Clive [Bell], Violet [provavelmente Violet Trefusis, 1894--1972, a escritora lésbica que foi uma das inspirações para o romance *Orlando*, de Woolf], — entre outras. Dentre elas, Eliot é quem mais me diverte — tornou-se maleável como uma enguia; sim, tornou-se positivamente familiar & jocoso & amigável, embora, espero, tenha mantido alguns traços de autoridade. Não devo bajular tanto. Está criando uma revista; vinte pessoas vão contribuir; Leonard & eu faremos parte! Então o que importa se K. M. [Katherine Mansfield] alça voos nos jornais & tem vendas estratosféricas?

Ela adiciona que Eliot “escreveu um poema de quarenta páginas, que vamos imprimir no outono. É sua melhor obra, diz ele”. Em uma veia mais alcoviteira, ela também comenta sobre a insistência de Clive Bell para que Eliot use pó violeta no rosto para se fazer mais parecido com um cadáver.

Ao mesmo tempo, divaga sobre a tristeza de E. M. Forster, que tinha acabado de acompanhar até a porta depois de uma visita breve. Ele estava de volta à Inglaterra havia uma semana e deixou Woolf impressionada por parecer quase paralisado de depressão.

Voltar a Weybridge, voltar a uma casa feia a um quilômetro e meio da estação, uma mãe velha, inquieta, detalhista, voltar depois de ter perdido o seu Rajah, sem um romance e sem o poder de escrever um — acredito que seja deprimente aos 42 anos. Deve-se contemplar a meia-idade dos homens com horror.

Durante as semanas seguintes, a depressão de Forster se aprofundou a ponto de ele mal conseguir ver as pessoas. Decidiu também queimar todos os seus contos “indecentes”.



LONDRES Eliot escreveu a Pound contando que havia mudado a epígrafe do poema — da citação de *Coração das trevas*, de Conrad, para uma de *Satíricon*, de Petrônio. Falou também sobre sua correspondência com Thayer,

dizendo que talvez tivesse aceitado o pagamento baixo de 150 dólares se Thayer tivesse sido mais cortês em sua abordagem. Explicou também que “já me resolvi com lady Rothermere sobre o periódico trimestral...”, que ela concordou em financiar por pelo menos três anos. Ele convidou Pound a contribuir com uma “Carta de Paris”, e qualquer um dos Cantos que quisesse submeter, e a começar a procurar contribuições possíveis das “melhores pessoas”.

No mesmo dia, Eliot escreveu ao influente crítico francês e *homme de lettres* Valéry Larbaud propondo que sua palestra sobre James Joyce¹⁰⁴ fosse publicada no primeiro volume do periódico: “No momento, não estou focando em um público grande, mas na parte mais esclarecida do público britânico — há, acho eu, pelo menos mil pessoas na Inglaterra que têm consciência do estado vil do jornalismo literário daqui.”

13 DE MARÇO

LONDRES Eliot escreveu uma carta importante em francês para Hermann Hesse (1877-1962). Explicou que havia deparado com *Blick ins Chaos* [Olhando para o caos], de Hesse, e gostaria de saber se uma ou duas partes do livro poderiam ser traduzidas para publicação no periódico trimestral. “Encontrei uma parte do seu *Blick ins Chaos* que ainda não chegou à Inglaterra, e gostaria de ajudar a disseminá-lo.”

Hesse era um antigo aprendiz do budismo e outras tradições espirituais orientais; sua publicação principal de 1922, a novela *Sidarta*, é um resumo de suas reflexões sobre o ensinamento budista.¹⁰⁵ Eliot também tinha um conhecimento considerável sobre o budismo e já havia se sentido tentado a adotar a religião. Há referências claras à sabedoria budista em *A terra devastada*, e alguns críticos leram o poema todo como essencialmente budista.



CEILÃO D. H. Lawrence também estava entrando em contato direto com o budismo. Depois de desembarcar do SS *Osterley* em 13 de março, os Lawrence foram recebidos pelo amigo americano Earl Brewster e o trio foi de trem até Kandy, no interior do país.¹⁰⁶ Logo após a chegada, participaram de um festival budista grande, o Perehera, que havia sido organizado para

comemorar uma visita de Edward, o príncipe de Gales.¹⁰⁷ Um espetáculo estonteante e enorme de elefantes gigantes, extremamente adornados, acompanhados pelo batuque de incontáveis timbalões e os cheiros tentadores de óleos, fumaças e tochas flamejantes de coco, o Perehera causou uma impressão profunda, quase esmagadora, neles. Lawrence escreveu sobre ele em várias cartas e em seu poema “Elephant”.¹⁰⁸

Não demorou muito para o desencanto se instalar. Lawrence rapidamente chegou à conclusão de que o budismo era uma fé estéril e perniciosa que negava a existência da alma. Desatento ao fato de que era a religião adotada por Brewster, foi rude e grosseiro em relação ao próprio Buda — “ah, quem me dera que ele se levantasse!”, berrou após ver mais uma estátua reclinada. Também foi rude em relação ao distanciamento budista diante do mundo: “Isso me afeta como uma piscina de lama sem fundo.” Quando chegava a um templo, recusava-se de maneira teimosa a seguir a etiqueta de tirar o chapéu e os sapatos, e ficava de pé do lado de fora, de chapéu e sapatos, declarando que não pertencia a tais lugares, nem nunca pertenceria. Pior: o clima implacavelmente quente e úmido do Ceilão acabou minando sua vontade poderosa e constante de trabalhar, e ele se deixou levar por fantasias hipocondríacas de que os raios ultravioleta estavam apodrecendo seu sangue, ou de que havia contraído malária de alguma forma. Mas não havia nada de hipocondríaco na contaminação estomacal que lhe deu três semanas de diarreia e agonia — a pior dor que ele já havia sentido. Ele não gostava da comida local, nem mesmo das frutas deliciosas, e perdeu uma quantidade assustadora de peso.¹⁰⁹

14 DE MARÇO

BOSTON Depois de uma bebedeira de seis dias, Harry Crosby finalmente se demitiu do odiado emprego no Shawmut National Bank.¹¹⁰ Nos primeiros meses de 1922, Crosby era bastante conhecido fora dos círculos da alta sociedade da Nova Inglaterra. Nasceu em uma das famílias mais abastadas dos Estados Unidos — seu tio era o financista J. P. Morgan, Jr. —, e mais tarde usou sua herança para financiar seus vários prazeres de maneiras que horrorizaram seus parentes mais puritanos. Entretanto, também era um jovem conspicuamente corajoso e de princípios, e havia se voluntariado para servir de motorista de ambulância na França antes de os Estados Unidos entrarem na guerra, alistando-se no exército americano mais tarde.¹¹¹

Em seu retorno aos Estados Unidos, fez um curso intensivo para veteranos em Harvard e depois ingressou, conforme esperava sua família, no mundo bancário. Achava o trabalho cansativo e sua tristeza se aprofundou quando, de maneira repentina e violenta, apaixonou-se por uma mulher casada seis anos mais velha, a sra. Richard Peabody — ou Mary, ou Polly, ou (mais tarde) Caresse. A família dele ficou horrorizada com o escandaloso caso extraconjugal e tentou forçar o casal a se separar. Em fevereiro de 1922, Polly cedeu aos pedidos de Harry e se divorciou do marido, mas não foi morar com ele nessa época. Novamente, a família de Crosby interveio, e J. P. Morgan conseguiu que ele fosse chamado para um novo emprego com a Morgan, Harjes et Cie em Paris. Crosby se mudou em maio ainda resoluto a tentar conseguir Polly. (Cf. 2 de setembro.)



PARIS Pound escreveu uma carta a Eliot, longa, raivosa e prolixa em algumas partes, esboçando sua posição geral. Não tinha o menor interesse na Inglaterra, nem em nenhum escritor ativo na Inglaterra, salvo o próprio Eliot. Desprezou os pagamentos oferecidos por suas contribuições, dizendo que eram mesquinhos até para os padrões da crítica literária em geral. Recusou-se categoricamente a ter qualquer relação com críticas que não garantissem dinheiro suficiente para resgatar Eliot do emprego no Lloyd's. Condenou todos os homens ingleses (e provavelmente as ladies, ou Ladies); tinha as dúvidas mais severas quanto ao caráter de lady Rothermere (que, presumiu corretamente com base em seu nome, havia se unido por matrimônio a “uma família que NÃO tem interesse em boa literatura”). E daí por diante. Por outro lado: “É claro que se lady R. está disposta a cooperar comigo em um esquema mais grandioso que o tire do banco, e que lhe permita dedicar todo o seu tempo à escrita, posso reconsiderar esses pontos.”

Terminou com um discurso violento e longo contra a Inglaterra, um lamento por todos os escritores que o país destruiu ou exilou — Landor, Keats, Shelley, Byron, Browning, Beddoes — e com uma enunciação inflexível das únicas condições sob as quais consideraria se tornar um colaborador. Em 18 de março, escreveu ao poeta e médico William Carlos Williams: “*Deer Bullll*:¹¹² a questão é que Eliot está no último suspiro. Teve um colapso. Temos de fazer alguma coisa rapidamente.”

15 DE MARÇO

PRAGA Franz Kafka leu o primeiro capítulo de *O castelo* para Max Brod. Continuou trabalhando no romance durante a primavera e o verão, abandonando-o no fim de agosto.

17 DE MARÇO

VIENA Wilhelm Reich (n. 1897), médico e psicanalista residente, casou-se com Anne Pink, estudante de medicina; a noiva tinha 20 anos, o noivo, 25. Reich completou sua formação médica em julho e montou um consultório particular de psicanálise, que administrou em conjunto com seus alunos mais avançados de medicina. Apesar de Freud — que Reich havia conhecido três anos antes — parecer ter aprovado Reich com carinho, e de ter permitido que começasse tratamentos ainda bem jovem, Reich ia se tornar um dos hereges freudianos mais estranhos e notórios, primeiro com suas tentativas de efetuar uma síntese entre ensinamentos marxistas e freudianos, e mais tarde — depois de fugir da Alemanha nazista e de se instalar nos Estados Unidos — com uma série de experimentos que pareciam ficção científica: máquinas para “fazer chover” e o “Acumulador de Orgônio”, uma caixa onde os que acreditavam nele se sentavam na esperança de aumentar seus níveis de energia cósmica.¹¹³



LONDRES O *Daily Herald* publicou uma crítica a *Ulisses* feita por George Slocombe. Adotou um tom jocoso, com referências bem-humoradas às ações legais contra a *Little Review* (“... uma tropa de seis policiais irlandeses grandões apareceu depois do café da manhã, como numa cena de filme, e foi logo reprimir...”) e aos esforços extensos de Joyce: “Até onde sei, o livro levou quase seis anos da vida do sr. Joyce para ser escrito, e vai levar quase seis anos das nossas para ser lido.” Depois de provar seu bom humor, Slocombe continuou, fornecendo uma sinopse admiravelmente concisa do dia de Bloom (não mencionou Dedalus — o retrato que o romance fornece do artista enquanto jovem vadio, que domina a primeira seção de *Ulisses*). Depois do muxoxo usual acerca da obscenidade, terminou em uma nota de extrema aprovação: “... O livro é um feito surpreendente, um feito que, uma vez experimentado e alcançado com competência, talvez nunca mais seja experimentado — o caminho de um átomo cósmico sob o céu durante um dia

e uma noite.”

20 DE MARÇO

BERLIM O abastado diplomata, editor, literato e autointitulado “cosmopolita” conde Harry Kessler¹¹⁴ escreveu em seu diário:

Jantei com os Einstein. Um apartamento silencioso e atraente na parte oeste de Berlim (Haberlandstrasse). Excesso de comida, num grande estilo que esse casal realmente amável, quase infantil, tratou com ar de gravidade. Entre os convidados, o imensamente rico Koppel, os Mendelssohn, Warburg, Bernhard Dernburg (com roupas surradas, como sempre), entre outros. Uma emanção de bondade e simplicidade por parte do anfitrião e da anfitriã impediu que até esse jantar-festa típico de Berlim fosse convencional, e transfigurou-o com um tom quase patriarcal e de contos de fada.

Eu não via Einstein e sua esposa desde a grande excursão ao exterior. Admitiram de maneira despretensiosa que a recepção nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha foram verdadeiros triunfos. Einstein fez uma deturpação ligeiramente irônica e cética da descrição, dizendo que não entende por que as pessoas estão tão interessadas em suas teorias. Sua esposa me contou que ele dizia o tempo todo que se sentia um enganador, um golpista que não conseguia dar o que queriam, fosse o que fosse.

Einstein então questionou Kessler cuidadosamente sobre as possíveis expectativas em relação a ele durante sua viagem iminente a Paris; disse querer usar a visita para promover melhores relações entre estudiosos na França e na Alemanha.¹¹⁵ Quando os outros convidados foram embora, Kessler ficou com os Einstein para conversar com calma, e admitiu que era capaz de perceber o significado das teorias de Einstein, mas não de compreendê-las profundamente. Gentil, Einstein ofereceu uma forma simples de entendê-las, imaginando uma bola de vidro sobre cuja superfície há “besouros” se movendo — uma superfície que, apesar de finita, é também sem limites...

Poucos dias depois, os Einstein partiram para Paris. Einstein havia sido convidado à cidade pelo físico francês Paul Langevin, professor

no Collège de France, para discutir seu trabalho com um grupo de matemáticos, físicos e filósofos. Mas era tão famoso nesse momento que, assim como no Reino Unido e nos Estados Unidos, seu projeto modesto logo gerou uma febre popular. Segundo o *Berliner Tageblatt* de 12 de abril:

Todos os jornais mostravam sua foto, uma literatura inteira acerca de Einstein havia surgido, ciência e arrogância honram o cientista moderno (...) ele virou a grande moda, acadêmicos, políticos, artistas, policiais, motoristas de táxi e batedores de carteira sabem quando Einstein dá uma palestra. Tout Paris sabe de tudo, e fala mais do que sabe sobre Einstein.



PARIS Marcel Sembat, crítico de arte e ex-patrocinador fervoroso do trabalho de Matisse, escreveu uma carta raivosa ao amigo em comum Paul Signac denunciando o empreendimento recente do pintor: “Ele desistiu, ele se acalmou, o público está do seu lado.” A causa imediata do nojo de Sembat foi a venda de *Odalisque à la culotte de satin rouge* ao Estado francês (mais exatamente, ao Musée du Luxembourg); foi a primeira vez que Matisse recebeu tal reconhecimento oficial, e para Sembat isso era o fim de sua carreira como artista sério.¹¹⁶

Conforme explica Hilary Spurling, a biógrafa de Matisse, sua reputação sofreu uma ruptura no começo da década de 1920. O antigo revolucionário continuou sendo picante demais para paladares mais conservadores — tão picante que em 1921, quando três de seus quadros foram exibidos em uma exposição em grupo no Metropolitan Museum de Nova York, seus trabalhos foram ridicularizados e chamados de “patológicos”; e quando o Detroit Museum of Art comprou seu primeiro Matisse, em 1921, os curadores tiveram de defender a aquisição escandalosa insistindo de maneira cômica que o pintor tinha uma casa arrumada e limpa, e hábitos absolutamente respeitáveis.¹¹⁷

Contudo, o que é um prato picante para uns pode ser um chocolate cremoso para outros. Em Paris, opiniões refinadas se viravam rápida e decididamente contra Matisse, em grande parte porque suas obras pós-guerra violavam um dos princípios mais estimados da Boêmia: muitos as achavam visualmente agradáveis, e estavam começando a vender

em grandes quantidades. Aos olhos de Matisse, os experimentos cromáticos que vinha desenvolvendo desde 1919 eram tão desesperadamente sérios quanto qualquer uma de suas fases anteriores, mas o ar divertido de erotismo, e as sugestões a aventuras deliciosas em haréns, deram-lhes uma qualidade fatalmente comercial. É uma história moderna familiar: os fãs vão contra o antigo ídolo e o acusam de vender a alma a Mamom. Não espanta que Matisse tenha reclamado tanto de uma solidão intensa durante esses primeiros anos em Nice.



PARIS Joyce escreveu ao irmão contando que havia recebido a visita de Desmond Fitzgerald, um ministro no novo governo do Estado Livre Irlandês, e que Fitzgerald queria propor que a Irlanda nomeasse Joyce para o Prêmio Nobel da Literatura. Joyce refletiu e achou pouco provável que essa jogada lhe assegurasse o prêmio — era mais provável que Fitzgerald fosse expulso de seu cargo.

21 DE MARÇO

IRLANDA Yeats mandou um cartão-postal para a esposa, que pediu que ele se pronunciasse contra a violência: “Não pude fazer nada nesse redemoinho de ódio...”

22 DE MARÇO

PARIS Pound escreveu para H. L. Mencken a carta que se tornou célebre e definiu uma era: “A Era Cristã acabou à meia-noite de 29 para 30 de outubro do ano passado. Você agora está no ano I p. s. U [*post scriptum* Ulisses], se é que isso lhe traz algum conforto.”

Comentou também que “Shaw me escreve duas vezes por semana reclamando do preço alto de *Ulisses*”.



NOVA YORK O brilhante e profundamente excêntrico físico Nikola Tesla, nascido na Sérvia, deu entrada no pedido de patente intitulado “Improvements in Methods of and Apparatus for the Production of High

Vacua” [Melhorias nos métodos de e nos aparatos para a produção de altos vácuos].¹¹⁸

23 DE MARÇO

ESPANHA Rudyard Kipling chegou a Algeciras para o começo de um feriado prolongado na Espanha — “a terra oriental mais próxima que conheço”, como chamava carinhosamente. Estava cansado e com a saúde debilitada.¹¹⁹ Parte da sua exaustão podia ser culpa da labuta árdua para a Imperial War Graves Commission [Comissão Imperial das Sepulturas de Guerra] — dentre outras contribuições, havia escrito anonimamente um discurso importante para ser declamado pelo rei George V em cemitérios na França e na Bélgica durante a turnê de maio de 1922; escreveu também um poema longo, “The King’s Pilgrimage” [A peregrinação do rei], sobre essas cerimônias memoriais.¹²⁰ (Cf. 15 de maio.)

Na Espanha, recebeu a companhia do jovem George Bambridge, que havia servido com Jack Kipling na Guarda Irlandesa, e que logo se tornou um filho postico para Rudyard.¹²¹ Parece possível que Bambridge tenha organizado um dos encontros literários mais improváveis desse ano, entre Kipling e o jovem poeta e dramaturgo Federico García Lorca. Nessa época, Lorca gostava de andar com um grupo de escritores e aspirantes que se chamava de Rinconcillo, usando o Café Almeida na Plaza del Campillo, em Granada, como local de reuniões regulares.

25 DE MARÇO

LONDRES O *Daily Express*, um jornal conservador de grande circulação, publicou sua crítica de *Ulisses*. O veredicto, como se esperava, foi negativo. Sob o título “Uma folia irlandesa: e algumas melindrosas”, S. P. B. Mais escreveu:

Nossa primeira impressão é de total desgosto; a segunda, de irritabilidade porque nunca sabemos se o personagem está falando ou meramente pensando; a terceira, de tédio perante a enrolação contínua em cima de obscenidades (nada enjoe mais o apetite de um leitor com tanta rapidez quanto a indecência).

Ler o sr. Joyce é como fazer uma excursão à Rússia

bolchevista: todos os padrões são descartados.

Até os leitores mais conservadores de Joyce no século XXI tenderiam a concordar que a difamação “bolchevista” diz muito mais sobre o crítico do que sobre o romance.



PARIS Hemingway reportou uma agitação causada pelo Prêmio Goncourt dado a *Batouala*, um romance de René Maran: “Um negro.” Maran havia sido implacavelmente atacado por seu retrato do imperialismo francês, e particularmente por um prefácio ao romance que descrevia como comunidades africanas pacíficas de cerca de 10 mil pessoas haviam diminuído para menos de um décimo do tamanho original.¹²²

Hemingway não tinha dúvidas quanto às qualidades literárias da obra de Maran:

Você sente os cheiros do vilarejo, come seus alimentos, vê o homem branco como o homem negro o vê, e depois de ter vivido no vilarejo, você morre nele. É tudo o que há na história, mas quando a lê, você visualiza *Batouala*, e isso faz com que seja um grande romance.

26 DE MARÇO

ALEMANHA A Ópera de Frankfurt encenou três dramas musicais de ato único do violinista e compositor ainda relativamente obscuro Paul Hindemith (1895-1963): *Mörder, Hoffnung der Frauen* (Assassinato, esperança de mulher; escrito em 1919), o cenário de uma peça curta do pintor Oskar Kokoschka; *Das Nusch-Nuschi* (O Nusch-Nuschi; escrito em 1920), “uma peça para marionetes de Burma” do escritor expressionista Franz Blei sobre um personagem mulherengo que acaba punido com uma castração; e *Sancta Susanna* (escrito em 1921), adaptado de uma história de August Stramm sobre uma freira tarada que arranca a tanga do Cristo crucificado.¹²³

A noite foi, de longe, o evento mais comentado na mídia em toda a carreira de Hindemith até então, e gerou um progresso profissional. O escândalo o ajudou a virar uma espécie de herói dentre o grupo de jovens intelectuais, que o aplaudiu na mesma proporção em que a

velha guarda permanecia hostil.¹²⁴ O ano de 1922 também foi de alta produção, até mesmo para o prolífico Hindemith, que conseguiu produzir nada menos que 11 obras completas, incluindo seu primeiro balé, *Der Damon*; *Kammermusik No. 1*, que usa modismos do jazz; a Sonata para Solo de Violino; a *Suíte 1922* para piano; e o começo de seu maior ciclo de músicas, *Das Marienleben* (A vida de Maria; concluído em 1923), uma exploração de suas raízes na polifonia do começo do século XVIII.¹²⁵

27 DE MARÇO

PARIS Centenário do nascimento de Henri (mais conhecido como Henry) Murger, cuja coleção altamente influente de histórias, *Cenas da vida boêmia* (escrito em 1845-1846; publicado em 1851), ajudou a disseminar no mundo as formas irresponsáveis, rebeldes, empobrecidas e hedonísticas do povo parisiense — e, para muitos, profundamente atraentes.¹²⁶ O centenário de Murger instigou uma onda de especulação e comentários. Seus admiradores fizeram cerimônias em seu túmulo no cemitério de Montmartre, e perante seu busto nos Jardins de Luxemburgo. A imprensa parisiense se encheu de artigos sobre Murger e *la vie de Bohème*. O evento também inspirou diversos livros, publicados no decorrer de cerca de um ano, sobre heróis da Boêmia: Verlaine, Alfred Jarry e outros. O tom geral dessas publicações era nostálgico: o mito do artista que lidava com dificuldades entre ladrões e prostitutas havia perdido sua sedução; os dias de glória ficaram no passado; a Boêmia romântica, o país dos jovens, estava morta e finda.

Esses obituários não poderiam ter encontrado um momento pior para acontecer. Nos anos seguintes, o influxo massivo de norte-americanos “artísticos” e outros estrangeiros em boa situação financeira (atraídos a Paris pelo câmbio favorável, pela Proibição, pelo “*Babbitt*” — o filistinismo quadrado, materialista e complacente satirizado no romance aclamado de Sinclair Lewis, *Babbitt*, de 1922 — e pela potência da fábula de Murger) fez com que a cidade ganhasse notoriedade como lar de um novo avatar esplêndido do espírito boêmio.



LONDRES Eliot tornou a escrever para Hermann Hesse agradecendo pelo

manuscrito de um ensaio sobre “Recent German Poetry” [Poesia alemã recente]; traduzido por F. S. Flint, o ensaio apareceria no primeiro número do periódico trimestral de Eliot, o *Criterion*.



30 DE MARÇO

LONDRES O ensaio de Eliot, “Credit and the Fine Arts... a Practical Application” [Crédito e as Belas-Artes... uma aplicação prática] foi publicado no jornal de artes e política influente e vanguardista de A. R. Orage, *The New Age*. Girava principalmente em torno do projeto *Bel Esprit* — a iniciativa caridosa de Pound para arrecadar dinheiro dos apoiadores de Eliot e tirá-lo do emprego exaustivo no Lloyd’s Bank.

31 DE MARÇO

PARIS Jean Hugo escreveu em seu diário que tinha acabado de ir a Fontainebleau, acompanhado de Georges Auric, para ouvir Radiguet ler em voz alta o que parecia ser a seção final de *Com o diabo no corpo*. A história na íntegra é um pouco mais complexa.

O que aconteceu foi que Cocteau mostrou o trabalho inacabado de seu protegido ao editor Grasset, que teve a certeza de que seria um best-seller e pagou uma bela quantia a Radiguet pelos direitos. Imediatamente, o jovem comprou para si um sobretudo caro de pelo de camelo, uma mala igualmente cara feita de pele de porco e outros presentes; depois, foi para Fontainebleau para compor a conclusão necessária. Mas Cocteau — sofrendo de dores no nervo ciático — ficou profundamente decepcionado com o trabalho negligente que Radiguet lhe entregou e disse para o jovem que parecia um dever de casa feito às pressas. Radiguet ficou furioso e jogou as páginas no fogo. Contudo, ele se arrependeu no dia seguinte e deu razão a Cocteau. Assim, Cocteau levou Radiguet para Chantilly, onde — segundo ele — literalmente trancafia o jovem rapaz em um quarto de hotel até que tivesse escrito uma seção final satisfatória.



PARIS Einstein fez a primeira de suas quatro famosas palestras no Collège de France, delineando os conceitos básicos de suas teorias da Relatividade. Falou em francês, sem anotações e cuidadosamente evitando fazer comentários sobre assuntos não científicos, ciente de que havia um número pequeno, porém potencialmente perigoso, de patriotas franceses que estavam indignados porque um boche recebeu uma plataforma tão distinta, e tão perto do fim da guerra.

L'Humanité reportou que:

Todos tiveram a impressão de estarem na presença de um gênio sublime. Conforme víamos o rosto nobre de Einstein e escutávamos seu discurso lento e doce, foi como se o pensamento mais puro e mais sutil estivesse se desvendando perante nós. Um calafrio nobre nos fez estremecer e nos elevou para além da mediocridade e da teimosia da vida cotidiana.

78. A segunda (e última) edição do jornal de Lewis, *The Tyro*, apareceu em março, com a ajuda de um subsídio de 25 libras do amigo Edward Wadsworth.

79. Mas, quando ele assistiu ao filme naquele mesmo ano, ficou chocado: “De longe, é o pior filme que já vi na minha vida — barato, vulgar, malconstruído e fajuto. Morremos de vergonha dele.”

80. A peça finalmente estreou em 10 de novembro de 1923 em Atlanta. Foi um desastre terrível: os espectadores ficavam tão entediados que começavam a conversar em alto tom, e várias pessoas simplesmente iam embora. A peça foi encerrada depois de uma semana — a primeira prova real de fracasso para Fitzgerald. Isso o forçou a parar de beber por certo tempo e a escrever durante 12 horas por dia, semana após semana, para tirar a família da dívida.

81. A estreia aberta ao público aconteceu 11 dias depois, em 15 de março, no Primus-Palast, em Berlim.

82. Aliás, foi *Nosferatu* que estabeleceu uma convenção de que vampiros são destruídos pela luz solar: o conde de Stoker podia circular à luz do dia sem problemas.

83. Bem colocado, apesar de a maioria dos espectadores terem sido capturados, e ainda serem, pela aparência do protagonista, Orlok, encenado pelo incrível Max Shreck, que — mesmo considerando o trabalho da equipe de maquiagem — deve ser o protagonista mais estranho e feio de todo o cinema. Revoltante de tão magro e careca, com seu nariz curvado e unhas grandes, caninos de roedores e olhos penetrantes e insanos, Shreck/Orlok ainda consegue causar tremores com uma mera aparição.

84. Ele dizia ter presenciado um incidente real com um vampiro durante o serviço militar.

85. Algumas omissões notáveis no top 30 de 1922 do IMDb são: *Nanook, o esquimó*, de Robert Flaherty, *One Exciting Night* [Uma noite animada], de D. W. Griffith, dirigido por Louis Delluc, e *When Knighthood was in Flower* [Quando a

cavalaria floresceu], estrelando Marion Davies.

86. Embora Stan Laurel e Oliver Hardy tenham aparecido juntos pela primeira vez nas telas em 1921, em *O cão da sorte*, só viraram a dupla imortal “Stan e Ollie” [O Gordo e o Magro] em 1927.

87. As produções dramáticas notáveis desse ano foram: *The Exile* [O exílio] (dir: Vladimir Baroky), *Uma tristeza infinita* e *O fazedor de milagres* (dir: Aleksandr Panteleyev), *No turbilhão da revolução* (dir: Aleksandr Chargonin) e *A fortaleza de Suramis* (dir: Ivan Perestiani), apesar de apenas a última dessas produções ter angariado alguma reputação fora dos círculos de especialistas.

88. A tradução literal de Kino-Pravda é “cinema-verdade”.

89. “Dziga Vertov” era o nome de guerra de Denis Abelevich Kaufman (1896-1954) e uma tradução aproximada é “pião”.

90. Além da série Kino-Pravda, a obra mais duradoura de Vertov é *Um homem com uma câmera*.

91. Nascido em 1899, era apenas um ano mais velho do que o século.

92. Não se sabe muito mais sobre o filme, exceto que parece ter sido gravado em um dos Peabody Estates de caridade, que forneciam acomodações decentes aos pobres de Londres.

93. Foi um gesto fútil, mas Hitchcock nunca esqueceu sua gentileza; retribuiu escolhendo-a para atuar em vários filmes quando se tornou um diretor de sucesso.

94. Ficaram no apartamento até o fim de junho.

95. Foi transferida depois para o teatro de Plymouth.

96. *O macaco peludo* já foi encenado inúmeras vezes desde então, com Paul Robeson como protagonista em uma delas, e foi adaptado para o cinema.

97. Anos depois, O’Neill usou essa experiência horrível em *A Moon for Misbegotten* [Lua para o ilegítimo].

98. Pound achou a palavra “abuleia”, do grego que significa “sem vontade”, em suas leituras da teologia e do misticismo. Com escrita adaptada para “abulia”, o termo ainda é usado por neurologistas.

99. Pound aponta com irritação que “alguma droga de faculdade deu ao FROST um emprego sem encargos”; a faculdade era a Universidade de Michigan, que empregou Robert Frost de 1921 a 1923.

100. Desde 1920, foi membro e depois presidente da Liga de Autogoverno de Toda a Índia.

101. De fato. Os seguidores de Gandhi vinham chamando-o pelo termo honorífico de “Mahatma” — “Grande Alma” — desde que voltou da África do Sul para a Índia em 1914.

102. Naquela ocasião, ele cumpriu apenas dois anos da sentença.

103. Que logo seria visto por D. H. Lawrence em Ceilão (Cf. 13 de março).

104. Apresentada pela primeira vez na Maison des Amis des Livres em dezembro de 1921.

105. *Sidarta* tornou-se um best-seller proeminente e um tipo de Bíblia do movimento hippie das décadas de 1960 e 1970, quando sua tradução inglesa vendeu mais de um milhão de cópias.

106. Leonard Woolf havia sido administrador colonial em Kandy em 1907-1908; achou o país “arrebataadoramente bonito”.

107. O príncipe de 28 anos lhes pareceu magro e nervoso.

108. A sensação de estarem chocados e desorientados não diminuiu nem quando foram para o bangalô dos Brewster, que tinha vista para o lago Kandy, pois o

barulho da vida selvagem — víboras deslizando, pássaros grasnando, macacos tagarelando — fez com que o universo parecesse estar explodindo de vida frenética ao redor deles, de dia e durante as noites quentes e sem sono. Particularmente ao meio-dia, reportou Lawrence, o calor terrível era como estar em uma prisão, ou preso sob uma redoma. E no entanto, assim como Leonard Woolf anteriormente, eles também estavam encantados com a beleza intensa do lugar; por duas semanas, Lawrence desfrutou das caminhadas longas com o conde Brewster pela selva, visitando templos budistas e observando elefantes transportando madeira.

109. No começo de abril, estava tão debilitado que teve de tomar medidas de emergência. Usando mil dólares em royalties norte-americanos, reservou passagens no SS *Orsova*, que sairia de Colombo em 24 de abril e atracaria em Fremantle, no Oeste da Austrália, em 4 de maio. A “peregrinação selvagem” estava em curso mais uma vez.

110. Na época de sua morte por suicídio, em 1929 — um evento frequentemente tomado como um símbolo do fim da Era do Jazz —, Crosby era uma das figuras mais notórias da boemia americana expatriada: um hedonista rico, extravagante e nada contido, um mulherengo, conhecedor de ópio e outras drogas; mas também um poeta e, como fundador e editor da Black Sun Press, o responsável por exemplares rebuscados de muitos dos maiores escritores da época — Pound e Joyce, Hemingway, Hart Crane, entre outros.

111. Em reconhecimento de sua bravura, o governo francês o condecorou com a Croix de Guerre, o que o fez um dos americanos mais jovens a receber a honra.

112. O apelido do nome William é Bill; Pound troca uma letra e chama o amigo de “Bull”, que significa “touro”. Mantendo a brincadeira no reino animal, em vez de chamá-lo de “Dear” (querido), troca uma letra novamente e escreve “Deer”, que significa “veado”. (N.T.)

113. Ridicularizado pela ciência ortodoxa e caçado pela FDA [Food and Drug Administration — Agência de Medicamentos e Alimentação] e outras instituições governamentais com ferocidade incomum, para não dizer indevida, Reich morreu sob custódia da polícia em 1957, aparentemente de ataque do coração. No entanto, teve um tipo de vingança póstuma sobre seus perseguidores, visto que seus livros foram largamente publicados e lidos nas décadas de 1960 e 1970, e ele passou a ser considerado um visionário, um herói e um mártir tanto pela Nova Esquerda quanto pelos tipos contraculturais mais indefinidos. Sua influência na cultura popular foi mais notável do que na medicina e na ciência.

114. O conde Harry Kessler (1868-1937) conhecia várias figuras proeminentes de seu tempo. Em 1922, representou a Alemanha na conferência de Gênova. Sua Cranach Press, fundada em 1913, produziu edições limitadas lindíssimas de textos clássicos. Em 1933, quando Hitler subiu ao poder, ele fugiu da Alemanha e viveu como exilado em Paris até sua morte.

115. Revelou também que planejava aceitar convites para participar de palestras na China e no Japão no final do ano.

116. Sembat poderia muito bem ter mudado de opinião quanto aos novos estilos de Matisse se os tivesse visto mais, porém faleceu de infarto em setembro de 1922; sua esposa se matou com um tiro 12 horas depois. Sua coleção substancial de primeiros Matisses foi para um museu em Grenoble — na época, a única grande galeria que demonstrou interesse.

117. É verdade, embora completamente irrelevante, que Matisse trabalhava durante longuíssimas horas, e que geralmente vivia com frugalidade notável.

118. Apesar do título modesto, esse artigo foi submetido a um exame detalhado anos depois, durante a Guerra Fria, quando Estados Unidos e União Soviética colocaram seus cientistas para trabalharem no desenvolvimento do velho recurso das aventuras de ficção científica, um “Raio da Morte”. No mundo real, a pesquisa não resultou em nada; mas no mundo da cultura popular, o mito de que Tesla havia de fato desenvolvido tal arma de raio mortal foi reciclado dezenas, talvez até centenas de vezes.

119. Todos os seus dentes haviam sido extraídos no ano anterior e ele estava sofrendo de dores crônicas no estômago, que no final do ano seriam tão severas que demandariam uma grande cirurgia.

120. Kipling estava desgastado pelas dificuldades de completar sua história oficial em dois volumes sobre a Guarda Irlandesa do Exército Britânico, o regimento onde seu filho Jack serviu e morreu na Batalha de Loos, em 1915. Depois de vários esboços substanciais, ele achou que tinha finalmente terminado a fase dos manuscritos no Ano-Novo de 1922, mas uma necessidade de mais revisões o fez retornar ao material inúmeras vezes até 27 de julho. A história, publicada em 1923, ainda é considerada uma das obras mais refinadas do gênero.

121. Dois anos depois, em 1924, George se casaria com Elsie Kipling e de fato se tornaria o genro de Rudyard.

122. Uma das pequenas estranhezas do caso foi que o próprio Maran, que estava a serviço da França na África Central na marcha de dois dias desde o lago Tchad, ainda não sabia que havia recebido o Goncourt.

123. *Das Nusch-Nuschi* já havia criado um escândalo local anos antes, mas o público do Stuttgart Landertheater reagiu com choque, não tanto por causa da violência da cena da castração, mas pelo fato horrendo de Hindemith ter montado a cena como pastiche de *Tristão e Isolda*, de Wagner. A música sagrada estava sendo profanada! Os membros da orquestra não se importaram nem um pouco com a provocação a Wagner; acharam-na divertida.

A mídia conservadora se ergueu com o mesmo esplendor depois da performance de Frankfurt, chiando de tanto ultraje. “Um caso perverso e inteiramente imoral”, bramiu o crítico do *Zeitschrift für Musik*, que estava indignado tanto pelo que tinha visto no palco quanto pelo fato de grande parte do público ter claramente gostado daquelas obscenidades.

124. Em um concerto logo após esse, em Heidelberg, a performance de Hindemith tocando sua nova sonata para violino foi atacada e vaiada por grande parte do público, mas os alunos locais o aplaudiram, o ergueram sobre os ombros e o carregaram ao bar favorito deles, o Goldener Hecht. Havia um piano acabado e velho em um canto, e Hindemith encantou os jovens com seu truque para festas — tocando como se seus braços fossem nadadeiras de uma foca, com as mãos esticadas, e improvisando paródias maldosas de Liszt, Chopin e Wagner para a diversão prazerosa de todos.

125. Anos mais tarde, Hindemith passou a desgostar das três operetas que deram início à maquinaria da fama e rejeitou-as como meras composições de aprendizado.

126. Sua gangue particular se autodenominava os “Bebedores de água” — nome escolhido em parte por sarcasmo, em parte para insistir na pobreza genuína dos membros.

O livro de Murger foi a fonte, dentre outras obras duradouras, do *La Bohème*, de Puccini; o personagem Rodolphe era um autorretrato aproximado. A “Boêmia”, país de jovens artistas lutando com dificuldades financeiras, tornou-se

rapidamente um dos mitos mais potentes do século XIX.

ABRIL

1º DE ABRIL

LONDRES “Aramis”, crítico do *Sporting Times* conhecido também como *Pink ‘Un*, começou seu texto sobre *Ulisses* de maneira agressiva:

Depois de uma leitura um tanto chateante [sic] do *Ulisses* de James Joyce, publicado em Paris ao custo de três guinéus em francos e destinado a assinantes, percebo ao menos uma razão para a existência da Sociedade da América Puritana para a Prevenção do Vício, e entendo por que os juízes ianques multaram os editores da *Little Review* em cem dólares pela publicação de um capítulo muito repugnante desse troço de Joyce, que parece ter sido escrito por um lunático pervertido que se especializou em literatura de latrina...

O crítico prossegue no mesmo viés: “Os assuntos principais do livro são suficientes para deixar um hotentote enjoado”; “glorificação de mera sujeira”; “nauseante de maneira suprema”... e no entanto, admitiu Aramis com um tom entre desaforo e descrença, “há um número considerável de intelectuais de Nova York que declaram que Joyce escreveu o melhor livro do mundo”.

Enquanto isso, Joyce tinha outras coisas além de críticas hostis para deixá-lo infeliz.

Nora partira com os filhos para a Irlanda, via Londres. Joyce se opôs amargamente à viagem. Chegaram a Londres no dia 2 e deram entrada no Hotel Bonnington na Southampton Row.¹²⁷ Após dez dias em Londres, foram para Dublin, onde se encontraram com o tio de Nora, Michael Healy (um oficial do porto de Galway), e com o pai de Joyce; depois, partiram para Galway, onde Healy os abrigou em sua casa na Dominick Street.

Em Paris, Joyce estava inquieto: “E você realmente acha que eles estão seguros?”, perguntou ao amigo e financiador americano Robert McAlmon. “Você não sabe como isso está me preocupando. Fico apreensivo o dia inteiro e isso não é bom para os meus olhos.” Para Nora, escreveu: “Sou como um homem olhando para uma piscina

negra”, e implorou que retornasse.

Um pouco depois de Nora chegar a Galway, os confrontos entre as forças do Estado Livre e as forças do Exército Republicano Irlandês começaram. Quando os combatentes decidiram usar o quarto da família como posto de tiro, Nora entrou em pânico, o que é compreensível. Joyce, mais angustiado do que nunca, conseguiu um avião pequeno para buscá-los em Galway, mas Nora estava assustada demais para esperar e botou as crianças rapidamente a bordo do trem para Dublin. Quase imediatamente, o trem foi alvo de tiros. Nora e Lucia se jogaram no chão, mas Giorgio, com teimosia, ficou sentado. Outro passageiro, um idoso que também ficou sentado, fumou seu cachimbo e perguntou a Giorgio: “Você não vai se abaixar?”

“Não”, disse Giorgio.

“Você está certo. Eles nunca atiram direito. E de qualquer modo, as pistolas deles não funcionam muito bem.”

Funcionando ou não, os Joyce chegaram a Dublin com segurança.¹²⁸



GALWAY No começo de abril, Yeats se estabeleceu na sua torre — Thoor Ballylee, conforme rebatizou o local. “Thoor é a palavra irlandesa para torre, e vai impedir que as pessoas suspeitem que somos góticos modernos e um campo de caça.”

Tudo o que podemos ver das nossas janelas é lindo e silencioso, e tem sido assim; no entanto, a 3 quilômetros perto de Coole, os Black and Tans¹²⁹ açoitaram rapazes e depois amarraram-nos aos seus caminhões e os arrastaram pela estrada até que seus corpos ficassem em pedaços. Pergunto-me se a literatura vai mudar muito depois desse evento extremamente significativo, o retorno da maldade.

2 DE ABRIL

HOLLYWOOD A First National lançou *Dia do pagamento*, um curta-metragem de duas bobinas de 28 minutos estrelado, escrito e dirigido por Charles Chaplin. Foi o último filme que fez nesse formato, e possivelmente era o favorito de Chaplin dentre seus curtas-metragens.

No final de 1922, Chaplin (1889-1977) tinha 33 anos e havia feito 71 filmes. Era milionário; cofundador da United Artists; e, desde cerca de 1915, provavelmente um dos homens mais famosos do mundo, exceto na Rússia (onde, até então, apenas os intelectuais privilegiados — incluindo Einstein — o conheciam e apreciavam), na Colômbia, na Iugoslávia e na Alemanha.¹³⁰ Em 1921, precisando de um descanso após sete anos de trabalho intenso, Chaplin tirou férias extensas, que o levaram de volta à sua Inglaterra nativa. Lá, foi cercado por multidões de adoradores e cortejado pelos grandes. Depois, foi a Paris, onde mais uma vez foi cercado por multidões de admiradores.¹³¹

O cinema deu ao mundo um tipo inteiramente novo de vida enquanto sonho consciente: heróis e vilões imaginários, amigos e amores, inimigos e terrores, por vezes vivenciados de forma mais intensa do que as coisas reais. Chaplin, especialmente encarnando “O Homenzinho” e “O Vagabundo” (personagem visto pela primeira vez no curta-metragem da Keystone, *Kid Auto Races in Venice*, lançado em fevereiro de 1914), não era apenas conhecido por quase todo mundo; era amado por quase todo mundo.¹³²

“Charlot” (como seus amigos franceses o chamavam) era tão importante aos poderosos quanto aos destituídos de poder. Desde cerca de 1916, virou um lugar-comum para os intelectuais se referirem a Chaplin como um grande artista, um poeta, um gênio — o único gênio a ser produzido pelo cinema, declarou Shaw.¹³³ Para os que tinham interesse em acompanhar, Chaplin estava estabelecido não somente como um intérprete cômico versátil, mas como um diretor que possuía um talento como o de artistas como D. W. Griffith.¹³⁴ Algumas pessoas ainda acham que ele é o melhor de todos os diretores.

Uma indicação do tipo peculiar de celebridade que Chaplin foi é o fato de ter conhecido várias figuras proeminentes neste livro, e de ter se tornado amigo íntimo de muitas delas: Einstein e Eisenstein, Stravinsky e Schoenberg, H. G. Wells e John Maynard Keynes (Chaplin se considerava meio que um economista), Gertrude Stein e Winston Churchill, Picasso e Aragon, Claude McKay e Gandhi, Aldous Huxley e Sinclair Lewis, Nijinsky e Diaghilev, Valentino, Bertolt Brecht e Eugene O’Neill (que virou seu sogro).

O ano de 1922 viria a ser um momento de virada na carreira de Chaplin. Ele lutava contra as exigências de seu contrato com a First National e estava ansioso para fazer seu primeiro filme para a United Artists. Também queria fazer seu primeiro filme sério, e no final do

ano ele já havia iniciado *Uma mulher de Paris*. Então, negociou com a First National, que acabou concordando em abrir mão dele assim que entregou o curta-metragem *Dia do pagamento* e uma comédia mais longa, *O peregrino*.¹³⁵

Pouco menos de uma semana depois do lançamento de *Dia do pagamento*, Chaplin começou a gravar sua produção final na First National, *O peregrino*. Nessa aparição final, ele não seria nem o Vagabundo, nem o Homenzinho. No roteiro original, ele era um condenado em fuga que rouba as roupas de um missionário e é confundido com um padre jovem que vem trazer justiça à cidade fronteiriça pecadora de Heaven's Hinges. Bem inocente; mas no clima amargamente anti-Hollywood dos meses que se seguiram ao escândalo de Arbuckle e ao assassinato de William Desmond Taylor (Cf. 2 de fevereiro), até mesmo uma sátira branda contra o clero era um caminho arriscado para cineastas. Sendo assim, Chaplin o reescreveu, abrandando os elementos satíricos. Não foi o suficiente. Quando o filme foi lançado, em fevereiro de 1923, foi tachado de um “insulto ao Evangelho”, e as igrejas demandaram que fosse retirado de circulação.

A onda de protestos não foi um desastre para Chaplin, e alguns de seus maiores triunfos — *A corrida do ouro* e *Luzes da cidade* — ainda estavam por vir. Contudo, foi o primeiro sinal claro de que o público que o havia adorado incondicionalmente até então talvez não fosse sempre tão caloroso.

3 DE ABRIL

MOSCOU Joseph Stalin, 43 anos, foi nomeado secretário-geral do Partido Comunista. Um dos momentos mais fatídicos da Revolução Russa, e, de fato, do século XX. Foi a abertura do caminho para o futuro papel de Stalin como ditador supremo.¹³⁶

Em 1912, o “maravilhoso georgiano”, como Lenin o chamou, foi recrutado para o Comitê Central do Partido Comunista. Depois do colapso da monarquia Rumanov em fevereiro de 1917, tornou-se uma parte essencial da comitiva de Lenin.¹³⁷ Mas Stalin já tinha planos a longo prazo. Consolidou sua reputação de assassino em massa adentrando a cidade de Tsaritsyn, na região do Baixo Volga, a bordo de um trem blindado munido de quatrocentos Guardas Vermelhos. Qualquer um que levantasse suspeita de ser simpatizante da

contrarrevolução era baleado. Ele também prendeu um grupo dos homens de Trotski, colocou-o em uma barca no rio Volga e afundou a embarcação. Foi nesse momento que formulou uma de suas ideias políticas centrais: “Sem homem, sem problema.” Ou: na dúvida, mate.¹³⁸

Em 1920, a Revolução ainda estava à beira do colapso. Tanto camponeses quanto trabalhadores resistiram às forças de Lenin com greves e levantes. As novas estruturas governamentais que Lenin rapidamente uniu nesse período foram projetadas como medidas emergenciais para impedir o desastre. Ele mesmo governava o país como primeiro-ministro e presidente do Conselho de Comissários do Povo, e orquestrou a nomeação de Stalin para secretário-geral, um posto que vinha com um poder extensivo, incluindo autoridade militar. Lenin em breve se arrependeria amargamente dessa medida.



LONDRES Eliot escreveu ao poeta T. Sturge Moore — amigo próximo de W. B. Yeats e irmão do filósofo consagrado George Moore — convidando-o a enviar um trabalho para o periódico — “eu gostaria de começar a publicação em junho, mas não tenho certeza se será possível antes do outono...”.

No mesmo dia, escreveu a Alfred Knopf oferecendo a oportunidade — sob os termos do contrato que assinou na época de *Poemas* — de publicar *A terra devastada*. Eliot explicou que já havia sido contatado por Liveright, que ofereceu 150 dólares pela publicação do poema no outono, e que estava ansioso para que a obra fosse impressa o mais rápido possível. Knopf respondeu graciosamente em 1º de maio dizendo que Eliot tinha a liberdade, caso quisesse, de dar prosseguimento à oferta de Liveright, e que esperava ansiosamente para ver o próximo livro em prosa e estudar sua publicação.

5 DE ABRIL

PARIS Pound escreveu a Wyndham Lewis: “Se não há trinta ou cinquenta pessoas interessadas em literatura, não há civilização, e podemos muito bem considerar o nosso trabalho um luxo privado sem objetivos, a não ser o nosso próprio prazer.”

7 DE ABRIL

PARIS “Le Corbusier” — nome adotado pelo pintor, escritor e arquiteto Charles-Edouard Jeanneret (1887-1965) na edição de outubro de 1920 de sua própria revista, *L’Esprit Nouveau* — escreveu uma carta, metade vaidosa, metade cuidadosa, ao amigo e mentor ético William Ritter: “Uma encarnação nova parece surgir para Le Corbusier: prospectos reluzentes... na arquitetura, sucesso completo: estou sozinho em minha categoria... sucesso *d’esteeem* [sic] na imprensa e em outros lugares, em Paris e no estrangeiro.”¹³⁹

Succès d’estime, talvez. Sinais mais concretos de sucesso eram relativamente escassos, conforme admitiu sua reflexão ensimesmada: “Aos 35, você já é velho o suficiente para receber crédito, mas é uma idade em que há de se produzir.”¹⁴⁰

8 DE ABRIL

LONDRES O autor anônimo de uma coluna, “Diary of a Man About Town” [Diário de um homem sobre a cidade], no *London Evening News*, notou a chegada à cidade de um livro chamado *Ulisses*, “que não tem nada a ver com Homero”: “À primeira vista, o livro em si, com sua capa azul, não parece muito mais do que uma lista telefônica.” O tom da escrita era moderadamente acolhedor, apesar de, assim como outras críticas em jornais, lamentar as obscenidades: “É uma pena que o sr. Joyce, que pode ser um autor admirado universalmente, restrinja o apelo de sua obra a tantas expressões no estilo de Zola, que são no mínimo deformadoras.”



LONDRES Lydia Lopokova (nascida em 1º de outubro de 1892), que até poucas semanas atrás era uma grande estrela do Ballets Russes, começou uma correspondência de longo prazo com seu novo amante, o economista John Maynard Keynes (nascido em 5 de junho de 1883), que tinha acabado de sair da Inglaterra para participar de uma conferência de economia em Gênova como correspondente especial para o *Manchester Guardian*. Ele tinha 38; ela, 29.

O casal se conheceu no outono ou no inverno de 1918, possivelmente bem cedo, 10 de outubro, na casa dos Sitwell. Certamente se encontraram no final de dezembro, quando Lydia

escreveu a Maynard um bilhete educado de duas frases agradecendo por um livro. É provável que não tenham se encontrado de novo até, no mínimo, maio de 1921.¹⁴¹ Maynard não ficou impressionado inicialmente, nem pelo talento dela, nem pelo seu charme, e comentou com um amigo de maneira deselegante que “ela é uma dançarina péssima — tem um traseiro muito duro”.

Em abril de 1921, Lydia dançou para Diaghilev em *O pássaro de fogo*, *Petrushka* e *Les Sylphides*, em Paris. Em maio de 1921, a companhia se transferiu para Londres, onde ela assumiu papéis adicionais em *Parade*, *O príncipe Igor* e *A boutique fantástica*. Londres se enlouqueceu pelo balé, os shows foram sucessos esmagadores, e Lydia — “a Lopokova popular” — era a estrela mais requisitada da cidade. Encorajado por esse sucesso, Diaghilev decidiu montar uma produção pródiga de *A bela adormecida*, com Lydia alternando com Nijinska no papel de Fada Lilás, e ocasionalmente tomando o papel principal de princesa Aurora.

A bela adormecida a princípio foi bem, mas o público logo começou a diminuir. Maynard, já apaixonado pela sua dançarina, aparecia no teatro dia após dia para ficar olhando, conspicuamente, das cabines cada vez mais vazias. A produção acabou se encerrando em 4 de fevereiro de 1922, repleta de dívidas; Diaghilev fugiu para Paris em pânico, deixando a maioria de seus artistas presos em Londres. Mas, nessa época — provavelmente perto do Ano-novo —, Lydia e Maynard já eram amantes. O romance deles, portanto, começou quando a carreira dela teve fim; ela nunca mais conseguiu um papel principal ou um contrato de longo prazo.

Conforme notou o editor das correspondências entre eles, o ano de 1922 marcou uma virada nas vidas tanto de Lydia quanto de Maynard. Cada um à sua maneira, os amantes buscavam segurança e paixão. Lydia certamente era a mais miserável dos dois — refugiada, divorciada de um casamento infeliz e encarando uma possível destituição. Maynard, embora já formando uma figura impressionante no palco do mundo, era solitário e descontente. Desde o fim de seu caso com Duncan Grant, em 1908, entregou-se a uma série de encontros homossexuais de curta duração. A maioria de seus amigos do Bloomsbury discordava fortemente do romance com Lydia, mas ele os ignorou com determinação.

Mesmo nesse estágio inicial do relacionamento apaixonado, Maynard hospedou Lydia em quartos do número 50 da Gordon Square,

onde Vanessa Bell e outros viviam; Keynes morava no número 46, quando não residia no King's College, em Cambridge. Os dias incríveis de Lydia com Diaghilev podiam ter acabado, mas agora ela dançava para Massine em um número de montagens insignificantes em Covent Garden, das quais a mais distinta foi *Ragtime*, de Stravinsky.

Lydia escrevia a Maynard quase todos os dias da conferência de Gênova, reportando os eventos pequenos de sua nova vida em Londres e reagindo aos artigos dele no *Manchester Guardian*. O inglês dela, apesar de rico em vocabulário, ainda era um tanto excêntrico:

Levo vida simples de homem trabalhador, e você — você sai nas noites pra casas de jogatina?

Suas expressões no final me dão uns tremores bons.

Ontem de noite ri tanto que achei que não ia conseguir parar — Massine enquanto dançava perdeu meio da camisa, colarinho, chapéu, quando vi isso imediatamente pensei que ter um desastre decididamente engraçado é perder as calças dele.

Coloco toques melodiosos em você todo. Maynard, você é muito querido.¹⁴²

Convencida de que o gênio de Keynes era mais do que capaz de resolver os problemas do mundo, ela insistiu que ele ficasse na conferência o máximo que pudesse. Keynes era mais pessimista e, após cumprir o combinado de cobrir os procedimentos durante três semanas, voltou para a Inglaterra no fim do mês.

10 DE ABRIL

CHINA Começo das hostilidades na Primeira Guerra Zhili-Fengtian pelo controle de Pequim. Foi um dos vários conflitos entre as facções militares rivais na chamada Era dos Senhores da Guerra no começo da República da China, entre 1916 e 1928. Essa guerra curta acabou em 18 de junho de 1928 com a rendição do exército Fengtian e a queda de seu líder, Zhang Zoulin.



ITÁLIA O evento econômico chave do ano, a conferência de Gênova, aconteceu no salão nobre do Palazzo San Giorgio; delegados de 34 nações se reuniram para debater e negociar os termos da economia mundial no pós-guerra.

Ernest Hemingway estava presente como repórter e enviou vários artigos — alguns com apenas um parágrafo, outros com algumas páginas — entre 10 de abril (“Canada’s Recognition of Russia” [Reconhecimento da Rússia por parte do Canadá]) e 13 de maio (“Lloyd George’s Magic” [A mágica de Lloyd George]). Começou em estilo vívido: “Gênova está lotada, uma Babel moderna com um corpo de intérpretes suados tentando unir as perspectivas de quarenta [sic] países diferentes. As ruas estreitas fluem com multidões mantidas em ordem por milhares de tropas italianas...” A razão das tropas, explicou em um outro texto, era o medo de que a presença da delegação soviética provocasse revoltas comunistas e anticomunistas.¹⁴³

Foi durante essa conferência que Hemingway aprendeu a arte da telegrafia — espremendo o máximo de informações possíveis no menor número de palavras. Lincoln Steffens, um colega jornalista, registrou ter visto Hemingway olhando fixamente para um artigo recentemente enviado e ficando maravilhado com suas próprias novas habilidades: “Sem sobras, sem adjetivos, sem advérbios — nada além de sangue, ossos e músculos. É incrível. É uma nova linguagem.” Depois de sua experiência em Gênova, acreditava Steffens, o estilo de Hemingway mudou de uma vez por todas.



LONDRES Em 10 de abril, Vivien estava de volta a Londres depois de um de seus frequentes descansos restauradores. Estava exausta por causa da jornada, que aconteceu em trens lotados, e tinha febre de 37,5°C.

16 DE ABRIL

ITÁLIA Foi desvelado ao mundo que a República de Weimar reconheceu oficialmente o novo regime russo no Tratado de Rapallo.¹⁴⁴ Walter Rathenau, ministro das Relações Exteriores, supervisionou os procedimentos. O efeito foi dramático. No dia 18, Hemingway descreveu o alarme e o horror com que os italianos viram esse tratado, assinado por Rathenau e pelo enviado soviético, Tchitcherin. Os franceses ficaram igualmente perturbados, e a Grã-

Bretanha, representada por Lloyd George, disse de maneira fatídica que isso só podia ser compreendido como um primeiro passo em direção a uma aliança entre soviéticos e alemães. A conferência de Gênova ficou às margens da dissolução, visto que a França ameaçou retirar-se imediatamente, exigindo que Lloyd George pressionasse Rússia e Alemanha a renunciarem o tratado.

Todo o primeiro dia da conferência, reportou Hemingway, foi marcado por uma explosão apaixonada por parte do chefe da delegação francesa, M. Barthou, que insistiu que a França nem começaria a discutir a questão do desarmamento; Tchitcherin então se levantou e insistiu que a questão era central aos procedimentos. Os franceses pareciam estar a ponto de se retirarem em protesto quando Lloyd George conseguiu acalmar o orgulho ferido de ambos os lados. Hemingway concluiu seus relatórios do mês com avaliações pessimistas das performances tanto dos russos quanto dos alemães.

No exterior, o tratado foi recebido com reações que iam de apreensão a horror absoluto. Mas enquanto algumas nações ocidentais tinham dúvidas quanto ao prospecto de uma aliança entre Alemanha e Rússia, elementos da direita alemã acreditavam que certos diplomatas estavam planejando secretamente uma submissão da Alemanha à regra bolchevique — uma suspeita que logo seria fatal para Rathenau.



LONDRES Eliot escreveu ao estudioso e diplomata Sydney Waterlow (1878-1944); ele fazia parte do comitê editorial do *International Journal of Ethics* e havia pedido que Eliot escrevesse críticas ocasionais: “Parece-me não muito válido dizer algo sobre *Ulisses* por pelo menos seis meses — até que todos os imbecis que gostam e desgostam da obra por motivos pouco sinceros tenham se exaurido.”

Quatro dias depois, em uma carta ao romancista, patrono das artes e grande apoiador de Proust Sydney Schiff (1868-1944; cf. 2 de maio), Eliot declarou: “[estou] quase pronto para me livrar totalmente da literatura e me aposentar; não vejo por que ficar lutando para sempre contra o tempo, a fadiga, a doença e a falta ou o reconhecimento completos desses três fatos.”



COREIA Na etapa seguinte de sua viagem pelo Extremo Oriente, o príncipe de Gales visitou o Seinendan, o jovem grupo paralimitar japonês, na Coreia ocupada pelo Japão.



PARIS Man Ray escreveu ao amigo Ferdinand Howald sobre seus últimos experimentos com a fotografia:

Talvez você fique triste ao saber disso, mas finalmente me libertei do meio pegajoso da tinta e estou trabalhando diretamente com a luz. Descobri uma nova maneira de gravá-la. Os objetos nunca foram tão próximos da própria vida quanto no meu novo trabalho.

Referia-se à sua invenção mais recente, a “rayografia”, que vinha desenvolvendo durante o inverno de 1921-1922. Tristan Tzara foi a primeira pessoa para quem mostrou essas obras inovadoras, e ele ficou animado com o que viu. Elogiou-as de maneira extravagante em alguns poemas em prosa, assim como em breve faria o protossurrealista Robert Desnos. (Cf. 28 de novembro.)

20 DE ABRIL

CAMBRIDGE Ainda chocado com a morte violenta de seu pai,¹⁴⁵ Vladimir Nabokov retornou a Cambridge para seu último período letivo. Desde que a família foi levada ao exílio, ele passou a achar a chegada da primavera comovente, quase de maneira intolerável, visto que era nessa época do ano, assim que os pés de lilás começavam a florescer, que ia para a fazenda dos Nabokov em Vyra, perto de São Petersburgo. Nessa primavera, ele estava quase louco de tristeza e buscou refúgio no trabalho árduo para os exames finais, estudando intensamente por 15 ou 16 horas ao dia, permitindo-se poucas diversões.

Mesmo assim, a primavera ensolarada de Cambridge tinha seus próprios consolos de beleza natural, e ele algumas vezes se permitia o luxo de ler suas anotações de aula fora do quarto, em um barco atracado sob os salgueiros do rio Cam. E havia uma fonte nova de prazer literário: certo dia, Peter Mrosovsky, um amigo imigrante como ele, entrou correndo em seu quarto com um exemplar de *Ulisses*,

fresquinho de Paris. Mrosovsky começou a andar de um lado para outro lendo passagens alegremente, em especial do solilóquio de Molly Bloom.¹⁴⁶

22 DE ABRIL

LONDRES John Middleton Murry publicou sua crítica de *Ulisses* no *The Nation and Atheneum*. Começou de forma desdenhosa em relação à declaração de Valéry Larbaud de que “com esse livro, a Irlanda reintegra de maneira sensacional a alta literatura europeia”: “Europeia! Ele [Joyce] é o homem com a bomba que lançaria o que sobrou da Europa pelos ares.” Para Murry, a posição de Joyce é essencialmente a de um anarquista, e o alvo principal de sua campanha é a inibição:

Ulisses é fundamentalmente (embora seja muito mais do que disso) uma autolaceração imensa e prodigiosa, o afastar-se de si mesmo de um homem genial e semidemente, das inibições e limitações que se tornaram carne de sua carne.

Confessando que depois de 15 dias lutando com o texto ele ainda estava perplexo, Murry, não obstante, admitiu que o romance era um tipo de obra-prima: “Essa palhaçada transcendental, esse brotar repentino da *vis comica* em um mundo onde a incompatibilidade trágica entre prático e instintivo é encarnado, é uma grande realização.”



LONDRES Aproximadamente às 14h30, Martin Bateson, o jovem aspirante a dramaturgo — filho do grande biólogo de Cambridge William Bateson¹⁴⁷ —, foi para o meio da rua em Piccadilly Circus, entre a estátua comumente chamada de “Eros” e a Regent Street; um táxi desviou dele. Com um floreio teatral, tirou uma luva branca da mão direita, colocou a mão no bolso, pegou uma pistola automática calibre .25, colocou o cano atrás da orelha direita e puxou o gatilho.

Foi levado às pressas para o Hospital Charing Cross, onde morreu uma hora depois, sem retomar a consciência. Faria 23 anos dali a quatro meses. Os tabloides ficaram animados. O *Weekly Dispatch* disse

que esse foi “provavelmente o suicídio mais dramático e deliberado já visto em Londres”. O *Daily Mirror* usou o retrato do cadáver como pôster para a edição seguinte.

O que estava por trás desse suicídio? Simbolismo privado, por um lado: Martin encenou sua morte na data exata de nascimento de seu irmão mais velho, John, 22 de abril de 1898, às 14h30; John, que recebeu a *Military Cross*, uma condecoração por heroísmo em batalha, foi assassinado em um bombardeio no último dia da guerra. Como admirador fervoroso de William Blake, ele também estaria atento ao significado de abraçar a morte perante a estátua de Eros — ainda mais porque a causa imediata da infelicidade suicida foi a rejeição da mulher que amava, Grace Wilson, uma atriz nada sofisticada de 19 anos. Mas houve outras forças que se uniram para aprofundar o desespero.

Martin havia seguido o pai às ciências, e até se saiu bem, recebendo a distinção mais alta na primeira parte do seu *tripos* em Cambridge. Mas almejava ser dramaturgo e logo deixou Cambridge para se juntar à Royal Academy of Dramatic Art, onde conheceu Grace Wilson. Seu pai reprovou isso por inúmeros motivos, embora não conectados a uma falta de respeito pelas artes; pelo contrário, achava que literatura, arte e música eram vocações sofisticadas, abertas apenas aos possuídos por demônios criativos, ao passo que qualquer pessoa com inteligência mediana podia ser cientista. Acreditava que Martin não devia ser tão presunçoso.

Mas Martin persistiu em seguir seu sonho, com várias consequências lúgubres. Quando mostrou sua segunda peça — imensamente autobiográfica — para a mãe e o irmão mais novo, eles ficaram horrorizados diante da amargura com a qual retratou o pai. E quando foi incauto o suficiente para mostrá-la à sua musa, Grace, ela devolveu a peça com raiva, dizendo que era óbvio que ele só se interessava por ela como uma fonte de capital criativo.¹⁴⁸

23 DE ABRIL

NOVA YORK *Oferendas* foi a primeira composição de Edgard Varèse a ter estreia em Nova York.¹⁴⁹ O regente foi Carlos Salzedo; Nina Koshetz foi a solista. A performance foi recebida com certa indiferença pela mídia.



ÁUSTRIA Wittgenstein enviou para C. K. Ogden (1899-1957) — linguista, filósofo, vendedor de livros, editor e polímata de Cambridge — uma lista detalhada de comentários e sugestões sobre a tradução feita por Frank Ramsay de *Tractatus Logico-Philosophicus*, que Ogden estava editando.¹⁵⁰



PARIS Pound escreveu a Scofield Thayer em 23 de abril com seus temas recorrentes sobre Eliot, que “está doente de novo, ouvi dizer”, e discutindo a questão do pagamento de Eliot por *A terra devastada*.



GORKI, RÚSSIA Um médico alemão, o dr. Burkhardt, operou Lenin para remover uma das duas balas que se alojaram em seu pescoço desde a tentativa de assassinato em 1918. Na época, os médicos de Lenin não estavam propensos a remover a bala com medo de que isso causasse mais sangramentos e colocasse sua vida em risco.

A imprensa soviética não deu importância a esse assassinato falido, mas ele foi uma ameaça séria à vida do líder. O diagnóstico de Burkhardt foi que as dores de cabeça terríveis de Lenin estavam sendo causadas por envenenamento com o chumbo das cápsulas encravadas. Seu médico particular foi cético, mas no fim concordou com a remoção de uma única bala. A operação foi feita com anestesia local e Lenin permaneceu calmo e estoico durante o procedimento. Mais tarde, disse que teria feito a cirurgia de outra forma: “Eu teria puxado a pele e feito um corte. A bala teria pulado para fora. O resto todo foi mera decoração.” Isso fez com que os médicos gargalhassem, pois entenderam que Lenin estava se referindo à sua própria perícia enquanto “cirurgião” de sociedades.

A cirurgia foi um sucesso, mas 1922 continuou sendo um ano ruim para a saúde de Lenin. Em maio, sofreu um infarto de grande escala, o primeiro dos três que antecederam sua morte (em 21 de janeiro de 1924), e em dezembro, um segundo infarto deixou seu lado direito parcialmente paralisado. Dali em diante, abriu mão de agir na política prática; no entanto, continuou a escrever, ou, mais especificamente, a

ditar, alguns documentos importantes, com destaque para *Testamento*, que começou a compor em dezembro de 1922.

25 DE ABRIL

PARIS George Moore conversava com um amigo no restaurante Voltaire:

Por exemplo esse irlandês, o Joyce, um tipo de Zola piorado. Uma pessoa recentemente me mandou um exemplar de *Ulisses*. Me disseram que eu tinha de ler o livro, mas como pode alguém aguentar aquele negócio? Li um pouco aqui e ali, mas meu Deus! Como fiquei entediado! Joyce provavelmente acha que só porque imprime todas aquelas palavrinhas imundas é um grande romancista. É claro que você sabe que ele se inspirou em Dujardin, certo? O que acha de *Ulisses*?

Antes que o amigo pudesse responder, Moore prosseguiu avidamente:

Joyce, Joyce, ele não é ninguém — das docas de Dublin: sem família, sem educação. Outra pessoa me mandou uma vez o *Um retrato do artista quando jovem*, um livro inteiramente sem estilo ou distinção; bem, fiz a mesma coisa, mas muito melhor, em *The Confessions of a Young Man* [Confissões de um jovem]. Por que tentar fazer a mesma coisa, a não ser que consiga produzir um livro melhor? (...)

Ulisses não tem jeito, é um absurdo imaginar que haja um bom objetivo a ser servido pela tentativa de registrar cada pensamento e sensação de qualquer ser humano. Isso não é arte, é uma tentativa de copiar as páginas amarelas de Londres. Você conhece Joyce? Ele mora aqui em Paris, até onde sei. Como consegue se sustentar? Os livros dele não vendem. Talvez tenha dinheiro... você sabe? Estou curioso. Pergunte sobre isso para alguém.

26 DE ABRIL

LONDRES Eliot escreveu a Ottoline Morrell contando que ele e Vivien vinham sofrendo incessantemente com doenças desde a semana antes da Páscoa.

Precisavam desesperadamente de um descanso, e apesar de Eliot não poder mais tirar folgas do banco por enquanto, estava considerando a possibilidade de ficar em Brighton, de onde poderia ir para a cidade facilmente pegando os primeiros trens.

27 DE ABRIL

BERLIM A estreia altamente divulgada e longamente esperada de *Dr. Mabuse*, de Fritz Lang, aconteceu no Ufa-Palast-am-Zoo. Na verdade, visto que o filme tinha duração de cerca de quatro horas e meia, apenas a parte um — *O jogador* — foi exibida para o público da primeira noite. A parte dois — *Inferno* — foi guardada para a noite seguinte.¹⁵¹ Os espectadores, no entanto, sabiam que estavam diante de algo especial; o filme gerou rumores animados sobre custos crescentes, efeitos especiais sem precedentes e incríveis, e o perfeccionismo quase fanático de Lang, que levou seu pobre elenco a fantasiar assassinatos.¹⁵²

Dr. Mabuse foi sua produção mais grandiosa e pródiga até então. Começou a filmá-la no fim de 1921 no estúdio de Neubabelsberg. Baseava-se em um romance recente de Norbert Jacques, um ex-jornalista, e contava a horrível história de um senhor do crime cujos poderes de hipnose o faziam quase demoníaco. Perseguindo os níveis mais elevados da sociedade como uma criatura selvagem, Mabuse seduz os ricos a loucas apostas que os deixam desamparadamente em débito com ele; rouba segredos de Estado e manipula a bolsa de valores. A única pessoa que parece capaz de controlar essa ameaça é o inspetor de polícia, Von Wenk, que compartilha uma fraqueza perigosa com Mabuse: ambos estão apaixonados pela linda condessa Told. Suas batalhas resultam em todas as formas de caos: perseguições de carro, explosões, tiroteios e assassinatos macabros — mas ainda assim é muito mais do que um mero filme de gângster.

Como o romance, o filme de Lang se desenrola em um meio de decadência forçada e ocultismo vago: dependência de drogas e boates de sexo, sessões espíritas e infernos de jogatina, tudo isso em um contexto de inflação. Até agora, portanto, um “retrato fiel da época”, como explicava o subtítulo em alemão. Havia algumas dimensões místicas também: Lang, que se interessava por “controle mental” desde a juventude, brincou com os aspectos mais estranhos de Mabuse, fazendo com que o vilão fosse menos parecido com Al Capone, e mais

parecido com um mago obscuro.

Mesmo assim, a carreira de Al Capone pode muito bem ter inspirado o enorme tiroteio com o qual o filme termina. Os homens armados de Von Wenk cercam o esconderijo de Mabuse e trocam tiros. A condessa Told é resgatada, mas Mabuse consegue escapar por um alçapão e por um túnel de esgoto, finalmente emergindo em uma sala cheia de idosos que estão manufaturando notas falsas de banco para ele. Os idosos circundam o ex-explorador e o atacam; a mente de Mabuse se enfraquece e ele tem visões de monstros. Quando a polícia o captura, está fora de si; eles o levam para um hospício.

Os espectadores da noite de estreia ficaram admirados não apenas com as cenas de ação do filme e seus cenários espetaculares, mas com o impregnante tom de inquietação e as intimações de uma sociedade apodrecida quase sem chance de redenção. Os críticos foram ao delírio, concordando vigorosamente que Lang tinha de fato produzido um retrato verdadeiro da época.¹⁵³



NOVA YORK Primeira publicação, feita por Liveright, de *The Enormous Room* [O quarto enorme], de E. E. Cummings — ou, conforme o estilo que ele definiria para si próprio mais tarde, e e cummings.¹⁵⁴ Sobre o livro, F. Scott Fitzgerald disse: “De todas as obras dos jovens que apareceram desde 1920, um livro sobrevive — *The Enormous Room*, de E. E. Cummings... Esses poucos que trazem vida aos livros não conseguiram suportar a ideia da sua própria mortalidade.” Foi o primeiro livro de Cummings, apesar de já ter publicado alguns poemas, e como acontece com vários primeiros livros era bastante autobiográfico — baseado em três meses e meio de prisão no Dépôt de Triage em La Ferté-Macé, na Normandia.¹⁵⁵

Depois do encarceramento, Cummings voltou aos Estados Unidos no Ano-novo de 1918. Magro e soturnamente silencioso na maior parte do tempo, achou a atmosfera sufocante, mas percebeu que necessitava de comida e descanso. O pai sugeriu que ele expandisse suas anotações sobre as experiências na França — o germe de *The Enormous Room* — e prometeu mil dólares em forma de *Liberty Bond*¹⁵⁶ como pagamento. No fim de fevereiro, Edward escapou para Nova York, onde se lançou com entusiasmo na vida boêmia, pintando e fazendo exposições, escrevendo poemas, bebendo... e apaixonando-

se. A mulher em questão foi Elaine Orr.¹⁵⁷

O idílio boêmio de Cummings durou apenas até o verão de 1918, quando foi chamado para alistar-se no Exército — 12ª Divisão. Detestou a experiência da vida em serviço, a idiotice dos soldados, o sadismo e o racismo institucionalizados, mas poderia ter sido bem pior: nunca foi mandado para o campo de batalha, passou a maior parte de 1918 em Camp Devens, Massachusetts.¹⁵⁸

Livre do serviço militar em 17 de janeiro de 1919, voltou para Nova York e retomou sua vida de deliciosa liberdade. Suas novas pinturas foram bem recebidas, e chegou a vender algumas delas — clientes confiáveis incluíam seu pai e Thayer. Inspirado em Elaine, compôs uma grande quantidade de versos eróticos; de maneira menos feliz, escreveu um ensaio um tanto incompleto sobre Eliot, onde sua admiração pelo trabalho do autor foi expressa de forma tão desafortunada que acabou soando como uma condenação. Ele nunca mais escreveu críticas sobre nenhum livro.

Finalmente, determinado a se debruçar sobre as “Anotações Francesas”, foi para Silver Lake, em New Hampshire, com seus pais em julho de 1920. Ali, adotou um regime espartano — vivia em uma cabana acessível por canoa — e manteve horas estáveis de trabalho. No meio de setembro, pôde presentear o pai com quatro capítulos completos (o pai os considerou o trabalho de um “grande escritor”), e em 18 de outubro de 1920, o livro estava pronto, exceto pela revisão. Foi enviado a editores em janeiro de 1921. Contudo, as primeiras respostas foram todas negativas.

De volta a Nova York, Cummings retomou sua velha amizade com John Dos Passos, e em 15 de março de 1921 os dois escritores partiram de Nova York para Portugal a bordo do *Mormugão*. Indiferentes a Portugal, rapidamente foram para a Espanha, onde, em 10 de maio, cruzaram a fronteira para a França. De Saint-Jean-de-Luz foram direto para Paris, onde poucas horas depois da chegada, Cummings ouviu dizer que um editor americano — Liveright — havia finalmente expressado interesse na publicação de seu livro.¹⁵⁹

Em 26 de agosto de 1921, Liveright escreveu à mãe de Cummings confirmando o acordo; o livro, no entanto, ainda precisava de um título. Cummings debateu-se em indecisão: entre os possíveis títulos estavam *Hospitality* [Hospitalidade], *Lost and Found* [Achados e perdidos], *Held on Suspicion* [Preso sob suspeita], *Unwilling Guest* [Convidado indisposto] e *Caught in the French Net* [Preso na rede

francesa]. Foi somente em 25 de novembro de 1921 que mandou um telegrama para o pai: “Título do livro: *The Enormous Room*.”¹⁶⁰

As críticas iniciais na imprensa convencional foram todas desdenhosas ou hostis, concentrando-se quase inteiramente no que entenderam como a política anarquista ou bolchevique da obra, em um momento em que havia um grande “pânico vermelho” em curso. Foi apenas no verão, quando várias revistas literárias deram sua opinião, que as qualidades formais do livro foram devidamente identificadas e apreciadas por pessoas como Gilbert Seldes, John Peale Bishop e o leal Dos Passos. A resposta mais prazerosa, apesar de concisa, veio de Ernest Hemingway: “É um dos grandes livros.”

29 DE ABRIL

LONDRES A revista *Outlook* publicou uma crítica extensa, “*Ulisses*, de James Joyce”, escrita por Arnold Bennett. Apesar de Bennett ter algumas palavras de alta apreciação tanto pelo autor quanto pelo romance — destacou o episódio do “bordel” [Circe] (“a parte mais rica, manuseada com virtuosidade para equiparar-se à qualidade do material”), e o solilóquio de Molly Bloom (“jamais li nada que o supere, e duvido que tenha lido algo que esteja em pé de igualdade”) —, o cerne da crítica era hostil, acusando Joyce de tédio, misantropia, habilidade artística pobre e, é claro, obscenidade.

Pelo visto ele acha que há algo verdadeiramente artístico e elevado em fazer papel de palhaço para o leitor inocente e sem defesa.

(...) transformou a leitura de um romance em uma boa imitação de servidão penal.

Várias pessoas não conseguiram dar continuidade à leitura de *Ulisses*; foram obrigadas, devido ao puro choque, a abandoná-lo.

E assim por diante. Bennett era um crítico influente, e tal observação deve ter condenado o livro para vários de seus leitores.

30 DE ABRIL

NOVA YORK Inspirados pelo sucesso recente de um espetáculo visitante, *Chauve-Souris* [O morcego], os pensadores da Mesa-Redonda do Hotel

Algonquin¹⁶¹ decidiram encenar uma produção própria por apenas uma noite. Alugaram o teatro da 49th Street em um domingo à noite e, reunindo seus inúmeros talentos, apresentaram um musical improvisado: *No Sirree!* Dorothy Parker escreveu a letra da música “The Everlastin’ Ingenue Blues” [O eterno blues ingênuo], cantada por Robert Sherwood,¹⁶² que foi acompanhado por um coro de atrizes (algumas famosas, outras não), incluindo Tallulah Bankhead, Helen Hayes e Mary Brandon, com quem Sherwood se casou mais tarde naquele mesmo ano. Outros nomes ilustres, todos amigos do grupo do Algonquin, forneceram apoio: Irving Berlin conduziu a orquestra, Jascha Heifetz fez os acompanhamentos de violino na coxia, e Deems Taylor — o compositor e jornalista frequentemente chamado de “o reitor da música norte-americana” — compôs as melodias. Depois, o grupo todo voltou ao apartamento dos amigos Herbert e Maggie Swopes para uma festa desenfreada que foi até às 4 da manhã.

Apesar de o crítico do *New York Times* ter condenado o show como sendo “de teor amador” e bobo, o público pareceu gostar de grande parte da apresentação. *No Sirree!* incluía uma paródia ofensiva de *O macaco peludo*, de Eugene O’Neill, e uma sátira de Robert Benchley — que se manteve conhecido no século XXI provavelmente por causa dos seus filmes “instrutivos” cômicos; essa participação mudou o curso da sua carreira. Ocupado demais para escrever uma contribuição com antecedência, Benchley criou um rascunho no táxi que o levou para o espetáculo. Encenaria um tesoureiro insignificante chamado às pressas para entregar o relatório anual da empresa porque o tesoureiro oficial ficou doente. Quase inarticulado no começo, o homem vai ficando mais eloquente conforme percebe a pura poesia de sua tarefa.

Irving Berlin achou o “Relatório do tesoureiro” hilário, e com seu parceiro de negócios, Sam Harris, propôs a Benchley que o encenasse de novo, regularmente, no show que estavam montando, *The Music Box Revue* [O espetáculo da caixa musical]. Benchley ficou sem jeito: ainda não tinha escrito a cena direito e nunca havia se apresentado em público antes daquela noite. Também estava preocupado de que aparecer em um show pudesse comprometer seriamente sua integridade como crítico teatral. Na esperança de desencorajá-los, estipulou um preço que julgou ridiculamente alto: quinhentos dólares por semana. Harris ponderou. “Bem”, disse ele, “por quinhentos dólares é melhor que você seja muito bom”. Foi o começo da carreira totalmente não prevista de Benchley como ator cômico extremamente popular no palco e na tela.

[127.](#) Nora estava de bom humor; gostava muito de Londres e se perguntava se conseguiria persuadir Jim a morar ali em vez de Paris. Só de ouvir inglês sendo falado ao redor, Nora já sentia um grande alívio.

[128.](#) Joyce levou o incidente do tiroteio bem a sério, convencido de que o ataque tinha sido, na verdade, contra ele. Seus amigos acharam isso ridículo, mas ele não se deixava convencer, acreditava que certas pessoas em Dublin queriam feri-lo seriamente.

[129.](#) Elite de veteranos britânicos da Primeira Guerra Mundial contratada pela polícia irlandesa para reprimir as rebeliões no país. (N.T.)

[130.](#) A Alemanha e seus aliados estavam começando a ficar a par das palhaçadas de Chaplin, considerando que a importação de produtos norte-americanos fora proibida durante a guerra.

[131.](#) A história de vida de Chaplin é tão incrível quanto conhecida: o filho da classe operária do Sul de Londres, descendente de um pai alcoólatra (e prestes a se tornar ausente) e uma mãe franzina e desnutrida que sofria cada vez mais de doença mental; um delicado menino de rua que se sustentou desde muito pequeno como artista mirim e depois, no começo da vida adulta, como membro de uma trupe de palhaços e figurante em comédias vulgares e turbulentas em Hollywood. A passagem de figurante a atração principal de bilheteria levou cerca de um ano. Nas duas décadas anteriores, a grande expansão do cinema ao redor do mundo havia transformado a natureza da fama para sempre. É verdade que existiram algumas histórias incríveis de sucesso na era pré-cinema, casos de homens e mulheres de origens humildes excepcionalmente dotados que conquistaram fama, riquezas e poder por meio de lutas ou de uma visão política, ou por uma artimanha do destino: não espanta que Chaplin fosse fascinado por Napoleão e quisesse representá-lo nas telas.

[132.](#) Anos depois, após ser estigmatizado como um *Red* [simpatizante do comunismo] no período de McCarthy, viria a ser odiado por milhões de pessoas. Já em 1922, chamou a atenção das autoridades graças aos seus comentários (não muito bem-informados) a favor dos bolcheviques, e às suas amizades com membros principais da esquerda americana, incluindo Max Eastman, o carismático editor da *The Masses*.

[133.](#) Essa reputação foi consolidada pelo triunfo de *O garoto* em 1921 — um estouro de bilheteria que também impressionou a todos, menos aos espectadores mais céticos, com sua inventividade e gama emocional.

[134.](#) D. W. Griffith (1875-1948) é considerado por muitos o pai do cinema americano; com frequência, recebe os créditos pela criação de todos os elementos fundamentais da “gramática” do cinema — plano médio, close-up, *tracking shot* [ou *travelling*, no qual a câmera acompanha o movimento de um objeto ou personagem], corte cruzado e assim por diante. Se ele merece esse título ou não é um assunto para acadêmicos. Fato é que foi o primeiro diretor de Hollywood a fazer filmes imensamente populares que se distanciaram das produções pseudoteatrais do começo do cinema, que, inversamente, eram compostas por uma mistura de tomadas e movimentos de câmera com os quais ainda somos familiarizados. A reputação artística de Griffith sofreu nas últimas décadas por causa do racismo — inegável e, por vezes, alarmante — mostrado em alguns de seus filmes, sobretudo em *O nascimento de uma nação* (1915). Sua importância

enquanto inovador, no entanto, nunca foi seriamente ameaçada.

135. *Dia do pagamento* é típica matéria-prima do Homenzinho. Chaplin interpreta um operário oprimido preso entre a dureza de um chefe aterrorizante (Mack Swain) e as dificuldades de uma esposa ainda mais assustadora (Phyllis Allen), munida com a arma tradicional da *Battleaxe Missus* [a mulher durona e ativista da época]: um rolo de massa.

136. Nascido oficialmente em 21 de dezembro de 1879, o que na verdade aconteceu um ano antes, em 6 de dezembro de 1878, Stalin — Joseph Vissarionovich Djughashvili — cresceu em Gori, uma pequena cidade às margens do rio Kura em um distrito remoto da Geórgia. Seu pai foi um sapateiro empobrecido que vivia bêbado e gostava de surrar tanto o filho mais novo — conhecido então como “Soso” — quanto a esposa. Soso virou um jovem feio e grosseiro, rosto devastado por cicatrizes devido a um ataque de varíola, mas era visivelmente inteligente e sua mãe devota esperava que um dia se tornasse padre.

Soso frequentou a escola local da igreja e depois, em 1894, ganhou uma bolsa para o seminário em Tiflis, a capital da Geórgia. Sua passagem pelo seminário, de onde foi expulso em 1899, foi sua única parcela de educação formal. Tornou-se um ateu no primeiro ano, estudou Marx a fundo e se uniu ao Partido Operário Social-Democrata Russo, adotando um codinome novo, “Koba”, inspirado no herói de um romance da Geórgia sobre criminosos do Cáucaso. Assumiu também um posto no Instituto de Meteorologia de Tiflis — seu único trabalho fixo antes de se tornar um dos dominadores da Rússia em 1917.

Em 1902, foi preso e exilado na Sibéria, o primeiro de sete exílios similares. Foi ali que teve contato, e se encantou, com os escritos de Lenin. Em 1905, voltou para Tiflis e logo depois se casou com sua primeira esposa, Ekaterina, que lhe deu um filho, Yakov.

Quando a Revolução eclodiu, em 1905, Koba organizou — ou alegou tê-lo feito — uma série de revoltas camponesas; diante do fracasso, recorreu a um método tradicional do Cáucaso para coletar fundos: roubos de banco. Sua esposa faleceu em 1907, deixando-o genuinamente consternado, embora ele tenha abandonado o filho para que fosse criado pela família dela, e tenha arrumado outras mulheres logo em seguida.

137. Nos meses sangrentos e violentos que se seguiram à Revolução de 1917, os bolcheviques ficaram em estado de desespero; Lenin foi forçado a ceder grande parte da Ucrânia e os Bálticos ao czar e, depois da rendição da Alemanha, às forças britânicas, francesas e japonesas. Enquanto o Império oscilava, Lenin foi ferido em uma tentativa de assassinato; durante sua recuperação, declarou que a Rússia era um campo militar. A arma principal do arsenal bolchevique era a supressão inescrupulosa dos divergentes, e os dois guerreiros mais impiedosos de Lenin eram Trotski e Stalin. Nesse momento, Trotski era visto por todos como o herói da Revolução, e como o braço direito de Lenin.

138. Esse assassinato fora de controle de homens que deviam ser seus camaradas foi um extrapolar de limites até mesmo para os padrões de Lenin; ele mencionou isso a Stalin, que dali em diante passou a odiar Trotski a ponto da loucura.

139. Uma indicação sutil de megalomania: ele já havia começado a se referir a si próprio na terceira pessoa.

140. Nas quatro décadas seguintes, ele viria a produzir em escala massiva.

Dentre as dezenas de prédios e empreendimentos capitais que criou estão o Villa Savoye (1928 — provavelmente uma das três ou quatro casas mais conhecidas do século XX), o projeto massivo de habitação Unite d’Habitation,

em Marselha (1947-1952) e vários prédios civis grandes em Chandigarh, na Índia (1952-1959).

141. Sua vida nos três anos anteriores foi turbulenta: deixou o homem que sempre acreditou que fosse seu marido (Randolfo Baraocchi; seu casamento com Lydia era ilegal porque ele não esperou pelo decreto absoluto de divórcio da primeira esposa), saiu da companhia de Diaghilev e sofreu uma espécie de colapso mental. Lydia e Maynard acabariam se casando três anos depois, em 4 de agosto de 1925, assim que foi legalmente possível.

142. Incapaz de pronunciar a consoante final, ela o chamava de “Maynar”.

No original: “I lead simple working man’s life, and you — do you go in the evenings to dissipated houses? Your expressions in the end give me nice tremblings. Last night I had such a laughter I thought I could not finish from it — Massine while dancing lost half [sic] of his shirt, collar, hat, when I saw that I immediately thought to have a decidedly funny disaster is to lose his trousers. I place melodious strokes all over you. Maynard, you are very nice.” (N.T.)

143. Era uma ansiedade que tinha fundamento. Havia dois anos que a Itália, particularmente a Toscana e o Norte, vinha sendo arruinada por confrontos sangrentos e por vezes fatais entre comunistas e militantes fascistas. A considerável população pró-Vermelho de Gênova, estimada em cerca de 1/3 do total, ficaria inquestionavelmente feliz e animada com a presença dos soviéticos; com sarcasmo, Hemingway comenta que o fervor esquerdista aumentou em proporção direta às quantidades do bom vinho tinto de Chianti que foram consumidas. Mas é igualmente sarcástico quando descreve a beligerância e a brutalidade insensata e moralista dos jovens fascistas com seus chapéus pretos, no estilo fez.

144. Ezra Pound em breve iniciaria uma residência duradoura na pequena cidade.

145. Vladimir Dmitrievich Nabokov (1870-1922) foi assassinado em 28 de março em uma conferência do Partido Constitucional Democrata, em Berlim. Levou dois tiros enquanto brigava no chão com um atirador. O alvo inicial desse atirador e ativista russo de extrema direita, o político liberal Pavel Miliukov, escapou ileso.

146. Muitos anos depois, falando sobre *Ulisses* para seus alunos na Cornualha, Nabokov comentou sobre essa parte: “O estilo é um fluxo de consciência permanente passando pela mente chocante, vulgar e inquieta de Molly, a mente de uma mulher bastante histérica com ideias banais e mais ou menos sensuais de uma maneira mórbida, com um estilo musical rico e com a capacidade um tanto anormal de rever sua vida inteira em um fluxo verbal interno ininterrupto. Uma pessoa cujo pensamento tropeça com tal ímpeto e consistência não é uma pessoa normal.”

147. Que, entre outras realizações, cunhou a palavra “genética” para o campo da ciência no qual foi pioneiro.

148. As consequências integrais dessa história triste são complexas demais para serem desvendadas; mas parece claro que a perda de dois irmãos mais velhos teve um impacto profundo sobre Gregory Bateson, que no outono de 1922 foi para o St. John’s College, Cambridge, começar uma carreira científica de variedade quase incomparável, abrangendo zoologia, antropologia, psicologia (originou a chamada teoria do duplo vínculo em relação à esquizofrenia, geralmente atribuída a R. D. Laing) e cibernética.

149. Hoje, Varèse (1883-1965) é tido como um dos compositores vanguardistas mais influentes do começo do século XX; seus admiradores e seguidores incluem

Stockhausen, Bouklez, Messiaen, Penderecki e o roqueiro Frank Zappa.

150. O livro mais famoso de Ogden, *O significado de significado*, que escreveu em colaboração com outro intelectual de Cambridge, I. A. Richards, foi publicado em 1923.

151. Junto do *Nosferatu* de Murnau, e talvez do *Caligari* de Weiner, essa obra em duas partes finalmente seria considerada uma das poucas obras-primas cinematográficas duradouras produzidas pelo cinema alemão durante o período Weimar.

152. Nascido em uma família católica/judia em Viena, Lang entrou na indústria do cinema um pouco depois de servir no exército austríaco. Começou a trabalhar como escritor, principalmente para a Decla, mas foi rapidamente tomado por outras empresas; sua estreia como diretor foi em *Halbblut* [Mestiço], para a Decla-Bioskop, em 1919. Outros sete filmes para diversas empresas rapidamente se seguiram. Seu deslanche comercial veio com o primeiro de dois filmes chamados *As Aranhas*. Era uma aventura dinâmica com um herói no estilo Indiana Jones e suas inimigas declaradas, as Aranhas, uma trupe sombria de vilões que deixavam tarântulas nas cenas de seus assassinatos como marca registrada.

As Aranhas foi um sucesso tão grande de público que Lang foi retirado às pressas de outro filme que teria dirigido: nada menos que *O gabinete do dr. Caligari*. Não demorou para completar sua sequência, *As Aranhas, parte II — O barco dos brilhantes*. Foi outro sucesso, e já falavam sobre Lang com veneração como um dos principais diretores da Alemanha. Completou sua ascensão relâmpago com seu filme mais ambicioso até então, *Destino*, de 1921 — ums espécie de cruzamento entre conto de fada e alegoria.

Destino teve coautoria da futura esposa de Lang, a atriz Thea von Harbou, que ele havia conhecido em 1920 quando ela ainda estava casada com um dos protagonistas de Lang, Rudolph Klein-Rogge. Logo tornaram-se amantes, e Thea foi coautora de todos os filmes dele entre 1921 e 1931: incluindo produções que hoje são consideradas alguns dos auges do cinema de Weimar, se não do cinema mundial: *Os Nibelungos* (1924), *Metrópolis* (1927) e seu retrato sombrio de um assassino de crianças perseguido tanto pela polícia quanto pelo submundo, *M* (1931).

A união deles teve um preço medonho. Quando a primeira esposa de Lang, Lisa, descobriu o casal se abraçando, foi para o andar de cima do imóvel em que estavam e deu um tiro entre os próprios seios com a pistola de Lang. Mas será que foi isso mesmo que aconteceu? Para o resto da vida, Lang foi perseguido pelo rumor de que a assassinou, que o estúdio forjou o suicídio e que ele havia passado um período curto em um hospício para escapar de uma ação judicial. Não houve investigação e ninguém apareceu com relatórios policiais do incidente, mas os críticos não demoraram a notar que os filmes subsequentes de Lang eram abarrotados de suicídios, mortes acidentais e acusações falsas de assassinato.

153. A prática de chamar Mabuse de “profético” começou apenas dois meses depois do lançamento do filme, quando Walter Rathenau foi assassinado (Cf. 24 de junho) na rua por marginais de direita — uma atrocidade que, como diziam, podia ter sido tirada diretamente de suas cenas. Graças ao trabalho de historiadores do cinema do período Weimar, especialmente Siegfried Kracauer e Lotte Eisner, hoje é comum dizer que o filme como um todo é um augúrio da ascensão de Hitler.

Outro aspecto do filme que também fica mais óbvio com os anos é a identificação próxima de Lang com seu vilão principal. Embora Lang tenha descrito o personagem de Mabuse de várias maneiras, inúmeras de suas falas são próximas, quase de forma constrangedora, à filosofia pessoal de Lang: “Nada é interessante a longo prazo — exceto uma coisa. Brincar com seres humanos e seus destinos.” De fato.

O destino do próprio Lang foi fugir dos nazistas e construir uma carreira nova em Hollywood. Sua esposa gostava muito mais de Hitler do que ele e se juntou ao partido. (Cf. 26 de agosto)

154. Assim como vários escritores jovens de sua geração — nasceu em 1894 —, Edward Estlin Cummings desfrutou de infância e adolescência tranquilas até a chegada da guerra. Seu pai ensinava sociologia e ciência política em Harvard, e mais tarde se tornou um pastor do unitarismo; Edward seguiu seus passos até Harvard, concluindo o bacharelado em 1915 e o mestrado em 1916. Entre seus amigos de Harvard estavam John Dos Passos e Scofield Thayer — o poeta e, mais tarde, editor da *Dial*. Em 1917, Cummings e Dos Passos decidiram entrar na guerra europeia como motoristas de ambulância e ambos se alistaram no Corpo de Ambulância de Norton-Harjes. Graças a uma incompetência burocrática, Cummings se viu à toa em Paris durante várias semanas; explorou a cidade e ficou fascinado.

155. As cartas de Cummings para casa haviam sido interceptadas pelos militares franceses e consideradas insuficientemente pró-guerra, portanto ele e um amigo foram presos sob acusações de espionagem em 21 de setembro de 1917. Depois de inúmeras súplicas em vão pela liberdade do filho, o pai de Cummings finalmente abordou o presidente Wilson diretamente. Seu filho foi liberado em 19 de dezembro de 1917.

156. Fiança paga ao governo americano na época da Primeira Guerra Mundial para custear o Exército. Ao fim da guerra, o valor pago era devolvido com juros. (N.T.)

157. Infelizmente, era esposa do amigo — e patrono cada vez mais presente — Scofield Thayer. Foi um caso curioso, e apesar de Cummings não ser uma figura tão impressionante, foi Elaine quem iniciou o caso. Ela e Thayer tinham apartamentos separados; ela se sentia solitária, e Thayer havia perdido todo o interesse sexual pela esposa. Parece que começou a nutrir um encanto por meninos adolescentes. Longe de tentar prevenir o caso, ele agradeceu a Cummings por passar tanto tempo com sua esposa solitária, e deu-lhe quantias estranhas de dinheiro para seus encontros. Ela acabou trazendo ao mundo a única filha de Cummings, Nancy, em 20 de dezembro de 1919; e depois de se divorciar de Thayer, casou-se com o amante em 1924. (Duraria pouco tempo. Ela em breve fugiria com um irlandês rico.)

158. A vida militar deu-lhe uma quantidade inesperada de tempo para a leitura; devorou os poemas de Eliot e tanto *Um retrato do artista quando jovem* quanto *Dublinenses* enquanto esteve em Camp Devens, e também descobriu os extratos de *Ulisses* que vinham aparecendo em *Little Review*. Parece que escreveu um ensaio sobre Joyce para a *The Dial*, mas foi rejeitado e nunca mais encontrado. O que se encontrou foi um fragmento listando seus heróis na nova era: entre eles, Pound, Brancusi, Eliot, Matisse, Schoenberg, o balé russo... “A essa lista de fenômenos genuínos, os meses mais tarde adicionaram James Joyce (*Ulisses*).”

159. Depois de algumas semanas agradáveis explorando novamente Paris, os amigos se separaram por um tempo, e Dos Passos foi para o Oriente Médio. Em

meados de junho de 1921, Elaine se juntou a Cummings; cerca de um mês depois, em 18 de julho de 1921, uma corte francesa declarou o fim de seu casamento com Thayer. Thayer não contestou o divórcio e pagou a Elaine um acordo generoso; ele continuaria a dar dinheiro para Cummings de tempos em tempos, especialmente para os custos médicos da bebê Nancy.

160. A exuberância da primeira autoria caiu por terra quando Cummings finalmente recebeu seus exemplares no começo de maio e viu que estavam repletos de erros tipográficos, que passagens essenciais haviam sido excluídas em silêncio e que apenas um dos desenhos que enviou foi usado. Em 13 de maio de 1922, escreveu uma carta aos pais reclamando sobre todos esses insultos e atos silenciosos de censura, e demandou que fossem consertados em uma nova edição imediatamente. Visto que se recusou a voltar para os Estados Unidos para supervisionar as provas da primeira edição em pessoa, a reclamação era bem-fundamentada, porém um tanto injusta.

161. Grupo de artistas, críticos e pensadores que se reunia diariamente durante o almoço no Hotel Algonquin, em Nova York, de 1919 a 1929. (N.T.)

162. Robert Emmet Sherwood (1896-1955): dramaturgo, editor e roteirista americano, e um dos primeiros membros da Mesa-Redonda do Algonquin.

MAIO

2 DE MAIO

PARIS A segunda parte de *Sodoma e Gomorra*, de Proust, foi lançada em livrarias francesas. Com um sucesso vasto e imediato, cimentou a fama do escritor. Daquele momento até sua morte, no fim do ano — e durante muitos anos por vir —, foi o tópico número um das conversas na cidade. Os jornais sugeriam com animação um iminente Prêmio Nobel.¹⁶³ O prazer de ter sua fama confirmada ficou ainda mais doce com a chegada dos amigos ingleses e abastados Violet e Sydney Schiff, poucos dias antes. Infelizmente, o romancista com tendências a acidentes conseguiu sabotar a feliz reunião.

Proust havia acabado de adotar a prática de tomar doses de adrenalina no lugar da costumeira cafeína para evitar os estados sonolentos causados por outra droga que lhe era cara, o veronal. Para se preparar para a chegada dos amigos, tomou de maneira descuidada uma dose sem estar diluída. O fluido correu pela garganta e pelo estômago como um ácido; ele berrou de dor por três horas, e durante várias semanas depois disso mal conseguia consumir qualquer coisa que não fosse cerveja gelada e sorvete, trazidos para ele do Ritz todos os dias pela manhã e à noite. Algumas noites depois da chegada dos amigos, convidou-os para conhecerem sua cunhada Marthe e sua sobrinha de 18 anos, Suzy, no número 44 da rue Hamelin. Proust amava Suzy, e ela o adorava. Ele admitiu aos Schiff que estava muito ansioso com a possibilidade de Suzy querer ler *Sodoma e Gomorra*, e adicionou: “Meu próximo livro vai ser ainda mais terrível para uma jovem inocente!”



MOSCOU Sergei Aleksandrovich Esenin (nascido em 1895), um jovem poeta soviético de boa reputação e origem camponesa, casou-se com a dançarina Isadora Duncan. Conheceu-a em novembro de 1921 no estúdio de um amigo em comum em Moscou; apesar de ser 18 anos mais velha do que ele, parece que ele se apaixonou imediatamente. Em 10 de maio, partiram para uma viagem que uniu lua de mel e turnê de dança; distante de suas atividades

familiares, e já bebendo muito, Esenin sofreu um colapso nervoso. Quando chegaram a Nova York, em 1º de outubro, ele era um ébrio inveterado; o casamento estava obviamente condenado, e ele voltou para Moscou sozinho em 1923.¹⁶⁴ Cada vez mais instável, acabou se enforcando em 1925.

Maio de 1922 também foi o mês no qual um poeta soviético ainda mais proeminente, Vladimir Maiakovski, teve permissão para entrar na Rússia pela primeira vez e visitou a capital da Letônia, Riga. Maiakovski também acabou com a própria vida.



CANADÁ O *Toronto Daily Star* publicou um artigo de Ernest Hemingway cujo título era: “A Hot Bath an Adventure in Genoa” [Banho quente, uma aventura em Gênova]:

Lloyd George diz que conferências são mais baratas e melhores do que a guerra, mas, até onde sei, Lloyd George nunca foi implodido por um banheiro italiano explosivo. Isso acabou de acontecer comigo. É uma das inúmeras diferenças entre nós...

O artigo cômico de Hemingway brincava com a discussão hilária que teve com o gerente do hotel um pouco depois da explosão — o próprio Hemingway ainda estava tão afetado por ela que mal conseguia falar. O gerente, com um discurso suave, porém ilógico, disse que o hóspede era na verdade um homem de sorte, muita sorte, porque afinal de contas tinha sobrevivido.¹⁶⁵

Uma testemunha, provavelmente exagerando, disse que a explosão foi tão poderosa que arremessou Hemingway pelo corredor. Hemingway disse apenas que foi atirado no chão de tábua; sentia dores, mas não estava seriamente machucado. Apesar dos ferimentos recentes, continuou produzindo com diligência, descrevendo em detalhes a concentração intensa dos russos, que se debruçaram sobre documentos e cálculos até às 4 da manhã enquanto todos os outros delegados da conferência estavam na cama havia horas.

Com uma combinação de iniciativa e charme viril, Hemingway deu um jeito de obter um passe de imprensa para a delegação russa no Hotel Santa Margherita — um dos poucos 11 passes dessa modalidade que foram emitidos para os setecentos homens da imprensa. Não espanta que ele tenha considerado isso um de seus troféus mais

valiosos. Já havia concluído que, apesar de odiar as coisas que os russos faziam e representavam, era forçado a ter uma admiração relutante por aqueles homens — a maioria deles esteve em exílios obscuros ou foram prisioneiros apenas quatro anos antes; uma admiração que se aprofundou ainda mais quando viu a forma incansável com que trabalhavam.

Seu relatório final da conferência, publicado em 13 de maio, era um retrato de admiração dos britânicos em Gênova intitulado “Lloyd George’s Magic” [A mágica de Lloyd George] que começava com avaliações mordazes sobre o surgimento de outros representantes nacionais. Mas, quando trata de Lloyd George, Hemingway se abre em elogios sobre seu charme, seus olhos doces e reluzentes, seu rosto de menino e cabelos esvoaçantes. Assina o perfil lisonjeiro com um pequeno emblema: um desenho de Lloyd George feito por um menino italiano, desenho que o estadista autografou com indulgência para a criança.

Olhei para o desenho. Não era ruim. Mas não era Lloyd George. A única coisa que estava viva nele era a assinatura esparramada, galante, sadia, arrogante, descuidada e magistral, feita em um instante e feita para a eternidade; destacava-se dentre as linhas mortas do rabisco — era Lloyd George.

4 DE MAIO

AUSTRÁLIA O *Orsova* chegou a Fremantle. O plano inicial dos Lawrence era viajar até Perth para ficar com a amiga Anna Jenkins (Cf. 26 de fevereiro) por um tempo antes de ir para Sydney. Caso Sydney não satisfizesse os Lawrence, continuariam viajando até encontrar algum lugar que fosse adequado para ele (e presumivelmente também para Frieda). A primeira parada deles foi em uma hospedaria a 25 quilômetros para o Leste de Perth, em Darlington, gerenciada por uma ex-enfermeira e futura romancista, Mollie Skinner.¹⁶⁶

Anna Jenkins, que conseguiu essa acomodação para o casal, fazia visitas de carro e os levava para piqueniques na floresta — o primeiro contato de Lawrence com o interior. Ele se sentiu espiritualmente revigorado pela sensação — ou fantasia — de que nenhum humano jamais marcou aquele solo virgem, nem mesmo respirou ali. Frieda ficou menos encantada. Lawrence sofria de uma necessidade crônica

de viajar, ao passo que ela era quem cuidava do ninho, e agora desejava algo que se parecesse com estabilidade e ordem doméstica. Diante da insistência dela, deixaram Darlington em busca de uma casa para alugar em algum lugar perto de Sydney. Entre 18 e 27 de maio, viajaram aproximadamente 4 mil quilômetros pela costa da Austrália a bordo do *Malwa*.

Não demorou muito para descobrirem que Sydney era surpreendentemente cara — muito aquém do orçamento modesto que possuíam, visto que agora estavam nos últimos cinquenta dólares. Traçaram um plano simples: entraram no primeiro trem saindo de Sydney e resolveram viajar até descobrir algum lugar tanto barato quanto agradável. Pararam em Thirroul, na época uma cidade pequena e negligenciada a cerca de 65 quilômetros ao sul da cidade. Duas horas depois de saírem do trem, encontraram uma casa mobiliada construída em um penhasco baixo com vista para o oceano. Chamava-se Wyewurk — *Why Work?* [Pra que trabalhar?] — e o aluguel custava apenas sete dólares por semana. Um dos motivos do baixo custo logo se tornou aparente. Além de sujo, o lugar era infestado de ratos.

Lawrence e Frieda esfregaram, poliram e mataram ratos furiosamente durante dois dias, até que o lugar estivesse decente o suficiente. Depois, restabeleceram o tipo de rotina doméstica que tiveram na Sicília. A produção local de alimentos era boa, farta e extremamente barata; o clima, até mesmo no inverno sulista, era de um frescor agradável à noite e quente de dia; podiam tomar banho de sol com privacidade, caminhar pela praia, enfeitar a casa com conchas e objetos aleatórios encontrados na beira do mar. Mais uma vez, tinham a sensação razoável de que haviam encontrado um paraíso na terra.



ITÁLIA Pound foi a Veneza no começo do mês; chegou no dia 4 de maio. Suas produções mais importantes do mês foram publicadas na *Dial*. Uma foi “Carta de Paris”, uma saudação triunfante a *Ulisses*: “Todos os homens deviam ‘unir-se para louvar Ulisses’; os que não fizerem isso podem se contentar com um lugar nas ordens intelectuais inferiores.” A outra foi “Canto VIII”.¹⁶⁷ As contribuições de Pound tiveram ilustres companhias: essa edição da *Dial* incluiu participações de Picasso, Yeats e D. H. Lawrence.

5 DE MAIO

NOVA YORK As construções do Yankee Stadium começaram, no Bronx.



LONDRES Aleister Crowley e Leah chegaram a Londres na primeira semana de maio e encontraram acomodações no número 31 da Wellington Square. Precisando urgentemente de dinheiro, Crowley escreveu e submeteu vários artigos, que logo obtiveram sucesso: a *The English Review* aceitou cinco e os publicou sob vários pseudônimos: “Percy Bysshe Shelley”, de “Prometheus”; “The Jewish Problem Re-Stated” [A questão dos judeus reformulada], de “um gentio”; e “The Drug Panic” [O pânico da droga], de “um médico de Londres”.¹⁶⁸ Tentou vender sua autobiografia ao editor Grant Richards, que a recusou; recusou também a proposta de Crowley para um romance sobre o tráfico de drogas. Crowley levou a proposta para um editor mais conhecido, Collins, que comprou *The Diary of a Drug Fiend* [Diário de um viciado] por um valor antecipado de sessenta libras. Até então, Crowley havia publicado seus vários escritos sem ajuda de uma editora; agora, podia se orgulhar de ser um autor profissional.

Começou a ditar o romance para Leah no dia 4 de junho. Em pouco mais de três semanas, estava finalizado.

7 DE MAIO

LONDRES E. M. Forster escreveu em seu diário que estava avançando vagarosamente com seu romance indiano (*Uma passagem para a Índia*), adaptando-o sob a luz de sua nova paixão por Proust. Havia comprado um exemplar de *No caminho de Swann* em Marselha durante o último trecho de sua jornada de volta à Inglaterra, e ficou tão animado que se sentiu obrigado a modificar sua abordagem da escrita de ficção — apesar de suspeitar que as mudanças que estava fazendo sofriam de um cuidado excessivo e careciam da inspiração que Proust trouxe à sua grande obra.

8 DE MAIO

PETROGRAD Anna Akhmatova (1889-1966) escreveu o amargo poema

“Profecy” [Profecia], um tributo codificado ao marido Gumilyov, que foi executado pela Tcheka em 25 de agosto do ano anterior sob acusações fraudulentas de estar envolvido em uma tentativa pró-monárquica de golpe. “Prophecy” foi incluído em sua grande coleção, *Anno Domini MCMXXI*, publicada mais tarde naquele mesmo ano.¹⁶⁹ Em 1922, Akhmatova talvez fosse a poeta contemporânea mais popular na Rússia; suas vendas eram igualadas apenas pelas de Alexander Blok, que havia morrido no ano anterior, extremamente decepcionado com o que a Revolução havia se tornado.¹⁷⁰

9 DE MAIO

OXFORD T. E. Lawrence finalizou a escrita do terceiro e último esboço de *Os sete pilares da sabedoria*.¹⁷¹ No dia seguinte, 10 de maio, queimou o manuscrito da segunda versão rejeitada. Doou o texto do terceiro esboço para a Bodleian Library.

10 DE MAIO

LONDRES A dra. Ivy Williams se tornou a primeira britânica a passar no exame da ordem dos advogados.

11 DE MAIO

LONDRES A Marcony Company iniciou suas transmissões da estação 2LO — um nome que logo se tornaria famoso¹⁷² —, com base na Marconi House, na Strand, uma via pública de Londres. Escutar suas transmissões deve ter sido uma experiência frustrante, visto que as primeiras regulamentações de transmissão exigiam que fossem suspensas durante três minutos a cada dez para que os engenheiros pudessem ouvir seus próprios cumprimentos de onda e descobrir se havia algum protesto, caso o sinal estivesse interferindo em outros. As coisas correram tão bem que a estação obteve permissão para veicular músicas.



CORNUALHA Bertrand Russell escreveu a Ottoline Morrell contando as maravilhas das férias que ele e a família estavam apreciando. Recentemente,

havia comprado uma ex-pensão, feia porém bem-localizada, em Porthcurno, perto de Penzance.¹⁷³ Cedendo a uma sensação incomum de prazer no mundo natural ao seu redor, Russell também relaxou o regime severo, inspirado no behaviorismo, que havia imposto para John Conrad, e aprendeu a simplesmente brincar com o filho nos campos e no mar. Não surpreende que a doença prematura de John tenha desaparecido quase imediatamente; tornou-se uma criança robusta e saudável. O verão se mostrou quente e idílico — anos mais tarde, Russell disse que em sua memória (“que, claro, é falaciosa”) todos os dias daquele ano foram ensolarados. A família se deliciava com o creme de leite batido tradicional da região, tomava banhos de sol, nadava e fazia caminhadas, e em pouco tempo era um retrato da boa saúde e da alegria.

13 DE MAIO

CALIFÓRNIA Rudolph Valentino,¹⁷⁴ um dos atores mais famosos do mundo e o inquestionável “Grande Amante” das telas, casou-se com a atriz Natascha Rambova, a enteada de um magnata dos cosméticos. As núpcias provocaram um frenesi previsível entre as fãs enlouquecidas dele; um frenesi que foi ainda mais intenso quando, oito anos depois, Valentino foi capturado em Los Angeles sob acusações de bigamia e jogado na prisão.

A bigamia sugerida de Valentino na verdade foi mais uma tecnicidade legal. Ele havia recebido o divórcio de sua primeira esposa, Jean Acker, quatro meses antes, em janeiro de 1922. Sob os termos do acordo, devia pagar 12 mil dólares — uma quantia que não era insignificante, visto que apesar dos triunfos de bilheteria e de um salário semanal que havia disparado recentemente para cerca de 1.250 dólares, Valentino tinha dívidas pesadas com advogados e outros credores. Também não se deu conta de que, na lei californiana, casar-se antes de um ano depois de divorciar-se era crime.

A cadeia foi uma experiência terrível para Valentino. A fiança foi rapidamente paga por seus amigos — mas não, como logo notou com raiva, pelo seu empregador e patrono artístico, o produtor Jesse Lasky. A acusação de bigamia foi descartada pela Corte no começo de junho, sob a alegação de que não havia evidência de coabitação com a srta. Rambova.¹⁷⁵ Foi uma vitória ambígua para Valentino, no entanto, pois instigou os rumores de que o mulherego das telas talvez não se interessasse pelo sexo mais frágil na vida real — uma fofoca que o

perseguiria até sua morte prematura, e depois dela.

A antipatia masculina pela persona de Valentino era tão poderosa quanto a adulação feminina, e foi motivo de sua ascensão repentina à notoriedade. Antes da aparição em *Os quatro cavalheiros do Apocalipse*¹⁷⁶ de Rex Ingram no ano anterior (a estreia foi em 6 de março de 1921), ele era um desconhecido, pouco mais do que um figurante; o filme que o transformou em uma lenda, *O sheik*,¹⁷⁷ de George Melford, havia estreado em 30 de outubro de 1921.

15 DE MAIO

LONDRES O *Times* publicou o grande poema “The King’s Pilgrimage” [A peregrinação do rei], de Kipling:

Our King went forth on
pilgrimage
His prayers and vows to
pay
To them that saved our
heritage
And cast their own
away...¹⁷⁸

Kipling, que perdeu o próprio filho na guerra, era membro da Comissão das Sepulturas de Guerra e seu conselheiro literário principal; compôs várias das inscrições nos monumentos instalados na França e na Bélgica depois de 1918. Como seu poema encena, George V fez uma turnê estendida desses memoriais em maio de 1922, tanto em um ato público de luto quanto na esperança de incentivar outros a fazerem essas mesmas viagens de recordação.¹⁷⁹

17 DE MAIO

NOVA YORK Marcel Duchamp escreveu a Alfred Stieglitz:

Querido Stieglitz.

Não tenho vontade de escrever nem mesmo poucas palavras.

Você sabe exatamente o que acho de fotografia.

Gostaria de vê-la fazendo com que as pessoas detestassem a pintura até que algum outro meio fizesse com que a fotografia se tornasse insuportável —

Pronto.

Afetuosamente

Marcel Duchamp

Essa pequena declaração foi uma resposta ao questionário divulgado por Stieglitz, chamado “A fotografia pode ter o significado da arte?”. As respostas foram publicadas na edição de dezembro de 1922 do jornal *MSS*.



MADRI Um jovem estudante visitante francês da Faculdade de Estudos Hispânicos Avançados (que viria a ser a Casa Velásquez) foi à sua primeira tourada. Seu nome era Georges Bataille, e havia se formado recentemente na *École des Chartes* em Paris como arquivista paleográfico; sua missão na Espanha no ano de 1922 era examinar alguns manuscritos medievais franceses que estavam em Madri, Sevilha, Toledo e outras cidades. Chegou a Madri em fevereiro.¹⁸⁰

O que testemunhou na arena naquela tarde mudou sua vida. O matador Manolo Granero — que acabara de completar 20 anos — foi ferido fatalmente de maneira espetacular. “Granero foi derrubado e acuado contra a balaustrada; o touro bateu os chifres contra a balaustrada três vezes a toda velocidade; na terceira pancada, um dos chifres perfurou-lhe o olho direito e a cabeça”: assim conta Bataille em *História do olho*, no capítulo intitulado “O olho de Granero”. No romance de Bataille, o olho mutilado do matador é associado ao terror de infância de Bataille perante seu pai cego, cujos olhos eram lacunas em branco; e também a ovos, a testículos de touros, ao ato de urinar...

Nessa ocasião, no entanto, em vez de ter medo ou repulsa, Bataille se viu tomado por uma combinação profundamente excitante de horror e prazer:

(...) Depois daquele dia, nunca mais fui a uma tourada sem uma sensação de angústia pressionando meus nervos intensamente. Essa angústia não diminuiu nem um pouco meu desejo de ir à arena. Pelo contrário, ela o exacerbava, sob a forma de uma

impaciência febril. Comecei então a entender que a inquietude às vezes é o segredo dos maiores prazeres.

As cartas de Bataille de Madri também falam sobre várias inspirações e afinidades. Confessou a um correspondente: “Curiosamente, comecei a escrever um romance mais ou menos no estilo de Marcel Proust.”¹⁸¹



KENT Eliot escreveu a Ottoline Morrell do Hotel Castle, em Tunbridge Well, onde ele e Vivien estavam hospedados na esperança de que a saúde dela melhorasse um pouco. Na carta, contou que seu sogro o havia convidado para duas semanas de férias na Itália: “Acho que essa visita à Itália vai me salvar de outro colapso nervoso, que senti que estava prestes a acontecer.” Na ocasião, não viajou para a Itália, mas sim para Lugano, na Suíça.



IRLANDA Yeats, ainda em Thoor Ballylee, escreveu a um amigo:

A situação geral da Irlanda me interessa. Temos aqui líderes populares representando uma minoria, mas uma minoria considerável, que caçoam de um apelo à votação e que podem impedi-la durante algum tempo. O mesmo foi visto na Rússia quando os comunistas dissolveram a assembleia constituinte.

(...) Li *Ulisses* e os romances Barchester de Trollope alternadamente.

18 DE MAIO

PARIS Estreia aberta ao público do pequeno balé burlesco *Le Renard* [A raposa], de Igor Stravinsky, na Ópera de Paris, encenado pela companhia de Diaghilev, coreografado por Bronislava Nijinska e dirigido por Ernest Ansermet.¹⁸² Stravinsky havia se acomodado em Paris em 1920,¹⁸³ e a cidade havia recebido todos os maiores balés até então: foi ali que *A sagração da primavera* teve sua estreia literalmente turbulenta em 1913.

Em maio de 1922, Stravinsky tinha quase 40 anos — portanto

apenas alguns meses mais jovem do que Joyce — e, apesar de caçoado por alguns dissidentes, já havia sido reconhecido por vários críticos como um dos maiores compositores vivos.¹⁸⁴

Com *Le Renard*, encenada como parte de um evento múltiplo que incluía obras de Schumann e Tchaikovsky, Stravinsky conseguiu mais uma vez desconsertar o público parisiense, que achava que já possuía uma noção do seu estilo novo com *Pulcinella* e *O canto do rouxinol*. Nunca haviam escutado nada parecido com essa música estridente, quase selvagem, que tomava a forma de uma banda de atores russos medievais itinerantes encenando um conto folclórico. Os figurinos de animais eram da autoria do pintor Michel Laryonov; havia uma banda de 15 integrantes, quatro cantores do sexo masculino e quatro mímicos; a irmã de Nijinsky, Bronislava (“Bronya”), interpretou a raposa em um estilo exagerado, parecido com um *clown*, e a coisa toda foi uma alegria insana. Brilhante, sim, indiscutivelmente brilhante; mas também desconcertante. Algumas partes do público aplaudiram bravamente; outras ficaram em silêncio.

Depois da performance de *Le Renard*, um banquete comemorativo foi oferecido em honra a Stravinsky.



PARIS Noite do lendário jantar modernista no Majestic.¹⁸⁵ Diaghilev foi mestre de cerimônias, mas os anfitriões foram Violet e Sydney Schiff, amigos de Proust; cerca de quarenta pessoas foram convidadas, incluindo — como reportou o cunhado de Virginia Woolf, o crítico de arte Clive Bell — “os quatro homens vivos que ele [Sydney Schiff] mais admirava: Picasso, Stravinsky, Joyce e Proust”. A maioria dos convidados usou trajes formais, embora Picasso tenha vestido uma faixa catalã na cabeça. O grupo finalmente se sentou para jantar depois da meia-noite.

Joyce apareceu cambaleando por volta da hora em que o café estava sendo servido. Estava malvestido, parecia desconcertado e — presumiu-se ampla e corretamente — mais do que um pouco embriagado. De acordo com Bell: “Não parecia nada bem... certamente, não estava no clima para jantar. Mas colocaram uma cadeira para ele à direita do nosso anfitrião, onde ficou sem falar com a cabeça nas mãos e uma taça de champanhe à frente.” Joyce raramente precisava de desculpa para um vinho branco, mas nessa

ocasião parece que ficou constrangido por não ter uma vestimenta apropriada e precisou muito de goles de coragem holandesa.

O próximo atrasado foi um personagem bem diferente. “Às 2h30 da manhã, eis que Proust aparece diante do mundo, luvas brancas e tudo o mais, como se tivesse visto uma luz acesa na janela de um amigo e tivesse subido na esperança de encontrá-lo acordado. Fisicamente, não me agradou, estava muito escorregadio, úmido e embriagado; seus olhos, no entanto, eram gloriosos.” Joyce recordou que Proust entrou ainda vestindo seu casaco de pele e “parecendo o herói de *The Sorrows of Satan* [As tristezas de Satanás]”.

Proust foi colocado entre o sr. Schiff e Stravinsky. A conversa não se desenrolou bem. Na tentativa de fazer um elogio elaborado ao compositor, Proust cometeu o erro de falar entusiasmadamente sobre Beethoven. Seu entusiasmo era sincero e fundamentado em um conhecimento genuíno de Beethoven, principalmente das últimas obras. Mas Stravinsky, ciente de que Beethoven era o nome bem provável de ser citado na Paris moderna, se irritou e respondeu com mau humor.

Proust: “Sem dúvida você gosta de Beethoven, correto?”

Stravinsky: “Detesto Beethoven” [Não era verdade].

Proust: “Mas, *cher maître*, com certeza aquelas últimas sonatas, e os quartetos...?”

Stravinsky: “Pior do que todas as outras!”

Ansermet teve de interromper esse diálogo estranho para prevenir que tomasse volume e virasse uma briga.¹⁸⁶

Por volta desse momento, Joyce começou a roncar, ajudando Bell a sair de uma situação delicada. A senhorita se sentou ao seu lado e indicou que gostaria de ser acompanhada até em casa, e Bell ficou feliz em ajudar. No entanto, quando ele saiu, Joyce parou de roncar e começou a conversar com Proust. O que de fato aconteceu entre eles é incerto, visto que diferentes testemunhas fazem diferentes relatos. Entretanto, a maioria das pessoas parece concordar que o encontro entre dois dos maiores romancistas do século foi entediante e sem significado, de maneira quase hilária. Em uma versão:

Proust: “Você gosta de trufas?”

Joyce: “Gosto.”

Em outra:

Proust: “Nunca li seus livros, sr. Joyce.”

Joyce: “Nunca li seus livros, sr. Proust.”

Em outra — a de Joyce, segundo Frank Budgen:

Proust: “Ah, monsieur Joyce, conhece a princesa...?”

Joyce: “Não, monsieur.”

Proust: “Ah. Conhece a condessa...?”

Joyce: “Não, monsieur.”

Proust: “Então conhece a madame...?”

Joyce: “Não, monsieur.”

E assim multiplicam-se as versões. Conforme uma versão escutada por William Carlos Williams, os dois grandes homens finalmente conseguiram se entrosar bem conversando sobre uma coisa que certamente tinham em comum: a má saúde. Joyce reclamou sobre seus olhos e dores de cabeça; Proust sobre suas dores terríveis de estômago. Despediram-se cordialmente.¹⁸⁷



LONDRES Aldous Huxley — identificado posteriormente por Cyril Connolly como um dos talentos definidores do *annus mirabilis* — publicou *Mortal Coils* [Molas mortais], uma seleção de contos, incluindo seu exercício mais aclamado no gênero, “The Gioconda Smile” [O sorriso da Gioconda]. Apenas seis meses haviam se passado desde a publicação de seu romance de estreia, *Crome Yelow* [Amarelo Cromo].¹⁸⁸

Huxley e a esposa, Maria, viviam então em um apartamento espaçoso de dois andares perto de Paddington: Westbourne Terrace, 155 — um lugar um tanto obscuro para se começar, apesar de logo terem-no animado com um pouco de tinta verde-limão. Aldous tinha 28 anos. O casal compartilhava seus espaços cheios de ecos com Matthew, o filho pequeno e frequentemente doente (nascido em 19 de abril de 1920), inúmeros besouros e um gato sarnento que os devorava.

Sua vida era mais confortável nesse apartamento do que nas acomodações anteriores, e apesar de estarem longe de serem ricos, viviam bem — todas as manhãs, Aldous comia mingau com creme

fresco, e bacon com ovos — e eles gostavam de entreter as pessoas. Seus convidados regulares incluíam os três Sitwell (Edith, Osbert e Sacheverell); a grande amiga de Eliot, Mary Hutchinson, e seu marido Jack; Mark Gertler, entre outros. O jantar geralmente era seguido de uma ida ao cinema. À noite, quando estavam sozinhos, Aldous e Maria gostavam de dançar ao som de discos no gramofone, principalmente foxtrotos e tangos.

Huxley tinha acabado de aceitar um emprego diário agradável, com um salário de 750 libras ao ano, na Condé Nast, o que o deixava ocupado o suficiente compondo artigos, comissionando novos escritores — Norman Douglas, Lytton Strachey — e às vezes até desenhando capas. Para ter uma pequena renda extra, também fazia críticas de concertos para a *Westminster Gazette*. No entanto, tinha permissão para trabalhar em horários fluidos, e havia tempo de sobra para o seu próprio trabalho. Algum, mas não o suficiente.

Nos meses seguintes, negociou os termos de um contrato com a Chatto and Windus que mudaria a sua vida. Em troca de escrever duas obras ficcionais por ano nos próximos quatro anos, a editora concordou em pagar-lhe um adiantamento trimestral regular que somaria 500 libras por ano, o que o libertaria das tarefas jornalísticas. O contrato entrou em vigor em 8 de janeiro de 1923. Huxley sabia que era capaz de ser produtivo — *Crome Yellow* tomou-lhe cerca de dois meses —, portanto sentiu-se confiante quanto a honrar sua parte do contrato.

Infelizmente, o destino tinha outros planos. Ele se apaixonou desesperadamente por Nancy Cunard.¹⁸⁹

20 DE MAIO

NOVA YORK Carl Van Vechten escreveu (em seu apartamento no 151, East 19th Street) ao novelista inglês Ronald Firbank:

Querido gênio gay,

(...) Dizer que você é uma sensação em Nova York é ser muito modesto. O mundo inteiro está lendo você, citando você, *comprando* você, admirando você. Você é quase um “best-seller”. As lojas não conseguem fazer estoques suficientes. Vendem assim que chega. Acho que você é tão famoso em Nova York quanto Anatole France. Certamente, mais do que [Max] Beerbohm. Mais,

pour quoi pas?

A pequena sensação Firbank em 1922 foi quase inteiramente resultado dos próprios esforços de Van Vechten. Ele havia publicado um artigo sobre Firbank no *Double Dealer* (abril de 1922), e promoveu os romances de Firbank para seus amigos influentes.¹⁹⁰



LONDRES Eliot escreveu ao velho amigo Gilbert Seldes¹⁹¹ na *Dial* para confirmar que havia recebido sua cópia de *Ulisses*, a ser usada para fazer sua crítica. Disse também que, apesar de uma fadiga crônica, esperava poder entregar o artigo em cerca de um mês. “É uma grande tarefa”, resmungou (ou explicou) ele. Depois disso, partiu para 15 dias de férias em Lugano. No dia 24, escreveu novamente a Hermann Hesse — dessa vez em alemão — convidando-o para um chá. “Será uma grande honra e um grande prazer se eu puder visitá-lo e conversar com o autor de *Blick ins Chaos* [Olhando para o caos]...” Hesse obviamente aceitou o convite, visto que Eliot enviou um cartão-postal caloroso no último dia do mês dizendo que o encontro deles deixou memórias agradáveis.

Em algum momento durante a estada em Lugano, ele atravessou a fronteira italiana para visitar Pound, que estava em Verona.



ESTADOS UNIDOS A capa do *Saturday Evening Post* foi o quadro *Old Couple Listening to Radio* [Casal idoso escutando rádio], de Normal Rockwell. A pintura, que mais tarde se tornaria uma das imagens mais famosas de Rockwell acerca da vida norte-americana em uma pequena cidade, é indicação de que o rádio havia rapidamente se tornado parte essencial da rotina diária de milhões de pessoas.

21 DE MAIO

MOSCOU Lançamento do primeiro filme Kino-Pravda de Dziga Vertov; seriam 23 ao todo. (Cf. 4 de março.)



ILLINOIS Bix Beiderbecke, apenas poucos meses depois de seu aniversário de 19 anos, foi expulso do internato Lake Forest Academy. Além de um histórico acadêmico pobre, seu principal crime foi o hábito de sair escondido da escola à noite e ir para Chicago, onde amava assistir “*hot*” jazz sendo tocado nas boates e bares ilegais. Um de seus locais preferidos era o Friar’s Inn, onde não só desfrutava dos sons do New Orleans Rhythm Kings como também às vezes tinha permissão para se unir a eles, tocando a corneta em seu estilo idiossincrático.¹⁹²

Essa desgraça foi um choque terrível para seus pais, respeitáveis e de classe média, que tinham esperanças de que o internato talvez o consertasse; contudo, teve grande importância para a história do jazz. Sendo um desertor de caminhos convencionais, Beiderbecke agora se lançou a todo gás no jazz, e no final de 1923 estava tocando profissionalmente com a Wolverine Orchestra.¹⁹³



NOVA YORK Eugene O’Neill ganhou o Pulitzer por *Anna Christie*, que foi produzido pela primeira vez em 2 de novembro de 1921.¹⁹⁴ Foi seu segundo Pulitzer e mais uma confirmação de sua incrível ascensão da quase obscuridade ao topo dos dramaturgos norte-americanos — um status reconhecido tanto em casa quanto fora, onde produtores estavam ansiosos para encenar qualquer coisa que seu agente lhes permitisse ter.

Em outubro de 1922, o inglês William Archer, o distinto homem do teatro, escreveu a um parente norte-americano dizendo que *Anna Christie* e *The First Man* [O primeiro homem] eram “as melhores peças escritas nos Estados Unidos”, e que “estou inclinado a... chamar O’Neill de o maior dramaturgo vivo da língua inglesa”.¹⁹⁵

O Pulitzer foi mais do que bem-vindo para O’Neill, visto que a primavera de 1922 foi terrível para ele: ficou devastado com o falecimento da mãe, e apesar de o público parecer gostar de *O macaco peludo*, a maioria dos críticos recebeu a peça com críticas tépidas e incompreensivas. Além disso, em 19 de maio a obra foi o centro de uma alegação da polícia de Nova York que dizia que era “obscena, indecente e impura”. Daí a carta jocosa de O’Neill a um amigo em 25 de maio:

Sim, pelo visto estou virando o Bichinho de Estimação Premiado dos Dramaturgos — o Hot Dog do Drama. Quando a polícia não está colocando a Medalha da Obscenidade no meu peito de Macaco Peludo, veja você, é a vez de a Columbia adornar o busto abusado de Anna com a Cruz da Pureza. Começo a sentir que tem alguma coisa muito errada comigo ou alguma coisa muito certa... “É um mundo louco, meus mestres!”...

O’Neill estava começando a ganhar 850 dólares por semana e a viver nos padrões desse salário: além de seus primeiros smokings, comprou também uma casa espaçosa em Connecticut — a fazenda Brook, com 31 acres de terreno, incluindo florestas, pastos e gramados. A casa tinha o estilo tradicional da Nova Inglaterra colonial, com biblioteca, sala de sol, uma sala de estar de 9 metros de altura, quatro quartos principais e área de empregados. Pagou 40 mil dólares — um preço alto na época que fez com que ele ficasse em dificuldades financeiras por muito tempo, apesar do novo salário considerável. Para completar sua imagem de escudeiro do campo, comprou também um wolfhound irlandês que chamou de Finn.



SUÍÇA O patrono de Rilke, Werner Reinhart, comprou e restaurou o Château de Muzot para que o poeta continuasse a viver ali sem pagar aluguel.



PARIS O primeiro-ministro francês, Raymond Poincaré, encontrou um artigo de revista denunciando o uso generalizado de palavras em inglês por parte de jornalistas esportivos franceses: o “fringlês”. Profundamente impressionado com esse ataque dos inimigos do francês puro, Poincaré banuiu o uso de todas as palavras recentemente importadas do inglês em documentos oficiais.

Estranhamente, o autor do artigo não era francês de nascença, mas um imigrante recente do Sudeste da Ásia. Naquela época, era conhecido principalmente pelo seu nome fictício, Nguyen Ai Quoc — “Nguyen, o Patriota”. Mais tarde, ficou muito mais conhecido como Ho Chi Minh.

23 DE MAIO

HOLLYWOOD Walt Disney transformou sua primeira empresa de produção em uma empresa corporativa, registrando-a como Laugh-O-Gram Films.



PARIS Joyce consultou o eminente oftalmologista francês dr. Victor Morax por causa de uma irite. Segundo as anotações de Morax, Joyce atribuiu sua condição a uma noite excepcionalmente tumultuada no Pirano por volta de 1910, quando desmaiou e ficou inconsciente no chão por algumas horas após a meia-noite.

Sob o tratamento de Morax, a visão de Joyce melhorou um pouco, mas ainda havia sangue em seu olho e uma ameaça de glaucoma. No fim do mês, a dor havia retornado da maneira agonizante de sempre, mas Morax estava ocupado demais para atender seu paciente e mandou um aluno, o dr. Pierre Merigot de Treigny, em seu lugar. Quando o jovem médico entrou no apartamento na rue de l'Université, 9, ficou surpreso com a imundice.

“Um homem estranho”, comentou Morax com seu aluno. “Mas de qualquer maneira” — usando um americanismo antiquado — “um *big boss*”.

26 DE MAIO

LONDRES Wyndham Lewis terminou a leitura de *Ulisses* e decididamente não ficou impressionado. Escreveu a Schiff: “Depois de ler um livro definitivamente romântico como *Ulisses*, você tem vontade de ir embora dessa terra encantada irlandesa, masturbatória e histórico-política, o mais rápido possível...”



MOSCOU Lenin sofreu seu primeiro infarto.



LONDRES Winston Churchill passou três horas sozinho com Arthur Griffith,

presidente do Dáil irlandês (o Parlamento), discutindo o acordo entre Michael Collins, presidente do governo provisório da Irlanda, e Eamon de Valera, assinado apenas alguns dias antes, em 20 de maio. Foi onde ficou determinado que os republicanos de Valera (que queriam destruir o Tratado Anglo-Irlandês de 6 de dezembro de 1921 e renunciar a Coroa) tomariam 57 lugares em um Parlamento irlandês, ao passo que o lado pró-Tratado, liderado por Griffith e Collins, teria 64 lugares. Churchill, preocupado com as possíveis implicações disso, imediatamente convidou os líderes do Estado Livre a Londres para conversarem; quando Collins hesitou, Churchill escreveu a ele diretamente: “Sinto que é meu dever urgir sinceramente que o senhor não permita que nada se ponha como obstáculo ao que pode muito bem ser uma reunião de vasta importância.”

Então um momento de má sincronia terrível aconteceu. Sir James Craig fez um apelo a Londres por tropas para guardar a fronteira da província de Ulster e para pôr fim à campanha de terror cada vez mais sanguinária em Belfast, onde cerca de sete ou oito assassinatos aconteciam por dia. O Gabinete concordou em conceder ao pedido de Craig no dia 23, e Churchill telegrafou a notícia antes que fosse divulgada ao público. Exaltado, Craig fez a proclamação infeliz de que a Grã-Bretanha passaria a apoiar Ulster em tudo o que fizesse, e que a fronteira nunca mais seria redefinida, independentemente do que a Comissão das Fronteiras dissesse. Churchill ficou furioso, e falou isso para Craig; poucas coisas poderiam ter sido tão danosas aos prospectos de negociação com o Estado Livre como o pronunciamento de Craig, que, disse Churchill, “parece mostrar que você está tão disposto quanto Collins e Valera a desafiar o Governo Imperial se tomarem medidas das quais você não gosta”.

Na ocasião, Collins mostrou-se bem mais conciliatório do que Churchill e Lloyd George haviam temido. Chegou a Londres no dia 27 e participou das negociações por três dias. Churchill resumiu as discussões para o benefício do Parlamento nos dias 30 e 31. Essencialmente, reportou ele, Collins havia concordado (a) em respeitar os termos do Tratado, e portanto a conexão britânica, e (b) em promover eleições em junho. Churchill e os demais ficaram impressionados com ele e concordaram em apoiar essas eleições, conforme Collins havia pedido. Em seus pronunciamentos no dia 31, Churchill defendeu o acordo Collins-Valera como o caminho mais promissor, ou o menos desastroso. Se tudo corresse bem, se o Tratado ficasse firme, a Irlanda seria formalmente conectada ao Império e à

Coroa, e o derramamento de sangue finalmente acabaria. Por outro lado, os membros do Parlamento não deviam subestimar a gravidade nefasta das questões irlandesas. Na Irlanda do Sul:

As transações bancárias e os negócios estão limitados; a indústria e a agricultura estão enfraquecendo; a renda aparece com passos cada vez mais lentos; o crédito está secando; as ferrovias estão diminuindo o ritmo; a estagnação e o empobrecimento estão tomando a vida produtiva da Irlanda; a sombra inexorável da fome já está presente em alguns dos distritos mais pobres.

Aprenderemos a lição a tempo e aplicaremos as retificações antes que seja tarde demais? Ou a Irlanda, em meio à indiferença dura por parte do mundo — pois é disso que se trata —, tem de perambular por aqueles precipícios que já engolfaram o grande povo russo? É a pergunta que os próximos meses responderão.¹⁹⁶

28 DE MAIO

FRANÇA Raymond Radiguet escreveu uma carta polida para a mãe de Cocteau dizendo que teria escrito antes, porém estava ocupado demais com seu novo romance, *O baile do conde d'Orgel*. Ele e Cocteau estavam agora no Sul da França, em Le Lavandre e em Pramouquier, um vilarejo próximo. O verão e o começo do outono foram tempos de intensa produtividade: Radiguet escreveu seu romance quase inteiro, ao passo que Cocteau compôs uma coleção de poemas, *Plain-Chant* [Cantos plenos], sua adaptação de *Antígona*, de Sófocles (que seria encenada no fim do ano), e dois romances curtos: *Le Grand Écart* [A grande separação] e *Thomas, o Impostor*. Esse florescimento de talento foi justamente descrito como “fenomenal”.



LONDRES Eliot, obviamente em condição muito melhor devido ao seu descanso, escreveu a Ottoline Morrell: “Eu adoraria [sic] 6 meses de Itália e calor e sol, e nunca me senti tão preguiçoso e lânguido.”



NOVA YORK Joseph Collins finalmente escreveu uma crítica a *Ulisses* para o

New York Times intitulada “James Joyce’s Amazing Chronicle” [A incrível crônica de James Joyce]. Apesar de ter compensado seu veredicto principal com todos os tipos de julgamentos limitadores (“nojento”) e palavras de precaução, formuladas em geral com astúcia, sua admiração básica foi inequívoca:

Ulisses é a contribuição mais importante feita à literatura ficcional no século XX. Irá imortalizar seu autor com a mesma certeza que Gargantua e Pantagrue imortalizaram Rabelais, e que *Os Irmãos Karamazof* [sic] imortalizaram Dostoievski. É provável que ninguém que escreve na língua inglesa hoje consiga se equiparar ao feito do sr. Joyce.

Collins foi um dos primeiros críticos a discorrerem com algum pormenor acerca do que viu como afinidades entre Joyce e Freud.

- “Sua produção literária talvez confirmasse algumas das alegações de Freud...”
- “Ele concorda com Freud que a mente inconsciente representa o homem de verdade...”
- “Aprendi mais sobre psicologia e psiquiatria no livro do que em dez anos no Instituto Neurológico. Há outros ângulos pelos quais *Ulisses* pode ser visto de maneira lucrativa, mas não há tantos...”

Seguindo o mesmo espírito, Collins foi selvagem em relação ao personagem de Leopold Bloom, que a maioria dos leitores modernos tendem a considerar agradável, caracterizando-o como “um monstro da moral, um perverso e um invertido,¹⁹⁷ um apóstata à sua raça e sua religião, o simulacro de homem que não tem nem contexto cultural nem autorrespeito”. Sua crítica termina com uma profecia de que *Ulisses* seria tema de escritos laudatórios dali a cem anos; mas também de que nem dez entre cem homens ou mulheres seriam capazes de lê-lo por inteiro.

29 DE MAIO

DUSSELDORF Abertura do Congresso dos Artistas Progressivos Internacionais, idealizado para unir uma grande variedade de comunistas, socialistas e almas criativas de inclinações esquerdistas em geral. Os conservadores ficaram

entretidos e os cínicos não se surpreenderam ao notar que impasses amargos se deram quase imediatamente, e o evento inteiro terminou em caos e farsa.

30 DE MAIO

WASHINGTON D.C Cerimônia de inauguração do Lincoln Memorial.

163. Na verdade, o laureado de literatura do Nobel daquele ano foi o dramaturgo Jacinto Benavente y Martinez.

164. Esenin, claramente um otimista quando se tratava de casamentos, havia se casado duas vezes antes de conhecer Isadora, e se casaria duas vezes mais; sua quinta e última esposa foi Sofia Tolstoya, neta do conde Liev Tostói.

165. Mais tarde, descobriu-se que um dos zeladores se esqueceu de tirar a vedação da *siccura*, a válvula de segurança do aquecedor de água no banheiro.

166. Lawrence a ajudou a reescrever seu primeiro livro de ficção, *The Boy in the Bush* [O menino no mato], e mais tarde conseguiu que fosse publicado tanto no Reino Unido quanto nos Estados Unidos. Foi sua primeira contribuição à literatura da Austrália.

167. Mais tarde, o poema foi revisado e reimpresso com edições com o título de Canto II em *A Draft of XVI Cantos* [Um rascunho de XVI cantos] (1925, Paris: Three Mountains Press).

168. Crowley irritou o editor do jornal com suas reclamações constantes devido ao pagamento, portanto essa conexão não durou muito.

169. Ela e seus compatriotas de Petrograd passavam por privações terríveis desde 1917 — fome, invernos esmagadores, brutalidade policial e assassinatos; sem conseguir abordar essas agonias diretamente, ela fez uso do “*tanopsis*” (“linguagem secreta”), um tipo de estilo indireto e críptico conhecido na literatura russa desde Pushkin, e que agora estava ajudando uma nova geração de autores a se expressar sem o perigo imediato de prisão ou morte.

170. Akhmatova é tida hoje como uma das maiores poetisas russas daquela geração, e de fato de toda a literatura russa. Graças à recusa corajosa de tomar o rumo fácil e fugir para o Oeste, como alguns de seus colegas escolheram fazer, também foi reverenciada como uma das que ajudou a manter os valores humanos russos vivos sob o terror de Stalin. Ela desfrutou da fama e da popularidade precoces, mas de 1925 em diante, tornou-se vítima de um banimento não oficial em relação à publicação de seus versos; isso trouxe o período que ela chamou de “Os Anos Vegetarianos”, quando viveu à base de uma dieta de quase inanição, e sobreviveu principalmente dos pagamentos de traduções de clássicos estrangeiros. Sua obra foi ridicularizada pelos críticos stalinistas, e seu filho Lev foi preso, em grande parte por ser o filho de uma poeta histérica e burguesa, mas também por suspeita de inclinações monarquistas. Ela teve vários casos amorosos; a lista de seus supostos e conhecidos amantes poetas é bastante impressionante: Osip Mandelstam (cuja esposa a perdoou), Boris Pasternak, Alexander Blok, Boris Anrep... Durante uma visita a Paris, também teve um caso com o pintor Modigliani e pousou para cerca de vinte retratos dele. O retrato

mais famoso de Anna enquanto artista jovem é da autoria de Kuzma Petrov-Vodkin, e essa obra também foi feita em 1922.

171. Esse esboço foi impresso pelo *Oxford Times* em edição limitada de oito exemplares, conhecida hoje (e recentemente publicada) como a edição “Oxford” do livro.

172. Quando a British Broadcasting Company foi fundada em novembro de 1922, o estúdio e o equipamento utilizados nos primeiros programas da BBC eram dali.

173. Chamada originalmente de Sunny Bank [margem ensolarada], foi renomeada Carn Voel por seus novos proprietários fastidiosos.

174. Valentino nasceu em uma família de classe média em Castellaneta, perto do “salto alto” do Sul da Itália, em 6 de maio de 1895. Seu nome completo é quase comicamente desajeitado: Rudolfo Alfonzo Raffaello Piero Filiberto (ou: Pierre Filibert) Guglielmi di Valentina d’Antonguolla. Seu pai, Giovanni Guglielmi, era um ex-oficial da cavalaria que virou veterinário; sua mãe era filha de um cirurgião francês. O Signor Guglielmi morreu quando Rudolf ainda era um menino, e sua mãe viúva se dedicou exclusivamente a ele. Indisciplinado e mimado, se saiu mal na escola, exceto em dança, ginástica e línguas estrangeiras: seus colegas falavam frequentemente sobre a rapidez e a facilidade com que era capaz de dominar novas línguas e sotaques.

Depois de alguns anos sem rumo, o jovem seguiu o exemplo de vários italianos ambiciosos e foi buscar sua fortuna nos Estados Unidos. Atravessou o Atlântico no SS *Cleveland* em dezembro de 1913, e passou os dois anos seguintes em trabalhos insignificantes. Acabou se envolvendo em um processo complicado de divórcio, e passou alguns dias na prisão sob uma acusação aleatória de drogas, muito provavelmente forjada. Percebendo que era arriscado permanecer em Nova York, foi para a Califórnia com uma companhia mambembe de operetas. Atuou em inúmeros papéis pequenos antes de fazer sucesso.

175. O casal viveu em casas separadas nos meses seguintes, e depois se casou novamente, dessa vez dentro da legalidade, em 14 de março de 1923.

176. Os críticos concordaram que a cena de entrada de Valentino em *Os quatro cavalheiros* é uma das mais dramáticas da história do cinema. Em um momento, tela vazia; no outro, um grande close-up do rosto de Julio/Valentino, um cigarro em sua boca, fumaça saindo pelas narinas. Julio é um gaúcho; ele interrompe um casal que dança, dá um golpe no homem com seu chicote, pega a mulher e a guia em um tango inebriante. No fim, pressiona seus lábios contra os dela sem perdão... o público foi ao delírio. Não havia dúvida naquela indústria que Valentino tinha acertado, mas será que viraria um homem de apenas um sucesso? Seus três filmes seguintes — *Corações cegos*, *Dama das camélias* e *The Conquering Power* [O poder de conquista] (todos em 1921) — sugeriram que talvez não fosse durar muito. Foi por volta dessa época que o grande diretor francês Abel Gance visitou Hollywood, e reportou ter achado Valentino desanimado e implorando para ser levado de volta para o cinema europeu.

177. Adaptado do romance erótico de Ethel M. Hull, era a história simplória, porém excitante: uma aristocrata, lady Diana Mayo, abduzida por um “bárbaro”, o sheik Ahmed Ben Hassan.

“Por que você me trouxe aqui?”, indaga ela.

“Você não é mulher o suficiente para saber?”, responde ele.

Erotismo leve, em suma; mas retoma a respeitabilidade no último instante por

meio da revelação de que Ahmed Ben Hassan é apenas um escocês bronzeado, o conde de Glencarryl, que foi abandonado no deserto quando bebê. Sendo assim, não era apenas um homem branco, mas também um aristocrata. As senhoritas desmaiaram.

Incentivado por uma campanha publicitária espirituosa — “Extravase, pois o sheik também vai pegar você!” era o lema que, de maneira hábil, combinava um induzimento erótico com uma brincadeira na pronúncia [no original: *Shriek, for the Sheik will seek you too!*] — e pelos escândalos de Valentino fora das telas, *O sheik* foi mais do que apenas um sucesso de bilheteria. Deu início a uma febre. Os jornais agora estavam abarrotados de kitsch orientalista, Tin Pan Alley produziu uma música popular ingênua chamada “The Sheik of Araby”, e Hollywood rapidamente começou a lucrar com imitações: *Arabian Love*, *Arab*, *Song of Love*... agora e para sempre, Valentino era o indisputável Grande Amante.

178. Em tradução livre: “Nosso Rei botou-se na andança / Para lançar rezas e promessas / Aos que guardaram nossa herança / E descartaram as suas próprias...” (N.T.)

179. A maioria dos leitores achou o poema muito comovente, e quando no mesmo ano foi republicado como parte de um livro homônimo, incluindo fotografias e um texto em prosa do escritor australiano Frank Fox, tornou-se um best-seller.

180. Mais tarde, Bataille se tornaria uma das maiores presenças no pensamento continental: um filósofo quase impossível de ser classificado; um romancista, criador, entre outras obras, do notório *História do olho* e *O azul do céu*; fundador do influente *Critique* — que introduziu os primeiros escritos de Barthes, Blanchot, Derrida e Foucault ao público leigo — e herói da contracultura. Entretanto, em 1922, ainda era um católico pio e desconhecido.

181. Como apontou seu biógrafo, Michel Surya, isso significa que Proust deve ter sido o primeiro autor “moderno” que Bataille leu — isto é, antes de Dostoievski, Nietzsche, Gide e os surrealistas... mas, apesar de desconhecidas para ele, as técnicas que estava tentando desenvolver para alternar sua consciência eram notavelmente similares às técnicas com as quais René Crevel e outros protossurrealistas também estavam testando em 1922. (Cf. 13 e 14 de junho)

182. Originalmente, foi comissionado pela princesa Edmond de Polignac em 1916 para ser apresentado em seu salão; Stravinsky cumpriu a comissão no tempo determinado, mas era impossível encená-la em uma área tão pequena.

183. Pouco depois de sua chegada a Paris, iniciou um relacionamento apaixonado com “Coco” Chanel — os detalhes ainda são incertos, mas parece ter começado na época dos ensaios de *Pulcinella* e acabado por volta de maio de 1921. É provável que ele tenha mantido o caso em segredo para sua família, visitando Coco em seu apartamento no Ritz.

Presume-se que Chanel ouviu Stravinsky trabalhando na trilha para uma produção revisada de *A sagração da primavera*, que teria coreografia nova de Massine, visto que apareceu no hotel de Diaghilev um dia e, sem explicação, entregou-lhe um cheque com uma quantia extremamente alta que o tirou de sua última crise financeira. A nova encenação foi triunfante; “toda a Paris” a amou. Enquanto isso, Coco passou a ter um novo amante — um dos homens que haviam assassinado Rasputin.

184. Nascido em Oranienbaum em 1882 e criado em São Petersburgo, foi

direcionado pela família para uma carreira em Direito. Após a morte do pai em 1902, caminhou cada vez mais para a música, e teve aulas particulares ocasionais com Rimsky-Korsakov até 1908. Casou-se com a primeira esposa, Katerina, em 23 de janeiro de 1906, e ficaram casados até o falecimento dela, em 1939, apesar do caso de longa data com Vera de Bosset, que virou sua segunda esposa.

Em 1909, sua primeira composição substancial, *Feux d'Artifice* [Fogos de artifício], estreou em São Petersburgo. Diaghilev estava presente e ficou suficientemente impressionado para pedir que Stravinsky fizesse algumas orquestrações para o Ballets Russes, e depois a obra que o lançou, *O pássaro de fogo*, que foi encenada em Paris em 1910. Stravinsky deixou a Rússia no mesmo ano e, fora uma viagem breve de pesquisa para *As núpcias* em julho de 1914, não voltou ao país durante meio século. Mudou-se para a Suíça — primeiro para Lausanne, onde compôs *Petrushka*, e depois para Clarens, onde escreveu *A sacração da primavera*.

Em Paris, formou uma parceria de trabalho com Pleyel, fabricante de pianolas, que lhe concedeu uma sala no andar de cima de sua fábrica, onde parecia compor com bastante fluência a despeito dos barulhos vindos do andar de baixo.

185. Um hotel rebuscado na avenue Kleber que em 1919 havia hospedado a delegação britânica na Conferência de Versalhes.

186. Foi um mal-entendido lamentável em vários sentidos. Proust era fã leal tanto do Ballets Russes quanto de Stravinsky; em seu novo romance, *Sodoma e Gomorra*, havia escrito sobre o gênio de Stravinsky. E foi nas noites musicais da princesa Edmond de Polignac, patrona de Stravinsky, que conheceu as últimas sonatas e quartetos de Beethoven.

187. Em uma outra versão da história, Schiff contou a um dos amigos que quando o jantar finalmente terminou, Proust convidou os Schiff para seu apartamento na rue Hamelin. Odilon Albaret, marido de Celeste, esperava lá fora, pronto para levá-los para casa em um pequeno carro. Joyce se convidou para pegar carona e assim que se apertou no interior sem muito espaço acendeu um cigarro — certamente sem saber que Proust, severamente asmático, não aguentava nem fumaça, nem o ar puro de uma janela aberta em um carro. Quando, depois de um caminho bem curto — o apartamento de Proust ficava apenas a um minuto dali —, chegaram à rue Hamelin, 44, Joyce deu todos os sinais de que gostaria de ser convidado para subir, mas Proust insistiu que o táxi continuasse e o levasse para casa. Ele mesmo entrou rapidamente, deixando Schiff encarregado de terminar a discussão. Mas estava de bom humor quando Schiff reapareceu, e os três ficaram sentados até depois do dia nascer conversando e bebendo champanhe.

E Joyce? Parece que depois da morte de Proust, Joyce lamentaria a incapacidade dos dois de terem um encontro apropriado. “Se ao menos tivéssemos tido a chance de nos encontrarmos e conversar em algum lugar.”

188. As vendas iniciais do romance foram decentes, mas não espetaculares — 2.500 exemplares no primeiro ano, despencando para míseros 86 no ano seguinte. (Lembrem-se que o romance de estreia de Fitzgerald, *Este lado do paraíso*, havia vendido 45 mil exemplares.) Não importa: o romance impulsionou o rumor de que Huxley era uma promessa futura. A venda de cerca de 2 mil exemplares pode ser significativa, se as pessoas certas estão comprando. E os críticos acharam a obra incrível.

Max Beerbohm, que enviou uma carta cativante de congratulação ao jovem

autor, estava entre aqueles que reconheceram seu potencial excepcional. E um sinal da consciência admirável de Proust em relação às reputações do outro lado do Canal foi ter escrito, em *Sodoma e Gomorra*, sobre uma festa na casa da princesa de Guermantes, onde o narrador vê um médico inglês ilustre chamado Huxley: “Aquele cujo sobrinho atualmente ocupa um lugar preponderante no mundo da literatura inglesa.” “Atualmente”: era uma fofoca bem atual.

No lado negativo, *Crome Yellow* enfureceu e magoou profundamente lady Ottoline Morrell — para a grande surpresa de Aldous. Para ela, o romance — que retrata uma festa em uma casa de verão; os mais chegados puderam reconhecê-la imediatamente como uma versão aguçada de Garsington e seus frequentadores habituais — era uma brincadeira bem-intencionada, um pastiche, uma piada carinhosa; era mais um elogio do que uma sátira. O grupo de Garsington não demorou a identificar correspondências entre os personagens de *Crome Yellow* e suas inspirações.

Huxley tentou aplacar os Morrell em uma série de cartas, mas a mágoa durou anos. Ainda assim, o efeito mais geral do livro foi assegurar a fama da qual ele conseguiu misteriosamente desfrutar muito antes de ter feito qualquer coisa para merecê-la. Os leitores mais jovens se encantaram com *Crome Yellow*, ou ficaram deliciosamente chocados; os mais velhos cumpriram seu papel convencional de desaprovar. Os dois grupos de leitores concordaram, positiva ou negativamente, que a qualidade primordial de Huxley era o “cinismo”. Isso o irritou tanto que ele brincou com a palavra em “The Gioconda Smile”:

“Ah, você é cínico.”

O sr. Hutton tinha o desejo de dizer “Bau-uau-uau” sempre que a última palavra era dita. Ela o irritava mais do que qualquer outra palavra naquela língua.

“Bau-uau-uau”? Porque *cínico* é derivado da palavra grega que significa “cachorro”.

189. Herdeira da fortuna da transportadora Cunard, Nancy Cunard (1896- -1965) é uma das personagens mais vívidas e ubíquas da época. Apesar de ter publicado alguns de seus próprios livros, principalmente de poesia, em geral é lembrada como benfeitora e musa dos modernistas. Tinha boas relações com Joyce, Hemingway, Brancusi, Man Ray e William Carlos Williams; teve casos não apenas com Huxley, mas também com Wyndham Lewis, Tristan Tzara, Ezra Pound e Louis Aragon. Estilosa de maneira excêntrica, era grande admiradora da música, da arte e dos escritos de africanos e afro-americanos, e foi uma das que ajudaram a fazer com que a *negritude* ficasse altamente em voga na Paris da década de 1920. Mais tarde, tornou-se uma contestadora incansável da ascensão do fascismo.

190. Um resultado gratificante de todos esses esforços foi que, no outono de 1923, a editora Bretano’s havia assinado os direitos norte-americanos dos romances de Firbank, começando com o mais recente, *Sorrow in Sunlight* [Tristeza sob a luz do sol]; Van Vechten sugeriu que *Prancing Nigger* [O negro galopante] seria um título melhor, e Firbank concordou com isso. (O próprio Van Vechten mais tarde escreveu um romance com o título *Nigger Heaven* [Paraíso negro].) Por mais que isso soe ríspido hoje em dia, Van Vechten era tudo menos racista: foi um dos promotores mais ardentes e eficientes do Renascimento do Harlem, e fez amizades íntimas com várias de suas figuras principais.

191. Mais tarde, Seldes escreveu um ensaio influente sobre Eliot no *The Nation*

(Cf. 6 de dezembro).

192. Havia aprendido a tocar imitando álbuns, portanto não usava as posições ortodoxas para os dedos, e nunca o faria.

193. Atualmente, os historiadores do jazz consideram Beiderbecke e seu grande amigo Louis Armstrong (Cf. 8 de agosto) dois dos solistas mais influentes nos primórdios desse estilo musical — uma proposição que de forma alguma se abate pelo fato de, antes de 1924, ou cerca de, não terem existido muitos solistas conhecidos, considerando que tanto Armstrong quanto Beiderbecke inspiraram geração após geração de músicos e compositores. Beiderbecke continuou tocando com o “Rei do Jazz”, Paul Whiteman, mas seu alcoolismo causou uma série de colapsos físicos e mentais. Faleceu em 1931 com apenas 28 anos; como nos casos de Chatterton, Keats e James Dean, sua morte prematura se tornou parte do mito.

194. Os Pulitzers desse ano também incluíram o primeiro prêmio para um cartunista: Rollin Kirby, do *New York World*, pelo seu “On the Road to Moscow” [A caminho de Moscou].

195. Foi uma jornada rápida. Sua primeira peça, *Além do horizonte*, foi encenada em 1918 e rendeu o primeiro Pulitzer de O’Neill. Depois veio *The Straw* ([A Palha] escrita em 1919), *Gold* ([Ouro] 1920), *Anna Christie* — uma versão reescrita de *Chris Christofferson* (1919, 1920), *O imperador Jones* (1920), *Diferente* (1921), *The First Man* (1922)... e *O macaco peludo*. Oito peças grandiosas em pouco menos de três anos. Nos primeiros meses de 1923, as produções das peças de O’Neill estavam em cartaz ou em fase de planejamento em Londres, Paris, Berlim, Estocolmo, Moscou e Dublin; seu nome já estava sendo equiparado ao de Ibsen, Tchekov e Shaw.

196. O presidente da Câmara, John Henry Whitley, disse a um amigo que foi o melhor pronunciamento que já havia escutado. Austen Chamberlain concordou, e em primeiro de junho escreveu ao rei: “Foi uma performance magistral — não apenas um grande triunfo pessoal e de oratória, embora tenha sido ambos, mas um grande ato de sabedoria estadista.”

197. No original, “an invert”: na teoria de Freud, o termo era usado como sinônimo de homossexual, porém esse uso não está mais em voga. (N.T.)

JUNHO

1º DE JUNHO

PARIS O artigo polêmico de Pound, “James Joyce et Pécuchet”, foi publicado no *Mercure de France*. Um de seus argumentos, como sugere o título, é o de que alguns traços do *Ulisses* de Joyce foram tirados do estranho romance final de Flaubert, *Bouvard et Pécuchet*, sobre uma dupla de advogados aposentados que se lança na investigação da dimensão total do conhecimento e do êxito humanos.¹⁹⁸ Mas a proposição principal é a de que *Ulisses* representa o maior avanço técnico em escrita desde a morte do autor francês. Inicia o texto (notem a referência breve a uma “nova era”, seu “Ano Um” do modernismo): “O ano do centenário de Flaubert, o primeiro de uma nova era, também testemunha a publicação de um novo livro de Joyce, *Ulisses*. De certos pontos de vista, pode ser considerado o primeiro trabalho descendente de Flaubert que continua o desenvolvimento da modalidade artística flaubertiana de onde ele a deixou em sua última e inacabada obra.”¹⁹⁹

Flaubert era um de seus padrões de medida da verdadeira seriedade literária. Embora Pound fosse de vez em quando, e o fazia cada vez mais, um defensor nada plausível de seus pontos de vista mais passionais, esse artigo é forte e esclarecedor — e o primeiro a trazer à tona, até certo ponto, a estrutura homérica mais profunda do romance:

O que é o *Ulisses* de James Joyce? Esse romance pertence àquela vasta classe de romances em forma de sonata, isto é, no formato: tema, contratema, recapitulação, desenvolvimento, fim. E na subdivisão: romance de pai e filho. Segue a grande linha da *Odisseia*, e oferece vários pontos de correspondência quase exata com os incidentes do poema de Homero. Encontramos nesse livro Telêmaco, seu pai, as sirenes, os ciclopes, todos em disfarces inesperados, bizarros, cheios de jargões, verídicos e gigantescos.

Os romancistas gostam de ficar apenas três meses, seis meses em um romance. Joyce ficou 15 anos [sic] no dele. E *Ulisses* é mais condensado (732 páginas) do que qualquer obra de Flaubert; descobre-se mais arquitetura.

Uma das conclusões às quais Pound chegou foi que “*Ulisses* não é um

livro que todos vão admirar, assim como nem todo mundo admira *Bouvard et Pécuchet*, mas é um livro que todo escritor sério precisa ler; dentro dessa nossa profissão de escritor, ele vai ser obrigado a ler esse livro para ter uma ideia clara do momento de desenvolvimento da nossa arte”.

Dois outros comentários significativos sobre *Ulisses* apareceram no decorrer desse mês: um foi uma crítica completa de Holbrook Jackson na revista *To-Day*, e outro foi um comentário à parte na “Carta de Dublin”, de John Eglington, para a edição de junho da *Dial*. Apesar de criticar Joyce por conta do “caos” de seu romance, o artigo de Jackson demonstrou simpatia e admiração em grande parte, e começou com uma negação robusta da suposta obscenidade do livro: “Não é indecente. Não há nem uma frase libidinosa. É simplesmente nu: nu e sem consciência de vergonha...” Jackson se uniu ao grupo dos que conectaram Joyce a Freud: “Toda ação e reação da psicologia [de Bloom] é exposta com perversidade freudiana...”; também se colocou ao lado dos que achavam Bloom repugnante: “Seria *Ulisses* uma pedra jogada na humanidade — seria Bloom o Bruto do Século XX?” Depois de repreender Joyce, até certo ponto, por ser incapaz de se fazer compreensível em vários momentos, Jackson finalmente cede: “(...) se não vai entreter o leitor comum de romances, nem atrair os leigos com sua franqueza nada palatável, deve chamar a atenção daqueles que olham para a literatura como algo além de um confessionário. Com todas as suas falhas, é o maior evento na história do romance inglês desde *Jude*.”²⁰⁰

Eglington foi bem menos simpático; na verdade, fingiu ser modesto e foi condescendente: “Não estou nem um pouco certo, no entanto, se compreendi o método do sr. Joyce, que é suficientemente confuso até mesmo quando relata incidentes nos quais eu mesmo tive humilde participação.” Também demonstrou compaixão pelas agonias de Joyce acerca da composição:

Há um esforço e uma luta na composição desse livro que faz com que às vezes nos preocupemos com o autor. Mas por que deveríamos quase nos matarmos para escrever uma obra-prima? Há uma divergência cada vez maior entre os ideais literários dos nossos artistas e os livros que seres humanos querem ler.



BOLONHA Sob ordens de Benito Mussolini, 15 mil jovens fascistas — idade média estimada em 19 ou 20 anos — invadiram as ruas da Bolonha “Vermelha”, queimando o telégrafo e os correios e espancando todos que se pusessem na frente deles. Após essa demonstração violenta de força, eles se retiraram dizendo que na próxima vez que reunissem tal demonstração, teriam a força de 50 mil, e matariam seus inimigos em vez de espancá-los.



BELFAST Formação oficial da Polícia Real de Ulster,²⁰¹ com origem na antiga Polícia Real Irlandesa. Foi montada em resposta ao terrível estado de violência na cidade, que no verão de 1921 tornou-se de fato uma zona de guerra com espancamentos, tiroteios, bombardeios e fogos criminosos, geralmente iniciados pelo IRA, porém enfrentados com violência igual por parte dos lealistas. O papel da PRU era único no policiamento britânico, pois servia a tarefa dupla de manter a lei e a ordem, e também de abafar as atividades de grupos políticos condenados. Seus membros eram limitados por estatuto a 3 mil homens, e, teoricamente, mil deles deviam ser recrutados da comunidade católica, que somava cerca de 1/3 da população da Irlanda do Norte. Entretanto, os católicos demoraram a se voluntariar no que já se suspeitava ser uma força tacitamente, se não abertamente, pró-lealista.²⁰²

2 DE JUNHO

PARIS Na rue de Fleurus, 27, Gertrude Stein escreveu a Carl Van Vechten em Nova York: “Estou muito feliz com o seu livro. Você realmente é o romântico mais moderno, menos sentimental e mais gentilmente persistente.” O “seu livro” era *Peter Whiffle: His Life and Works* [Vida e obra de Peter Whiffle], um romance experimental de Van Vechten no qual o autor é protagonista. É, quase certamente, uma das primeiras obras de ficção a fazer alusão direta a *Ulisses*.

3 DE JUNHO

PARIS A ópera de um ato de Stravinsky, *Mavra*,²⁰³ estreou na Casa de Ópera de

Paris, regida por Grzegorz Fitelberg. Foi sua obra principal de 1922; Stravinsky ficou orgulhoso dela, e certa vez chegou até a dizer que era a melhor coisa que já havia composto. Conforme o público ia embora, Francis Poulenc ouviu um casal dizendo: “Esplêndido! Finalmente uma obra de Stravinsky apropriada para os ouvidos da nossa filha!” Outras reações variaram da decepção ao desgosto veemente. Diaghilev²⁰⁴ quis impressionar o produtor Otto Kahn, que foi à estreia no camarote do próprio Diaghilev; todos esperavam que Kahn levasse a companhia para os Estados Unidos. Lamentavelmente, o único comentário de Kahn foi: “Gostei de tudo, e de repente — *puft* — acaba muito rápido.” No intervalo, ouviu-se as pessoas do público fazendo uma piada um tanto boba: “*Ce Mavra, c’est vraiment mavrant*” — “Essa *Mavra* é bem chata.” E o crítico Emile Vuillermoz escreveu uma crítica tão cruel que Stravinsky, por tristeza ou por provocação, recortou o texto e o colou no manuscrito da partitura.²⁰⁵



AUSTRÁLIA Dispondo de tempo livre em abundância em seu novo lar australiano, Lawrence começou a escrever um romance. Planejou finalizá-lo no início de agosto: mais ou menos a data que designou para deixar a Austrália e viajar para os Estados Unidos.²⁰⁶ Na verdade, quase sem distrações e com uma boa quantidade de energia, ele trabalhou com tanta rapidez — às vezes conseguia fazer 3 mil palavras por dia — que o primeiro esboço ficou pronto em 15 de julho.²⁰⁷

Lawrence chamou o novo romance de *Canguru* — longe de ser um grande feito de imaginação, considerando que o livro era todo sobre a Austrália, particularmente sobre a política australiana. Foi inspirado nas leituras cuidadosas que Lawrence fazia do *Sydney Bulletin*, que publicava tanto artigos sombrios sobre questões nacionais quanto uma coluna mais caprichosa intitulada “Aboriginalities” [Aboriginalidades], repleta de contos divertidos e estranhos (incluindo contos fantásticos) sobre bestas e monstros que viviam no interior. *Canguru* começa de maneira quase diretamente autobiográfica contando sobre o dia a dia de um escritor fraco e barbudo, Richard Lovat Somers, e sua esposa europeia da alta sociedade, Harriet. O casal, que planeja ir para os Estados Unidos dentro de dois meses, está faminto com o desejo de compreender a Austrália, de descobrir seu “ser secreto”.

Até aqui, bastante transparente. No entanto, os capítulos finais de *Canguru* se distanciam da esfera doméstica e caem na teoria e na especulação política. Somers é seduzido por dois caminhos que levam à política, representados por dois personagens fortes: Jack Callcott, um dos seguidores da natureza; e o líder de um grupo clandestino — *grosso modo*, fascista — ao qual Jack pertence, Ben Cooley, conhecido como “Canguru”, um advogado judeu carismático e aspirante a messias *à la* Whitman. As várias complicações emocionais do romance terminam com Somers confrontando suas memórias da guerra e finalmente atingindo a catarse — de fato, um renascimento. Somers agora está pronto para deixar a Austrália; assim como seu criador.

4 DE JUNHO

CAMBRIDGE O “grande e bom” dr. W. H. R. Rivers²⁰⁸ — curador, neurologista, psicólogo, antropólogo, guru ocidental e, desde sua nomeação ao cargo em 1919, docente responsável pelos alunos de Ciências Naturais na Faculdade St. John, Cambridge²⁰⁹ — faleceu no Evelyn Nursing Home depois de uma operação emergencial por causa de uma hérnia estrangulada. Tinha apenas 58 anos e, apesar de sua saúde estar muito longe de robusta, foi um desastre não previsto. O fim de semana de Pentecostes havia sido tranquilo, e todos que tinham tempo livre estavam nas ruas aproveitando o sol. Não querendo estragar o feriado de seu faxineiro na faculdade, Rivers gentilmente disse que tirasse folga no sábado; ele mesmo prepararia o seu café da manhã. Naquela mesma noite, seu intestino se torceu, causando uma dor lancinante, e ele ficou preso à cama, sofrendo sozinho por horas a fio. Quando a ajuda chegou, era tarde demais para uma cirurgia que o curasse.²¹⁰

Uma das principais e mais recentes preocupações de Rivers era a área em que a psicologia e a psiquiatria se encontram com a sociologia e a etnologia. Estava trabalhando para formular uma visão mais geral do instinto, dos sonhos, do mito, do simbolismo nas esferas pública e privada, e das neuroses — todos, para ele, aspectos diferentes de uma tendência maior da mente humana. Talvez alguma grande síntese teria sido criada?

Não menos importante, entre seus interesses pós-guerra vinha um interesse crescente por artes e literatura — prazeres que mais ou menos negligenciou na juventude.²¹¹ Fundou um grupo de discussão chamado os Socráticos, ao qual convidou pessoas bem distantes da sua

esfera usual, incluindo escritores: Sassoon, é claro, mas também H. G. Wells e Arnold Bennett (que escreveu memórias simpáticas sobre os seus encontros). Encontrou-se algumas vezes com o poeta Robert Graves, que mais tarde escreveu em *Poetic Unreason* [Irração poética]: “Foi minha amizade pelo dr. Rivers, a admiração pelo seu livro, *Instinct and the Unconscious* [Instinto e o inconsciente], e o incentivo que ele me deu durante a escrita de *On English Poetry* [Sobre a poesia inglesa] (1922), que fez com que este livro tomasse a forma e o título que tomou.”

O *On English Poetry* de Graves traz uma dedicatória fascinante: “Para T. E. Lawrence da Arábia e da All Souls College, Oxford, e para W. H. R. Rivers das Ilhas Salomão e da Faculdade St. John, Cambridge, minha gratidão pela valiosa ajuda crítica...”²¹² Sua admiração por Rivers era fácil de compreender; menos óbvia, e muito mais instigante, era a intensa admiração que Eliot tinha por ele. (Cf. 19 de dezembro.)

5 DE JUNHO

DUBLIN Yeats escreveu a John Quinn explicando que tinha acabado de finalizar seu livro de memórias, *The Trembling of the Veil* [O tremor do véu] — dedicado a Quinn —, e de enviá-lo ao editor.



PROVIDENCE — RHODE ISLAND H. P. Lovecraft — provavelmente o ficcionista de horror mais influente do século XX — completou em um só dia o conto “What the Moon Brings” [O que a Lua traz]; foi publicado no ano seguinte.²¹³

10 DE JUNHO

LONDRES Eliot escreveu a Leonard Woolf sobre a possibilidade de publicar a tradução de S. S. Kotliansky de um texto de Dostoiévski na próxima edição do *Criterion*. Alguns dias antes, Eliot visitou a Hogarth House, onde leu sua nova obra: *A terra devastada*. Virginia Woolf escreveu que:

Ele o cantou e o entoou e o ritmou [sic].²¹⁴ Tem uma grande beleza e força de frase; simetria; e tensão. O que o conecta e o mantém unido, não estou certa. Mas ele o leu até precisar ir embora — cartas a escrever sobre a Magazine de Londres — e, sendo assim, a discussão foi encurtada. Fomos deixados, no entanto, com alguma emoção forte. *A terra devastada*, chama-se; e Mary Hutch[inson], que o escutou com mais calma, interpreta-o como a autobiografia de Tom — uma autobiografia de melancolia.

11 DE JUNHO

NOVA YORK O filme de Robert J. Flaherty, *Nanook, o Esquimó*, estreou no cinema Capitol, em Nova York. Apesar de o público que frequentava cinemas já estar familiarizado com documentários e outros tipos de curtas de não ficção, *Nanook* foi algo novo: foi o primeiro documentário comercialmente bem-sucedido na história do cinema. Para fazer esse filme sem precedentes, Flaherty viajou até uma comunidade subártica na costa Nordeste da Baía de Hudson, onde ficou 16 meses.²¹⁵ Para seu protagonista — “Nanook”, embora não fosse o nome real do homem —, escolheu um caçador da tribo Itivimuit.

Nanook se saiu tão bem nas bilheterias que Flaherty foi lançado em uma carreira de diretor que durou até sua morte, em 1951.²¹⁶ “Preencha o seu próprio cheque”, disse Jesse Lasky da Paramount quando o contratou em 1923.

Flaherty não pretendia ser diretor em nenhum formato; havia planejado seguir a carreira aventureira do pai, trabalhando como engenheiro de minas. O jovem Robert adquiriu habilidades avançadas de sobrevivência na juventude, aventurando-se com o pai em viagens longas de canoa ou andando de raquete de neve pelo sertão canadense, conhecendo povos locais, resistindo a diversos perigos. Quando começou sua própria carreira, foi como garimpeiro e explorador destemido, empregado pelo plutocrata das ferrovias, sir William Mackenzie. Em sua terceira expedição, em 1913, Mackenzie sugeriu que levasse uma câmera para filmar suas aventuras.

Flaherty gostou da ideia e comprou uma Bell and Howell e alguns equipamentos de iluminação; seu único treinamento cinematográfico foi um curso relâmpago de três semanas em Rochester, NY. Durante suas expedições de 1914 e 1915, a cinematografia se tornou uma obsessão: filmou tanto que essa atividade quase suplantou a caça por

minerais. Começou a organizar projeções pequenas e públicas dos seus filmes, e a resposta era realmente de um entusiasmo selvagem. Claramente, havia um público para a vida dos esquimós. Então veio a catástrofe. Em 1916, enquanto estava se preparando para enviar todos as filmagens para Nova York, seu cigarro ateou fogo nas películas; em segundos, todos os 9 mil quilômetros de filme estavam em chamas, e Flaherty escapou levando apenas a vida. Forçado a entrar em um período de inação, começou a repensar o projeto. O que havia feito até então era muito fragmentado em episódios, carecia de uma narrativa. Tinha de concentrar o filme: focar-se na vida de um esquimó e sua família. Começou a procurar por uma pessoa para apoiar no projeto, e, finalmente, em 1920, a Revillon Frères, companhia francesa de comércio de pele, concordou em custear seu trabalho.²¹⁷

Mesmo depois de Flaherty voltar aos Estados Unidos e finalizar o filme, não havia muita razão para otimismo. Cinco grandes distribuidoras deram uma olhada no trabalho; as cinco disseram não. Explicaram que ninguém queria assistir a esquimós. Mas finalmente a Pathé disse sim e os críticos rapidamente ficaram extasiados: o *New York Times* disse que “além disso, o filme, as usuais imagens em movimento, o chamado trabalho ‘dramático’ de tela, se torna tão fino e em branco quanto o celuloide em que é impresso”. O filme faturou uma fortuna na bilheteria e iniciou um fascínio por tudo relacionado a esquimós: na Broadway, um hit musical, “Nanook”; em Berlim, um sanduíche com sorvete chamado “Nanuk”. Alguns historiadores do cinema ainda o consideram o melhor documentário de todos, não apenas o primeiro.²¹⁸

13-14 DE JUNHO

GRANADA — ESPANHA Após semanas de excitação pública, discussões nefastas e decepções amargas, o festival Lorca/de Falla de *Cante Jondo* — “Canto profundo” — finalmente teve início. O conselho da cidade, que, esperava-se, teria recebido o evento de bom grado como uma grande alavanca ao turismo, mostrou-se mesquinho ao extremo, dizendo que o evento esvaziaria os cofres da cidade; não patrocinaram nem as visitas de Ravel e Stravinsky, sendo que os dois haviam anunciado interesse em ir ao evento.²¹⁹

Apesar disso, o festival, que aconteceu na Plaza de los Aljibes no

palácio Alhambra, foi um grande sucesso e teve um grande público. John B. Trend, repórter britânico e amigo de Falla, escreveu que “em todos os cantos havia figuras interessantes com xales alegres e floridos e penteados elaborados, enquanto várias pessoas vestiam sedas e cetins de tempos passados, e vestiram roupas das décadas de [18]30 e [18]40 — a Espanha de Prosper Mérimée e Theophile Gautier, de Borrow e de [Richard] Ford”. Os competidores tinham idades variadas: o vencedor das mil pesetas da noite de sábado foi um *cantaor* bem idoso que disse ter andado 130 quilômetros dentro do país para competir; um menino de 11 anos chamado Manuel Ortega, apelidado “el Caracol”, ganhou outro prêmio importante e virou um dos maiores *cantaores* do século XX.

Entre os visitantes do festival estava um pós-graduando francês obscuro: Georges Bataille.²²⁰ (Cf. 17 de maio.) Ficou particularmente impressionado com o cantor Bermudez: “Cantou, ou melhor, arremessou sua voz em um tipo de choro excessivo, rasgado e prolongado que, quando você achava que tinha acabado, atingia, no prolongamento de um gemido de morte, o inimaginável.”²²¹

Os resmungos *à la* Cassandra sobre um desastre financeiro se mostraram totalmente errados — o festival teve um bom lucro, o que, como era de se imaginar, gerou uma nova série de discussões sobre o que devia ser feito com a herança robusta. De Falla ficou enojado; desse momento em diante, as referências à Andaluzia tiveram um papel bem menor em suas composições. Mas Lorca se impulsionou com o sucesso do evento e ficou determinado a continuar escrevendo poemas no viés “cigano”.

14 DE JUNHO

WASHINGTON, D.C. O presidente Harding fez seu primeiro pronunciamento à nação americana pelo rádio.

15 DE JUNHO

LONDRES H. G. Wells presidiu uma palestra pública na University College oferecida pelo seu grande amigo F. W. Sanderson, o diretor da escola Oundle — um homem que Wells descreveu como o melhor que já havia conhecido, o

que, considerando a esfera distinta de conhecidos do autor, é um tributo a ser levado a sério. Para o horror de todos os presentes, Sanderson caiu morto na plataforma.²²²

O relato público sugere que Wells estava em muito boa forma em 1922: publicou nada menos que três livros naquele ano — *Washington and the Hope of Peace* [Washington e a esperança de paz], baseado nos artigos que havia escrito durante dois meses de viagens nos Estados Unidos em 1921; *Uma breve história do mundo*, retirado do seu ambicioso *The Outline of History* [O esboço da história], de 1920; e um romance, *The Secret Places of the Heart* [Os lugares secretos do coração]. Também estava trabalhando em seu próximo romance, *Men Like Gods* ([Homens como deuses] 1923), e no fim do ano, apresentou-se como o candidato trabalhista na eleição geral. (Cf. 15 de novembro)

Contudo, os romances que estava escrevendo naquela época, e nos dois anos seguintes — *The Dream* [O sonho] e *Christina Alberta's Father* [O pai de Christina Alberta] —, contam uma história diferente, e desesperada em alguns momentos. O protagonista de *The Secret Places of the Heart*, sir Richmond Hardy (um personagem claramente baseado no próprio Wells), busca a ajuda de um psiquiatra, o dr. Martineau, porque sente que sua vida perdeu o sentido. Hardy é um homem profundamente infeliz, e, assim como seu criador, tenta driblar o desespero por meio de casos amorosos, especialmente com mulheres bem mais jovens. No decorrer da narrativa, começa um romance com uma menina americana, sente-se dividido pela culpa em relação às suas obrigações e à sua amante, vivencia um desejo de morte e morre pouco depois disso.

Alguns detalhes factuais foram modificados; caso contrário, esse seria um retrato cruelmente preciso da condição espiritual do próprio Wells. De fato havia uma mulher: a romancista Rebecca West, sua amante desde 1913. E havia uma rival americana para suas afeições: Margaret Sanger, feminista e propagandista do controle de natalidade.²²³ Quando Wells voltou da América para passar suas férias espanholas com Rebecca West, ela o viu “desesperadamente cansado e praticamente surtado; enormemente fútil, irascível e em um mundo de fantasia (...) sua deterioração temporária era pavorosa”.²²⁴

Apesar de não ter feito com que os sintomas ficassem mais fáceis de aguentar, Wells compreendeu que o que estava se passando com ele já havia acontecido outras três ou quatro vezes, sempre em momentos de

crise. A inquietação crescia até virar uma sensação de claustrofobia e depois de puro pânico.²²⁵ Possuído por medo de morte e insanidade, Wells se descreveu como “uma criatura tentando achar uma saída da prisão onde foi parar”.



LONDRES Eliot escreveu a Ottoline Morrell acerca de seus planos para o *Criterion*. Explicou que manteve lady Rothermere esperando um ano inteiro para lançar a crítica, e a razão de ter tirado férias prematuras em Lugano foi querer estar saudável o suficiente para se concentrar de maneira sólida no projeto nos três meses por vir. Devido a esse comprometimento que ele impôs a si mesmo, não poderia aceitar nenhum convite de fim de semana por um bom tempo.

Reportou também que Vivien tinha visitado um especialista recentemente, que diagnosticou sua situação como “glândulas”, combinadas com envenenamento decorrente da colite. O médico prescreveu, prosseguiu ele, uma cura “violenta” que incluía dois dias de fome toda semana e “as glândulas de animais” — embora parecesse que não estavam certos de quais animais e quais glândulas.

16 DE JUNHO

VIENA O escritor Arthur Schnitzler visitou Sigmund Freud em seu famoso apartamento em Bergasse e escreveu uma descrição carinhosa do encontro em seu diário naquela noite.

No prof. Freud. (Os parabéns que me deu pelo meu aniversário, minha resposta, o convite dele.) [...] Só havia falado com ele brevemente até então. — Foi muito afetuoso. Conversa sobre hospital e época do serviço militar, chefes em comum etc. — Então me mostrou sua biblioteca — coisas da autoria dele, traduções, escritos de pupilos — todos os tipos de pequenos objetos antigos de bronze etc. — Não está mais em atividade médica, apenas recebe pupilos que, para esse fim, são analisados por ele. Me dá uma nova edição linda das suas palestras. — Me acompanhou tarde da noite de Bergasse até a minha casa. — A conversa fica mais calorosa e mais pessoal; sobre envelhecer e

morrer.

Freud disse — brincando? — que havia se sentido relutante em encontrar Schnitzler porque o considerava seu “*doppelgänger* literário” (e, segundo a superstição, encontrar o seu *doppelgänger* é um sinal de morte iminente).



IRLANDA Primeira eleição geral irlandesa sob os termos do Tratado de 1921. Apesar de quase todos os candidatos estarem do lado do Sinn Féin, na realidade havia uma divisão ideológica vasta entre candidatos pró-Tratado e Antitratado. Michael Collins liderava o movimento pró-Tratado; Eamon de Valera, o lado oposto. O resultado foi uma maioria clara pró-Tratado: 58 contra 36 — o suficiente para W. T. Cosgrove estabelecer um governo legal. Mas as forças Antitratado não iriam se silenciar; todos os seus MPs encenaram um boicote em massa contra o Dáil. Havia conversas obscuras sobre uma guerra civil.

19 DE JUNHO

LONDRES Os Eliot saíram da Wigmore Street, 12, e voltaram para o número 9 do Clarence Gate Gardens, NW1.

21 DE JUNHO

BERLIM Vladimir Nabokov (recém-graduado de Cambridge) voltou para o apartamento de sua família no número 67 da Sächsische Strasse; ficaria nesse apartamento até que a família fosse para Praga, em dezembro de 1923.²²⁶ Tentou encontrar um emprego em um banco, assim como Sergey, seu irmão. Sergey conseguiu aguentar por uma semana; Vladimir desistiu depois de apenas três horas. O trabalho era insuportável para um futuro escritor; era mais fácil e também muito mais agradável suplementar uma renda literária dando aulas particulares de inglês, ou até mesmo de tênis ou de boxe. Além disso, ele ainda estava em estado de profunda depressão. Quando propôs casamento a uma menina linda de 17 anos, Svetlana Siewert, ela só aceitou porque ele parecia indescritivelmente triste. Os pais dela só aprovaram o noivado quando Nabokov concordou em arrumar um trabalho estável; o

combinado não durou muito.²²⁷

No entanto, a depressão não paralisou seu talento. Pouco depois da chegada a Berlim, o editor e imigrante político Gamayun requisitou que ele traduzisse *Alice no País das Maravilhas* para o russo.²²⁸ Visto que já havia traduzido um romance bem difícil (*Colas Breugnon*, um texto aos moldes de Rabelais de autoria de Romain Rolland), teve pouquíssimas dificuldades e se deliciou com a tarefa de descobrir equivalentes russos para as piadas e frases de Carroll: o rato francês que acompanhava Guilherme, o Conquistador, por exemplo, virou um rato que foi deixado para trás durante a retirada de Napoleão, ao passo que a própria Alice virou “Anyá”.²²⁹

Por mais que 1922 estivesse terrível até então, pelo menos terminou em um florescer, com nada menos do que quatro livros a serem publicados.²³⁰ Nabokov agora publicava sob o pseudônimo “Sirin”, que ele manteria para todas as suas publicações até se mudar para os Estados Unidos. Inicialmente, utilizou-o para evitar qualquer confusão entre seus próprios escritos e os de seu pai, mas o manteve por muito tempo após o assassinato do seu pai. No folclore russo, um *sirin* é um pássaro lendário do paraíso; um pássaro de corpo vermelho e asas e cauda negras.



LONDRES Eliot telefonou para John Quinn para expressar seu descontentamento com o contrato de Liveright para *A terra devastada*, e pediu a sua ajuda.

22 DE JUNHO

BELGRÁVIA — LONDRES Agentes do IRA — Reginald Dunne e Joseph O’Sullivan — assassinaram o marechal Henry Hughes Wilson. Os assassinos foram rapidamente capturados e sentenciados à morte em 18 de julho. Churchill presumiu que a dupla estava trabalhando em nome das forças Antitratado; na verdade, a ordem para matar havia sido autorizada secretamente por Michael Collins.



LONDRES *Aaron's Rod* [A vara de Aaron], romance de D. H. Lawrence, foi publicado.

23 DE JUNHO

LONDRES Eliot escreveu um bilhete simples para Mary Hutchinson agradecendo por uma noite com Massine; disse que realmente gostava bastante dele.

Também relatou ter posado para um retrato de Wyndham Lewis.

24 DE JUNHO

MILÃO Hemingway viajou novamente para a Itália — um país agora destruído pela guerra civil — para visitar os lugares que havia conhecido na guerra: Schio, lago Garda, Mestre e Fossalta.

Durante a viagem, também foi a Milão para conduzir a primeira de duas entrevistas com Benito Mussolini, o editor do jornal *Popolo d'Italia*. Considerando que Hemingway costumava admirar qualquer pessoa que já tivesse participado de batalhas — e visto que aceitou sem contestar os relatos de Mussolini sobre sua bravura em tempos de guerra —, ele se sentiu inclinado a simpatizar com o entrevistado.²³¹ No artigo para o *Toronto Daily Star*, relatou:

Benito Mussolini, chefe do movimento *Fascisti*, senta-se à mesa diante do detonador que é o jornal bélico que ele edita, um jornal que espalhou pelo Norte e pelo Centro da Itália. De vez em quando, brinca com as orelhas de um cão de caça de estimação que se parece com um coelho de orelhas curtas, e mexe nos papéis que ficam no chão ao lado da mesa. Mussolini é um homem de rosto grande e escuro, com testa alta, sorriso lento e mãos largas e expressivas (...)

Mussolini foi uma grande surpresa. Não é o monstro que havia sido retratado. Seu rosto é intelectual, é o rosto típico dos atiradores “Bersagliere”, com seus olhos grandes, castanhos e de formato oval e boca de fala lenta.

O resto do artigo se dedicava principalmente a um rascunho rápido sobre a ascensão de Mussolini desde suas origens humildes.²³²

Um artigo paralelo, publicado no mesmo dia no *Toronto Star Weekly*, abandonou toda pretensão de neutralidade. Ao mesmo tempo que Hemingway concedia que o ressentimento burguês contra o comportamento insultante e ameaçador dos militantes da classe operária logo após a guerra era bastante justificável, percebeu que o movimento Camisas Negras havia tomado vida própria: “Tinham gosto por matança sob proteção policial e adoravam isso.” Ao mesmo tempo, os comunistas se deram conta das forças oponentes e organizaram grupos de “Arditi del Popolo” — Camisas Vermelhas para lutar contra Camisas Negras; enquanto isso, à burguesia, ciente de que a instabilidade produzida por esses conflitos estava mantendo o valor da lira drasticamente baixo, restou subornar seus antigos aliados a não fazerem nada.

A conclusão de Hemingway foi vigorosa: “A questão toda tem a aparência quieta e pacífica de uma criança de 3 anos brincando com uma granada sem pino.”



BERLIM Jovens bandidos direitistas em Berlim, indignados com a participação de Walter Rathenau no Tratado de Rapallo, assassinaram-no a caminho do trabalho.²³³ O assassinato foi um choque terrível aos alemães ponderados, não apenas porque Rathenau era um homem extremamente civilizado e inspirado, admirado por muitos, mas porque viram o fato — corretamente — como um presságio da violência muito pior que estava por vir.

Einstein, um dos vários amigos de Rathenau, escreveu um obituário comovente:

Meus sentimentos por Rathenau eram e são admiração jubilosa e gratidão pela esperança e pelo consolo que me dava nos atuais dias obscuros da Europa (...)

Não é uma arte ser idealista quando se vive na terra da loucura; ele, no entanto, era um idealista apesar de ter vivido na terra, e conhecia seus cheiros como poucos outros (...) não achei que o ódio, os delírios e a ingratidão pudessem chegar tão longe.

Einstein ficou sabendo que também corria perigo; foi informado de que seu nome estava nas mesmas listas de alvos em potencial que as de Rathenau. Decidiu que seria prudente deixar o país por algum

tempo.

25 DE JUNHO

LONDRES Eliot escreveu a John Quinn agradecendo pela ajuda na questão com Liveright.²³⁴ Escreveu também a Richard Cobden-Sanderson propondo que — tendo em vista os rumores disseminados de que o projeto do *Criterion* teria sido abandonado — seria “altamente desejável” publicar um anúncio da primeira edição do jornal o mais cedo possível, idealmente até o meio de julho. Explicou também que ele e lady Rothermere finalmente concordaram em relação ao título da publicação. Em vez de *The London Review*, que consideraram um nome fraco, haviam decidido usar *The Criterion* — “título sugerido pela minha esposa”.

27 DE JUNHO

ESTADOS UNIDOS A primeira Medalha Newbury de Literatura Infantil — criada pela Associação de Serviços Bibliotecários para Crianças — foi entregue a Hendrick van Loon por *A história da humanidade*.²³⁵ O ano de 1922 foi altamente significativo para os livros infantis também de outras formas. Na Inglaterra, Richmal Crompton²³⁶ publicou *Just William* [Apenas William], o primeiro de seus livros populares sobre as aventuras de William Brown — um anarquista aventureiro, ditatorial e altamente imaginativo de 11 anos. Em outras palavras, um menino malcriado, porém fundamentalmente de bom coração.

Enid Blyton também publicou o primeiro de seus vários livros infantis em 1922: *Child Whispers* [Sussurros infantis], uma coleção de poemas.²³⁷ Nos Estados Unidos, o maior clássico infantil do ano foi *The Velveteen Rabbit* [O coelho de pelúcia] (subtítulo: *Or How Toys Become Real* [Ou como os brinquedos se tornam reais]), escrito pela inglesa residente dos Estados Unidos, Margery Williams, e com ilustrações finais de William Nicholson. Williams tinha 41 anos e o livro lhe trouxe fama quase imediata.

28 DE JUNHO

IRLANDA Apesar de não saber que o conflito estava prestes a eclodir, Yeats

escreveu a Olivia Shakespear: “Creio que tudo esteja indo bem, e que o principal resultado de toda essa confusão será o amor pela ordem, e uma estabilidade no governo que não seria obtida de outra maneira.” Mal sabia ele.²³⁸

O ponto crítico para a guerra foi a ocupação das Quatro Cortes em Dublin por cerca de duzentos homens contrários ao Tratado. Ocuparam os prédios, às margens do Liffey, em 14 de abril, e ficou claro que não sairiam de maneira pacífica. Sua intenção era reunir as duas alas principais do movimento nacionalista e voltar à guerra contra a Grã-Bretanha. Collins e Griffith perceberam que só conseguiriam impedir que as forças de ruptura reiniciassem a guerra entre as duas nações se eles mesmos dessem fim à ocupação, e da maneira mais inescrupulosa. Griffith queria ação imediata; Collins, temendo o início de uma guerra civil (que parecia mais provável a cada dia), postergou. Enquanto isso, Churchill começou a pressionar Collins mandando que retomasse as Quatro Cortes, ou sofreria as consequências.²³⁹

Finalmente, na noite do dia 27, o impasse teve fim. As forças Antitratado sequestraram J. J. “Ginger” O’Connell, um general no recém-formado Exército Nacional, pegaram artilharia emprestada em uma das fortalezas britânicas que ainda existiam e lançaram um ataque feroz nas Quatro Cortes. Durou dois dias, até que os homens do lado Antitratado se renderam.²⁴⁰

O fim do sítio foi o começo da guerra. As ruas de Dublin viraram um campo de batalha até 5 de julho, quando o Exército Nacional estabeleceu o controle da capital. O conflito se espalhou pelo resto do país, e duraria até 24 de maio de 1923.



RÚSSIA Enfraquecido devido a uma inanição, e sofrendo tanto de tifoide quanto de malária, o poeta russo Velimir Khlebnikov (nascido em 1885) morreu na casa de um amigo em Kresttsy, na província de Novgorod, entre Moscou e Petrograd/São Petersburgo.²⁴¹

30 DE JUNHO

PRAGA O Instituto informou a Kafka que ele receberia a aposentadoria, com efeito a partir do dia seguinte. Sua pensão seria de mil coroas por mês. Ele

resolveu partir logo para passar o verão com a irmã Ottla no vilarejo idílico de Plana, cerca de 97 quilômetros ao sul de Praga. Nos meses seguintes, escreveu os nove capítulos finais de *O castelo*. Pela primeira vez na vida, não era mais um servidor público, mas sim um *Schriftsteller* em tempo integral: um escritor.

Fora algumas poucas viagens a Praga, ficou em Plana até 18 de setembro. Em algum momento naquele mês, deu o manuscrito de *O castelo* para sua tradutora, Milena Jesenska.²⁴²



LONDRES Eliot escreveu a Richard Aldington, em parte para discutir o estado presente do esquema *Bel Esprit* para resgatá-lo do Lloyd's, mas também para expressar sua preocupação com isso: “(...) O método proposto por Ezra quase tangencia o precário e a caridade não digna.”



LONDRES Durante um período de oito dias no fim de junho e início de julho, o jovem Eric Arthur Blair — que mais tarde se transformaria em “George Orwell” — foi ao grande quartel-general do Escritório da Índia, perto da Academia Real, em Piccadilly, para passar pelos exames que talvez o qualificassem para prestar serviço no Extremo Oriente. Estava planejando se juntar à polícia Imperial Indiana em Burma. Blair²⁴³ havia passado os seis meses anteriores vivendo com os pais, e vinha se preparando para esses testes em um curso preparatório. Sentia-se, podemos presumir, entristecido.

De acordo com as poucas pessoas que conheciam esse adolescente solitário, parece que Blair sonhou seguir o caminho da maioria de seus contemporâneos da Faculdade Eton — principalmente os *Collegers*, que voavam alto e estudavam muito — e ir para Cambridge ou (mais provável) Oxford. Mas seu pai, aposentado e vivendo com uma pensão modesta, relutou em sustentá-lo por mais tempo, e Blair se saiu tão mal na Eton²⁴⁴ que uma bolsa em Oxford estava fora de questão.

Tarefa mais difícil é julgar seus motivos para optar pelas colônias britânicas. Estaria deliberadamente escolhendo uma carreira de solidão intensa e dificuldade física devido a uma sensação de autossacrifício masoquista? Estaria seguindo de maneira passiva o caminho escolhido pelo pai?²⁴⁵ Sentiu a sedução do Oriente como local de romance e

aventura? Sem guerra à qual se juntar — posteriormente, Blair/Orwell escreveria com frequência sobre uma sensação de vergonha e culpa sentida pelos meninos de sua geração quando se encontravam com pessoas apenas cinco anos mais velhas que tinham medalhas e contavam das trincheiras —, queria se provar como homem? Naquela época, Burma era notória por ter a maior taxa de crimes no Império, com uma média de assassinatos em algumas regiões seis vezes maior do que a de Chicago nos dias sangrentos de Al Capone. Há provas para todos esses sentimentos em seus escritos publicados, mas se ele tinha um diário na adolescência, ele não sobreviveu para nos esclarecer.

Os exames do Escritório da Índia eram considerados altamente competitivos, apesar do padrão intelectual deles não ser nada estratosférico.²⁴⁶ Blair fez testes obrigatórios em inglês, história, geografia, matemática e francês, e três trabalhos opcionais em desenho, latim e grego.²⁴⁷ Vinte e seis candidatos passaram nos exames, e Blair ficou em um respeitável sétimo lugar. Contudo, ainda tinha de passar no exame médico, em 1º de setembro, e depois fazer o teste de direção; sem muito talento para tal, ele se saiu tão mal que foi colocado no 21º lugar entre os 23 sobreviventes. Não importava: Burma, sua primeira opção, era considerada uma espécie de fim de mundo imperial. Blair conseguiria. Sua passagem para Rangoon foi reservada para o final de outubro.

¹⁹⁸. Indica também que a sequência no bordel pode ser compreendida como uma reformulação do *Tentation de Saint Antoine* [A tentação de Santo Antônio], de Flaubert, e encontra alguns ecos de passagens de *Madame Bovary*.

¹⁹⁹. Pound estava sendo ligeiramente negligente com as datas aqui: Flaubert nasceu em 12 de dezembro de 1821. E uma pessoa cínica pode suspeitar que ele também estava tentando obter a aprovação do público francês ao fazer essa comparação. Não era o caso: os termos de seu argumento são consistentes com grande parte do que vinha dizendo havia alguns anos sobre Joyce, e sobre a escrita moderna em geral.

²⁰⁰. Refere-se a *Judas, o Obscuro*, de Thomas Hardy. (N.T.)

²⁰¹. Em seus oito anos de existência — foi formalmente fundada a outros corpos em 2001 —, a PRU foi tanto acusada de métodos brutais e partidários de policiamento quanto aclamada por seu profissionalismo. O que não se discute é que desde mais ou menos 1925 até o final da década de 1960, quando começaram os *Troubles* [conflitos da Irlanda do Norte], a região gozou não apenas de paz como também de uma das menores taxas de crime do Reino Unido.

²⁰². A representação católica na PRU nunca passou de 20%, e em geral era

significativamente menor do que isso.

203. Não surpreende que a reputação de *Mavra* tenha se esvaído anos após sua estreia, apesar de já ter sido reavaliada como uma das maiores obras de Stravinsky. Ópera-bufo de cerca de 25 minutos de duração, com um libreto russo de Boris Kochno baseado intimamente no conto em versos de Pushkin, *The Little House in Kolomna* [O casebre em Kolomna], acontece em uma pequena cidade russa na era de Carlos X. É a pequena narrativa de um hussardo que se disfarça de mulher para se infiltrar na casa de sua jovem amante. A ópera começa com a jovem em questão, Parasha, bordando; seu vizinho, o belo hussardo Basil, aparece na janela e eles cantam um dueto amoroso. Então, a mãe de Parasha entra e lamenta a morte recente da fiel cozinheira, Thekla. Parasha sai em busca de uma substituta para a cozinheira e volta com “Mavra” — que na verdade é Basil disfarçado. Outro dueto amoroso. Sozinho, Basil decide que é melhor fazer a barba; péssima decisão, visto que Parasha e sua mãe retornam e o pegam no flagra. A mãe desmaia, o hussardo foge e Parasha exclama: “Basil! Basil!”, enquanto as cortinas se fecham.

204. Na verdade, Stravinsky inspirou-se a compor a obra no ano anterior enquanto estava hospedado com Diaghilev no Savoy em Londres. Diaghilev estava interessado em produzir o balé *A bela adormecida*, de Tchaikovsky, que nunca havia sido visto no Ocidente, então pediu que Stravinsky orquestrasse dois dos números que estavam faltando em seu exemplar da partitura completa, e que só estavam disponíveis em transcrições para piano. O trabalho de Stravinsky com esses números se mostrou extremamente agradável, e ele se tornou um entusiasta repentino e declarado do gênio de Tchaikovsky. Decidiu que sua próxima grande obra tentaria seguir a tradição Pushkin-Glinka-Tchaikovsky. Terminou a ópera em março de 1922, e adicionou o prelúdio algumas semanas depois durante uma viagem para Monte Carlo e Marselha.

Aliás, entre as várias influências musicais a serem encontradas nessa rica obra estão o ragtime e, nas palavras do próprio Stravinsky, “um certo elemento de jazz”, requisitando “um som de ‘banda’, em vez de um som de ‘orquestra’.”.

205. Stravinsky ficou magoado com a péssima recepção inicial de seu novo trabalho e retomou o assunto com frequência em seus escritos críticos, autobiográficos e polêmicos (incluindo *Poética musical em 6 Lições* e *Chronicles* [Crônicas]), tentando explicar e justificar suas intenções. Em poucas palavras, queria se distanciar do viés convencionalmente nacionalista da música russa (exemplificado por Mussorgsky, Borodin, Rimsky-Korsakov *et al.*) e se alinhar, por outro lado, com o viés da cultura russa mais próximo à Europa (que, como disse ele, “unia os elementos russos mais característicos com as riquezas espirituais do Ocidente”). Os espíritos principais de tal viés eram Pushkin, Glinka e Tchaikovsky — o trio ao qual *Mavra* é dedicada.

206. O dinheiro deles estava quase acabando; Lawrence escreveu a seu agente americano, Robert Mountsier, pedindo mais setecentos dólares dos seus royalties.

207. Parte dessa energia era resultado de irritabilidade: apesar de Lawrence dizer que gostava do isolamento excepcional da vida australiana, a realidade era que ele e Frieda eram capazes de se irritar um ao outro intensamente quando não havia ninguém mais por perto para oferecer uma distração bem-vinda. Apesar de toda a alegria superficial da vida calma deles, costumavam discutir aos berros, ou se retraíam em momentos gélidos de birra.

208. Graças ao sucesso da trilogia de romances de Pat Barker, a série *Regeneration* [Regeneração] — na qual ele é protagonista —, talvez Rivers seja

mais conhecido no século XXI do que foi no final de sua própria vida, quando passou a ser admirado, e até amado, por muitos de seus companheiros de trabalho e alunos em pelo menos quatro disciplinas. Era admirado também por seus gratos pacientes de guerra (incluindo Siegfried Sassoon, que escreveu um relato extenso sobre seu tratamento para “Transtorno do Estresse Pós-Traumático” por Rivers no hospital Craiglockhart), e, pelo visto, por basicamente todos que o conheceram. Centenas de pessoas vieram de toda a Grã-Bretanha para o funeral (como antropólogo, tinha um interesse de longa data em rituais fúnebres). Sassoon estava tão emocionado que teve um colapso.

Era óbvio que o mundo tinha perdido um homem sábio e bom. Mas a natureza do que Rivers ainda poderia ter conquistado é incerta. É possível que já tivesse dado todas as contribuições que tinha para dar às ciências, e que sua carreira subsequente seguisse outros caminhos. Desde a guerra, Rivers, anteriormente bastante conservador, passou a se atrair cada vez mais pelo socialismo. Kingsley Martin, então um universitário socialista em Cambridge, relatou tê-lo visto em uma conferência em fevereiro de 1922 com figuras como Sidney e Beatrice Webb, os Russells, Harold Laski, Hugh Dalton e outros intelectuais proeminentes do movimento trabalhista. Em abril de 1922, já havia sido selecionado como candidato trabalhista do eleitorado da Universidade de Londres na próxima eleição geral. Será que teria se tornado um grande político?

Difícil dizer. Russell declarou que nunca havia conhecido um candidato político menos motivado pela sedução do poder e pelo engrandecimento pessoal, ou puramente motivado por idealismo, do que Rivers. O próprio Rivers fazia piadas nervosas e frequentes sobre sua decisão de concorrer ao Parlamento, brincando que sua ambição principal era analisar Lloyd George psicologicamente, ou que a Câmara dos Comuns necessitava de um psiquiatra residente. Contudo, estava preocupado com suas convicções. Em um discurso sobre “Socialismo e natureza humana”, oferecido na University College em Londres em 25 de maio de 1922, disse: “Quando falo sobre socialismo, me refiro a uma forma de sociedade cujos membros individuais estão prontos para trabalhar pelo bem comum sem o incentivo de que eles, como indivíduos, colherão uma vantagem imediata em retribuição pela sua labuta.” Ao aceitar a candidatura, reconheceu que o estado do mundo era perigosamente instável: “Entrar para a política prática não deve ser algo fácil. Mas os tempos estão nefastos de tal forma, os prospectos tanto para o nosso país quanto para o mundo estão tão negros, que se as pessoas acham que posso ter serventia na vida política, não tenho como recusar.”

209. Três anos antes, Rivers também havia sido eleito o primeiro presidente da seção médica da recém-formada Sociedade Psicanalítica Britânica — um cargo que aceitou alegremente apesar de ter algumas discordâncias radicais com a teoria freudiana clássica, notavelmente a ideia de “censura” e sobre o conteúdo inevitavelmente sexual do simbolismo dos sonhos. O respeito por Rivers era tal que — como concordam vários historiadores — ele fez mais do que qualquer outro indivíduo para garantir que a psicanálise e a psicoterapia parecessem respeitáveis na Grã-Bretanha, e não meramente alguma mentira continental nefasta ou perversa. Poderia muito bem ter se tornado o figurão britânico das curas pela fala.

210. Muitos anos depois, em 1968, um dos amigos e colegas de trabalho de Rivers no St. John, o psicólogo Frederick Bartlett, escreveu um relato comovente sobre um sonho que teve com Rivers cerca de duas semanas depois de sua morte:

Eu o encontrei novamente, pela última vez. Eu estava na *Combination Room* [no St. John] (...) Havia uma cadeira vazia. Então ele entrou, alerta e rápido como sempre. Foi até a cadeira vazia e se sentou. Não tinha rosto. Ninguém mais o conhecia além de mim. Tentei dizer: “Rivers! É o dr. Rivers!”... mas acordei. Estava na cama, em casa. Estava escuro. Pelo que me pareceu vários minutos, tive a certeza absoluta de que ele estava lá, na escuridão profunda, perto de mim. Foi um sonho. Ele havia falado várias vezes sobre a morte. Havia dito que se morresse antes de mim, o que parecia provável... tentaria se comunicar comigo.

211. Como vários outros neste livro, ele havia assistido ao Ballets Russes em Londres.

212. Bem mais tarde, em 1948, em seu livro estranho e influente, *A deusa branca*, Graves usou uma distinção entre “razão” e “o involuntário” (o termo que Rivers preferia usar para falar daquilo que outros psicólogos geralmente chamavam de inconsciente).

213. O ano de 1922 foi produtivo para Lovecraft: no mesmo mês, finalizou o manuscrito de *Herbert West — Re-Animator*, que estava sendo elaborado desde outubro anterior, assim como um fragmento intitulado “Azathoth”. As outras histórias de Lovecraft de 1922 foram “Hypnos” (março), “The Hound” [O cão de caça] (outubro) e “The Lurking Fear” [O medo que espreita] (novembro).

214. No original: “rhythmed [sic]”. (N.T.)

215. A gravação foi tão difícil quanto prolongada; às vezes, a película ficava tão frágil por conta do frio que se quebrava; nevascas encurralaram a equipe enquanto tentava, sem sucesso, filmar uma caçada de ursos, e quase morreu de fome e frio. Cada dia foi um teste de força, perspicácia e engenhosidade tanto por parte dos locais quanto dos produtores.

216. Os pontos altos de sua carreira incluem *Tabu* (1931) — que codirigiu com o criador de *Nosferatu*, F. W. Murnau — e *O homem de Aran* (1934).

217. O orçamento total chegaria a 53 mil dólares — muito mais do que haviam concordado originalmente, embora tenham logo feito um belo lucro.

218. A novidade do trabalho de Flaherty pode ser julgada pelo fato de o substantivo “documentário” não existir naquela época; parece ter sido introduzido na língua inglesa quatro anos depois por John Grierson em uma crítica a outro filme do mesmo gênero, *Moana*, feito por... Robert J. Flaherty.

Entretanto, se *Nanook* lançou o gênero do filme documentário, iniciou também um debate que continua até hoje, às vezes com certa raiva: até que ponto é permitido que o diretor de documentário encene sequências ficcionais, incluindo detalhes não verdadeiros e enganosos, e os apresente como eventos verdadeiros sem mediação, sem serem arquitetados para a câmera? Os primeiros espectadores ficaram encantados pelo que lhes pareceu a pura autenticidade de *Nanook*, mas logo começaram a circular rumores de que grande parte do filme era, usando uma palavra dura, falso. Parte da falsidade era bastante inofensiva, uma simples licença técnica — por exemplo, Flaherty construiu um iglu de apenas um lado para conseguir filmar Nanook e sua família “dentro de casa”. No entanto, outra parte era intencionalmente enganosa: a maioria dos esquimós da época usava rifles modernos para caça, mas Flaherty insistiu que reavivassem as varas tradicionais de seus pais e avós. Dessa forma, ele não apenas falsificou as vidas de seus sujeitos; ele as colocou em risco.

Flaherty estava mais consciente dessas contradições do que seus críticos gostariam de admitir. Defendeu seu próprio trabalho, e outras pessoas o defenderam dizendo que sua meta não era projetar as exorbitâncias inevitáveis da

economia global e seus valores para Nanook e seu povo, mas sim de apreciar os últimos momentos intocados de sua cultura anciã pouco antes de desaparecer. Era mais um compositor de elegias do que um repórter. Tal argumento não desmonta toda a oposição; mas ajuda a dar conta do poder persistente do filme, que um crítico francês abismado daquela época comparou a uma tragédia grega.

219. A fim de distanciar-se da histeria por um tempo, de Falla e Lorca tiraram uma pequena folga em Sevilha, onde esbarraram com o escritor cubano Jose Maria Chacon y Calvo, que alguns anos depois declarou que conhecer Lorca naquele tempo e lugar foi “como conhecer a própria matéria da poesia”.

220. Outro viajante que por acaso estava em Granada em junho de 1922 foi o jovem artista alemão M. C. Escher (1898-1972). Escher ficou abismado com o Alhambra, que permaneceu uma grande influência criativa durante toda a sua carreira.

221. Em 1963, Alfred Metraux, colega de Bataille — talvez mais conhecido no século XXI por seus estudos sobre o vudu —, publicou um artigo no *Critique*, “Rencontre avec les ethnologues” [Reencontro com os etnólogos], no qual se lembrava da impressão vívida que o festival teve sobre Bataille: “Seu entusiasmo era tamanho, as imagens que evocou tão lindas, que quarenta anos depois sou capaz de me convencer que estive nesse festival.”

222. Na intenção de ajudar a comemorar as realizações de seu amigo, e de delinear suas próprias ideias acerca da educação, Wells concordou em escrever uma biografia de Sanderson. Isso logo encontrou resistência e interferência por parte da viúva de Sanderson, que sentiu, entre outras objeções, que Wells não aproveitou a bolsa de estudos de Sanderson o suficiente. No fim, ele produziu uma obra muito mais branda do que era sua intenção. Foi publicada em 1924 como *The Story of a Great Schoolmaster* [A história de um grande diretor].

223. Casou-se com um magnata do petróleo em novembro de 1922; ela e Wells permaneceram bons amigos por vários anos.

224. O casal finalmente se separou, após iniciativa dela, em 1923.

225. Os quatro romances que escreveu de 1921 a 1924 analisam esse estado de pânico, mas também foram escritos em uma tentativa fútil de se curar. Três dos quatro heróis nesses livros morrem; o quarto sofre uma morte simbólica.

226. O próprio Nabokov ficou em Berlim durante 14 anos e meio.

227. Em 9 de janeiro de 1923, os pais dela romperam o noivado com Nabokov, que recebeu a notícia aos prantos. Anunciaram que a estavam levando embora. Naquela noite, ele escreveu um poema doloroso: “Finis”.

228. Gamayun lhe deu uma nota de cinco dólares americanos como adiantamento; sem nenhum outro dinheiro, Nabokov tentou usar a nota para pagar o bonde, o que surpreendeu o condutor de tal maneira que ele parou o veículo para fazer troco.

229. O resultado, *Anya v strane chudes*, foi publicado em março de 1923. Leitores extremamente competentes já declararam que é a melhor tradução de um romance para qualquer língua.

230. Em novembro de 1922 ocorreu a publicação de sua tradução de *Colas Breugnon*, chamada *Nikola Persik*; em dezembro de 1922, uma coleção de versos escritos em 1921-2, *Grozd'* (O grupo); em janeiro de 1923, outra coleção, *Gorniy put'* (O caminho empíreo); e em março, *Anya*.

231. Seu relato de um encontro subsequente com Mussolini em Lausanne só foi publicado em 27 de janeiro do ano seguinte, mas vale a pena notar o quão radicalmente sua opinião sobre o líder havia mudado para pior: “Mussolini é o

maior blefe da Europa... peguem uma boa fotografia do *Signor* Mussolini em algum momento e a estudem. Verão a fraqueza em sua boca que o força a franzir o rosto e fazer a famosa carranca de Mussolini que é imitada por todos os fascistas de 19 anos na Itália... e depois olhem para sua camisa preta e polainas brancas. Há algo de errado, mesmo que seja atuação, com um homem que usa polainas brancas e camisa preta.”

[232.](#) Nascido 37 anos antes em uma área conhecida como o viveiro do anarquismo e da revolução socialista, o jovem Benito havia sido professor, depois jornalista, e em 1914 se tornou editor do jornal diário socialista de Milão, *Avanti*, de onde foi demitido por instigar a entrada da Itália na guerra no lado dos Aliados. Feriu-se severamente durante o serviço militar na guerra e foi condecorado inúmeras vezes. Em 1919, frustrado com o que entendia como uma onda de comunismo no Norte da Itália, fundou o *Fascisti*, uma tropa de choque anticomunista. A essa altura, concluiu Hemingway, Mussolini era o chefe de um movimento próspero de 500 mil integrantes, tanto político quanto militar, de Roma aos Alpes. O que planejava fazer com meio milhão de apoiadores?

[233.](#) Uma das testemunhas do assassinato foi o jovem Dietrich Bonhoeffer, que mais tarde se tornou um dos teólogos mais influentes do século XX, e um dos mártires cristãos mais nobres sob o regime nazista.

[234.](#) Dois dias depois, Vivien Eliot escreveu a Pound sobre “glândulas”. A carta apresenta uma lista de suas várias doenças, incluindo enxaquecas, insônia (disse que sofria disso há oito anos) e aflição mental: “Tenho horror de usar a minha mente e passo a maior parte do tempo tentando evitar o contato com pessoas ou com qualquer coisa que me force a utilizá-la.”

[235.](#) O vencedor do ano seguinte foi Hugh Lofting, por *Dr. Doolittle*.

[236.](#) Crompton (1890-1969) — vários presumiram que fosse um homem por causa do nome cristão de gênero ambíguo — era uma jovem bastante séria: ex-estudante de clássicos e sufragista que se compreendia primeiramente como escritora de livros adultos. Mas o apetite insaciável de seus leitores pelo humor perspicaz e o olhar afiado para detalhes sociais na série *Just William* forneceu uma renda tão positiva que, como Conan Doyle e seu grande detetive, foi obrigada a voltar repetidamente a William, sua gangue, os Foras da Lei, e sua oponente feminina de língua presa, Violet Elizabeth Bott. Ao todo, escreveu 38 livros da série William, que venderam 12 milhões de exemplares só no Reino Unido. Um dos admiradores mais ardentes de sua série era um jovem de Liverpool, John Lennon, que tentou tomar William Brown como modelo.

[237.](#) Avaliada apenas em termos estatísticos, Blyton (1897-1968) é uma ameaça a todos os outros escritores deste livro: é a quinta escritora mais traduzida de todos os tempos, logo após Shakespeare e acima de Vladimir Lenin. Escreveu cerca de oitocentos livros, e algo em torno de 600 milhões de exemplares foram vendidos no mundo todo. No auge de sua carreira, era capaz de produzir 10 mil palavras por dia, uma média que gerou suspeitas de que deve ter empregado grupos de escritores que trabalhavam para ela. Até hoje, nenhum foi descoberto.

[238.](#) A Guerra Civil Irlandesa começou em 28 de junho (apesar de terem acontecido vários conflitos nas semanas anteriores). Foi marcada por alguns dos atos de violência mais pavorosos que o país já havia testemunhado, e deixou uma divisão amarga na nação que moldou sua história durante décadas.

[239.](#) Não mencionou que o Exército britânico já estava se preparando para sua própria intervenção caso Collins hesitasse — uma jogada que foi cancelada na última hora.

240. Nas últimas horas do bombardeio, houve uma vasta explosão que destruiu o Escritório de Documentos Públicos da Irlanda — que abrigava inúmeros documentos da história do país. Até hoje, discute-se se foi um caso de efeito colateral ou se os homens Antitratado armaram a bomba.

241. No começo de sua carreira, Khlebnikov havia sido, junto com Maiakovski, um dos sucessos do movimento futurista, compondo ensaios exultantes sobre as maravilhas tecnológicas do futuro para a humanidade. Depois, no entanto, aproximou-se cada vez mais do misticismo e do oculto. Estudou mitologia eslava, ficou obcecado pela numerologia pitagórica e escreveu poemas crípticos que resultaram em um tipo de feitiçaria verbal. Apesar de sua reputação ter sido eclipsada pela de seus contemporâneos, ele tem um público extremamente leal de culto tanto em russo quanto em inglês.

242. Apesar de terem se encontrado em algumas poucas ocasiões, Franz e Milena mantiveram uma correspondência apaixonada que no final das contas virou um caso de amor intelectual. O livro que surgiu dessa troca depois da morte de Franz, *Cartas a Milena*, recebeu quase a mesma atenção que sua obra de ficção. Embora Milena não fosse judia, defendeu seus amigos judeus bravamente, e foi assassinada pelos nazistas em um campo de concentração em Ravensbrück.

243. Nascido em 25 de junho de 1903; tinha acabado de fazer 19 anos.

244. Seguiu um regime que impôs a si mesmo de negligenciar esportes e questões militares, e, sozinho, devorou autores rebeldes como Wells e Shaw.

245. O pai havia servido no Departamento de Ópio do Governo da Índia, e Eric nasceu em Motihari, Bengala.

246. Os candidatos, entre outras coisas, tinham de desenhar uma cadeira em um certo ângulo, ou uma cabana, ou um balde; nomear e descrever três membros do Gabinete da época; ou nomear o melhor primeiro-ministro desde Pitt.

247. Nada desafiador nesses dois últimos para um velho estudante de Eton. Suas maiores notas eram em latim.

JULHO

1º DE JULHO

WEIMAR A Bauhaus²⁴⁸ anunciou que sua contratação mais recente era o pintor russo Wassily Kandinsky (1866-1944), cofundador da escola Blaue Reiter (Cavaleiro Azul). A imprensa de direita, já convencida de que a Bauhaus era um antro de esquerdistas e subversivos, explodiu de raiva com a contratação de um “bolchevique”:

“Pergunta-se, em vão, o que Kandinsky, cujo misticismo orgástico de cores deve se sentir em casa no caos cultural da Rússia, está fazendo em uma posição acadêmica em [Weimar], um lugar enobrecido em meio à arte clássica da Alemanha (...) Kandinsky é um bolchevique, isto é, um anarquista tanto na política quanto na arte.” A julgar puramente pelo registro público, as acusações não foram totalmente sem fundamento, embora a acusação de misticismo tivesse mais força do que a difamação bolchevique. É verdade que Kandinsky voltou voluntariamente à Rússia pré-soviética em 1914 depois de duas décadas na Alemanha, mas inicialmente foi declarado um inimigo externo, e a vida não foi fácil para ele. Conseguiu encontrar emprego nas instituições de arte do novo regime e até pediram que ele estabelecesse um instituto novo para “a Ciência da Arte”.

Contudo, seria errado presumir que seu coração estava na Revolução. Em breve, seus colegas mais ortodoxos começaram a reclamar do seu “individualismo”.

Ele havia sido mandado para a Alemanha em 1921 sob ordens do Estado com a missão de descobrir sobre a situação das atividades culturais na República de Weimar, e permaneceu na folha de pagamento da Rússia por pelo menos três meses. Mas o fato de ter saído de seu caminho e anunciado que gostaria de se juntar à Bauhaus sugere que era, no máximo, um leninista morno, independentemente do quanto a imprensa reacionária berrasse o contrário. A realidade é que a visão de Kandinsky sobre arte sempre foi espiritual, e não marxista.

O ano de 1922 foi turbulento para a Bauhaus. Economicamente, os

prospectos eram positivos: as eleições locais de setembro de 1921 na Turíngia resultaram em uma colisão esquerdista — a mais radical na Alemanha — que deu apoio e aprovação sem precedentes à escola. Encorajado por isso, Gropius criou algumas iniciativas abrangentes que agravaram as divisões dentro da Bauhaus e que irritaram algumas facções fora dela. Visando unir-se aos planos do governo local para uma revisão completa do sistema educacional, e planejando também propor a Bauhaus como protótipo de toda a educação artística na região, no dia 3 de fevereiro ele anunciou um novo exame completo das atividades da escola.

Dali em diante, e pelo resto do ano, a Bauhaus ficou dividida em duas facções, de um lado Gropius, que estava convencido de que a rota de saída dos problemas financeiros crônicos da escola era abraçar o comércio, tanto buscando uma produção arquitetônica grande que finalmente pudesse mostrar ao público o que a Bauhaus era capaz de fazer quanto produzindo objetos que pudessem ser vendidos, gerando um lucro razoável.²⁴⁹ Do outro lado, Itten, que apesar de suas estranhas crenças religiosas era, de certa maneira, mais realista: sua proposta principal era que a Bauhaus agora devia se concentrar em fazer modelos para produção industrial.²⁵⁰

As condições se deterioraram perto do fim do ano. Gropius demitiu um gerente de negócios recentemente contratado, que respondeu acusando a direção de Gropius de ser vergonhosamente incompetente. Membros insatisfeitos da Bauhaus também começaram a reclamar que Gropius estava usando fundos estatais para pagar os salários de empregados privados, e — ainda pior — que vinha seduzindo algumas alunas. No fim do ano, a Bauhaus parecia amaldiçoada: dividida internamente, quase falida, sujeita a uma investigação externa humilhante e sem um estatuto com o qual todos concordassem. Era difícil acreditar que a Bauhaus sobreviveria por mais de algumas poucas semanas.



TÓQUIO Abertura oficial do Hotel Imperial de Frank Lloyd Wright, em frente ao Palácio Imperial Japonês. Na verdade, as obras no hotel ainda não estavam totalmente finalizadas — o projeto já havia passado três anos da sua data limite, e custou algo na faixa de 4 milhões e meio de dólares. O

financiamento adicional só pôde ser feito com a intervenção da família real japonesa. Lloyd Wright (1867-1959) já não estava mais na supervisão de sua própria criação; não se sabe ao certo, mas ele foi acusado de um incêndio em 16 de abril e o projeto foi transferido para seu assistente sênior, Irato Endo.

O Hotel Imperial foi a primeira grande obra de Wright depois dos eventos trágicos de 1914 na casa em que ele mesmo construiu, Taliesin, em Spring Garden, Wisconsin.²⁵¹ À beira do desespero, Wright conseguiu sobreviver após ter uma visão de Taliesin emergindo das cinzas como uma fênix. A encomenda foi ainda mais feliz para ele por ser apaixonadamente ligado a vários aspectos do Japão, principalmente suas artes clássicas. Visitou o país pela primeira vez em 1905 e se tornou um colecionador de figuras antigas, e mais tarde começou a comercializá-las.²⁵² Passou grande parte de seis anos trabalhando no Hotel Imperial e alugou um apartamento modesto, porém elegante, a uma distância curta do hotel, e voltava para os Estados Unidos de tempos em tempos quando projetos menores apareciam.

Apesar de toda a história controversa, o hotel era inegavelmente impressionante, projetado por Wright no que chamava-se de estilo “revitalização maia”, incorporando uma estrutura de pirâmide e um sistema engenhoso de viga suspensa feito para salvaguardar o prédio diante de terremotos.²⁵³ De julho em diante, tornou-se um centro da vida social da elite de Tóquio.²⁵⁴ Seu salão de jantar de teto em cúpula tinha capacidade para setecentos convidados em cada refeição, e havia 285 quartos. Cerca de 4 milhões de ladrilhos feitos para o hotel foram incluídos na construção. Wright deixou o Japão e nunca mais voltou.

Também foi em 1922 que Wright conseguiu convencer a esposa Kitty, de quem já estava separado, a concordar com um divórcio.²⁵⁵



PARIS Wyndham Lewis visitou o estúdio de Pound e encontrou “um jovem de estrutura esplêndida, sem camisa e com um torso de um branco reluzente. Estava de pé, não muito longe de mim. Era alto, bonito e sereno, e estava repelindo, com suas luvas de boxe — para mim, com asserção indevida —, um ataque pungente de Ezra. Depois de um golpe final em seu deslumbrante plexo solar (do qual se esquivou sem esforço a estátua de calças), Pound caiu sobre o banco”. O jovem era Ernest Hemingway.²⁵⁶



LONDRES Winston Churchill finalmente concordou em permitir que T. E. Lawrence abandonasse o Escritório Colonial. Três dias depois, Lawrence escreveu uma carta oficial de demissão. Deixou para trás todo o seu envolvimento com a política do Oriente Médio, mas não suas memórias de guerra, nem sua vontade de escrever um grande livro sobre elas.



REINO UNIDO Cora Millay, mãe da poeta americana Edna St. Vincent Millay,²⁵⁷ escreveu do vilarejo de Shillingstone, no interior de Dorset, para explicar à família por que ela e Edna foram repentinamente de Paris para a Inglaterra rural. Edna, conforme explicou Cora, precisava muito de um descanso depois de seus artigos para a *Vanity Fair*, e Paris era muito barulhenta e estimulante; a comida francesa não a agradava, e ela estava tendo problemas no intestino.

Tudo mentira. Edna engravidou depois de um caso breve e extremamente sórdido com um francês almofadinha,²⁵⁸ que desapareceu alguns dias depois de descobrir o feto em desenvolvimento. Cora trabalhou como enfermeira durante 15 anos, e conhecia alguns truques. Primeiro, levou Vincent (como Edna gostava de ser chamada pelos amigos) para fazer caminhadas vigorosas de 20 quilômetros na tentativa de induzir um aborto espontâneo. Diante do fracasso, utilizou seu conhecimento admirável sobre remédios populares, colhendo trevo, cardo, urtigas, amaranto, erva-louca, genciana e borragem. A poção que criou parecia uma bebida saída direto de *Macbeth*, mas funcionou e sua filha sofreu o devido aborto.

Foi um momento ruim na vida de Vincent, e apesar de não estar mais grávida continuou a sofrer de severas dores abdominais e inchaço; mais tarde, ainda mal, foi ficando corada e murcha. E não conseguia escrever; nem mesmo um verso curto.²⁵⁹

3 DE JULHO

WEIMAR Em sua nova casa na Bauhaus, Wassily Kandinsky escreveu ao velho amigo, o compositor Arnold Schoenberg. Foi o primeiro contato deles desde o verão de 1914, quando foram separados tanto pela guerra quanto pelo

retorno de Kandinsky à Rússia.

Meu querido Schoenberg,

Fiquei muito decepcionado quando cheguei a Berlim e ouvi dizer que você não estava mais lá... as coisas mudaram muito desde o tempo que passamos juntos na Bavária. Muito do que era um sonho ousado naquela época agora se tornou o passado. Vivenciamos séculos. Às vezes, me impressiona que haja qualquer coisa do “velho” mundo ainda a ser vista. Aqui na Alemanha tenho sido arrebatado por novas impressões. Você sabe, é claro, que vivemos na Rússia durante quatro anos — sete, ao todo — completamente apartados do mundo inteiro e não tínhamos ideia do que estava ocorrendo no Ocidente. Vim boquiaberto e engoli a saliva várias vezes — até que me sentisse completamente diferente. Não tenho feito nada meu, agora vivo enterrado embaixo de uma montanha de tarefas diferentes que devo concluir com rapidez. Há tanto a ser feito que nem sei por onde começar. Mas é uma sensação adorável ter tanto do seu *próprio* trabalho à frente. Na Rússia, fiz uma boa quantidade de trabalhos, mas para “o Bem público” — meu [próprio] trabalho sempre foi deixado para trás; tirei tempo do Bem público para isso. E cheguei tão esvaído e exausto que fiquei doente durante um mês inteiro — só conseguia ficar deitado e ler livros idiotas...

Ao dizer “Bem público”, Kandinsky se referia ao seu trabalho imediatamente após a Revolução, como fundador de museu, professor, organizador e teórico de arte.

4 DE JULHO

LONDRES Eliot escreveu a Sydney Schiff sobre Proust. Queria que algum trabalho dele fizesse parte do *Criterion*, e havia escrito ao romancista dizendo que não conhecia ninguém com melhores qualificações do que Schiff para traduzir sua prosa para o inglês.

E um detalhe intrigante: “Vou mandar os livros para Einstein, como você pediu.” Será que Einstein expressou interesse pela obra de Eliot?



PARIS Terceira venda dos trabalhos confiscados de Kahnweiler no Hotel Drouot. Daniel-Henry Kahnweiler (1884-1979), o crítico de arte, colecionador e diretor de galeria nascido na Alemanha, foi o patrocinador mais generoso e manifesto dos cubistas e de outros artistas parisienses nos anos que precederam a Primeira Guerra Mundial; Picasso já havia se perguntado, em voz alta, o que teria acontecido com ele e seus amigos se não fosse pelo apoio apaixonado de Kahnweiler. Historiadores de arte se referiram à pequena galeria parisiense de Kahnweiler como o “berço do Cubismo”. No entanto, o governo francês não ficou impressionado com suas contribuições à cultura francesa, e quando a guerra estourou, em 1914, Kahnweiler foi classificado como inimigo externo, e sua coleção inteira de pinturas foi confiscada. A venda de julho de 1922 aconteceu em má hora — o mercado de arte não estava aquecido e muitos dos que teriam comprado quadros já haviam saído de Paris para as férias de verão. A venda incluiu dez Picassos, 15 Braques, 12 Derains e trinta Vlamincks.

André Breton comprou três Braques e um Léger para seu chefe, Jacques Doucet.²⁶⁰ Estava também aborrecendo Picasso para que vendesse *As senhoritas de Avignon* para Doucet — Breton fazia parte do grupo bem pequeno que reconhecia o quadro como a obra-prima que hoje, em geral, sabe-se que é.²⁶¹ A quarta e última venda de Kahnweiler aconteceu no ano seguinte: 7 e 8 de maio de 1923. Incluiu 50 Picassos, 6 Braques, 36 Derains, 26 Grises e 92 Vlamincks.

5 DE JULHO

NOVA YORK Edmund Wilson publicou uma crítica altamente perceptiva de *Ulisses* no *New Republic*; foi, segundo Mary Colum (em seu livro de memórias, *Life and the Dream* [Vida e o sonho], de 1947), uma das três críticas que mais agradaram Joyce — as outras foram a de Gilbert Seldes (Cf. 30 de agosto) e a dela mesma (Cf. 19 de julho). Wilson já era um dos jovens críticos mais influentes nos Estados Unidos e seu artigo ajudou muito a estabelecer a reputação de Joyce no país.

Como Pound, Wilson comparou Joyce a Flaubert; diferente de Pound, não via *Ulisses* como uma farsa enciclopédica aos moldes de *Bouvard et Pécuchet*; em vez disso, insistiu ele, era um livro de 730 páginas “que provavelmente são as páginas mais completamente ‘escritas’ em qualquer romance desde Flaubert”. Elogiou a precisão flaubertiana do uso de dialetos por parte de Joyce — “usados para

registrar todos os turbilhões e estagnações do pensamento”; discordou firmemente do ponto de vista de Arnold Bennett que dizia que o romance era uma sátira misantrópica. As figuras burguesas de Joyce, disse ele, “comandam nossa simpatia e respeito”.

Wilson concedeu alguns pontos aos inimigos do livro; acima de tudo, concordou que há partes realmente sem graça. Questionou também o valor da subestrutura homérica, e sentiu que a sede de Joyce por simbolismo “às vezes transpassa as fronteiras da arte e cai em uma ingenuidade árida que faria com que uma correspondência mística cumprisse seu papel por uma razão artística”; acreditava que a facilidade do autor em tecer paródias o desviava, e que as passagens que impunham o burlesco sobre o realismo ficavam simplesmente ilegíveis.

No entanto, afirmou finalmente, *Ulisses* era uma obra de “gênio elevado” que estabelecia um padrão tão alto para a ficção em prosa quanto os padrões de poesia e de drama. “*Ulisses* tem o efeito, ao mesmo tempo, de fazer com que tudo mais pareça feito de metal. Desde que li a obra, a textura de outros romancistas parece insuportavelmente frouxa e descuidada; quando de repente deparo com uma página que eu mesmo escrevi, tremo como uma coisa surpresa cheia de culpa.”

Wilson termina disseminando um rumor que dizia que Joyce ia desistir da escrita. Pode ser verdade, divagou ele, visto que havia fraquezas de um tipo flaubertiano que poderiam apontar para um desejo de vitalidade. Mas:

(...) Se ele repetir os vícios de Flaubert — como não poucos fizeram — repete também seus triunfos — o que quase ninguém fez. Quem mais teve a devoção suprema e alcançou a beleza definitiva? Se ele realmente deixou sua caneta para nunca mais usá-la, tem de saber que a mão que criou a grande afirmativa da sra. Bloom, mesmo que não escreva uma palavra mais, já é a mão de um mestre.



7 DE JULHO

O conde Harry Kessler escreveu em seu diário:

Passei a tarde com o pintor e desenhista George Grosz. A devoção de sua arte ao retrato da repulsa pela ignorância burguesa é, digamos, meramente a contrapartida de alguma ideia secreta de beleza que ele esconde como se fosse um brasão de vergonha. Em seus desenhos, ataca com ódio fanático a antítese desse ideal, que protege do olhar público como algo sagrado. Seu coração inteiro é uma campanha de extermínio contra o que é irreconciliável com sua secreta “lady amada”. Em vez de cantar suas qualidades como um trovador, luta contra os oponentes delas com fúria ilimitada, como um cavaleiro dedicado. Sua natureza é excessivamente sensível, tornando-se exorbitantemente brutal devido à sua sensibilidade, e ele tem o talento para delinear essa brutalidade de maneira criativa.

Um relato admiravelmente perceptivo. Os cartuns de George Grosz (1893-1959) não são apenas documentos definidores da República de Weimar, mas também as caricaturas mais raivosas e demoníacas na história da arte. Seus alvos primários eram a classe dominante e seus parasitas: figuras inchadas, deformadas e horrendas cuja feiura aparente refletia sua imundice interna. Seus desenhos são visões geradas pelo nojo dos militaristas brutais, dos empresários soberbos — todos os vermes humanos que haviam trazido os horrores da última guerra e lucrado com ela, e estavam preparando-se, com fome, para a próxima — e de bajuladores e parasitas.²⁶² Sua influência para gerações subsequentes de cartunistas políticos (e não políticos) tem um alcance largo e imensurável — e continua no século XXI.

9 DE JULHO

LONDRES Eliot escreveu uma carta detalhada a Pound, principalmente sobre o *Criterion*.²⁶³ Pound tinha acabado de voltar a Paris depois da viagem à Itália. Logo em seguida, começou a organizar uma exposição, que aconteceria em seu próprio apartamento com as pinturas do amigo japonês Tami Koume. No mesmo dia, Eliot escreveu ao estudioso polímata de literatura E. R. Curtius, na Alemanha, pedindo uma contribuição para o *Criterion* — talvez uma republicação de seu artigo acerca de Proust? “Eu gostaria... muito de fazer com que seu trabalho fosse conhecido na Inglaterra.”

Grande parte de suas correspondências a partir de então foi dedicada

a recrutar talentos para o *Criterion*. Grande parte, mas não toda. Em 13 de julho, escreveu a Richard Aldington: “Você sabe que não tenho mania de perseguição, mas sei o quão antipático sou para provavelmente a maior parte do mundo literário de Londres, e que uma boa quantidade de impostores vai estar por perto esperando os meus ossos.” Dois dias depois, Aldington recebeu uma carta irritada de Vivien: “Com essa crítica, ou ele fica de pé, ou ele cai. Não consegue entender isso? Cada pessoa que dá um empurrão agora está empurrando-o para fora da Inglaterra. E a perda vai ser toda dela.”

11 DE JULHO

CALIFÓRNIA Abertura do Hollywood Bowl.

12 DE JULHO

PARIS O comerciante de arte René Gimpel conheceu Picasso e escreveu um esboço memorável e perceptivo em seu diário:

Nos conhecemos na casa de Paul Rosenberg. Ele fala um bom francês, mas ainda tem um sotaque espanhol forte. O cabeça da escola cubista é um chouriço de sangue, um chouriço branco de sangue. Ainda não fez 40 anos, e tem olhos castanhos que parecem peças gastas em um jogo de criança. O rosto desse chouriço é cortado por seis linhas perpendiculares — como se as cordas na boca de uma sacola de pano tivessem sido puxadas — que caem dos olhos, narinas e cantos dos lábios.

13 DE JULHO

LONDRES O antropólogo Bronislaw Malinowski, nascido na Polônia, residente da Grã-Bretanha, publicou *Argonautas do Pacífico Ocidental*, que foi quase imediatamente reconhecido como um dos maiores tratados etnológicos. Pode-se até dizer que revolucionou a disciplina da antropologia, certamente na Grã-Bretanha — onde é amplamente considerado o início da antropologia moderna —, mas também em outros países.²⁶⁴

15 DE JULHO

PARIS Uma das últimas memoráveis noites de Proust em Paris, que acabou muito mal.

Seu amigo Edmond Jaloux o havia persuadido a ir com ele e Paul Brach ao ponto mais badalado de Paris, o bar favorito de Cocteau, Boeuf sur la Toit.²⁶⁵ Quando chegaram à boate, Proust começou a falar sobre o desenvolvimento futuro de personagens em seu romance. Saint-Loup, revelou ele, viraria homossexual, como Carlus — e pelos mesmos motivos.

Proust achou que a comida — um frango cozido — estava muito boa, mas o serviço deixava a desejar e era até hostil, se comparado com os padrões elevados aos quais estava acostumado no Ritz. Mesmo assim, deu gorjetas excelentes para os garçons, até mesmo para um que não havia servido sua mesa, e explicou ao amigo que não aguentava a expressão de tristeza do homem. Jaloux foi embora após o jantar, tinha outro compromisso, e deixou Proust e Brach sozinhos para lidarem com um bando de bêbados fanfarrões que havia se juntado a eles e que começara a importunar um grupo de cafetões e criminosos no outro lado do bar. Não demorou muito para que um jovem bêbado — parece que incomodado com o casaco almofadinho de pelo e o chapéu-coco, e possivelmente após ouvir a conversa sobre homossexualidade — foi se arrastando até eles e começou uma briga. Longe de se sentir intimidado, Proust foi atizado por essa reminiscência da sua própria juventude rebelde e desafiou o jovem a um combate formal na alvorada. Os observadores mais sensíveis tentaram acalmar a situação e Proust foi levado para longe, mas não sem descobrir que seu adversário era um tal Jacques Delgado, da rue Greuze. Quando chegou em casa, Proust escreveu um desafio formal e pediu que seu motorista Odilon (marido da fiel governanta Celeste) o entregasse na casa de Delgado.

Naquela altura, Delgado estava não apenas sóbrio como também cheio de remorso. Escreveu um pedido de desculpas a Proust, tão eloquente que Proust se sentiu na obrigação de responder: “Você não me deve desculpas, e é muito delicado e elegante de sua parte oferecê-las para mim... os sentimentos elevados de sua carta me dão exatamente o mesmo prazer que eu teria ao fim de um duelo. Refiro-me, senhor, ao prazer de apertar a sua mão cordialmente.”



BRITTANY Os Picasso chegaram a Dinard, resort chique na costa, e deram entrada no Hotel des Terrasses. No dia 22, mudaram-se para a casa alugada de verão, a Villa Beauregard, uma casa na Grand Rue²⁶⁶ da época do Segundo Império. Essa escolha de locação para as férias era uma interrupção rara na rotina de Picasso, visto que geralmente preferia passar o verão no Midi; foi, em grande parte, para agradar Olga que escolheu suportar o céu nublado de Brittany, em vez de se jubilar no sol escaldante do Sul. Choveu bastante naquele verão, e a maioria dos turistas foi levada a buscar diversão nos dois cassinos e nos vários grandes hotéis, com suas palmeiras e bandas ao vivo.

Entretanto, Picasso estava ali principalmente para trabalhar, e foi o que fez apesar de todas as distrações dos berros e ataques de Paolo — seus dentes estavam crescendo —, do calendário social atribulado de Olga e dos vários amigos e conhecidos que também estavam na cidade.²⁶⁷ Quando o tempo ficava bom, saía para pintar, e fez pelo menos uma paisagem de Dinard e outras duas de Saint-Malo, do outro lado da baía; pintou também mulheres grávidas e crianças. Diz-se que os trabalhos daquele verão irradiavam felicidade; mas a felicidade durou pouco, visto que Olga ficou doente de repente.

19 DE JULHO

PARIS Cocteau escreveu uma carta à mãe comentando sobre o romance que estava escrito pela metade, *Le Grand Écart*.²⁶⁸ O livro descreve profundamente as experiências de Cocteau enquanto jovem aluno e, disse ele, as dores de estar “loucamente apaixonado” por uma mulher chamada Madeleine Carlier. Quando foi publicado, o livro vendeu bem; havia várias cenas de sexo retratando alunos vivendo uma vida de promiscuidade despreocupada. Gide achou que o romance era desonesto em relação à verdadeira sexualidade de Cocteau, e viu o personagem de Madeleine como um homem travestido ficcionalmente. Cocteau protestou dizendo que Madeleine era uma mulher de verdade, e que de fato foi sua amante. Para a mãe, escreveu que o herói “não sou eu, mas se parece comigo em alguns aspectos”. Estava tentando, contou para ela, fazer com que o romance fosse tanto engraçado quanto triste; e concluiu que:

Agora tenho de “retocar” todas as páginas, revisar tudo até atingir

uma “agradabilidade”, como faço com meus retratos e caricaturas. Eu, que jurei nunca mais escrever! É como um corredor que promete nunca mais suar. A mente corre e sua — um livro é isso.



IRLANDA “The Confessions of James Joyce” [As confissões de James Joyce], a crítica de *Ulisses* feita por Mary Colum, foi publicada no *Freeman*.

Como sugerido pelo título, Mary Colum entendeu *Ulisses* como parte “daquela classe da literatura que sempre inspirou mais curiosidade do que qualquer outra”: a confissão. Propôs que o livro não poderia ser compreendido de maneira apropriada por alguém que não fosse familiarizado com a história do nacionalismo irlandês, ou da Igreja Católica Romana, ou de Dublin e seus cidadãos mais proeminentes e notórios. “O próprio autor não se dá ao trabalho de facilitar a compreensão.” Comentou também sobre a natureza enciclopédica do conhecimento englobado pelo romance.

Sua crítica depois se concentra com admiração no personagem de Stephen Dedalus, e ela pergunta de maneira retórica qual livro já teria expressado de forma tão adequada a sensação de humilhação espiritual sentida pelos jovens irlandeses sensíveis sob a regra inglesa, ou o fascínio exercido pela Igreja até mesmo sobre essas almas rebeldes, como Dedalus, que fugiam dela. Depois de elogiar ainda mais a forma como Joyce representou os funcionamentos internos da mente de Dedalus, e depois de Bloom, Colum declarou que a segunda metade do livro não tem grande interesse literário, pois dedica-se muito à paródia (a mesma reclamação de Edmund Wilson). Concluiu seu artigo observando que com *Ulisses*, uma nova forma literária surgiu — uma forma que pertencia tanto à ciência (isto é, presume-se, à ciência da psicologia) quanto à arte. Mas o grande florescer retórico de seu texto — e parece que foi a parte que mais agradou Joyce — veio alguns parágrafos antes.

O que de fato James Joyce alcançou nessa obra monumental? Alcançou algo bem próximo de uma sátira de toda a literatura. Escreveu uma página da história do seu país. Deu às mentes de dois homens um tipo de realidade nunca antes vista na literatura. Ele nos deu uma impressão de sua própria vida e mente como

nenhum autor jamais o fez antes; nem mesmo Rousseau, com quem se parece...



LONDRES E. M. Forster escreveu à mãe detalhando a visita recente ao casal Thomas Hardy em Max Gate. Havia sido apresentado aos Hardy por Siegfried Sassoon e parece que se relacionaram bem, apesar de Forster ter se perguntado algumas vezes por que insistia na amizade com tanto afinho, considerando que a triste realidade era que achava a conversa de Hardy chata, especialmente quando o velho escritor falava sobre livros. Dessa vez, Forster tentou mudar o assunto da conversa e fugir desse tópico. Deu certo por algum tempo, até que Hardy percebeu o que estava acontecendo, ficou com raiva e insistiu em “revelar os segredos de sua arte”.²⁶⁹

Depois do chá, Hardy levou Forster ao cemitério dedicado aos seus gatos, cada um deles com sua lápide. Forster notou que todos os bichos pareciam ter sofrido uma morte violenta: Snowball foi atropelado por um trem; Kitkin foi partida ao meio; Pella, outra vítima de trem... e é claro, adicionou Hardy, só enterraram os gatos cujos restos foram descobertos. Muitos outros simplesmente sumiram. Forster contou à mãe que a cena lhe pareceu tão *à la* Hardy que ele teve de se esforçar para conseguir manter o ar solene.

20 DE JULHO

ÁUSTRIA Arnold Schoenberg (com 47 anos) respondeu a um bilhete do velho amigo Kandinsky (Cf. 3 de julho) com uma carta comovente, escrita em Traunkirchen, sobre seus esforços artísticos e espirituais:

Meu querido Kandinsky,

Estou muito feliz por finalmente ter recebido notícias suas. Quantas vezes pensei em você com ansiedade ao longo desses oito anos! E quantas pessoas me viram perguntando sobre você, sem que eu nunca tenha recebido informações definitivas ou confiáveis. Você deve ter passado por muita coisa!

Espero que saiba que também tivemos nossas provações por aqui: fome! Realmente foi horrível! Mas talvez — pois, pelo visto, nós de Viena somos um povo paciente — talvez o pior

tenha sido a inversão de tudo em que se acreditava antes. Acho que isso foi o mais doloroso.

Quando um homem está acostumado, no que tange ao trabalho, a liquidar todos os obstáculos com um imenso esforço intelectual e durante oito anos se vê constantemente diante de novos obstáculos contra os quais toda a reflexão, todo o poder de invenção, toda a energia, todas as ideias se mostram inúteis, para um homem que dá todo valor às ideias isso significa nada menos do que o colapso total das coisas, a não ser que encontre apoio crescente em algo mais elevado, algo além. Acho que você entenderia melhor o que quero dizer no meu *libretto* “Jacob’s Ladder” [(A escada de Jacó); um oratório].²⁷⁰ o que quero dizer é — mesmo sem limitações organizacionais — a religião. Foi meu único apoio durante esses anos — permita que isso seja dito pela primeira vez.

21 DE JULHO

NOVA YORK Publicação do romance altamente antecipado de Edith Wharton, *The Glimpses of the Moon* [Os vislumbres da Lua]. Foi um sucesso instantâneo: 60 mil exemplares foram vendidos nas primeiras três semanas após a publicação, e no fim de agosto a Paramount comprou os direitos para um filme pela respeitável quantia de 15 mil dólares; percebendo como a ficção recente de Wharton estava na moda, a Warner Brothers comprou os direitos do romance anterior, *A época da inocência*, que havia recebido o prêmio Pulitzer.

Wharton — que fez 60 anos em 1922 — vivia na França havia muitos anos. Mudou-se para o país após visitas frequentes partindo dos inúmeros endereços que teve nos Estados Unidos.²⁷¹ Iniciou *The Glimpses of the Moon* ainda em 1919, e havia planejado uma narrativa aos moldes de seu romance anterior, *A casa da alegria*. Deixou o romance de lado por dois anos para cuidar de outros projetos, e depois o retomou durante a primavera e o verão de 1921, finalizando-o no meio de setembro, nove meses antes da data final estipulada em contrato.

Em sequência, escreveu uma novela, *New Year’s Day* [Dia de Anovo], que terminou no meio de fevereiro de 1922. Seu editor na Appleton, o engenhoso e enérgico Rutger Bleecker Jewett,²⁷² vendeu-a

para a revista *Red Book* por 6 mil dólares — uma quantia que, admitiu ela, foi surpreendente, principalmente porque a taxa de câmbio de dólares para francos estava cada vez mais favorável aos que trabalhavam com a moeda norte-americana.²⁷³ Sentindo-se mais corajosa após a transação com a *Red Book*, ela pediu um adiantamento maior do que haviam acordado por *Glimpses* — 15 mil dólares —, visto que queria lucrar com a taxa de câmbio. “Eu sei,” disse ela de maneira fatídica, “que posso conseguir praticamente o adiantamento que quiser de outros editores.” Ela estava certa.

Jewett rapidamente concordou com o novo acordo, considerando que sua equipe já estava relatando uma pré-venda vigorosa de *Glimpses*. Ele avisou, no entanto, que o tratamento cada vez mais franco de assuntos sexuais em sua obra (certamente morno em comparação a *Ulisses*) impediria que ela fosse publicada na maioria das grandes revistas.²⁷⁴ Talvez fosse difícil, sugeriu ele, para alguém que cresceu na França entender como o público norte-americano podia ser sensível quando o assunto era adultério. O adultério era essencial à trama de *Glimpses of the Moon*. Como explicou Wharton ao amigo Bernard Berenson, o livro narrava uma história complexa de amor com “um jovem casal que se crê completamente *affranchis* [mente aberta, liberal] e moderno, mas que está continuamente preso em sensibilidades obsoletas e ideais descartados”. O que essa breve descrição deixa de mostrar é um dos aspectos mais incomuns e sedutores da história: seu tratamento claro do poder do dinheiro sobre o amor.²⁷⁵

Algumas críticas ao romance transbordaram de admiração; a maioria foi fria ou diretamente hostil. Rebecca West chamou o romance de “coisa morta”; Gilbert Seldes escreveu na *Dial* com desdém sobre o “vinho aguado da narrativa”, e declarou que Wharton “deixou sua obra vazia”. O crítico do *Bookman* desdenhou a obra dizendo que era “um show de marionetes”, “uma coisa cafona sem sinceridade alguma”; e o *Times Literary Supplement* achou o livro “fraco”, com personagens que não passavam de “símbolos de álgebra”. Jewett escreveu a Wharton pesarosamente dizendo que “os Jovens intelectuais... como terriers jovens despedaçando tecidos, se lançaram em um ataque de fúria em cima do seu romance”.

O público leitor ignorou esses críticos-terriers e os dólares jorraram na conta bancária francesa da srta. Wharton. Em seu primeiro mês de publicação, *Glimpses of the Moon* ultrapassou *A época da inocência* na

proporção de três para um. No meio de setembro, Jewett pôde contar para ela o rumor de que Somerset Maugham talvez estivesse escrevendo uma versão para o teatro.²⁷⁶

No fim de 1922, o lucro de *Glimpses* — vendas, direitos para publicação em série, direitos para filme — chegou a 60 mil dólares. Além dessa herança inesperada, Wharton também ganhou cerca de 10 mil dólares dos contos e da novela *False Dawn* [Falsa alvorada], inteligente e satírica, sobre Ruskin e o mundo da arte. Sua posição de best-seller era inatingível, e por mais que os críticos mais metidos tivessem atacado *Glimpses*, sua reputação crítica também ficou garantida.



OXFORD T. E. Lawrence recebeu as provas da parte final de *Os sete pilares da sabedoria* das impressoras do *Oxford Times*. Ele as corrigiu e oito exemplares do livro foram devidamente impressos e montados. Um exemplar foi para Edward Garnett na editora Jonathan Cape; e no mês seguinte, Lawrence enviou outro para George Bernard Shaw. (Cf. 17 de agosto.)

Julho de 1922 também foi o mês em que o amigo íntimo de Lawrence, Robert Graves, publicou sua primeira obra crítica, *On English Poetry* [Sobre a poesia inglesa], uma publicação pequena com subtítulo “an Irregular Approach to the Psychology of this Art, from Evidence Mostly Subjective” [uma abordagem irregular à psicologia dessa arte a partir de provas em geral subjetivas].²⁷⁷ Foi uma obra incomum não muito lida na época, apesar de mais tarde ter exercido influência considerável sobre outros críticos, mesmo que raramente admitida de maneira pública. Era repleta de referências aos escritos mitológicos e antropológicos do começo do século XX de Frazer, Taylor, Marett e outros.

Graves não tinha problemas em admitir que devia grande parte do seu conhecimento sobre esses pensadores a W. H. R. Rivers — e seu fascínio pelas teorias de Rivers ficou ainda mais intenso nos anos seguintes.²⁷⁸ Entre outros assuntos, *On English Poetry* propunha que o poeta pudesse ser visto como o equivalente, no mundo moderno, de um xamã tribal, ou, como coloca Graves, um “médico bruxo”: “Quando questões conflitantes perturbam a mente [do poeta], que em seu estado consciente não é capaz de resolvê-las logicamente, o poeta

adquire o hábito de auto-hipnose, como praticada pelos médicos bruxos, seus ancestrais na poesia.” Em outras palavras, estava propondo que a poesia geralmente nascia a partir de estados de transe, condições de consciência nas quais as palavras podem atingir seu poder completo — Graves teria dito, com toda sinceridade, poder mágico.²⁷⁹

Nessa época, Graves e sua esposa Nancy viviam com os filhos pequenos em um chalé chamado Fim do Mundo no vilarejo de Islip, cerca de 12 quilômetros ao norte de Oxford. A saúde dele não ia bem; sofria de uma bronquite muito severa que frequentemente o deixava de cama; ia tão mal, de fato, que não conseguiu fazer as provas finais para se graduar na Oxford. Apesar disso, em 1921 havia publicado uma coleção de poemas, *The Pier-Glass* [O espelho entre janelas], um volume que depois foi visto como o começo de seu estilo distinto e maduro como poeta. Alguns autores podem ter se surpreendido ao ver que o livro era dedicado a T. E. Lawrence: Lawrence da Arábia. Foi mais do que um gesto de admiração: Graves havia consultado Lawrence para pedir ajuda em cada poema do livro.²⁸⁰

O “rei sem coroa da Arábia” sempre acalentou ambições literárias bem elevadas, mais ardentes agora que estava trabalhando em seu épico pessoal, *Os sete pilares da sabedoria*, e começou a bombardear Graves com perguntas sobre poesia moderna.²⁸¹ Graves, imensamente honrado com a atenção de um herói internacional, agiu de maneira recíproca pedindo que Lawrence desse conselhos sobre sua própria poesia. É difícil que ele tenha tirado grande proveito artístico dessas opiniões, apesar de Lawrence ter sido uma ajuda generosa e bem-vinda em termos financeiros — no verão de 1921, deu para Graves alguns fragmentos do esboço final de *Os sete pilares da sabedoria* para que fossem vendidos para publicações em série nos Estados Unidos, permitindo, assim, que o poeta empobrecido liquidasse uma dívida que era preocupantemente grande.

Foi nos aposentos de Lawrence que Graves conheceu Ezra Pound: “Vocês não vão gostar um do outro”, previu Lawrence, corretamente, assim que os apresentou. Graves tinha vários motivos para não gostar de Pound, desde o que considerou um aperto de mãos muito frouxo até seu linguajar impetuoso e sua ambição de trazer formas e tons “continentais” para o verso inglês. Aliás, Graves também não ligava muito para *A terra devastada*, apesar de admitir o poder mórbido dos primeiros versos de Eliot, e o achava interessante enquanto pessoa.

22 DE JULHO

CANADÁ O *Toronto Daily Star* publicou a história “A Veteran Visits the Old Front” [Um veterano visita o velho fronte], de Hemingway.

Era um texto triste, reflexivo e melancólico sobre o quão ruim foi a ideia de voltar, acompanhado pela esposa, aos lugares na Itália onde esteve durante a guerra; sobre a impossibilidade de encontrar lugares amados do passado, visto que o tempo de paz fazia com que virassem algo diferente e estranho — não por causa de seu abandono, mas por causa da novidade fajuta, da falta de associações emocionais com locais ou com estrangeiros que retornam. “Tentei recriar algo para minha esposa e fracassei enormemente. O passado estava tão morto quanto um álbum danificado da Victrola. Caçar o ontem é uma perda de tempo — e se vocês precisam comprovar isso, retornem aos seus velhos fronts.”

23 DE JULHO

LONDRES Leonard Woolf leu o primeiro esboço de *O quarto de Jacob*, no qual Virginia vinha trabalhando duro a maior parte do ano. Ele declarou que era sua melhor obra: “Incrivelmente bem-escrita.” Apesar do ânimo perante a resposta carinhosa dele, Virginia ficou cada vez mais ansiosa com a maneira como os críticos e o grande público receberiam o livro. Em parte para impedir que sua mente surtasse, ela manteve um regime de trabalho estável, escrevendo ensaios e a história que finalmente se desenvolveria em *Mrs. Dalloway*.



PARIS Pound havia arrumado uma consulta para Joyce com o dr. Lewis Berman, exímio endocrinologista de Nova York. O dr. Berman prescreveu um tratamento endocrinológico para as costas de Joyce, cheias de artrite, e depois de uma rápida olhada no estado de seus dentes, recomendou que fossem radiografados imediatamente. Quando as radiografias foram entregues, revelou-se que seus dentes estavam tão podres que Berman recomendou a extração completa.²⁸² Joyce hesitou diante dessa atitude drástica, mas concordou com a cura endocrinológica. Consultou também outro oftalmologista de ponta, o dr. Louis Borsch.

27 DE JULHO

ESTADOS UNIDOS O jovem poeta Hart Crane escreveu a um correspondente desconhecido, exaltando a descoberta de *Ulisses*, que um amigo havia deixado para ele.

Tive vontade de gritar EURECA!...

Perdoe a força da minha opinião sobre isso, mas me parece facilmente o épico de uma era. É tão grandioso quanto o *Fausto* de Goethe, com o qual se parece de várias maneiras. A beleza afiada e a sensibilidade da coisa! Os detalhes incomparáveis!...

Acho que algum fanático vai matar Joyce em breve por causa das coisas maravilhosas ditas em *Ulisses*...

29 DE JULHO

HOLLYWOOD Walt Disney lançou sua primeira animação, *Chapeuzinho vermelho*. Durava apenas seis minutos, e era em preto e branco — e sem som. Essa estreia foi seguida por:

Os quatro músicos de Bremen (agosto de 1922)

João e o pé de feijão (setembro de 1922)

Cachinhos dourados e os três ursos (outubro de 1922)

O gato de botas (novembro de 1922)

Tommy Tucker's Tooth (novembro de 1922)

Cinderela (dezembro de 1922)

Um império estava nascendo.

30 DE JULHO

BUCKINGHAMSHIRE Após vários meses e anos de autoanálise profunda, e após a instrução do padre John O'Connor, G. K. Chesterton finalmente foi recebido na Igreja Católica Romana. O cenário para essa conversão foi tão feio que era incongruente — uma capela provisória (na verdade, não muito mais do que uma cabana de madeira com teto de estanho) anexada ao Hotel Railway em Beaconsfield. Os clérigos presentes na cerimônia eram o padre O'Connor e o padre Ignatius Rice. Chesterton fez sua confissão ao primeiro

às 3 da tarde; o segundo confortou a esposa de Chesterton, Frances, que chorou copiosamente o tempo todo. Ela e o marido, a partir dali, estariam separados pela fé.

A notícia da conversão de Chesterton se espalhou rapidamente; um convertido famoso e popular como ele era visto como uma vantagem considerável da causa católica.



ITÁLIA Teve início uma greve geral de proporções nacionais como forma de protesto contra a violência fascista. Os fascistas responderam aumentando seus ataques violentos.



BERLIM O conde Harry Kessler escreveu em seu diário: “Ao meio-dia, uma manifestação ‘Guerra Nunca Mais’ no Lustgarten. Cerca de 100 mil pessoas com bandeiras vermelhas e vermelhas-pretas-douradas, muitos adeptos do movimento juvenil. Falei das escadas do Palácio perto da ponte.”



MOSCOU Máximo Gorki escreveu a Herbert Hoover:

Em toda a história do sofrimento humano, não conheço nada mais desafiador às almas dos homens do que os eventos pelos quais passa o povo russo, e na história do humanitarismo prático não conheço realização que em termos de magnitude e generosidade possa ser comparada ao alívio que você de fato gerou. A sua ajuda vai entrar para a história como uma realização única, gigantesca, digna da maior glória, que vai ficar nas memórias de milhões de russos que você salvou da morte. A generosidade do povo norte-americano ressuscita o sonho de fraternidade entre os cidadãos, em um tempo em que a humanidade necessita muito de caridade e compaixão.

O contexto dessa carta foi a decisão de Hoover de enviar a *American Relief Administration* (ARA; uma entidade que visava

ajudar a população europeia após a Primeira Guerra Mundial) em resposta ao apelo de Gorki, “To All Honest People” [A todos os povos honestos], lançada na imprensa ocidental em julho anterior. O fato horrendo — silenciado pela imprensa bolchevique — era que a Rússia estava no meio de uma fome pavorosa: uma combinação de desastre natural e insensatez política conhecida hoje pelos historiadores como a Fome Russa de 1921-2.²⁸³

Na maior parte do tempo, o governo se recusou a admitir que existia alguma crise; recusou-se até a permitir que a imprensa usasse a palavra “fome”. A intervenção de Gorki foi o primeiro lampejo de esperança. Apesar da ira de Lenin perante esse show descarado de humanitarismo individual, permitiu que Gorki montasse o POMGOL, um comitê russo público para auxiliar os famintos — o primeiro, e também último, corpo público independente a ser fundado sob o regime comunista. Hoover, que havia estabelecido a sua ARA para ajudar as áreas acometidas no Ocidente europeu pós-guerra, concordou em fornecer ajuda à Rússia, contanto que o povo tivesse permissão para operar de maneira independente, e que todos os prisioneiros americanos que estavam em prisões soviéticas naquele momento fossem liberados.²⁸⁴

A ARA funcionou muito bem. No verão de 1922, estava alimentando cerca de 10 milhões de pessoas por dia e enchendo as áreas afetadas de recursos, incluindo as sementes mais importantes que permitiriam as duas colheitas amorteedoras de 1922 e 1923. Custou mais de 60 milhões, porém, longe de expressar gratidão, os bolcheviques implicavam constantemente com os norte-americanos — barrando comboios e prendendo voluntários.²⁸⁵

Por mais que a caridade de Hoover fosse bem-vinda, as condições na Rússia continuaram brutais, para dizer o mínimo. Em 1922, um número estimado de 7 milhões de crianças abandonadas — os órfãos da Revolução — viviam nas ruínas, ou nos amontoados de lixo, nos esgotos e nos bueiros. Quando não estavam empregadas em bordéis pedófilos, elas tendiam a andar em bandos, pedindo esmola ou se prostituindo,²⁸⁶ roubando ou assassinando. Gorki, que conhecia essa realidade por experiência própria, escreveu uma carta lúgubre a Lenin dizendo que havia conhecido um grupo de crianças de 12 anos que já tinham três assassinatos na bagagem. Para as crianças, a nova nação era um inferno.

248. A Bauhaus — cujo nome completo é Staatliches Bauhaus — foi fundada em 1919 pelo arquiteto Walter Gropius (1883-1969), embora só tenha começado a oferecer cursos de arquitetura em 1927. Era um corpo ímpar, cujo precedente mais próximo talvez fossem as guildas medievais de artesanato: parte local de aprendizado e ensino, parte monastério secular, parte comunidade utópica e experimento de novas formas de viver. A escola passou por três fases em sua história relativamente curta: a primeira em Weimar (1919-1925), a próxima em Dessau (1925-1932) e a última em Berlim (1932-1933), quando foi fechada pelos nazistas e vários membros do corpo docente fugiram. Sua influência em quase todos os aspectos da arte visual, da fotografia ao desenho gráfico e à arquitetura, teve disseminação imensurável. Reuniu trinta ou mais dos artistas mais dotados, inovadores e celebrados da época e mudou a face do mundo de Chicago a Tel Aviv.

No início, havia apenas quatro membros do corpo docente: Gropius, o pintor germano-americano Lyonel Feininger, o escultor alemão Gerhard Marcks e o estranho pintor suíço Johannes Itten — discípulo de Kokoschka, devoto da fé persa esotérica “Mazdaznan”, e agora um dos nomes menos conhecidos da Bauhaus, embora uma figura muito poderosa no delineamento da estética da escola. Em 1920, o corpo docente central recebeu, entre outros, Oskar Schlemmer e Paul Klee (1879-1940). Outros grandes nomes associados à escola naquela época e em outras foram: Ludwig Mies Van der Rohe (1886-1969), Piet Mondrian (1872-1944), Theo van Doesburg (1883-1931) e Laszlo Moholy-Nagy (1895-1946), que substituiu Itten depois de sua renúncia no final de 1922.

249. Em um caso notório do perfeccionismo da escola, um aluno teve permissão para passar um ano inteiro produzindo uma única chaleira de metal.

250. O conflito mais profundo aqui, como explicou Itten, foi entre a herança expressionista da escola e seu aspecto artesanal. Sua função principal seria cultivar a criatividade individual ou aperfeiçoar a tradição do artesanato? Os artesãos já haviam decidido, contrariados, que sabiam a resposta a essa pergunta: sempre que ele visitava os aprendizes de artesanato, Itten os tratava como seres inferiores. Eram diferenças ideológicas genuínas, mas Gropius viu que Itten não era um idealista puro; estava apenas de olho no cargo dele.

251. Um empregado recém-contratado lançou-se em uma matança desenfreada e assassinou sete pessoas com um machado antes de atear fogo na casa e tomar uma dose elevada de ácido. Morreu no hospital da prisão sete dias depois.

252. Embora esse aspecto de sua carreira não seja muito discutido, seu comércio de antiguidades japonesas — nem sempre inteiramente escrupuloso — era lucrativo, e frequentemente o permitia sustentar a prática da arquitetura em tempos escassos.

253. De fato, o hotel ficou intacto durante o grande terremoto de 1923 em Tóquio, que destruiu vários prédios na vizinhança.

254. Mais tarde naquele mesmo ano, Einstein tocou violino no hotel.

255. Isso lhe deu a liberdade de se casar com a amante, Maude Noel, em 1923, embora esse casamento tenha durado apenas cerca de um ano graças ao descontentamento de Wright com os vários vícios dela. Em 1924, conheceu uma mulher que seria sua terceira e última esposa, Olga Lazovich Hinzenberg, dançarina do Balé de Petrograd e discípula temporária de Gurdjieff em Fontainebleau. (Cf. 1º de outubro.)

256. Hemingway também registrou uma versão dessa reunião em *Paris é uma festa* de maneira bastante hostil a Lewis: “Seu rosto me lembrou o de uma rã, não

uma rã-touro, mas uma rã qualquer (...) Lewis não demonstrou maldade; apenas tinha uma aparência sinistra.” Hemingway adicionou que Lewis tinha olhos “de um estuprador malsucedido”.

[257.](#) Thomas Hardy disse certa vez que os Estados Unidos tinham duas grandes atrações: arranha-céus e Edna St. Vincent Millay.

[258.](#) Anos depois, ela nem se lembrava do nome dele, embora tenha sido algo parecido com “Daubigny”.

[259.](#) Finalmente voltou a Nova York em janeiro de 1923, sem dinheiro, desmoralizada e ainda muito doente. Edmund Wilson foi um dos vários amigos que ficaram chocados com sua aparição. (É provável que estivesse sofrendo de inflamação aguda do intestino grosso e delgado.) Mas a vida logo seria mais feliz. Ela conheceu, apaixonou-se por e casou-se com um homem rico e generoso, Eugene “Gene” Boissevain, que pagou pelo tratamento médico do qual ela precisava tão urgentemente. Ela ganhou o Pulitzer de poesia de 1923 — mil dólares muito úteis. Foi a primeira mulher a receber o prêmio, e os juízes foram um tanto maleáveis com as regras para permitir isso, visto que sua única publicação de 1922 fora uma reimpressão revisada de *A Few Figs from Thistles* [Alguns figos das urtigas], publicado originalmente em 1920. Na ocasião do casamento, Gene deu-lhe um anel valioso de esmeralda, pagou uma cirurgia dental muito necessária e comprou uma casa para eles em Greenwich Village.

[260.](#) Doucet merece ser mencionado como patrono. Estava disposto a escutar Breton baforando poetas surrealistas jovens, mais ou menos desconhecidos e definitivamente pobres, e foi generoso ao comprar seus manuscritos. No fim, deixou sua enorme coleção de manuscritos para a Sorbonne.

[261.](#) A venda acabou acontecendo, mas só depois de dois anos.

[262.](#) Embora um homem obviamente de esquerda, Grosz tendia a ser tímido nas lutas partidárias. Havia se juntado ao partido comunista alemão (KPD) em 1919, mas saiu em 1922 depois de passar vários meses na Rússia, onde conheceu Lenin e Trotsky e ficou desiludido com os desenvolvimentos do novo Estado socialista. Ex-membro do dadaísmo de Berlim, e em breve a figura líder do movimento chamado Nova Objetividade, Grosz chamava mais atenção naquele momento como autor de uma coleção satírica afiada de litografias intituladas *Gott mit uns* (Deus está conosco — o lema tradicional do Exército alemão), publicada em 1920. Acusado de insultar o Exército, ele recebeu uma multa de trezentos marcos e a edição foi destruída. Ele acabou saindo do país em 1933, buscando exílio nos Estados Unidos.

[263.](#) Também fez referências ao dr. Lewis Berman, um endocrinologista de Nova York, autor de *The Glands Regulating Personality* [As glândulas regulando a personalidade] (1921); Pound havia escrito sobre ele em seu artigo “The New Therapy” [A nova terapia], publicada na *New Age* em março.

[264.](#) Confiram, por exemplo, *Antropólogos e antropologia*, de Adam Kuper.

[265.](#) Jaloux foi chamá-lo no momento em que Celeste estava fazendo o nó de sua gravata e oferecendo o *tisane* habitual dele. Proust começou a reclamar que o chá não estava quente o suficiente, mas diante da expressão magoada dela, mudou de estratégia e declarou que uma bebida morna era tudo o que precisava para a saúde.

[266.](#) Hoje, avenida Georges V.

[267.](#) Grande parte de seu trabalho nesse período de verão estava na linha da natureza-morta cubista. Foram cerca de trinta; alguns são conhecidos como o estilo “zebra”, no qual tiras cruzam os planos de cor. Temas: o repertório usual

do cubismo — garrafas, copos, pacotes de cigarro, tabaco. Cores: neutras quase a ponto da monocromia em alguns quadros; vividamente brilhantes a ponto de serem berrantes em outros.

268. O título é difícil de ser traduzido. Em termos de dança, significa o passo chamado de “espacarte”. Mas “*écart*” também significa “separação”, “a distância entre”, e derivados; Cocteau explicou que estava fazendo alusão à distância que separa uma mulher mais velha e experiente de um jovem menino inexperiente.

269. Depois de falar sobre livros, Hardy gostava muito de falar sobre seus animais de estimação; quando um repórter ligou naquele dia enquanto tomavam chá, seu cachorro Wessie deu uma latida; o autor dedicado entendeu isso como um sinal de grande perspicácia, como se Wessie tivesse intuído que repórteres eram pessoas importantes que mereciam atenção.

270. Schoenberg vinha trabalhando em *Jacob's Ladder* (*Die Jakobsleiter*) desde 1915, quando prestou serviço militar compulsório; abandonou a obra inacabada em 1922, e ela foi finalizada cerca de dez anos após sua morte (em 13 de julho de 1951) por um de seus pupilos. A estreia internacional foi em 1961. Mais idoso, Schoenberg abraçou a fé judaica, provavelmente em algum momento de 1933, quando foi forçado pelos nazistas a tomar exílio permanente. Tanto Kandinsky quanto Schoenberg tiveram a honra de serem tachados de “degenerados” pelos esteticistas de Hitler.

271. Seu primeiro paradeiro foi Paris, no número 53 da rue de Varenne; mudou-se em 3 de janeiro de 1910 e manteve esse endereço até 1919. Entre suas aventuras parisienses no período pré-guerra, esteve em uma das quatro performances de estreia de *A sagração da primavera* no Théâtre des Champs-Élysées, inaugurado havia pouco tempo; achou “extraordinária (no bom sentido)”, apesar de em geral não gostar muito do modernismo artístico. Além disso, tornou-se amiga do “adorável” Cocteau.

Mas o frio de Paris a deixava constantemente doente durante o inverno, e em 1922 ela havia consolidado um hábito de migrar entre suas duas novas casas francesas de veraneio, no interior. De junho a novembro, geralmente ficava em Saint-Brice-sous-Forêt, um vilarejo antigo na ponta da floresta Montmorency, no Pavillon Colombe — originalmente, um *folie* construído para a atriz Marie-Thérèse Colombe no fim do século XVII, extensivamente (e dispendiosamente) remodelada e reconstruída por Wharton quando comprou a propriedade logo depois de conhecê-la em 1918. Considerando que as casas perto das zonas de guerra agora estavam baratas, conseguiu comprá-la por 10 mil dólares (90 mil francos). Em 1937, quando faleceu, a casa foi avaliada em um milhão de francos.

Apesar de pelo visto não ter prestado muita atenção a eles, ela teve vizinhos memoráveis em Saint-Brice-sous-Forêt: Paul Eluard e sua esposa Gala (que mais tarde se casaria com Salvador Dalí) viviam ali perto, no número 3 da rue Chausse, e recebiam visitas frequentes de Aragon, Breton, Crevel, Desnos, Ernst, Soupault e outros membros do grupo nascente de pré-surrealistas que escreviam, pintavam, debatiam e entravam em estados de transe.

De dezembro a maio, Wharton viajava para o Sul da França e ficava em sua outra casa renovada, Sainte-Claire du Château, em Hyères, que construiu a partir de 1920 sobre as ruínas de um castelo do século XIV e construções adjacentes. Certa vez, disse que as coisas de que mais gostava em *A época da inocência* eram os lucros regulares e o prêmio de mil dólares que lhe permitiu construir paredes e plantar jardins de laranjeiras nessa casa.

272. Jewett era seu editor desde o verão de 1919 e permaneceria no posto até

pouco antes do falecimento dela; ele teve um impacto positivo na fortuna de Wharton, e eles viraram amigos, além de colegas de trabalho.

[273.](#) Durante a guerra, o franco ficou entre seis ou sete dólares, mas em 1922 estava na casa dos 15 dólares, e cada vez mais fraco; em 1925, a taxa era de 26 francos para um dólar.

[274.](#) Conforme ele explicou, os editores de revistas agora eram “vítimas de um gosto caduco e dos tremores morais do nosso querido público leitor”, e receberiam cartas raivosas se publicassem algo muito picante.

[275.](#) Os dois jovens amantes são, na verdade, agradáveis parasitas — são tudo menos pobres, e vivem nas esferas mais elevadas das altas camadas de Londres, de Paris, de Veneza, das ilhas gregas e até da Índia, agindo como queridos bichinhos de estimação dos mais ricos. Os dois sabem muito bem que a ruína os espera assim que o charme deles acabar. Nick Lansing é, no mínimo, o mais idealista dos dois: tem ambições literárias, e provavelmente tem talento literário, combinado com realismo suficiente para ver que sua poesia e ficção de alto nível é de um tipo que jamais faria dinheiro; Susy Branch, uma companheira profissional das senhoras ricas, é pelo menos um pouco mais materialista. Os dois genuinamente se apaixonam e, reconhecendo o desastre econômico em potencial que pode resultar disso, concordam em se divorciarem assim que um possível cônjuge mais lucrativo aparecer. Banhados nos cheques portentosos de seus amigos ricos, iniciam o casamento em um sonho acordado de beleza, calma e luxo; mas uma rachadura fatal aparece quando Nick descobre que o preço secreto de sua estada em um *palazzo* de Veneza foi a ajuda conspiratória de Susy para o último caso extraconjugal da anfitriã deles.

[276.](#) Isso nunca aconteceu, mas a versão em filme foi lançada em abril de 1923 — um longa-metragem que se perdeu, estrelando Bebe Daniels como Susy e David Powell como Nick. Um dos roteiristas era F. Scott Fitzgerald, que recebeu quinhentos dólares pelo trabalho.

[277.](#) Sua última coleção de poemas, publicada no mesmo ano, tinha o estranho título de *Whipperginny*: com variações, a palavra pode significar Purgatório, um jogo antigo de cartas ou uma mulher vil.

[278.](#) Rivers interessava a Graves mais do que puramente na esfera intelectual: o poeta reconhecia que a guerra o havia deixado em um estado emocional e mental muito ruim, e tentou se curar com os princípios de Rivers: “Decidi me encontrar com o mínimo possível de pessoas, interromper tudo além do trabalho e me curar. Já havia aprendido os rudimentos da psicologia mórbida em conversas com Rivers e com seu colega neurologista, o dr. Henry Head.” Felizmente, a condição mental de Graves realmente melhorou muito nos dois anos seguintes, mas se isso pode ser visto como uma afirmação de Rivers, ou apenas como os efeitos curadores de uma vida calma e contida, é assunto para debate.

[279.](#) O que diferencia essa crença de outras teorias contemporâneas sobre inspiração e criatividade — digamos, as teorias dos protossurrealistas e seus “surto sonolentos” — é que Graves colocou bastante ênfase no ato da revisão, o que traria essas descobertas feitas em transe à luz do dia. Ele foi um dos revisores mais incansáveis dos poetas do século XX.

[280.](#) Graves havia conhecido Lawrence em março de 1920 em um evento na All Souls, onde Lawrence era pesquisador. O apreço de um foi o mesmo do outro — a palavra “apreço” talvez seja muito branda, considerando que Graves logo passou a idolatrar Lawrence como um herói — e a amizade se fortaleceu pelo fato de Lawrence ter lido alguns poemas de Graves ainda em 1917 no Egito, e de

ter gostado do que leu. Muitos anos depois, Graves recordou que, naquele primeiro encontro, Lawrence “me perguntou se eu era Robert Graves, o poeta — o que me deixou constrangido, mas no final das contas descobri que meu irmão Philip e meu tio Robert haviam liderado atividades no Egito quando ele apareceu na Arábia pela primeira vez... Ele virou meu melhor amigo...”

Lawrence parece ter compartilhado o sentimento, e confiou seus segredos a Graves o máximo que sua natureza fortemente autoprotetora permitiu. Um fato que diz muito sobre a amizade deles foi Graves ter sido um dos muito poucos para os quais Lawrence confessou sua terrível necessidade de ser punido. Tanto pessoalmente quanto em cartas, os dois discutiram suas naturezas sexuais e os tormentos do desejo sexual com uma franqueza que não mostraram em nenhum outro lugar de suas vidas naquele momento.

281. Um fruto conhecido dessas trocas é o poema que serve de dedicatória em *Sete pilares*, poema cujo original desengonçado Graves ajudou a aprimorar nos primeiros meses de 1922: Graves disse sem rodeios que o esboço não era “nem prosa, nem verso, mas um quartzo poético pelo qual correm as veias da métrica... você provoca e decepiona com promessas em verso branco...”. Também identificou, corretamente, o “S. A.”, para quem o poema era dedicado, como Selim Ahmed (conhecido como Dahoum), mas Lawrence desconversou dizendo que “você me levou muito ao pé da letra. S. A. ainda existe, mas está fora de meu alcance porque eu mudei”.

282. Essa cirurgia foi realizada em abril de 1923. Joyce disse para Giorgio que a perda não o chateou tanto: “Não serviam de nada mesmo.”

283. A crise começou quando um fracasso quase total das plantações da região do Volga na colheita de 1920 fez com que os camponeses locais contassem apenas com os grãos estocados que tinham; de acordo com a tradição, os grãos eram guardados em celeiros comunitários para que fossem usados exatamente em casos como aquele. Uma colheita malsucedida não era novidade para eles. O caos econômico da guerra civil e as requisições forçadas por parte dos bolcheviques já haviam reduzido os camponeses à cultura de subsistência, sem reservas que os protegessem de um desastre. Sendo assim, quando a plantação não teve sucesso uma segunda vez, em 1921, a fome em massa foi inevitável. Milhares, e eventualmente milhões (algo na casa dos 5 milhões ao todo), morreram nas agonias da fome. Camponeses com inanição tentaram encher a barriga com casca de árvore, bolotas [o fruto do carvalho], barro, serragem e estrume animal. Todos os animais, de vacas a cachorros, de ratos a insetos, foram abatidos, e várias pessoas se tornaram canibais, principalmente de novembro de 1921 em diante, quando as mães, sem esconder, começaram a fazer sopas com a carne dos mortos; manadas de crianças caçavam e matavam adultos para terem sua carne; guardas armados tiveram de guardar os cemitérios...

284. Isso fez com que Lenin tivesse ainda mais ataques de raiva; e apesar de ter sido mais ou menos forçado a permitir a entrada da ARA na Rússia, descontou sua raiva fechando o POMGOL e prendendo, e depois mandando para o exílio, todos os seus membros, com exceção de dois, por atividades contrarrevolucionárias.

285. Sua conduta parecia ainda mais imoral quando descobriu-se que o regime estava vendendo secretamente milhões de toneladas de cereais para exportação a fim de fazer dinheiro para outros aspectos da economia. Quando essa traição foi exposta, no começo de 1923, foi impossível para a ARA continuar seu trabalho de apoio na Rússia, e a operação foi fechada em junho de 1923.

[286](#). Uma pesquisa sugeriu que cerca de 90% das crianças com 7 anos ou menos, tanto meninos quanto meninas, venderam seus corpos em algum momento.

AGOSTO

1º DE AGOSTO

PARIS Adrienne Monnier publicou um artigo, “Lectures chez Sylvia” [Palestras na casa de Sylvia], na *Nouvelle Revue Française*, onde se lembrava de uma carta que o poeta francês de direita e diplomata Paul Claudel havia mandado para ela e Sylvia Beach reclamando da decisão de publicarem o romance de Joyce. Claudel disse, de maneira fulminante, que “*Ulisses*, assim como *Retrato*, é cheio da blasfêmia mais podre, onde todo o ódio de um renegado é sentido — e afetado, além disso, pela falta de um talento verdadeiramente diabólico...”



PARIS Unindo dois dos nomes mais elegantes no alto mercado parisiense da fofoca cultural, Camille Vettard publicou seu artigo “Proust et Einstein” na mesma edição da *Nouvelle Revue Française*. Proust adorou. “Seu artigo magnífico é a maior honra que eu poderia receber”, escreveu ele à crítica.

2 DE AGOSTO

CHINA Um tufão que vinha se formando no Sul da China desde 27 de julho atingiu a cidade costeira de Swatow (hoje Shantou) com efeito devastador. Mais de 50 mil dos 65 mil residentes da cidade morreram; um número similar de pessoas em distritos vizinhos também morreu antes de o tufão se dispersar durante o dia, em 3 de agosto. O total provável de mortos de 100 mil pessoas ou mais qualifica o tufão Swatow como um dos cinco mais letais já registrados.



BERLIM O conde Harry Kessler (Cf. 20 de março) escreveu em seu diário:

Primeira noite do Teatro Experimental de Moscou no Apollotheater. Fui com Max Goertz e Guseck. Encenaram

Dickens. Atuação maravilhosamente vigorosa e realista, apesar de ser estritamente estilizada. São totalmente livres daquela artificialidade que é tão inquietante nos nossos expressionistas. A impressão é de puro naturalismo. As máscaras são uma conquista formidável, seus rostos são verdadeiras obras de arte, em termos de pintura e modelagem, e no entanto não interferem na encenação das expressões. O ator Tchekhov é inesquecível...



PARIS No começo do mês, um editor americano, William Bird, pediu que Pound supervisionasse uma série de livretos de prosa para a editora Three Mountains.²⁸⁷ Pound concordou e disse aos seus correspondentes que gostaria de incluir obras de William Carlos Williams, Eliot, Ford e Hemingway. Sua contribuição seria uma republicação de artigos lançados originalmente no *New Age* em 1920: “Indiscretions; or, Une revue des deux mondes” [Indiscrições; ou, Uma revista de dois mundos].

4 DE AGOSTO

TURQUESTÃO Enver Pasha, o principal comandante do Exército otomano (e um líder da Revolução dos Jovens Turcos), foi assassinado enquanto atuava contra o Exército Vermelho bolchevique perto de Baldzhuan. Tinha 41 anos.



LONDRES Eliot escreveu um bilhete breve para a esposa de Ezra, Dorothy Pound, que estava em Dartmoor, agradecendo-a pelas lavandas que recebeu de presente. Escreveu novamente em 9 de agosto dizendo que tinha ouvido falar que A. R. Orage havia desistido de escrever e “estava ocupado com o sistema Gotscheff”. A grafia de “Gurdjieff” estava errada, mas a informação não — Orage realmente havia se tornado um seguidor do guru armênio naquele verão.²⁸⁸ Naquela época, como pode-se avaliar a partir de uma carta a Antonio Marichalar, Eliot já estava com o planejamento para as duas primeiras edições do *Criterion* em caráter avançado. A primeira, disse ele, incluiria contribuições de Larbaud, George Saintsbury, Sturge Moore, Hermann Hesse, Gomez de la Serna e dele mesmo, assim como um trabalho antigo não publicado de Dostoievski; a segunda teria ensaios do estudioso e

polímata alemão E. R. Curtis, e de Proust ou do poeta vivo mais eminente da França, Paul Valéry.



ÁUSTRIA Wittgenstein escreveu uma carta irritadiça para seu editor, Ogden. Tinha acabado de corrigir a prova de *Tractatus* e descobriu que o editor britânico queria que o livro tivesse uma nota biográfica e uma explicação das estranhas circunstâncias nas quais grande parte do texto foi escrito, no acampamento carcerário do Monte Cassino. Wittgenstein simplesmente não via razão para isso:

Por que o crítico padrão precisa saber minha idade? Seria como dizer: não esperem tanto assim de um menino, ainda mais quando escreve um livro no meio de tanto barulho, como deve ter sido no fronte austríaco? Se eu achasse que o crítico padrão acredita em astrologia, teria sugerido que imprimissem a data e a hora do meu nascimento na capa do livro para que ele consultasse o *horóscopo* para mim.



LONDRES O artigo “Mr. Joyce and the Catholic Tradition” [O sr. Joyce e a tradição católica], de Cecil Maitland, foi publicado no jornal *New Witness*. Cuidadoso e empático, o artigo concedeu um grande mérito a *Ulisses*, inclusive a virtude — em geral não mencionada pelos outros críticos, apesar de óbvia para gerações futuras de leitores — de ser muito engraçado em algumas partes: “Nesse livro, há graça suficiente para fazer uma boa reputação para uma dezena de autores humoristas.” Mas Maitland achou que a obra como um todo era um fracasso. Achou Joyce quase inexplicavelmente obcecado com uma “visão dos seres humanos como tubulações ambulantes de esgoto”; *quase* inexplicavelmente, pois Maitland estava convencido de que essa visão horrenda e nojenta, que “superou os psico-analistas” em sua aridez, era a herança do treinamento religioso de Joyce: “Ele vê o mundo como os teólogos o mostraram para ele. Seu humor é o humor cloacal da cantina; seu desprezo, a denigração do corpo por parte do padre, e sua visão do sexo tem a obscenidade de um manual de confessor, reforçada pela concepção profunda, e consequente repulsa, de um grande escritor

imaginativo...”

5 DE AGOSTO

ESTADOS UNIDOS Lançamento de *Sangue e areia*, estrelando Rudolph Valentino e dirigido por Fred Niblo para a distribuidora Famous Players-Lasky. Após o fracasso relativo de seus dois filmes anteriores, *Moran of the Lady Letty* [Moran da Lady Letty]²⁸⁹ e *Beyond the Rocks* [Além das rochas],²⁹⁰ Valentino precisava de um novo sucesso urgentemente, um sucesso que reforçasse a imagem sedutora e perigosa que havia estabelecido no ano anterior com *O Sheik*. Esse novo filme era sua chance. Baseado em um romance popular de Vincent Blasco Ibanez,²⁹¹ era a história melodramática de um jovem camponês corajoso, Juan Gallardo, que recebe glória na arena das touradas, porém é seduzido e traído por uma mulher vampiresca, e no fim é morto pelo seu último touro.

Sangue e areia reencenou, e exagerou, os truques que haviam se mostrado tão portentosos nos primeiros sucessos de Valentino. Assim com em *Os quatro cavaleiros do apocalipse*, ele faz uma grande coreografia de maneira pomposa e vivaz, batendo os calcanhares no chão, mãos na cintura.²⁹² No decorrer da dança, a câmera se esbalda no rosto e no corpo do ator. Em uma espécie de *strip tease* ao reverso, ele se prepara para *la corrida* vestindo-se com o figurino tradicional de toureiro, a “roupa de luzes” — mas atrás de um biombo, para que só se vejam alguns relances sedutores. Então, ele aparece para ser envolto por uma faixa de cintura.²⁹³

Apesar do sucesso, Valentino não gostou do filme. Quis filmar em uma locação na Espanha; mas Lasky, com olhos atentos ao orçamento, insistiu em filmar em um estúdio — embora tenha se comprometido a ponto de importar uma boa quantidade de objetos e figurinos da Espanha. O público pareceu não se importar com a falta de autenticidade: o filme foi mais um grande sucesso.²⁹⁴



ESPAÑA De sua casa de férias em Asquerosa, Lorca escreveu uma carta animada para Manuel de Falla contando que finalmente havia terminado o primeiro esboço de sua peça de marionetes, *The Tragicomedy of Don Cristobal and Senorita Rosita* [Tragicomédia de dom Cristóvão e sinhá

Rosita], no qual vinha trabalhando intermitentemente por mais de um ano. De Falla havia concordado em compor a trilha sonora da peça, e os dois estavam contentes com a ideia de fundar uma nova forma do teatro de marionetes na tradição do *guignol*,²⁹⁵ uma vez popular, porém agora quase extinto. Lorca também alimentava a fantasia de que a peça talvez pudesse ser usada por Diaghilev, mas isso não deu em nada. De Falla estava convencido de que o teatro de marionetes deles podia ser um grande sucesso caso saísse em turnê pela Europa e pela América do Sul.

No entanto, seus planos imediatos de levarem *Tragicomedy* para a região de Alpujarras para uma produção experimental tiveram de ser adiados por conta de uma guinada inesperada na vida acadêmica de Lorca. Ajudado pelo irmão mais estudioso, Francisco, Federico conseguiu passar em quase todas as disciplinas do curso de Direito, com exceção de duas; se tentasse uma última vez, pensou, talvez conseguisse se formar no começo do próximo ano, agradando assim ao seu pai ansioso, e conseguindo a permissão para viajar para outros países — começando pela Itália.²⁹⁶

7 DE AGOSTO

PARIS Cocteau escreveu uma carta para Edmund Wilson comentando sobre o artigo de Ezra Pound, “On the Swings and Roundabouts: The Intellectual Somersaults of the Parisian vs. The Londoner’s Effort to Keep His Stuffed Figures Standing” [Sobre balanços e rotundas: As cambalhotas intelectuais do parisiense vs. o esforço do londrino para manter suas figuras empalhadas em pé], que tinha acabado de ser publicado na edição de agosto da *Vanity Fair*. O artigo de Pound foi acompanhado por um dos desenhos de Cocteau, um retrato do compositor Auric, e a legenda explicava que Cocteau “opera um cabaré em seus momentos vagos”. Cocteau disse que achou a revista como um todo divertida, mas pediu a Wilson para dizer ao editor que não imprimisse as “piadas perigosas” de Pound: “Nunca gerenciei nem um mero bar. Fui lá da mesma maneira que Verlaine ou Moreas iam aos cafés — nada mais. Se toquei jazz algumas vezes naquele bar, foi por diversão...”

8 DE AGOSTO

ITÁLIA Confrontada por níveis cada vez maiores de intimidação violenta por

parte dos fascistas, a greve geral italiana foi rompida.



CANADÁ Alexander Graham Bell, inventor do telefone, morreu na Nova Escócia.



CHICAGO O dia 8 de agosto de 1922 foi possivelmente o dia mais importante da história do jazz: Louis Armstrong,²⁹⁷ um cornetista que tinha acabado de fazer 21 anos,²⁹⁸ pegou o trem de Nova Orleans rumo ao Norte, para Chicago — a cidade que, graças ao influxo enorme de afro-americanos do Sul que foram para o Norte na esperança de uma vida melhor, era agora o centro do universo do jazz. Poucas horas antes, Armstrong havia sido chamado por meio de telegrama para se juntar a King Oliver e sua Creole Jazz Band por um salário portentoso de 52 dólares por semana. Até então, ele fazia apenas pequenos trabalhos como músico — no máximo, era uma celebridade modesta e querida para o público de Nova Orleans e os barcos do Mississippi. Em Chicago, desfrutaria do estrelato real pela primeira vez, gravando seus primeiros álbuns e ganhando um bom dinheiro.

Armstrong já sabia que Chicago ofereceria um grande degrau na escada do sucesso, mas no começo sentiu-se tão ansioso quanto animado: “Cheguei a Chicago lá pelas 11 da noite em 8 de agosto de 1922 (nunca vou me esquecer), estação central Illinois, esquina da 12th Street com a Michigan Avenue. (...) Eu só fazia olhar pela janela quando o trem parou na estação. Qualquer pessoa mais atenta que me observasse saberia facilmente que eu era um caipira.”

O trem havia se atrasado, e King Oliver, que planejou recebê-lo, tinha um show para fazer, mas deu dinheiro a um dos zeladores para colocar o novo visitante em um táxi e mandá-lo para o Lincoln Gardens Café. Quando chegou e ouviu do lado de fora a qualidade de Oliver, Armstrong foi tomado por uma insegurança e ficou paralisado, com medo de se mostrar. Alguém deve ter avisado a Oliver, que saiu do bar berrando: “Vem PRA CÁ, seu paspalhão. Estamos esperando esse seu traseiro preto a noite toda.” Armstrong sentiu uma onda de felicidade. Aquele era seu novo lar. ²⁹⁹

Quando chegou a hora de Armstrong fazer sua estreia, tocou com

timidez, ciente de que estava sendo pago como segundo cornetista, e não como estrela. Era a banda de Oliver, e apesar de ele ser um homem de bom coração, era capaz de mandar como um tirano.³⁰⁰ Contudo, Oliver também estava disposto a promover um talento quando o enxergava. A virada aconteceu quando um rival arrogante na música, Johnny Dunn, apareceu com prepotência em um dos shows da banda e começou a ostentar seu grande talento no trompete. Oliver ficou irado; disse para Armstrong: “Manda ver!” Finalmente, com espaço para se expandir, Armstrong tocou um solo feroz que deixou todo mundo perplexo. No fim, Dunn saiu de mansinho. Daquela noite em diante, Oliver deixou que Armstrong fizesse solos longos todas as noites.³⁰¹

A notícia foi espalhada e multidões foram ao Lincoln Gardens para ver essa criança prodígio de Nova Orleans.³⁰² Embora o incidente com Johnny Dunn tivesse se espalhado rapidamente, outros músicos continuaram aparecendo de vez em quando, confiantes de que podiam esraçalhar aquele caipira. Armstrong sempre os surpreendia. Quando eram insolentes com ele — como o notório Freddie Keppard quando aparecia para uma competição musical —, Armstrong ficava com raiva. E quando ficava com raiva, se saía melhor do que nunca. A carreira de Keppard decaiu depois disso, como se Armstrong tivesse rompido um nervo.

Incentivado tanto por fãs quanto por competidores, Armstrong preparava mais e mais maravilhas.³⁰³ Em uma questão de semanas, ele estava fazendo com que todos os outros músicos de jazz soassem um tanto antiquados, um tanto arcaicos. No final de setembro, era a estrela de Chicago. O público vinha não apenas para desfrutar, mas também para aprender (ou plagiar).³⁰⁴ Ainda no dia 21, “Dippermouth” já estava mudando a natureza de sua arte. Como colocou um de seus biógrafos: “Dentro de poucos anos, uma geração de músicos de jazz, negros e brancos, construiriam carreiras inteiras sobre o nosso estilo de jazz que Louis começou a forjar em Chicago no final de 1922.”

Em 5 e 6 de abril de 1923, Armstrong fez suas primeiras gravações. O resto foi inevitável. Duke Ellington disse: “Ninguém jamais tinha escutado nada parecido, e o impacto dele não pode ser descrito com palavras.”

IRLANDA Yeats escreveu ao poeta Herbert Edward Palmer: “Eu pediria que você me ligasse ou viesse me ver, mas moro em uma torre medieval na parte oeste da Irlanda, ao lado de uma ponte que talvez seja implodida qualquer noite dessas, e acho que vou demorar a visitar Londres.”

11 DE AGOSTO

AUSTRÁLIA Aniversário de 43 anos de Frieda Lawrence. Apenas três meses depois de chegarem à Austrália, e com o manuscrito de *Canguru* agora mais ou menos completo e enviado a Robert Mountsier, Lawrence e Frieda ingressaram a bordo do RMS *Tahiti* em Sydney. Uma viagem de 25 dias até São Francisco os aguardava, passando pela Nova Zelândia, as Ilhas Cook e o Taiti.³⁰⁵

Lawrence ansiava pelas ilhas do Pacífico desde a leitura de *Taipei*, de Melville,³⁰⁶ e também queria ver o Paraíso Terrestre que havia sido buscado por um de seus heróis literários, Robert Louis Stevenson. Contudo, apesar de achar Raratonga “quase tão amável” quanto esperava que uma ilha do Mar do Sul fosse, não ficou impressionado com Papeete, a capital do Taiti: “Pobre, sem graça, modernosa.” Ele ficou cada vez mais descontente com a ideia de paraísos tropicais e encontrou um estímulo maior observando um grupo de cineastas que se juntaram a eles no Taiti: a falta de inibição deles o impressionou e o exasperou, e apesar de suas cartas se referirem ao grupo com termos irritados, Frieda reportou que ele mal conseguia parar de observá-los.

Quando chegaram a São Francisco, em 3 de setembro, com suas finanças em uma maré ruim, Lawrence telefonou para Mountsier e pediu mais um pagamento adiantado.³⁰⁷ Felizmente, Mabel Dodge Sterne teve o cuidado de prever a pobreza dos dois e mandou passagens de trem pelo correio. Saíram de São Francisco dia 8 de setembro e dois dias depois chegaram a uma pequena cidade chamada Lamy, cerca de 25 quilômetros ao sul de Santa Fé. Vestida com um manto turquesa e joias de prata, e acompanhada por seu amante nativo, Tony Luhan, um homem taciturno e bonito, Mabel estava na estação para recebê-los. Causou uma boa primeira impressão; Frieda achou que ela tinha os olhos de uma mulher em quem se podia confiar.

12 DE AGOSTO

WASHINGTON, D. C. Momento-chave na história cultural e social afro-americana: a antiga casa de Frederick Douglass foi declarada santuário nacional. Douglass (1818-1895), uma das figuras mais memoráveis do movimento abolicionista, havia sido escravo; seus escritos polêmicos e autobiográficos tiveram um papel fundamental na libertação dos afro-americanos, e ele foi considerado um dos oradores mais eloquentes da sua época.



PARIS Hemingway publicou um artigo bem leve sobre “The Great Aperitif Scandal” [O grande escândalo dos aperitivos] em Paris. Na verdade, o artigo girava em torno de dois ditos “escândalos” sobre essas bebidas, que, conforme explicou para os que não eram familiarizados com modas alcoólicas parisienses, “são todas misturas patenteadas, contêm alta porcentagem de álcool e bitters, [e] têm basicamente o gosto de uma maçaneta de bronze”.

O primeiro escândalo teve a ver com um aperitivo amarelo pálido comercializado sob o nome de Anis Dellosa. Apesar da cor, que de maneira decepcionante era mais sombria do que a cor da “Fada Verde”, bebida lendária do movimento decadentista, essa bebida na verdade era o bom e velho absinto — banido pelo governo francês seis anos antes. Quando todos ficaram sabendo, as vendas do Anis Dellosa dispararam, e por algumas semanas inebriantes foi o aperitivo mais popular da cidade. As autoridades intercederam. Ainda era possível comprar aquela mesma mistura, mas não era mais feita com absinto.

O segundo escândalo teve um tom um pouco mais político. Com subsídio maciço do governo, as celebrações tradicionais do Dia da Bastilha daquele ano duraram, basicamente sem pausa — dependendo da energia dos foliões —, do meio-dia da quarta-feira, dia 13, até o meio-dia da segunda-feira seguinte — cinco dias inteiros de bebida, dança nas ruas e todas as formas de comportamento selvagem.³⁰⁸ Maravilhoso; mas nos dias de ressaca que se seguiram, as pessoas começaram a se perguntar sobre os pôsteres anunciando várias marcas de aperitivos, usados para enfeitar a cidade toda ao lado da bandeira francesa. Será que o governo foi enganado e acabou dando milhões de francos em propaganda para os produtores das bebidas?



IRLANDA O presidente Arthur Griffith morreu; a causa foi “insuficiência cardíaca”, precedida por uma série de outras doenças. Tinha apenas 50 anos; talvez sua constituição tenha sido seriamente enfraquecida pelo excesso de trabalho.

13 DE AGOSTO

ITÁLIA O poeta, romancista, aviador e aventureiro direitista Gabriele d’Annunzio (1863-1938) ficou gravemente ferido após cair de uma janela alta. As circunstâncias exatas desse incidente ainda são um mistério, e não raro presumiu-se que d’Annunzio tenha sido vítima de uma tentativa malsucedida de assassinato. Acidente ou ataque, o evento o deixou quase totalmente inválido nos anos seguintes, o que significou uma participação pequena na tomada de poder por parte de Mussolini, e na construção de um Estado fascista na Itália. Mas pouco duvida-se de que d’Annunzio — que já havia comandado uma fração da Itália sob o título de “Duce” — foi uma grande influência nas crenças e ações de Mussolini. Já foi chamado algumas vezes de o João Batista do fascismo italiano.

14 DE AGOSTO

LONDRES Eliot escreveu pela primeira vez a Edmund Wilson, que havia pedido um artigo para a *Vanity Fair*; Wilson foi o editor-chefe da revista de julho de 1922 a maio de 1923. A contribuição de Eliot — uma tradução de um artigo publicado pela primeira vez em francês (na *Nouvelle Revue Française* em primeiro de dezembro de 1922) — só foi publicada no verão seguinte.

15 DE AGOSTO

PARIS Ford Madox Ford escreveu ao autor inglês Edgar Jepson (1863-1938): “*Ulisses* sem dúvida será fonte de discordância entre nós até o fim do capítulo; a meu ver, estou bem contente em deixar a Joyce a liderança romancista do século, acho que ele merece a posição, e espero que lhe traga lucro...”



MUNIQUE O poeta, herói de guerra e (mais tarde) principal dissidente, Siegfried Sassoon, escreveu em seu diário:

O amor é o teste, suponho. Lutamos para mantê-lo romântico, para torná-lo uma série de episódios dramáticos. A verdade da vida não vai permanecer em uma paixão de marionete. No amor encontramos a salvação ou o recuo vergonhoso. Mas Ó, é difícil!

A vida amorosa de Sassoon foi complicada nos anos anteriores. Após períodos extensos de frustração sexual, finalmente conseguiu suplantar suas inibições iniciais e buscar amantes do sexo masculino.³⁰⁹ Na época em que escreveu sua reflexão dolorosa acerca do amor, em agosto de 1922, o objeto central de seu desejo era um aristocrata alemão proeminente, o príncipe Philipp de Hasse — bisneto da rainha Vitória, sobrinho do desgraçado czar Wilhelm, e também sobrinho do rei da Grécia.³¹⁰ Sassoon havia conhecido o príncipe por meio de lorde Berners, o excêntrico romancista e compositor rico que havia se tornado amigo de Sassoon durante uma viagem a Roma.

Apesar de Sassoon já haver se declarado socialista, de acordo com experiências de injustiça social durante a guerra e com a influência benigna de sua figura paterna, W. H. R. Rivers (Cf. 4 de junho), permaneceu ligado ao glamour dos títulos e da propriedade. Isso caiu bem para o caso com Philipp, visto que Sassoon não o achava tão bonito: já estava ficando careca, e era mais rechonchudo; no geral, era muito menos atraente que Gabriel.

Sassoon foi até Munique para se encontrar com Philipp, uma viagem de trem partindo da estação Vitória em 20 de julho. Chegou a Munique no dia 1º de agosto e escreveu um poema no curso da viagem — “Fantasia on a Wittelsbach Atmosphere” [Fantasia em um clima Wittelsbach]. O casal ficou junto até outubro, mas apesar de desfrutarem de uma vida sexual ativa, Sassoon começou a ver mais e mais limitações em seu nobre. Concluiu que Philipp não tinha imaginação e era fundamentalmente convencional em suas visões sobre a arte e a vida. Também era um pouco sofisticado demais para Sassoon em sua franqueza desmedida em relação aos flertes com outros homens, e também com uma mulher americana conhecida

simplesmente como “Babe”.³¹¹

O caso estava obviamente fadado ao fracasso. Quando foram da Alemanha para a Itália, Sassoon se referia a Philipp, em particular, como “burro” e “tolo”. Com muita facilidade, era capaz de imaginar o príncipe cada vez mais gordo, mais complacente e mais entediante; sendo assim, foi um alívio quando finalmente terminaram, em Nápoles.³¹²

16 DE AGOSTO

MUNIQUE Hitler — no cargo de porta-voz de uma das inúmeras organizações nacionalistas que se uniram para um gigantesco protesto — falou a uma grande multidão sob o slogan “A Favor da Alemanha — Contra Berlim”. A manifestação era direcionada ao “bolchevismo judeu que crescia sob proteção da República”.

Foi a primeira vez que a SA — a Sturmabteilung (“Destacamento Tempestade”, também conhecido como “Tropa de Choque”, “Tropa de Assalto” ou “camisas pardas”, fundado em 1920) — apareceu em público como uma organização paramilitar com bandeiras próprias.



LONDRES Virginia Woolf expressou seu desgosto por *Ulisses*. Parece que comprou um exemplar no fim de julho, e logo lamentou ter gasto o dinheiro. Em seu diário, em 3 de agosto, escreveu: “Estou horrivelmente endividada por causa de Joyce & Proust no momento, & tenho de vender os livros assim que voltar para Londres.”³¹³ Em 16 de agosto, ela já estava com dificuldades em relação à prosa de Joyce, e sua primeira grande reclamação sobre o romance foi descrevê-lo como uma pequena obra de arte de desdém esnobe:

Eu devia estar lendo *Ulisses* & fabricando meus argumentos pró & contra. Li 200 páginas até agora — não chega a um terço; & os 2 ou 3 primeiros capítulos me divertiram, estimularam, encantaram e interessaram — até o fim da cena do Cemitério; & depois me desconcertou, entediou, irritou & desiludiu como se ele fosse um estudante chato coçando suas espinhas. E Tom (Eliot), o grande Tom, acha que isso está à altura de Guerra & Paz! Um livro analfabeto e malcriado, me parece: o livro de um

trabalhador que não teve educação formal, & todo mundo sabe como eles são angustiantes, como são egoístas, insistentes, crus, contundentes & profundamente enjoativos. Se podemos comer a carne cozida, por que comê-la crua? Mas acho que se você é anêmico, como Tom, há certa glória no sangue. Sendo eu perfeitamente normal, estou pronta para voltar aos clássicos. Talvez eu revise isso depois. Não comprometo minha sagacidade crítica. Planto um graveto na terra para marcar a página 200.



LONDRES Na verdade, Joyce estava em Londres quando Woolf escreveu essas duras palavras. Ele e Nora foram para a cidade no começo de agosto de 1922 e se hospedaram no Hotel Euston. Nessa viagem, ele se encontrou com a patrona indispensável, Harriet Shaw Weaver, pela primeira vez.³¹⁴ Quando ela perguntou o que ele escreveria a seguir, ele respondeu: “Acho que vou escrever uma história do mundo” — que, de fato, é uma forma de descrever *Finnegans Wake*.

Enquanto estavam em Londres, os Joyce também tiveram um encontro agradável com uma parente dele, Kathleen Murray, que estava trabalhando no hospital de Londres. O único momento delicado naquela noite, que estava amena até então, foi quando Joyce perguntou a Kathleen o que sua mãe, Josephine Murray, achava de *Ulisses*.

“Bem, Jim, mamãe disse que não era um livro para ser lido.”

“Se *Ulisses* não é para ser lido, a vida não é para ser vivida.”

Longe de terem sido aplacados pelas férias, os olhos de Joyce ficaram ainda piores. Ele se consultou com dois oftalmologistas, o dr. Henry e o dr. James, e ambos avisaram que o fluido em seu olho direito havia começado a se “organizar” e a se tornar imóvel. Recomendaram uma cirurgia imediata. Talvez na esperança de uma segunda opção menos ameaçadora, Joyce voltou a Paris.

17 DE AGOSTO

WESTMINSTER — LONDRES Ao contrário do que se acredita, Lawrence da Arábia não conhecia Shaw muito bem nessa época; haviam se encontrado apenas uma vez em março de 1922 após um almoço no qual Sydney

Cockerell, curador do museu Fitzwilliam, em Cambridge, debateu com Lawrence as formas em que podiam ajudar Charles Doughty, o autor de *Arabia Deserta*, que estava em um momento ruim. Depois do almoço, Cockerell sugeriu que parassem na residência de Shaw no Adelphi Terrace, onde ele devia buscar um retrato de Shaw para o museu. Lawrence relutou, e só concordou em acompanhar Cockerell quando ficou sabendo que seria muito improvável que Shaw estivesse em casa. Não foi o caso, mas os dois se deram inesperadamente bem em um encontro que durou vinte minutos.

Foi sob a força desse único encontro que Lawrence escreveu a Shaw em 17 de agosto perguntando ao dramaturgo se concordaria em dar uma olhada em *Os sete pilares*. A extensa carta era quase masoquista em seu baixo nível de autoestima:

No meu caso, creio eu, tomei refúgio em palavras de segunda mão. Digo, acho que tomei expressões e adjetivos e ideias emprestados de todo mundo que já li, e os retalhei para que se encaixassem no meu próprio tamanho, e depois os remendei novamente. Meu gosto é mundano, então há disparate e romance e desorganização suficientes para deixarem um realista enjoado. Há bastante pensamento cru, um pouco de nojo barato e reclamação (os fronts de batalha eram essencialmente histéricos, entende, onde não eram profissionais, e estou bem longe de ser um soldado decente): na verdade, todo tipo de fingimento que você passou a vida tentando alfinetar. Se ler meu material, ele vai mostrar que você escreveu seus prefácios em vão, caso eu seja uma amostra justa da minha geração. O livro pode fazê-lo gargalhar, se foi escrito de forma divertida; mas é prolixo, pretensioso e sem graça a ponto de eu mesmo não conseguir mais olhar para ele. Escolhi esse momento para publicá-lo!

18 DE AGOSTO

LUGANO Abertura de uma conferência promovida pela Liga Internacional de Mulheres pela Liberdade e pela Paz. Um dos oradores convidados foi Hermann Hesse, que em vez de apresentar um trabalho acerca de um dos temas da conferência, leu a parte final de seu novo romance, *Sidarta*. Em 29 de agosto, escreveu à amiga Helene Welti, que tinha acabado de ler o livro: “Que bom que você leu *Sidarta*. Apesar de não ser exatamente literatura,

representa o resumo de minha vida e de ideias que absorvi em vinte anos entre as tradições indiana e chinesa. O final de *Sidarta* é quase mais próximo do taoísmo do que do pensamento indiano.”

Apesar desse sabor taoísta, alegou Hesse, um estudioso hindu que estava na leitura em Lugano foi até o autor e proclamou estar surpreso que algum ocidental tenha captado tão profundamente as verdades essenciais da espiritualidade oriental. Sendo ou não o caso, a influência de *Sidarta* como uma iniciação na essência do budismo e de ensinamentos místicos relacionados se tornou mais tarde algo incalculavelmente forte.³¹⁵

Embora seus fãs viessem a discutir seus pontos de vista com violência, Hesse estava perfeitamente certo em dizer que o romance não era exatamente literatura. Seu estilo, pelo menos na tradução para o inglês, é pomposo e imita o arcaico, com personagens falando dessa forma:

Repousais no local; certo, ó samanas da floresta. O Augusto reside em Jetevana, no jardim de Anapindica. Podem pernoitar ali, peregrinos, pois não falta espaço para as inúmeras pessoas que lá se unem para ouvirem de sua boca os ensinamentos.³¹⁶

Não há enredo: o personagem do título é filho de um Brâmane que, assim como Buda, fica insatisfeito com a vida de privilégios e se lança em uma jornada espiritual vitalícia, explorando os caminhos da renúncia e do jejum, e depois da sensualidade e da indulgência mundana. Poucos leitores se surpreenderão com o fato de que, uma vez apresentado ao sexo, Sidarta se torna um amante incandescente. “Você é o melhor amante que já tive... mais forte do que outros, mais maleável, mais disposto...” Então, ele renuncia novamente ao mundo material, vai viver com o condutor de uma balsa, envelhece e atinge a iluminação. Como doutrina, pode até ser impecável; como ficção, é no máximo entediante.



LONDRES Morre o escritor e naturalista W. H. Hudson (nascido em 1841), altamente admirado por Virginia Woolf. Autor prolífico, mais brilhante quando escrevia sobre vida selvagem, é hoje mais lembrado pelo romance *Green Mansions* ([Mansões verdes] 1904), e por sua autobiografia *Far Away*

and Long Ago ([Lá longe, em um passado distante] 1918).



LONDRES Virginia Woolf escreveu: “Agora estou lendo Joyce e minha impressão, depois de 200 páginas de 700, é que o pobre jovem tem apenas os resíduos de uma mente, até mesmo se comparado a George Meredith. Quero dizer, se tivesse como medir o significado na página de Joyce, seria cerca de dez vezes tão leve quanto na de Henry James.”

Em 24 de agosto, em uma carta a Lytton Strachey, ela conseguiu atingir um momento nada típico de vulgaridade e, de fato, de escatologia. Strachey havia se oferecido para doar cem libras ao fundo Eliot:

Cem libras você disse? Você merece um recibo. Cheque no nome de Richard Aldington ou O. Morrell, como preferir. Minha contribuição, cinco libras e seis *pence*, será dada sob a condição de que ele disponibilize as 200 primeiras páginas de *Ulisses* para que sejam usadas como devem ser. Nunca li uma baboseira igual. Os primeiros 2 capítulos, vamos deixar que passem, mas o 3° 4° 5° 6° — meramente o apertar de espinhas no corpo do faxineiro do Claridges. É claro que o gênio pode reluzir na página 652, mas tenho minhas dúvidas. E é isso que Eliot venera, e lá está Lytton Strachey pagando cem libras para a manutenção de Eliot.

Estaria essa senhora protestando demasiadamente? O que instiga a fantasia com a imagem de um jovem com carbúnculos?

22 DE AGOSTO

NOVA YORK Aniversário de 29 anos de Dorothy Parker. Foi uma época obscura para ela: a juventude estava quase no fim, e visto que ela não tinha orgulho de suas conquistas literárias até então, sentia que tudo o que tinha para mostrar era um casamento falido. Ela e Eddie já eram infelizes juntos havia anos, e desde a primavera de 1922 era óbvio que ele queria uma separação ou um divórcio.³¹⁷ A tensão entre eles atingiu um pico na época do feriado de 4 de julho, quando mal se falavam. Duas semanas depois, ela chegou em casa e o encontrou colocando roupas dentro de uma mala, preparando-se para uma mudança para Hartford.

Os amigos da Távola Redonda, que em sua maioria achavam Eddie uma alma sem graça, suburbana na melhor das hipóteses, presumiram naturalmente que foi ela quem o deixou. Ela se esforçou para fingir que a separação foi de bom grado, e que estava tão contente quanto presumiu que fosse ficar. Para sua surpresa, a deserção de Eddie a magoou profundamente, e por algum tempo ela ficou obcecada por ele de novo, bebendo uísque em quantidades maiores do que o normal.³¹⁸ Tentou também, pela primeira vez, descrever suas experiências em ficção, embora a ferida ainda estivesse muito viva para que fosse abordada diretamente. Em vez disso, escreveu uma história sobre um marido dominado, obviamente inspirado no casamento infeliz de seu amigo mais próximo, Robert Benchley: “Such a Pretty Little Picture” [Uma imagem tão bonitinha]. Vendeu-a para a revista de Mencken, *The Smart Set*; no final da vida, ela se referiu à história como uma das melhores coisas que escreveu.³¹⁹



IRLANDA Michael Collins foi assassinado em uma emboscada feita por forças ilegítimas. Como aponta o historiador Roy Foster, em apenas dez dias o Estado Livre Irlandês perdeu sua principal voz de moderação (Griffith), e agora seu único líder amplamente popular.

23 DE AGOSTO

ÁFRICA DO NORTE O Marrocos se rebelou contra seus governantes espanhóis.

24 DE AGOSTO

LONDRES Virginia Woolf escreveu: “Abro o jornal e encontro Michael Collins morto em uma vala.”

Dois dias depois, confidenciou a seu diário: “Detesto Ulisses cada vez mais — digo, julgo-o mais & mais desimportante: & nem me dou ao trabalho consciente de decifrar seus significados. Graças a Deus, não preciso escrever sobre ele.”

26 DE AGOSTO

BERLIM Às oito e meia da manhã, Fritz Lang se casou com Thea von Harbou em Berlim-Schmargendorf.³²⁰ A imprensa alemã adorou o novo casal de ouro, e quando os Lang foram morar juntos em um apartamento espaçoso e com decoração extravagante no número 52 da Hohenzollerndamm,³²¹ as revistas de páginas reluzentes publicaram incontáveis artigos bajulando a união maravilhosa entre eles. O casal ficou mais do que feliz em dançar conforme a música; na verdade, frequentemente orquestravam sua própria campanha de publicidade, tendo o cuidado de sempre aparecerem nas festas certas, estreias, bailes de caridade e restaurantes exclusivos.

A riqueza era real, mas o resto era mentira. A paixão de Lang por Thea se esvaiu não muito tempo depois do casamento, e ela aprendeu a ser tolerante em relação aos vários casos e flertes dele, e até mesmo seu gosto por prostitutas. Enquanto ele fazia caçadas eróticas à noite, ela geralmente ficava em casa e ia dormir cedo: continuou também a se dedicar arduamente aos roteiros que ele filmaria com sucesso conspícuo.³²² Permaneceram em termos surpreendentemente amigáveis até o fim do casamento, em 1933. “Fomos casados durante 11 anos”, disse a sra. Lang mais tarde, “porque durante dez anos não tivemos tempo para nos divorciarmos”.

28 DE AGOSTO

LONDRES Eliot escreveu a E. R. Curtis: “Além de seu livro e do de Hesse, e de poucas coisas de Spengler e Keyserling, não sei quase nada sobre a literatura alemã desde 1914...”



NOVA YORK A ópera jazz de um ato de George Gershwin, *Blue Monday Blues* [Blues da segunda-feira melancólica], estreou no Globe Theatre como parte do show de variedades *Scandals of 1922* [Escândalos de 1922]. Gershwin, que havia acabado de sair da adolescência, já trabalhava na indústria da música havia sete anos, e atingiu sucesso nacional em 1919 com “Swanee”, um hino à moda sulista dos Estados Unidos. Impulsionado pelo sucesso precoce, foi contratado pelo produtor George White para compor *Follies of 1920* e *Follies of 1921* [Loucuras de 1920 e 1921] — grandes sucessos graças, em boa parte, a esse novo compositor empolgante.

Entretanto, por causa do excesso de competição, White sabia que o

show de 1922 tinha de ser especial. Gershwin, naturalmente, foi contratado de novo; W. C. Fields foi chamado para ser a estrela; e Paul Whiteman e sua Orquestra — a banda de jazz mais famosa de Nova York — fizeram um acordo especial que lhes permitiu tocar no show sem ter de abrir mão do compromisso regular no Palais Royal, que ficava a apenas algumas quadras (ou apenas a alguns minutos de corrida). Gershwin e Whiteman se deram bem imediatamente e gostaram da colaboração no show. Mas houve problemas.

Quando ficou óbvio para a companhia, quase três semanas antes da noite de estreia, que o show não tinha o suficiente, Gershwin teve a ideia não muito comum de incluírem um pequeno drama musical, inspirado vagamente nas óperas italianas do estilo *verismo*, situado no Harlem e com encenação de personagens afro-americanos.³²³ Variante da familiar história de “Frankie e Johnny”, tinha dois amantes desafortunados como tema: ele a trai, ela o mata. As letras das árias — “Blue Monday Blues”, “I’m Going to See my Mother”, “Has Anyone Seen my Joe?” — foram escritas por Buddy DeSylva,³²⁴ Paul Whiteman conduziu a orquestra.

Blue Monday foi apresentada logo após o primeiro intervalo, e seu clima lento e final trágico desanimaram a plateia da noite de estreia, que estava no clima de borbulhas e diversão mais usuais. Os críticos tenderam a concordar: Charles Darnton no *New York World* chamou *Blue Monday* de “a esquete mais sem graça, estúpida e incrivelmente negra que provavelmente já foi perpetuada” (ou quis dizer “perpetrada”?); sugeriu que a personagem que virava a arma contra seu amante teria sido mais bem-utilizada se tivesse atirado no elenco todo, e depois em si mesma.

É compreensível que tenham cortado *Blue Monday* do show rapidamente. Mas as consequências dessa colaboração apressada — Gershwin e DeSylva arrumaram tudo em apenas cinco dias e cinco noites de trabalho frenético — foram duradouras. Apesar de ainda ser um de seus trabalhos menos conhecidos, até mesmo com o título posterior, *135th Street*, vários críticos sugeriram que a esquete pode ser vista como a obra que estabeleceu o molde para grande parte das melhores realizações de Gershwin — mais obviamente, a ópera completa *Porgy and Bess*, mas também sua composição mais aclamada, *Rhapsody in Blue* (1924), que foi comissionada por Paul Whiteman e virou, quase de um dia para o outro, uma assinatura musical exigida pelo público em todos os shows.³²⁵



LONDRES No fim de agosto, Kipling passou por uma série de desconfortáveis exames médicos para determinar a causa de uma dor de estômago. Foi instruído a fazer uma dieta “sem sólidos” por várias semanas. Achou a experiência do toque no reto tão dolorosa que chegou a fazer uma piada: “Se Oscar Wilde foi para a prisão por causa disso, devia muito bem receber a Cruz Vitória.”

30 DE AGOSTO

LONDRES T. E. Lawrence se apresentou no departamento de recrutamento da Força Aérea Real (RAF), na Henrietta Street, em Covent Garden, às 10h30 da manhã. Tirou suas roupas e ficou nu para exames médicos. Disse que tinha 28 anos (tinha 34), que sua profissão era “escrivão de advogado”, e que seu nome era John Hume Ross. Após várias confusões,³²⁶ ele foi convocado e enviado para a base da RAF em Uxbridge para três meses de treinamento básico. Suas experiências brutais estão registradas na seção de abertura do notável livro *The Mint* [A matriz], publicado postumamente.

A razão do alistamento de Lawrence no nível mais baixo da aeronáutica intrigou, fascinou e surpreendeu inúmeras pessoas desde então. Uma coisa é certa: não foi um impulso repentino. Algumas vezes, ele disse que vinha considerando fazer isso desde 1919; em outras, desde a formação da divisão aérea real. Já em janeiro de 1922, ele escreveu a sir Hugh Trenchard (1873-1956), o chamado “pai” da Força Aérea Real, pedindo ajuda com seu estranho plano e apresentando a decisão em grande parte como uma questão de ambição literária:

O senhor vai se perguntar o que tenho em mente. A questão é que escrevo desde os 16 anos: nunca me satisfaço tecnicamente, porém melhora de maneira estável. Meu último livro sobre a Arábia é quase bom. Vejo o tipo de assunto do qual necessito no início da sua Força, (...) e o melhor lugar para se ver algo é de perto. Eu não “escreveria” de um nível de oficial.

Trenchard certamente deve ter tido suas dúvidas; é óbvio que uma mera ambição literária não seria forte o suficiente para compelir um

ex-coronel — ainda mais um “Rei Sem Coroa” — a se tornar um soldado, certo?³²⁷ Se acreditou ou não, decidiu que Lawrence havia mais do que conquistado o direito de receber um favor, e quando os dois se encontraram no Ministério da Aeronáutica em 14 de agosto, Trenchard disse a ele que permitia o alistamento sob a supervisão do vice-marechal da Força Aérea, sir Oliver Swann.

Poucas pessoas que leram as obras de Lawrence poderiam acreditar sequer por um momento que foi uma racionalização de senso comum como essa que o levou a buscar o esquecimento em um posto militar, e o próprio Lawrence explicaria seus motivos de maneiras radicalmente diferentes para amigos distintos. Em 11 de novembro de 1922, por exemplo, escreveu uma carta privada para o editor do *Daily Express*, R. D. Blumenfeld,³²⁸ sugerindo que suas principais razões para se alistar foram em parte financeiras, em parte políticas:

Quando Winston finalmente me deixou ir — foram quatro meses de trabalho para convencê-lo: eu recusei salário, & implorava para ser liberado toda vez que o via etc. —, descobri que estava falido: então me alistei, como forma rápida e fácil de me manter vivo, e vivo estou, servindo e nem sempre infeliz...

Você sabe que sempre fui estranho, e meus gostos sempre foram meus. Além disso, a única maneira de escapar da política inteiramente era me afastar da minha antiga maneira de viver: e se sustentar só com as mãos é um trabalho alegre, & o mais limpo possível, depois da política — à qual nem o *Express* me leva de volta!³²⁹

O irmão de Lawrence, Arnold Lawrence, certamente viu a situação de maneira mais clara quando disse que em 1922, T. E. “chegou mais perto do que qualquer outra pessoa de ter um colapso completo, depois de nove anos de trabalho em excesso sem férias, e vários deles embaixo de uma pressão nervosa contínua. Ele se curou por meio do alistamento”. Entretanto, nem mesmo o argumento da exaustão enuncia a verdade por completo. Sim, Lawrence estava exausto, e com problemas de saúde, mas havia maneiras bem mais óbvias de retomar sua força e saúde; sim, não teve nenhum emprego de verdade desde que largou a All Souls e seu cargo no Escritório Colonial, mas houve uma boa quantidade de postos e sinecuras bem-pagos que ele poderia ter aceitado — na verdade, ofertas tentadoras como essas não pararam

de aparecer em seus anos de serviço.

Apesar de todos os esforços de seus biógrafos, Lawrence tem um elemento irredutível de puro enigma. Esses esforços não foram em vão, no entanto, visto que hoje podemos concluir que o alistamento dele — certa vez, de maneira reveladora, ele o chamou de “suicídio mental” — foi impulsionado não por apenas uma simples razão, mas sim por inúmeras emoções profundas e simultâneas. Para ser bem direto, sugeriu-se que ele se sentia culpado, uma culpa tanto justificada quanto neurótica, por causa do papel que teve na guerra e pelos anos subsequentes de diplomacia acerca do destino do Oriente Médio.³³⁰

Também é significativo que Lawrence tenha sempre tido uma característica ascética, que buscava privação e dureza, até mesmo dor, com a mesma assiduidade que pessoas normais buscam conforto e descanso; o fato de ter uma atitude violentamente ambígua em relação à sua enorme fama, saboreando-a e simultaneamente odiando a si próprio por esse prazer; o fato de ter tendências masoquistas, tanto fisicamente (sabe-se hoje que ele pagou a um soldado para bater nele) e espiritualmente; o fato de ser atormentado por seu cérebro fervilhante e de ter buscado o conforto de um comportamento físico tolo. E por aí vai.

Parece possível, até provável, que Lawrence não tivesse sido direcionado a tais extremos, no entanto, se não fosse por Lowell Thomas, o produtor que de fato criou o mito “Lawrence da Arábia” com seus espetáculos de palestras pós-guerra.³³¹ Quando a biografia de Lawrence começou a ser vendida, em setembro de 1925, ele escreveu a Bernard Shaw: “De hoje em diante, minha vida será com esses caras daqui [os soldados], me degradando, (...) na esperança de que algum dia eu vá realmente me sentir degradado, estar degradado, ao nível deles. Desejo que as pessoas me olhem com desdém e me odeiem.”



NOVA YORK A longa crítica de Gilbert Seldes a *Ulisses* foi publicada no *The Nation* — ao lado das de Edmund Wilson e Mary Colum, foi a última a compor o trio de opiniões contemporâneas que tiveram a reputação de agradar Joyce: “Hoje [Joyce] trouxe ao mundo *Ulisses*, uma paródia monstruosa e magnífica, o que faz com que possivelmente seja o mais interessante e o mais formidável do nosso tempo.”

Grande parte do que Seldes escreveu repetia os termos de outras críticas favoráveis; a diferença em relação às opiniões que prevaleciam foi principalmente ter achado os elementos paródicos do livro admiráveis, em vez de uma distração:

As paródias em si me parecem brilhantes, porém sua função é mais importante do que seu mérito. Criam rapidamente, e com a mesma rapidez destroem, toda uma série de aspirações nobres, esperanças e ilusões que os séculos registraram em prosa. E elas levam naturalmente, dessa forma, à cena do bordel na qual o inferno se apresenta.

Seldes declarou que a “fúria galvânica” no episódio que se passa no bordel “não tem precedentes na literatura”. Prosseguindo, falou sobre “a absorção enorme das coisas [no romance], por meio de uma degustação e um aproveitamento enormes da realidade palpável. Acho que Nietzsche teria gostado do contentamento trágico de *Ulisses*”. Depois de mais alguns superlativos, e de uma previsão de que a obra de Joyce influenciaria todos os romancistas subsequentes, Seldes concluiu o artigo de maneira retumbante:

Esse épico da derrota, no qual não há nem página descuidada, nem momento de fraqueza, no qual capítulos inteiros são monumentos em homenagem ao poder e à glória da palavra escrita, é em si uma vitória da inteligência criativa sobre o caos de coisas não criadas, e um triunfo da devoção, a meu ver um dos mais significativos e belos do nosso tempo.

[287.](#) Assim chamada porque Paris foi construída sobre três montanhas.

[288.](#) A. R. Orage (1873-1934) é lembrado principalmente por seu trabalho como editor do jornal *The New Age* de 1907 a 1922. Apesar de seu periódico ter sido lançado como um fórum para o pensamento esquerdista, modificou faces políticas e estéticas inúmeras vezes, abraçando o feminismo, o misticismo e a teoria econômica independente do Crédito Social, à qual Ezra Pound se converteu mais tarde.

[289.](#) Onde encena um socialite inicialmente um tanto almofadinha que logo é transformado em um herói viril após ser sequestrado e forçado a trabalhar arduamente em um navio, onde se apaixona pela filha do capitão. O filme se saiu mal no lançamento (12 de fevereiro de 1922), confirmando o palpite de Valentino de que seu verdadeiro atrativo era em papéis que exploravam roupas e vidas exóticas.

290. O filme estreou em 7 de maio de 1922.

291. Publicado em 1908 e adaptado por June Mathis, amiga íntima de Valentino.

292. Sua parceira inclina a cabeça para cima na expectativa desejosa de um beijo... mas ele sorri de maneira vil e a empurra para longe. “Odeio todas as mulheres!”, diz a legenda entre cenas.

293. Desde esse momento até sua morte prematura, os filmes de Valentino frequentemente incluíam esse tipo de cena, a fim de exibir suas qualidades.

294. Foi o terceiro maior sucesso nas bilheterias norte-americanas em 1922, depois de *Robin Hood* e *Oliver Twist*.

295. Lorca vinha fazendo perguntas aos idosos da região sobre suas memórias distantes dos shows que viram durante a infância; ficou animado ao ouvir que esses eventos eram sujos e hilários.

296. Como forma de comprometimento criativo, o poeta e o compositor resolveram encenar o show de marionetes no apartamento da família de Lorca; isso acabou acontecendo em 6 de janeiro de 1923 e ficou na memória dos que compareceram como uma ocasião rara e mágica.

297. Louis Armstrong — comumente conhecido em 1922 como “Dippermouth” (“Satchmo” veio depois, na década de 1930, quando seus amigos íntimos geralmente o chamavam de “Pops”) — veio do tipo de contexto que assombra os sonhos dos assistentes sociais. Seus avós haviam sido escravos; seu pai, William Armstrong, foi um homem bonito, porém irresponsável, um mulherengo que às vezes trabalhava como carvoeiro e mal participava da educação do filho. Sua mãe, Mary “Maryann” Albert — que tinha apenas 15 anos quando ele nasceu —, era quase certamente uma prostituta. William, que não tinha nem 20 anos, fugiu com outra mulher um pouco depois do nascimento de Louis, fazendo de Maryann uma pária.

Até os 5 anos, Louis foi criado pela avó materna, Josephine. Não há dúvidas em relação às dificuldades de sua história inicial e, no entanto, o Armstrong adulto olhava para a infância com um grau surpreendente de nostalgia. Na verdade, declarou várias vezes que era o que lhe dava a principal inspiração: cada solo era uma tentativa de recapturar os tempos passados. “Toda vez que fecho os olhos tocando aquele meu trompete — olho bem no coração da boa e velha Nova Orleans. Ela me deu um motivo para viver.”

Não era apenas uma questão de memória seletiva e sentimentalismo infundado. Coisas genuinamente boas aconteceram naquele mundo perdido da Louisiana da virada do século. Se por um lado ele era materialmente carente de acordo com os padrões da maioria dos norte-americanos, por outro, sua avó o vestia, o alimentava e, o mais importante, o banhava de afeição. Louis sabia que era amado. Na escola Fisk, recebeu uma educação básica decente e aprendeu a ler e escrever. Aprendeu também que até mesmo em uma sociedade racialmente estratificada como em Nova Orleans, nem todos os brancos eram fonte de medo e ódio — foi tratado com muito carinho por uma família de ascendência lituana e judaica, os Karnofskys, que eram comerciantes de produtos usados; eles lhe davam pequenas ajudas financeiras, mais ou menos o adotaram e compraram sua primeira corneta. Para o resto de sua vida, ele usou um amuleto com a estrela de Davi em homenagem aos Karnofskys, e sempre falava da fé dos judeus com o maior respeito.

E veio a música. Apesar de ter visto bandas marciais desde pequeno, seu primeiro contato com a riqueza total da herança musical de Nova Orleans aconteceu em seu próprio berço — os bordéis para os quais, por alguns centavos,

ele transportava carvão. Ficava por lá depois do trabalho olhando as meninas e ouvindo as bandas com admiração. Quando tinha cerca de 11 anos, mais ou menos quando largou a escola, havia aprendido a tocar sua corneta razoavelmente bem. Um problema ligeiramente cômico com a lei resultou em uma estada curta no Lar de Meninos de Cor de Nova Orleans — uma bênção disfarçada, pois recebeu uma boa alimentação e integrou a banda marcial. Aos 13, tinha qualidade suficiente com o instrumento para ser um músico convidado.

Louis começou a venerar uma das estrelas da cena de Nova Orleans, Joe “King” Oliver, que notou o talento crescente do menino e se tornou uma espécie de mentor. A época da metade para o fim de sua adolescência foi difícil e incerta, mas no fim dessa fase ele tirou a sorte grande. Quando King Oliver foi fazer a vida no Norte, Louis ficou em seu lugar na banda que ele achava ser a melhor da cidade. Pouco depois do final do ano, começou a tocar a bordo dos cruzeiros que lotavam o Mississippi, e aprendeu tanto com seus companheiros de banda — incluindo partitura musical — que às vezes chamava a embarcação de “universidade”. Aos 20, viveu um casamento curto com a violenta e temperamental Daisy Parker, e adotaram uma criança de 3 anos com dificuldades mentais. O casamento havia acabado quando Armstrong se mudou para Chicago, mas ele se responsabilizou pela criança por muitos anos.

298. Durante toda sua vida ele acreditava que havia nascido no dia 4 de julho de 1900, então teria 22 anos naquele dia.

299. Oliver o apresentou aos outros membros da banda: “baby” Dodds, Johnny Dodds, Honoré Dutrey, Bill Johnson: o núcleo da primeira pequena banda importante de jazz. Depois, levou Armstrong para seu apartamento, onde a esposa de Oliver fez uma refeição deliciosa típica de Nova Orleans, com feijão vermelho e arroz, e limonada gelada para acompanhar. Para finalizar o dia de maravilhas, Oliver levou seu recruta para uma pensão na South Wabash, 3412, onde havia reservado um quarto com banheiro privativo. Armstrong ficou chocado; naquela época, era difícil uma casa ter banheiro próprio. No dia seguinte, compareceu a um ensaio intenso. Oliver, notou ele, era um inventor prodigioso de fraseados, finais e floreios; disse depois que aprendeu muito com as execuções de Oliver — o suficiente para durar uma carreira inteira.

300. Em certo ponto, interrompeu uma brincadeira totalmente inofensiva entre os membros da banda e ameaçou atirar neles. Mostrou a arma no caso da corneta para provar que não estava brincando.

301. Historiadores do jazz dizem com frequência que ele foi o primeiro verdadeiro solista desse gênero.

302. O próprio Armstrong sabia que estava se desenvolvendo rápido, e adicionou mais um talento ao seu arsenal comprando uma máquina de escrever e digitando compulsivamente cartas, diários, reminiscências e qualquer coisa que passasse pela cabeça. Outros músicos perceberam que ele escrevia até entre blocos de apresentação, e diziam que ele passava tanto tempo com a máquina de escrever quanto com seu instrumento. Escrever dessa forma virou uma obsessão da vida inteira.

303. Dizia-se, e não há dúvidas de que é verdade, que ele era capaz de atingir nada menos que duzentas notas mi agudas, mas a mera estatística não tem como expressar a emoção pura sobre a qual as pessoas conversavam, incrédulas, depois de tê-lo visto em seu voo completo. Era poderoso, mas era também delicioso, intoxicante, encantador...

304. Alguns dos músicos, negros e brancos, viraram bons amigos: Hoagy

Carmichael, por exemplo, que foi apresentado a Armstrong por seu amigo em comum Bix Beiderbecke.

[305.](#) Havia apenas sessenta passageiros a bordo, portanto foi difícil não fazer novas amizades. Frieda amou, e escreveu com alegria para a mãe sobre a graça de flertar com um admirador francês. Lawrence não ficou tão encantado.

[306.](#) Ele discutiria a obra em *Estudos sobre a literatura clássica americana*.

[307.](#) Parecia ainda estar sob o feitiço do grupo de cineastas, e passou parte de seu tempo na cidade indo ao cinema. Ele o revoltava.

[308.](#) Incluindo o ataque à mão armada, sem sucesso, contra um membro da polícia por parte de um jovem comunista que confundiu o oficial com Poincaré.

[309.](#) Sua primeira grande paixão foi um militar de 21 anos, William Atkin, conhecido como “Gabriel”. Sassoon o conheceu apenas duas semanas depois do fim da guerra, em 20 de novembro de 1918. Apesar de Gabriel ser promíscuo, ao passo que Sassoon era rigorosamente casto, e de ser bastante chegado à bebida, ao passo que Sassoon era um bebedor leve ou moderado, eles se apaixonaram profundamente quase de imediato, e não perderam tempo para consumir a paixão.

As primeiras semanas do caso foram idílicas e emocionantes para ambos, porém o desgosto começou já em janeiro de 1919. Sassoon estava cada vez mais preocupado porque o gosto perigoso de Gabriel pela intoxicação ultrapassava o álcool e chegava às “drogas”. (Mais tarde, ele acabou se debandando para o cenário do ópio de Cocteau em Paris.) E depois que Sassoon assumira a homossexualidade, embora de maneira discreta e para um grupo privilegiado de amigos, havia tentações novas em todos os cantos. É provável que em março de 1919 ele tenha se aventurado com Beverly Nichols, então aluno de graduação da Balliol. Sassoon ficou cada vez mais descontente com Gabriel naquele ano, sentindo que sua vida amorosa estava novamente se tornando tão insatisfatória quanto sua vida pública — ele havia assumido recentemente a função de editor literário do jornal esquerdista *Daily Herald*. Sua saúde também ia mal, e ele sofria muito com problemas no nervo ciático.

Enquanto isso, incentivou Gabriel a estudar arte na Slade. Gabriel tinha um talento distinto, e seus primeiros desenhos na escola foram admiráveis, mas era difícil se manter comprometido a uma única tarefa. Em julho de 1919, Sassoon estava extremamente exasperado com ele; deram um tempo, depois do qual nunca mais conseguiram ter um relacionamento estável. Foi um certo alívio quando Sassoon foi convidado a fazer um ciclo lucrativo de palestras nos Estados Unidos, com início em janeiro de 1920. Mas a viagem, apesar de cheia de prazeres, também o expôs a novos tormentos eróticos. Ele se apaixonou perdidamente por um jovem ator em ascensão, Glenn Hunter, que estrelava com Alfred Lunt, e outros atores proeminentes da época, em um sucesso de Nova York, *Clarence*. O caso foi tão doloroso e humilhante quanto curto.

De volta à Inglaterra, mais rico e mais afortunado, porém ainda descontente, Sassoon desenvolveu uma queda perigosa e profunda pelo filho de 15 anos de Walter de la Maré, Colin, embora não tenha tomado nenhuma atitude com base em seus impulsos. Tentou também, sem sucesso, seduzir o lorde David Cecil, 20 anos, presumindo incorretamente que um jovem precoce que tinha amigos íntimos homossexuais também devia ser homossexual.

[310.](#) Mais tarde, em 1925, Philipp se casaria com a filha do rei da Itália.

[311.](#) Certa vez, ele chegou a atender uma ligação de Babe enquanto ele e Sassoon estavam fazendo amor.

[312.](#) Nos três anos seguintes, Philipp tentou contatar Sassoon algumas vezes, mas Sassoon já havia se lançado em uma série de romances. Além disso, ele ficou desiludido com o entusiasmo crescente de Philipp em relação aos nazistas — um entusiasmo que culminaria em uma colaboração com Hitler e na morte de sua esposa em um campo de concentração.

[313.](#) No mesmo registro, comenta um encontro com Eliot, que “foi sarcástico, defensivo, preciso & ligeiramente malevolente, como sempre”.

[314.](#) Ela pôde então presenciar a imagem alarmante de Joyce usando o dinheiro que ela havia dado com toda a liberdade. Ele sempre tomava táxis em vez de ônibus, e dava gorjetas significativas para o motorista. Generosidade ou extravagância desse tipo fez com que gastasse umas duzentas libras durante sua estada.

[315.](#) O livro só foi traduzido para o inglês no começo da década de 1950. No início, as vendas foram lentas, até que a contracultura da década de 1960 o tomasse como um dos poucos livros essenciais de sabedoria. Nos Estados Unidos em especial, Hesse se tornou um best-seller em uma escala que teria parecido simplesmente impossível do ponto de vista de 1922.

[316.](#) Uma pessoa cínica pode se perguntar de que outra parte do corpo do Augusto um peregrino pode esperar ouvir ensinamentos.

[317.](#) Ela utilizou esses meses de infelicidade como matéria-prima para uma de suas histórias mais consagradas, “Big Loira”.

[318.](#) Apesar da reputação póstuma de beberona, até cerca de um ano antes de seu falecimento ela consumiu álcool em uma escala moderada.

[319.](#) “Such a Pretty Little Picture” marcou o início da carreira como escritora madura, mas na época do lançamento, essa história não lhe satisfaz tanto. Estava desesperadamente solitária e necessitando de um novo amor. Ele não demorou a chegar. Charles Gordon MacArthur era um jornalista encantador de 27 anos, de Chicago — onde seu melhor amigo era Ben Hecht. Ela se apaixonou por ele quase imediatamente, e de maneira profunda. (Cf. 25 de dezembro)

[320.](#) Pouco tempo depois da jura de lealdade marital, Lang fez outra jura: assumiu a cidadania alemã. Anos depois, essa decisão teve de ser explicada para a imigração norte-americana.

[321.](#) Aos olhos de alguns visitantes, o apartamento era mais um cruzamento intimidador entre museu antropológico e galeria de arte do que um ninho marital confortável.

[322.](#) Cerca de dois meses após o casamento, ela já havia terminado o primeiro esboço de um roteiro para a próxima produção dele, *Os nibelungos*.

[323.](#) Que, lamento informar, foram encenados por atores com os rostos pintados de negro; os produtores argumentaram que na Broadway não havia atores negros qualificados o suficiente.

[324.](#) DeSylva teve uma carreira longa e bem-sucedida como compositor de músicas, e mais tarde foi cofundador da gravadora Capitol.

[325.](#) Gershwin escreveu depois: “Minha associação com Whiteman nesse show, tenho certeza, teve alguma coisa a ver com o fato de Paul ter me pedido para escrever uma composição para o seu primeiro concerto de jazz. (...) Não há dúvida de que esse foi o meu começo no campo da música mais séria.”

[326.](#) O oficial que o entrevistou, o capitão W. E. Johns, suspeitou das inconsistências do que ele disse, fez algumas checagens rápidas e logo descobriu o segredo daquele recruta nervoso. Mas o vice-marechal da Força Aérea, sir Oliver Swann, interveio, e depois de passar por cima dos médicos que

declararam Lawrence inadequado para servir, o recruta foi rebatizado como 352087 A/C Ross. Coincidentemente, Johns também era um militar com ambições literárias. Em 1922, publicou seu primeiro romance, *Mossyface* [Rosto de musgo]. No entanto, ganhou a imortalidade no fim da década de 1930 quando inventou o personagem Biggles, o piloto intrépido da RAF e herói de inúmeras gerações de estudantes britânicos.

[327.](#) Lawrence também mencionou a ideia de escrever um épico sobre o desenvolvimento da RAF para outros correspondentes, apesar de nem sempre informar que essa ambição era a razão principal para se alistar.

[328.](#) Um correspondente improvável; Lawrence havia escrito dois artigos para o *Express* em maio de 1922, e recusou pagamento; com uma magnanimidade rara, Blumenfeld enviou-lhe uma edição valiosa de *As mil e uma noites* em vez do pagamento.

[329.](#) Há uma ironia inconsciente no último comentário; (Cf. 27 de dezembro).

[330.](#) Cabe adicionar que, se essa culpa política era real em 1922, no final daquela década ele já havia se livrado dela, segundo escreveu a sir Gilbert Clayton, alto comissário no Iraque: “Conforme me afasto cada vez mais das coisas, mais sinto que nossos esforços durante a guerra se justificaram e estão se provando mais felizes e melhores do que eu havia esperado.”

[331.](#) Se é verdade que a noção moderna de “celebridade” lembra apenas de maneira superficial a noção clássica de “fama”, então Lowell Thomas foi um dos manipuladores que ajudaram a corromper o segundo para que se tornasse o primeiro. E T. E. Lawrence foi um dos primeiros beneficiários e vítimas da “cultura da celebridade”.

SETEMBRO

1º DE SETEMBRO

ALEMANHA De Freiburg, Hemingway descreveu ao *Toronto Daily Star* sobre o colapso da moeda alemã, o marco. Descreveu o clima nacional predominante como sendo de “tristeza tenaz ou desespero histórico”. Todos os dias, explicou ele, os jornais publicavam a nova taxa de câmbio para o marco nas primeiras páginas; e nas grandes cidades, como Berlim e Hamburgo, os que ainda tinham dinheiro se lançavam em um surto enlouquecido de compra, adquirindo joias, peles, carros — qualquer coisa que retivesse valor enquanto o câmbio “escorregava por um tobogã”.

O estranho foi que houve poucos sinais de tal pânico frenético de compra nas cidades menores. Em Freiburg, onde Hemingway se hospedou em um hotel pagando cerca de vinte centavos por dia, as pessoas pareciam bem-alimentadas e razoavelmente contentes. O único sinal visível da mudança de circunstâncias foi a hostilidade em relação a todos os estrangeiros, dos quais o povo se ressentia por causa da força da moeda deles, e identificavam como os responsáveis pelo dilema da Alemanha. Os lojistas eram tão rudes quanto ousavam ser com os turistas, quase expulsando-os das lojas.³³²

Os poucos relatos seguintes de Hemingway da Alemanha tomaram um tom mais impulsivo, para não dizer impetuoso: uma descrição cômica de uma viagem de pescaria na Floresta Negra e um estudo do jeito rude dos alemães que eram donos de pousadas.³³³ Retornou ao assunto da inflação em 19 de setembro. Em Kehl, trocou dez francos franceses por 670 marcos; dez francos eram cerca de noventa centavos de dólar canadense. Ele e a esposa gastaram livremente o dia inteiro e ainda tinham 120 marcos no final do dia. O jantar, composto de cinco pratos, que fizeram naquela noite no melhor hotel de Kehl somou o equivalente a 15 centavos. Em um determinado momento, foram observados com anseio por um senhor de aparência distinta que estava claramente querendo as maçãs que estavam comprando.

Seu artigo final versou sobre as várias rebeliões brutais que estouraram pelo país todo, em geral dominadas pela polícia através do uso de armas de fogo. Os únicos que estavam bem, concluiu ele com

tristeza, eram os aproveitadores: em particular, o aproveitador-chefe Herr Hugo Stinnes, que fez com que todos os materiais comprados da Alemanha pela França para ajudar na sua reconstrução fossem providos por... Herr Hugo Stinnes.

2 DE SETEMBRO

BERLIM O presidente Ebert declarou que “Deutschland über alles” [Alemanha acima de tudo] agora era o hino nacional oficial da Alemanha.



PARIS Proust teve ataques de asma estranhamente fora do comum nos dias 2 e 3, e no dia 4, ataques repetidos de vertigem: sempre que tentava sair da cama, caía no chão. Sua capacidade de fala, memória e visão falharam inúmeras vezes. A causa precisa dessa piora de seu estado ainda é desconhecida, embora seus médicos provavelmente tivessem razão em achar que o hábito de alternar quantidades de estimulantes e narcóticos deve ter causado pelo menos alguns desses problemas de saúde. O próprio Proust, que já havia diagnosticado sua situação como uremia crônica, agora passou a ter certeza de que o culpado era o monóxido de carbono da lareira do quarto. Ordenou que os empregados nunca acendessem a fogueira, e assim passou as últimas semanas de sua doença terminal em um quarto frio. Era um paciente terrível, rebelde, quase sempre fazendo o oposto do que os médicos sugeriam.

Sentindo que estaria morto em breve, Proust se lançou em uma maratona de surtos de escrita e reescrita. Entre o meio de agosto e o fim de outubro, revisou o esboço que tinha de *A prisioneira* três vezes (finalizado em 24 de outubro). Ao final dessa tarefa, ele havia desenvolvido um resfriado severo, que virou uma bronquite; a febre era cada vez mais alta. O médico prescreveu refeições reforçadas. Proust, lembrando-se de como sua mãe o havia criado, insistiu em fazer jejum, e não comia nada além de leite e frutas. O médico prescreveu descanso; Proust continuou escrevendo. Na tarde de 19 de outubro, desobedeceu às ordens do médico novamente e foi dar uma volta, mas foi forçado a retornar imediatamente, com o corpo totalmente gelado e espirrando. Nunca mais saiu, mas ficou na cama revisando *A fugitiva* até o momento final. No começo de novembro, foi confirmado que, como ele suspeitava, havia contraído uma pneumonia

— uma doença que naquela época só podia ter duas consequências: recuperação espontânea ou morte dentro de aproximadamente uma semana. “Novembro chegou”, disse ele para Celeste. “Novembro, que levou meu pai.”



PARIS Após seis meses de tentativas, Harry Crosby (Cf. 14 de março) pediu Polly Peabody em casamento por meio de telégrafo transatlântico. Ela mandou uma mensagem de volta dizendo SIM, então ele imediatamente pegou cem dólares emprestados e foi para Cherbourg, porém ficou sabendo que teria de passar uma semana em quarentena. Ficou enfurecido, mas de alguma forma conseguiu subornar alguém para entrar no *Aquitania* e fazer a viagem de seis dias até Nova York.³³⁴

Quando o *Aquitania* atracou em Nova York em 9 de setembro, Polly estava esperando atrás da barreira. Harry relatou depois que se sentiu como um corredor de maratona que completou a prova com sucesso, mas que estava a ponto de ter um colapso. Eles se casaram naquela mesma tarde em uma capela do Prédio Municipal, e comemoraram no chique Hotel Belmont. Tinham apenas 48 horas antes da viagem de volta do *Aquitania*, e Harry estava determinado a passar esse tempo resolvendo questões com sua família, que estava hospedada em Washington, D. C. A missão diplomática não foi um sucesso.

De volta a Nova York, eles buscaram os filhos de Polly, Polleen e Billy, no Belmont. Como se tivesse só então se dado conta da nova posição de padraсто, Harry foi tomado por uma sensação de desilusão e pânico, e desapareceu por algumas horas. No entanto, a nova família estava a bordo do navio no dia 11, conforme planejado, e voltou a Paris, onde estabeleceu seu primeiro lar no Hotel de l’Université na Rive Gauche.³³⁵

Crosby manteve seu emprego no banco por apenas pouco mais de um ano, e acabou se demitindo, em novembro de 1923; seu emprego ali, no entanto, era algo como uma enganação que todos aceitavam. Ele tirava dias de folga conforme queria, e até nos dias em que ia trabalhar era facilmente tentado a sair do Morgan, Harjes et Cie., a passar pela praça Vendôme e a cair nas boas-vindas calorosas do Ritz. Talvez conseguisse trabalhar um pouco aqui e ali, apesar de parecer passar a maior parte das horas que consentia em ficar no escritório

lendo poesia e sonhando em escrever as suas próprias.
Mas a poesia, e a publicação da poesia, ainda estava no futuro.

3 DE SETEMBRO

ESTADOS UNIDOS Lançamento do curta-metragem de comédia *Grandma's Boy* [Menino da vovó], estrelando Harold Lloyd.³³⁶

Originalmente, Lloyd (1893-1971) adotou os óculos falsos porque sentia que era bonito demais para fazer um protagonista cômico sem algum acessório supostamente não glamoroso. O “personagem de óculos”³³⁷ — como Harold o chamava de vez em quando — se tornou uma das figuras emblemáticas da época: arrumado e eternamente adolescente, sempre em tropeços, porém obstinadamente otimista, ansioso mas inesperadamente corajoso. Não há dúvida quanto à coragem do próprio Lloyd: fez a maioria das cenas mais perigosas sem dublê, e até se machucou em algumas ocasiões.³³⁸

Lloyd fez a transição de curtas-metragens de vinte minutos para os de uma hora em 1921. *Grandma's Boy*, assim como a maioria dos seus filmes, foi um sucesso imediato; foi também uma grande influência no desenvolvimento do filme de comédia, visto que — assim como *O garoto*, de Chaplin, lançado no ano anterior — mostrou que um filme rico em piadas também podia dar espaço ao desenvolvimento do personagem sem perder o ritmo e o atrativo para o público. *Grandma's Boy* é um singelo conto sobre o potencial humano: Lloyd interpreta um rapaz insípido e sentimental, tímido demais para ganhar o coração da mulher que adora, até que sua avó lhe dá um objeto mágico da Guerra Civil. Munido de ousadia por causa desse auxílio sobrenatural, ele derrota o homem mau, fica com a mulher e descobre que o “objeto mágico” é na verdade o cabo do guarda-chuva da avó. Ele já era um herói, sempre foi.



ÁUSTRIA Após abrir mão de seu emprego como professor escolar em Trattenbach, Wittgenstein assumiu um cargo na escola secundária em um vilarejo não muito distante: Hassbach. Antes mesmo de começar, já não gostava da grande maioria dos locais — “*nem um pouco* humanos, mas uns vermes detestáveis”. Quando começou a trabalhar, ficou ainda mais enojado,

em particular com as professoras da escola e com o argumento de que tinham “conhecimento especializado”, o que o deixava enfurecido. Odiou tanto o lugar que mal conseguiu ficar um mês inteiro antes de voltar a dar aulas na escola primária.

4 DE SETEMBRO

BLACKPOOL William Lyons e seu colega William Walmsey fundaram a Swallow Sidecar Company — uma firma britânica que mais tarde mudou seu nome para Jaguar. Nos primeiros anos, como sugere o nome, a empresa se dedicou à produção de motocicletas com pequenos carros anexados (os *sidecars*); o primeiro carro de verdade que produziram, um sedan 2.5, foi comercializado em 1935 como “SS Jaguar”. Por motivos óbvios, as iniciais, que causavam alarde naquela época, foram suprimidas pela empresa em 1945, e todos os outros modelos que se seguiram ficaram conhecidos simplesmente como Jaguar.

6 DE SETEMBRO

LONDRES Virginia Woolf escreveu:

Terminei *Ulisses*, & achei uma ignição malsucedida. Há gênio, eu acho; mas da água inferior. O livro é difuso. É salobre. É pretensioso. É malcriado, não apenas no sentido óbvio, mas no sentido literário. Um escritor de primeira linha, quero dizer, respeita a escrita demais para ser enganoso; surpreendente; fazendo dublês. Lembro o tempo todo de um aluno inexperiente, como um Henry Lamb, digamos, cheio de sapiência & poderes, mas tão autoconsciente & egosísta que perde a cabeça, se torna extravagante, artificial, exaltado, ansioso, faz com que pessoas gentis tenham pena dele, & pessoas inflexíveis meramente se incomodam; & têm-se a esperança de que vá amadurecer e mudar; mas visto que Joyce tem 40 anos, isso não me parece provável. Não li o livro com cuidado; & li apenas uma vez; & é um livro muito obscuro; então certamente fui mais desatenta do que deveria à virtude que tem. Sinto que miríades de pequenas balas nos salpicam & nos borrifam; mas não recebemos a ferida mortal diretamente na face — como recebemos de Tolstói, por

exemplo; mas é inteiramente absurdo compará-lo com Tolstói.

No dia seguinte, Leonard deu a ela uma cópia da crítica que Gilbert Seldes havia escrito para o *Nation* de Nova York (Cf. 30 de agosto); com relutância, ela confessou que Seldes “faz com que o livro fosse muito mais impressionante do que o julguei ser”. Mesmo assim, ela se recusou a negar a validade das suas primeiras impressões.

9 DE SETEMBRO

TURQUIA Conforme a Guerra Greco-Turca chegava ao seu fim, já era óbvio que os turcos em breve teriam uma vitória decisiva. O último sucesso para o exército turco foi a captura de Izmir. As forças gregas se retiraram, com os turcos em uma perseguição implacável.



DUBLIN William T. Cosgrove assumiu o governo como primeiro-ministro irlandês.

10 DE SETEMBRO

SUSSEX Morte de Wilfrid Scawen Blunt (1840-1922), uma das figuras mais vívidas da época.³³⁹ Algumas semanas antes, Blunt havia escrito para T. E. Lawrence depois de ler sobre a resignação dele no *Morning Post*: “Eu o congratulo por ter sido verdadeiro à sua palavra e ter quebrado a amarra oficial. A liberdade é a única coisa pela qual luta um homem na vida pública.”

Para os estudantes do modernismo, Blunt é lembrado primordialmente por uma referência afetuosa nos *Pisan Cantos* [Os cantos de Pisa], de Pound, onde se lembra de ter visitado a casa de Blunt no interior da Inglaterra.

11 DE SETEMBRO

ESTADOS UNIDOS Aniversário de 37 anos de D. H. Lawrence. Ele e Frieda foram levados de carro a Taos para iniciarem sua vida nova nos Estados

Unidos. Oito quilômetros ao norte de Santa Fé, Taos era uma pequena cidade nada densa — na verdade, era mais um vilarejo espalhado — composta por 1.800 almas. A propriedade de Mabel Sterne ficava em uma ponta da cidade, a um quilômetro e meio da praça central. Para os Lawrence, ela havia escolhido uma casa grande e simples de 180 metros, uma de suas próprias casas. Mas ela também estava tão animada para apresentar seu escritor de estimação à vida indígena que o enviou à Reserva Jicarilla antes que ele e Frieda tivessem tempo suficiente de se ajeitarem e de se acostumarem ao ar rarefeito a 2.130 metros de altura.³⁴⁰

Os Lawrence logo descobriram que a vida em Taos lhes caía bem. Aprenderam a cavalgar e desfrutaram dos passeios equestres, apesar das quedas frequentes e dolorosas, e Lawrence achava que galopar no deserto era profundamente animador. A casa ampla, quatro quartos e uma cozinha, foi lindamente decorada com tapetes e pinturas indígenas; alimentavam-se de comida boa e fresca, faziam geleia de pêssgo e cozinhavam ameixas silvestres. O único inconveniente imediato era a presença próxima da “*padrona*” deles, que relutava em deixá-los a sós. Ela tendia a sufocá-los com uma atenção (em geral) bem-intencionada e a fazer com que participassem de viagens e pequenas aventuras que talvez preferissem não fazer. E também começou a competir com Frieda pelo amor de Lawrence.³⁴¹

O clima ficou cada vez mais pesado conforme a competitividade de Mabel com Frieda se tornou mais agressiva: ela insistiu que Lawrence precisava de “uma nova mãe!”. Ficou claro agora que eles teriam de partir em breve, e Lawrence começou a procurar por um lugar menos opressor para morar. Acabaram encontrando uma moradia tanto apropriada quanto dentro do orçamento: um chalé de madeira com cinco quartos no rancho Del Monte, propriedade de uma família da região, os Hawk. Seria muito menos confortável fisicamente para eles do que a casa em Taos, mas pelo menos não ficariam mais sufocados pelas boas, e más, intenções de Mabel.



MADRI O artista catalão de 18 anos Salvador Dalí se inscreveu para prestar os exames de ingresso da Escola Especial de Pintura, Escultura e Gravura — o departamento de ensino da Real Academia de Belas Artes de San Fernando. Segundo sua autobiografia, *The Secret Life of Salvador Dalí* [A vida secreta

de Salvador Dalí], ele fez uma confusão terrível no exame, que demandava que os candidatos fizessem desenhos de uma das estátuas *Bacchus*, de Jacopo Sansovino, prestando muita atenção às medidas exatas dos esboços completos. No meio do desenho, Dalí percebeu que seu desenho estava pequeno demais, então ele o apagou e começou de novo. O desenho final ficou ainda menor.

Tudo bem: os padrões na Escola Especial não eram tão duros naquela época, e Dalí foi devidamente aceito. Em 30 de setembro, deu início aos estudos formais; inscreveu-se nas aulas “Perspectiva”, “Anatomia”, “Modelagem”, “Desenho de Estátua” e “História da Arte (Antiguidade e Idade Média)”. O mais significativo era que sua entrada na escola o qualificava para se candidatar a uma das instituições mais extraordinárias de Madri — a *Residencia de Estudiantes*, conhecida popularmente como “Resi”.³⁴² Foi ali que cultivou amizades apaixonadas com outros dois jovens que se tornariam as figuras mais celebradas da cultura moderna espanhola: Federico García Lorca e Luis Buñuel.³⁴³

Buñuel foi o primeiro do trio a chegar, ingressando na Resi no outono de 1917; naquela época, teria sido quase impossível para qualquer pessoa adivinhar que ele devotaria sua vida adulta a fazer filmes, muito menos que seria altamente reconhecido como um dos melhores diretores. Aos 17 anos, ele era mais um esportista do que um esteta, e até para os padrões vigorosos e voltados para o ar livre da Resi — onde a doutrina *mens sana in corpore sano* era levada a sério, e o emblema oficial era baseado em uma escultura ateniense antiga conhecida como “Atleta Louro” —, sentia-se que ele cultivava o físico, que já era poderoso, ao ponto do fanatismo.³⁴⁴

Disciplinado no corpo, Buñuel permaneceu irresponsável na mente. Sua falta de vocação nessa época pode ser inferida pela forma casual como transitou de faculdade em faculdade, e do número de anos que levou para se formar.³⁴⁵ A única forma artística pela qual expressou bastante interesse foi a literatura. Adepto da bebida, das conversas e da companhia de homens de pensamento semelhante (as mulheres não participavam da vida intelectual da Resi), logo fez parte de um dos grupos informais de conversas de Madri — *tertulias*. Graças a esse hábito, ele se viu membro de uma das primeiras organizações vanguardistas da Espanha, que produziu uma revista chamada *Ultra* e que adotou o mesmo nome para o movimento. Os heróis do Ultra eram razoavelmente atuais: Apollinaire, Cocteau, Diaghilev (o Ballets

Russes visitou a Espanha em 1916 e 1917), Gris, Marinetti, Picasso e Pierre Reverdy. A revista publicava jovens talentos em ascensão, incluindo — muito antes da fama internacional — o argentino Jorge Luis Borges. A primeira contribuição de Buñuel foi publicada em fevereiro de 1922, época em que já era amigo íntimo de um jovem poeta cujos talentos literários já estavam bastante desenvolvidos: Federico García Lorca.

Lorca, que no consentimento geral é tido como o maior poeta espanhol do século XX, era seis anos mais velho do que Buñuel.³⁴⁶ Os dois se conheceram no outono de 1919, quando o jovem poeta ingressou na Resi enquanto (era o planejado) completava seus estudos na Universidade de Madri. Lorca, que já era autor publicado — seu pai financiou um livro de escritos de viagem, publicado em 1918 —, conquistou a Resi de supetão. “Federico era brilhante e encantador, com um gosto visível pela excelência das vestimentas”, escreveu Buñuel muitos anos depois. “Suas gravatas estavam sempre impecáveis. Com seus olhos negros e reluzentes, tinha um magnetismo ao qual poucos podiam resistir.” De 1920 a 1922, Buñuel de fato foi um assistente de Lorca.

Além de sua boa aparência, roupas alinhadas e carisma, Lorca também era brilhante em suas conversas, um pianista, guitarrista e cantor excelente, um cartunista talentoso e um leitor cativante de seus próprios poemas. Sem dúvida, foi a estrela da geração. No entanto, havia um obstáculo: era gay e teve de manter sua sexualidade um segredo guardado com nervosismo, pois até mesmo no clima tolerante da Residencia, a homossexualidade era um tabu.³⁴⁷

Lorca não era um daqueles jovens chamativos que florescem no campus e depois se perdem mundo afora. Sua carreira evoluía rápido: em 1920, encenou sua primeira grande peça, *O sortilégio da mariposa*; em 1921, sua primeira coleção de poemas, *Livro de poemas*, foi publicada e recebida com uma crítica calorosa na primeira página do jornal liberal mais importante da Espanha, *El Sol*; e no verão de 1922, havia ajudado seu amigo Manuel de Falla a montar o festival flamenco em Alhambra (Cf. 13 de junho). Tudo isso significa que passou pouco tempo na Resi em 1922, apesar de seus colegas fofocarem sobre ele o tempo todo, e apesar de todos estarem em um estado de animação com o prospecto de seu retorno iminente. Dalí, que já estava tímido o suficiente naquele lugar novo, deve ter sentido medo em ter de competir com esse Adônis multitalentoso. Finalmente se conheceram

no começo de 1923.

Por mais que discutissem ideias selvagens nos debates em cafés, os jovens da *Residencia* eram conformistas bem-vestidos. Todos gostavam de ternos no estilo britânico, ou jaquetas de golfe para ocasiões menos formais; tinham cabelos curtos, geralmente cortados no barbeiro do Ritz ou do Hotel Palace. Dalí, por outro lado, adotava um estilo mais próximo aos círculos boêmios da década de 1890, ou de 1960: tinha cabelos longos e bastante emaranhados até os ombros — uma imitação de um autorretrato de Rafael. Usava um chapéu gigante de aba larga, jaqueta de veludo que ia até embaixo dos joelhos, gravatas frouxas, polainas de couro e um sobretudo que ia até o chão, e ainda carregava uma bengala dourada. Visto que era tão tímido que lhe causava agonia — um contraste extraordinário com o exibicionista extrovertido de anos mais tarde —, parecia também ser extremamente solene.³⁴⁸

Amigo improvável de Buñuel, portanto. Mas Dalí oferecia inúmeros tipos de profundidades para aqueles que quisessem olhar além do exterior silencioso e desajeitado,³⁴⁹ e o grupo de Buñuel o aceitou com entusiasmo. No final do primeiro período na Resi, ele já havia começado a se juntar a Buñuel para algumas de suas caminhadas noturnas por Madri — experiências registradas em uma aquarela daquela época intitulada *Sueños noctámbulos* [Sonhos sonâmbulos]. Ele respondeu a essa popularidade inesperada mudando seu estilo completamente, e dentro de semanas havia cortado os cabelos revoltos em um estilo Valentino e passado a gostar de vodca e de jazz; em geral, atuou como se fosse um jovem mauricinho.

Quando finalmente conheceu Lorca, no começo de 1923, os dois jovens se entenderam bem quase imediatamente ao descobrirem o quanto tinham em comum: amor pela França, ódio pela Alemanha, a infância cheia de música folk e canções, gosto pela poesia de Ruben Dario, a raiva em relação à injustiça social... e uma carga de incerteza e preocupação sobre sua identidade sexual. A amizade entre eles ficou cada vez mais íntima e passional, embora Dalí de vez em quando a interrompesse e ficasse de mau humor por muito tempo, geralmente porque ficava com muito ciúme da facilidade social de Lorca e ciente das suas próprias inadequações. No fim, o amor virou ódio, principalmente entre Buñuel e Dalí; mas isso aconteceu anos mais tarde. Por enquanto, os três eram inseparáveis.³⁵⁰

12 DE SETEMBRO

LONDRES Em uma carta para o crítico literário e político escocês J. M. Robertson (1856-1933), Eliot escreveu: “De fato houve uma época em que eu conhecia o sr. Murry muito bem, quando eu estava trabalhando com ele no *Athenaeum*. Desde então, as diferenças de opinião nos afastaram e ele me tratou em seus escritos públicos ou com óbvia condescendência, ou com insinuações disfarçadas.”



ALEMANHA Jung conheceu Richard Wilhelm — que na década de 1960 ficou famoso no mundo todo como o tradutor do *I Ching* — na Escola de Sabedoria, em Darmstadt. Mais tarde, ele classificaria esse encontro como “um dos eventos mais significativos da minha vida. (...) De verdade, eu me sinto tão mais enriquecido por ele que é como se tivesse recebido mais dele do que de qualquer outro homem”. E declarou ainda: “Vejo Wilhelm como um daqueles grandes intermediários gnósticos que fizeram com que o espírito helênico entrasse em contato com o Oriente, causando assim a ascensão de um novo mundo a partir das ruínas do Império Romano.”



INGLATERRA Sydney Schiff apresentou Wyndham Lewis a Katherine Mansfield, que estava à beira da morte. Não foi um encontro feliz. Sem prestar atenção ao sofrimento dela, ele começou a discutir ferozmente e fez comentários que ela achou brutalmente cruéis. Fez avaliações obtusas sobre suas limitações como escritora, e riu do encantamento dela com “o tubarão psíquico do Levante” — Gurdjieff. Até mesmo o insensível Lewis logo percebeu que havia passado dos limites, e apesar de não conseguir fazer um pedido de desculpas, suas próximas cartas aos Schiff fizeram referências cômicas ao encontro com Mansfield, culpando-a de arrumar confusão com ele. Alguns dias depois, Lewis visitou os irmãos Sitwell em sua casa em Renishaw, perto de Sheffield.

13 DE SETEMBRO

SÍRIA A alta temperatura de 57,8° Celsius (136,4° Fahrenheit) foi registrada em

El Aziza.



ESMIRNA A mais terrível atrocidade militar do ano aconteceu perto do fim da guerra entre Grécia e Turquia. De 13 a 15 de setembro, grandes incêndios — quase certamente iniciados por tropas turcas — tomaram Esmirna, destruindo a maioria dos prédios e matando cerca de cem mil homens, mulheres e crianças. Quando os primeiros leitores de *A terra devastada* encontraram a referência de Eliot a um mercador de Esmirna, o nome do lugar chamaria atenção deles como uma forma de horror temático.

Ernest Hemingway foi enviado para cobrir a guerra, mas apesar de seu resumo panorâmico desses eventos anos mais tarde — “No outono [de 1922] fui para Constantinopla, Anatólia, Esmirna, Thrace etc., como correspondente de guerra para o *The Toronto Star* e o *International News Service*” —, o conflito terminou antes que ele pudesse chegar. Seu primeiro registro enviado de Constantinopla data do fim de setembro.

14 DE SETEMBRO

ESTADOS UNIDOS Em algum momento nas últimas horas de 14 de setembro, ou nas primeiras horas do dia 15, um pastor episcopal e sua amante foram mortos a tiros em um bosque não muito longe das casas deles em New Brunswick, Nova Jersey. Ele era o reverendo W. Hall, 41 anos, da igreja de São João Evangelista; ela era Eleanor Mills, 34, uma cantora casada do coro da igreja. Os corpos só foram encontrados no domingo de manhã, quando os vermes já estavam fazendo seu trabalho; mesmo assim, foi fácil para o delegado determinar a extensão das feridas. O reverendo Hall recebeu uma única bala na cabeça; mas a sra. Mills não só levou cinco tiros — um embaixo do olho direito, um na orelha esquerda e três na têmpora direita — como também foi mutilada: tanto sua língua quanto sua laringe foram cortadas e jogadas fora, como se caçoando dos seus dotes como cantora.³⁵¹

O caso entre o reverendo Hall e a sra. Mills já acontecia havia cerca de quatro anos, e era de conhecimento público na vizinhança; havia também rumores de que o casal esteve à beira de fugir junto. A empregada dos Hall reportou que Eleanor havia ligado para a residência de Hall mais ou menos às 7 da noite do dia 14, e que o

reverendo saiu logo em seguida dizendo que ia ver a sra. Mills por causa de uma conta médica. O sr. Mills, o traído, disse que a esposa deu uma risadinha para ele antes de sair sozinha; ele tentou encontrá-la às 11 da noite e novamente às 2 da manhã, mas não conseguiu. Na manhã seguinte, ouviram o irmão da sra. Mills, Willie Stevens — 50 anos, e considerado deficiente mental — dizendo que “alguma coisa terrível” havia acontecido naquela noite.

Os principais suspeitos foram Willie Stevens (um cartucho de .32 foi encontrado perto dos corpos, e Willie tinha uma pistola .32); seu irmão Henry Stevens, um atirador conhecido; e um primo deles, Henry Carpender. Outro homem foi preso por pouco tempo, e liberado. Os rumores correram por todos os lados, e um deles sugeria, de maneira obscura, um envolvimento com a Ku Klux Klan. Por fim, a sra. Hall foi acusada de ter coordenado o assassinato brutal com a ajuda de Willie e Henry Carpender, mas o julgamento foi encaminhado de maneira tão deficiente que o caso foi suspenso até 1926, quando o marido da empregada dos Hall disse que sua esposa recebeu uma oferta de 5 mil dólares para ficar calada. O caso foi reaberto, e dessa vez incluiu o depoimento da chamada “Mulher Porco”, que alegou ter testemunhado o assassinato, e confirmou ter visto o trio acusado matando o casal. Infelizmente, para a acusação, a declaração que ela deu em 1926 foi radicalmente inconsistente com a que tinha dado em 1922, então o caso foi novamente suspenso. E permanece não solucionado.



ESTADOS UNIDOS/REINO UNIDO *Babbitt*, o último romance de Sinclair Lewis (1885-1951), foi publicado nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha simultaneamente. O editor americano, Alfred Harcourt, esperava que o romance fosse virar um best-seller imediato, e a primeira tiragem teve generosos 80.500 exemplares.³⁵² E ele não se decepcionou: a edição de capa dura vendeu 250 mil exemplares, e a segunda edição, bem mais que um milhão. Apenas alguns anos antes, tal triunfo teria parecido extremamente improvável para Sinclair, que passou a maior parte dos anos desde que se formou dando duro em empregos de baixos salários na área do jornalismo, ou relacionados a ela, escrevendo contos e um punhado de romances negligenciados. Mas a publicação de seu romance *Rua principal* o levou

diretamente para o primeiro escalão de autores norte-americanos, e *Babbitt* foi uma sensação ainda maior, cuja proeminência foi inflada tanto pelos cidadãos indignados que achavam que Lewis era um antiamericano vil e cáustico quanto pelos que ficaram admirados com seus poderes de sátira, observação e construção narrativa.

Babbitt — a palavra entrou quase imediatamente para o vocabulário do norte-americano, onde ainda existe como termo literário para um membro da classe empresarial que é metido, moderadamente próspero e de mente fechada — é um retrato sarcástico de um medíocre e desagradável empresário, George F. Babbitt, que vive, trabalha e se sente totalmente contente consigo mesmo em Zenith, cidade do Meio-Oeste: um amálgama de vários lugares familiares a Sinclair devidos às suas viagens, embora Cincinnati, em Ohio, seja um dos modelos mais óbvios.³⁵³

A impressão era a de que não havia como entrar em um bar, igreja ou ponto de ônibus sem escutar as pessoas, muitas das quais mal haviam lido outros romances, discutindo amargamente sobre os pecados e as glórias de *Babbitt*.³⁵⁴ Os que não estavam enraivecidos ou horrorizados pelo livro ficavam, em geral, impressionados, tanto pela vitalidade da prosa de Sinclair quanto pela precisão de seu ponto de vista sobre as mentes da “bubesia”,³⁵⁵ como Mencken chamou Babbitt e seu tipo de gente. Várias críticas foram desvarios; Lewis gostou particularmente do comentário de Rebecca West para o *New Statesman*: “Tem aquele algo mais, maior e superior, que compõe uma obra de arte, e é assinalado em cada frase com a personalidade única do autor.”

Cartas congratulatórias chegaram do mundo todo, e várias escritas por grandes figuras. Da Inglaterra, H. G. Wells disse a Lewis que

Babbitt é um dos melhores romances que li em um bom tempo. Ele é o que chamamos de “criação”, mas o que realmente queremos dizer é que é uma realização completamente individualizada de um tipo que até agora era indefinido. Ele é o próspero empresário americano comum *capturado*. (...) Eu o parabeno com gestos de respeito e afeição. Eu gostaria de ter escrito *Babbitt*.

Somerset Maugham escreveu de Bangcoc: “Acho que é um livro muito melhor do que *Rua principal* em diversos aspectos. Me parece

uma obra de arte mais completa e arredondada; é claro que li com interesse e prazer, mas, e isso não vai lhe causar surpresa, também com horror.” E Edith Wharton — a quem Sinclair dedicou o romance — admitiu que preferia *Rua principal*, mas que

há muito mais vida & brilho & abundância no livro novo; você deve ter sentido um controle mais estranho sobre ele, & um fluxo mais rico. Eu me pergunto o quanto o público americano, para o qual a ironia se tornou tão ilegível quanto chinês, vai sentir disso, mesmo remotamente? (...)

Obrigada novamente por associar meu nome a um livro que admiro e aplaudo com tanto carinho.

No fim do ano, Lewis era amplamente reconhecido como um dos principais romancistas dos Estados Unidos — embora outros mais jovens, como Fitzgerald e Hemingway, estivessem emergindo rapidamente. Quando recebeu o Nobel em 1930, a citação — apesar de resumir cinco de seus romances principais em detalhes — indicava com força que o prêmio estava sendo concedido não por *Rua principal* ou *Elmer Gantry*, mas por *Babbitt*.

17 DE SETEMBRO

RÚSSIA A Rádio Moscou entrou no ar, usando um dos transmissores mais poderosos do mundo.

18 DE SETEMBRO

SUÉCIA *Häxan*, o filme estranho e quase inclassificável de Benjamin Christensen, foi lançado. O filme foi banido nos Estados Unidos e em vários outros países por causa das cenas de nudez, tortura e perversão sexual sugerida; a estreia norte-americana só aconteceu em 17 de maio de 1929. É um dos poucos filmes feitos em 1922 que ainda é frequentemente assistido e discutido. É também o único filme conhecido com direção de Christensen (1879-1959), embora tenha desenvolvido uma carreira prolífera no cinema em quatro países diferentes.³⁵⁶

Christensen levou *Häxan* à indústria cinematográfica sueca em grande parte porque teria sido muito caro para a Dinamarca.³⁵⁷ Passou

quase três anos pesquisando, desenvolvendo e fazendo o filme, que foi inspirado em sua descoberta do livro do século XV *Malleus Maleficarum* — “Martelo para bruxas” — em uma livraria de Berlim. O filme finalizado, que totalizou 104 minutos, combinava sequências estáticas e baratas, no estilo salão de palestras, com vinhetas dramáticas, algumas de poder incomum e esquisitice clara.

Em termos gerais, o filme tem quatro movimentos. O primeiro é uma amostra ilustrada da cosmologia ancestral, paraíso e inferno, a origem da crença em demônios e daí por diante. O segundo ilustra algumas superstições medievais sobre bruxas e o Demônio.³⁵⁸ O terceiro é essencialmente uma narrativa longa sobre a crueldade, a hipocrisia e a malícia da perseguição às bruxas por parte da Igreja medieval. A seção final, que se passa no tempo presente, combina material documentário de senhoras com doenças mentais que, em uma era menos iluminada, teriam sido queimadas em vez de levadas para asilos, e pequenos dramas sobre doenças psicológicas modernas, como o sonambulismo e a cleptomania. A conexão é que grande parte do que eras antigas entenderam como possessão demoníaca era, na verdade, doença mental.³⁵⁹

Conforme fica claro, a missão oficial do filme, digamos assim, foi desbancar a ignorância fanática e celebrar a ciência e a compaixão. Mas se havia hipocrisia entre os defensores da Igreja, há algo bem parecido com isso em *Häxan*, que se demora com carinho nos instrumentos de tortura, nas curvas das mulheres peladas vistas por trás, nos conventos cheios de freiras saltitantes (uma predição de *The Devils* [Os demônios], de Ken Russell) e nos efeitos grotescos chocantes. Em suma, assim como nas imagens de pornógrafos e pervertidos nos tabloides, para causar emoção e formigamentos o filme oferece os mesmos elementos que pretende tomar com desprezo horrorizado. Não surpreende que tenha sido um grande sucesso.³⁶⁰

Pouco tempo depois do lançamento triunfante desse filme, Christensen foi capturado pela empresa de filmes UFA e levado para dirigir na Alemanha. Em 1924, foi seduzido a trabalhar para a MGM em Hollywood, e depois para a Warner Brothers. Mas Hollywood não era para ele, e acabou voltando aos palcos e telas da Dinamarca. Hoje, é amplamente considerado um dos maiores diretores do país, talvez ficando atrás apenas de Carl Theodor Dreyer.



HUNGRIA Depois de anos de caos e derramamento de sangue, a Hungria finalmente foi reposicionada em certo grau de estabilidade por seu novo primeiro-ministro, o conde Istvan Bethen. Os quatro anos anteriores foram um pesadelo para o país: depois do colapso da monarquia em 1918, sofreu invasões em grande escala da Sérvia, da Tchecoslováquia e da Romênia. O Partido Comunista nacional havia estabelecido um Soviete Húngaro, que não durou muito, ferozmente contrariado e finalmente derrotado por elementos “Branco”, e causando um terror tanto Vermelho quanto Branco. O Tratado de Trianon de 1920 envolveu a desistência, por parte da Hungria, de 2/3 de seus territórios pré-guerra, incluindo os que continham a maior parte da sua indústria. Levar o país de volta à ordem depois dessas turbulências foi memorável; mas qualquer alívio sentido pelo povo húngaro logo foi amargado pelo início de uma hiperinflação pior ainda do que aquela que atormentou Weimar.



PARIS Joyce estava agora de volta à cidade e tentou marcar uma consulta com o dr. Bosch, porém descobriu que ele ainda estava em férias de verão. Preso em Paris, Joyce de repente começou a achar o caos do número 9 da rue de l’Université deprimente demais para suportá-lo, então assinou um contrato (a começar em primeiro de novembro) para alugar um apartamento mobiliado na avenue Charles Floquet, 26.

“Sempre tenho a impressão de que é noite”, disse para seu jovem amigo, o poeta Philippe Soupault, que em poucos anos seria um membro consagrado do movimento surrealista. Comentava-se que os olhos de Joyce estavam permanentemente vermelhos.



IRLANDA A edição de setembro do *Dublin Review* publicou um artigo sobre *Ulisses* sob autoria de “Domini Canis” (“O Cão do Senhor”) — isto é, Shane Leslie.³⁶¹

Era um artigo enraivecido, às vezes até engraçado. O Cão do Senhor começou rosnando sobre a impertinência da declaração de Valéry Larbaud, que dizia que com *Ulisses* a “Irlanda reintegra de maneira

sensacional a alta literatura europeia”, e sobre a maneira servil com que os críticos ingleses, como Middleton Murry e Arnold Bennett, pareceram engolir a frase do francês. *Ulisses*, continuou ele, era nada mais do que “uma paródia medrosa de pessoas, acontecimentos e vida íntima do tipo mais mórbido e nojento de descrição... *écrasez l’infâme!*”

Depois de deixar isso bem claro, Leslie lançou um ataque pesado contra a obra “ofensiva em termos espirituais” — um “Cuchulainn do esgoto”, um “Ossian da obscenidade”.³⁶² Comentou que o livro ainda não havia sido inserido no *Index Expurgatorius*, porém esperava ansiosamente que logo fosse, e declarou que nenhum católico “pode se dar ao luxo de ser possuído por um exemplar desse livro, pois em sua leitura reside não apenas a descrição mas também a comissão de um pecado contra o Espírito Santo”. E se a posse era um mal espiritual para leitores católicos, o livro de Joyce devia ser visto em geral como “a arenga de um possuído”.

Leslie prosseguiu nessa veia vívida e mordaz, jorrando desprezo sobre “jovens diletantes em Paris ou Londres” que estavam alegando compreender um livro de tamanha blasfêmia católica. Depois de conceder que Joyce era capaz de se erguer à ocasional felicidade verbal, finalizou em uma lufada vingativa de negativas:

Não há dúvidas de que esse livro foi escrito para fazer anjos choramingarem e para entreter monstros, mas não temos certeza se “aqueles anjos da Igreja prontos para a batalha, o exército de Miguel” não vão rir alto quando virem o fracasso desse Titã frustrado conforme orbita e balbucia em vão sob a enchente do seu próprio vômito.



DINARD Olga Picasso ficou doente de repente e teve de ser levada às pressas de volta a Paris para uma cirurgia de emergência, possivelmente por causa de um aborto espontâneo. A viagem de carro de Dinard foi desconfortável para a família toda: Picasso ficou colocando bolsas de gelo na cabeça de Olga, ao passo que Paolo sofreu muito de enjoo por conta do movimento do carro.

Pouco depois da cirurgia de Olga, Picasso voltou a Dinard sozinho para pegar as pinturas que havia feito desde julho. Seu retorno causou

um grande murmurinho na imprensa local, visto que havia comprado um novo carro luxuoso, um Panhard, e contratado um motorista.³⁶³ Para seus inimigos, ou para os amigos mais pesarosos, isso era um sinal de que sua transição para uma vida elegante e burguesa sob a influência de Olga agora estava completa. Também foi o momento, como nota John Richardson, em que ele finalmente passou de meramente rico e famoso para uma celebridade moderna no auge — alguém cujas menores atividades eram sempre merecedoras de uma notícia.

De volta ao estúdio de Paris, Picasso começou a pintar em um pedaço de prancha de madeira de cerca de quarenta centímetros de largura. O tema da pintura eram duas das mulheres imensas que recentemente haviam entrado em seu repertório, correndo em uma praia, mãos para cima, cabelos esvoaçantes, peitos monumentais.³⁶⁴ Essa imagem poderosa provavelmente é o trabalho mais conhecido de Picasso de 1922; ele a tinha com carinho especial, e a colocou junto com um número seletivo de outras obras que jamais venderia ou daria.

21 DE SETEMBRO

LONDRES Eliot escreveu uma carta longa e agradecida para John Quinn, cujos esforços diplomáticos finalmente haviam resolvido a situação complicada de quem, quando e como *A terra devastada* seria publicada nos Estados Unidos. Disse ainda:

Sempre que fico muito cansado ou preocupado, reconheço todos os velhos sinais prontos para aparecerem caso eu dê qualquer oportunidade, e me vejo no esforço contínuo de tentar suprimir um horror e uma apreensão vagos, porém intensamente agudos. Talvez a maior maldição da minha vida seja o barulho e as associações que a imaginação sugere imediatamente com vários barulhos.

Será que os críticos já se deram conta dessa sensibilidade mórbida aos barulhos da vida na cidade como inspiração central para a forma de *A terra devastada* — uma montagem de diferentes vozes e sons?



IRLANDA Yeats e sua esposa deixaram Thoor Ballylee para se estabelecerem em sua nova grande casa: Merrion Square, 82, Dublin.



ITÁLIA O conde Harry Kessler visitou um velho amigo, que agora vivia em um tipo de exílio autoimposto em Rapallo: Edward Gordon Craig, o lendário diretor e homem do teatro. O último encontro dos dois havia acontecido em 1914, mas Craig se espantou com a impressão de que Kessler mal havia envelhecido. Craig, sua esposa e os dois filhos viviam de maneira modesta na cidade havia cinco anos, desde o fracasso da escola de teatro deles em Florença.³⁶⁵ Viviam com a esperança constante de encontrarem um patrono rico. Enquanto isso, a casa — coberta por Craig com lona cinza e entupida de estantes de livros voltados para a história do teatro, balé e fantoches — era como um pequeno monastério dedicado à arte deles. Apesar da admiração profunda por Craig, Kessler achou que havia alguma coisa infantil naquilo: “Foi como visitar uma creche, principalmente quando a sra. Craig e o filho Teddy vieram com umas opiniões fascistas sanguinolentas.” E concluiu:

É quase trágico ver esse gênio indubitável, cuja visão e ideias inspiraram o teatro do mundo todo nos últimos vinte anos, da Rússia passando pela Alemanha e França até os Estados Unidos, sem exercer seus dons, vivendo como um exilado em uma ilha enquanto teatros de festivais, exibições internacionais de drama e revoluções em produção teatral ainda lucram com o seu capital.



ATENAS Após a derrota do Exército grego por parte dos turcos, o rei Constantino I da Grécia (1868-1923) abdicou do trono e se exilou. Foi sucedido pelo filho, Jorge II. O exílio de Constantino não durou muito: morreu em Palermo, na Sicília, apenas quatro meses depois.

22 DE SETEMBRO

PALESTINA Com a aprovação da Liga das Nações, este dia marcou o começo do mandato britânico na Palestina e na Transjordânia, que até pouco tempo antes estavam sob o controle do Império Otomano. A Liga também aprovou

um memorando do lorde Balfour que eximia a Transjordânia das cláusulas do mandato referentes à criação de um lar para o povo judeu e à facilitação da imigração e do assentamento de terra por parte do mesmo.³⁶⁶



NOVA YORK Um artigo que dizia ser baseado em uma longa entrevista com Rudyard Kipling foi publicado em um jornal de Nova York. Segundo esse artigo, Kipling havia expressado uma hostilidade amarga contra os Estados Unidos por conta de sua entrada tardia na guerra, entre outros motivos. Kipling publicou negações firmes dizendo que nunca disse tal coisa ao jornalista, mas o estrago em sua reputação no país foi grave.



NOVA YORK Fitzgerald publicou *Seis contos da Era do Jazz*. Em uma carta a Max Perkins, dois meses antes, escreveu que “não acho que um cardápio tão sortido quanto essas 11 histórias, noveletas, peças e um burlesque já tenha sido servido na história das publicações”. Incluía “O diamante do tamanho do Ritz” e “O curioso caso de Benjamin Button”.

23 DE SETEMBRO

BERLIM A Sétima Conferência Internacional de Psicanálise aconteceu entre 23 e 27 de setembro. Freud apresentou o artigo “Alguns comentários sobre o inconsciente”. Foi a última palestra que deu em uma conferência.

25 DE SETEMBRO

PARIS O jovem poeta René Crevel — então com 22 anos — foi até o apartamento de Breton no número 42 da rue Fontaine com planos que eram estranhos até mesmo para os padrões dessa morada nada convencional. Apenas algumas semanas antes, Crevel havia passado férias com a família na Normandia. Várias coisas estranhas aconteceram ali, ou foi o que alegou: primeiro, uma jovem na praia implorou que ele pressionasse gerânios entre seus seios. Depois, foi em uma reunião espírita com a mesma menina e sua mãe, onde ele desmaiou e deu voz a certas frases misteriosas, como se

possuído. Teoricamente, Crevel e Breton estavam brigados, visto que Crevel se uniu a Tzara no amaldiçoado Congresso de Paris, mas quando se encontraram Crevel mencionou a reunião na Normandia e Breton concordou que o experimento devia ser repetido.

Na sala dos Breton, Crevel se juntou ao trio Robert Desnos (outro jovem poeta que também tinha 22 anos), André e Simone Breton. As luzes foram apagadas, mãos se uniram e Crevel de fato desmaiou. Nas palavras de Simone:

Está escuro. Estamos todos ao redor da mesa em silêncio, mãos esticadas. Mal se passam três minutos e Crevel já dá suspiros roucos e faz exclamações vagas. Depois começa a contar uma história horrível com um tom forçado e de declamação. Uma mulher afogou o marido, mas ele pediu que ela o fizesse. “Ah! Os sapos! Pobre louca. Loucaaaaa...” Sotaques dolorosos, cruéis. Selvageria nas mais singelas imagens. Um pouco de obscenidade também, (...) nada se compara ao horror. Apenas as passagens mais aterrorizantes de *Maldoror* podem dar-lhes uma ideia.

Se Crevel tinha dons excepcionais como médium, não permaneceram sua propriedade exclusiva por muito tempo. Três dias depois, Desnos caiu em um estado similar de transe e respondeu por meio de escrita às perguntas feitas por outras pessoas.³⁶⁷ Além de alguns textos poderosos e sem lógica, ele conseguiu improvisar um soneto de perfeição formal. (Ou teria preparado o texto antes?)

Começou a febre. Quase todas as noites nas duas semanas seguintes, o apartamento dos Breton era palco dessas reuniões, ou, como ficaram conhecidas, desses “ataques sonolentos”. Logo ficou claro — se já não estava claro desde o início — que Crevel e Desnos estavam competindo pela atenção e aprovação de Breton: Desnos acusava Crevel de forjar seus transes; Crevel empurrou Desnos com tanta força que a cabeça do rival bateu na prateleira acima da lareira.³⁶⁸ Essa bagunça toda não escapou à atenção dos vizinhos, e Simone teve de subornar a zeladora quando foi dar voz a protestos. Mas os Breton não tinham intenção de desistir desse novo jogo cativante, embora as sessões geralmente os deixassem exaustos e ansiosos.³⁶⁹

Qual foi o nível de seriedade com que Breton recebeu esses fenômenos “psíquicos”? Ele certamente ficou frustrado com sua própria incapacidade de atingir estágios de transe, e sem dúvida tinha

ciência de que alguns dos dorminhocos, principalmente Crevel e Desnos, estavam simplesmente cortejando sua atenção.³⁷⁰ A situação atingiu o ápice certa noite — não na rue Fontaine — quando dez participantes entraram em transe simultaneamente e fizeram uma tentativa em massa de se enforcar. Breton acordou todos bruscamente. Essas manipulações com outras vozes estavam virando crises morais sérias, e até um possível perigo absoluto. Quando Breton teve a oportunidade de tirar um período breve de férias na Espanha, estava mais do que pronto para dar um tempo.

27 DE SETEMBRO

LONDRES E. M. Forster escreveu ao seu amigo indiano mais íntimo, Syed Ross Masood — quase certamente o modelo principal para o personagem de Aziz em *Uma passagem para a Índia*, e provavelmente amante de Forster por um curto período de tempo —, explicando as dificuldades que estava tendo com a composição do romance. O tom do livro se tornou mais obscuro do que havia programado: ele se sentia muito mais infeliz em relação aos britânicos depois do massacre de Amritsar, mas também estava menos encantado com os indianos do que esteve um dia:

Quando comecei o livro, imaginei-o como uma pequena ponte de simpatia entre Leste e Oeste, mas essa concepção teve de ir, meu senso de verdade proíbe qualquer coisa tão confortável. Acho que a maioria dos indianos, bem como a maioria dos ingleses, é uma merda, e não estou interessado se simpatizam ou não uns com os outros. Não estou interessado enquanto artista; é claro que o meu lado jornalístico ainda se anima com essas questões...



SUÍÇA Le Corbusier enviou uma carta a “Mademoiselle Yvonne Gallis, chez M. Ed. Jeanneret, 20 rue Jacob”, Paris — em outras palavras, para o seu próprio endereço. É a primeira evidência documentada de que sua amante, Yvonne Gallis, agora morava com ele. Le Corbusier — um celibatário em agonia por muitos anos, com medo demais de mulheres para fazer insinuações, perturbado demais por seu contexto calvinista para lidar com prostitutas e manter a consciência limpa — finalmente descobriu o amor de verdade e o

sexo regular. Embora mais tarde tenha-se sugerido que ele conheceu Yvonne em um bordel, a verdade era menos excitante e sórdida. Ele a conheceu no final de 1919, ou no começo de 1920, quando ela estava trabalhando como vendedora e modelo na Jove, uma loja de alta-costura, onde Le Corbusier — com seu nome real, Charles-Edouard Jeanneret — havia exibido algumas pinturas.³⁷¹ Se 1922 foi o *annus mirabilis* da vida amorosa de Le Corbusier, também foi uma época significativa em seu desenvolvimento intelectual e artístico. Foi no Salon d'Automne desse ano que divulgou publicamente pela primeira vez a sua visão para uma cidade de 3 milhões de habitantes, e seus desenhos para o que chamou de Maison Citrohan.³⁷² Vinha elaborando esse esquema em uma série de artigos publicados entre 1920 e 1922 na revista que coeditava, a *L'Esprit Nouveau*. Um desses artigos usava uma frase que se tornaria notória: “É necessário considerar a casa como uma máquina onde se vive.”

Algumas pessoas acharam a ideia da casa máquina arrepiante, embora as intenções de Le Corbusier fossem totalmente humanas; sua inclinação era algo claro e, para ele, belo. Uma morada Citrohan básica tinha a forma de uma gigante caixa de sapato, e seu elemento principal era uma sala de dois andares banhada pela luz de uma parede feita quase toda de vidro. A cozinha e o quarto de empregada — notem a expectativa de serventes domésticos — estariam em um espaço nos fundos da casa; uma escadaria em espiral conectaria esses cômodos ao andar de cima, que teria quarto, banheiro e quarto nupcial. O telhado plano da casa serviria como terraço solar (notem a expectativa de um clima quente), e haveria espaço para dois quartos de hóspedes, com acesso por meio de escadas externas. Esse desenho simples era, acreditava Le Corbusier, o fundamento para uma existência rica, variada e feliz. Apesar de as formas dos desenhos mudarem nos cinquenta anos que se seguiram, os valores que imaginaram a Maison Citrohan permaneceram consistentes.

29 DE SETEMBRO

MUNIQUE *Tambores da noite*, de Brecht — sua primeira peça a ser produzida —, estreou em estilo expressionista no Munich Kammerspiele. Foi dirigida por Otto Falkenberg, com cenário de Otto Reigbert, e foi um sucesso imediato.

O crítico Herbert Ihering saiu de Berlim para ver o motivo de tanto

estardalhaço, e ficou estupefato. No *Berliner Börsen-Courier* de 5 de outubro, escreveu que “aos 24 anos, o escritor Bert Brecht mudou a face literária da Alemanha da noite para o dia. Bert Brecht deu à nossa era um novo tom, uma nova melodia, uma nova visão”. Ihering notou “o sentido físico de caos e decadência” de Brecht, e elogiou “a força incomparavelmente criativa da sua linguagem. É uma linguagem que dá para sentir na língua, nas gengivas, nos ouvidos, na coluna...”

Ihering seria jurado do prêmio Kleist daquele ano — até sua extinção em 1932, o prêmio literário mais importante da Alemanha. Sem surpresas, em 13 de novembro o jornal dele anunciou que o vencedor do prêmio de 1922 era Brecht, não apenas por *Tambores da noite* mas também por suas peças não produzidas, *Baal* e *Na selva das cidades* — obras nas quais, declarava a citação, os poderes linguísticos de Brecht eram expostos de maneira ainda mais ampla. “Sua linguagem é vívida sem ser deliberadamente poética, simbólica sem ser literária em excesso. Brecht é um dramaturgo porque sua linguagem é sentida fisicamente e no entorno.”³⁷³

30 DE SETEMBRO

TURQUIA Em 30 de setembro, Hemingway chegou a Constantinopla, registrou-se no Hotel de Londres e quase imediatamente contraiu malária. No decorrer das duas semanas seguintes, enviou alguns comunicados agonizantes para casa e viu horrores que ficariam com ele durante muitos anos.

³³². A sensação local de um bem-estar relativo era claramente uma ilusão: por um curto período, as pessoas ainda conseguiam comprar comida porque os comerciantes estavam vendendo os produtos a preço de fábrica, que era menos do que metade dos preços integrais que foram pagos em sua compra. Quanto tempo essa forma insana de economia duraria? Meses? Semanas?

³³³. Mesmo aqui, o assunto da inflação era inevitável. Ele construiu uma piada elaborada sobre uma corrida entre a habilidade de um hoteleiro suíço de elevar os preços “com a graça e leveza de um vagão de trem” e a queda cada vez maior do marco; e finalizou com uma referência temática a Einstein: “Apesar de ser o meio monetário que está em uso diário no lar einsteiniano, o marco ainda parece afetado pelas leis da gravidade.”

³³⁴. O suborno o deixou sem nenhum tostão — um estado do qual escapou e depois voltou a vivenciar quando ganhou quarenta dólares em um jogo de cartas, mas gastou o prêmio todo em champanhe para os outros passageiros. No meio da semana, ficou entediado com o estilo econômico de viajar, então se arrumou com

roupas de festa e jantou caviar, sopa de vitela e torradas, até que um inspetor de bordo pediu que ele se retirasse.

335. Mais tarde, eles se mudaram para um apartamento na rue des Belles Feuilles.

336. A obra de Lloyd não sobreviveu tão bem quanto as de Keaton e Chaplin, em grande parte por causa da recusa, no fim da vida, em vender os filmes para amostras na televisão a preços suficientemente baixos. Essa política fez com que várias gerações crescessem sem assisti-lo. Em 1922, no entanto, ele era um rival comercial de peso para as outras duas estrelas, e foi chamado várias vezes de “Terceiro Gênio” da comédia muda americana. Apesar de seus filmes geralmente não se saírem tão bem quanto os de Chaplin na bilheteria, ele fez mais filmes, quase duzentos, e a persona que desenvolveu para as telas era tão conhecida do público da década de 1920 quanto o vagabundo de Chaplin e o estoico de Keaton.

337. Sugeriu-se certa vez que a aparência de Clark Kent, o alter ego delicado e quatro-olhos do Super-homem, foi inspirada no personagem de óculos de Lloyd.

338. Uma das imagens mais conhecidas da era do cinema mudo é a do personagem de óculos pendurado precariamente nos ponteiros de um relógio gigante em *Safety Last*.

339. Lembrado hoje, se é que é lembrado, como poeta e ensaísta, Blunt trabalhou para o Serviço Diplomático Britânico de 1858 a 1869 — o ano em que se casou com uma das netas de lorde Byron. Era um anti-imperialista fervoroso, e um defensor importante da independência irlandesa, mas também desfrutava das vantagens da vida aristocrática. Ele e sua esposa viajavam extensivamente na Europa, no Oriente Médio e na Índia; ambos eram apaixonados por cavalos, especialmente árabes, então cofundaram um haras. Ele tinha inúmeras amantes.

340. Lawrence — em busca do primitivo, do autêntico, de deuses obscuros — não quis reclamar. “Nunca vou me esquecer”, escreveu mais tarde, “de quando tive o primeiro contato com os Homens Vermelhos, dentro do país dos Apaches. (...) Foi uma espécie de choque. Novamente, alguma coisa se quebrou dentro da minha alma, abrindo caminho para uma escuridão mais amarga, um despertar pungente ao passado perdido, escuridão antiga, novo terror.”

341. Mabel era inegavelmente generosa, mas mesmo quando não estava tentando seduzir Lawrence para afastá-lo de Frieda, demandava um preço alto em lealdade e gratidão, e em determinado momento chegou a demandar que Lawrence escrevesse um romance sobre a “descoberta” que ela fez do Taos. “Quis que Lawrence entendesse as coisas por mim”, escreveu ela mais tarde. “Que tomasse a *minha* experiência, o *meu* material, o *meu* Taos e formulasse tudo isso em uma criação magnífica.” Ele fez uma tentativa não muito empolgada, mas logo parou; esses restos sobrevivem em um fragmento conhecido como “The Wilful Woman” [A mulher determinada]. Ele deixou sua tarefa e retomou o manuscrito abandonado de *Estudos sobre a literatura clássica americana*, reescrevendo e finalizando a obra inteira em um estilo pungente e aforístico no final do ano. Mabel começou a trazer lembranças agourentas da benfeitora anterior, Ottoline Morrell, embora Mabel fosse muito mais exigente; de fato, em alguns momentos era uma intimidadora absoluta. Pior ainda, ele começou a achar que ela era uma *strega*: uma bruxa.

342. Inspirada diretamente nos sistemas de colegiado de Oxford e de Cambridge, a *Residencia de Estudiantes* era uma instituição única na Espanha. Teve seu início como uma ramificação de uma escola secundária progressista fundada em

1876 por um grupo de professores universitários visionários, com o objetivo de ser solo fértil para um novo tipo de cidadão espanhol — europeizado em vez de deliberadamente provincial, secular em vez de dominado pela Igreja Católica, liberal em vez de monárquico e reacionário. A escola teve um impacto enorme na cultura espanhola, bem desproporcional em relação ao seu tamanho, e foi uma força proeminente ao levar o país para o mundo moderno. Sua ramificação igualmente influente, a Resi, teve suas origens humildes em 1910 como um albergue para universitários. A primeira leva foi modesta: apenas 17 homens, abrigados em 15 quartos.

Considerando que a maioria dos alunos de Madri eram forçados a viver ou com seus pais, ou em internatos esqueléticos, logo houve procura para vagas na Resi. Em cinco anos, a escola teve de se mudar para uma propriedade maior, em um grupo de montes pequenos na ponta norte do Paseo de la Castellana, a cerca de vinte minutos de bonde do centro da cidade. A acomodação, em uma série de pavilhões claros e arejados feitos de tijolo, construídos em um estilo moderno de *neomudejar* inspirado nos Mouros, era austera beirando o monasticismo, mas sempre escrupulosamente limpa e arrumada, e também — o crucial — barata. O álcool era proibido — uma surpresa na Espanha: não serviam vinho com o jantar —, assim como qualquer bagunça à noite.

Seus belos jardins, desenhados pelo poeta Juan Ramón Jiménez, eram dominados por fileiras de álamos, e um pequeno canal corria pelo meio do campus. Cercada pela seca planície castelhana, a escola parecia um oásis literal, assim como um oásis espiritual. Em seus anos de auge, de 1922 a 1936, o ingresso era restrito a 150 alunos do sexo masculino em qualquer momento, escolhidos de toda a variedade de instituições de ensino superior de Madri a fim de se criar uma atmosfera estimulante e multidisciplinar.

343. Nascido em 1900 na pequena cidade de Calanda, na província de Zaragoza, Buñuel era o irmão mais velho de cinco filhos. Seu pai era um empreendedor rico que veio de Cuba na meia-idade e se casou com a menina mais linda do vilarejo, vinte anos mais nova. A mãe de Buñuel amava seu menino mais velho, e ficou aliviada ao pensar que a vida na Resi o pouparia do desconforto físico e moral dos apartamentos alugados. Ficaria horrorizada ao saber que um dos passatempos principais de Luis Buñuel enquanto estudante era a busca pelas camadas inferiores da vida em uma série de caminhadas noturnas pelos distritos mais sórdidos da cidade. Gostava também de experimentar os bordéis de outras cidades, incluindo os de Toledo, onde, em uma ocasião memorável, conseguiu hipnotizar uma das meninas que trabalhavam ali.

344. Toda manhã ele ia correr descalço, jogava dardos, treinava socos em um saco de pancada e fazia infinitas flexões. Também se gabava de suas habilidades como boxeador, embora na prática tendesse a finalizar as lutas com movimentos defensivos, pois tinha medo de machucar o lindo rosto. Seus contemporâneos o apelidaram de Tarquinius Superbus: Tarquínio, o Soberbo.

345. Havia se matriculado no Departamento de Engenharia da Agricultura da Universidade de Madri, mas mudou quase imediatamente para engenharia industrial; e depois para ciências naturais, onde se especializou por um ano em entomologia (um estudo que continuou sendo uma obsessão da vida inteira, e que o ajudou a se manter mentalmente alerta na velhice). Por fim, formou-se em História.

346. Nasceu em uma família abastada de fazendeiros em 1898; seu vilarejo-natal, Fuente Vaqueros, não ficava longe de Granada.

[347.](#) O próprio Buñuel, infelizmente, era homofóbico, e às vezes se metia no péssimo hábito machista de ofender gays: flertando com os homens que conhecia e depois os seduzindo para serem agredidos pelos outros alunos. O futuro diretor de cinema não fazia ideia de que Lorca era gay e, quando acabou descobrindo a verdade, ela destruiu a amizade deles.

[348.](#) Um contemporâneo disse que o jovem Dalí se parecia “exatamente com Buster Keaton”. Faziam piadas sobre sua estranheza, e o apelidaram de várias coisas: “o músico”, “o artista” ou “o polaco”.

[349.](#) Logo descobriram que ele era um pintor brilhante no estilo cubista e, depois, que tinha um escopo memorável e amplamente moderno de interesses. Sabia tudo sobre Picasso, em uma época em que Madri mal tinha escutado o nome; estava imerso em Nietzsche e, ainda mais marcante, em *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*, de Freud, que tinha sido traduzido havia pouco tempo; e era um trabalhador prodigamente dedicado.

[350.](#) Não há muito registro sobre como esse trio extraordinário se influenciou mutuamente: as memórias de Dalí e Buñuel não são nada confiáveis, e Lorca foi assassinado antes de ter a oportunidade de escrever as suas; os registros da própria *Residencia* foram destruídos durante a Guerra Civil. “Consequentemente”, conclui Ian Gibson em sua biografia de Dalí, “é quase impossível reconstituir o desenvolvimento do relacionamento passionai que uniu três dos gênios espanhóis mais criativos do século XX.” Mas que a experiência teve um impacto profundo em cada um deles, não há dúvida.

[351.](#) A combinação de respeitabilidade, adultério e horror fascinou o público, e o assassinato Hall-Mills ficou conhecido pela imprensa como “o crime do século”, até ser eclipsado uma década depois pelo sequestro Lindbergh.

[352.](#) Comparem essa tiragem com a tiragem mais modesta de 15 mil exemplares do romance anterior de Lewis.

[353.](#) Talvez cegas às intenções mordazes da obra, nada menos que cinco cidades — Cincinnati, Duluth, Kansas, Milwaukee e Minneapolis — competiram para serem identificadas como a Zenith verdadeira e original; Minneapolis teve até uma “Semana Babbitt”.

[354.](#) Discussões similares, talvez um pouco menos passionais, estavam acontecendo também do outro lado do Atlântico; até Trotsky, que leu a tradução russa do romance, disse para um entrevistador que “acho *Babbitt* curiosamente interessante e instrutivo, apesar de burguês demais em caráter”. Vários europeus, deslizando no antiamericanismo, tomaram o romance como uma condenação definitiva dos Estados Unidos pós-guerra: hipócrita, insensato e paralisante.

[355.](#) No original: “booboisie” — uma junção de *bourgeoisie* (burguesia) com o nome Babbitt. (N.T.)

[356.](#) Nascido na Dinamarca, estudou para ser médico, mas pegou a doença do mundo do entretenimento e virou ator — primeiro nos palcos, depois em filmes — e mais tarde diretor.

[357.](#) Os custos chegaram a cerca de 2 milhões de coroas, um recorde alto para produções suecas da época.

[358.](#) O próprio Christensen interpreta Satã, com maquiagem pesada, barrigudo e constantemente mexendo a língua de maneira devassa.

[359.](#) Coincidentemente, a principal obra escrita de Freud em 1922 foi *Uma neurose demoníaca do século XVII*.

[360.](#) *Häxan* saiu de circulação por algum tempo, mas em 1968 foi trazido de volta para um público jovem altamente compreensivo com o nome de *A feitiçaria*

através dos tempos — uma edição mais curta preparada pelo cineasta Antony Balch, com uma trilha sonora nova feita pelo violinista de jazz Jean-Luc Ponty, entre outros, e uma narração em tons roucos e abafados feita pelo romancista William S. Burroughs.

[361.](#) Shane Leslie fez um segundo ataque contra *Ulisses*, dessa vez com seu próprio nome, na edição de outubro do *Quarterly Review*. (Cf. 29 de outubro)

[362.](#) Cuchulainn foi o grande herói do Ciclo de Ulster da mitologia irlandesa (histórias sobre o surgimento da Irlanda). Ossian é um personagem do poeta escocês James Macpherson baseado no herói Oisín, que era poeta e narrador de grande parte da história do ciclo Feniano da mesma mitologia (N.T.).

[363.](#) Uma indulgência inteiramente razoável: Picasso nunca aprendeu a dirigir; disse que tinha medo de destruir a elasticidade das mãos e dos punhos.

[364.](#) Dois anos depois, ele usaria versões bastante aumentadas dessas mulheres para a cortina de palco da produção de 1924 do *Train bleu* de Cocteau, sob direção de Diaghilev.

[365.](#) A renda anual da família era de 250 libras, uma quantia que não os sustentaria nem por seis semanas em Londres, disse Craig.

[366.](#) No decorrer da próxima década, a população judia da região aumentava em mais de dez por cento ao ano. A primeira revolta do povo palestino contra esse assentamento começou em 1936. Apesar de o mandato britânico ter acabado há algum tempo, suas consequências ainda estão entre nós.

[367.](#) Breton, muito impressionado, publicou os resultados em um registro, “*Entrée des mediums*”, na edição de novembro de 1922 de *Littérature*.

[368.](#) Outros se uniram ao grupo. O poeta Benjamin Péret trouxe a namorada para uma das sessões; ela ficou histérica, começou a berrar sobre o pai e teve de ser acalmada por Breton e sua atenção tranquilizadora. O próprio Péret uivava de tanto rir e contava histórias obscenas; em certa ocasião, ficou convencido de que era uma flor.

[369.](#) André ficou tão agitado que até quis esquecer os problemas com Tzara e convidou o inimigo para participar. Tzara foi, porém caçoou. E nem todos os protossurrealistas ficaram encantados: Soupault era cético, ao passo que Picabia e Aragon tentaram se manter afastados.

[370.](#) Desnos, particularmente, acumulou efeito sobre efeito, dizendo que agora estava mantendo uma comunicação telepática com Marcel Duchamp em Nova York, e jorrava torrentes de trocadilhos selvagens e outros jogos de palavras. Para não ser ultrapassado, Crevel começou a fazer previsões nefastas: “Vocês vão todos adoecer, um após o outro...” A realidade dançou conforme a música dele: em alguns dias, Simone levou uma pancada na cabeça, Max Ernst começou a cuspir sangue e Eluard teve uma recorrência de tuberculose. Simone, pelo menos ela, acreditou que a maldição se tornou verdade e ficou genuinamente aterrorizada.

[371.](#) Yvonne, nascida Jeanne Victorine Gallis em 4 de janeiro de 1892, ainda era uma adolescente quando começou a trabalhar na Jove. Era bonita, sensual e muito dada ao flerte. Durante anos, deixou comerciantes e outros visitantes do sexo masculino constrangidos mostrando o que sempre chamava de seu *cul* — o traseiro — e perguntando o que achavam dele. Também adorava pregar peças, e certa vez pediu com decoro que um padre dominicano se sentasse em um sofá onde ela havia escondido uma almofada que fazia barulho de flatulências. De 1922 em diante, Le Corbusier lutou para viver uma existência dupla que lhe caía perfeitamente bem: a vida pública aparentemente austera e nobre, a vida do

trabalho árduo, das polêmicas, das viagens e da celebridade cada vez maior; e a vida privada, divertida e doméstica, a vida dos prazeres maritais. Yvonne quase nunca aparecia com ele em público, e poucas pessoas sabiam da sua existência. Apesar de algumas infidelidades significativas, e apesar do fato de que ela era determinada, de educação pobre e levemente indolente e, de algumas formas, bronca, o casal permaneceria unido e feliz o suficiente para durar 37 anos, até o falecimento dela em 5 de outubro de 1957, um dia antes do aniversário de 70 anos de Le Corbusier.

372. Nome cunhado como um cumprimento carinhoso ao carro Citroën, visto que uma das ideias de Le Corbusier para essa forma de morada era que poderia ser produzida em massa.

373. Depois da premiação, *Tambores da noite* foi escolhida para ser produzida em teatros em toda a Alemanha, destacando o Deutsches Theater em Berlim, em 20 de dezembro, quando Falkenberg foi novamente o diretor. Eventualmente, notou Brecht, a peça foi encenada em “cerca de cinquenta palcos burgueses”. Naquela época, o autor estava conspicuosamente de acordo com tudo; gostava de dizer que havia escrito *Tambores da noite* pelo dinheiro. Mais tarde, depois da conversão para o marxismo, com frequência olhava para *Tambores da noite* com sentimentos claramente mistos — alegava ter se sentido surpreso e deprimido pela maneira como a peça foi celebrada pelas mesmas pessoas contra as quais ele a havia escrito. “Estava ali um caso em que rebelar-se contra uma convenção literária desprezível quase virou desprezo por uma grande revolta social.”

OUTUBRO

1º DE OUTUBRO

FONTAINEBLEAU Uma quantidade curiosamente pequena de comentadores dos eventos culturais desse ano — Claire Tomalin, em sua biografia de Katherine Mansfield, é uma exceção honrável — notou que este seria o mês em que lady Rothermere usaria parte dos vastos lucros do marido com o *Daily Mail* e o *Daily Mirror* para dar apoio a duas aventuras idealistas que teriam surpreendido, e até alarmado, a maioria dos leitores desses jornais: o periódico trimestral de Eliot, *The Criterion*, e o Instituto para o Desenvolvimento Harmonioso do Homem, de G. I. Gurdjieff — que abriu no primeiro dia de outubro. Pode-se dizer que vários leitores do *Criterion* também ficariam estupefatos, talvez preocupados, ao saber que a patrona de Eliot também era patrona de um místico e guru greco-armeno.

É improvável que lady Rothermere achasse a conjunção tão discordante quanto parece para a maioria das pessoas. Ela já havia persuadido Eliot a acompanhá-la em palestras em Londres do discípulo principal de Gurdjieff, P. D. Ouspensky.³⁷⁴ E Eliot estava familiarizado com modos de misticismo tanto orientais quanto ocidentais. O Instituto de Gurdjieff foi estabelecido em uma área arborizada no sul de Paris — em Avon, perto de Fontainebleau. O prédio principal no terreno substancial havia sido um monastério, La Prieure, que foi transformado em uma casa privada no século XIX, porém caiu no descuido havia muito tempo. Gurdjieff alegou ter conseguido grande parte dos fundos para juntar esse total impressionante com os pagamentos que recebia de pacientes — tratava viciados e alcoólatras ricos com hipnose —, com a especulação de ações de petróleo e com os lucros de dois elegantes restaurantes que abriu em Montmartre. O valor da contribuição de lady Rothermere foi mantido em segredo.

Gurdjieff levou cerca de cem discípulos quando chegou, e comandou que trabalhassem na criação de uma fazenda e na restauração das várias construções. Reservou as partes mais confortáveis da casa para si e para convidados importantes; essas áreas ficaram conhecidas como “Ritz”. Apesar do sarcasmo rebelde, parece

que quase todos os trabalhadores eram servos por vontade própria, considerando que parte do método de Gurdjieff para restaurar o equilíbrio àquelas vidas conflitantes era demandando que participassem do trabalho manual intenso. (Pelo menos essa parte do tratamento fazia muito bem para alguns dos seguidores.) Ele também obrigava que fossem ascetas, e fazia com que vivessem em chalés pequenos e sem conforto na propriedade, ou em quartos sem aquecimento e sem mobília na casa principal.

Finalmente, fez com que construíssem uma estrutura gigante em forma de tenda usando a armação de um hangar de aviões. Quando ficou pronta, foi coberta com tapetes de Bucara e do Baluchistão. Os discípulos aprendiam as danças de Gurdjieff ali, e participavam de jogos e rituais idealizados — no estilo clássico dos cultos — para “romper” a personalidade existente de uma pessoa e construir uma nova identidade, supostamente aprimorada.³⁷⁵ Gurdjieff presidia esses rituais sentado em um trono.

Foi para essa comuna em construção que Katherine Mansfield, à beira da morte, viajou em 16 de outubro.



TURQUIA Hospedado o mês todo em Constantinopla — “uma grande cidade em expansão de um milhão e meio, repleta de um elemento desesperado” —, Hemingway enviou cerca de vinte histórias para o *Toronto Daily Star* em outubro. Havia chegado na cidade quase na mesma época de inúmeras tropas britânicas — reforços cujas presenças garantiam aos locais que a Grã-Bretanha estava pronta para lutar contra Mustapha Kemal,³⁷⁶ e que incentivaram gregos e armenios a descartar o chapéu turco, o fez, e retomar o chapéu de modelo ocidental.

Em 9 de outubro, o *Star* publicou o relato de Hemingway sobre sua entrevista com Hamid Bey, o homem mais poderoso do governo “Angora”, fora o próprio Kemal. Hemingway disse para ele que os canadenses estavam ansiosos com um possível massacre de cristãos caso as forças de Kemal fizessem uma entrada triunfante na cidade.³⁷⁷ Hamid Bey não deu importância ao comentário: o que temeriam os cristãos? Eles estavam armados, e os turcos não estavam. Não haveria massacre algum...

Em 16 de outubro, reportou Hemingway, milhares de cristãos

iniciaram seu êxodo para fora da Trácia. Visto que o governo grego tomou todos os trens para o transporte de soldados, os refugiados foram forçados a carregar carroças frágeis e velhas com todos os seus pertences; outros, mais pobres, carregaram trouxas maltrapilhas nas costas. A maioria dos exilados era de homens e mulheres idosos, ou de crianças bem jovens. Enquanto isso, três batalhões franceses e quatro britânicos avançaram para tomar o território de onde estavam fugindo. No dia 10, a coluna principal de refugiados tinha um comprimento de 32 quilômetros: ensopados, exaustos, famintos... e no entanto, estranha e assustadoramente silenciosos. Havia meio milhão de refugiados apenas na Macedônia — um desgaste maciço dos recursos do país, sem previsão de acabar.

O clima em Constantinopla era de “tensão tênue, elétrica”. Todos estavam preparados para a invasão, mas não necessariamente em um estado de medo. Alguns estavam se deleitando: uma “coleção de assassinos, ladrões, bandidos, criminosos e piratas do Levante” havia aparecido na cidade, esperando pelas forças de Kemal pelo começo dos saques. Estavam, como colocou Hemingway, esperando uma “orgia”. Mas os armenios, os gregos e os macedônios que ainda moravam na cidade estavam gelados de medo. Armavam-se e esperavam o pior.³⁷⁸ A substancial colônia branca russa na cidade também estava petrificada, ciente de que Kemal, enquanto aliado dos soviéticos, abandonaria a todos eles, e muitos se deparariam com sentenças de morte.

No dia 14, Hemingway pôde relatar uma mudança inesperada na opinião islâmica sobre Kemal. Tido apenas alguns meses antes como um novo Saladino, que lideraria todos os muçulmanos a uma guerra santa contra forças ocidentais no Oriente, vinha cada vez mais sendo visto como não confiável, talvez até um traidor. Havia feito um tratado e uma aliança com a Rússia soviética; no entanto, tinha também um tratado com a França e algo muito parecido com uma aliança. Um desses pactos teria de ser renunciado.

O rumor mais danoso de todos, que seria fatal para Kemal se fosse levado completamente a sério, dizia que ele era um ateu em segredo. Traçando uma comparação temática, Hemingway sugeriu que Kemal agora estava “em uma posição similar à de Arthur Griffith e Michael Collins na Irlanda pouco antes de morrerem [sic]”. Em outras palavras, ele estava sendo um pragmático e um homem de negócios: tomava todos os ganhos tangíveis que se apresentavam a ele e fazia concessões

que os panislâmicos julgavam humilhantes. Por enquanto, Kemal não tinha uma figura como Valera com quem se preocupar; porém Hemingway previu que, se continuasse a esperar o desenrolar dos acontecimentos sem tomar nenhuma atitude, um Valera certamente apareceria no cenário.

O pior prospecto de todos, previu Hemingway, seria uma guerra entre a Grã-Bretanha e a Turquia por causa da Mesopotâmia. Os dois países estavam sedentos pelo petróleo da Mesopotâmia; e se Kemal, ateu ou não, decidisse declarar seus direitos sobre a região, “pode muito bem dar o pontapé que vai iniciar a guerra santa pela qual os panislâmicos estão rezando...”.

2 DE OUTUBRO

RÚSSIA Com um humor muito positivo, Lenin voltou para Moscou e para o comando direto do país. Esteve seriamente doente por vários meses; em maio, foi encontrado vomitando e com severas dores no estômago. Seu discurso começou a ficar um tanto mal-articulado, e havia traços de paralisia no lado direito do corpo — sinais claros de que havia sofrido um primeiro infarto. Os médicos ordenaram que ficasse de cama com instruções para que não trabalhasse em absoluto, mas em menos de três semanas ele estava berrando com eles dizendo que estava completamente bem e que devia receber permissão para ler e escrever novamente.³⁷⁹

No meio de julho, os médicos cederam e permitiram que ele recebesse visitas e lesse livros — mas não jornais. Stalin apareceu algumas vezes, e, estranhamente, os dois gostaram das visitas. Stalin disse que Lenin parecia um soldado que tinha sido enviado novamente para a frente de batalha; e deu a boa notícia para ele de que pela primeira vez desde a Revolução houve uma colheita farta. A Crise da Fome havia acabado. Lenin ficou confiante, e mais otimista do que se sentia em meses.

No início de setembro, os médicos começaram a permitir que saísse para caminhar; uma série consagrada de fotos foi feita de Lenin nessa época. Finalmente, concordaram que, depois de quatro meses de descanso forçado, podia receber permissão para voltar ao Kremlin e trabalhar por cerca de cinco horas por dia, cinco dias por semana. Ignorando os médicos, ele imediatamente começou a trabalhar dez horas por dia, e nos fins de semana fazia conferências em casa.

3 DE OUTUBRO

WASHINGTON, D.C. Pela primeira vez, uma imagem fac- -símile foi enviada por meio de fios telefônicos.



LONDRES Virginia Woolf escreveu a Roger Fry:

Minha grande aventura realmente é Proust. Bem — o que resta a ser escrito depois dele? Estou apenas no primeiro volume, e há, acho eu, erros a serem encontrados, mas me vejo em um estado de encantamento; como se um milagre estivesse sendo realizado na frente dos meus olhos. De que maneira alguém finalmente solidificou o que sempre escapou — e também o transformou nessa substância linda e duradoura? Há de se parar a leitura e engasgar. O prazer se torna físico — como sol e vinho e uvas e serenidade perfeita e vitalidade intensa combinados. O extremo oposto é Ulisses, ao qual me amarro como um mártir no tronco, e que graças a Deus acabei de ler — meu Martírio acabou. Espero vendê-lo por 4 libras e 10 *pence*.

No dia seguinte, ela registrou que Kitty Maxse — altamente considerada a original sra. Dalloway, personagem de Woolf — havia acabado de morrer em uma queda na escada. Woolf pareceu presumir que havia sido suicídio: “Ainda me parece uma pena que Kitty tenha se matado: mas é claro que era uma esnobe terrível.”



ESTADOS UNIDOS Sem vontade de encarar as condições árticas de outro inverno em Minnesota, os Fitzgerald voltaram para Nova York. Começaram com uma estada curta no lugar de sempre, o Hotel Plaza, onde se encontraram com o escritor John Dos Passos pela primeira vez.³⁸⁰ Tornaram-se amigos, e Fitzgerald apresentou Dos Passos a Sherwood Anderson. Dos Passos concordou em ajudar os Fitzgerald a procurar um lar apropriado para alugarem em Great Neck, Long Island, e o trio seguiu viagem em um carro vermelho com motorista. Quando as primeiras poucas horas de busca a uma casa se mostraram vãs, pararam na casa da família de Ring Lardner, amigo

dos Fitzgerald que, como sempre, estava embriagado.

Por fim, acharam uma casa confortável para alugar no número 6 da Gateway Drive, em Great Neck — a apenas meia hora da Broadway tomando o Long Island Express.³⁸¹

5 DE OUTUBRO

LONDRES Eliot escreveu a Valéry Larbaud sobre seu artigo acerca de *Ulisses* para o *Criterion*. Desculpou-se por ter de cortar as partes do artigo que falavam de outras obras de Joyce; e por ter sido obrigado — após sofrer uma decepção com um tradutor que costumava ser confiável — a traduzir ele mesmo o artigo.

Enquanto isso, Vivien estava com uma bronquite severa; estava de cama e muito deprimida.

7 DE OUTUBRO

LONDRES Marie Lloyd,³⁸² a estrela dos salões de música, faleceu. Teve um colapso no palco do Empire Music Hall, em Edmonton, no dia 4 de outubro, enquanto apresentava seu número final, “I’m One of the Ruins That Cromwell Knocked About a Bit” [Sou uma das ruínas que Cromwell maltratou um pouco]. As pessoas da plateia perceberam que ela estava gaguejando, mas presumiram que fosse apenas parte da encenação.

Mais tarde, Eliot escreveu um ensaio extraordinário sobre a cantora (Cf. 19 de dezembro).

8 DE OUTUBRO

ALEMANHA Einstein e a esposa partiram em uma viagem que duraria cinco meses, concentrada no Extremo Oriente: começaram com visitas curtas a Colombi, Cingapura, Hong Kong e Xangai. “Após o assassinato de Rathenau”, disse Einstein, “recebi com prazer a oportunidade de ficar longe da Alemanha por um longo tempo, o que me afastou de um perigo que foi temporariamente exacerbado.” Os Einstein foram recebidos com entusiasmo em cada um desses lugares, embora tenham encontrado a resposta mais calorosa no Japão.

9 DE OUTUBRO

LONDRES Sir William Horwood, comissário da polícia de Londres, foi envenenado com chocolates — Walnut Whips, para ser exato —, que haviam sido embrulhados com arsênico. Foram mandados por um deficiente mental que tinha problemas pessoais com ele, Walter Tatam, mas Horwood presumiu que o presente fosse da filha. Embora só tivesse comido um chocolate quando percebeu que estavam contaminados, a dose foi muito poderosa e apenas a intervenção rápida dos médicos da polícia foi capaz de salvá-lo.³⁸³



DUBLIN

Yeats escreveu a Olivia Shakespear da Merrion Square, número 82:

Estamos em Dublin faz duas semanas e nossa casa está ficando em ordem. Há uma sala de estar com uma lareira linda, e George deixou o cômodo muito bonito. (...)

Passei o verão corrigindo copiões e escrevendo uma série de poemas chamados “Meditations in time of civil war” [Meditações em tempo de guerra civil].

12 DE OUTUBRO

PARIS A segunda edição de *Ulisses* foi publicada. Segundo Joyce, a tiragem de 2 mil exemplares se esgotou em quatro dias; o livro custava £2. 2s. 0d [2 libras e 2 xelins] o exemplar.

Os Joyce foram passar férias em Côte d’Azur. Em 13 de outubro, estavam em Marselha, e no dia 17 deram entrada no Hotel Suisse, em Nice. Esperavam que o clima ameno fosse ajudar a saúde de Joyce, mas o tempo estava ruim naquele ano e as tempestades e ventos exarcebaram a condição da sua vista.³⁸⁴ Consultou-se com o dr. Louis Colin, que colocou cinco sanguessugas em seu olho para drenarem o excesso de sangue, e depois o lavou com um solvente poderoso e doloroso (salicilato de sódio). A nébula diminuiu devidamente. O dr. Colin também instruiu Joyce a beber vinho tinto em vez de branco, mas era um comprometimento grande demais: nada de “bife de carne”³⁸⁵ para o autor de *Ulisses*.

13 DE OUTUBRO

BERLIM Thomas Mann fez um discurso em apoio à República de Weimar no Beethovensaal. O texto desse discurso foi publicado no mês seguinte no *Die neue Rundschau*.

14 DE OUTUBRO

ALEMANHA O maior golpe de propaganda de Hitler de 1922 aconteceu no “Dia da Alemanha” em Coburgo, Norte da Bavária, em 14 e 15 de outubro. Havia sido convidado para participar de um evento com uma pequena delegação de membros do NSDAP (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, ou Partido Nazista). Decidiu dar um show — calculando, de maneira correta, que os socialistas locais e os sindicalistas do mercado estariam fazendo um tipo de show de resistência contra a presença deles. Cavando fundo nos recursos do partido, contratou um trem especial para a ocasião e o encheu com oitocentos membros da Sturmabteilung (SA). Também convocou jovens do Jugendbund — a “Juventude Hitler”, cuja criação foi anunciada em 8 de março.³⁸⁶

Quando os homens de Hitler chegaram à estação de Coburgo no sábado à tarde, foram recebidos tanto com exclamações de “*Heil!*” dos nacionalistas locais, quanto com zombarias e insultos de cerca de trezentos trabalhadores. Ignorando as ordens que havia recebido da polícia local, Hitler mandou que seus homens marchassem pela cidade com bandeiras estendidas com a suástica. Socialistas indignados cuspiram nos homens da SA; nesse momento, eles desfizeram a formação e atacaram os baderneiros com cacetetes. Depois de dez minutos de violência, em que a polícia se uniu aos nazistas, a resistência local cedeu completamente e os nazistas tomaram as ruas de maneira triunfal como se fossem deles. Hitler adorou. O evento ficou conhecido na mitologia nazista como “Batalha de Coburgo”, como se tivesse sido uma ação militar genuína, e não uma rebelião.

16 DE OUTUBRO

LONDRES A edição inaugural do *Criterion* finalmente foi publicada. Trazia a primeira versão impressa de *A terra devastada*. O índice era o seguinte:

DULLNESS	[Tédio] George Saintsbury
PLAN OF A	[O plano de um romance], F. M.
NOVEL	Dostoievski

(traduzido por S. S. Koteliansky e Virginia Woolf)

THE LEGEND OF	[A lenda de Tristão e Isolda, I],
TRISTAM AND ISOLT, I	T. Sturge Moore
A TERRA DEVASTADA	T. S. Eliot
THE VICTIM [A vítima]	May Sinclair
GERMAN POETRY OF	[Poesia alemã contemporânea],
TODAY	Hermann Hesse
ULISSES	Valéry Larbaud

Vivien escreveu: “Parece-me uma realização, vinda de um homem que tem apenas as noites, que está exausto por passar oito horas na cidade, e que enche garrafas de água morna e faz comida de doente para sua esposa desprezivelmente enferma nos intervalos de escritos!”



FONTAINEBLEAU Katherine Mansfield chegou ao Instituto de Gurdjieff acompanhada de Ida Baker. Ao contrário da maioria dos discípulos, ela recebeu um quarto agradável; Gurdjieff a examinou no dia seguinte e disse que podia ficar duas semanas “sob observação”. Embora Gurdjieff não fosse famoso por ser gentil, é possível que tenha percebido que a jovem estava prestes a morrer, e não a forçou a participar das atividades mais exaustivas do Instituto.

Foi designada a trabalhar descascando legumes: não era uma tarefa na qual tinha muito treinamento, mas ela a tomou com vontade. Ela também cuidava de si própria — fazia a cama, acendia a lareira e se banhava em água gelada (é claro). Foi um regime emocionalmente gratificante, e ela gostou de ser uma parte útil e produtiva de uma grande família estendida, onde observava os outros realizando os aspectos mais brutais da agricultura, como matar porcos. No entanto, fazia muito frio, e ela ficava com um casaco de pele todas as horas do dia e da noite. Depois de algum tempo, Gurdjieff — seguindo uma antiga crença camponesa de que dormir acima de vacas era uma cura

para a tuberculose — mandou que ela se sentasse durante períodos longos em uma plataforma acima do curral.

Embora ela tentasse ao máximo fazer amizade com os outros, muitos dos quais só falavam russo, suas companhias principais eram A. R. Orage,³⁸⁷ o dr. Young (o amigo inglês de Orage) e Olga Ivanova, mais conhecida como Olgivanna Lazovitch Hinzenburg,³⁸⁸ escolhida para supervisionar Mansfield.

A vida no Instituto tinha muito a oferecer; certamente era melhor do que ficar sentada em Paris aguentando os tratamentos caros de charlatões. Mas não era uma cura.

18 DE OUTUBRO

TRÁCIA Hemingway se lançou na ardilosa jornada de volta a Paris. Quando chegou, estava mal: exausto por causa da malária, e coberto de mordidas de insetos. Teve de raspar a cabeça para se livrar de piolhos.



LONDRES A British Broadcasting Company foi oficialmente formada. Permaneceu uma empresa durante quatro anos, e se tornou uma corporativa em 1927.



HOLLYWOOD O empresário Sid Grauman abriu seu extravagante Egyptian Theater³⁸⁹ recebendo a estreia de *Robin Hood*, da United Artists, com Douglas Fairbanks como protagonista. (Cf. 1º de janeiro) O cinema de Grauman foi o primeiro “cinema palácio” construído especialmente fora da cidade de Los Angeles, portanto essa foi a primeira verdadeira estreia de Hollywood.

Robin Hood foi um grande e imediato sucesso de bilheteria (tornou-se rapidamente o filme de maior bilheteria de 1922), recebeu críticas arrebatadoras (“o grande marco da produção cinematográfica — o maior passo que o drama mudo já deu na estrada para a arte”), e depois de um grande período de negligência no meio do século XX, quando todas as cópias do filme pareciam ter se perdido, virou um dos pontos altos da era muda de Hollywood.³⁹⁰

Os primeiros espectadores do filme o acharam visualmente

encantador, além de ter um enredo contagiante, e o esplendor da versão da Idade Média em madeira e gesso ainda impressiona os olhares acostumados às possibilidades infinitas do CGI. Ainda não existia o Oscar, mas *Robin Hood* recebeu o equivalente — a Medalha de Honra 1922 da revista *Photoplay*. Quebrando as convenções, o prêmio não foi dado ao diretor, Alan Dwan, mas a Fairbanks, reconhecendo que apesar de “uma dúzia ou mais de homens e mulheres” terem grande participação na criação, a “concepção e execução” do filme deviam, de maneira justa, ser atribuídas a ele.

19 DE OUTUBRO

LONDRES Mais provas de que nem todos os velhos deuses da literatura estavam mortos. Apenas três dias após a publicação de *A terra devastada*, A. E. Housman finalmente publicou a continuação tão esperada de *A Shropshire Lad: Last Poems* [Um menino de Shropshire: Últimos poemas]. Housman havia sugerido uma tiragem inicial de 10 mil exemplares; seu editor, Grant Richards, mais cuidadoso, insistiu que a tiragem devia ser limitada a 4 mil. Ficou claro de imediato que ambos subestimaram o público pós-guerra das obras de Housman. Aqueles 4 mil exemplares foram vendidos previamente, e uma segunda tiragem já estava sendo organizada no dia da publicação.³⁹¹

O interesse popular foi devidamente atiçado pela imprensa. O *Times* não apenas publicou uma crítica de *Last Poems*, como também dedicou-lhe posição de destaque. Em 25 de outubro, a *Punch* publicou uma caricatura lisonjeira de Housman — retratado dançando e tocando uma flauta, com uma ponta de um exemplar do livro novo aparecendo de dentro da mochila — sendo cumprimentado por uma Musa maternal: “Ó, Alfred, sentimos a sua falta! Meu menino de Shropshire!”

O que causou esse apreço tardio pelos talentos poéticos de Housman? Parte da resposta vem da certeza de que seu grande amigo Moses Jackson sofria de uma doença fatal, lá longe em British Columbia; *Last Poems* foi em parte concebido como um presente para um amigo à beira da morte.³⁹² E apesar de muitos dos poemas terem sido compostos em um surto extraordinário de produtividade nos últimos meses de 1921 e nos primeiros de 1922,³⁹³ alguns dos “novos” poemas estavam sobre sua mesa desde o reino de Vitória.

Vários autores que eram jovens meninos e meninas na década de

1920 comentaram sobre o papel excepcional que Housman teve em seu desenvolvimento emocional: Auden por exemplo, e Orwell, que certa vez escreveu que, quando estava no final da adolescência, “o autor que tinha o impacto mais profundo sobre o jovem pensante era, quase sem dúvida, Housman”. O culto ainda mais ardente a Eliot no fim da década de 1920 e na década de 1930 finalizava o culto a Housman; se bem que o próprio Eliot parece ter admirado Housman, e em um artigo do *Criterion* pronunciou que o poeta-erudito era um dos melhores escritores vivos da prosa inglesa.



LONDRES O governo de coalisão de Lloyd George caiu.³⁹⁴ Uma eleição geral foi convocada para 17 de novembro.

21 DE OUTUBRO

DUBLIN Yeats escreveu ao sábio literato H. J. C. Grierson:

Acho que o que digo sobre a Irlanda, pelo menos, pode interessar a você. Acho que as coisas estão lentamente se acertando, mas muito lentamente; já são anos de mortes e incêndios nos quais as duas nações dividem imparcialmente. No meu próprio bairro [o bairro da Torre], os Black and Tans arrastaram dois jovens pelos calcanhares amarrados com vida a um caminhão, até que seus corpos ficassem em pedaços. “Não sobrou nada para a mãe, a não ser a cabeça”, disse um camponês, e a cabeça da qual falava foi encontrada no canto da estrada. A única Verdade reanimadora que se inicia com isso tudo é que talvez possamos aprender sobre caridade após o desprezo mútuo. Não há mais uma nação virtuosa, e os nossos melhores vivem à luz de velas.

Concluiu com uma observação otimista: “Atualmente, estou trabalhando no projeto de fazer com que o Abbey Theater seja adotado pelo Irish State Theater, e acho que posso conseguir.”

22 DE OUTUBRO

LONDRES Virginia Woolf escreveu a Roger Fry reclamando sobre a maneira ingrata como Eliot conduzia o esquema *Bel Esprit* para impedir que ele se exaurisse no banco:

Ele deixou que todos nós escrevêssemos e apelássemos nos últimos seis meses, e no final ele vem e diz que não vai aceitar menos de quinhentas libras ao ano — bastante razoável, mas por que não disse antes; e por que se torturar e angustiar e quase sufocar de humilhação à mera menção de dinheiro? Está no mesmo patamar de não bombear [isto é, urinar] na frente da esposa. Muito americano, suponho; e quanto mais vejo dessa corrida, mais agradeço a Deus pelo meu sangue britânico, que em qualquer circunstância impede que uma pessoa vista três coletes; que tenha botões esmaltados no sobretudo, e que mantenha os olhos perpetuamente fechados — como Ezra Pound.

Seu tom exasperado pode ter se justificado em parte por uma sensação mais generalizada de ansiedade e incerteza. Em outubro de 1922, o futuro da Hogarth Press era cada vez mais incerto. “Claramente, não temos como continuar publicando de maneira séria com Ralph [Patridge] anexado a nós como um sanguessuga.”³⁹⁵ Sua escrita também não ia tão bem quanto ela pode ter desejado. Planejou ler Sófocles, Eurípedes e os primeiros cinco livros da *Odisseia* no original como preparação para um ensaio que mais tarde seria publicado como “On Not Knowing Greek” [Sobre não saber grego]. Ao mesmo tempo, estava repensando *Mrs. Dalloway*. Contudo, sentia que nenhum dos dois projetos estava avançando, e em julho de 1923 o ensaio grego ainda estava no ar.

No lado mais positivo, Forster havia contado para ela recentemente que estava finalizando *Uma passagem para a Índia*.

23 DE OUTUBRO

ALEMANHA Forças alemãs invadiram a Saxônia e liquidaram a República soviética que havia sido estabelecida ali pelos comunistas locais. No dia seguinte, o Parlamento alemão concedeu a Ebert um mandato para que permanecesse como presidente até julho de 1925.



CAROLINA DO NORTE John Dos Passos escreveu ao amigo Arthur McComb expressando o alívio que sentiu alguns minutos antes, quando finalmente deu adeus àquela “vaca cansativa da srta. Nan Taylor” — uma reclamação mais sobre sua vida literária do que amorosa, visto que Nan Taylor era a personagem principal do romance *Streets of Night* [Ruas da noite], que tinha acabado de finalizar. Seus sofrimentos foram em parte estéticos, em parte físicos. Não estava mais interessado no estilo e na substância do livro, que havia iniciado alguns anos antes enquanto ainda era aluno de graduação em Harvard, e depois deixado de lado. Assim como Hemingway e seu grande amigo Cummings, Dos Passos foi motorista de ambulância durante a guerra, servindo na França e no Norte da Itália, e as coisas terríveis que viu ali fizeram com que tudo em *Streets of Night* parecesse ingênuo e irrelevante — “uma caçamba bem grande de aspirações murchas”. Ainda pior, vinha sentindo fortes dores nos olhos, e teve períodos de pânico com episódios passageiros de cegueira.

Entretanto, prosseguiu cambaleante no manuscrito para que pudesse se valer prontamente do sucesso inesperado de seu último romance, *Três soldados*, que foi publicado em setembro de 1921 enquanto ele estava viajando em Damasco.³⁹⁶ A série inicial de críticas favoráveis em jornais de circulação relativamente pequena foi seguida por uma reação bem mais contundente na imprensa convencional: *TRÊS SOLDADOS VIRAM LIVRO DIDÁTICO PARA PREGUIÇOSOS E COVARDES*, dizia a manchete do *Chicago Tribune* de 13 de março de 1922. Reconhecendo o calor de toda publicidade, e concluindo que *Três soldados* incomodou exatamente quem ele queria incomodar, Dos Passos ficou tão satisfeito com as denúncias quanto com os elogios.

Com *Streets of Night* finalmente a caminho, Dos Passos podia canalizar sua atenção à escrita de um livro que genuinamente o interessava. Acabou sendo sua obra marcante: *Manhattan Transfer*.



LONDRES Eliot escreveu a Pound dizendo que estava exausto demais para viajar a Paris, e que em vez disso passaria dez dias descansando em um *resort* à beira do mar. Discutiu também sua intenção de falar com Yeats para pedir alguns versos. No dia 26, uma crítica tanto de *A terra devastada* quanto do

Criterion foi publicada no *Times Literary Supplement*; o autor (que não recebeu os créditos) era Harold Child e seu veredicto acerca de Eliot foi favorável. “Não conhecemos outro poeta moderno que possa de maneira mais adequada e tocante revelar-nos o emaranhado desembaraçável do sórdido e do belo que formam a vida.” Também aprovou o *Criterion* em geral, descrevendo-o como “não só aquela coisa rara dentre os periódicos ingleses, uma crítica literária pura, mas (...) de uma qualidade não inferior à de qualquer crítica publicada aqui ou em outros países”.

24 DE OUTUBRO

FRANÇA Cocteau, em Pramoussier, escreveu à mãe contando sobre seu “*novelette*” (“Chamo-a de *novelette* embora seja mais longa do que o meu romance [*Le Grand Écart*]”), *Thomas, o Impostor*. Mostrou incerteza quanto às realizações com o livro até então, dizendo que ficava assustado de vez em quando com o fato de que era o projeto mais ambicioso que já havia assumido: caso tivesse sucesso, seria um grande passo adiante; caso não, o resultado seria “mousse de chocolate”. Contudo, comentou que Radiguet, um crítico severo, aprovou o que havia lido.

Tomando um grande clássico francês — o romance *A cartuxa de Parma*, de Stendhal — como um de seus modelos, Cocteau estava tentando construir uma ficção ambiciosa de amor e guerra, concentrando-se nos dois setores do conflito recente que conheceu de perto por meio do trabalho com a Cruz Vermelha, Flandres e Champagne. O herói do romance, um jovem da Marinha, é uma alma poética com passado humilde que atua a fantasia de ser o sobrinho do general. A “impostura” nesse romance é menos uma forma de mentira e charlatanismo, e mais um triunfo da imaginação: em outras palavras, é uma forma de poesia.³⁹⁷



ESTADOS UNIDOS É publicada a coleção de contos *England, My England and Other Stories* [Inglaterra, minha Inglaterra e outros contos], de D. H. Lawrence.

25 DE OUTUBRO

DUBLIN O terceiro *Dáil* decretou a constituição do Estado Livre Irlandês.



RAF UXBRIDGE T. E. Lawrence — ou, como era conhecido agora, 352087 Aeronauta John Hume Ross — disse que gostaria que Wyndham Lewis desenhasse um retrato de D. G. Hogarth³⁹⁸ para *Os sete pilares da sabedoria*. Lewis visitou Veneza em outubro na companhia de Nancy Cunard.



ESTADOS UNIDOS A edição de outubro da revista de H. L. Mencken, *The Smart Set*, publicou um conto bem curto — de apenas um parágrafo — intitulado “The Parthian Shot” [O adeus brusco]. Foi o primeiro trabalho publicado de Dashiell Hammett (nascido em 1894), o pai e mestre inquestionável da ficção detetivesca *hard-boiled*, autor de *O homem magro*, *Seara vermelha*, *O falcão maltês* e outros clássicos do gênero. Hammett havia se demitido da Agência Pinkerton de Detetives em fevereiro de 1922, determinado a se lançar como escritor profissional. Em novembro de 1922, publicou seu segundo conto (também bastante) curto, “Immortality” [Imortalidade], no *10 Story Book* [Livro de dez contos] sob o pseudônimo parcial de Daghull Hammett; em dezembro, como Peter Collinson, publicou “The Barber and his Wife” [O barbeiro e sua esposa] em *Brief Stories* [Histórias breves], e “The Road Home” [A estrada para casa] em uma revista *pulp* chamada *The Black Mask* [A máscara negra], que se tornaria um veículo regular para sua ficção curta. Poucos meses mais tarde, Hammett criou o personagem conhecido como “o continental Op”; estava iniciada a sua carreira.



LIMA Duzentas cópias de um panfleto de preço modesto de autoria do poeta César Vallejo (1892-1938), de 30 anos, foram disponibilizadas para venda. Foi o lançamento nada propício, de fato quase invisível, da sequência poética *Trilce*, reconhecida agora como a maior realização do maior poeta do Peru.³⁹⁹ Permanece, de acordo com algumas autoridades, o poema mais formalmente radical da língua espanhola, comparável a *Finnegans Wake*.

Vallejo⁴⁰⁰ publicou apenas três coleções de poemas em sua vida.

Debruçou-se sobre os 77 poemas que compõem *Trilce* durante quatro anos. Alguns foram produzidos com técnicas da escrita automática bem similares às dos surrealistas, embora ele não conhecesse o Surrealismo naquela época. O texto é repleto de neologismos, trocadilhos e sintaxes estranhas; não surpreende que não tenha cativado um grande número de leitores durante vários anos.

26 DE OUTUBRO

ROMA Sob pressão de Mussolini, o Parlamento italiano foi dissolvido.

27 DE OUTUBRO

LONDRES A Hogarth Press publicou seu primeiro livro completo: o romance *O quarto de Jacob*, de Virginia Woolf, em uma edição de cerca de 1.200 exemplares. A ilustração da capa era de Vanessa Bell.⁴⁰¹

Obra curta, com menos de 60 mil palavras, *O quarto de Jacob* relata a vida de seu personagem central, Jacob Flanders, da juventude à morte, presumivelmente em algum momento no fim dos anos 1920, ou mais ou menos nessa época, na Primeira Guerra Mundial. Nesse tempo, acompanhamos o personagem estudando em Cambridge, vagando em Londres e Paris, e viajando por Itália e Grécia. A narrativa pode ser bastante exigente, considerando que Woolf pula do ponto de vista de um personagem a outro, e depois outro, raramente assinalando a mudança de perspectiva. Seu estilo é trabalhado com excelência — talvez demais — e é ocasionalmente lírico. Há inúmeras digressões, às vezes representando uma cadeia de pensamentos na mente de algum personagem, em geral impossíveis de serem relacionadas a uma única consciência. Exemplo:

Quanto à beleza da mulher, é como a luz no oceano, jamais constante a uma única onda. Todas a possuem; todas a perdem. Agora, ela é maçante e grossa como bacon; agora, transparente como vidro dependurado. As faces fixas são as maçantes. Lá vem Lad Venice disposta como monumento a ser admirado, porém esculpida em alabastro, a ser colocada sobre a lareira e jamais ser polida. Uma morena garbosa completa, da cabeça aos pés, serve apenas como ilustração para ficar sobre a mesa da sala de estar...

E assim por diante.

Eliot escreveu a ela:

Você se libertou de qualquer comprometimento entre o romance tradicional e seu talento original. A mim, parece que preencheu uma certa lacuna que existia entre seus outros romances e a prosa experimental de *Segunda ou Terça-Feira*, e que conquistou um sucesso extraordinário.

Como aponta seu biógrafo, Quentin Bell, *O quarto de Jacob* marcou o começo da fama de Woolf; e é o livro tomado em geral como o início de sua carreira madura como escritora.



BIRKENHEAD Eric Blair entrou a bordo do SS *Herefordshire* para a jornada de três semanas que o levaria a Rangum, e dali para Mandalay. Não havia muito o que fazer para passageiros de primeira classe como ele naquelas semanas, a não ser vadiar, se empanturrar, jogar tênis no deque e aprender a tolerar o calor.⁴⁰²

O *Herefordshire* aportou em Rangum em novembro. Blair e Alfred Jones, o outro estagiário que o acompanhou, passaram alguns dias se reunindo com oficiais locais, e depois pegaram o trem para a viagem de 19 horas em direção ao norte para Mandalay, bem no coração de Burma. Foram recebidos na estação por Roger Beadon,⁴⁰³ o terceiro dos candidatos bem-sucedidos daquele ano, que os levou diretamente para o refeitório da polícia, logo ao lado da Escola de Treinamento da Polícia Provinciana de Burma. O refeitório seria o lar deles nos próximos 14 meses, e com frequência, tiveram o lugar só para eles.

Um treinamento padrão de nove meses na escola seguido de cinco meses probatórios em campo era o prelúdio comum para um primeiro cargo de fato. Blair e o restante dos internos daquele ano aprenderam — principalmente por memorização — procedimentos policiais, leis e línguas: birmanês e hindi. Blair pode não ter parecido uma figura muito bélica, mas suas habilidades linguísticas surpreenderam seus colegas de turma quase a ponto de causar espanto. Quando deixou Burma, cinco anos depois — “cinco anos entediados ao som de corneta”, disse certa vez —, pôde visitar templos e conversar com os *hpongyis*, ou padres, em seu próprio socaleto elaborado: de fato, um

sinal de nível bastante elevado de competência.

A estada de Blair em Burma foi desconfortável, solitária, melancólica, frustrante e, de tempos em tempos, enfurecedora. Ele não era um santo, e seus escritos autobiográficos admitem livremente que houve momentos em que berrou e agrediu serventes da mesma forma que as tropas inglesas mais ásperas faziam; momentos em que fantasiou como seria maravilhoso enfiar uma baioneta na goela de um monge budista sorridente. A longo prazo, no entanto, o tempo a serviço do Império se mostrou um treinamento ideal para um escritor comprometido a dar fim ao imperialismo.

28 DE OUTUBRO

ROMA Os fascistas de Mussolini tomaram o controle da Cidade Eterna em um evento conhecido como Marcha sobre Roma. Esse nome grandioso — que supõe um alto grau de disciplina e drama — adiciona uma dignidade não autorizada a um evento muito mais caótico. O que aconteceu foi que cerca de 20 mil soldados fascistas — os Camisas Negras — se encontraram na cidade vindos de quatro direções. Em sua maioria, estavam mal-alimentados, mal-armados e maltreinados. O avanço deles foi interrompido a cerca de trinta quilômetros da cidade e alguns deles decidiram desistir e ir para casa por causa da chuva torrencial. O Exército italiano poderia facilmente ter arrasado essa rebelião heterogênea, mas não havia vontade política de fazê-lo. No dia seguinte, 29 de outubro, o rei Vítor Emanuel III convidou Mussolini para formar um novo governo. Mussolini chegou no dia seguinte vestindo uma camiseta preta, calça preta e chapéu-coco. Tornou-se premier — o mais jovem na história da Itália.

29 DE OUTUBRO

LONDRES Virginia Woolf escreveu a David Garnett para parabenizá-lo por causa de seu romance mais recente, *Lady into Fox* [De lady a raposa].

A novela ou conto longo de Garnett foi uma das publicações mais excêntricas do ano; narra de maneira bem simples o que acontece quando uma jovem esposa é repentina e miraculosamente transformada em uma raposa. Trechos são contados como uma história para crianças — embora brutais em alguns momentos, e com reflexões

acerca de ciúme sexual e outros temas adultos. Parte da história é cômica de maneira obscura, especialmente nas primeiras páginas, em que o marido surpreso faz uma tentativa animada de ter uma vida normal, de classe média, com jogos de cartas e noites ao piano. A novela aproxima-se mais de *A Metamorfose* de Kafka do que de outros contos ingleses de transformação sobrenatural, e uma interpretação do livro pode ser que o marido — conforme pensam seus vizinhos — simplesmente está preso em uma ilusão horrível. Garnett negava constantemente que era uma alegoria de qualquer espécie, embora depois tivesse entendido que a história pode ser vista como uma narrativa de devoção marital levada ao extremo.

Do ponto de vista literário, a parte mais impressionante do livro é o modo como a heroína, a sra. Silvia Tebrick, é gradualmente tomada por sua nova natureza de raposa. No começo, ela é uma mulher presa no corpo de uma raposa e insiste em usar roupas: “Enquanto ele fazia os laçarotes, sua pobre senhora lhe agradecia com olhares gentis, não sem modéstia e confusão.” O casal toma chá junto e desfruta Handel e Gilbert e Sullivan. Mas então ela começa a ficar de olho no passarinho de estimação deles de forma estranha, e a perseguir os patos. Finalmente, ela mata um coelho selvagemmente e o devora com gula. Daí em diante, a narrativa é sobre como o amor do sr. Tebrick por ela sobrevive até mesmo depois que ela fica selvagem, copula com uma raposa macho e dá à luz filhotes.

Lady into Fox foi ilustrado com xilogravuras de R. A. Garnett; recebeu o prêmio Hawthornden e o Tait Black em 1923.



BERLIM O conde Harry Kessler divagou em seu diário:

Na Itália, os fascistas tomaram o poder por meio de um *coup d'état*. Se o retiverem, é um evento que pode ter consequências imprevisíveis, não só para a Itália mas para a Europa inteira. Pode ser o primeiro passo no avanço bem-sucedido da contrarrevolução. Até agora, como na França por exemplo, os governos da contrarrevolução pelo menos ainda se comportaram como se fossem democráticos e a favor da paz. Aqui, uma forma de governo honestamente antidemocrática e imperialista ganha novamente o controle. De certa maneira, o *coup d'état* de

Mussolini é comparável (de forma oposta, é claro) ao de Lenin em outubro de 1917. Talvez ele venha a ser o precursor de um período de novas desordens e guerras na Europa...

A vitória fascista foi emocionante e inspiradora para os nazistas, que seguiram o triunfo avidamente.

Em 30 de outubro, Kessler escreveu: “Mussolini foi nomeado primeiro-ministro pelo rei da Itália. Isso talvez vire um dia negro para a Itália e para a Europa.”

No dia 31, o negociante de arte René Gimpel registrou uma conversa com o famoso e altamente influente crítico de arte Bernard Berenson:

Estou em Florença. Mussolini foi nomeado presidente do Conselho. Fala-se muito sobre fascismo. Berenson comentou: “Esses fascistas são os mesmos que confiscaram os meus vinhos mais preciosos três anos atrás em nome do Comitê Soviético de Florença; depois, eram comunistas. Não sabem o que são. Os únicos italianos sortudos são os que vivem fora do país. Moro aqui há 32 anos e nunca vi um governo; essa é a forma de governo deles, assim como a polícia, um governo que se mantém discreto durante greves. Quando o governo encara dificuldades, desaparece; quando tudo se ajeita naturalmente, reaparece triunfante. Mesmo assim, tudo funciona neste país. Isso porque a Itália não é uma nação, é uma civilização!”

Depois do jantar, Berenson, aquele modelo de integridade, tentou me vender fotos, e eram péssimas!



RÚSSIA O Exército Vermelho ocupou Vladivostok, e repeliu as forças japonesas no entorno da cidade. Mais notícias boas para Lenin.



LONDRES O *Sunday Chronicle* discutiu uma palestra do “sr. Alfred Noyes, o renomado” poeta na Royal Society of Literature, na qual lançou um ataque mordaz contra o “bolchevismo literário de hoje em dia”. O alvo principal foi “o *Ulisses* do sr. James Joyce”, e o sr. Noyes foi intransigente: “É

simplesmente o livro mais imundo que já chegou a ser publicado.”

Expressou surpresa e horror que tantos intelectuais metropolitanos tivessem elogiado o livro e falado de Joyce como um escritor de gênio: a “única análise correta” que apareceu até agora na Grã-Bretanha, disse ele, foi a do *Sporting Times*, que chamou *Ulisses* de “a obra de um louco”. Se o livro fosse colocado perante uma corte criminal, continuou Noyes, “seria considerado uma massa corrupta de degradação indescritível”.

Muito mais perturbador do que o livro em si, disse Noyes, era o “fato apavorante” de “nossos pseudointelectuais” alimentarem o nome de Joyce ao mesmo tempo em que a reputação de grandes autores vitorianos, como Tennyson, vinha sendo atacada de vários lados. A situação toda “é o caso extremo da redução completa ao absurdo do que chamo de ‘bolchevismo literário do Hoje’”.

É claro que a essa altura Noyes havia lido a crítica hostil de *Ulisses* feita por Shane Leslie, dessa vez com publicação sob seu nome verdadeiro, na edição de outubro do *Quarterly Review*. Esse segundo ataque foi significativamente mais longo do que o artigo do *Dublin Review*, mas não menos feroz: “Em geral, o livro permanece impossível de ser lido, e não atrai citações.” E Leslie lançou novamente a observação cada vez mais familiar sobre “bolcheviques”: “Não estaremos errados se descrevermos a obra do sr. Joyce como bolchevismo literário. É experimental, anticristã, caótica, totalmente amoral.”

Provavelmente reconhecendo que os leitores do *Quarterly Review* ficariam menos perturbados do que os do *Dublin Review* quanto às blasfêmias contra a Igreja Católica — que talvez tivesse uma boa quantidade de protestantes —, Leslie lidou com suas objeções religiosas em relação ao livro de maneira bem branda (“De qualquer ponto de vista cristão, esse livro deve ser proclamado uma anátema, simplesmente porque tenta ridicularizar os temas e personagens mais sagrados no que tem sido a religião da Europa por quase 2 mil anos”). Em vez disso, concentra-se em mostrar que o livro é obsceno, revoltante, obscuro, mal-escrito e possivelmente uma farsa gigantesca que enganou “a guarda pretoriana da crítica” tanto na França quanto na Inglaterra.

NOVA YORK *The World We Live In* [O mundo em que vivemos], peça de Karel e Josef Čapek, estreou nos Estados Unidos.



LONDRES John Maynard Keynes foi para Berlim, onde foi convidado pelo chanceler alemão para uma conferência sobre a estabilização do marco. A conferência foi marcada para começar em 2 de novembro; ele viajou um pouco antes para passar tempo com seu amigo Carl Melchior.⁴⁰⁴



MOSCOU Lenin, aparentando estar bem de novo, fez sua primeira aparição pública no Executivo Central de Todas as Rússias, na Sala do Trono do Kremlin. Usando um uniforme militar um tanto gasto e desalinhado, passou despercebido por pouco mais de trezentos delegados até quase chegar ao palco. Então, uma celebração gigante começou, silenciada quando Lenin levantou a mão. Seus médicos, disse ele, só permitiram que falasse por 15 minutos; sendo assim, falou exatamente esse tempo, checando os minutos com olhadas discretas para o relógio de pulso.

Revisou o estado da Revolução; anunciou que Vladvostok havia sido recapturada dos japoneses; falou da necessidade de cortes radicais na burocracia. Depois disso, voltou ao salão verde, onde foi atacado por correspondentes do mundo todo. Um artista de um jornal de Nova York disse para ele: “O mundo diz que o senhor é um grande homem.” “Não sou um grande homem”, respondeu Lenin. “É só olhar para mim.”

³⁷⁴. Alguns críticos, incluindo Gary Lachman, sugeriram que as meditações de Eliot acerca de tempos passados, presentes e futuros em *Quatro quartetos*, poemas posteriores de Eliot, tiveram influência parcial de Ouspensky.

³⁷⁵. O jogo mais famoso que Gurdjieff mostrou, com efeito espetacular, quando levou seus dançarinos em uma turnê pelos Estados Unidos dois anos depois, era chamado de “Estátua” e consistia simplesmente em congelar o corpo imediatamente de acordo com o comando do mestre.

³⁷⁶. O comandante britânico, o general Harington, havia acabado de ordenar que Kemal retirasse suas tropas da área de Chanak. A principal zona de disputa era a Trácia, que caso fosse tomada pelas forças de Kemal daria aos turcos uma base forte na Europa. Se todos os gregos fossem expulsos da Trácia, então Turquia e Bulgária, ambas pró-soviets, poderiam facilmente formar um poderoso calço

anti-Aliados nos Bálcãs.

377. As forças de Kemal estavam agora a apenas um dia de marcha de Constantinopla. Já havia relatos de turcos ilegais nos subúrbios asiáticos da cidade. Os britânicos se preparavam com cautela para um possível ataque, implodindo pontes e bloqueando encruzilhadas. O general Harington ordenou a suspensão dos serviços de balsa no Bósforo.

378. Um dos membros dessa massa ansiosa era o senhorio grego de Hemingway, que havia comprado um hotel com as economias da vida inteira; Hemingway agora era seu único hóspede. “A Grécia lutou pelos Aliados na guerra e agora eles nos desertam. Não conseguimos entender.”

379. Eles permaneceram firmes — um ato memorável de bravura —, até que Lenin começou a adivinhar o que estavam pensando. “É paralisia?”, perguntou ao dr. Auerbach com um tom raro de fraqueza e súplica na voz. “Se for paralisia, vou servir para quê, e quem precisaria de mim?” Felizmente para o dr. Auerbach, uma enfermeira entrou e a conversa foi interrompida.

380. Fitzgerald havia escrito uma crítica positiva ao romance de guerra de Dos Passos, *Três soldados*.

381. Em uma carta de 13 de outubro, Zelda chamou o lugar de uma “casinha-Babbit elegante” — uma indicação de como *Babbit* já havia entrado na consciência do público.

382. “Marie Lloyd” era o nome artístico de Matilda Wood (nascida em 1870); tomou-o do *Lloyd’s Weekly Newspaper*, e não do banco no qual Eliot trabalhava. Foi uma artista desde criança e desfrutou da fama pela primeira vez depois de fazer sua própria versão da canção comum nos salões de música, “The Boy I Love is up in the Gallery”. A música era bastante inocente — assim como de fato era a maioria das outras músicas em seu repertório antes que ela colocasse as mãos nelas. Com piscadelas e expressões faciais, era capaz de transformar as canções mais inofensivas em um catálogo deliciosamente imundo de insinuações dúbias. Os guardiões da moral pública tentavam sempre fazer com que ela deixasse suas apresentações mais “limpas”, mas isso dava muito trabalho porque a luxúria não existia nas letras ou no formato da performance, mas sim na cumplicidade implícita entre artista e plateia.

Ela passou a ser ligada a uma série de apresentações de músicas de salão que ainda são lembradas hoje, incluindo “My Old Man (Said Follow the Van)” e “A Little of What You Fancy Does You Good”. Sua vida pessoal não era feliz; ela se casou três vezes e em torno de 1920 estava bebendo bastante. A devoção inspirada em seus fãs pode ser medida pelo fato de cerca de 100 mil pessoas de luto terem comparecido ao seu funeral em 12 de outubro.

383. Depois desse incidente, vários policiais que não gostavam de Horwood (o julgavam frio, arrogante e confortável apenas na companhia dos oficiais que também haviam servido no Exército) deram-lhe o apelido não muito doce de “O Soldado de Chocolate”.

384. O dr. Brosch, o oftalmologista de Joyce, voltou de férias no começo do mês. Achou que os médicos britânicos haviam de alguma forma exagerado na severidade da condição de Joyce.

385. Segundo Joyce, “o vinho branco é como a eletricidade. O vinho tinto tem aparência e gosto de bife de carne liquefeito”. (N.T.)

386. Sua reunião inaugural aconteceu em 14 de março; o “Dia da Alemanha” era sua primeira grande manifestação pública.

387. Cuja saúde melhorou muito ali; Gurdjieff o fez largar o cigarro.

[388.](#) Mais tarde, iria tornar-se a sra. Frank Lloyd Wright, e comandaria sua própria comunidade inflexível nos Estados Unidos.

[389.](#) Histórias da época geralmente sugerem que sua decoração foi inspirada na moda de Tutancâmon de 1922, mas isso só aconteceu em novembro.

[390.](#) A quantidade de trabalho colocada na produção do filme foi gigantesca. Douglas Fairbanks, que podia ser obsessivo quando um projeto tocava sua imaginação, passava horas lendo crônicas e baladas, mexendo em fotos, aprendendo sobre torneios e tapeçarias, castelos e cavalarias. Por mais que a narrativa acabasse se tornando utópica, Fairbanks insistiu que todos os detalhes técnicos fossem o mais precisos possível.

O filme foi orçado em um milhão de dólares (e passaria bastante desse orçamento, chegando a cerca de 1,4 milhão); visto que a indústria não ia tão bem, seria impossível achar alguém que investiria em tal escala, então o próprio Fairbanks deu o dinheiro. Quando a pré-produção começou, ele foi forçado a sair de Hollywood por algumas semanas para lidar com um processo em Nova York; em sua ausência, mais de quinhentos trabalhadores começaram a construir sets gigantescos — e depois a “envelhecê-los” plantando musgo e trepadeiras nas rachaduras do gesso. O trabalho continuava à noite iluminado por holofotes enormes, infestado de mosquitos. Quando Fairbanks saiu do trem, de volta de Nova York, em 9 de março, perguntou: “E então?” Eles o colocaram em um carro e o levaram ao set em Santa Mônica e La Brea. Cerca de 180 metros antes de chegar, ele viu pela primeira vez o que tinham conseguido fazer em pouco mais de dois meses: “Meu Deus! É incrível... é fantástico!”

O filme incentivou muito a economia local. Os turistas entupiam o set só para ficarem admirando, e muitos deles acabaram sendo contratados como extras; recebiam figurinos e — para muitos, bem mais incrível — uma marmita completa de almoço. Alan Dwan, o diretor, comentou mais tarde que a guerra que tinha acabado de acontecer facilitou o trabalho — quase todos os homens passaram por treinamento militar, então pareciam bem convincentes enquanto tropa e respondiam às direções de maneira eficiente.

[391.](#) No fim do ano, 21 mil exemplares do livro foram impressos — uma venda verdadeiramente marcante para uma coleção pequena dos versos de um homem que não publicava poesia havia anos. Enquanto isso, o próprio *A Shropshire Lad* estava vendendo respeitáveis 3 mil exemplares por ano. Sua evocação de jovens partindo para a guerra tomou uma potência renovada após quatro anos de combates em trincheiras.

[392.](#) No dia do lançamento, conforme os exemplares sumiam das prateleiras (as livrarias venderam todo o estoque antes do almoço), Housman prepara um pequeno pacote — uma cópia autografada do livro, recortes do *Times* e uma carta afetuosa de adeus — e a envia por correio ao “querido Mo”. Comentou que fazia quase exatamente 45 anos que se conheceram. Moses Butler morreu no dia 14 de janeiro de 1923.

[393.](#) O processo consideravelmente rápido de composição é bastante similar ao de *A Shropshire Lad*, cuja grande parte foi escrita no ano do julgamento de Wilde, 1895, e o resto no mês do julgamento.

[394.](#) Foram diversas as causas do fim da coalisão; a mais elementar é que era simplesmente muito grande e internamente dividida para sobreviver. Conservadores e Sindicalistas se opunham às políticas de Lloyd George para a reforma social, e ao que viam como sua propensão inescrupulosa de negociar com líderes irlandeses. Muitos sentiam que ele havia lidado mal com a crise de

Chanak em setembro, e os Conservadores mostraram, em junho, que ele havia se envolvido na venda de títulos de nobreza e honras. O esmagamento veio quando Austen Chamberlain convocou uma reunião dos MPs Conservadores no clube Carlton. Votaram, 187 a 87, pela retirada de seu apoio à coalisão.

[395.](#) Leonard e Ralph Partridge estavam presos um ao outro, e Ralph se recusava a ir embora. Só iria em março de 1923.

[396.](#) Uma das cartas que chegaram até ele quando deu entrada no hotel em Damasco o parabenizava por se tornar repentinamente “tão famoso quanto Wrigley’s” [uma marca de chicletes]. Foi um ano atarefado e inquieto. Depois de Damasco, foi para Beirute e Paris antes de retornar aos Estados Unidos, no final de fevereiro. Seu livro de viagem, *Rosinante on the Road Again* [Rosinante novamente na estrada], foi publicado nos Estados Unidos em março, uma nova tiragem de seu primeiro romance, *One Man’s Initiation: 1917* [Iniciação de um homem: 1917] em junho, e sua coleção de poemas, *A Pushcart at the Curb* [Carrinho de mão no meio-fio] em outubro. Passou semanas em Nova York e em Cambridge, fez caminhadas na Pensilvânia e nas Montanhas Catskills, foi ao casamento de John Peale Bishop em 17 de junho, retirou-se em Siracusa e em Maine, e depois, no fim de setembro, voltou a Nova York, onde caiu em uma farra alcoólica bastante assustadora com Zelda e Scott Fitzgerald. Começou com um almoço exuberante no Plaza, depois virou uma viagem ao Great Neck e, por insistência de Zelda (Scott ficou emburrado no carro com sua garrafa de uísque), passeios de deixar os cabelos em pé em uma roda gigante. A Carolina do Norte foi alívio depois disso.

[397.](#) Gide, que não aprovava a maneira como *Le Grand Écart* tentava omitir a verdadeira natureza sexual de seu herói, aprovava essa obra muito mais, visto que compreendeu Thomas cortejando uma menina adorável como mais uma falsidade do personagem. Cocteau negou veementemente que essa fosse sua intenção. No entanto, os poemas que escreveu quando estava hospedado no Sul com Radiguet, poemas que passaram a ser aceitos como clássicos da poesia de amor do século XX, foram todos inspirados em sua doce paixão pelo companheiro de viagem. Eram os correspondentes em versos dos desenhos excelentes que Cocteau fez de Radiguet dormindo, também naquele verão miraculoso de 1922.

[398.](#) D. G. Hogarth (1862-1927) foi, por algum tempo, guarda do museu Ashmolean, mentor de Lawrence no começo de sua carreira como arqueólogo, e um oficial da inteligência para o Departamento Árabe durante a guerra; o roteirista Robert Bolt explicou que Hogarth era uma das figuras reais por trás do personagem composto sr. David Lean em *Lawrence da Arábia*, de David Lean.

[399.](#) Enquanto digito essas frases, o rádio anuncia o Prêmio Nobel de Literatura a Mario Vargas Llosa — admirador eloquente de Vallejo. Vargas Llosa escreveu o prefácio da tradução para o inglês da coleção de poemas de Vallejo.

[400.](#) Nasceu na pequena cidade de Santiago de Chuci, nos Andes peruanos, e era o mais jovem de 11 filhos; a família era pobre, e Vallejo tinha de interromper seus estudos de tempos em tempos para ganhar dinheiro. Certa vez trabalhou em uma plantação de cana — uma das experiências que o inclinaram ao comunismo. Completou o bacharelado em literatura espanhola em 1915 e se mudou para Lima, onde trabalhou como diretor de escola. Seu primeiro livro foi *Los Heraldos Negros* [Os arautos negros], publicado em 1919 (apesar de a folha de rosto dizer 1918). A vida de Vallejo estava difícil nessa época; sua mãe morreu em 1920 e ele passou 105 dias na prisão por uma suposta participação instigando

uma rebelião em sua cidade natal. Fugiu para a Europa em 1923, onde viveu de maneira econômica, principalmente em Paris, até sua morte. Seus restos mortais estão enterrados no cemitério de Montparnasse.

401. O livro vendeu bem o suficiente para que uma segunda tiragem de 2 mil exemplares fosse feita poucas semanas depois, e para que fosse publicado nos Estados Unidos em fevereiro.

402. Dois acidentes ligeiramente chocantes durante a viagem alimentaram pensamentos desconfortáveis nele, tanto na época quanto em anos posteriores. Ficou imensamente impressionado com o ar de autoridade máscula e a competência que testemunhou nos quatro contramestres europeus que revezavam o comando do navio; ainda um jovem de 19 anos impressionável e sem experiência, tomou-os como figuras quase divinas. No entanto, certa tarde, viu rapidamente uma dessas divindades “correndo feito um rato”, tentando disfarçar o pudim de creme de ovos que roubou furtivamente das mesas massivamente postas dos passageiros. A surpresa ao ver um profissional tão qualificado e bem-treinado, que tinha as vidas deles em suas mãos, reduzido a roubar migalhas e restos “me ensinou mais do que teria aprendido em meia dúzia de panfletos socialistas”.

O segundo incidente foi uma lição sobre racismo, como diríamos hoje em dia. Quando o *Herefordshire* aportou em Colombo, a leva usual de escravos asiáticos entrou no navio. Um desses homens levava um compartimento de latão com o uniforme de um dos passageiros, e o balançava de forma tão desajeitada que era uma ameaça para as cabeças das pessoas. Vendo isso, um sargento branco deu-lhe um tremendo chute no traseiro, que o fez cair. Nenhum dos passageiros protestou. “O mais egoísta dos milionários da Inglaterra, se visse um compatriota sendo chutado daquela maneira, sentiria pelo menos um ressentimento momentâneo. E no entanto, ali estavam pessoas comuns, decentes, medíocres, (...) observando a cena sem emoção alguma, exceto uma leve aprovação.” Blair, o aluno descontente e cético da Eton, estava dando seus primeiros passos na estrada do socialismo.

403. Beadon lembraria de Blair como um homem bastante quieto, lúgubre, alto (1,90m) e dolorosamente magro, com seu uniforme ou *mufti* sempre com uma aparência desarrumada nele. Apesar de não ativamente desagradável, não participava do mundo da sinuca e dos gins rosas e das danças, preferindo ficar sozinho em seu quarto lendo. Isso não era necessariamente visto como algo ruim pelos seus superiores: oficiais estudiosos estavam em geral mais bem-equipados para lidar com as longas noites de solidão tropical do que seus companheiros mais gregários, que muito frequentemente sucumbiam à garrafa ou ao cachimbo do ópio.

404. Carl Melchior (1871-1933): uma das figuras mais influentes no mundo financeiro alemão. Foi conselheiro na Conferência de Paz de Paris em 1919, e em 1922 se tornou presidente de uma empresa farmacêutica poderosa, a Belesdorf AG. Durante a década de 1920, defendeu o argumento nada popular (para vários alemães) de que a Alemanha devia pelo menos tentar fazer os grandes reparos financeiros que os Aliados exigiam deles, embora essa política só pudesse durar pouco tempo. Seu trabalho o fez ter contato frequente com J. M. Keynes, e eles viraram grandes amigos.

NOVEMBRO

1º DE NOVENBRO

CONSTANTINOPLA O Império Otomano foi abolido e a Grande Assembleia Nacional tomou o controle da Turquia; a legitimidade do governo da GAN foi reconhecida internacionalmente alguns meses depois em uma conferência que aconteceu em Lausanne. O último sultão otomano, Mehmed VI, abdicou no devido tempo. Em 17 de novembro, tomou exílio na Itália.



LONDRES Em preparação para o lançamento iminente da BBC, o Parlamento introduziu uma licença de rádio de dez xelins.

2 DE NOVENBRO

AUSTRÁLIA A companhia aérea australiana Qantas começou seus primeiros serviços para passageiros.



LONDRES Eliot voltou de uma viagem curta para Worthing. Vivien escreveu uma carta extraordinária para Pound reclamando de lady Rothermere, ou, como chamou Vivien, “a mulher Rothermere”: “Ela é enlouquecida — uma daquelas mulheres bestialmente delirantes que são as mais perigosas.” Prosseguiu nesse tom, referindo-se ao Instituto Gurdjieff como se fosse um hospital mental:

Ela agora está naquele hospício chamado La Priure, onde faz danças religiosas pelada com Katherine Mansfield. “K. M.”, diz ela em todas as cartas, “é a mulher *mais inteligente* que já conheci *na vida*.” K. M. está derramando veneno no ouvido dela (é claro) porque K. M. odeia T[om Eliot] mais do que todo mundo.

Soa insensato e até paranoico. Contudo, no dia seguinte, Eliot também escreveu a Pound expressando praticamente os mesmos medos e ressentimentos, embora em linguagem mais comedida.

Lady Rothermere está cada vez mais ofensiva desde a publicação do *Criterion*, e especialmente desde que entrou em seu retiro para maníacos. Queria que você pudesse vê-la antes que ela volte para Paris e diga a ela sem rodeios que o *Criterion* é um SUCESSO.

Só recebi bons comentários. Quase todos os exemplares foram vendidos (seiscentos foram impressos). Mas essa mulher vai estragar tudo.

Pound respondeu rapidamente aconselhando Eliot a não prosseguir com o plano de emergência de tentar comprar o título de lady Rothermere.



LONDRES A Macmillan publicou duas lindas edições das obras escolhidas de W. B. Yeats: *Later Poems* [Últimos poemas] e *Plays in Prose and Verse* [Peças em prosa e verso]. O artista Charles Ricketts projetou a encadernação de tecido verde, e produziu desenhos de um unicórnio e um chafariz para as folhas de guarda. Alguns dias depois, Yeats escreveu uma carta graciosa a Ricketts:

Ontem minha esposa levou livros ao meu escritório, e sem conseguir conter a animação eu a ouvi exclamar antes de chegar na porta: “Finalmente você tem livros perfeitos.” E são perfeitos — obsequiosos e perfeitos. O pequeno desenho do unicórnio é uma obra de arte dentro dessa forma difícil...

E prosseguiu relatando atos recentes de violência: uma bomba pequena que havia sido jogada na rua na frente de uma reunião recente do Clube de Artes de Dublin,⁴⁰⁵ e uma bem maior do outro lado da Merrion Square alguns dias antes, poderosa o suficiente para estilhaçar as janelas de Yeats.



TRÁCIA Hemingway viajou para Muradli, no Leste da Trácia, para observar a retirada das tropas gregas. O território havia sido cedido aos turcos pelos Aliados, e foram dados apenas três dias para as forças gregas evacuarem. Era uma imagem triste: homens sujos, exaustos, infestados de piolhos e empesteados de mosquitos, vestidos com os restos dos uniformes do Exército americano, que não caíam bem. Deixaram para trás um rastro de amontoados de armas, bases de tiro e cumes fortificados onde estiveram ansiosos para lutar contra os turcos que chegariam. E no entanto, insistiu Hemingway, estavam longe de serem patéticos: ainda pareciam boas tropas — durões e robustos. Para ele, não havia dúvida de que teriam sido oponentes formidáveis para os invasores. Então o que deu errado? Depois de conversar com vários observadores militares, concluiu que aqueles soldados valentes haviam sido traídos em um grau muito elevado.

Até recentemente, vinham sendo bem comandados por oficiais que haviam servido com os britânicos em Salanika; sob tal liderança, podiam facilmente ter capturado Angora e dado fim à guerra por força. Em vez disso, todos os oficiais veteranos de campo foram abruptamente dispensados pelo rei Constantino e substituídos por membros do partido constantinista, cuja maior parte havia passado a guerra na Suíça e nunca nem ouviu o barulho de um tiro. Sua conduta de batalhas subsequentes não foi meramente incompetente, mas trágica e criminosamente negligente.⁴⁰⁶ O veredicto de Hemingway foi incisivo: Constantino falhou com esses homens. “São o resto da glória que foi a Grécia. Este é o final do segundo cerco de Troia.”

Hemingway voltou a Constantinopla, onde a sensação afobada de um massacre iminente morreu basicamente do dia para a noite. A Marinha Real partiu para o Mar de Mármara e enviou uma mensagem para Hamid Bey dizendo que, se houvesse algum massacre de cristãos, a cidade seria destruída. Pode ter sido um blefe, mas foi um blefe que funcionou. Uma sensação de calma reapareceu.⁴⁰⁷

Após enviar seu último relato, Hemingway — que agora sofria muito com a malária que havia contraído dos mosquitos de Constantinopla — partiu para Sófia, onde escreveu um artigo longo refletindo sobre o terror da evacuação de Trácia e descrevendo outras experiências observando os soldados gregos em retirada enquanto ia para a Bulgária. Lembrou seus leitores de que, independente de quanto tempo levasse para que seus envios chegassem ao jornal, uma coluna longa de 250 mil de refugiados civis ainda se arrastava lentamente em direção à Macedônia.⁴⁰⁸

3 DE NOVEMBRO

MUNIQUE Em menos de uma semana depois do *coup d'état* italiano, Hermann Esser, funcionário do partido nazista, proclamou para o salão Festsaal lotado, na cervejaria Hofbrauhaus: “O Mussolini da Alemanha se chama Adolf Hitler.” Em retrospecto, esse anúncio pode ser visto como o começo do culto do Führer.

4 DE NOVEMBRO

VALE DOS REIS, EGITO O arqueólogo inglês Howard Carter e seus homens descobriram o que obviamente era um degrau de pedra. No dia seguinte, eles o limparam. Carter logo viu que era uma descoberta de grande importância: finalmente, haviam encontrado a entrada da tumba de Tutancâmon.

Embora os participantes não fizessem ideia de que estavam à beira da fama mundial, uma das histórias mais intensamente consumidas daquele ano — de fato, daquela década — estava prestes a ser desvendada. Foi um grande evento na história da arqueologia, mas também foi descrito como o verdadeiro primeiro evento midiático do mundo: uma espécie de fantasia coletiva, criada pela imprensa, que tocou a vida de milhões de pessoas tanto na época quanto nos anos por vir.

5 DE NOVEMBRO

MOSCOU Abertura do Quarto Congresso da Internacional Comunista. Lenin, ainda gravemente doente, não conseguiu comparecer, porém escreveu uma carta que foi lida na abertura. Entre os participantes estava a estrela literária do crescente Renascimento do Harlem, Claude McKay, que durante o congresso conheceu Trotski e Bukharin.⁴⁰⁹

6 DE NOVEMBRO

DUBLIN Yeats escreveu ao amigo, o estudioso literário Herbert Grierson:

Estamos aqui preparando por trás da camada de bombas e fumaça um retorno à política conservadora, como em outros lugares da

Europa, ou pelo menos a uma substituição do senso histórico de lógica. O retorno será doloroso e talvez violento, mas vários homens esclarecidos falam sobre ele e devem em breve trabalhar para ele ou talvez fazer rebeliões por ele.

Adicionou que vários desses homens estavam olhando com interesse para a “Itália individualista”.



EGITO Carter enviou um telegrama codificado para seu patrão, George Edward Stanhiope Molyneus Herbert, quinto conde de Carnarvon, endereçado à sua residência de família, o castelo Highclere, perto de Newbury. Decodificado, o telegrama dizia:

FINALMENTE FIZ DESCOBERTA INCRÍVEL NO VALE PONTO UMA TUMBA
MAGNÍFICA COM LACRES INTACTOS PONTO LACREI NOVAMENTE PARA
SUA CHEGADA PONTO CONGRATULAÇÕES FIM

A resposta inicial de Carnarvon foi bastante fria:

POSSÍVEL CHEGAR EMBREVE

Contudo, ele refletiu e ficou mais animado.⁴¹⁰ Se Carter realmente achava que a descoberta era ^{MAGNÍFICA}, certamente era hora de ir ver o que tinha descoberto. Carnarvon enviou um segundo telegrama:

DEVO CHEGAR ALEXANDRIA DIA₂₀

Carter esperou seu patrão como devia.

7 DE NOVEMBRO

LONDRES Eliot escreveu novamente a Pound sobre a questão de publicar uma história de Katherine Mansfield.

Eu mesmo gostaria muito mais de ter alguma coisa de Murry; ele pelo menos é mais preferível, em todos os sentidos, do que a esposa. Essa não é de forma alguma a mulher mais inteligente que

lady R. já conheceu. É simplesmente uma das impostoras mais persistentes e grosseiras, e uma das mulheres mais vulgares que lady R. já conheceu, e é também uma resmungona sentimental.

Na política editorial futura, ele sugeriu que como “há apenas meia dúzia de homens de letras (e nenhuma mulher)” que valia a pena ser publicada, queria solicitar artigos de pessoas eminentes em outros campos: sir James Frazer, o antropólogo e estudioso de mitos; o neurocirurgião e psicólogo William Throtter; sir Arthur Eddington, o astrônomo; e o fisiólogo sir Charles Sherrington. Na ocasião, nenhum desses sábios jamais contribuiu para o *Criterion*.



MOSCOU Em colaboração com Sergei Yutkevich, Sergei Eisenstein — que logo se firmaria como o diretor de cinema mais celebrado, e talvez o mais habilidoso, da União Soviética — publicou seu primeiro artigo teórico sobre o cinema: “A oitava arte. Sobre Expressionismo, América, e, é claro, Charles Chaplin”. A publicação apareceu na revista *Ekho*. Naquela época, Eisenstein ainda estava trabalhando no teatro de Moscou, e não havia dirigido nem um centímetro de filme.⁴¹¹



BERLIM Kessler escreveu sobre a crise da inflação: “Nove mil marcos para um dólar. A taxa diária de câmbio mostra o progresso do nosso declínio como o termômetro de um paciente muito doente.”

8 DE NOVEMBRO

BERLIM Vladimir Nabokov estava começando a fazer amizades literárias, e foi cofundador de um círculo de jovens escritores imigrantes que se chamavam, caçoando, pelo nome heroico de a Irmandade da Távola Redonda (*Bratstvo Kruglogo Stola*). O homem que havia sugerido o grupo, Leonid Chatsky, descreveu o colega como um “Pégaso do século XX” — parte girafa, parte cavalo-marinho: “Sirene”, alto e magro, parecia mover o pescoço apenas quando lia suas composições. Foi um período entusiasmante: durante 1922 e 1923, muitos dos principais escritores russos passaram pelo menos algum

tempo em Berlim: Gorki, Maiakovski, Pasternak, Tsvetaeva, Bely e outros. “Sirene” era um peixinho de aquário dentre essas baleias; mas no mundo da língua inglesa, “Nabokov” eventualmente ultrapassaria todos eles.



LONDRES Eliot escreveu a Richard Aldington e explicou que estava tendo dificuldades consideráveis em escrever a crítica de *Ulisses* que havia prometido ao *Dial*; reclamou dizendo que achava difícil expressar suas opiniões “de maneira inteligível, considerando que tenho pouca simpatia pela maioria, tanto por seus admiradores quanto por seus opositores”.

10 DE NOVEMBRO

STETTIN Depois de quatro meses de incerteza e atraso, após finalmente receber um visto de saída da Rússia, a mãe de Stravinsky chegou a Stettin, onde novamente ficou presa na burocracia para obter um visto belga de turismo. Três dias depois, pôde sair, e se encontrou com Igor na Alemanha. Os dois viajaram para Paris juntos, onde chegaram em 14 de novembro.



BERLIM Um telegrama chegou à residência de Einstein. Traduzido do alemão, dizia: “Prêmio Nobel de Física dado a você; mais informações por carta.”⁴¹² Não havia ninguém na casa de Einstein para receber a notícia. O rumor de que foi uma das últimas pessoas a ficar sabendo da honra ficou firmemente estabelecido como parte do seu mito popular. Biógrafos recentes acabaram com essa versão intrigante: na realidade, Einstein havia sido avisado discretamente muito antes.

O físico e sua segunda esposa (e também prima), Elsa,⁴¹³ estavam a caminho do Japão, onde ficariam até 19 de dezembro. A nação estava fascinada por Einstein, e a recepção foi ainda mais entusiasmada do que a de Paris. Um repórter comentou que “quando ele chegou à estação, havia uma multidão tamanha que a polícia não conseguiu lidar com o esmagamento perigoso. (...) Einstein se manteve modesto, amigável e simples (...) no festival Crisântemo, o centro das atenções não foi nem a imperatriz, nem o príncipe regente; tudo se virou para Einstein”.

No fim do ano, os Einstein deixaram o Japão e foram para o próximo destino: a Palestina.

11 DE NOVEMBRO

DUNDEE Ainda muito enfraquecido por causa da recente cirurgia de apendicite, Winston Churchill fez seu discurso de eleição para o distrito eleitoral de Dundee, onde se posicionava como candidato liberal. Suas anotações para o discurso, organizadas em frases quebradas como se fossem poesia, eram remissivas de um profeta do Velho Testamento, ou então de *A terra devastada*. Começou com uma visão geral do século XX como uma era “terrível e melancólica”, cheia de desastres e horrores — um tempo em que todos os avanços que a civilização havia feito nos milhares de anos anteriores eram reduzidos à “falência, barbárie ou anarquia”.

Pediu aos ouvintes que contemplassem o desastre global contemporâneo: China e México “afundados em confusão”; Rússia, onde um pequeno grupo de “criminosos comunistas” eram tiranos; Irlanda, onde civilização e cristianismo haviam regredido; Egito e Índia levadas de volta ao “caos primitivo”. O clímax era uma obra de arte de presságio e desafio:

Há como duvidar, meus amigos fiéis,

conforme analisam esse panorama sombrio,

que a humanidade está passando por um período marcado

não apenas por uma destruição enorme

& por um encurtamento da espécie humana,

não apenas por um empobrecimento vasto

& pela redução de meios de existência

mas também que tendências destrutivas

ainda não chegaram ao fim?

E apenas esforços intensos, combinados & prolongados
entre todas as nações

podem evitar mais & talvez ainda piores calamidades.

Churchill acabou perdendo a eleição em Dundee.

12 DE NOVEMBRO

PARIS Os Joyce fizeram as malas, deixaram o hotel e voltaram a Paris, onde foram para seu novo apartamento alugado na avenue Charles Floquet. Joyce teve duas grandes discussões neste mês — uma com Sylvia Beach, outra com Frank Budgen. No dia 17, admitiu a Harriet Shaw Weaver que Sylvia Beach tinha bons motivos para reclamar sobre a administração das transações dele:

Possivelmente, parte da culpa é minha. Eu, meu olho, minhas necessidades e meu livro turbulento estão sempre presentes. Não há banquete ou celebração ou reunião de acionistas onde na hora fatal eu não apareça na porta com indumentárias dúbias, com impedimentos, uma família calada e esperançosa, um curativo sobre um olho uivando tristemente por ajuda...



LONDRES Eliot escreveu a Gilbert Seldes.⁴¹⁴ Entre outros assuntos, agradeceu a ele por sua crítica de *A terra devastada* na última edição da *Dial*.



ESTADOS UNIDOS Estreia de *O país da tormenta*, com Mary Pickford — “A namoradinha da América”. Foi a única grande aparição de Mary Pickford no cinema em 1922.



LONDRES Virginia Woolf escreveu a lady Robert Cecil: “Leonard tem se

encontrado com lorde Robert. Viu seus constituintes, e parecem cordiais; mas se ele realmente entrar (estou falando sobre Leonard), me divorcio dele. A traição não acontece apenas com mulheres. Na verdade, a política me parece pior do que amantes.”

Cerca de uma semana antes, escreveu a Dora Sanger: “Por que você acusa Leonard de ser indiferente com assuntos públicos? Aqui está ele, trabalhando como um escravo o dia todo para fazer com que o mundo seja seguro para receber a democracia, ou alguma besteira dessas. Está certo que será MP Woolf em breve, e eu vou dedicar minha vida a dar chás da tarde no terraço.”⁴¹⁵

Também foi em novembro que Virginia compareceu a uma palestra de Paul Valéry,⁴¹⁶ que havia publicado *Charmes* [Encantos] recentemente.

Outra conexão francesa importante para Bloomsbury neste mês: Roger Fry foi se tratar na clínica do dr. Émile Coué (1857-1926), em Nancy.

14 DE NOVENBRO

LONDRES A British Broadcasting Company iniciou suas transmissões no Reino Unido a partir da estação 2LO, na Marconi House.



LONDRES Eliot escreveu a Pound na noite das eleições britânicas, principalmente acerca do *Bel Esprit* e suas ansiedades monetárias em geral, mas também em defesa leal de Vivien, e sobre o papel que ela teve em fazê-lo virar um poeta: “E também deve-se lembrar que ela me impediu de voltar para os Estados Unidos, onde eu teria me tornado um professor e provavelmente nunca escreveria outro verso.” Seu comentário final foi impiedoso: “Ainda não vi lady R. Estou na expectativa, com horror, de vê-la amanhã.”

15 DE NOVENBRO

REINO UNIDO Eleição geral. Um dos candidatos do Partido Trabalhista era Bertrand Russell. Originalmente, havia sido indicado — pelo historiador radical (e presidente do Partido Trabalhista Universitário) R. H. Tawney —

como candidato para uma cadeira plausível na Universidade de Londres. Mas membros do partido insistiram que H. G. Wells fosse sugerido em vez dele.⁴¹⁷ Como alternativa, requisitaram que Russell se candidatasse em uma fortaleza conservadora — seu próprio bairro, Chelsea, onde seu oponente seria o inderrotável sir Samuel Hoare. Russell aceitou a fatídica missão, em parte porque lhe dava uma boa oportunidade de fazer com que seu apoio ao partido fosse divulgado.

Os resultados das eleições se mostraram significativos, e moldaram a vida política britânica para o resto do século. Os Conservadores, com Andrew Bonar Law (1858-1923), ganharam uma maioria clara, 344 cadeiras. Mas o Partido Trabalhista conseguiu dobrar sua presença na Câmara dos Comuns, tomando 142 cadeiras; ao passo que os Liberais, com Herbert Henry Asquith, ganharam apenas 62, e os chamados Liberais Nacionais, liderados por David Lloyd George, cinquenta. Bonar Law foi eleito primeiro-ministro.⁴¹⁸

Esse foi verdadeiramente o final da era liberal na política britânica; o Partido Trabalhista estava agora firmemente estabelecido como o segundo partido da nação. Em 22 de novembro, para o desgosto de Leonard Woolf, e para a felicidade de Russell, o líder antiguerra Ramsay MacDonald foi eleito líder do Partido Trabalhista.



ÁUSTRIA Wittgenstein escreveu a Ogden sobre os exemplares finalizados de *Tractatus Logico-Philosophicus*, que tinham acabado de ser entregues a ele no vilarejo de Puchberg, nas Montanhas Schneeberg: “Estão muito bonitos. Eu gostaria que o conteúdo tivesse metade da qualidade da aparência externa.” Wittgenstein estava novamente lecionando em uma escola primária.

16 DE NOVEMBRO

ESTADOS UNIDOS O *New York Times* relatou que o Partido Comunista russo emitiu uma condenação das teorias de Einstein, alegando que eram “reacionárias em sua natureza, fornecendo apoio para ideias contrarrevolucionárias” e “o produto da classe burguesa em decomposição”.



PARIS Hemingway escreveu a Harriet Monroe perguntando quando pretendia publicar os poemas que ele tinha enviado; gabando-se pela Three Mountains Press estar prestes a publicar uma coleção de seus escritos, editados por Pound; e fofocando sobre vários conhecidos. A notícia mais recente era que Ford Madox Ford, o primoroso romancista e editor, chegaria a Paris no dia seguinte para uma estada de cerca de um mês. Isso interessava muito a Hemingway, que habitualmente gostava de visitar celebridades.⁴¹⁹



PARIS Vladimir Maiakovski, um dos jovens poetas russos mais prodigamente dotados que ainda não estava desiludido com os bolcheviques, visitou Igor Stravinsky em seu estúdio. Era um pequeno salão na parte de cima de uma fábrica de pianolas na rue Rochechouart, ao lado da casa onde Chopin havia morado quando ficou em Paris.

O lamento, direcionado à alma, das pianolas sendo testadas fluía ao andar de cima até mesmo com as portas fechadas. (...) A salinha minúscula do compositor estava repleta de pianos grandiosos e pianolas. Aqui, Stravinsky cria suas sinfonias; pode testar sua obra diretamente na fábrica, experimentando os esboços musicais na pianola. Fala de maneira arrebatadora sobre compor para oito, 16 e até 22 mãos!

17 DE NOVEMBRO

BARCELONA André Breton deu a palestra “Caractères de l’évolution moderne et ce qui en participe” [Características da evolução moderna e o que a estimula], no Ateneo — em parte para promover a abertura de uma exposição dos trabalhos de Picabia na galeria Dalmau.⁴²⁰ Apresentada em francês, conforme sugere o título, e com algumas concessões ao fato de que a plateia local talvez não estivesse acostumada a argumentos complexos em um idioma estrangeiro, a palestra ainda assim causou um barulho considerável. Picabia foi com sua amante, Germaine Everling, que mais tarde se tornou sua esposa.

Complexa e intransigente, como foi em algumas partes, a ideia geral parecia bastante simples: Breton declarou que o Dadaísmo estava agora inteiramente *passé* — uma alegação que enraiveceu o grupo

Dadá local — e condenou a condução de Tzara durante o Congresso de Paris: “Não seria ruim restituir as leis do Terror para as coisas da mente.” Contudo, aclamou o que chamou de a nova geração — os artistas Picasso, Picabia, Man Ray; os autores Aragon, Eluard, Desnos (“o cavaleiro que foi mais longe”) — e confirmou a importância duradoura de Lautréamont, Rimbaud, Cravan e outros. Sugeriu também que, assim como o Futurismo e o Cubismo, o Dadaísmo talvez fosse mais bem-compreendido como o antecessor de um movimento moderno mais geral e difuso ainda sem nome, que estava prestes a achar uma expressão vigorosa e revolucionária. Dois anos mais tarde, Breton deu a esse movimento o nome de “Surrealismo”.

Salvador Dalí não estava nessa palestra, mas parece plausível que ele a tenha lido, e talvez até que tivesse um exemplar do catálogo da exposição de Picabia, que trazia um prefácio de Breton com grande parte do mesmo conteúdo da palestra de Barcelona. Se foi o caso, ele teria notado o uso conspiracional da palavra *nous* por parte de Breton, sendo que o “nós” em questão eram os escritores e artistas associados ao seu jornal, *Littérature*; e a insistência de Breton de que era em Paris, e apenas em Paris, que o espírito moderno estava sendo forjado.

Em 20 de novembro, Breton estava de volta a Paris. Fez uma tentativa frustrada de montar um novo salão, o “Salon X”, para protestar contra exposições mais tradicionais de arte, mas os artistas que abordou (Brancusi, Duchamp, Ernst, Picabia, Picasso) não se mostraram muito interessados, e o projeto se dissipou no fim do ano.⁴²¹

18 DE NOVEMBRO

FAR FARNBOROUGH T. E. Lawrence, que venerava Churchill como um herói, enviou-lhe uma carta de condolência:

Sei, é claro, que seu senso de luta está exigindo que você volte para a batalha a princípio: mas seria melhor que suas forças tivessem descanso & se reorganizassem: & não é uma tática ruim a de se afastar um pouco. O público não vai se esquecer de você por agora, & você vai estar em posição de escolher sua nova posição e uma linha de ação com mais liberdade, por um intervalo. Nem preciso mencionar que estou à sua disposição quando precisar de mim — se algum dia precisar. Já tive

inúmeros chefes na vida, mas nunca um que de fato fosse o meu chefe...

Churchill ficou em quarto lugar nas eleições de Dundee; o candidato vencedor foi um homem do movimento de temperança, portanto a eleição não foi inteiramente um reflexo da inclinação nacional em favor dos conservadores. Mesmo assim, a sensação foi a de uma rejeição esmagadora — embora, ao contrário de alguns de seus apoiadores, Churchill jamais tenha falado com amargura sobre o eleitorado de Dundee. Viu as condições péssimas em que os constituintes mais pobres viviam e entendeu claramente, e até com simpatia, que podiam ter motivos para detestar e desconfiar dos ricos.



PARIS Aproximadamente às cinco e meia da tarde, Proust morreu. Entre os que estavam ao seu lado havia o irmão, o dr. Robert Proust; o dr. Bize e sua equipe, cheios de bolsas de oxigênio e seringas; o motorista Odilon, que lhe trouxe a última tulipa de cerveja gelada do Ritz; e, é claro, a governanta incansavelmente fiel, Céleste. Aceitou as injeções, mas pegou Céleste com raiva pelo pulso, apertando-a com toda a força que ainda tinha e brigando com ela por ter deixado os médicos irem até ele.⁴²² A última palavra que pronunciou, semiconsciente, foi “mãe”.

A notícia da morte de Proust teve um impacto memorável em Paris. O jornalista britânico A. K. Walkley reportou ao *Times*:

A julgar pelos jornais, houve uma tremenda “crise” em assuntos públicos: o triunfo do fascismo na Itália, a Conferência de Lausanne, as eleições inglesas. Mas para muitos de nós, os grandes eventos não passam de espetáculos; correm rapidamente pela tela enquanto a banda toca fragmentos irrelevantes de música no mesmo ritmo, e não parecem mais reais do que as aventuras, ficções admitidas, que são “filmadas” para nossas horas de ócio. Não voltam para casa conosco, para nossos negócios e corações. No entanto, uma notícia no *Times* da segunda-feira passada chocou a muitos de nós com um espanto repentino e absurdamente indignado, como um golpe ilícito: refiro-me à morte de Marcel Proust...



LONDRES Eliot escreveu a Richard Aldington e enviou um recorte — a coluna “Books and Bookmen” [Livros e Livreiros] de Brother Savage, tirada do *Liverpool Post* de 16 de novembro. O artigo fazia uma descrição altamente preconceituosa e potencialmente danosa do esquema *Bel Esprit*:

Até recentemente, o sr. Eliot ganhava a vida em um banco de Londres. Anteriormente, seus admiradores já haviam tentado convencê-lo a entregar-se à literatura, e apontaram sua poesia e *The Sacred Wood* [A madeira sagrada], um livro de crítica, como trabalhos que substanciaram a alegação de que é um autor com futuro. Na verdade, conforme contou a interessante história na época, o total de oitocentas libras foi coletado e presenteado ao sr. Eliot naquele momento. A piada diz que ele aceitou o presente com calma e respondeu: “Muito obrigado a todos: farei bom uso do dinheiro, mas gosto do banco!”

O artigo continua e fala sobre o colapso nervoso de Eliot. Alguns detalhes eram verdadeiros — tão verdadeiros que certamente alguém do círculo de amigos e conhecidos de Eliot deve ter contado. Eliot suspeitava de Aldington, e seu comentário chegou bem perto de ser uma acusação: “Você DEVE saber, tanto quanto eu, de QUAL fonte isso provavelmente DEVE ter emanado.”

Eliot ameaçou tomar medidas judiciais, mas se contentou com um pedido de desculpas, publicado no dia 30 de novembro no *Liverpool Daily Post and Mercury* embaixo da sua carta formal de protesto, e assinado pelo editor do jornal.

19 DE NOVEMBRO

PARIS Cerca de dez amigos e familiares mais próximos de Proust foram convidados para velarem seu corpo. Um dos convidados em luto era Cocteau, que notou os vinte manuscritos de *Em busca do tempo perdido* em cima da lareira: “Aquela pilha de papel à esquerda dele ainda estava viva, como relógios batendo as horas nos pulsos de soldados mortos.” Dois pintores, um escultor e um fotógrafo — Man Ray — foram convocados para produzir imagens do autor. A imagem de Man Ray virou a mais conhecida dentre esses

retratos de seu leito de morte.



LONDRES Um jornalista pio bastante conhecido do *Sunday Express*, James Douglas, fez uma crítica ao *The Diary of a Drug Fiend* [Diário de um viciado] de Aleister Crowley sob o título de “A Book of Burning” [Um livro de chamas].⁴²³ O artigo atçou um pânico moral.

Douglas — que havia recentemente reclamado sobre *Ronda grotesca*, de Aldous Huxley, por sua “imundice e blasfêmia” — resumiu o livro dizendo que “descreve as orgias viciosas praticadas por um grupo de degenerados morais que estimulam seus desejos degradados com doses de cocaína e heroína”. Não menos condenatório, ele comparou a obra àquele livro notoriamente depravado, *Ulisses*.⁴²⁴

No fim de semana seguinte, o *Sunday Express* veio com uma manchete gigantesca na primeira página:

EXPOSIÇÃO COMPLETA DE AUTOR VICIADO

HISTÓRICO NEGRO DE ALEISTER CROWLEY.
APROVEITANDO-SE DOS DEGRADADOS.
SUA ABADIA.
EXTRAVAGÂNCIA E VÍCIONA SICÍLIA.

O jornal, de alguma maneira, havia encontrado a antiga sócia de Crowley, a romancista Mary Butts, e conseguiu uma entrevista demonizadora. Um resultado de toda essa publicidade chocante foi inteiramente para o benefício da Besta: *Drug Fiend* rapidamente esgotou sua primeira edição de 3 mil exemplares. Entretanto, o editor William Collins ficou com medo, recusou-se a autorizar uma segunda edição e cancelou o contrato para a autobiografia de Crowley.

A essa altura, Crowley já estava de volta a Cefalù, para onde viajou via Roma (onde encenou um ato de sexo *magick* com uma prostituta) no fim de outubro; leu o discurso raivoso do *Sunday Express* em sua abadia⁴²⁵ e ficou inquieto. Após consultar o *I Ching*, escreveu uma carta ao dono do jornal, o lorde Beaverbrook, pedindo um tratamento melhor e uma entrevista independente. Nenhuma resposta foi recebida.

20 DE NOVEMBRO

LAUSANNE Abertura da conferência para ratificar a vitória turca: havia representantes de Inglaterra, França e Itália, assim como Grécia e Turquia.

Hemingway chegou no dia 22 e ficou até 16 de dezembro. Quebrando seu contrato, estava enviando relatos a três empregadores diferentes: não apenas para o seu jornal, mas também ao *International News Service* (sob o pseudônimo John Hadley) e para o *Hearst's Universal News Service*. Em dezembro, quando o INS questionou suas demandas financeiras e exigiu um relato mais completo, ele lhes enviou um telegrama raivoso: SUGIRO ENFIAREM LIVROS ÂNUS ACIMA.

Foi em Lausanne que conduziu sua segunda entrevista com Mussolini.

21 DE NOVEMBRO

WASHINGTON, D. C. Eleita a primeira mulher para o cargo de senadora dos Estados Unidos: Rebecca L. Felton, da Geórgia.



TCHECOSLOVÁQUIA A peça de Karel Čapek sobre a imortalidade, *Věc Makropulos* [O caso Makropulos], estreou no teatro Vinohrady, em Praga.⁴²⁶ Foi um ano bom para Čapek (1890-1938), que também publicou um romance de ficção científica, *Továrna na absolutro* [O grande absoluto], e, em colaboração com seu irmão pintor, outra peça, *Lásky hra osudná* [O fatídico jogo do amor]. Dois anos antes, na peça *A fábrica de robôs*, os irmãos cunharam a palavra “robô”.



PARIS O funeral de Marcel Proust aconteceu na igreja de Saint-Pierre-de-Chaillot. Como cavaleiro da Légion d'Honneur, Proust tinha direito a honras militares completas. Os músicos tocaram “Pavane pour une infante défunte” [Pavana para uma princesa morta], de Ravel, e o abade Delpouve pronunciou o seu perdão. Entre as muitas pessoas que foram prestar homenagem estavam Ford Madox Ford⁴²⁷ e James Joyce, que certamente já estava se arrependendo do encontro que nunca aconteceu entre eles no Majestic em maio. Diaghilev

também estava lá, bem como os escritores Maurice Barrès e François Mauriac, e o político conservador Leon Daudet. O escritor mais improvável presente foi Vladimir Maiakovski.

22 DE NOVEMBRO

OXFORD Bertrand Russell apresentou uma palestra chamada “Vagueness” [Incerteza] para a Sociedade Jowett.



NOVA YORK Carl Van Vechten escreveu um recado animado para o amigo Arthur Davidson Ficke, que estava prestes a se divorciar naquele mesmo dia:

Querido Arthur, a vida é muito divertida! Wallace Stevens bebeu um quartilho do meu melhor Bourbon ontem e depois me contou o quanto me detesta...

A primeira coleção de poemas de Wallace Stevens, *Harmonium* [Harmônio], foi publicada pela Knopf em 1923 — uma estreia um tanto tardia, visto que Stevens tinha 44 anos. Sua reputação, especialmente nos Estados Unidos, só cresceu nas décadas que se seguiram, e agora ele compete com artistas como Eliot, Pound e William Carlos Williams pela honra de ser o maior poeta americano do século XX.

24 DE NOVEMBRO

DUBLIN O romancista popular e membro do IRA Robert Erskine Childers foi executado por uma tropa de atiradores do exército do Estado Livre Irlandês por estar em posse ilegal de uma pistola.

25 DE NOVEMBRO

PARIS Pela primeira vez na Cidade Luz, Stravinsky conduziu uma performance de *O pássaro de fogo*, de 1919, assim como *Fogos de artifício* e partes de *O rouxinol*. Depois, deixou Paris com a mãe e a levou para Biarritz para

passarem férias, extremamente necessárias.



LUXOR Acompanhado da filha, lady Evelyn Herbert, o lorde Carnarvon finalmente chegou a Luxor. Nas semanas desde que recebeu aquela mensagem importantíssima de Carter, os trabalhadores já haviam conseguido criar uma passagem em declive de nove metros até a tumba, onde uma segunda entrada lacrada se prostava entre eles e o príncipe falecido.

No dia 26, Howard Carter e o lorde Carnarvon se tornaram as primeiras pessoas a entrarem na tumba de Tutancâmon depois de cerca de 3 mil anos. O que aconteceu depois ficou para a posteridade nas páginas do livro de Carter, *A descoberta da tumba de Tutancâmon*:

O momento decisivo havia chegado. Com as mãos trêmulas, abri uma pequena brecha no canto superior esquerdo, (...) fizemos testes com velas, por precaução contra possíveis gases pútridos, e depois, alargando um pouco o buraco, inseri uma vela e olhei lá para dentro, com o lorde Carnarvon, lady Evelyn e Callendar⁴²⁸ ansiosamente ao meu lado para escutar o veredicto. No início, não consegui ver nada, o ar quente que escapava da câmara fazia com que a chama da vela tremesse, mas então, assim que meus olhos se acostumaram à luz, detalhes da sala emergiram lentamente da bruma: animais estranhos, estátuas e ouro — o brilho do ouro por todos os lados. Por um momento — deve ter parecido uma eternidade para os que estavam ao meu lado — fiquei estupefato de tanto maravilhamento, e quando o lorde Carnarvon, incapaz de suportar o suspense por mais tempo, perguntou ansiosamente “Está vendo alguma coisa?”, só consegui responder “Sim, coisas maravilhosas”.⁴²⁹

A notícia da descoberta apareceu primeiro no *Times* no dia 30 de novembro, e, nas palavras de Christopher Frayling em *The Face of Tutankhamon* [O rosto de Tutancâmon], “o interesse público pela descoberta (...) atingiu proporções épicas na Europa e nos Estados Unidos no Natal de 1922”. A “febre” — em si uma palavra dessa década — por tudo relacionado a Tut logo cresceu,⁴³⁰ e durou mais do que os mais otimistas podiam ter esperado: em seu auge, em 1925, e depois — devido à grande influência no estilo conhecido como art

déco — durante muitos anos.⁴³¹

Cartier e Van Cleef & Arpels lançaram linhas de joias com imagens do cão Anúbis, babuínos e abutres; jovens reluzentes dançavam ao som do “Tutankhamun Rag”; cruzeiros franceses foram decorados com painéis envernizados baseados em baixo-relevo egípcio; Ramsés do Cairo apresentou um perfume chamado Segredo da Esfinge; Leon Bakst criou a coleção “Ísis”; e o cabaré Folies Bergère apresentou o gigantesco abanador de pena no estilo egípcio para o “Loucuras de Tutancâmon”. Em fevereiro de 1923, o *New York Times* informou que havia uma demanda insaciável por “modelos no estilo Tut-Ankh-Amen para luvas, sandálias e tecidos” — visto que Londres e Nova York rapidamente pegaram a Tut-mania de Paris.

A Liberty criou um “chapéu Tutancâmon” em março, e lady Elizabeth Bowes-Lyon — que estava prestes a se casar com um monarca, e que mais tarde se tornaria rainha e rainha-mãe — demandou um casamento inspirado em Tut, em abril. E não foram apenas os ricos e grandiosos que sucumbiram: os centros comerciais ficaram abarrotados de objetos do Egito Antigo, produzidos em massa em resina ou plástico — escaravelhos, obeliscos, hieróglifos. A fábrica Huntley & Palmer lançou uma lata de biscoitos no formato de uma urna funerária, salões de música abraçaram a dança no estilo egípcio; cinemas foram construídos no mesmo estilo em toda Londres, todas as lojas estavam cheias de balas “egípcias”, sabonetes “egípcios” e a nova máquina “Faraônica” de costurar da Singer. Sugeriu-se até que a nova extensão do metrô de Londres, que ligava Tooting e Camden Town, fosse chamada de Linha Tutancamden.



TÓQUIO O príncipe herdeiro Hirohito foi nomeado príncipe regente do Japão.

26 DE NOVEMBRO

ESTADOS UNIDOS Estreia de *The Toll of the Sea* [O tributo do mar] — o primeiro lançamento de Hollywood a usar o processo de dois tons da Technicolor. Outros sete filmes coloridos usando várias técnicas já haviam sido lançados, mas esse foi o primeiro que não exigia que os distribuidores usassem um projetor especial. O filme foi dirigido por Chester M. Franklin,

um diretor desconhecido nos dias de hoje, e também é notável por estrelar Anna May Wong, a primeira estrela asiática de Hollywood em seu primeiro papel de protagonista. A história era uma variação chinesa do tema de *Madame Butterfly*: a jovem e linda Lotus Blossom [Flor de Lótus] vê um norte-americano boiando no mar na costa da China e o salva. Eles se apaixonam, mas os amigos do rapaz são contra ele levar Lotus Blossom para os Estados Unidos. Eles se reencontram vários anos depois; Lotus Blossom teve um filho que é metade norte-americano e decide que ele vai ter uma vida melhor nos Estados Unidos. Sendo assim, ela deixa o filho ir embora com o pai, depois retorna ao oceano onde o amor deles começou e se afoga.



NOVA YORK O *New York Times Book Review* publicou que o prêmio *Dial* havia sido entregue para “Thomas Seymour [sic] Eliot”.



ESTADOS UNIDOS Apenas dois meses após o lançamento bem-sucedido de *Grandma's Boy* [Menino da vovó], o novo curta de Harold Lloyd, *Dr. Jack*, estreou nos cinemas de todo o país. Dessa vez, Lloyd encenou um médico benevolente e comum que acaba salvando a mocinha, uma hipocondríaca rica, das amarras de um charlatão fraudulento.

Enquanto isso, o maior rival de Lloyd no campo da comédia estava traçando um novo caminho.

27 DE NOVENBRO

HOLLYWOOD As câmeras começaram a filmar *Uma mulher de Paris*, a estreia de Chaplin para a United Artists. Foi seu primeiro filme sério, e o primeiro no qual não aparecia (salvo por uma participação de três segundos como um porteiro cambaleante que não recebeu créditos). Vinha alimentando a ambição de se afastar da comédia havia alguns anos.⁴³² Comentários sombrios haviam começado a ser inseridos em seu trabalho cinematográfico recente, e *O garoto* foi um passo óbvio na direção do drama puro.

No fim, o projeto que escolheu foi uma junção de histórias pungentes que ouviu da notória sra. Peggy Hopkins Joyce, cujo nome de solteira era Margaret Upton, com quem ele teve um breve romance

um pouco antes de voltar de suas longas férias na Europa.⁴³³ Começou a compilar anotações detalhadas das reminiscências da sra. Joyce sobre um caso com Henri Letellier, um editor rico que Chaplin havia conhecido em 1921; e sobre um jovem que havia se matado por amor a ela. Chaplin gostou tanto da história quanto da locação em Paris, e começou uma batalha por um rascunho de um filme chamado *Destiny* [Destino]. Passou por várias mudanças de título antes de chegar a *Uma mulher de Paris*.

Devotou uma quantidade vasta de trabalho ao projeto, o que significava muito para a sua noção de dignidade artística: o Palhaço finalmente estava encenando Hamlet. Mobilizou uma trupe de assistentes de pesquisa e consultores peritos da atmosfera, arquitetura, decoração, cozinha e maneiras parisienses, e eles discutiam tentando provar quem era o mais profundamente especialista na *vie parisienne*. Chaplin chegou a pagar um salário regular para um artista que devia pintar o retrato da heroína, mas que nunca atingiu um resultado adequado. Chaplin convocou Edna Purviance para o papel da senhora elegante e Adolphe Menjou como seu amante.

A filmagem durou sete meses. Para a surpresa de grande parte da equipe, Chaplin trabalhou sem roteiro; a realidade é que não precisava de um, considerando que havia planejado quase todas as tomadas e tinha o filme inteiro na cabeça. Essa foi a principal razão para ter decidido filmar em ordem linear, cena após cena — uma prática tão incomum em 1922 quanto hoje.⁴³⁴

No final da filmagem, *Uma mulher de Paris* chegou ao valor consideravelmente pesado de 351.853 dólares. Chaplin ficou nervoso, o que é compreensível, quanto à recepção desse primeiro drama — tanto que escreveu uma explicação sobre suas motivações, que foi impressa em forma de programa especial para a estreia de Nova York. Para sua alegria, as estreias de gala nas duas costas do país foram eventos eufóricos, e as críticas foram um sonho: “Há mais genialidade em *Uma mulher de Paris* de Charles Chaplin do que em qualquer filme a que já assisti”, disse o *New York Herald* — um sentimento que teve eco na nação e no outro lado do Atlântico. Na Grã-Bretanha, o *Manchester Guardian* o chamou de “a melhor história moderna que as telas já viram”.

Infelizmente, foi o entusiasmo jorrante dessas críticas que ajudou a matar o filme na bilheteria. Todos os críticos aclamaram Chaplin como artista dramático, mas o público não queria arte, queria Charlie, queria

o Vagabundo. Em Nova York, as primeiras semanas chegaram a perder dinheiro. Em outros lugares, a bilheteria mal compensou os gastos. Chaplin ficou amargamente decepcionado, e assim que pôde tirou as cópias de circulação por cinquenta anos. Foi um fracasso para o qual não estava preparado, e ele sabia que tinha de restabelecer suas credenciais como um artista cômico rapidamente. Enquanto procurava por um novo assunto, visitou Mary Pickford e Douglas Fairbanks. Depois do café da manhã, começou a se distrair analisando estereogramas com temas históricos. Um em especial o tocou. Era de 1898 e mostrava garimpeiros em Klondike: a Corrida do Ouro.



LONDRES Virginia Woolf registrou uma resposta calorosa a *O quarto de Jacob*: “As pessoas — digo, meus amigos — parecem concordar que é a *minha* obra-prima, & o início de novas aventuras.”

28 DE NOVEMBRO

PARIS Man Ray enviou duas impressões fotográficas para o amigo e patrono Ferdinand Howald, nos Estados Unidos — “rayografias” que seriam usadas em seu livro recentemente publicado, *Les champs délicieux* [Os campos deliciosos], com uma introdução de Tristan Tzara. Reclamou com Howald e com seus pais que sofria de um “resfriado terrível”; um autodiagnóstico que pode ter sido verdadeiro, mas que não admitia que a condição mais urgente que o havia deixado de cama fora um episódio de depressão extrema, tão extrema que ele chegou à beira do suicídio.

A causa dessa depressão é um mistério. Na superfície, Man Ray tinha tudo para estar feliz. Nos aproximadamente 18 meses desde que chegou de Paris, com pouco mais do que cem francos na carteira e algumas pinturas na bagagem, ele se saiu muito bem por conta própria. Em pouco tempo, fez vários amigos influentes, conquistou alguns patronos importantes, encenou um espetáculo sozinho, ficou em voga em círculos elevados como fotógrafo de retratos,⁴³⁵ estava ganhando um dinheiro decente (embora nada perto do que ganharia em breve; ainda não tinha como pagar assistentes regulares) e estava prestes a ter fama de verdade.⁴³⁶

E também não estava mais sozinho. Alguns meses antes, ele havia

conhecido e se apaixonado imediatamente por uma modelo linda e jovem, Alice Prin, mais conhecida nas redondezas e na posteridade como a lendária Kiki de Montparnasse. Viveriam juntos por seis anos; ela era a amante, a musa e o objeto frequente das fotos dele.⁴³⁷ Nunca se casaram, embora ela tivesse o hábito de se chamar de Kiki Man Ray.

Quando ele a conheceu, não muito tempo depois de ter se mudado para um estúdio de tamanho decente no 31 *bis* da rue Campagne-Première, não muito longe da estação de metrô em Boulevard Raspail (“um lugar estiloso”, disse entusiasmado em um cartão-postal para os pais em julho de 1922), tinha acabado de finalizar mais uma de suas imagens célebres — o retrato assustador da marquesa Casati. Acidentalmente, Man Ray expôs a imagem duas vezes, dando-lhe assim dois pares de olhos de olhar estranhamente fixo. Longe de ter ficado insultada, ela achou o resultado “emocionante”, pediu dezenas de cópias e as enviou para membros de seu grupo. Foi nesse ponto que as comissões de Man Ray começaram a vir da ala dos ricos, assim como dos montparnassianos.

Os primeiros meses de Man Ray em Paris foram suportáveis, e até possíveis, por causa do cuidado generoso de Marcel Duchamp.⁴³⁸ Incentivado por Duchamp, comprou uma passagem de transatlântico e chegou na cidade em 22 de julho de 1921. Duchamp estava esperando por ele na estação Saint-Lazare; acomodou Man Ray em um hotel barato (três dólares por semana) e o levou rapidamente para uma recepção no Café Certa no número 11 da Passage de l’Opéra. Ali, para recepcioná-lo, estavam Aragon, Breton, Eluard, Jaques Rigaut e Soupault. Todos esses escritores em breve se tornariam seus amigos.⁴³⁹ Quando Duchamp foi para Nova York no começo de 1922, Tristan Tzara ocupou o papel de inestimável guia local e mediador; e embora essa fosse a época em que Breton e companhia estavam ocupados administrando as pancadas mortais no Dadaísmo parisiense, Breton nunca fez objeções a esse contato amigável.

Man Ray adorava a atmosfera do café de Paris e sua nova vida noturna: bares de jazz, coquetéis etc., no entanto, tinha reservas muito baixas de dinheiro, e sempre se recusava a sugar monetariamente dos novos amigos. Novamente, Duchamp, cheio de recursos, interferiu encontrando um conjugado na rue la Condamine, 22, onde ele poderia morar de graça por um tempo. Gradualmente, as comissões dos retratos começaram a aparecer.⁴⁴⁰

Outro patrono importante foi o estilista exibicionista e multitalentoso Paul Poiret, que em breve seria aclamado pela escritora e jornalista americana Janet Flanner (hoje lembrada por seu meio século como correspondente do *New Yorker* em Paris, de 1925 até sua aposentadoria em 1975) como “o gênio da moda”. Man Ray mostrou imediatamente um interesse por fotografar modelos e roupas, então Poiret ficou feliz em contratá-lo continuamente, e nos anos que se seguiram ele chamaria Man Ray com frequência para ser o fotógrafo de plantão de seus jantares exuberantes.

Man Ray logo teve dinheiro suficiente para se mudar para um pequeno quarto na rue Delambre, número 15, no coração de Montparnasse.⁴⁴¹ Em 3 de dezembro de 1921, fez sua primeira exibição solo na Librarie Six — 35 obras, que em sua maioria eram pinturas que havia trazido de Nova York, mas também algumas colagens e “objetos”.⁴⁴² Essa exibição foi um grande sucesso de público, e muito discutida, mas ninguém comprou nenhuma pintura. Man Ray foi mais passional do que se podia esperar; a pintura, conforme ele vinha sentindo cada vez mais, era uma coisa do passado norte-americano. Dali em diante, a fotografia seria mais do que apenas uma forma conveniente de ganhar a vida: estaria no centro de sua arte.⁴⁴³

Qualquer que fosse a causa da depressão nos meses finais de 1922 — uma possibilidade é que tinha muitos ciúmes de Kiki —, não parece ter durado muito. Nos meses que se seguiram, tanto seu lucro quanto sua reputação internacional cresceram cada vez mais. Experimentou com filmes; contratou assistentes, incluindo Berenice Abbott, que mais tarde se tornaria uma fotógrafa importante por mérito próprio; ficou amigo do documentarista veterano das ruas parisienses, Eugene Atget.⁴⁴⁴ Em dois anos, Breton estaria glorificando esse novo imigrante americano como um proponente principal do Surrealismo nas artes, o parceiro de Ernst, De Chirico e Duchamp.

30 DE NOVEMBRO

MUNIQUE Hitler se pronunciou diante de uma multidão de 50 mil nacional-socialistas.

⁴⁰⁵. A plateia já estava tão acostumada a explosões que o homem que estava

falando naquele momento nem se deu ao trabalho de fazer uma pausa.

[406.](#) Em um episódio infeliz em Anatólia, onde a infantaria grega estava montando um ataque feroz contra os turcos, foram atingidos maciçamente por sua própria artilharia. Os observadores britânicos que testemunharam essa imagem terrível choraram de frustração e raiva, porém nada puderam fazer.

[407.](#) De fato, existiu um leve elemento de farsa nos confrontos que se seguiram: o único submarino de Kemal, presente dos soviéticos, foi afastado pelas armas e ataques profundos dos navios de combate da MR, e agora operava, de maneira lucrativa como um pirata, com a Jolly Roger [a bandeira negra com um crânio branco e dois ossos em X]. Um navio de patrulha da MR investigou um barco cheio de mulheres turcas que estavam fazendo a travessia desde o lado asiático da cidade, e descobriu que eram homens — tropas de Kemal que operariam dentro da cidade durante a invasão.

[408.](#) A despedida do assunto se deu com uma vinheta mostrando Hemingway bebendo vinho com “Madame Marie”, a zeladora da pousada que permaneceu indiferente de maneira estoica quanto aos turcos que chegavam. Gregos, turcos, búlgaros — no fim, disse ela erguendo os ombros, eram todos a mesma coisa. Depois, com audácia, ela cobrou mais do que devia pela estada, desculpou-se pelos seus quartos terem passado piolhos para ele e falou que, como consolo, ele devia pensar que era melhor estar infestado de piolhos do que dormir na rua.

[409.](#) Em 30 de novembro, o congresso discutiu “A questão negra”, e afirmou a solidariedade dos comunistas com as lutas dos afro-americanos e outros povos que sofrem opressão devido à cor de sua pele.

[410.](#) Carnarvon estava envolvido com o trabalho de Carter, com intervalos, havia cerca de 13 anos, e no início houve diversas decepções significativas, devidas em parte à juventude e à inexperiência de Carter — era inteiramente autodidata como arqueólogo. Nos cinco anos anteriores, no entanto, os métodos de trabalho de Carter tornaram-se bem mais sistemáticos. Usando plantas de barragens de artilharia que foram desenvolvidas durante a Grande Guerra como modelo para sua nova abordagem, em 1917 ele pegou dois acres e meio de terra em formato de triângulo no centro do Vale, usando as tumbas de Ramsés II, Merneptá e Ramsés VI como pontos de referência. Dividiu esse triângulo em grades e, com uma equipe de quase cem trabalhadores, iniciou o trabalho cuidadoso de apuramento do sítio até o nível de seus alicerces. O processo custou muito ao patrão, cerca de 35 mil libras, e até então não havia gerado nada mais interessante do que alguns vasos quebrados.

[411.](#) Sua estreia cinematográfica seria com um curta para ser mostrado como parte de uma peça, e em 1924 faria o seu primeiro filme de verdade, *A greve*.

[412.](#) Isso é confuso para compiladores de livros de referência porque no mesmo dia um telegrama de mensagem idêntica foi entregue a Niels Bohr em Copenhague. A carta seguinte para Einstein, enviada pelo professor Christopher Aurivillius, secretário da Academia Real Sueca de Ciências, explicou que a premiação de Einstein era por “seu trabalho na física teórica, e em especial por sua descoberta da lei do efeito fotoelétrico, mas sem levar em conta o valor que será concedido às suas teorias da relatividade e da gravitação, assim que forem confirmadas”. O prêmio de Bohr era por “serviços de investigação da estrutura de átomos e da radiação emanando deles”. Esse aparente enigma é facilmente resolvido. O prêmio de Einstein era o atrasado de 1921; o de Bohr era de 1922. Os outros laureados de 1922 foram: Paz: Fridtjof Nansen; Química: Francis W. Aston; Fisiologia ou Medicina: compartilhado entre Archibald V. Hill e Otto

Myerhoff; Literatura: Jacinto Benavente.

[413.](#) Sob os termos do decreto de divórcio de 1919 entre Einstein e Mileva, sua primeira esposa, Mileva tinha direito ao valor total do prêmio, caso (e era capaz) ele ganhasse. Em 1923, esse valor — 32 mil dólares — foi devidamente transferido para ela.

[414.](#) Para Seldes e *Krazy Kat*, cf. 20 de janeiro.

[415.](#) Por uma leve coincidência, Leonard estava concorrendo como candidato do partido trabalhista contra o primo de Virginia, H. A. L. Fisher. Nas vésperas da eleição geral, Virginia se perguntava com certa ansiedade se não haveria uma “possibilidade remota” de Leonard conquistar a posição. Ela não precisava ter se preocupado: na ocasião, ele ficou em quarto dentre seis candidatos.

[416.](#) Paul Valéry (1871-1945), que tem uma forte pretensão ao título de maior poeta da França no século XX, havia publicado relativamente pouco até a Primeira Guerra Mundial. Teve um início promissor na carreira literária com poemas, artigos e um estudo crítico idiossincrático de Leonardo da Vinci e uma obra em prosa inclassificável, em parte autobiográfica, *Monsieur Teste* (1896). No entanto, sofreu uma espécie de colapso mental ou crise existencial em 4 de outubro de 1892, e de cerca de 1898 em diante, manteve um longo silêncio.

Emergiu novamente como escritor notável em 1917, com a publicação de *La jeune Parque* [O jovem destino], que embora tivesse apenas 512 linhas, custou quatro anos de esforço. Em 1920, compilou uma coleção de seus primeiros versos, sobretudo em forma revisada, como *Album des vers anciens* [Álbum de versos antigos]. A publicação de *Charmes* em 1922 confirmou seus talentos excepcionais; continha um poema, *O cemitério marinho*, que se tornou um dos mais aclamados e amados de todos os versos franceses modernos.

[417.](#) Para o desgosto de Tawney, que sentia, nas palavras de Beatrice Webb, que “Bertrand Russell é um cavalheiro e H. G., um pilantra”.

[418.](#) Bonar Law não ficou muito tempo no cargo; faleceu em janeiro de 1923 e foi substituído pelo primeiro-ministro Ramsay MacDonald, embora o próprio MacDonald fosse permanecer no cargo por apenas nove meses.

[419.](#) Quando conheceu Ford no estúdio de Pound alguns dias depois, no entanto, desgostou instantaneamente desse personagem alto, forte, bastante rígido, com um bigode de morsa e olhos lacrimosos.

[420.](#) Breton saiu de Paris na companhia de Simone, Picabia e Germaine Everling em 30 de outubro, viajando no carro esportivo de Picabia, um Mercer conversível. Breton usou um capacete de piloto feito de couro, óculos grossos de piloto e casaco pesado de pele. O estranho grupo começou a jornada em Marselha, onde visitaram uma exposição colonial e Breton comprou o que achou ser um tatu empalhado por vinte francos. Carregou o bicho como um cachorrinho, levando-o dentro do casaco, até que um aparente milagre aconteceu: o tatu, evidentemente não empalhado mas apenas em estado de coma, voltou à vida e pulou no chão. Breton e Picabia detestaram o resto da exposição, com suas cabanas africanas falsas e bandas negras de jazz igualmente impostoras. Picabia tentou animar Breton levando ele e o tatu ao bairro da luz vermelha, mas Breton, estranhamente puritano e nunca confortável em bordéis, achou a experiência de ser atigado por prostitutas constrangedora e deprimente.

Chegaram a Barcelona no dia 7 de novembro, e os Breton alugaram um quarto na pensão Nowe, na Ronda San Pedro. Breton não deu muita importância às coisas que viu na cidade, embora a imagem da catedral de Gaudí, a Sagrada Família, o emocionasse. Enviou um cartão postal a Picasso perguntando

“Conhece essa maravilha?”. Simone teve uma infecção alimentar séria — salmonela — e o casal teria voltado a Paris alegremente se não fosse por Breton ter prometido dar essa palestra. Ela ficou de cama; Breton automaticamente escreveu um poema de oito páginas sobre o sofrimento dela, “Le Volubilis et je sais l’hypoténuse” [título que faz referência a uma frase pronunciada por Robert Desnos durante um estado de sono hiptnótico], que dedicou a ela.

421. E também foi em novembro que Max Ernst montou o próprio “salon” — um salão estritamente pictorial, com o quadro que intitulou *The Meeting of Friends* [A reunião de amigos]. Entrando pela direita vem Breton, com uma capa sobre os ombros; as outras figuras são Paul e Gala Eluard (em cuja casa de Saint-Brice Ernst fez a pintura), além de Aragon, Crevel, e Chirico, Desnos, Peret, Soupault... em suma, a maioria dos membros principais do que em breve viria a ser o primeiro grupo surrealista de fato.

422. Poucos dias antes, ele havia dito para Céleste que se ela não impedisse que os médicos mexessem nele em suas horas finais, em vez de deixar a morte tomar seu curso sem interrupções, ele voltaria para assombrá-la.

423. *Drug Fiend* já havia recebido uma crítica, em termos estranhos e não muito claros, por um crítico anônimo no *Times Literary Supplement*. Disse que a obra não mostrava nem o toque literário de um De Quincey, nem o realismo aguçado de um Zola, mas que mesmo assim “o livro é repleto tanto de uma imensa fertilidade de incidentes e ideias, quanto de uma colheita incrivelmente rica de retórica”. Era também uma “fantasmagoria de êxtases, desesperos e, acima de tudo, fraseados”. O *Observer* admitiu que havia “um certo poder convincente nas descrições da degradação”.

424. Crowley raramente, ou nunca, é mencionado em histórias convencionais da literatura, e no entanto — deixando de lado qualquer consideração sobre sua própria escrita afilante —, teve contato com um bom número de figuras-chave do modernismo literário. Em 1930, por exemplo, viajou para Lisboa a convite de Fernando Pessoa — naquela época, um advogado obscuro e tentando parecer fino, apesar da aparência surrada, mas que hoje é quase universalmente considerado o maior poeta da língua portuguesa do século XX. Pessoa, que tinha envolvimento casual com o oculto, era grande admirador do “Hymn to Pan” [Hino a Pã] de Crowley. Os dois poetas pelo visto tiveram um bom relacionamento desde o início da curta amizade. Contudo, como era frequente, a farsa barulhenta e sedutora de burgueses encenada por Crowley e uma amante muito mais jovem causaram-lhe problemas com a polícia de Lisboa, então ele fingiu seu próprio suicídio, com a ajuda de Pessoa. Quando a mentira foi desvendada, Crowley estava a salvo em Berlim. Ainda não se sabe muito sobre esse episódio.

Também não se sabe muito sobre o fato de Crowley ter sido um dos primeiros críticos de *Ulisses*, que debateu de maneira tanto simpática quanto sagaz em um artigo chamado “The Genius of Mr. Joyce” [A genialidade do sr. Joyce], publicado na *New Pearson’s Magazine* em julho de 1923. Assim como a maioria dos críticos da época, começou associando Joyce a Freud: “Toda nova descoberta produz um gênio. Seus inimigos talvez dirão que a psicoanálise — a teoria mais recente e profunda que dá conta das excentricidades do comportamento humano — encontrou o gênio que merece.” Mas Crowley não era o inimigo: tinha apenas elogios para “um escritor que, a tempo, vai exigir o reconhecimento de todo o mundo civilizado”:

Não tenho espaço para dar conta da profundidade real desse livro e suas conquistas incríveis de pura virtuosidade. O sr. Joyce tomou a *Odisseia* de Homero e fez uma analogia, episódio por episódio, traduzindo o grande épico sobrenatural em termos de gírias e boletas de aposta, na sujeira, maldade, sabedoria e paixão da Dublin de hoje. Depois, o pequeno alien sutil é mostrado explorando, assim como certa vez o “*Nascido de Zeus, filho de Laerte, Odisseu de inúmeros truques*” explorou, as senhoritas e deusas da “melhor história do mundo”.

Caso isso tivesse vindo de um escritor de posição mais respeitável, Joyce teria tido todas as razões para se orgulhar. Mas o fato de que “o homem mais maldoso do mundo” ficou tão impressionado com o romance teria confirmado as suspeitas mais obscuras de seus detratores católicos.

[425.](#) Os dias da Abadia de Thelema já estavam contados. Rumores de depravação, fornicação e sacrifício humano haviam se espalhado dos camponeses às autoridades; e a nova administração de Mussolini não tinha muita tolerância com estrangeiros decadentes. Em 23 de abril de 1923, Crowley foi chamado à delegacia e recebeu uma ordem de deportação. Acabou sendo expulso da Sicília em 30 de abril de 1923, partindo para a África.

[426.](#) Inspirou o compositor tcheco Janáček a passar de 1923 a 1925 compondo uma ópera, com seu libreto próprio, baseada na peça.

[427.](#) Ford confessou mais tarde que foi a experiência do funeral de Proust que o inspirou a começar a trabalhar na sequência de romances *Parade's End* [O fim do desfile], uma obra pouco lida hoje em dia, porém ainda considerada (por Anthony Burgess, por exemplo) a melhor ficção já escrita por um romancista inglês no século XX.

[428.](#) Arthur Callendar, conhecido pelos velhos amigos, incluindo Carter, como “Pecky”.

[429.](#) Não é uma descrição totalmente correta; e as palavras também não são totalmente de Carter. Seu livro foi escrito, com forte base nos cadernos de Carter, pelo ghost-writer Arthur Mace (um sócio curador de arte egípcia no Metropolitan Museum de Nova York), com a ajuda do romancista popular Percy White (professor de Literatura Inglesa na Universidade Egípcia [atual Universidade do Cairo]). White, artesão prolífico com cerca de trinta títulos no currículo, havia publicado recentemente um romance semiautobiográfico, *Cairo*. Quando se comparam os cadernos de Carter, ou o próprio relato de Carnarvon, com a versão publicada de *Descoberta*, logo fica aparente que White fez com que o procedimento todo fosse muito mais dramático e memorável. O artigo de Carnarvon no *Times*, por exemplo, relata que as palavras de Carter foram “há alguns objetos maravilhosos aqui”. Mas a História se lembra do “sim, coisas maravilhosas”, muito mais potente. É material efervescente: um composto intoxicante de detetivesco, mistério, exotismo e conto de fadas.

[430.](#) Curiosamente, no entanto, uma moda do Egito Antigo havia começado em boutiques parisienses já na temporada anterior, como se os costureiros fossem videntes.

[431.](#) Uma das pessoas tocadas pela febre foi James Joyce. Segundo um livro de memórias escrito pelo seu companheiro irlandês, também em exílio, Arthur Power, Joyce ficou fascinado pelas crenças religiosas sugeridas pelas decorações na tumba. A descoberta o fez recordar o quanto ficou impressionado pelos

monumentos egípcios e assírios no British Museum, e como sugeriram a ele que “os egípcios compreendiam melhor do que nós o mistério da vida animal, um mistério que a Cristandade quase ignorou”.

[432.](#) Já em 1917, tentou comprar os direitos de *O filho pródigo*, de Hall Caine, que viu como um veículo em potencial para si, e também considerou filmes como *As mulheres de Troia* e um outro sobre Napoleão e Josefina, que seria estrelado por ele e Edna Purviance.

[433.](#) A sra. Joyce, originalmente uma menina do interior da Virgínia, foi a mulher para a qual o termo “caçadora de ouro” foi cunhado em algum momento de 1920. Casou-se com seu primeiro milionário, Stanley Joyce, no começo da guerra, divorciou-se dele, embolsou um milhão de dólares, virou uma dançarina de Ziegfeld por certo tempo, depois casou-se e divorciou-se de mais quatro milionários em uma sucessão bem rápida. Foi para Hollywood em 1922 determinada a ter uma carreira no cinema e logo conheceu Chaplin, que se interessou por ela assim que ouviu dizer que ela soltou vários palavrões quando o diretor que havia escolhido para sua estreia, Marshall Neilan, ousou bater no seu traseiro. Durante várias semanas, ela e Chaplin ficaram juntos para cima e para baixo, e os jornais começaram a identificá-lo como a sexta vítima milionária. Não foi o caso, e ela passou a seduzir Irving Thalberg, ao passo que Chaplin começou um caso, bastante explorado pela mídia, com a linda atriz Pola Negri, que gostava de dizer que estavam noivos. Nunca estiveram.

[434.](#) Não que ele fosse extravagante em outros aspectos. Uma cena famosa, filmada da noite do dia 29 para o dia 30 de novembro, mostra um trem chegando a uma estação francesa. Em vez de usar um trem de verdade, o cinegrafista de Chaplin, Rollie Totheroe, simplesmente cortou frestas apropriadas em um quadro de três metros e o passou na frente de um refletor. As luzes que brilham no rosto da heroína, que está virado para cima, se parecem exatamente com as luzes de um vagão de trem em movimento.

[435.](#) Foi Man Ray o convocado por Cocteau para desenvolver um estudo do leito de morte de Proust.

[436.](#) Apenas neste mês, a *Vanity Fair* publicou quatro de seus “rayogramas” junto com um artigo lisonjeiro: “A New Method of Realizing the Artistic Possibilities of Photography. Experiments in Abstract Form, Made Without Camera Lens, by Man Ray, the American Artist” [Um novo método de perceber as possibilidades da fotografia. Experimentos em forma abstrata, feitos sem lentes de câmera, por Man Ray, o artista americano].

[437.](#) Foi Kiki, por exemplo, que pousou para a clássica fotografia eróticossurrealista, “O violino de Ingres”, na qual ela é vista de costas e com as vestimentas minimalistas, de uma odalisca de Ingres. Man Ray desenhou duas cavidades de som em suas costas, de modo que a imagem é um trocadilho visual (mulher = violino) inspirado em uma expressão idiomática (um “violino de Ingres” é um hobby).

[438.](#) Ele havia conhecido Duchamp durante uma visita do artista aos Estados Unidos em junho de 1915; tornaram-se amigos quase imediatamente, e permaneceram amigos pela metade seguinte do século. Man Ray já estava destinado a uma carreira artística. Nasceu em 27 de agosto de 1890 em uma família de imigrantes russos judeus, os Radnitsky, e foi batizado como Emmanuel. Adotou o pseudônimo Man Ray em 1911. Sua família era muito pobre mas incentivou os talentos artísticos do filho, mesmo depois de renunciar aos estudos de arquitetura e se declarar pintor; na opinião da família, a

arquitetura teria levado Ray para uma carreira segura.

Assim como muitos outros artistas americanos, Man Ray foi poderosamente afetado pela Armory Show [uma exibição de arte moderna] em fevereiro de 1913, que apresentou o Cubismo e outras inovações aos Estados Unidos. Conheceu Stieglitz, que se tornou uma espécie de mentor, e — brincando com a ideia de também ser um poeta — se correspondeu com Pound. Mas foi Duchamp quem realmente mudou sua vida e o colocou no caminho certo.

[439.](#) De fato, um dos grandes feitos diplomáticos da vida de Man Ray foi sua habilidade de continuar amigo de todas as partes durante as várias rupturas artísticas e ideológicas de 1922-1924. Ficou conhecido como o homem que nunca brigava com ninguém.

[440.](#) Um triunfo precoce: Sylvia Beach pediu que ele tirasse uma foto de Joyce para promover *Ulisses* — Man Ray foi um dos presentes na palestra de Valéry Larbaud sobre Joyce — e começou a decorar as paredes da Shakespeare and Co. com retratos de Man Ray.

[441.](#) Foi esse o lugar compacto descrito com admiração por Gertrude Stein em *A autobiografia de Alice B. Toklas* como o lugar de arrumação mais engenhosa que ela já tinha visto, incluindo chalés e barcos pequenos. De alguma maneira, ele havia conseguido acomodar três câmeras grandes, uma área de revelação e uma cama em um quarto que não era muito maior do que uma despensa grande. Fotografou Stein e vários dos maiores nomes da pintura e da escultura — Picasso, Matisse, Picabia, Léger, Braque — bem como Poulenc, Eluard, Max Jacob...

[442.](#) O mais famoso, feito no e para esse evento como um presente para Philippe Soupault, era *Le cadeau* [O presente]. Simplesmente colou 14 tachas de latão na base de um ferro de passar roupas: um dos objetos mais simples, e no entanto mais perturbadores, do dadaísmo. Alguém o roubou no final do dia, mas ele já havia entrado para a história da arte e Man Ray tornaria a fazê-lo de vez em quando. Aos 83 anos, ele endossou uma edição de 5 mil réplicas, cada uma vendida a trezentos dólares.

[443.](#) O sentido de vocação fotográfica cresceu depois do inverno de 1921- -1922, quando descobriu (possivelmente de maneira acidental) as propriedades poéticas de imagens produzidas sem lente, usando simplesmente pequenos objetos, fontes variáveis de luz e papel fotográfico. Essa técnica em si não era nova — existia desde os primórdios da fotografia, e Henry Fox Talbot havia feito experimentos similares — e outros artistas estavam desenvolvendo técnicas similares na década de 1920. No entanto, foi Man Ray quem lançou um estilo idiossincrático com essas obras, e quem influenciou muitos dos que viriam depois — incluindo Moholy-Nagy, que durante muitos anos alegou que também tinha inventado o método em 1922, mas que mais tarde confessou o quão profundo foi o exemplo de Man Ray em seu próprio trabalho.

[444.](#) Todos os assistentes de Man Ray na década de 1920 tiveram carreiras grandiosas — Jacques-Andre Boiffard, Bill Brandt e Lee Miller.

DEZEMBRO

1º DE DEZEMBRO

DUBLIN Yeats escreveu ao artista Emanuel Dulac (cujas ilustrações para sua mais recente coleção de poemas lhe agradaram tanto) para contar que tinha sido eleito senador.

Estou no Senado irlandês e um salário provável de senador, do qual não fiquei sabendo quando aceitei o cargo, vai me compensar em parte pela possibilidade de eu ser queimado ou bombardeado. Somos um corpo razoavelmente distinto, muito mais do que a casa inferior, e provavelmente teremos muito do governo em nossas mãos...

Também contou para Dulac que suas manhãs estavam dedicadas a lidar com a sua “filosofia” — isto é, com os primeiros esboços de *Uma visão*.⁴⁴⁵ O final é melancólico: “O quanto nossa guerra vai durar ninguém sabe. Alguns esperavam que acabasse neste Natal, e outros, tão bem-informados quanto, esperam mais três anos...”



NOVO MÉXICO Os Lawrence deixaram Taos e foram levados em um Ford antigo e maltrapilho para o chalé Del Monte por um novo amigo, o jovem pintor dinamarquês Kai Gotzsche. Conforme esperavam, as condições na casa Del Monte eram bastante desconfortáveis, principalmente no início, mas logo começaram a desfrutar da vida nessa parte ainda remota do Novo México. Não ficariam totalmente isolados nos meses de inverno: Gotzsche havia concordado em alugar um chalé de três quartos ao lado dos Lawrence para o amigo Knud Merrild, também dinamarquês e também pintor; Merrild viraria um grande amigo de Frieda para o resto de sua vida.⁴⁴⁶

Os três homens se dedicaram a fazer com que o lugar ficasse mais habitável — caçaram ratos, cortaram madeira, buscaram água. Encheram o porão de maçãs e trouxeram um delicioso leite cremoso e fresco retirado das vacas da região. O quarteto costumava fazer suas

refeições noturnas juntos, e gostavam de cantar até tarde. A saúde de Lawrence estava melhor do que o normal, e ele estava feliz por ter escapado da presença esmagadora de Mabel, especialmente por terem conseguido se separar sem uma briga irritada e óbvia.

Quase por acidente, o casal finalmente alcançou uma forma de vida que ia ao encontro do ideal de Lawrence para um retiro harmonioso e semicomunal.⁴⁴⁷ Quando não estava ocupado com carpintaria, estucagem ou outras tarefas do lar, Lawrence completava o seu manuscrito de *Estudos sobre a Literatura Clássica Americana*, finalizando com o endereço: LOBO, NOVO MÉXICO.⁴⁴⁸



LONDRES A carta de Eliot ao editor do *Criterion*, Cobden-Sanderson, incluiu uma referência a um conto de Pirandello, cuja tradução havia sido submetida ao periódico; Eliot disse que a achou “muito boa”, e “The Shrine” [O Santuário] foi devidamente publicado na edição de janeiro de 1923.⁴⁴⁹

Alguns dias depois, Eliot almoçou com Yeats no clube Savile. “Gostei imensamente de vê-lo; não o encontrava fazia seis ou sete anos, e essa realmente foi a primeira vez que conversei com ele por bastante tempo a sós. Ele de fato é um dentre um número muito pequeno de pessoas com as quais se pode conversar proveitosamente sobre poesia”, escreveu a Ottoline Morrell.



PARIS A edição sete do *Littérature* publicou a ilustração de Picabia em cima do jogo de palavras de Duchamp, “*Lits et ratures*” — “Camas e apagadores”. É uma imagem em preto e branco que mostra um par de sapatos masculinos grandes apontado para baixo, e um par de sapatos femininos apontado para cima, do lado de fora do masculino. Nas solas dos sapatos masculinos há um desenho de uma mulher e um homem. Só uma mente muito inocente não captaria o significado erótico.



POLÔNIA Józef Piłsudski deixou o posto de marechal-chefe do Estado polonês.

3 DE DEZEMBRO

LAUSANNE Hemingway foi até a estação de trem encontrar-se com a esposa, Hadley, que veio do apartamento deles em Paris para se juntar ao marido. Ficou surpreso e horrorizado ao vê-la soluçando tão violentamente que não conseguia contar o que havia acontecido. Segundo a versão dele em *Paris é uma festa*, Hemingway tentou assegurá-la de que, fosse o que fosse, não podia causar tanta agonia, e que tudo ficaria bem.

Hadley se acalmou o suficiente para contar a história. Quando estava fazendo as malas para a viagem, pensou que Hemingway talvez fosse querer mostrar seu trabalho para o jornalista Lincoln Steffens, conhecido dele que também estava em Lausanne. Então ela rapidamente pegou todos os papéis e os entuchou em uma maleta antes de ir para a estação de Lyon. Na estação, ela deu a maleta para um carregador, mas quando ela chegou a seu compartimento, a maleta não estava lá. Com a ajuda do condutor, vasculhou o resto do trem mas não encontrou nada. A maleta obviamente havia sido roubada.

Pior ainda: os papéis que ela pegou incluíam não só o único esboço do primeiro romance de Hemingway, como também grande parte de outros manuscritos do ano anterior, incluindo as cópias de carbono. De acordo com Hemingway,⁴⁵⁰ ele imediatamente pegou um trem para Paris e vasculhou o apartamento para confirmar que quase todos os escritos haviam sido perdidos. Sugere também que teve uma espécie de farra furiosa para lidar com a raiva que estava sentindo de Hadley. Sob a sugestão de Steffens, Bill Bird e outros amigos, ele considerou publicar anúncios de recompensa para quem devolvesse a maleta, mas isso não deu em nada.⁴⁵¹



ESTADOS UNIDOS Perto do começo de dezembro, a escritora Willa Cather, cujo último romance, *One of Ours* [Um dos nossos], havia sido publicado em setembro,⁴⁵² viajou de Vermont até sua cidade natal, Red Cloud, em Nebraska, onde nasceu em 1873 (embora ela gostasse de omitir três anos da idade e dizer que seu ano de nascimento era 1876). Já famosa, vinha dando aulas na escola Bread Loaf no Middlebury College. Um dos motivos para voltar para casa neste mês foi que ela e seus pais estavam prestes a serem recebidos na Igreja Episcopal pelo bispo da região, o dr. George Beecher. Ela havia sido criada na fé batista.



LONDRES No decorrer de dezembro, Virginia Woolf estava preocupada com uma série de negociações com Hutchinson acerca do futuro da Hogarth Press; isso a distraiu muito — “Este outono talvez tenha sido o mais ocupado da minha vida negligente”, escreveu em seu diário no dia 3 de dezembro —, mas manteve outros compromissos, apesar do esforço.⁴⁵³ No dia 4, Eliot escreveu a ela contando o caso do *Liverpool Post* (Cf. 18 de novembro) com certo grau de detalhes, e também explicou sobre o insulto do “Benfeitor”;⁴⁵⁴ achava que tinha conseguido conectar o difamador a uma reunião social no lar de Bosschere.⁴⁵⁵ Falou também sobre *O quarto de Jacob*, apenas em relação à parte que já havia conseguido ler. Declarou-se impressionado.⁴⁵⁶



LONDRES Visto que os editores de Forster estavam sendo intoleravelmente lentos com o lançamento de *Alexandria*, e que ignoraram a sequência de “ferrões” que o autor havia mandado para eles, decidiu que a Hogarth Press poderia ser um lar apropriado para seu segundo livro de ensaios alexandrinos, baseados em seu jornalismo em tempos de guerra para o *Egyptian Mail* e outros jornais. Tanto Virginia quanto Leonard gostaram da ideia, e *Pharos and Pharillon* foi publicado em 1923.⁴⁵⁷ O livro tinha uma dedicatória em grego que, traduzida, dizia: “Para Hermes, Psicopompo” — uma saudação, como é geralmente presumido, ao amante de Forster, Mohammed, que havia morrido pouco antes.

Alexandria: a History and a Guide [Alexandria, uma história e um guia], o único livro de Forster em 1922, foi finalmente publicado em dezembro.⁴⁵⁸

6 DE DEZEMBRO

NOVA YORK Gilbert Seldes publicou um ensaio longo, lisonjeiro e influente, “T. S. Eliot”, em *The Nation*. Quase toda a primeira parte do ensaio buscava apresentar e explicar os pontos fortes de Eliot enquanto crítico e informar ao leitor que, num público de elite, a reputação de Eliot já era vastamente maior do que sua produção um tanto econômica poderia sugerir. Depois, Seldes se concentrou em *A terra devastada*, lidando principalmente com as raízes do

poema nos mitos de fertilidade e infertilidade, e propondo que, embora em momento nenhum o poema sentimentalizasse o passado perdido da Europa, ele insinuava a todo tempo que “mesmo na crueldade e na loucura que deixaram suas marcas na história e na arte, houve uma intensidade de vida, uma germinação e uma frutificação que não existem mais”.

Concluiu chamando atenção para as afinidades entre *Ulisses* e *A terra devastada*:

Será interessante para aqueles que têm conhecimento de outra grande obra do nosso tempo, o *Ulisses* do sr. Joyce, pensar nos dois em conjunto. Que *A terra devastada* seja, em certo sentido, uma inversão e o complemento de *Ulisses* é ideia que pode pelo menos ser sustentada. Temos em *Ulisses* o poeta derrotado, virando-se para o exterior, saboreando a feiura que não se transmuta mais em beleza, e que, no final, não tem lar. Temos em *A terra devastada* alguma indicação da vida interna de tal poeta. O contraste entre as formas dessas duas obras não se expressa no reconhecimento de que uma está entre as mais extensas e a outra entre as mais curtas do seu gênero; o importante é que em cada uma o tema, uma vez compreendido, é visto como aquele que ditou a forma. Mais importante ainda, acredito eu, é que cada uma estabeleceu alguma coisa de relevância suprema para nossa vida presente nos termos infindos da arte.

Eliot escreveu uma resposta apreciativa para Seldes no dia 27: veja a seguir.



IRLANDA O Estado Livre Irlandês começou a ter efeito. Tim Healy foi nomeado primeiro governador geral do país; W. T. Cosgrove virou presidente do Conselho Executivo. Em Londres, o Parlamento britânico tinha acabado de validar o Ato de Constituição do Estado Livre Irlandês, sancionando legalmente a criação de uma nação irlandesa independente. A guerra civil, no entanto, continuou.



BIRMINGHAM O Coral da Cidade de Birmingham fez a primeira apresentação

da “Missa em Sol Menor” de Ralph Vaughan William, composição que havia finalizado no ano anterior. Foi a primeira missa escrita ao molde inglês desde o século XVI.



ESTADOS UNIDOS A revista americana *Outlook* publicou um artigo de Ellen Welles Page chamado “A Flapper’s Appeal to Parents” [Apelo de uma melindrosa aos pais]. Começava da seguinte forma:

Se forem julgar pelas aparências, acho que sou uma melindrosa. Estou dentro do limite de idade. Uso o corte de cabelo bob, a marca registrada da melindrosa. (E nossa, como é confortável!) Uso pó compacto no nariz. Visto saias com franjas e casacos de cores vivas, e cachecóis e corpetes com gola Peter Pan, e sapatos “finaly hopper” de salto baixo. Adoro dançar. Passo muito tempo em automóveis...

O texto excessivamente soberbo entrega o jogo: o que poderia ter sido um comentário divertido sobre moda logo vira um pleito enfadonho para que pais e filhos sejam os melhores amigos uns dos outros.

9 DE DEZEMBRO

POLÔNIA O marechal Piłsudski transferiu oficialmente seus poderes a Gabriel Narutowicz, que se tornou o novo presidente polonês. Não serviria nem por uma semana.

Narutowicz foi assassinado em 16 de dezembro — uma data que ainda é notória na história polonesa. O Parlamento polonês escolheu Stanisław Wojciechowski como seu sucessor.

11 DE DEZEMBRO

DUBLIN Primeira reunião do Senado irlandês.



LONDRES Último dia do julgamento de Frederick Bywaters e Edith Thompson por assassinato, no Old Bailey — um julgamento que cativou a imaginação mórbida do país inteiro, se não do mundo, e que foi divulgado de maneira altamente sensacionalista. Os dois acusados foram julgados culpados e sentenciados à pena de morte.

Um dos aspectos do caso que fascinou os contemporâneos foi que parecia bem possível que Thompson fosse culpada apenas por ter traído o marido e por ter uma imaginação superativa. Edith (nascida em 1893) estava em um casamento entediante com Percy Thompson havia sete anos quando começou um caso com Bywaters, um marinheiro comerciante quase uma década mais novo do que ela. Escreveu várias cartas lúridas e melodramáticas ao seu amante, e em algumas delas falava sobre desejar a morte do marido, gabando-se de ter tentado envenenar sua comida algumas vezes (embora nenhuma prova disso jamais fosse encontrada).

No dia 3 de outubro, o sr. e a sra. Thompson estavam voltando de uma noite no teatro quando um homem apareceu de trás de um arbusto e os atacou. Os vizinhos ouviram Edith berrando, “Não, não faz isso!”, até levar uma pancada violenta e cair no chão. Percy levou socos e foi esfaqueado, e morreu em pouco tempo por causa dos ferimentos. O agressor — não se sabia que era Bywaters — fugiu, porém foi pego pela polícia. Não ofereceu resistência e mostrou voluntariamente onde havia escondido a faca ensanguentada. Negou ter tido a intenção inicial de matar, dizendo que o confronto com Percy foi mais violento do que havia imaginado. Também insistiu que Edith não tinha ideia alguma das suas intenções; mas quando a polícia leu as cartas de amor em seu poder, ela também foi presa.

O julgamento começou no dia 6 de dezembro e foi tema de um banquete midiático. Para as vendas dos jornais, o fato de Edith ser jovem, de classe média, vigorosa e bonita não fez nenhum mal. Por algum tempo, parecia que as coisas estavam indo bem para ela, especialmente quando Bywaters confirmou repetidamente que ela não tinha participado do ataque. Os advogados dela a instruíram a ficar o mais calada possível a fim de dificultar a vida da acusação, mas ela obviamente gostou tanto da atenção que não conseguiu resistir a dar um show. Flertou com o júri, se contradisse, fez poses. Mais tarde, seus advogados disseram que ela mesma se condenou por “ vaidade e arrogância”.

Quando a sentença de morte foi declarada, Edith deu ataques

históricos de gritos, e Frederick berrou uma última vez que ela era inocente. Agora que o julgamento havia acabado, uma inclinação maciça da opinião pública em favor do casal se formou. A lealdade de Bywaters foi vista como galante; e a ideia de enforcar uma mulher (jovem, bonita e de classe média) foi vista como horrorosa. A última vez que uma britânica havia sido mandada para a forca fora em 1907. Mais de um milhão de pessoas assinaram uma petição pedindo ao Ministério de Assuntos Internos por clemência.

A execução de Edith, em 9 de janeiro de 1923, foi terrível de uma maneira incomum. Apesar de estar fortemente sedada, ela continuou a relutar e a berrar; e quando caiu, teve uma forte hemorragia vaginal — quase certamente, um feto abortado. Seu executor, John Ellis, foi assombrado por esse dia e acabou cometendo suicídio. O caso passou a fazer parte da cultura popular e foi tratado tanto de maneira direta quanto oblíqua em vários filmes (incluindo *Pavor nos bastidores*, de Hitchcock), livros e peças.⁴⁵⁹

12 DE DEZEMBRO

HARLEM Jean Toomer — ainda não muito conhecido nessa época, mas apenas a alguns meses de se tornar uma das estrelas daquela explosão repentina e arrebatadora de poesia, ficção, pintura, música e outras artes afro-americanas, o Renascimento do Harlem — escreveu ao amigo Waldo Frank anunciando a finalização do seu primeiro romance: “Meu irmão! *CANE* está indo para você! Trabalhei duas semanas sem parar nele. O livro está finalizado.”

Aclamado vastamente como uma obra-prima na ocasião de sua publicação no ano seguinte, *Cane* ainda é tido como um dos melhores produtos do Renascimento. No entanto, Toomer decepcionaria seus colegas mais militantes e políticos; assim como vários outros escritores e intelectuais, foi seduzido pelo carisma de G. I. Gurdjieff e voltou de uma viagem na Europa interessado apenas em pregar a filosofia do Quarto Caminho, do próprio Gurdjieff.⁴⁶⁰

14 DE DEZEMBRO

LONDRES John Reith, um ex-engenheiro alto e ascético de 33 anos, filho de um pastor da Igreja Livre da Escócia e cristão devoto, aceitou a oferta da BBC de

se tornar o gerente-geral da empresa, embora sem muita certeza do que o cargo envolvia, ou até — como declarou em seu primeiro livro dois anos mais tarde — o que “transmissão” significava. Assumiu o posto em 29 de dezembro, e escreveu em seu diário: “Estou tentando manter contato com Cristo em tudo o que faço, e rezo para que ele fique perto de mim. Tenho um grande trabalho a fazer.”

Reith foi a figura mais importante no desenvolvimento da BBC. Foi diretor de gerenciamento, depois diretor-geral até sua aposentadoria em junho de 1938.⁴⁶¹ Foi sua visão do papel da BBC que fez com que a empresa virasse uma força dominante na cultura britânica. Sua própria fala em *Broadcast Over Britain* [Transmissão por toda a Grã-Bretanha] provavelmente é o melhor resumo:

Conforme nossa concepção, nossa responsabilidade era levar ao maior número de lares tudo o que é melhor em todos os departamentos do conhecimento, do esforço e da realização dos homens, e evitar coisas que sejam, ou que possam ser, ofensivas. Indicam-nos ocasionalmente que parece que queremos dar ao público o que achamos que ele precisa — e não o que quer; entretanto, poucos sabem o que ele quer, e muito poucos sabem do que precisa.

Essa abordagem descaradamente paternal às massas pode soar um tanto fria, e o próprio Reith podia ser um homem não atraente e autoritário (permaneceu um admirador de Mussolini por muitos anos, e admirou Hitler na década de 1930), porém o resultado prático dessa combinação de alta destreza com alta disposição foi em grande parte para o bem, e muito mais democrática do que parece ser.⁴⁶²



KYOTO Einstein fez um discurso público, bastante comentado no mundo todo, explicando o caminho pelo qual chegou à Teoria da Relatividade.

15 DE DEZEMBRO

NOVA YORK Primeira publicação de *A terra devastada* em formato de livro.



MOSCOU Lenin sofreu seu segundo derrame grave. Desde então até sua morte, permaneceu inválido; pior, ele era de fato prisioneiro de Stalin. Fingindo sentir uma ansiedade muito grande em relação ao bem-estar do companheiro, Stalin declarou que Lenin precisava de descanso e reclusão, e recebeu uma ordem do Comitê Central que lhe permitia restringir severamente o número de pessoas que podiam visitar Lenin, e o número de cartas que teria permissão para ler. Preso em uma cadeira de rodas, Lenin tinha permissão para ditar relatórios durante cinco a dez minutos por dia. Suas duas secretárias principais — Nadezhda Allilulyeva (mais conhecida como a sra. Stalin) e Lydia Fotieva — reportavam tudo o que ele dizia diretamente para Stalin, embora Lenin parecesse não perceber o que estava acontecendo. Enquanto isso, Stalin começou a gostar de ler livros médicos e predizer a morte iminente de Lenin; tornou-se cada vez mais abertamente desdenhoso em relação a Lenin, e em dado momento disse para seus colegas, com satisfação prematura, que “Lenin já era”.

17 DE DEZEMBRO

LONDRES O conde Harry Kessler, após atracar em Harwich, foi para a capital. Por causa da guerra, não conseguia visitar Londres desde 1914. Sua visita anterior aconteceu na companhia de Rodin, apenas uma semana antes do começo das hostilidades; ele se lembrava de perguntar a Rodin, cruzando o Canal, se ele gostaria de alguma coisa para comer, e o escultor respondeu: “Non, je n’ai pas faim. Je regarde la nature. La nature me nourrit” [Não, não tenho fome. Observo a natureza. A natureza me nutre.] “Eu me lembrava disso enquanto o trem me levava por entre os subúrbios fuliginosos e malignos de Londres”, escreveu Kessler. “No final da tarde, caminhei pelo Embankment em direção a Westminster. O sol brilhava sobre ruas úmidas e nuvens pesadas vagavam baixas pelo céu. A cidade inteira estava banhada em uma luz violeta e dourada que transformou o Tâmesa em cobre reluzente.”

No dia seguinte, foi fazer compras.

Não há muitas mudanças nas lojas. Estão tão finas e elegantes quanto sempre foram. Mas não há mais a quantidade bestificante de alvoroço e luxo como em 1914, e que ainda se encontra em Paris. Dá para sentir que o país ficou mais pobre e os

compradores, mais raros...

E à noite, foi ao teatro ver uma comédia musical, *The Lady of the Rose* [A lady da rosa]: “Para a minha surpresa, pelo menos metade dos homens nos assentos vestiam ternos de trabalho; o resto vestia smoking, e apenas cinco ou seis usavam ternos com cauda. Uma verdadeira revolução, ou, mais precisamente, um sintoma dela.”



ESTADO LIVRE IRLANDÊS Os últimos regimentos britânicos deixaram a Irlanda.

18 DE DEZEMBRO

KIERLING, BAIXA ÁUSTRIA Kafka fez o penúltimo registro em seu diário.⁴⁶³ Foi a primeira entrada em mais de um mês. Evidentemente, estava lendo Kierkegaard: “Esse tempo todo na cama. Ontem *Ou-Ou*.”



DUBLIN Yeats escreveu a Olivia Shakespear: “Na próxima quarta-feira, recebo o Dout.Lit do Trinity College, e sinto que me tornei um personagem.” Em dois adendos, adicionados nos dias 19 e 20, reportou execuções e o incêndio da casa do senador Campbell. A sra. Campbell havia implorado para que os insurgentes não deixassem que suas crianças ficassem na rua à noite; parece que eles se emocionaram com esse pedido, mas disseram que não podiam desobedecer a ordens. No entanto, um deles ajudou a sra. Campbell a tirar os brinquedos de Natal das crianças do meio das chamas.

Tragédia estranha do pensamento que cria tais crimes para o homem, mas acredito que esses não tenham sido meros rebeldes recrutados. A Democracia morreu e a força reivindica seu direito ancestral, e esses indivíduos, tendo força, acreditam ter [o] direito de comandar. Com a democracia, morreram também as velhas generalizações políticas. Os homens não sabem o que é, ou o que não é, guerra legítima.



ITÁLIA As forças fascistas iniciaram uma matança de três dias em Turim, uma cidade com condições radicais fortes, identificada agora pelo regime de Mussolini como uma base potencial para a resistência à nova ordem. Comunistas, socialistas e sindicalistas foram espancados e fuzilados.

19 DE DEZEMBRO

ESTADOS UNIDOS *The Dial* publicou o ensaio memorável de Eliot sobre a morte de Marie Lloyd. (Cf. 7 de outubro) Era uma mistura curiosa de confissão pessoal — contemplar sua morte, sugeriu ele, o deprimiu a ponto de fazer com que todos os assuntos literários parecessem bem insignificantes —, argumento estético e pressentimento apocalíptico. Perguntando-se por que Marie Lloyd era a último grande expoente de sua arte, ele concluiu primeiro que seu público *cockney* reconhecia que ela estava refletindo suas vidas com uma precisão que só podia ter nascido da intimidade; e segundo, que a base do seu show era colaborativa. O público de Marie não era um recipiente passivo do seu talento, mas sim um participante ativo na criação do significado da apresentação — percebendo o lado irreverente da provocação superficialmente inocente, por exemplo.

Eliot prosseguiu refletindo sobre como uma ligação desse tipo era essencial para todas as artes, e especialmente para as artes dramáticas. Contrastou a vitalidade do trabalho de Marie Lloyd com a qualidade dopada e passiva do público de cinema e de outros entretenimentos modernos; também criticou as classes médias dizendo que estavam espiritualmente mortas, absolutamente incapazes de produzir um artista representativo com potência xamânica como a que Marie exerceu nas classes mais baixas. Nesse momento, citou W. H. R. Rivers:⁴⁶⁴

Em um texto mais interessante no último volume de Ensaios Sobre o Despovoamento da Melanésia, o grande psicólogo W. H. R. Rivers apresenta provas que o levaram a acreditar que os nativos desse arquipélago desafortunado estão morrendo principalmente porque a “Civilização” imposta sobre eles deu fim a todo o interesse que tinham pela vida. Estão morrendo de puro tédio.

Concluiu em tom profético, imaginando uma sociedade futura de um parasitismo imaginativo alarmante, na qual a tecnologia avançada fornece todos os confortos e distrações possíveis, toda as experiências estão ao nosso alcance, e as crianças até escutam histórias de ninar por meio de fones de ouvido. (Quantos leitores de *The Dial* poderiam ter visto isso como nada mais do que alarmismo mórbido?) Finalizou com um comentário derrotista, como se a tristeza de suas especulações o tivesse reduzido ao silêncio.



ESTADOS UNIDOS Na mesma edição de *The Dial*, Edmund Wilson publicou seu primeiro grande trabalho sobre Eliot, “The Poetry of Drouth” [A poesia da seca]. Começou recapitulando os elementos principais da carreira de Eliot nas letras, e enfatizou como era notável que uma obra de corpo muito pequeno criava um efeito tão desproporcionalmente vasto e fazia com que Eliot fosse uma figura tão controladora entre os entendidos. Apesar de ver as “limitações” de Eliot, disse Wilson, também reconhecia *A terra devastada* como um grande avanço de sua poesia inicial: “Soam, pela primeira vez e com toda intensidade, intocadas por ironia ou disfarces, a fome por beleza e a angústia de viver que subjazem a toda a sua obra.”

Wilson passa boa parte do ensaio elucidando a importância do mito do “Rei Pescador” à substância e à intenção do poema: Eliot, diz ele, usa os mitos ancestrais investigados por Jessie L. Weston em *From Ritual to Romance* [Do ritual ao romance] como “as imagens concretas de uma seca espiritual”. E prossegue antecipando todas as objeções que foram feitas, e que certamente continuariam sendo feitas, contra o poema de Eliot, começando com a acusação de que é apenas uma coleção de restos que não interessam mais do que um barco em uma garrafa.⁴⁶⁵

Wilson reconhece que a maioria dessas reclamações, e outras, tem pelo menos um fundamento na realidade — por exemplo, que os versos de Eliot parecem o produto de uma experiência emocional constrita, e que há uma qualidade em algumas de suas obras que pode ser vista como “superioridade impertinente”. Contudo, ele responde: “O sr. Eliot é um poeta — isto é, sente intensamente e com distinção e fala naturalmente em verso belo — de modo que, independente de quais paredes o cercam, pertence à companhia divina.” Conclui:

A raça dos poetas — embora cada vez mais rara — ainda não está morta; há pelo menos um que, como diz o sr. Pound, trouxe um novo ritmo pessoal à linguagem, e que emprestou, até mesmo às palavras de seus predecessores, uma nova música e um novo significado.



ESTADO LIVRE IRLANDÊS O Exército Nacional conduziu as execuções na base militar Curragh de sete guerrilhas republicanas, parte de uma equipe que vinha sabotando as linhas de trem da região. As execuções geraram uma boa quantidade de ressentimento e raiva no distrito.

20 DE DEZEMBRO

ALEMANHA Thomas Mann foi a uma sessão espírita. Não foi sua primeira experiência com a mediunidade — segundo sua família, em uma determinada época ele costumava sair escondido para sessões espíritas cerca de duas vezes por semana —, mas foi uma ocasião que causou uma impressão muito forte sobre ele.

Isso é um tanto surpreendente, considerando que, a julgar pelos relatos que escreveu sobre essa noite (e mais dois em janeiro de 1923), a ocasião toda tinha cara de encenação. A sessão foi comandada por um dr. Albert Freiherr von Schrenk-Notzing, um especialista em patologia sexual e condições nervosas;⁴⁶⁶ presentes no evento estavam um zoólogo, um ator famoso, um pintor polonês e várias outras pessoas. O médium era um adolescente, “Willi”, que foi vestido com um roupão longo e escuro com fitas luminosas para que as pessoas pudessem seguir seus movimentos quando as luzes fossem apagadas. Uma mulher segurava os punhos de Willi, enquanto pediram que Mann prendesse os joelhos do menino com os seus. A ideia era que Willi respondesse às perguntas com movimentos indicativos de “sim” ou “não” — apertaria a mão de Mann para uma resposta positiva, ou curvaria o corpo para o lado para a negativa. O zoólogo tocou uma espécie de gaita o tempo todo; e havia também um conjunto de objetos — um sino, uma máquina de escrever, um quadro com giz, uma campainha.

A primeira metade da sessão não foi impressionante. Durante a

segunda metade, quando Mann passou seu papel de controlador de joelhos para outra pessoa, as coisas deslancharam. Ele teve uma sensação desagradável no corpo todo, como um enjoo. Um lenço jogado no chão quicou três vezes e depois subiu até a mesa, girando sozinho. A campainha tocou. O sino foi tomado e tocado. Dedos invisíveis correram pela máquina de escrever, digitando duas frases sem sentido. Por alguma razão — possivelmente por causa do enjoo —, Mann teve certeza de que não havia enganação nesses fenômenos.⁴⁶⁷



PARIS A peça *Antigone*, de Cocteau, estreou em Montmartre, no Théâtre de l'Atelier de Charles Dullin, junto com *A volúpia da honra* (*O prazer da honestidade*). Versão simplificada da tragédia de Sófocles, *Antigone* contou com alguns dos talentos mais proeminentes da época: música incidental de Arthur Honegger, decoração de Picasso e figurino de Chanel.

Para vestir minhas princesas, queria a mademoiselle Chanel porque é nossa figurinista principal, e não consigo imaginar as filhas de Édipo como clientes de um figurinista “pequeno”. Escolhi umas lãs escocesas bem pesadas, e os desenhos da mademoiselle Chanel ficaram tão maestrais, tão instintivamente certos, que um artigo no *Correspondent* os elogiou por serem historicamente corretos.

Dullin encenou o papel de Creonte, ao passo que Antígona foi encenada por uma jovem dançarina grega, Gênica Atanasiou, que não falava francês muito bem e teve de aprender o texto palavra por palavra. Nos primeiros espetáculos, o próprio Cocteau fez a voz do Coro.

O ensaio para a primeira noite foi tenso e caótico em alguns momentos, tanto que quando Picasso foi finalmente chamado para executar os cenários, encontrou um palco praticamente vazio no qual quase nada estava pronto, salvo por algumas máscaras que Cocteau havia feito, presas bem no alto nas laterais de um buraco em um pano azul de fundo com um painel de madeira embaixo deles. Cocteau deu-lhe uma instrução simples: use este cenário para dar a ideia de um dia quente e ensolarado.

Muitos outros artistas teriam feito uma retirada indignada nesse momento; em vez disso, Picasso apareceu com um de seus já conhecidos “milagres”, como as pessoas começaram a chamar esses momentos-relâmpago de improvisação. Andou para cima e para baixo no palco por um tempo, ponderando suas opções, depois pegou um bastão de giz vermelho amarronzado, com o qual começou a rabiscar as tábuas irregulares e brancas, dando-lhes um ar de mármore. Depois, pegou um pincel e um pote de tinta e desenhou algumas linhas dramáticas e rápidas. Por fim, escureceu alguns espaços aqui e ali. Como se por intervenção sobrenatural, três colunas gregas de repente ficaram visíveis. Foi um feito tão incrível que todos os que estavam presentes ficaram de pé e o aplaudiram.

Os aplausos continuaram a tomar o teatro quando o espetáculo estreou: *Antigone* foi um sucesso imediato.⁴⁶⁸ Acabou sendo apresentado por cerca de cem noites, e, conforme lembrou Dullin, “muitas pessoas da sociedade vieram ao espetáculo por causa de Chanel, Picasso e Cocteau. Sófocles era apenas um pretexto, e Pirandello uma mera abertura”. Esse espetáculo também marcou o começo do longo reinado de Cocteau como figura culta, adorado pela geração emergente: “Os jovens ficaram tão encantados com o trabalho de Cocteau, e tão sob efeito de seu feitiço, que acharam bastante natural irem ao espetáculo como uma claqué, no mesmo espírito em que teriam ido à missa... contavam-se histórias de alguns deles escalando os postes de luz na rue de l’Anjou para ver Cocteau saindo de casa.”⁴⁶⁹

21 DE DEZEMBRO

PARIS Joyce escreveu à tia, a sra. William Murry, em Dublin, perguntando se ela gostaria, caso ele enviasse um caderno para ela, de tomar nota de qualquer coisa que conseguisse se lembrar sobre alguns dos “tipos curiosos” que ele havia conhecido quando criança. Foi um dos primeiros estágios da preparação para a escrita de *Finnegans Wake*.⁴⁷⁰ De Natal, havia mandado para Harriet Shaw Weaver um exemplar da edição em fac-símile de *The Book of Kells* [O livro de Kells], de sir Edward O’Sullivan — não apenas um dos livros frequentemente citados em *Wake*, mas também (pelo menos para ele) um de seus precursores.

23 DE DEZEMBRO

LONDRES A BBC iniciou transmissões diárias regulares de um noticiário. No dia seguinte, na noite de Natal, transmitiu a primeira peça de rádio do mundo, *The Truth about Father Christmas* [A Verdade sobre Papai Noel].



MOSCOU Vladimir Lenin, gravemente doente e de fato preso em casa por Stalin (Cf. 15 de dezembro), começou a ditar uma série de anotações que eventualmente ficariam conhecidas como “o documento de 1922”: seu último testamento político. Planejadas originalmente como o texto para sua aparição no próximo congresso do partido, onde tinha a intenção de desafiar o poder perigosamente crescente de Stalin e exigir sua remoção do cargo, deviam permanecer segredo absoluto até o congresso. Algumas passagens foram ditadas para um datilógrafo que ficava sentado na sala ao lado, escutando a voz de Lenin por um telefone.⁴⁷¹

Apesar da incoerência ocasional dessas anotações, três temas principais emergem de maneira clara, e todos remetem à ameaça apresentada por Stalin: o destino da Geórgia (Lenin estava agoniado pela possibilidade de Stalin tratar sua região natal como um velho russo abusivo e tirano); a queda nefasta de corpos como o Politburo e a Comissão Central de Controle, que agora estavam sob o comando de Stalin; e a questão ardente de quem deveria suceder Lenin após sua morte.

Lenin revisou as qualidades das figuras principais na competição pela liderança e concluiu que todos deixavam a desejar de alguma forma-chave. Começou a favorecer a ideia de uma liderança coletiva que fosse capaz de conter os vícios de um único líder. Bukharin? Era o “favorito do Partido todo”, mas suas visões teóricas “só podem ser descritas como marxistas com reserva”; embora fosse o mais intelectualmente forte entre os mais jovens, sua mente ainda era essencialmente “escolástica”, e ele nunca havia tomado o materialismo dialético de maneira apropriada. Trotski? Talvez fosse “pessoalmente o homem mais capaz no atual Comitê Central, mas já demonstrou desembaraço excessivo e preocupação excessiva com o lado puramente administrativo do trabalho”. Contudo, não havia dúvida sobre quem Lenin julgava o pior sucessor possível; e o ponto principal do testamento era que Stalin devia ser controlado antes que se tornasse

incontrolável.

Stalin é muito áspero [em russo: *glub*, palavra difícil de ser traduzida, mas que traz conotações desde “palhaçada” até algo parecido com “sadismo], e esse defeito, embora um tanto tolerável no nosso meio e nas negociações entre Comunistas, se torna intolerável em uma Secretário Geral. Por essa razão, sugiro que os camaradas pensem sobre uma forma de remover Stalin desse posto e substituí-lo por alguém que tenha apenas uma vantagem sobre o Camarada Stalin, ou seja, mais tolerância, mais lealdade, mais cortesia e consideração com camaradas, menos impulsividade etc.⁴⁷²

24 DE DEZEMBRO

SUÍÇA Le Corbusier enviou um bilhete apaixonado e desejoso a Yvonne Gallis da casa de seus pais. Ele ainda não havia contado para eles sobre seu amor, e para se comunicar com ela tinha de rascunhar cartas escondido e depois caminhar pela neve para enviá-las sem que fosse visto. Embora tivesse 36 anos, ainda fazia o papel de bom menino, ajudando a cortar madeira para a pilha do inverno e a sacrificar porcos para as celebrações de fim de ano. Entretanto, parecia bastante alegre, embora tivesse de dormir em um tablado de madeira em um apartamento gélido. O que mais o perturbava era a falta de sexo: tendo recentemente descoberto os êxtases do amor consumado, ele ardia pela sua mulher: “Em meu quarto gelado embaixo das calhas, estarei pensando na minha menininha corajosa lá longe em sua cama macia enquanto durmo sobre uma tábua...”

25 DE DEZEMBRO

NOVA YORK Nada menos que oito peças estrearam em Manhattan no Natal, e como crítica profissional de teatro, Dorothy Parker teve de “colocar suas roupas esfarrapadas e sair rapidinho na noite amarga para ver o máximo possível de peças novas”. Estava cansada, desanimada, solitária e frequentemente chorosa. Como companhia, tinha apenas seu cachorro, Woodrow Wilson, e seu pássaro engaiolado, Onan (assim chamado porque derrubava grãos no chão), visto que o caso apaixonado com Charles MacArthur, iniciado no fim do verão, teve um final sórdido algumas semanas

antes.⁴⁷³



PARIS Pound escreveu para a mãe uma carta curta, porém cheia de informações, mencionando entre outras coisas que Joyce havia feito uma visita para comer e beber. Contou também que “Yeats virou sennadorrrr do novo inferno irlandês”; que havia mandado sua crítica da *Antigone* de Cocteau para *The Dial*; que tinha um trabalho a ser publicado na próxima edição do *Criterion*;⁴⁷⁴ e que havia conseguido colocar três de seus cantos Malatesta em uma ordem aproximada, para que não ficasse atrapalhado com tantas notas durante a viagem iminente à Itália.

27 DE DEZEMBRO

LONDRES O tempo na Inglaterra durante o período do Natal foi, nas palavras de Eliot, “miserável”. Ele escreveu a Gilbert Seldes expressando gratidão e agonia: gratidão pelo elogio de *A terra devastada* por parte de Seldes e Edmund Wilson; agonia pelo fato de Wilson ter tomado a oportunidade da crítica para louvar Eliot em detrimento de Pound — escreveu sobre “o imitador extremamente desfocado dos Oito Cantos [de Eliot], o sr. Ezra Pound”. Eliot insistiu que considerava Pound o poeta vivo mais importante da língua inglesa.



REINO UNIDO O *Daily Express* publicou uma história de primeira página alegando que um “herói de guerra famoso” estava pairando nos postos da FAR sob um nome criado: “REI SEM COROA· COMO SOLDADO RASO, dizia a manchete, e havia mais e pior por vir, tanto nas páginas centrais quanto nos dias seguintes, em manchetes como PRÍNCIPE DE MECA EM DESFILE DE ARMAS. Os jornalistas foram aos bandos para Farnborough, onde — como disse David Garnett — Lawrence estava “corajosamente protegido” por seus novos amigos e posto. Mas o estrago foi irreversível. Como resultado dessa exposição, Lawrence foi forçado a deixar a FAR em 23 de janeiro de 1923, embora graças à sua tenacidade e influência em postos mais elevados, voltou em março de 1923 — dessa vez como soldado raso do exército servindo sob a identidade nova de “T. E. Shaw”.⁴⁷⁵



PARIS No final do ano, os Pound saíram de seu apartamento e passaram cerca de três meses na Itália — Florença, Roma, mas principalmente Rapallo, a cidade onde acabariam morando em 1924. Os Hemingway foram se encontrar com eles no meio de fevereiro e ficaram até cerca de 10 de março de 1923, e os dois casais fizeram um passeio em geral agradável na Romanha — o país de um dos heróis históricos de Pound, Sigismondo Malatesta, o *condottiere* do Renascimento e patrono importante das artes.⁴⁷⁶

Os dois escritores concordaram em discordar, no momento, sobre Mussolini, que Pound admirava cada vez mais (de maneira nada plausível) como um Malatesta contemporâneo. Hemingway argumentou com Pound que Mussolini o havia ameaçado na conferência de Lausanne dizendo que nunca mais voltasse à Itália. Essa alegação é altamente improvável, até porque Hemingway, em geral relutante em falar sobre seus encontros com celebridades, parece não ter mencionado isso para mais ninguém.

30 DE DEZEMBRO

MOSCOU Lenin descobriu, para seu horror e ira, que as tropas soviéticas russas sob o comando de Ordzhonikidze invadiram a Geórgia soviética, que era autônoma. Centenas de georgianos foram assassinados; milhares foram jogados na prisão. Admirado até recentemente pelo Lenin bolchevique, Felix Dzerzhinsky — um dos mais sangrentos de todos os líderes da revolução russa, que acreditava fortemente na utilidade de campanhas de terror — foi enviado à região para mandar relatos para Moscou sobre a ação. Dzerzhinsky comentou de maneira suave que apesar de “alguns excessos”, a região agora estava tranquila. Em outras palavras, houve derramamento de sangue. Quem ordenou esse ato de “Grande Chauvinismo Russo”? Lenin logo entendeu que devia ter sido Stalin. Escreveu uma denúncia furiosa não só de Stalin, Ordzhonikidze e Dzerzhinsky, citando nomes, mas implicitamente do governo soviético inteiro — “típicos burocratas, canalhas e amantes de violência”.⁴⁷⁷

Mas enquanto Lenin despejava seu terror, raiva e remorso no papel, os “burocratas” estavam delineando o tratado que uniria Rússia, Ucrânia, Bielorrússia e Transcaucásia na URSS — União das

Repúblicas Socialistas Soviéticas. Ele continuou escrevendo furiosamente até o último dia de 1922. Contudo, o tratado já havia sido assinado no dia anterior e a URSS nasceu. Stalin venceu.

31 DE DEZEMBRO

NOVA YORK Última grande estreia cinematográfica do ano: *Salomé*, adaptado da peça de Oscar Wilde, com “Nazimova” — isto é, a atriz russa Alla Nasimova (1879-1945) — no papel principal. Filme de instância incomum que conseguiu criar um escândalo sem se sair bem na bilheteria, *Salomé* é hoje o filme mais conhecido dela. Também é lembrada como uma sedutora especialista em mulheres bonitas.



LONDRES As duas últimas cartas de Eliot no ano foram para Cobden-Sanderson e Henry Eliot. Ao seu irmão, basicamente confessou as dificuldades de gerenciar o *Criterion* e lamentou o pouco tempo que tinha para ler.

O que quero particularmente é tempo para preencher as inúmeras fissuras na minha educação em literatura e história do passado. Há muito pouca escrita contemporânea que me fornece qualquer satisfação; certamente, não há romancista contemporâneo, exceto D. H. Lawrence, e James Joyce a seu jeito, é claro, que me importo em ler.

Decreveu as últimas doenças e tristezas de Vivien. “Vivien vem se sentindo muito cansada desde o Natal. Ela se sentou à mesa para jantar naquela noite pela primeira vez em meses.”

Suas últimas palavras escritas de 1922 tomaram a forma de uma breve observação sobre um dos livros norte-americanos mais notáveis de 1922: “V. leu umas partes de *Babbitt* para mim. O livro tem algumas coisas boas.”

⁴⁴⁵. Acabaria sendo publicado por Werner Laurie em 1925 em uma edição de seiscentos exemplares autografados.

[446.](#) Em 1938, ele escreveu um texto carinhoso de memórias sobre essa época.

[447.](#) Foi como certa vez planejaram viver com Katherine Mansfield e John Middleton Murry, em 1916.

[448.](#) E logo teriam convidados. Lawrence chamou seu agente americano, Robert Mountsier, para ficar com eles, e permitiu que pagasse pela passagem de trem até o Novo México com seus royalties acumulados. Convidou também seus editores americanos, leais e entusiasmados, Thomas e Adele Seltzer. Mountsier e os Seltzer chegaram no fim do mês, embora felizmente (Mountsier era veementemente antissemita, e os Seltzer eram judeus) tenham ficado juntos apenas um dia.

A estada dos Seltzer foi idílica, em um estilo nostálgico e europeu. Lawrence e Frieda montaram fogueiras enormes com pinheiros, fizeram pudins de Natal e tortas de carne, assaram pão, galinhas, cantaram canções de Natal e brincaram com a nova cachorrinha, Bibbles, um presente de Mabel. Eles levaram os Seltzer para passeios nas águas termais em Manby e foram até Taos Pueblo, além de visitarem o escritor Witter Bynner em Santa Fé. Thomas e Lawrence entraram em uma orgia de conversas sobre trabalho, incluindo uma discussão acerca de *Ulisses*, que Seltzer tinha enviado para Lawrence algumas semanas antes. Lawrence achou o livro “entediante”.

Os Seltzer amaram cada minuto da estada, mas essa hospitalidade à moda antiga não fez com que abrandassem as palavras quando o assunto foi Mountsier. Lawrence devia cortar laços com ele, insistiu Thomas: ele sabia muito bem que os Seltzer publicariam suas obras de maneira boa e justa; Lawrence não precisava de um agente, ainda mais um que, ao contrário dos Seltzer, não estava inteiramente convencido em relação à sua genialidade. Essa última observação machucou. Mountsier havia discordado tanto de *Aaron's Rod* quanto de *Canguru*.

Os argumentos eram fortes. Quando Mountsier chegou no final do mês para ficar nada menos do que quatro semanas desconfortáveis, Lawrence achou impossível ser gentil com ele. Em fevereiro de 1923, ele acabou demitindo-o. Dali em diante, suas transações nos Estados Unidos também seriam coordenadas pelos representantes ingleses, a agência Curtis Brown. Entretanto, ele não teve nenhuma sensação de libertação; o negócio todo o fez se sentir grosseiro e impaciente com todos os americanos modernos. “Vou dizer uma coisa, não há vida no sangue neste lugar. O sangue não está fluindo direito.” Passou a desejar uma sociedade e uma paisagem ainda mais próximas dos Deuses Negros, e começou a planejar uma jornada ao México.

[449.](#) Foi um bom ano para Pirandello — uma de suas obras mais famosas, *Henrique IV*, foi encenada com grande sucesso em Milão, consolidando a fama, ou notoriedade, que havia conquistado no ano anterior com a primeira apresentação escandalosa de *Seis personagens à procura de um autor*. Nos dois anos seguintes, Pirandello virou uma figura pública conhecida por toda a Europa.

[450.](#) Seus biógrafos discordam desse relato e mostram que ele só saiu de Lausanne bem depois do Natal.

[451.](#) Alguns leitores de *Paris é uma festa* sentiram que a história dos manuscritos perdidos é ruim demais para ser verdade; mas por mais que Hemingway tenha exagerado, não há razão para duvidar do evento central, do qual reclamou muito com os amigos. Quando escreveu a Pound sobre a perda da sua “Juvenília”, em 23 de janeiro de 1923, reconheceu que o poeta certamente acharia que era uma purificação salutar, mas implorou que não insistisse nesse argumento. Dali a três anos, talvez fosse capaz de olhar para essa catástrofe com calma. Naquele

momento, estava muito ferido, especialmente por causa da perda da obra à qual se referia como “Paris 1922”. Hemingway conhecia Pound muito bem. Pound escreveu de volta dizendo que devia ver o incidente como “um ato de Deus” [no original: “an act of Gawd”]; insistiu que ninguém jamais perdeu algo de muito valor com a supressão de um trabalho não amadurecido.

[452.](#) Embora criticado de maneira negativa por Edmund Wilson, o romance recebeu o prêmio Pulitzer em 1923.

[453.](#) Foi nessa época que Woolf conheceu Aldous Huxley: “Aldous muito comprido, um tanto inchado, rosto gordo, branco, com cabelos bem grossos, & meias cor de canário, é o contador de anedotas; o jovem de letras que viu a vida.” Em 15 de dezembro, ela escreveu que tinha acabado de encontrar sua futura amante, Vita — “a amável e talentosa Sackville West aristocrática” —, e Harold Nicolson em um jantar oferecido por Clive Bell. Quatro dias depois desse registro, jantou com Vita, mas não houve insinuações românticas imediatas, o caso se desenvolveu de forma lenta. Ela também estava preocupada com os *amours* de outros membros do grupo. Em 22 de dezembro, escreveu a Vanessa Bell expressando preocupação com os rumores de que Maynard Keyes havia se apaixonado por Lydia Lopokova. “Sinceramente, acho que você devia prevenir Maynard antes que seja tarde demais.”

Alguns dias depois, escreveu que “a alma humana, me parece, se orienta de maneira nova de vez em quando. Está fazendo isso agora...” Continua: “Sendo assim, ninguém pode vê-la como um todo. Os melhores entre nós vislumbram um nariz, um ombro, algo se virando para o outro lado, sempre em movimento. Ainda assim, parece melhor ter esse vislumbre do que se sentar com Hugh Walpole, Wells etc. e fazer grandes pinturas a óleo de fabulosos monstros carnudos e completos, da cabeça aos pés.”

[454.](#) Eliot havia recebido uma carta assinada pelo “Seu Benfeitor” que incluía quatro selos de três centavos cada; esse gesto satírico o magoou profundamente. O anônimo “Benfeitor” obviamente tinha ouvido falar do projeto *Bel Esprit* de Pound, criado para aliviar os problemas financeiros de Eliot e ajudá-lo a escapar do trabalho exaustivo no Lloyd’s Bank.

[455.](#) Jean de Bosschere (1893-1954) era gravurista, poeta e romancista belga.

[456.](#) A Hogarth Press seria a primeira editora de *A terra devastada* em formato de livro, em 1923. Eliot ficou muito satisfeito com os resultados, e assumiu a culpa dos erros tipográficos como resultado de sua própria péssima revisão. Duas décadas mais tarde, em maio de 1941, ele escreveria o obituário de Woolf.

[457.](#) Embora menos lido do que os outros livros de Forster, tem a distinção de ter feito o mundo de língua inglesa ciente, pela primeira vez, do grande poeta Cavafy, que Forster conheceu muito bem em seus dias em Alexandria. Eliot logo publicou Cavafy no *Criterion*.

[458.](#) Não muito tempo depois, Forster sofreu um destino meio trágico, meio cômico. Ele recebeu uma carta explicando que um incêndio inusitado no galpão havia destruído todos os exemplares do livro que não haviam sido mandados para as lojas; recebeu também um cheque generoso, financiado pelo seguro do editor. Algumas semanas depois chegou uma segunda carta: para sua surpresa, o editor descobriu que os livros não foram inteiramente destruídos, pois estavam estocados em um porão à prova de fogo. Foi uma situação estranha, que resolveram segundo uma lógica curiosa. Em vez de retornar o pagamento do seguro, eles mesmos queimaram os livros. Outra edição só seria feita em 1938.

Enquanto isso, Forster continuou a trabalhar em seu último e mais consagrado

romance. *Uma passagem para a Índia* foi publicado em 1924. Suas páginas finais foram profundamente afetadas pelo entusiasmo por *Os sete pilares da sabedoria*, de T. E. Lawrence, que o surpreendeu com um misto de introspecção e abertura de visão. Siegfried Sassoon havia lhe emprestado o livro; Forster disse para Sassoon que ele o emocionou quase ao ponto de chorar, e implorou para ser apresentado a Lawrence. (Eles de fato haviam se encontrado brevemente em 22 de fevereiro de 1921 em um almoço para o príncipe Feisal na Berkeley Square.) Eles se encontraram em março de 1924, e fora alguns momentos estranhos, tornaram-se bons amigos.

459. Tanto Joyce quanto Eliot tinham a mesma sensação geral de fascínio pelo caso. Para Joyce, a sentença de morte foi horrorosa, e ele conversou bastante sobre isso com o amigo Arthur Power: “Que coisa horrível a lei pode ser de vez em quando. (...) Deveria existir alguma temperança nela para servir à diferença entre um assassinato brutal e, por exemplo, uma mulher matando filho por desespero e depois tentando se matar — um duplo crime, aos olhos da lei.” Na França, acreditava Joyce, uma mulher nas circunstâncias da sra. Thompson jamais seria executada. Estudiosos de Joyce identificaram nada menos que 45 alusões ao caso em *Finnegans Wake*.

Eliot tinha uma visão bem diferente sobre o assunto. Em 8 de janeiro de 1923, escreveu ao editor do *Daily Mail* congratulando-o pela linha inflexível do jornal acerca da “cruzada dos sentimentistas” — os milhões de pessoas que haviam escrito ao Ministério de Assuntos Internos pedindo o perdão da pena de morte dos “Assassinatos de Ilford”. Eliot aplaudiu a recusa do *Mail* de cair nesse “sentimentalismo flácido”. Na mesma carta, elogiou a cobertura que o jornal fez sobre o fascismo, e o retrato de Mussolini como o salvador da Itália contra o bolchevismo. Já foi sugerido que o poema “Marcha Triunfal” de Eliot foi inspirado em parte na cobertura que o *Mail* fez da Marcha sobre Roma.

460. De maneira breve, o Quarto Caminho era a síntese de Gurdjieff das três tradições esotéricas da autotranscendência: controle do corpo (o caminho do faquir), controle da mente (o caminho do monge), controle das emoções (o caminho do iogue). Gurdjieff alegava que seu sistema pegava o melhor dos três caminhos e os aperfeiçoava em um Quarto. A expressão “Quarto Caminho” ainda é bastante usada por seguidores de Gurdjieff e Ouspensky.

461. Quando virou presidente da Imperial Airways.

462. Quase todo mundo era capaz de comprar um rádio, ou pelo menos ter acesso a um, conforme sugerem as estatísticas das permissões. Em 1923, durante o primeiro ano completo de operação da BBC, 80 mil permissões foram emitidas; em 1924, um milhão; e até 1939, 9 milhões. Mas essa estatística não representa o tamanho genuíno da audiência. As estimativas informadas sugerem que para cada receptor sem fio autorizado, havia quatro aparelhos em uso. Depois de 1928, o público dos programas da BBC quase nunca era menor do que um milhão, e pode ter chegado até a 15 milhões. Em 1935, cerca de 98% da população tinha acesso regular a transmissores. A nação se tornou unida pelos ares de uma maneira que nunca tinha sido antes.

Todos menos os mais pobres e bastante desprovidos tinham como se conectar, e para vários ouvintes a transmissão provia uma fonte rica e variada não só de entretenimento e notícias, mas de inúmeros prazeres que lhes haviam sido negados por causa de uma educação pobre e mínima. E o benefício não era de apenas uma via: muitos dos escritores e artistas deste livro encontraram novas saídas e novos espectadores gratificantes por meio da BBC de Reith. Eliot

começou a fazer transmissões frequentes de 1929 em diante, iniciando com digressões literárias acerca de assuntos como a prosa elizabetana e a poesia do século XVII, de Donne a Milton, e, mais tarde, acerca de questões da doutrina cristã e de valores éticos. (*A terra devastada* só foi transmitido por inteiro na BBC em 1937. Foi um sucesso gratificante, e fez com que vários ouvintes enviassem cartas de fã.)

Em 1926, Reith se sentia confiante o suficiente no que havia conquistado para escrever: “Acreditamos que um novo recurso nacional tenha sido criado; (...) o recurso ao qual me refiro é de ordem moral, e não material — o recurso que, ao longo dos séculos, traz o interesse composto por lares mais felizes, cultura abrangente e cidadania de verdade.” Pomposo, sem dúvida; porém mais próximo da realidade do que os críticos de Reith estavam dispostos a admitir.

[463.](#) O último registro seria feito cerca de seis meses depois, em 12 de junho de 1923. Kafka faleceu um ano depois de escrever essas palavras, em 3 de junho de 1924. Seus restos foram enterrados no cemitério judeu em Praga-Straschinitz.

[464.](#) Eliot manteve um interesse agudo por Rivers nos anos que se seguiram, e o “grande psicólogo” foi uma das principais influências de *Sweeney Agonistes*. Conforme os últimos escritos de Rivers começaram a aparecer postumamente, Eliot ficou de olho. Pediu a Wyndham Lewis que fizesse uma crítica de *Medicine, Magic and Religion* [Medicina, Magia e Religião] para o *Criterion* de janeiro de 1925, e fez menção a Rivers novamente em seu ensaio “Charleston, Hey! Hey!” (*Nation and Athenaeum*, 29 de janeiro de 1927), onde diz que John Rodker é “bastante atualizado, se é que se pode dizer isso de alguém; temos certeza de que sabe tudo sobre hormônios, W. H. R. Rivers e o povo da Mongólia no nosso meio”. No mesmo ano, convidou Robert Graves para fazer uma crítica de *Psychology and Ethnology* [Psicologia e etnologia] para o *Criterion*. Agora, Rivers era parte permanente da literatura inglesa, bem como da ciência britânica.

[465.](#) Há uma referência inesperada a Eugene O’Neill: Wilson relata que pelo menos um crítico disse que, se Eliot olhasse mais de perto para a sua figura de Sweeney, encontraria o “Macaco Peludo de O’Neill”.

[466.](#) Seu texto sobre o oculto, *Materialisations-Phänomene* [Fenômenos de materialização], foi altamente ridicularizado quando apareceu pela primeira vez, antes da guerra, mas foi levado com muito mais seriedade na nova publicação pós-guerra.

[467.](#) Na verdade, ficou tão movido pela experiência que escreveu um artigo, “Okkulte Erlebnisse” [“Experiências ocultas”], para o *Neue Rundschau*. Usou também vários detalhes dessa mesma sessão em seu grande romance em progresso, *A montanha mágica* (na antepenúltima seção do sétimo e último capítulo). Ele dá ao protagonista Hans Castorp o enjoo que ele mesmo sentiu, e usa detalhes como a música ininterrupta, o lenço saltitante, entre outros. Também faz com que Hans fuja do evento aterrorizado — o que corresponde à sua própria partida da terceira sessão, e à sua decisão de nunca mais brincar com espiritismo. Depois que sua mãe faleceu, em 11 de março de 1923, ele não tentou se comunicar com a alma dela por meio de um médium.

[468.](#) Ezra Pound elogiou o show em sua “Paris Letter” para *The Dial*.

[469.](#) Como era de se esperar, os surrealistas não perderam a oportunidade de criar confusão para Cocteau. Na terceira noite, pouco depois de a cortina ser aberta, um dos atores disse a frase “Ele [Creonte] atribui grande importância à execução de suas ordens”. Uma voz — instantaneamente reconhecível aos entendidos como sendo a de André Breton — berrou desde o público: “Ele está errado!”

Como disse Cocteau anos depois: “Foi a voz de um dos nossos colegas lutadores, e berrei de volta durante a abertura dizendo que não continuaríamos com a apresentação se a interrupção não parasse e os causadores de baderna não saíssem. Eles foram levados para fora e a peça continuou. Era esse o tipo de coisa que acontecia naqueles dias: tudo era feito *en famille*.”

[470.](#) Joyce finalmente pegou a caneta e começou *Wake* em 11 de março de 1923. O livro o ocuparia pelos próximos 16 anos.

[471.](#) Costuma-se observar que essas notas demonstram uma aflição extrema — até mesmo uma mente no final de suas habilidades: repetitivas, divagadoras e frenéticas em alguns momentos. Lenin estava em um estado de desespero quase suicida. Chegou a pedir, como fez na época do primeiro derrame, que lhe dessem veneno para que pudesse se matar, mas Stalin se recusou a fornecê-lo.

[472.](#) Infelizmente para Lenin, os espiões de Stalin passaram todas essas notas para ele. Stalin sentiu ainda mais desprezo por Lenin, e a situação atingiu o ápice quando contaram para Lenin que Stalin havia recentemente banhado Krupskaya (a sra. Lenin) de abusos violentos e a ameaçado com uma investigação feita pela Comissão do Controle Central. Ele escreveu uma carta raivosa para o ex-companheiro exigindo um pedido de desculpas: a resposta de Stalin foi tão condescendente, maligna e maliciosa que Lenin ficou gravemente doente de novo de tanta agonia; em 9 de março de 1923, sofreu o terceiro grande derrame, que lhe tirou o poder de fala. Durante os próximos dez meses, até sua morte em 21 de janeiro de 1924, tudo o que conseguiu falar foram pares repetidos de sílabas.

Contra a vontade expressa de Lenin, ele não foi enterrado ao lado do túmulo da mãe em Petrograd, mas foi embalsamado para que o público o visse — ideia de Stalin, imposta sobre o Politburo apesar da oposição de Trotski e de Bukharin, e, disseram algumas pessoas, inspirada em parte na moda de Tutancâmon que havia chegado do Ocidente.

[473.](#) Embora MacArthur a tivesse achado fascinante no começo, o encanto logo acabou e, considerando que ele era um sedutor bem-sucedido e incansável, seus olhos começaram a vagar por outras mulheres. Dorothy, por outro lado, estava perdidamente apaixonada; passava o tempo escrevendo poemas de amor para e sobre ele, e chorou quando o viu com sua última conquista. Foi então que descobriu que estava grávida dele. Isso foi uma agonia: ela sabia que não era dotada nem dos mais brandos sentimentos maternos, mas não queria perder o filho de MacArthur. Enquanto adiava, a Távola Redonda encenava outro show, uma sequência de *No Sirree!*. Chamava-se *The Forty-Niners* (Os Mineiros de 1849).

Novamente, todos os gênios participaram. Ela e Benchley escreveram uma peça estranha de um ato chamada *Nero*, que não tinha nada a ver com a Roma Antiga, mas tinha a rainha Vitória, o cardeal Richelieu e o New York Giants. George Kaufman e Marc Connelly dirigiram. Quando o show acabou, depois de 15 performances, Dorothy determinou que faria um aborto. Durante alguns dias, não falou nada sobre a experiência. No entanto, a bebida logo soltou sua língua e ela passou madrugadas no Tony’s e em outros bares lamentando e xingando. Um rumor diz que MacArthur lhe deu trinta dólares para ajudar no aborto. Foi como Judas fazendo um reembolso, disse ela.

Ela bebeu cada vez mais, e ficava na cama o dia todo até a hora de ir para o teatro. Lentamente, ficou mais e mais fascinada com a ideia de suicídio e determinada a se matar. Ela finalmente botou o plano em prática na primeira semana de janeiro, aproximadamente. Usando a gilete de barbear do marido, fez

um corte profundo no punho esquerdo e outro mais brando no direito. A seriedade do seu desejo de morte é duvidosa; antes de se cortar, pediu um jantar do restaurante Swiss Alps, no primeiro andar do prédio, e foi o entregador quem a encontrou. Ela foi levada às pressas ao hospital. Quando estava bem o suficiente para receber visitantes, fez o mesmo papel de palhaça de sempre, contando piadas, xingando e balançando os pulsos, onde amarrou fitas alegres em tom pálido de azul.

474. Embora ele parecesse não acreditar que o trabalho escaparia da caneta do editor, o artigo “On Criticism in General” [Sobre a crítica em geral] foi de fato publicado na edição de janeiro de 1923.

475. No dia da tempestade, Lawrence começou a escrever uma carta longa a George Bernard Shaw, a quem havia mandado um exemplar da edição “Oxford” de *Sete pilares* pedindo conselhos profissionais (Cf. 7 de agosto).

Querido sr. Shaw

Sua carta chegou a mim no dia de Natal e me interessou imensamente — especialmente uma frase; (...) não seria modesto da minha parte repeti-la, mas o senhor disse que é um ótimo livro. Fisicamente, sim, em conteúdo, sim: um estrangeiro vendo o interior de um movimento nacional tem um assunto enorme: mas o tratamento é bom? Presto muita atenção a isso, e minha ambição de vida inteira tem sido escrever alguma coisa intrinsecamente boa. Não acredito que tenha feito isso, pois é a coisa mais difícil do mundo, e tive tanto sucesso em outras linhas que seria ganância esperar bondade em um assunto tão técnico. No entanto, sua frase me dá um pouco de esperança: o senhor me daria uma opinião honesta dizendo se está bem feito ou não? Enquanto eu escrevia, me envolvi e escrevi com afinho, mas no meio disso a performance toda me pareceu pobre, e quando terminei quase queimei a coisa toda pela terceira vez. O contraste entre o que eu queria e achava que conseguia fazer, e a verdade do que a minha fraqueza me permitiu realizar foi digno de pena. Veja bem, existe essa sensação lá no fundo dizendo que se eu realmente tentar, me sentar e me esforçar, o resultado geral ficaria em nível elevado. Temo esse esforço extremo, pois quase me matei para fazer o esboço presente: e eu me esquivaria dele voluntariamente. Não está com o tratamento errado? Quero dizer, não devia ser objetivo, sem a primeira pessoa do singular? E há algum estilo na minha escrita? Algo que seja reconhecidamente individual?...

Embora Lawrence não tenha conhecido James Joyce, estava fascinado pelo trabalho de seu compatriota escritor. (Conforme envelheceu, abraçou a ideia de ser um patriota irlandês; em seu ponto de vista, era Lawrence da Hibernia, e não da Arábia.) [“Hibernia” é o nome da Irlanda em latim clássico.] E embora nunca tenha colecionado muitas posses, era bastante ligado à sua pequena coleção de livros, principalmente à primeira edição assinada de *Ulisses* (número 36). Um inventário dos livros que Lawrence tinha no fim da vida também inclui *Dublinenses*, *Um retrato do artista quando jovem*, *Pomes Penyeach* e três dos extratos de *Work in Progress* (que mais tarde seria *Finnegans Wake*), lançado pela Faber e outros editores: *Anna Livia Plurabelle* (NY, Crosby Gaige, 1928), *Haveth Childrens Everywhere* ([Há Crianças em Todo Canto] Londres, Faber, 1931) e *Tales Told of Shem and Shaun* ([Contos Contados de Shem e Shaun] Paris, Black Sun Press, 1929). Aliás, Lawrence acabaria traduzindo a *Odisseia*.

476. Pound estava começando a lidar com Malatesta para seu novo conjunto de

cantos. Hemingway mais tarde disse que ele havia consultado seu conhecimento de estratégia militar para esclarecer o comportamento de Malatesta nas batalhas de Piombino e Orbetello.

[477](#). E também não se poupou: “Sou, acredito, fortemente culpado perante os trabalhadores da Rússia por não ter interferido enérgica e drasticamente na questão notória da ‘autonomiação’, que, me parece, é oficialmente chamada de a questão da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.” Após explicar que esteve doente durante o verão em que a questão da união surgiu, e que ele não tomou parte na decisão de despachar um exército e usar de força, chamou o estado atual da situação de um “pântano”. “Eles dizem que a união foi necessária no aparato. Mas de onde vêm essas afirmações? Não seria do mesmo aparato russo que, como observei em uma seção anterior do meu diário, herdamos do czarismo, apenas pavimentando-o um pouco com o pincel soviète?” Continuou prevendo que caso medidas não fossem tomadas o projeto comunista se afogaria no “grande mar russo da ralé chauvinista, como uma mosca no leite”. E — um ponto de referência padrão para tais denúncias — recordou a figura imortal de estupidez e opressão, Derzhimorda, o chefe de polícia de *O inspetor geral*, de Gogol. Em Derzhimorda, lia-se Stalin.

RESULTADO

O protagonista

T. S. ELIOT, apesar de flutuações extremas na moda acadêmica e de um número de tentativas poderosas de diminuir ou até destruir sua reputação, continua sendo considerado o maior poeta de língua inglesa do século XX; *A terra devastada* ainda é amplamente tido como o poema mais importante do século. Seus vários ensaios literários também o estabeleceram como um dos maiores críticos do período, cuja influência extensa de geração em geração de estudiosos e professores se provou mais durável até mesmo do que o trabalho de críticos um pouco mais jovens que aprenderam com ele: I. A. Richards, William Empson e F. R. Leavis no Reino Unido; Allen Tate, John Crowe Ransom, Edmund Wilson e outros nos Estados Unidos.

A crise espiritual que recebe voz (ou vozes) em *A terra devastada* encontrou uma resolução quando Eliot se juntou à comunhão anglicana em 29 de junho de 1927. Ele permaneceu um frequentador discretamente pio e humilde da Igreja para o resto da vida, e por muitos anos serviu como sacristão na sua paróquia, a igreja St. Stephen's na Gloucester Road. Eliot também se naturalizou britânico em 1927, e pouco depois da mudança de nacionalidade, declarou-se um monarquista, para a tristeza de seus admiradores da esquerda política. A condição mental e física de Vivien Eliot piorou; o casal se separou em 1932, quando Eliot usou a ocasião de ter sido convidado de volta para a Harvard para assumir a cadeira de Charles Eliot Norton para cortar a conexão com ela. Em 1938, Vivien foi internada em um hospício em Stoke Newington, onde permaneceu durante nove anos,

até sua morte, em 1947.

Eliot editou o *Criterion* até a última edição, em janeiro de 1939. A essa altura, ele havia deixado seu trabalho no Lloyd's Bank (1925) e se juntado a uma nova firma de publicações da Faber and Gwyer, mais tarde a ser Faber and Faber, onde trabalhou com distinção considerável até a aposentadoria. Ele gostava muito de promover o novo trabalho de Joyce, Pound e outros velhos amigos, e em cultivar os escritores de gerações emergentes, incluindo W. H. Auden.

Eliot não foi um escritor prolífico de poesia, e seu chamado *Collected Poems* [Poemas reunidos] é um volume relativamente modesto; seus versos mais notáveis depois de *A terra devastada* incluem o estranho e aterrorizante “Sweeney Agonistes” (1932, embora feito a partir de dois “fragmentos” de 1926 e 1927), “Os Homens Ocos” (1925), “Quarta-feira de cinzas” (1930) e a longa sequência *Quatro quartetos*, um trabalho completo com temas religiosos e filosóficos que, com o passar do tempo, também abrangeu a resposta de Eliot à Segunda Guerra Mundial e, assim como em *A terra devastada*, uma autobiografia tácita e não tão tácita. Seus componentes são *Burnt Norton* (1936), *East Coker* (1940), *The Dry Salvages* (1941) e *Little Gidding* (1942); as quatro partes foram publicadas juntas pela primeira vez em 1945.

Escreveu um conjunto de peças completas em verso, começando com *Murder in the Cathedral* [Assassinato na Catedral] em 1935 — um título deliberadamente *à la* Agatha Christie para a história do martírio de Thomas Becket — e continuando com um grupo de peças que retrabalhavam temas da tragédia clássica no tipo de contexto de classe média alta contemporânea familiar ao público do West End, acostumado com Noel Coward ou Terence Rattigan: *The Family Reunion* [Reunião de família], *The Cocktail Party* [O coquetel], e por aí vai. Surpreendentemente comerciais à sua própria maneira, elas quase nunca são revisitadas com muito sucesso.

Quando não estava dedicando seu tempo aos afazeres no escritório ou como sacristão, Eliot também escreveu bastante sobre questões sociais, políticas e religiosas. Seus ensaios *Notas para uma definição de cultura* e *The Idea of a Christian Society* [A ideia de uma sociedade cristã] fornecem a descrição mais precisa de suas opiniões; um trabalho anterior, *After Strange Gods* [Após deuses estranhos], foi argutamente deixado para que se esgotasse quando Eliot ficou desconfortável com o teor de algumas passagens (incluindo o

comentário muito citado, e frequentemente de maneira errada, acerca do efeito sobre comunidades tradicionais de “um grande número de judeus de pensamento livre”). Todas essas obras são bastante curtas, curtas demais para formarem um padrão definitivo da sua filosofia política, e várias vezes foram ridicularizadas por aqueles que acham a forma severa de conservadorismo de Eliot desumana ou repugnante. No entanto, sua estatura como pensador da direita apenas cresceu com o passar dos anos.

No fim da vida, Eliot finalmente atingiu a felicidade pessoal no casamento com Esme Valerie Fletcher, conhecida pelos amigos como Valerie. Era a secretária dele na Faber desde 1949, então já se conheciam bem quando se casaram em 10 de janeiro de 1957. O noivo tinha 69 anos e a noiva, 32. Quando Eliot faleceu, em 4 de janeiro de 1965, era internacionalmente famoso em um nível que nunca teria previsto quarenta anos antes. Seus restos mortais foram cremados em Golder’s Green, e as cinzas foram levadas para a paróquia de East Coker, o vilarejo onde seus ancestrais moraram antes de imigrarem para os Estados Unidos.

Enquanto estava vivo, e cada vez mais nos anos recentes, Eliot foi atacado por causa de certas passagens antissemitas tanto em prosa quanto em verso — geralmente não tanto por ele ter publicado tais passagens (que não são piores nem mais leves do que passagens similares de outros escritores da mesma época que também fizeram comentários maldosos sobre os judeus), mas por ter permitido que fossem publicadas sem uma revisão depois que o mundo livre ficou sabendo da Solução Final. A questão ainda é controversa e desconfortável para os que, admirando Eliot de uma perspectiva central e de esquerda, têm dificuldades de aceitar que versos tão poderosos possam ter sido criados por um desdém tão sórdido.

Desde o avanço do feminismo, da década de 1960 em diante, também passou a ser comum pintar Eliot como o vilão da história “Tom e Viv”: no máximo um traidor tímido, emocionalmente incompetente e totalmente covarde da sua pobre esposa, no mínimo um sadista e um brutamontes que foi a verdadeira causa de sua condição preocupante. Esse debate também persiste, embora o relato agonizante do sofrimento de Eliot, que surgiu com a publicação recente de suas cartas (desde 1925), não tenha dado muita lenha para a fogueira da oposição.

Talvez o aspecto mais estranho e bobo da carreira póstuma de Eliot

seja o sucesso imenso do musical *Cats*, um espetáculo popular baseado em seu livro de poesia cômica para crianças e outros, *Os gatos* (1930). Os lucros dessa produção amentaram consideravelmente a fortuna da viúva e do editor de Eliot.

Uma pesquisa britânica entre o público geral de leitores em 2009 mostrou uma concordância incomum entre o gosto popular e o acadêmico. Eliot foi eleito o Poeta Favorito da Nação.



JAMES JOYCE continuou morando em Paris com sua família por mais 18 anos. Depois das rebeldias frequentes e da crise financeira perpétua da juventude, iniciou uma meia-idade relativamente quieta. Em grande parte desse período, trabalhou com constância em seu novo projeto, o sonho-romance incomparável *Finnegans Wake*; sempre talentoso para encontrar patronos, formou uma amizade incalculável com Maria e Eugene Jolas, que editavam o jornal vanguardista *transition*. Capítulos de *Wake*, então conhecido pelos seguidores de Joyce como *Work in Progress*, eram publicados frequentemente nas páginas do *transition*. Enquanto isso, Harriet Shaw Weaver continuou a financiar a vida de Joyce com generosidade incansável.

Sendo assim, havia motivos para que Joyce ficasse contente com o que tinha, porém também havia razões para tristeza. Continuou a ser atormentado pelos seus olhos, e passou por nove operações com o dr. Louis Borsch antes do falecimento deste último em 1929. Na década de 1930, fez várias viagens até a Suíça, às vezes para tratar da visão, às vezes por causa dos problemas da filha. Lucia havia começado a mostrar sinais severos de doença mental aproximadamente em 1930, na época em que terminou o flerte não muito duradouro com Samuel Beckett, o novo jovem amigo de Joyce e seu amanuense ocasional. Em 1934, Jung a tomou como paciente, mas o tratamento pelo visto não lhe fez muito bem. Em 1935, ela foi internada em um hospício em Ivry-sur-Seine.

Quando os tanques alemães entraram na França em 1940, Joyce fugiu com Nora, que agora era legalmente sua esposa (casaram-se em Londres em 1931), para um velho retiro, Zurique. Teria ficado seguro ali, mas seu próprio corpo o traiu: em 11 de janeiro de 1941, teve uma úlcera perfurada; dois dias depois, em 13 de janeiro, faleceu. Foi

enterrado no cemitério Fluntern, perto do zoológico; seu funeral foi laico, e o tenor suíço Max Mieli cantou um fragmento do *L'Orfeo* de Monteverdi em sua honra.

Nora viveu até 1951; no mesmo ano, Lucia foi removida da França para o hospital mental St. Andrew's em Northampton, onde ficou internada até sua morte, aos 75 anos. (Simetria nefasta: tanto a primeira esposa de Eliot quanto a filha de Joyce passaram seus últimos anos como doentes mentais.) Giorgio Joyce morreu em 1976.



A carreira de EZRA POUND depois de 1922 é tão extraordinária que pode ser lida como uma obra improvável de ficção. Daquele ano em diante, quando começou a organizar um grande projeto que vinha planejando havia muitos anos, até quase meio século depois, devotou o cerne do seu talento poético à composição de *Os Cantos*. Eliot publicou o primeiro dos Cantos verdadeiros (as primeiras versões são conhecidas hoje como os Ur-Cantos) no *Criterion* em 1923. É um poema difícil de descrever: surpreendentemente simples em alguns momentos, e lírico de maneira um tanto antiquada, às vezes cheio de grandes pedaços que parecem uma pesquisa não digerida, às vezes poliglota (em mandarim, hieróglifos do Egito Antigo e grego clássico, assim como italiano, francês, alemão...), fragmentado e densamente alusivo a ponto de ser incompreensível. É um poema de História — das histórias da Europa, da América e da China, e da história catastrófica que se revelava enquanto Pound escrevia. Faz sentido vê-lo como um dos vilões dessa história; mas também, talvez, como uma de suas vítimas.

A vida pessoal de Pound nos anos de composição não foi nada ortodoxa. No outono de 1922, conheceu Olga Rudge, a violinista, e começou um caso com ela que durou até sua morte, quase exatamente cinquenta anos depois. Quando ele e Dorothy finalmente se estabeleceram em Rapallo em 1924, Olga estava grávida; Mary nasceu em 9 de julho de 1925, e quase imediatamente foi mandada para uma camponesa local, que recebia uma quantia mensal modesta para criá-la. Como que em retaliação, Dorothy engravidou e deu à luz o filho deles, Omar Pound, em 10 de setembro de 1926. Novamente, a criança foi enviada para outras pessoas — nesse caso, Olivia, a mãe de

Dorothy, que vivia em Kensington e que criou Omar para que virasse um pequeno cavalheiro inglês. Pound quase não viu o menino até fazer uma pequena visita a Londres em 1938, quando Omar tinha 12 anos.

A vida pública de Pound foi uma desgraça. Como acontece com várias estradas que levam ao inferno, começou com boas intenções. Ficou chocado com o extermínio da Grande Guerra e resolveu averiguar suas causas mais profundas. Não levou muito tempo para concluir que foi uma guerra de lucros, levada aos palcos por fabricantes de armas e outras forças do capitalismo financeiro. É uma linha de argumento que poderia muito bem tê-lo levado para a esquerda política, e de fato ele expressou sua admiração por Lenin por algum tempo. Contudo, ele se conectou às teorias econômicas não de Marx, mas de um certo C. F. Douglas, que havia criado um modelo herege para economias conhecido como Crédito Social.

Até então, mal nenhum. Mas Pound não estava contente em promover um esquema que economistas mais convencionais, como Keynes, viam como excêntrico. Perguntou-se quem eram os vilões e achou uma resposta: os capitalistas. E quem eram os maiores capitalistas? Bem, os judeus, obviamente. Até então, Pound não parecia ter sido mais antissemita do que a maioria dos homens e mulheres da sua idade. Entretanto, ele alimentou esse ódio com uma pesquisa que “provava”, para sua alegria, que as civilizações nasciam e caíam na mesma proporção em que permitiam a prática do empréstimo com juros: usura, ou, na ortografia de Pound, Usura. Uma das mentes mais sofisticadas da literatura se convenceu, de alguma maneira, de que a história era uma simples questão de mocinhos e bandidos. O próximo passo foi encontrar um mocinho apropriado para os tempos modernos. Pound decidiu que o candidato ideal era Benito Mussolini.

Pound esteve com seu herói apenas uma vez, em 30 de janeiro de 1933. Lendo as entrelinhas de seu relato bajulador, foi uma espécie de palhaçada. Quando Pound tentou explicar *Os Cantos*, Mussolini emitiu um veredicto de uma palavra: parecia “*divertente*”, “divertido”. Um elogio negligente, até mesmo um insulto, mas Pound o tomou com gosto como prova de que “o Chefe” foi imediatamente ao cerne da questão por compreender que a função mais profunda da poesia é fornecer prazer. Altamente incentivado por isso, e sonhando com o papel de filósofo-poeta para um rei, começou a escrever artigos antissemitas para a imprensa italiana e para o jornal britânico fascista de Oswald Mosley, o *Action*.

Começou também a fazer transmissões, a partir de 1935, na Rádio Roma. As autoridades, havia alguns meses, se sentiam preocupadas em deixá-lo chegar perto de um microfone, suspeitando que pudesse ser algum tipo não convencional de agente duplo. Uma vez satisfeitas com suas credenciais, elas o deixaram falar o quanto quisesse. Sua maior preocupação nessa época era alertar os Estados Unidos a ficar longe de qualquer guerra europeia. Cada vez mais convencido de que era uma voz importante à qual os políticos escutariam com respeito, levou sua cruzada para o país, onde fez uma conferência com a imprensa em Nova York e fez lobby com membros do governo em Washington, D.C.

Pound continuou suas transmissões quando a guerra teve início, mostrando-se ainda mais frenético e irritadiço depois que os Estados Unidos foram insensatos o suficiente para ignorar seu conselho e entrar na guerra. Falou contra Roosevelt — “Jewsevelt” [*Jew* significa “judeu”] — e disse que a guerra havia sido causada por “sessenta judeus de merda”. Dentre os que o escutavam estavam membros das forças armadas dos Aliados. Alguns deles trabalhavam para a inteligência militar e entenderam as palavras de Pound como um conforto ao inimigo e um incentivo à insatisfação nas tropas. Foi indiciado *in absentia* por traição em 20 de julho de 1943.

Após a invasão bem-sucedida da Itália por parte dos Aliados, Pound passou algum tempo refugiado e depois finalmente retornou a Rapallo. Em 2 de maio de 1945, foi capturado por um grupo de partidários, que o liberou depois de dois dias. Mas Pound percebeu que uma nova prisão logo aconteceria, então ele e Olga se voltaram para as autoridades americanas. Em 24 de maio, Pound foi transferido para o Centro Disciplinar do Exército Americano, no Norte de Pisa. Apesar da idade — 60 anos na época — e da natureza não violenta da ofensa, foi preso junto com assassinos, estupradores e outros criminosos de verdade em uma gaiola insana, exposto ao calor durante o dia e ao gelo durante a noite. Foi um tratamento desumano, embora seja fácil entender por que os oficiais acharam que um traidor famoso merecia uma abordagem dura. Dentro de três semanas, Pound adoeceu e foi transferido para aposentos mais confortáveis no hospital da prisão. Permitiram que usasse uma máquina de escrever para produzir os novos Cantos que havia começado a escrever na jaula.

A lei determinou que Pound devia voltar aos Estados Unidos para ter um julgamento apropriado. Chegou ao país em 15 de novembro de

1945, e dez dias depois foi formalmente acusado de traição. Depois de debater o caso, a corte de Washington, D.C. ordenou que ele fosse enviado para uma instituição mental, a St. Elizabeth's, para que seu grau de sanidade — ou insanidade — pudesse ser avaliado. Os primeiros dias no hospital foram tristes: ficou sob supervisão incessante em uma ala conhecida como “inferno” junto com internos que berravam, balbuciavam e babavam. Considerando que ele obviamente não estava no mesmo nível avançado de loucura que esses pacientes, foi transferido para uma localização bem mais agradável, a Ala Chestnut, que seria seu lar nos próximos 12 anos.

Os apoiadores de Pound tenderam a pintar esse período em cores escuras, sugerindo que foi um tormento para ele. Outros indicaram que, de diversas formas, lhe caiu muito bem. Pela primeira vez na vida adulta, não teve de mendigar por dinheiro e estava livre para ler e escrever conforme desejasse, trabalhando — entre outros projetos — em uma tradução de *Mulheres de Trachis*, de Sófocles, e nos últimos Cantos. Tinha permissão para receber visitas, incluindo Dorothy, e costumava ter encontros informais em uma alcova que mais ou menos tomou como território próprio.

Enquanto isso, seus amigos cada vez mais distintos — incluindo Eliot e Hemingway — fizeram esforços repetidos para tirá-lo dali. A tentativa mais divulgada veio em 1949, quando Eliot e outros juízes do novo Prêmio Bollingen de Poesia concordaram em dar o prêmio para Pound pelos *Pisan Cantos* (1948) — não só para afirmar sua fé constante em seu talento literário, mas para constranger as autoridades e fazê-las reexaminar o caso. Podem até ter obtido sucesso na primeira instância — os *Pisan Cantos* são considerados um dos pontos altos da épica de Pound —, mas o prêmio enfureceu tantas pessoas que serviu em geral para lembrar o público da infâmia de Pound. Permaneceu na St. Elizabeth's por quase uma década mais.

Em 1958, as autoridades finalmente concordaram que era seguro deixá-lo ir. Em julho, voltou de barco para a Itália; quase a primeira coisa que fez foi cumprimentar a imprensa com uma saudação fascista. Por certo tempo, viveu com a filha e o genro no castelo Brunnenberg, perto de Morano; depois, voltou para os lugares familiares e visitados com frequência em Rapallo. No final de 1959, começou a mostrar sinais de depressão e de recolhimento em um silêncio quase completo. Às vezes, lamentava o trabalho da vida inteira, chamando-o de “fiasco”, e se repreendia pela sua idiotice. Em uma ocasião

consagrada, conheceu o poeta mais jovem (e judeu) Allen Ginsberg, que admirava muito Pound apesar das teorias malignas do mais velho; Pound, em um momento raro de retratação, admitiu ter sido afligido pelo “preconceito suburbano imbecil” do antissemitismo. Uma retratação, sim, mas não exatamente um pedido de desculpas.

Pound retornou a Veneza — seu primeiro lar na Europa — para o estágio final da vida. Compartilhou um apartamento modesto perto da Piazza San Marco com Olga Rudge; um de seus poucos prazeres que resistiram foi o sorvete da região. Faleceu em 1º de novembro de 1972 — Ano 50 do calendário modernista — com Olga ao seu lado; foi enterrado no cemitério veneziano, não muito longe do túmulo de Igor Stravinsky. Dorothy Pound morreu no ano seguinte; Olga, embora frágil, viveu até 1996.

A obra de Pound vem sendo a causa de discussões amargas, e não apenas por causa do fascismo. Seu nome não é tão conhecido quanto os de Eliot e Joyce, e ele nunca foi lido em grande escala fora das universidades. Inúmeros estudos críticos pioneiros, incluindo livros de Hugh Kenner na América do Norte e Donald Davie no Reino Unido, fizeram uma defesa formidável das realizações de Pound como poeta, tradutor, crítico e professor original; tais trabalhos foram seguidos por incontáveis monografias, ensaios, edições, biografias e conferências. No começo da década de 1970, quando Kenner publicou o livro altamente influente *The Pound Era* [A era Pound], vários leitores estavam prontos para aceitar a ideia de que Pound foi a figura central do modernismo; e, de maneira implícita, o maior poeta do século XX.

Muitos, porém não todos. O poeta inglês Philip Larkin — nascido, aliás, em 1922 — provavelmente foi o mais famoso dos homens e mulheres de letras que achavam que Pound era, no máximo, um talento magro e de qualidade irregular, e no mínimo um charlatão pernicioso. Larkin colocou Pound na mesma laia de dois homens terríveis com a letra “P”, Picasso e Charlie Parker, como os vilões que destruíram a poesia, a pintura e o jazz, substituindo beleza por feiura deliberada, lucidez por balbucios e erudição falsa, melodia por cacofonia, forma por caos. É possível que o leitor comum, caso ele ou ela tenham lido bastante de Pound, esteja inclinado a concordar. E no começo do século XXI, cada vez menos universidades pedem que seus graduandos leiam mais do que um número limitado de fragmentos de antologias inofensivas.

Este não é o lugar para discutir os méritos da poesia de Pound.

(Embora valha a pena mencionar que ele é o poeta de poetas, e que inspirou um número surpreendente de escritores, dos mais tradicionais aos mais experimentais.) Mas qualquer pessoa que dê importância às obras de Eliot ou Joyce tem um débito com o discernimento, o vigor, o altruísmo e a determinação de Pound. Como dito anteriormente, sem sua intervenção, Eliot talvez tivesse passado a vida em Harvard ensinando filosofia e acabaria totalmente esquecido pelo mundo literário; Joyce talvez tivesse continuado a beber, liquidando e alienando editores em potencial, e morreria como o autor obscuro de *Música de câmara*. Ou talvez seus talentos tivessem feito com que outros os alimentassem e lutassem por eles. O que é certo é que o milagre literário de 1922 foi fundido principalmente por Pound.

Os laureados

Nada menos que 12 dos escritores que tiveram um papel significativo em 1922 ganharam o Prêmio Nobel de Literatura:

- 1923: William Butler Yeats
- 1925: George Bernard Shaw
- 1929: Thomas Mann
- 1930: Sinclair Lewis
- 1934: Luigi Pirandello
- 1936: Eugene O'Neill
- 1946: Hermann Hesse
- 1947: André Gide
- 1948: T. S. Eliot
- 1950: Bertrand Russell
- 1953: Winston Churchill
- 1954: Ernest Hemingway

Não resta muita dúvida de que Joyce teria ganhado o prêmio se tivesse vivido por mais alguns anos. Menos dúvida ainda de que Pound jamais seria um laureado do Nobel; para muitos leitores, sua conduta na época da guerra ainda é imperdoável.

Os tiranos e os líderes

SIR WINSTON CHURCHILL foi primeiro-ministro por duas vezes, de 1940 a 1945 e de 1951 a 1955. Até mesmo seus maiores admiradores admitiriam que a carreira política longa e de flutuações monetárias foi manchada por erros graves e outras coisas piores: em seu próprio ponto de vista, a decisão mais lamentável que tomou foi fazer com que a Grã-Bretanha voltasse ao Padrão-Ouro em 1924, provocando assim a depressão maciça que levou à Greve Geral de 1926. Até os opositores mais apaixonados não têm como negar seu papel decisivo e virtuoso ao perceber e avisar contra a ameaça imposta por Hitler, ao preparar a nação para uma luta armada longa e cruel, porém essencial, e ao forjar os laços necessários com Roosevelt e Stalin. Churchill ficou balançado com a derrota na eleição de 1945, a que levou o Partido Trabalhista ao poder, e seu segundo mandato foi afetado por problemas de saúde e depressão — que ele chamava de “Cão Negro”. Morreu em 24 de janeiro de 1965. Em 2002, uma pesquisa feita pela BBC sugeriu que grande parte da nação ainda o têm como o maior de todos os britânicos.



MOHANDAS “MAHATMA” GHANDI foi assassinado por um nacionalista hindu em 30 de janeiro de 1948, alguns meses depois do Ato de Independência da Índia (18 de julho de 1947). Suas políticas de desobediência civil não violenta — Satyagraha — e de um boicote em massa de produtos e instituições britânicos foram os instrumentos principais no término do governo britânico na Índia; sua reputação internacional como homem de virtude inatacável também foi importante para fazer com que o final do Raj fosse inevitável. Certa vez, Einstein o chamou de “modelo para gerações futuras”, e a pesquisa de “Pessoas do Século” da revista *Times* colocou Ghandi no segundo lugar, depois de Einstein. As consequências imediatas da Independência foram trágicas: cerca de 12 milhões de pessoas foram deslocadas, e um número inexato, na casa das centenas de milhares, morreu. Ghandi ainda é bastante reverenciado pela maioria dos indianos, e é conhecido como o “Pai da Nação”. A previsão de Einstein se tornou realidade: Ghandi tem sido fonte de inspiração para vários campeões da igualdade e da justiça, de Martin Luther King a Barack Obama.



ADOLF HITLER foi nomeado chanceler alemão no dia 30 de janeiro de 1933, e começou a transformar a República de Weimar no Terceiro Reich. O sucesso do movimento nazista ao reconstruir indústrias, estradas e forças armadas alemãs foi tão rápido e marcante que pareceu um milagre para a população. Quando chegou o momento de lançar seus planos de fazer com que a Alemanha virasse o governante de toda a Europa continental, Hitler mostrou que era incontrollável tanto na guerra quanto na paz. No começo de 1941, controlava quase todo o Ocidente europeu, salvo as nações sob poderio de seus aliados na Itália e na Espanha, e grandes partes do Norte da África. A Suíça e a Irlanda ficaram oficialmente neutras. Apenas o Reino Unido permaneceu livre e na luta. A sorte dele mudou quando decidiu violar o tratado de paz entre nazistas e soviéticos e enviar um exército de 3 milhões de homens para a Rússia, e depois o ataque do Japão em Pearl Harbor trouxe os Estados Unidos para a guerra contra os poderes do Eixo. Cometeu suicídio em Berlim em 30 de abril de 1945, conforme forças soviéticas tomavam a cidade. Estima-se que — além de todos os que morreram na guerra que ele criou — cerca de 17 milhões de pessoas tenham sido executadas às suas ordens: judeus, poloneses, prisioneiros de guerra e civis soviéticos, homossexuais, deficientes físicos e mentais e oponentes políticos. A escala do massacre foi superada tanto por Stalin quanto por Mao, mas a reputação sinistra de Hitler como o tirano mais maligno de todos os tempos é mais poderosa do que tudo, em parte por causa da teatralidade macabra com a qual vestia suas atrocidades, em parte por causa da pura loucura da visão que inspirava seu extermínio em massa.



VLADIMIR LENIN morreu em 21 de janeiro de 1924.



HO CHI MINH fundou a República Democrática do Vietnã, um Estado de apenas um partido (comunista), e foi seu presidente de 1945 até sua morte, em 1969, embora nos últimos anos da vida tivesse cada

vez menos poder político e fosse mantido como uma figura inspiradora. Como líder do Viet Minh, conduziu a guerra da independência que culminou na derrota humilhante das forças francesas em 1954, e na retirada das tropas francesas. Como líder do Viet Cong, subsequentemente dirigiu a guerra contra as forças dos Estados Unidos baseadas no sul do Vietnã. Morreu em 3 de setembro de 1969, seis anos antes de as forças do Viet Cong finalmente vencerem. A cidade de Saigon, após ser tomada, foi renomeada de Cidade Ho Chi Minh; o culto à personalidade que fez com que “Tio Ho” virasse objeto de reverência nacional dura até hoje.



BENITO MUSSOLINI ganhou mais e mais poder rapidamente, de modo que em 1935 era de fato o governante absoluto da Itália. Para consolidar sua influência, construiu um estado de polícia formidável (1925-7) e, sonhando com um “Novo Império Romano”, começou a se virar para uma política exterior agressiva, principalmente na Etiópia, onde o poder de fogo superior das forças italianas, e seu uso impiedoso de gases venenosos e outros instrumentos modernos de guerra, asseguraram uma vitória fácil sobre a resistência local. Mussolini formou alianças com outros movimentos de direita na Europa. Forneceu apoio armado a Franco de 1936 a 1939, e em maio daquele ano, assinou um pacto com Hitler. Isso fez com que a entrada da Itália na Segunda Guerra Mundial fosse inevitável, e Mussolini declarou guerra contra a Inglaterra em 10 de julho de 1940. Sua obstinação inicial começou a decair quando viu o desatino militar do ataque de Hitler à URSS, e o triunfo dos exércitos Aliados no Norte da África, quando lutaram para abrir caminho em direção ao Leste a fim de invadir a Itália. Sua posição política se enfraqueceu dramaticamente, chegando ao ponto de ser tirado do governo em 1943. Os alemães o instalaram como chefe simbólico da região que haviam ocupado no Norte da Itália, mas esse acordo frágil logo terminou. Em 18 de abril, Mussolini e sua última amante, Clara Petacci, foram capturados e assassinados a tiros por contrapartidários. No dia seguinte, seus corpos foram levados de carro para Milão e jogados em praça pública. A multidão que se juntou prendeu os restos dos dois em ganchos de açougue, onde foram apedrejados e levaram cuspidas. Ezra Pound

menção essa cena em uma elegia concisa para Mussolini em *Pisan Cantos*.



JOSEPH STALIN, que foi nomeado Secretário Geral do Partido Comunista do Comitê Central da União Soviética em 1922, manteve o título até a morte, trinta anos mais tarde. Sob seu comando, a URSS se tornou um pesadelo real de assassinatos, tanto planejados quanto indiscriminados, de deportações em massa, prisões nos campos “Gulag”, julgamentos espetaculares, tortura, inanição e medo. Ao mesmo tempo, o “culto à personalidade”, promovido deliberadamente, levou inúmeros cidadãos a acreditar que ele era um patriarca benevolente, quase um deus. O número de mortes de seu regime é impossível de ser calculado com precisão por falta de registros adequados, porém está na faixa de vários milhões. Algumas dessas mortes aconteceram mais por conta de tentativas fatalmente incompetentes e malconcebidas de uma reforma do que por conta de sede de sangue, como aconteceu na Grande Fome de 1932-1933, quando 6 a 8 milhões de pessoas morreram famintas. Muitos outros milhões, cuja grande parte era formada pelas minorias étnicas e nacionais da União Soviética, morreram em campanhas de reposicionamento forçado. Provavelmente mais de 14 milhões apodreceram nos Gulags. É bem possível que 20 milhões tenham morrido por inanição e causas relacionadas, e algo entre 20 e 30 milhões no Grande Terror do final da década de 1930 e nos Gulags, somando um total de 50 milhões. E talvez mais ainda. Stalin morreu em 5 de março de 1953. Pesquisas feitas na antiga União Soviética em anos recentes sugere que quase metade da população ainda o considera um líder sábio e corajoso.



LEON TROTSKI, após liderar uma tentativa falida de oposição à forma cada vez mais inescrupulosa e arrogante de governo de Stalin, foi expulso do Partido Comunista e, em fevereiro de 1929, foi deportado. Passou os primeiros anos de exílio na Turquia, na França e em outros países, escrevendo artigos e livros nos quais denunciou a

traição de Stalin perante o leninismo, e formulando suas próprias teorias de revolução permanente — a forma de marxismo que ficou conhecida como trotskismo, e que serviu de inspiração para a extrema esquerda antistalinista durante várias décadas. Ele finalmente se estabeleceu no México, onde viveu por certo tempo na casa do famoso pintor Diego Rivera e sua esposa, a artista Frida Khalo; Trotski e Khalo tiveram um caso. Foi nessa época que Trotski conheceu André Breton. Em 20 de agosto de 1940, um agente do NKVD atacou Trotski com um perfurador de gelo; ele faleceu no dia seguinte.



MAO ZEDONG, de primeiro de outubro de 1949 até sua morte, em 9 de setembro de 1976, foi o líder da República Popular da China. Com frequência, é tido como o criador das bases do status da China como superpoder do século XXI. O custo disso foi maior do que se pode imaginar. Para dar dois exemplos: o Grande Salto Adiante, um plano de duração de cinco anos para a modernização da agricultura chinesa e o desenvolvimento das indústrias pesadas, começou em janeiro de 1958, criando o maior período de fome da história da humanidade. Cerca de 30 milhões de camponeses morreram de inanição. A chamada Revolução Cultural de 1966 gerou um pesadelo de violência, visto que os jovens Guardas Vermelhos torturavam e massacravam todos os que eram considerados inimigos. Destruiu também grande parte da cultura chinesa tradicional. O número de mortes diretamente atribuídas a Mao é impossível de ser calculado, mas pode muito bem passar de 70 milhões.

Os escritores

ANNA AKHMATOVA há muito é reconhecida no Ocidente como a maior poeta russa do século, e talvez a melhor. Ela também mostrou um certo grau de coragem e intransigência raro na história da literatura. Uma de suas obras-primas é *Réquiem* (1935-40), um relato apaixonado e agonizante do terror de Stalin. Apesar de sua obra não ter sido oficialmente banida da URSS, salvo pelo período em que o notório ministro da cultura de Stalin, Andrei Zhdanov, esteve no poder,

um boicote não oficial fez com que ela quase morresse de fome de 1925 a 1936 — os “anos vegetarianos”, como ela os chamou, quando sobreviveu com os ganhos de traduções (geralmente anônimas): Victor Hugo e Leopardi estavam entre os autores que traduziu. Seu filho, Lev, passou várias vezes pela prisão nos mesmos anos, e em 1949 foi sentenciado a dez anos no campo de trabalho forçado na Sibéria. É notável que os únicos poemas que Akhmatova tenha publicado a favor do regime stalinista tenham datado dessa época, certamente em um esforço para mantê-lo vivo. Enquanto isso, sua própria obra desfrutou de uma reputação muito positiva entre os intelectuais que haviam sobrevivido, embora em alguns momentos a única forma de transmissão da mesma tenha sido verbal. Akhmatova escrevia um poema, pedia que um amigo o memorizasse, e depois queimava o papel rapidamente. Dessa forma, sua obra atingiu os confins dos Gulags. Ela também se tornou uma mentora para um grupo emergente de poetas mais jovens, cujo membro mais famoso é Joseph Brodsky (Prêmio Nobel de Literatura em 1987). Após a morte de Stalin, ela desfrutou dos benefícios de um degelo, que permitiu que não apenas fosse publicada oficialmente, mas que também viajasse para o Ocidente. Em 1965, visitou Oxford e recebeu um doutorado honorário. Morreu em 5 de março de 1966; milhares de pessoas foram a seu funeral.



BERTOLT BRECHT desistiu da antiga postura vagamente anarquista de rebelde sem causa e no fim da década de 1920 estava comprometido com o marxismo; estranhamente, nunca se filiou ao Partido Comunista. De maneira previsível, foi exilado — Escandinávia, América — quando os nazistas tomaram o poder, mas voltou para a Alemanha Oriental um pouco depois da guerra e recebeu sua própria companhia, a Berliner Ensemble, que dirigiu com a esposa, Helene Weigel. Apesar de ser, como indicaram seus opositores, aparentemente um participante voluntário do regime stalinista, sua reputação no Ocidente quase não sofreu; e muitos dos que eram hostis às suas visões políticas estavam dispostos a admitir que o trabalho da Berliner Ensemble, que viajou extensivamente pelo Ocidente, era brilhante. Pelos intelectuais da esquerda, pelo menos, Brecht era e é

tido como o melhor dramaturgo do século, por peças como *Vida de Galileu*, *Mãe Coragem e Seus Filhos*, *A Santa Joana dos Matadouros*, entre outras; sua influência no teatro e no cinema radicais (por exemplo, nos últimos trabalhos de Jean-Luc Godard) é inigualável. Morreu de falência cardíaca no dia 14 de agosto de 1956, aos 58 anos; no final da vida, mostrou sinais de um princípio de irritação com a natureza tirana da República Democrática Alemã (RDA). Helene Weigel continuou a gerenciar o Berliner Ensemble até seu falecimento, em 1971.



ANDRÉ BRETON fundou o Surrealismo oficialmente em 1924, com a publicação do Primeiro Manifesto Surrealista, e permaneceu o líder do movimento até sua morte — um líder tirano em alguns momentos, que tinha o hábito de excomungar qualquer um que, a seu ver, desviasse da fé verdadeira. (Daí ser chamado ocasionalmente de “o Papa” do Surrealismo.) Sempre um homem da extrema esquerda, uniu-se ao Partido Comunista Francês em 1927; sempre um rebelde, deixou o partido em 1933. Em 1938, um auxílio do governo permitiu que viajasse ao México — que o impressionou muito como uma terra naturalmente surrealista —, onde conheceu Trotski. Com o início da guerra, juntou-se ao corpo médico do Exército. Quando a França caiu, seus escritos foram chamados de não patrióticos e foram devidamente banidos. Conseguiu escapar para o Caribe e para os Estados Unidos em 1941, e passou a maior parte da guerra sentindo-se infeliz em Nova York. Em 1946, voltou à França e retomou as tramas de seus escritos, bem como a coleção extensa de arte moderna e objetos etnográficos. Suas inúmeras publicações incluem o romance alucinatório de memória *Nadja*, uma antologia bastante influente de humor negro (1940), *Arcano 17* e *Ode à Charles Fourier* (1947). A poesia de Breton é aceita hoje como parte do cânone francês moderno. Faleceu em 28 de setembro de 1966, um pouco cedo demais para ter a visão gratificante de dizeres surrealistas sendo pintados nas ruas de Paris em maio de 1968.



CYRIL CONNOLLY escreveu duas obras-primas de melancolia introspectiva, *Enemies of Promise* [Inimigos da promessa] e *The Unquiet Grave* [O túmulo inquieto] (1944), assim como centenas de críticas e ensaios. Foi um dos poderosos críticos não acadêmicos no Reino Unido, comparável a Edmund Wilson, e sua admiração por Eliot e Joyce (e, de fato, por Pound) foi um dos fatores na ascensão deles ao status canônico. De 1940 a 1949, Connolly editou — com brilhantismo — o celebrado jornal literário *Horizon*, que ajudou a sustentar uma vida cultural inesperadamente vibrante na Grã-Bretanha durante os piores anos da guerra. Morreu em 26 de novembro de 1974.



ALEISTER CROWLEY morreu em 1947, pobre, viciado em heroína e extremamente ignorado, em uma pensão humilde na costa sulista da Inglaterra. Sua fama póstuma cresceu quando ele foi tomado como herói da contracultura na década de 1960 (seu rosto pode ser visto na capa do álbum Sgt. Pepper, dos Beatles). Hoje, deve ser mais conhecido e compreendido do que nunca foi, principalmente em seu papel de brincalhão ou trapaceiro. Inspirou vários escritores, músicos e cineastas, de Somerset Maugham a Donald Cammell, de Kenneth Anger a Genesis P-Orridge.



E. E. CUMMINGS conquistou o público de poesia popular nos Estados Unidos com seu verso imediatamente reconhecível — jocoso em forma, às vezes fácil em relação ao sentimento. Consequentemente, seus livros venderam melhor do que era costume, e ainda vendem bem. Embora seja frequentemente considerado rebelde e boêmio por aqueles que não sabem muito de sua biografia, ficou cada vez mais conservador com o passar dos anos, e se tornou tanto um republicano de direita quanto um apoiador de Joseph McCarthy. Morreu em 3 de setembro de 1962.



JOHN DOS PASSOS é reconhecido por sua trilogia americana:

Paralelo 42 (1930), *1919* (1932) e *O grande capital* (1936). Publicou ainda cerca de vinte livros antes de seu falecimento, em 28 de setembro de 1970, porém poucos, ou nenhum, são lidos.



SERGEI ESENIN terminou seu casamento com Isadora Duncan depois de menos de um ano. Retornou a Moscou e passou os últimos dois anos da vida em um caos de bebida e mulheres, embora de alguma forma tenha conseguido escrever alguns dos seus poemas mais conhecidos nessa época. Ele se enforcou em 27 de dezembro de 1925. Sua obra foi banida tanto por Stalin quanto por Khrushchev, mas hoje ele é um dos poetas soviéticos mais populares.



F. SCOTT FITZGERALD é mais conhecido por seu romance *O grande Gatsby* (1925), que já vendeu milhões de exemplares e foi chamado de “o grande romance americano” — se passa no verão de 1922; inclui várias passagens inspiradas em *A terra devastada*. O próprio Eliot foi um dos primeiros admiradores, e escreveu a Fitzgerald dizendo que o romance “parece, a meu ver, o primeiro passo que a ficção americana deu desde Henry James”. Após a publicação, Scott e ZELDA FITZGERALD passaram um bom tempo vivendo uma vida alegre e descuidada, de forma ostensiva, como expatriados glamorosos na França e em outros lugares; Scott virou um grande amigo de Hemingway, embora Hemingway não gostasse de Zelda e não confiasse nela, que lhe parecia tentar destruir o talento de Fitzgerald incentivando seus hábitos pesados de bebida. É verdade que o álcool em excesso e as preocupações crônicas com dinheiro, causadas por um padrão de vida constantemente acima do que eram capazes de bancar, eram o lado negro dessa época, e Fitzgerald levou nove anos para terminar seu quarto romance, *Suave é a noite*. Enquanto isso, em 1930, Zelda foi diagnosticada esquizofrênica e, de 1932 até seu falecimento, foi jogada de hospício em hospício. Publicou um romance próprio, *Esta valsa é minha*, detestado por Scott por conta das revelações humilhantes sobre a vida dos dois. Ainda sem muito dinheiro, Fitzgerald mudou-se para Hollywood e trabalhou como

escritor freelancer para os estúdio de filmagem; usou suas experiências ali como base para a série de 17 contos sobre “Pat Hobby”, uma versão ligeiramente ficcionalizada de si mesmo. Escreveu também um romance inspirado na carreira de Irving Thalberg, uma obra que deixou inacabada mas que foi publicado depois de sua morte como *O último magnata* (1941). Deu início a um relacionamento amoroso final, continuou bebendo descuidadamente, e morreu de falência cardíaca em 21 de dezembro de 1940. Zelda viveu oito anos a mais do que ele, e morreu em um incêndio em seu último hospital em Asheville, na Carolina do Norte.



E. M. FORSTER publicou *Uma passagem para a Índia* em 1924 e nunca mais escreveu outro romance, embora tenha escrito textos jornalísticos, ensaios, um libreto e um roteiro de documentário. *Maurice*, um romance não publicado sobre temas homossexuais iniciado em cerca de 1931, foi finalmente publicado em 1971, apenas alguns meses após a morte de Forster, em 7 de junho de 1970. Em 1946, foi nomeado professor honorário do King’s College, em Cambridge, e passou grande parte da vida madura ali. A popularidade de seus romances foi impulsionada por adaptações em filmes agradáveis.



DASHIELL HAMMETT escreveu algumas das melhores narrativas detetivescas já publicadas, incluindo *O falcão maltês* (1930) e *O homem magro* (1934). Teve uma saúde debilitada na maior parte da vida, mas insistiu em ser voluntário das forças armadas americanas quando o país entrou na guerra. Serviu junto ao exército nas Ilhas Aleutas. Hammett, sempre um homem de esquerda (juntou-se ao Partido Comunista Americano em 1937), passava um bom tempo em meio a agitações políticas, e sofreu com isso: foi preso por desobediência ao tribunal depois de recorrer à Quinta Emenda durante interrogatório, e foi para a lista negra durante o período McCarthy. Morreu em 10 de janeiro de 1961.



THOMAS HARDY, que se considerava primeiramente um poeta, certamente ficaria contente com a nova valorização dramática da sua poesia na década de 1950 e depois dela, promovida em grande parte pelos membros de um grupo de escritores, conectados entre si de maneira frouxa, conhecido como O Movimento. Em particular por Philip Larkin e Donald Davie, que escreveu uma monografia influente, *Thomas Hardy and British Poetry* [Thomas Hardy e a poesia britânica], afirmando a centralidade de Hardy para a tradição nacional. Morreu em 11 de janeiro de 1946, aos 87 anos.



ERNEST HEMINGWAY se tornou o autor americano mais celebrado e instantaneamente reconhecível de sua geração, tanto por sua persona desdenhosa e ultraviril quanto por sua escrita. Sua produção literária é surpreendentemente tímida — apenas sete romances, dos quais os mais lidos foram *Adeus às armas* (1929), inspirado em experiências na Grande Guerra; *Por quem os sinos dobram* (1940), também inspirado no tempo que passou na Espanha durante a guerra civil (1940); e *O velho e o mar* (1951), baseado em sua paixão por pesca em profundidade. Foi correspondente durante a Segunda Guerra Mundial, por vezes excedendo seu cargo e interagindo nas ações militares, e teve um papel ativo na libertação de sua amada Paris. Permaneceu leal à amizade com Pound, embora achasse a visão política do poeta horrenda, e usou sua distinção ascendente para fazer lobby por sua libertação. O consumo de bebidas alcoólicas em excesso teve consequências em sua saúde física e mental; ele se matou com um tiro em 2 de julho de 1961; seu estilo deliberadamente simples e seus valores antiquados e machistas continuam a dividir os leitores, embora o primeiro tenha tido uma influência imensa sobre uma escola de escrita norte-americana.



HERMANN HESSE também se tornou herói da contracultura nas décadas de 1960 e 1970, quando foi quase essencial para uma

juventude idealista ter lido *Sidarta*, *O lobo da estepe*, *O jogo das contas de vidro* entre outros romances, alguns dos quais venderam milhões de exemplares. Hesse antecipou vários temas centrais aos hippies: jornadas espirituais, a sabedoria Oriental, e — é o que parece — as visões induzidas pelo LSD e outras drogas alucinógenas. Esse culto já desfaleceu há tempos, embora as obras mais importantes de Hesse ainda sejam impressas. Visto que morreu em 9 de agosto de 1962, não presenciou as dimensões extraordinárias que seus novos seguidores tomariam.



A. E. HOUSMAN morreu em 1936, aos 77 anos.



ALDOUS HUXLEY se desenvolveu de jovem satirista perspicaz a romancista visionário e, por fim, a místico. Seus romances principais da década de 1930 incluem o eternamente popular *Admirável mundo novo* (1932) — cuja visão de um mundo futuro parece mais precisa do que a distopia de Orwell — e *Sem olhos em Gaza* (1936). Huxley se mudou para os Estados Unidos em 1937, instalou-se em Los Angeles e fez algum dinheiro escrevendo para Hollywood; seu crédito mais significativo foi na versão de 1940 de *Orgulho e preconceito*, embora também tenha sido coautor da versão de 1944 de *Jane Eyre*. Durante seus primeiros anos nos Estados Unidos, ficou cada vez mais fascinado com o misticismo e juntou-se à Vedanta por algum tempo. Na década de 1950, também ficou interessado em pesquisas psíquicas e drogas que alteram a consciência. (Pode ter sido apresentado ao peiote em 1930 em um jantar em Berlim com Aleister Crowley.) Experiências com a mescalina inspiraram os ensaios longos *As portas da percepção* (1954) e *Céu e Inferno* (1956), obras que mais tarde se tornaram parte das principais listas de leitura dos hippies. Tomou certas quantidades de LSD, ainda legal naquele tempo, e — perante seu próprio pedido escrito — recebeu uma dose no leito de morte. A notícia de sua partida em 22 de novembro de 1963 (outro homem das letras, C. S. Lewis, faleceu na mesma data) não entrou para as primeiras páginas dos jornais por causa dos relatos vindos de Dallas

sobre o assassinato do presidente John F. Kennedy.



FRANZ KAFKA morreu em 3 de junho de 1924. Seu melhor amigo, Max Brod, em um ato famoso, recusou as instruções de Kafka de que todos os seus manuscritos não publicados deviam ser destruídos, e nos anos seguintes organizou a publicação de tudo, em alemão: *Der Prozess* em 1925, *Das Schloss* em 1926 e *Amerika* em 1927. Versões em inglês, feitas pelo casal Willa e Edwin Muir, foram disponibilizadas na década de 1930: *O castelo* (1930), *O processo* (1935) e *América* (1938). No clima ansioso dos anos que precederam a guerra, com o pesadelo da Alemanha nazista e da Rússia stalinista crescendo cada vez mais selvagem e, ao mesmo tempo, mais poderoso, a obra de Kafka parece ter sido quase sobrenaturalmente profética, e teve uma resposta afável por parte dos intelectuais. Depois da guerra, a natureza inegavelmente forte, porém enigmática, da ficção de Kafka se prestou a inúmeras formas de leituras alternativas — como alegorias religiosas, como presságios da “alienação” da vida na Europa Oriental (ou do Ocidente “existencial, com medo de uma guerra atômica”), como poemas do mito freudiano etc. O volume pequeno do *corpus* de romances de Kafka foi rapidamente incrementado pela republicação de seus contos e pela descoberta de cartas, diários e outros escritos pessoais. Escreveu-se sobre ele em inúmeros livros, e o autor foi retratado em obras sérias de arte e em versões jocosas da cultura popular.



D. H. LAWRENCE permaneceu nos Estados Unidos, indo e vindo, por mais três anos, mas em 1925 voltou para o norte da Itália, onde retomou a amizade com Aldous Huxley e outros. Continuou a escrever, embora também tenha continuado a fazer pinturas a óleo; uma exposição da sua obra em 1929 foi invadida pela polícia sob a acusação previsível de obscenidade. Ele morreu, devido a complicações de tuberculose, em 2 de março de 1930. O principal romance de seus últimos anos, *O amante de Lady Chatterley*, só foi publicado em formato completo em 1960, quando a Penguin Books

decidiu desafiar as leis da obscenidade britânica publicando uma edição em brochura. O famoso “julgamento Chatterley”, visto hoje como um grande evento na história cultural britânica, terminou com um “inocente” em 20 de novembro de 1960. A posição de Lawrence na literatura inglesa não era muito alta na época de sua morte, e a maioria dos obituários foi hostil, salvo pelo de E. M. Forster, que generosamente o declarou “o maior romancista imaginativo da nossa geração”. O grande incentivador da reputação póstuma de Lawrence foi, novamente, o crítico de Cambridge F. R. Leavis, que em *D. H. Lawrence, Novelist* [D. H. Lawrence, romancista] (1955) e em outros escritos proclamou sua centralidade para a “Grande Tradição” do romance inglês.



T. E. LAWRENCE foi forçado a deixar seu posto da FAR em fevereiro de 1923, apenas algumas semanas após a exposição feita pela mídia. Adotando outro pseudônimo, T. E. Shaw, ele se juntou à Divisão de Tanques no final daquele ano, mas não achou o Exército tão coerente com seu gosto quanto a FAR. Depois de muita negociação e conversa com pessoas influentes, voltou à FAR em agosto de 1925, e permaneceu ali até ser obrigado a se aposentar em março de 1935; em geral, dizia estar muito feliz com seu papel humilde. O serviço de Lawrence à FAR não teve o grande drama de sua carreira árabe, mas não passou despercebido. Foi enviado à Índia de 1926 a 1928 — onde passou parte do tempo livre fazendo uma tradução comissionada da *Odisseia* de Homero —, mas teve de ser reconvocado quando rumores tanto ali quanto em casa sugeriram que ele estava trabalhando em uma missão secreta. Faleceu em 19 de maio de 1936 devido a ferimentos de um acidente de moto; ficou famoso na FAR por causa do amor por motociclismo rápido e perigoso. Semanas depois, a primeira edição de *Os sete pilares da sabedoria* foi publicada e virou um best-seller instantâneo. O outro grande livro de Lawrence, *The Mint*, foi publicado em uma versão altamente censurada em 1955: é um relato conciso e por vezes brutal das experiências na FAR. A fama de Lawrence, que já era grande enquanto vivo, cresceu muito com o passar das décadas; centenas de livros sobre ele foram publicados, e ele foi retratado em documentários e dramas. O exemplo mais incrível

deste último é o filme *Lawrence da Arábia*, de 1962, dirigido por David Lean, com roteiro de Robert Bolt; embora tivesse lidado com o registo factual de maneira ligeira e frouxa, forneceu um retrato delicado e altamente persuasivo do carácter complexo e paradoxal de Lawrence.



SINCLAIR LEWIS desfrutou de outros sucessos literários com seus romances *Arrowsmith* [O forjador de flechas] (1925), *Elmer Gantry* (1927) e *Dodsworth* (1929). Cada um desses foi adaptado para o cinema. Ele publicou vários outros livros, poucos lidos hoje em dia, até sua morte por conta de doenças causadas pelo alcoolismo, em 1951.



FEDERICO GARCÍA LORCA brigou com seus ex-amigos Dalí e Buñuel por causa do filme deles, *Um cão andaluz*, que resolveu interpretar como um ataque pessoal. Foi assassinado por um esquadrão anticomunista em 19 de agosto de 1936. As obras de Lorca foram banidas durante o regime de Franco até 1953, quando uma reabilitação parcial teve início. Desde então, sua reputação cresceu e ele é geralmente citado como o maior poeta moderno da Espanha — e, devido à força de peças aclamadas internacionalmente, como *Bodas de sangue* (1932) e *A casa de Bernarda Alba* (escrita em 1936, mas encenada apenas em 1945), também o seu maior dramaturgo.



OSIP MANDELSTAM morreu — ou foi assassinado? — em um campo de transição em 27 de dezembro de 1938, oficialmente por causa de uma “doença” não especificada. As sementes desse final terrível foram plantadas cinco anos antes, quando Mandelstam foi corajoso, ou bobo, o suficiente para publicar o chamado “Epigrama de Stalin”, uma resposta aterrorizada à Grande Fome do começo da década de 1930; o documento foi descrito como um bilhete de suicídio em 16 linhas. Mandelstam foi enviado ao exílio com sua esposa,

Nadezhda — que mais tarde escreveu duas memórias intensamente comoventes sobre sua vida com o poeta —, depois foi solto e preso novamente. No Ocidente, ele e sua amante de algum tempo, Anna Akhmatova, são altamente reconhecidos como poetas mais do que apenas mágicos da língua russa: são heróis dos momentos mais obscuros da história do país.



THOMAS MANN morreu em 12 de agosto de 1955; morou nos Estados Unidos de 1939 a 1952 e passou os três últimos anos da vida na Suíça. Seus trabalhos principais incluem *A montanha mágica* (1924), a tetralogia *José e seus irmãos* (1933- -43) e *Doutor Fausto* (1947).



VLADIMIR MAIAKOVSKI continuou sendo um bolchevique leal por vários anos depois de 1922; graças ao seu talento e à sua confiabilidade ideológica, teve liberdade quase sem precedentes para viajar no Ocidente. Mas começou a ter suas dúvidas sobre a direção que a URSS estava tomando, e deu expressão a essas dúvidas em peças satíricas sobre a burocracia russa e tópicos relacionados, de forma notável em *O percevejo* (1929). Os livros de referência dizem que ele se matou em 14 de abril de 1930; talvez seja isso mesmo, embora documentos tenham aparecido mostrando que há a possibilidade de que o suicídio tenha sido gerenciado pelo NKVD. Assim que faleceu, a imprensa soviética se sentiu na liberdade de atacá-lo por formalismo — um coro de desaprovação que rapidamente mudou de tom quando Stalin declarou que Maiakovski havia sido o mais talentoso de todos os primeiros poetas do regime, e que não apreciá-lo era o mesmo que cometer um crime. Com essa aprovação oficial, a fama de Maiakovski na União Soviética ficou garantida; apesar disso, vários capitalistas e membros da burguesia também reconheceram seu talento poético.



CLAUDE MCKAY publicou sua coleção de poemas, *Harlem Shadows* [Sombras do Harlem], em 1922, e ela logo foi aplaudida como um dos maiores marcos do Renascimento do Harlem em seus primórdios. Ele escreveu vários outros livros, dos quais o mais conhecido é *Home to Harlem* [Lar ao Harlem] (1928), que virou um best-seller e lhe rendeu um prêmio Harmon-Gold por suas contribuições à literatura afro-americana. Sempre na esquerda, embora jamais um membro do Partido Comunista, McKay se converteu ao Catolicismo em 1944, quatro anos antes de sua morte. Sua política radical — muito mais radical do que a política dos líderes intelectuais do Renascimento — fez dele um modelo para jovens escritores negros, incluindo Richard Wright e James Baldwin.



VLADIMIR NABOKOV se tornou famoso mundialmente graças ao escândalo criado pelo romance *Lolita* (1955), cujo narrador é um homem de meia-idade obcecado por meninas na pré-puberdade. O escândalo também o tornou rico o suficiente para ser financeiramente independente pela primeira vez na vida. Depois de se estabelecer em Berlim em 1922, permaneceu na cidade — pela qual não tinha tanto apreço — até 1937, dando aulas, escrevendo e construindo uma reputação local. Em 1925, casou-se com Vera; tiveram um filho. Em 1940, uniu-se ao fluxo de imigrantes para os Estados Unidos, onde a Wellesley College o contratou, provendo um salário razoável como professor de literatura comparada. O cargo permitia que tivesse tempo o suficiente para escrever romances em inglês, bem como para seguir sua outra grande paixão intelectual, a lepidopterologia. Mais tarde, assumiu um cargo similar em Cornell. Nabokov costumava dizer aos alunos que as maiores obras de ficção do século XX eram *Ulisses*, de Joyce, *Em busca do tempo perdido*, de Proust, *A Metamorfose*, de Kafka, e *Petersburg*, de Bely. Depois do caso *Lolita*, Nabokov ganhou dinheiro suficiente para morar na Suíça, e mudou-se para Montreux em 1960. Morreu em 2 de julho de 1977. A opinião crítica sobre suas realizações é dividida entre uma parte majoritária que acha que é um dos melhores escritores de prosa na língua inglesa, e um grupo bem menor que é cético. *Lolita* continua sendo seu romance mais famoso, embora os entendidos tendam a preferir *Fogo pálido* (1962).



EUGENE O'NEILL escreveu cerca de dez peças entre 1922 e sua morte, em 27 de novembro de 1952. Na última década de vida, a habilidade de escrever foi severamente afetada por causa de várias doenças, incluindo um tremor nas mãos, parecido com Parkinson, que o forçou a ditar seu trabalho. Mesmo assim, sua obra-prima autobiográfica, *Longa jornada noite adentro* (escrita em 1941, encenada pela primeira vez em 1956), foi um dos frutos desses anos de invalidez. Ele continua sendo no consenso geral o mais importante dramaturgo americano.



GEORGE ORWELL/ERIC BLAIR serviu em Burma até 1927, quando voltou para casa de licença, reavaliou a vida e determinou que iria se reinventar como escritor. Entre o público leitor em geral, é mais lembrado por *A revolução dos bichos* e *1984*, publicados um pouco antes da sua morte prematura, em 21 de janeiro de 1950; os leitores mais estudiosos tendem a admirá-lo como crítico e ensaísta, e como o mestre de um estilo de prosa claro, vigoroso e memorável que é capaz de obter uma beleza inesperada. Foi chamado de o ensaísta inglês mais rebuscado desde Hazlitt. Ultimamente, seu nome vem sendo mencionado com gosto pelos neoconservadores; Orwell, apesar de crítico feroz do comunismo e de suas inúmeras heresias, permaneceu socialista-democrata até o fim, e teria se enojado com a audácia deles. Escreveu certa vez que os três escritores modernos que mais o interessavam eram Eliot, Joyce e Lawrence — embora tenha respondido de forma tépida aos últimos poemas de Eliot.



DOROTHY PARKER viveu mais 45 anos depois da tentativa de suicídio, até 1967. Em 1925, foi escolhida para compor a banca de editores que foi formada para o lançamento de *The New Yorker*, e contribuiu com poemas, artigos e críticas às suas páginas no decorrer da década de 1920 e depois. Altamente bem-sucedida como jornalista e escritora de versos peculiares, desenvolveu uma carreira secundária

igualmente lucrativa como escritora para palcos e telas. Ficou cada vez mais radical em seus pontos de vista, e pagou o preço por eles durante o período McCarthy. Uma de suas maiores paixões políticas foi a ascensão dos movimentos pelos direitos civis, e deixou toda a sua fortuna para a fundação Martin Luther King. Como epitáfio, ela propôs: “Desculpe minha poeira.”



LUIGI PIRANDELLO escreveu inúmeros romances, peças e outras obras literárias, mas fora da Itália sua reputação se mantém principalmente graças a duas peças, *Seis personagens em busca de autor*, de 1921 — que provocou uma rebelião na noite de estreia —, e *Henrique IV*, de 1922. Os que não são italianos também tendem a desconhecer o aspecto não palatável da conduta de Pirandello nos anos de Mussolini: *Il Duce* fez dele o controlador do Teatro d’Arte di Roma, e ele desfrutou de todas as formas de privilégio durante o reino de Mussolini. É verdade que despedaçou seu cartão do partido fascista durante uma discussão em 1927, e que passou muito tempo sob as suspeitas da polícia secreta. Por outro lado, deve-se considerar sua declaração, aparentemente sincera, de lealdade fascista e o fato curioso de que ofereceu a medalha do Prêmio Nobel de 1934 para que fosse derretida como parte do esforço de guerra na Abissínia. Morreu no dia 10 de dezembro de 1936.



RAYMOND RADIGUET publicou seu primeiro romance, *Com o diabo no corpo*, em 1923. Morreu em dezembro desse mesmo ano, no dia 12, de febre tifoide. Tinha 20 anos. Seu segundo romance, *O baile do conde d’Orgel*, foi publicado em 1924.



GEORGE BERNARD SHAW escreveu apenas mais uma peça notável entre 1922 e sua morte, em 2 de novembro de 1950: *Santa Joana*, um sucesso internacional inspirado na canonização da heroína francesa em 1920. Embora ainda pareça uma figura sábia e charmosa na

imaginação pública, Shaw costumava ter pontos de vista no mínimo duvidosos, senão perversos. Na década de 1930, tornou-se um apoiador ferrenho do regime de Stalin (é claro que estava longe de ser o único intelectual ocidental a estar tão enganado); no outro extremo, apoiou a carta de condolência de Valera para a nação alemã na ocasião da morte de Hitler. Ainda é a única pessoa que ganhou um Prêmio Nobel de Literatura (1925) e um Oscar (pela versão cinematográfica de *Pigmaleão*, 1938).



EDITH SITWELL publicou vários livros, entre eles o best-seller *English Eccentrics* [Ingleses excêntricos] (1933); ela mesma ficou muito famosa como um exemplo esplêndido dessa espécie, e sua aparência extravagante era familiar para milhares de pessoas que nunca leram seus versos. Morreu em 9 de setembro de 1964. *Façade* ainda é encenada com frequência, e aplaudida.



GERTRUDE STEIN publicou seu primeiro e único best-seller em 1933, com a edição em brochura de *A autobiografia de Alice B. Toklas*. Com a pretensão de ser uma memória de Stein sob o ponto de vista de sua amante, na verdade era uma autobiografia escrita em estilo bastante simples e palatável. Seus admiradores ficam surpresos por ela ter sido bastante conservadora em termos de política; declarou-se republicana algumas vezes, escreveu sobre Franco com admiração, e durante a guerra conseguiu até elogiar o marechal Pétain (talvez por questões estratégicas; enquanto judia na França ocupada, precisava de apoio). Morreu aos 72 anos em 1946; Carl Van Vechten foi seu executor literário.



EVELYN WAUGH começa seu romance mais conhecido (e, como diriam seus admiradores mais meticolosos, mais mal-escrito), *Brideshead Revisited* [Retorno a Brideshead], com os primórdios do idílio de Oxford inspirados em suas experiências de calouro em 1922.

O romance lhe trouxe fama duas vezes, primeiro na publicação em 1945 — foi um best-seller — e depois em 1982, quando foi adaptado para uma série suntuosa da Granada Television. Waugh se converteu ao Catolicismo em 1930, mas *Brideshead* é seu primeiro romance com um tema conspicuosamente católico. Seus últimos anos foram difíceis e atormentados em alguns momentos — ele detestava a cultura cada vez mais igualitária da Grã-Bretanha do bem-estar social. Morreu aos 62 anos em 2 de abril de 1966. O título do romance *Um punhado de pó* foi extraído de *A terra devastada*.



H. G. WELLS viveu até 13 de agosto de 1936, escrevendo constantemente na média de um ou dois livros por ano. Com a possível exceção do romance de 1933, *The Shape of Things to Come* [O formato das coisas por vir] — a base do memorável filme britânico *Daqui a cem anos* (1936), dirigido por William Cameron Menzies, com roteiro de Wells —, nenhum de seus últimos livros são lidos em larga escala hoje. Seus romances de ficção científica, no entanto, continuaram sendo impressos ininterruptamente, ainda encantam os leitores e ainda são adaptados para o cinema. Wells sugeriu certa vez que seu epitáfio devia ser: “Eu avisei, seus bobalhões.”



EDITH WHARTON lançou sua autobiografia, *A Backward Glance* [Uma olhadela para trás], em 1934. Embora tenha publicado cerca de dez outras obras de ficção e não ficção, essa foi a única obra notável depois de *Glimpses of the Moon*, talvez com exceção de *Os bucaneiros*. Graças em parte ao florescer da crítica literária feminista na década de 1970 — mas também por serem obras de mérito extraordinário —, a reputação dos seus primeiros romances vem crescendo com o passar dos anos. Sua obra já foi adaptada para as telas, sendo que a versão cinematográfica mais famosa é *A época da inocência* (1993), dirigida por Martin Scorsese.



EDMUND WILSON correspondeu bastante à promessa inicial de um jovem crítico brilhante, e se tornou o principal literato americano. Escreveu em vários gêneros, incluindo romance, mas era respeitado principalmente como crítico e historiador de ideias. Seu *O castelo de Axel* (1931), que discute literatura modernista em termos do seu desenvolvimento desde o Simbolismo do fim do século XIX, foi um dos trabalhos críticos que cimentaram Joyce e Eliot como clássicos modernos. Seu livro de 1940, *Rumo à estação Finlândia*, um estudo sobre as teorias e a prática da revolução desde Vico (o herói de Joyce) até Lenin, já foi apontado como sua obra-prima. Mulherengo tenaz e bebedor excessivo, Wilson conseguiu de alguma maneira encontrar tempo para escrever centenas de ensaios críticos, para aprender novas línguas e para adotar todas as formas de causas políticas, desde protestar contra o sistema de impostos dos Estados Unidos durante a Guerra Fria até fazer campanha pelos direitos civis dos nativos. Além de fomentar Eliot e Joyce, também promoveu as obras de Hemingway, Dos Passos, Faulkner, Nabokov e do velho amigo da Princeton, F. Scott Fitzgerald. Dez anos após sua morte (em 12 de junho de 1972), a série de livros da editora Library of America foi lançada; esse projeto, pelo qual Wilson argumentou incessantemente, visa publicar as obras centrais da literatura norte-americana em edições definitivas e belas, porém a preços razoavelmente acessíveis.



VIRGINIA WOOLF, outra beneficiada pela ascensão da crítica feminista, é tida hoje como a figura principal do modernismo literário, particularmente por romances como *Mrs. Dalloway* (1925) e *Ao farol* (1928). Também é vista como uma importante polemista e teórica do feminismo, de mérito próprio: o ensaio *Um quarto todo seu* (1929) e o menos conhecido, porém mais poderoso, *Three Guineas* [Três guinéus] (1938) são as obras principais. Nos primeiros anos da guerra, Woolf sucumbiu a um estado familiar de depressão, e temeu a possibilidade da loucura. Ela se afogou em um rio em 28 de março de 1941. Seu amigo Eliot foi um dos que escreveram um obituário.



W. B. YEATS usou o dinheiro do Nobel de 1923 para pagar todas as suas dívidas, e também as do seu falecido pai. Continuou como membro do Senado irlandês até 1928, quando renunciou por problemas de saúde. O fruto mais duradouro de sua vida como senador foi uma linda produção de moedas irlandesas: ele foi nomeado para o comitê de cunhagem de moedas em 1924, e embora não tivesse ficado totalmente satisfeito com o resultado, suas sugestões moldaram as moedas do país até que a Irlanda adotasse o euro. Ao contrário de vários poetas líricos, Yeats desfrutou de um florescimento do seu talento nos anos finais de vida. (Costumava atribuir esse fluxo de criatividade, e uma vida erótica vigorosa, à vasectomia que fez em 1934.) Muitos dos seus últimos poemas são expressões do modelo sobrenatural do cosmo que ele delineou em *Uma visão* (publicado pela primeira vez em 1925, e revisado para edições posteriores). Alguns expressam também uma visão política profundamente antidemocrática que vai à beira do fascismo, ou até o endossa completamente; sob influência de Pound, Yeats foi um dos vários modernistas principais que admiravam Mussolini. Alguns admiradores de Yeats consideram os poemas selecionados em *The Tower* [A torre] (1926), *The Winding Stairs* [As escadas tortuosas] (1929) e *New Poems* [Novos poemas] (1938) suas maiores realizações. Morreu em 28 de julho de 1939.

Os artistas, arquitetos, músicos e intérpretes

LOUIS ARMSTRONG deu grande satisfação a milhões de pessoas como trompetista, cantor e humorista versátil, prolífico e dedicado. Sua pré-iminência como o maior artista de jazz do mundo é rivalizada apenas — se é que se pode dizer que é rivalizada — por Duke Ellington, embora Ellington, refinado onde Armstrong era obviamente vulgar, nunca chegou a alcançar o quê popular de “Satchmo”. Armstrong faleceu rico, realizado e extremamente amado no dia 6 de julho de 1971. Em 1968, foi o 1º lugar nas rádios do Reino Unido com “What a Wonderful World” — uma balada sentimental redimida, como aconteceu tantas vezes, pelo encanto rouco de sua voz incomparável.



BÉLA BARTÓK é tido hoje (talvez com exceção de Liszt) como o maior compositor húngaro. Dentre os pontos altos de sua carreira estão “Música para Cordas, Percussão e Celesta”, de 1936, e seus quartetos de cordas magníficos. Antifascista, Bartók recusou convites de tocar na Alemanha depois de os nazistas tomarem o poder, e quando a guerra começou, foi para os Estados Unidos. Seus anos ali não foram fáceis — embora não tenham sido tão terríveis quanto alguns relatos disseram — visto que ele não era tão conhecido como compositor, apenas como pianista e etnomusicólogo. Uma bolsa de pesquisa da Universidade Columbia para que trabalhasse com músicas folclóricas da Sérvia e da Croácia o salvou da pobreza extrema. Finalmente conquistou a América com seu *Concerto para Orquestra*, que estreou em dezembro de 1944 e foi um sucesso imediato; contudo, ele morreu de leucemia no ano seguinte, em 26 de setembro.



“COCO” CHANEL morreu em 10 de janeiro de 1971. Sua reputação pessoal foi ferida por casos amorosos com oficiais alemães de cargos elevados durante a ocupação nazista da França. Mudou-se para a Suíça por quase uma década depois do fim da guerra, e fez um retorno triunfante a Paris e à carreira em 1954. Tem sido a inspiração para inúmeros filmes e dramas, incluindo um sobre seu breve caso com Stravinsky; os especialistas no campo tendem a tê-la como a estilista mais influente daquela era.



JEAN COCTEAU agradou e surpreendeu novas gerações até sua morte, aos 74 anos, em 11 de outubro de 1963. Cocteau sustentou a ideia de que, independente do meio em que estivesse trabalhando, era primeira e principalmente um poeta; se for o caso, então talvez seja o poeta espetacular do cinema, visto que pelo menos dois filmes que dirigiu no final da meia-idade, *A Bela e a Fera* (1946) e *Orfeu* (1949), são considerados clássicos. Os jovens críticos e cineastas ardentes da *nouvelle vague* o admiravam profundamente como um dos poucos visionários (Renoir, Vigo, Gance) que redimiram o cinema francês. Dizem que o infarto fulminante que o matou foi em decorrência da

notícia de que sua grande amiga Edith Piaf havia morrido naquela manhã.



SALVADOR DALÍ conseguiu a incrível façanha de fazer com que suas pinturas e outras obras de arte fossem tão palatáveis para investidores ricos, principalmente nos Estados Unidos, que ele mesmo acabou ficando imensamente rico. Em 1939, Breton lhe deu o apelido debochado e anagramático de “Avida Dollars”, e o expulsou do movimento surrealista — um fato altamente desconhecido do público em geral, para o qual a obra de Dalí é a essência do Surrealismo. Um dos grandes eventos de sua vida foi o casamento com Gala (ex-esposa de Paul Eluard) em 1934; Gala foi sua musa, e sua imagem aparece em várias pinturas. Passou o tempo da guerra confortável nos Estados Unidos — fato visto com desdém por Orwell em uma crítica mordaz à autobiografia de Dalí em 1944. Orwell o chamou de “um ser humano desprezível”. Em 1949, ele voltou à Catalunha, onde teve boas relações com o regime de Franco e acabou sendo elevado à nobreza espanhola. Morreu, depois de anos finais um tanto patéticos, em 23 de janeiro de 1989. A vulgaridade e o oportunismo dos seus trabalhos finais não devem permitir o descrédito das várias virtudes que mostrou na juventude. É altamente honrado em sua região nativa, onde locais relacionados a Dalí, incluindo um grande museu, são populares entre os turistas.



MANUEL DE FALLA, reconhecido hoje como o compositor mais importante do século XX, fugiu de seu país quando Franco subiu ao poder, estabelecendo-se na Argentina. Recusou com teimosia todas as tentativas de convencê-lo a voltar para a Espanha, e morreu no novo país em 14 de novembro de 1946.



SERGE DIAGHILEV faleceu em Veneza em 19 de agosto de 1929. Seus restos mortais estão enterrados no cemitério de San Michele,

assim como os do colaborador Igor Stravinsky e os de Ezra Pound.



MARCEL DUCHAMP finalizou a obra monumental *O grande vidro* (também conhecida como *A noiva despida pelos seus celibatários, mesmo*) em 1923. Tinha laços estreitos com os surrealistas, embora nunca tenha se juntado a eles formalmente. (Todavia, juntou-se ao Collège de Pataphysique, e foi um dos cofundadores de sua subcomissão, o Oulipo.) Até onde a maioria das pessoas tinha conhecimento, ele abandonou a arte inteiramente depois de 1923 e dedicou a vida a jogar xadrez. Na verdade, continuou trabalhando secretamente entre 1946 e 1966 em uma última grande obra, *Étant Donnés*. Morreu em 2 de outubro de 1966: tanto admiradores quanto críticos concordariam que mudou a arte moderna radicalmente com a alegação de que qualquer coisa podia ser transformada em uma criação artística por mero decreto. Se isso foi uma grande libertação ou uma catástrofe é uma questão de convicção.



ISADORA DUNCAN declinou no alcoolismo e morreu em um acidente terrível de carro em Nice no dia 14 de setembro de 1927, quando seu longo cachecol ficou preso em uma das rodas. Sua reputação como uma das criadoras indispensáveis da dança moderna permanece intacta.



GEORGE GERSHWIN talvez tenha sido o compositor mais bem-pago da história da música clássica ocidental. Sua obra mais ambiciosa e complexa foi a “ópera folk” *Porgy e Bess* (1935), que já foi chamada de a maior ópera americana. A composição executada com mais frequência é *Rhapsody in Blue* (1924), influenciada pelo jazz e apresentada pela primeira vez pela orquestra de Paul Whiteman. Faleceu no dia 11 de julho de 1937.



GEORGE HERRIMAN morreu em 26 de abril de 1944. Suas tirinhas de Krazy Kat são frequentemente republicadas e encantaram inúmeras gerações.



PAUL HINDEMITH foi suspeito de conduta simpatizante do nazismo e de ser receptor de verbas do regime durante alguns anos. A realidade é bem menos óbvia: hoje, acredita-se que seus atos de apoio ao nazismo tinham o objetivo de salvar a própria pele, e ele foi tanto condenado quanto financiado pelos nazistas — Goebbels, por exemplo, olhava para ele com desprezo e achava que era um “produtor atonal de barulho”. Hindemith passou boa parte da década de 1930 em missões na Turquia a convite de Atatürk; ajudou tanto a reformar quanto a estabelecer métodos de educação musical naquele país, e a montar empresas musicais. Em 1938, ele e a esposa judia fugiram para a Suíça, e depois, em 1940, para os Estados Unidos, onde deu aulas na Yale. Hindemith voltou para Zurique em 1953, onde ficou até morrer, em 1963.



WASSILY KANDINSKY continuou a lecionar na Bauhaus até que fosse finalmente fechada pelos nazistas em 1933. Escapou para Paris e virou cidadão francês em 1939. Seus anos em Paris não foram fáceis, visto que a pintura abstrata ainda não estava na moda, e ele foi obrigado a viver e trabalhar com modéstia em um pequeno apartamento que também era seu estúdio. Os críticos tendem a ser generosos com a última fase da sua carreira, que pode ser vista como uma síntese das várias abordagens que teve ao longo dos anos. Morreu em 13 de novembro de 1944.



PAUL KLEE também continuou a dar aula na Bauhaus, até abril de 1931, e depois aceitou um novo cargo de professor em Dusseldorf. Sua reputação internacional cresceu consideravelmente nesses anos, e ele foi, entre outras coisas, um grande favorito dos surrealistas, que viram

seu trabalho pela primeira vez em 1925. Com a ascensão de Hitler, sofreu ataques da imprensa nazista e sua casa foi invadida pela Gestapo. Em 1933, fugiu para a Suíça; no mesmo ano, sofreu os primeiros sintomas de uma doença degenerativa, a esclerodermia, que acabou com sua vida em 29 de janeiro de 1940. Sua obra — que somava cerca de 9 mil quadros e desenhos — ainda é exibida com frequência e continua sendo largamente admirada.



LE CORBUSIER vem sendo objeto de mais menosprezo e mais adulação do que qualquer outro arquiteto. Para seus inimigos — dos quais um dos mais articulados é a historiadora urbana americana Jane Jacobs —, ele é o vilão que inspirou milhares de projetos habitacionais feios, empobrecedores e socialmente catastróficos. Para seus admiradores, é o visionário que melhor compreendeu o que a natureza da arquitetura moderna pode e deve ser. Pode-se argumentar que foi mais significativo como teórico do que como praticante, embora tivesse várias oportunidades de fazer com que suas visões se tornassem realidade. Entre seus projetos principais estão a Villa Savoye (1924-31); o projeto de habitação de grande escala “Unité d’Habitation” em Marselha (1946-52); e grande parte do coração de Chandigarh, na Índia, que exemplifica as teorias de “cidade radiante”. Muitos se surpreendem — especialmente os que acham que seu trabalho é uma arquitetura bolchevique — por ele ter defendido visões tão direitistas, e por ter ficado ainda mais de direita com a idade. Morreu enquanto nadava, em 27 de agosto de 1965, e sua morte gerou um coro de elogios ao redor do mundo, desde o presidente Lyndon B. Johnson até o Kremlin.



WYNDHAM LEWIS foi excepcionalmente prolífico, tanto como artista quanto como escritor (de romances, crítica, filosofia e poesia). Dizia, não sem razão, que foi empurrado para as margens da vida cultural britânica por causa das suas visões de direita (que, por certo tempo, beiraram o fascismo; escreveu um estudo positivo sobre Hitler no começo da década de 1930, embora logo mudasse de ideia),

inaceitáveis em um tempo em que a maioria dos intelectuais literários estava se movendo rapidamente para a esquerda. Lewis passou os anos de guerra nos Estados Unidos e no Canadá, e voltou para a Inglaterra para retomar o que foi possível das carreiras na literatura e nas artes — ambas limitadas pela ameaça da cegueira. Morreu em 7 de março de 1957. Sua reputação como escritor foi durante muito tempo obscurecida por Eliot, Pound e Joyce — criticados duramente por ele em *Time and Western Man* [Tempo e homem ocidental] —, e a maioria dos seus vários livros ou deixaram de ser impressos, ou foram publicados em pequenas tiragens por editoras independentes. Contudo, nas duas últimas décadas, sua obra como artista passou a ser bastante discutida, frequentemente exibida e em geral elogiada; o consenso atual o aponta como um dos grandes pintores ingleses, principalmente no campo dos retratos. Os retratos que fez de Eliot (1938, 1949) e Pound (1939) estão entre suas obras mais famosas.



MAN RAY ficou em Montparnasse por mais vinte anos, formando amizades com os surrealistas e fazendo exposições com eles, experimentando com filmes vanguardistas e acima de tudo sobressaindo na fotografia. Um dos seus assuntos favoritos era Joyce. Em 1939, começou um caso turbulento com a modelo e assistente Lee Miller, que virou uma fotógrafa importante por mérito próprio. Man Ray voltou para os Estados Unidos durante a guerra, vivendo principalmente em Los Angeles; em 1946, participou de um casamento duplo: ele e a esposa Juliet, Max Ernst e Dorothea Tanning. Mas estava com saudades de Paris e se mudou para lá de vez em 1951. Morreu em 18 de novembro de 1976.



HENRI MATISSE, que faleceu no dia 3 de novembro de 1954 aos 84 anos, geralmente é colocado no mesmo patamar de Pablo Picasso como um dos dois gigantes da pintura e das artes relacionadas no século XX. Graças ao brilhantismo de suas cores e do espírito de afirmação da vida presente em sua obra, seja sensual ou serena, Matisse continua sendo o mais popular desse par; reproduções de,

digamos, *Jazz* (1947) e de outras obras estão em paredes que jamais receberiam, por exemplo, *As senhoritas de Avignon*. Em 1941, Matisse passou por uma cirurgia de colostomia; embora tenha sido obrigado com certa frequência a usar uma cadeira de rodas, continuou a criar com vigor e invenção intocados, e sobressaiu em um meio que ele mais ou menos inventou — o arranjo de figuras recortadas. Uma de suas obras mais celebradas nessa forma, *O caracol*, foi finalizada um pouco antes de sua morte.



PABLO PICASSO é, na imaginação popular, o artista moderno definitivo; no lado negativo e no positivo também. Mais de um século depois de *As senhoritas de Avignon*, uma grande quantidade de pessoas ainda não se entenderam com nenhuma das obras de Picasso, salvo talvez pelas produções pré-cubistas. Conservadores e liberais sentem o mesmo espanto diante das políticas dele em anos finais: após muito tempo dando a impressão de que era apolítico, ele se juntou ao Partido Comunista Francês em 1944 e permaneceu um membro até a morte, bem depois de vários outros comunistas terem se retirado, enojados com o abafamento selvagem do levante húngaro em 1956, da invasão da Tchecoslováquia em 1968, e assim por diante. Em 1950, aceitou o Prêmio Lenin da Paz. Tanto tradicionalistas quanto feministas ficavam chocados com suas aventuras eróticas: casou-se apenas duas vezes, mas teve inúmeros casos de longo prazo (com Marie-Thérèse desde 1927; Dora Maar nas décadas de 1930 e 1940; Françoise Gilot de 1944 a 1953) e vários flertes, geralmente com mulheres que eram muitas décadas mais jovens que ele. Entretanto, nenhum desses ataques comprometeu seriamente sua posição histórica. Picasso efetivou o que agora pode ser visto como a revolução mais significativa e abrangente na linguagem pictorial desde o desenvolvimento da perspectiva. Reinventou-se inúmeras vezes com uma energia e uma criatividade que beira o sensacional. Seu tratamento da sexualidade tanto masculina quanto feminina é selvagem e investigativa a um só tempo, e retém o poder de desconcertar; *Guernica* compara-se a Goya em lamento e terror; no entanto, ele também é capaz de ser leve, espirituoso, brincalhão, charmoso. Seu talento e seu lugar na cultura moderna são simplesmente únicos.



ERIK SATIE, cuja celebridade durante a vida nunca alcançou muito além dos círculos artísticos de Paris, tornou-se internacionalmente famoso em um grau que certamente o teria surpreendido; uma de suas obras, *Trois Gymnopédies*, foi executada e gravada tantas vezes que virou um clichê musical. Essa celebridade se deve em parte por ter sido divulgado pelos componentes mais sensíveis do rock, como Frank Zappa, e em parte porque a ascensão de formas musicais como a “música ambiente” fez com que a obra de Satie fosse muito mais agradável aos ouvidos de bom gosto. Depois de sua morte, em 1º de julho de 1925 devido a uma cirrose hepática, seus amigos fizeram uma busca em seu pequeno apartamento no subúrbio parisiense, em Arcueil; dentre pertences pífios, encontraram um baú cheio de partituras não publicadas e nunca executadas.



ARNOLD SCHOENBERG, o maior compositor do século? (Cf. a seguir, IGOR STRAVINSKY.) Com exceção de algumas peças iniciais, antes das séries, a música de Schoenberg nunca conseguiu agradar às multidões na maneira que a de Stravinsky agradou, e para vários ouvintes ela ainda é dura, cerebral e intimidadora. No entanto, seu lugar como gigante da música moderna está além de disputas razoáveis, seja por sua própria obra ou pela influência esmagadora para vários discípulos, sobretudo Anton Webern e Alban Berg. De 1926 a 1933, Schoenberg deu aulas magistrais na Academia Prussiana de Artes, em Berlim. Assim como tantos outros, foi levado a emigrar — e parece ter retomado sua herança judia em consequência disso —, mudando-se primeiro para Paris e depois para Los Angeles, onde morou pelo resto da vida. Não gostava muito de Stravinsky e o viu pouco, mas tornou-se amigo de outro vizinho músico, George Gershwin, com quem gostava de jogar tênis. Schoenberg lecionou tanto na UCLA quanto na USC; seu pupilo mais célebre foi John Cage. Morreu em 13 de julho de 1951, deixando sua obra mais ambiciosa incompleta — a ópera em três atos *Moses and Aaron*.



IGOR STRAVINSKY, o maior compositor do século? (Cf. acima, ARNOLD SCHOENBERG.) Depois de 1922, Stravinsky continuou a trabalhar, durante umas três décadas, no estilo neoclássico, que havia começado a desenvolver em 1920, ou mais ou menos nessa época. Alguns dos pontos altos desse período são as três sinfonias — *Sinfonia dos salmos* (1930), *Sinfonia em dó* (1940) e *Sinfonia em três movimentos* (1945) — bem como a ópera *O progresso do Rake*, com um libreto de W. H. Alden (1951). Adotou a cidadania francesa em 1934 e, após se mudar para os Estados Unidos aos 58 anos, obteve a cidadania americana em 1945. Sua primeira esposa, Katerina, morreu em 1939, deixando-o livre para se casar com a amante, Vera de Bosset (1888-1962), em 1940. Depois de alguma estranheza inicial no novo lar em Los Angeles, Stravinsky começou a fazer amizades íntimas com algumas das figuras mais importantes de todas as artes. (Schoenberg não morava longe, mas eles não se encontravam com frequência.) Gostava particularmente da companhia de escritores ingleses residentes ou visitantes, sobretudo de Huxley, mas também de Auden, Dylan Thomas e Christopher Isherwood. Viu Eliot menos, mas o poeta e o compositor se admiravam e se gostavam. Assim como muitos modernistas, Stravinsky era um conservador político; fora um breve entusiasmo por Mussolini, no entanto, não foi levado a posições extremistas. Morreu em Nova York em 6 de abril de 1971, e seu corpo foi enviado ao cemitério de San Michele, em Veneza.



FRANK LLOYD WRIGHT é geralmente considerado o maior arquiteto americano. Sua obra mais aclamada, talvez sua obra-prima dos anos finais, é o museu Guggenheim de Nova York — uma elegante rampa em espiral que alude à forma de uma concha. Essa construção o manteve ocupado de 1943 a 1959. Outras obras incríveis dos seus últimos anos incluem o internacionalmente famoso Fallingwater (1934-1937) em Bear Run, Pensilvânia; sua casa, Taliesin West, em Scottsdale, Arizona; e seu único arranha-céu, a torre Price em Bartlesville, Oklahoma. Morreu em 9 de abril de 1969, um profeta honrado em seu próprio século.

Os cineastas

LUIS BUÑUEL. Depois do triunfo parisiense deslumbrante das primeiras colaborações com Dalí — *Um cão andaluz* e *A idade do ouro* —, Buñuel fez alguns filmes excelentes na França e na Espanha, antes de fugir para os Estados Unidos quando as forças de Franco venceram a guerra civil. Trabalhou em Hollywood durante algum tempo, e depois no Museu de Arte Moderna de Nova York. Após a guerra, em 1946, mudou-se para o México, que seria seu lar para o resto da vida, embora tenha retornado à França e até à Espanha para dirigir alguns filmes. Ao contrário de muitos diretores, desfrutou de um florescer tardio: *O discreto charme da burguesia* (1972) e *Esse obscuro objeto do desejo* (1977) estão entre seus melhores filmes. Em colaboração com seu roteirista preferido, Jean-Claude Carrière, publicou uma boa autobiografia, *Meu último suspiro*. Faleceu em 1983.



CHARLES CHAPLIN, ou SIR CHARLES CHAPLIN, construiu experiência como diretor de longa-metragem e dirigiu *A corrida do ouro* (1925) — um sucesso comercial, e provavelmente seu filme mais conhecido —, *Luzes da cidade* (1931), *Tempos modernos* (1936), *O grande ditador* (1940), *Monsieur Verdoux* (1947) e *Luzes da ribalta* (1952). Enquanto estava na Europa, seus inimigos políticos — foi vítima da era McCarthy — deram um jeito de ele ter um visto de regresso negado. Passou quase todo o resto da vida na Suíça, em geral com boa saúde, até pouco antes de sua morte, no Natal de 1977.



SERGEI EISENSTEIN fez alguns dos clássicos duradouros do começo do cinema soviético: *A greve* (1924), *O encouraçado Potemkin* (1928) e *Outubro* (1927). Esses filmes lhe deram consagração tanto em casa quanto no Ocidente, e durante certo tempo ele estava tão bem que não apenas conseguiu viajar bastante para fora, como também, em 1930, aceitou um contrato com Hollywood. Nada

substancial resultou disso, nem da produção malograda que se passava no México. Eisenstein foi chamado de volta para casa e se redimiou fazendo o drama histórico patriótico *Alexander Nevsky*, com música de Prokofiev. Infelizmente, o pacto Hitler-Stalin fez com que o peso antialemão do filme fosse ideologicamente inaceitável. O diretor teve outra chance de se redimir com a trilogia projetada sobre Ivan, o Terrível. A Parte I do filme (1944) foi um grande sucesso com Stalin, mas Eisenstein foi cada vez mais acusado de “formalismo”, e estava em mais uma fase ruim quando morreu de infarto, em 11 de fevereiro de 1948, aos 50 anos.



ROBERT FLAHERTY trabalhou em documentários até o fim da vida (morreu em 23 de julho de 1951), mas nunca alcançou o mesmo sucesso de *Nanook*. Seus outros filmes notáveis são *Homem de Aran* (1934) — que assim como *Nanook* foi criticado por falsificar formas “tradicionais” de vida — e *História de Louisiana* (1948).



SIR ALFRED HITCHCOCK, após o começo não muito bom em 1922, rapidamente se tornou reconhecido como um dos principais diretores britânicos — primeiro com filmes mudos e depois com filmes falados, como *O homem que sabia demais* (1934) e *Os 39 degraus*. Foi para os Estados Unidos em 1939 e trabalhou ali até o fim de sua carreira prolífica. Ao todo, fez cinquenta filmes, poucos ruins, muitos viraram clássicos: *Interlúdio* (1946), *Janela indiscreta* (1954), *Intriga internacional* (1959), *Psicose* (1960) e *Os pássaros* (1963). Pesquisas com críticos de cinema nas últimas décadas têm incluído *Um corpo que cai* como um dos dez melhores filmes do mundo, e uma pesquisa de peso o colocou em segundo lugar, perdendo apenas para *Cidadão Kane*. A tendência de considerar Hitchcock um artista sério além de um animador popular completo foi promovida por alguns artigos de idolatria escritos por críticos franceses e futuros diretores da *nouvelle vague*, especialmente François Truffaut. Não existe outro diretor no patamar de Hitchcock; já foi chamado de o Dickens do cinema.



BUSTER KEATON dedicou suas energias aos filmes, alguns dos quais — *Nossa hospitalidade* (1923), *Sherlock Jr.* (1924) e acima de todos *A general* (1926) — costumam ser escolhidos como as melhores comédias já produzidas. Sua carreira sofreu altos e baixos vertiginosos, e no fim da vida ele aceitou papéis menores com alegria — o mais famoso foi em *Crepúsculo dos deuses*, em que fez o papel de si mesmo. Uma de suas últimas performances foi no curta filosófico *Film* (1965), escrito pelo jovem amigo de Joyce, Samuel Beckett. Morreu em 1º de fevereiro de 1966.



FRITZ LANG foi um divulgador notório de mitos sobre a própria carreira, e a história batida de que Goebbels lhe ofereceu controle de toda a indústria cinematográfica da Alemanha depois que os nazistas tomaram o poder é quase certamente falsa. O que não se discute é a qualidade e o significado histórico dos filmes Weimar: *Os Nibelungos* (1924), *Metrópolis* (1927) e, talvez sua obra-prima, *M* (1931). Lang se divorciou da esposa, que havia se tornado totalmente atrelada aos nazistas, em 1933, e deixou a Alemanha em 1934. Assim como outros tantos talentos refugiados, acabou em Hollywood, onde fez vários filmes entre 1936 e 1957 — chegando até a dois por ano. Vários eram filmes duros de suspense que não tiveram muito sucesso com a crítica, até que, assim como Hitchcock, Lang foi tomado como um diretor de estilo próprio pelos diretores franceses. O momento mais famoso da parte final de sua carreira foi o papel em *Desprezo* (1963), de Jean-Luc Godard. Morreu no dia 2 de agosto de 1976.



F. W. MURNAU faleceu em um acidente de carro em 11 de março de 1931, tendo sua carreira drasticamente interrompida. *Nosferatu* ainda é seu filme mais famoso, mas ele fez pelo menos mais dois clássicos do cinema alemão, *A última gargalhada* em 1924, e *Fausto* em 1926. Em 1927, fez o hollywoodiano *Aurora*, que se saiu mal nas bilheterias, mas que hoje é tido como um dos melhores filmes do mundo. Não

viveu o suficiente para ver a estreia de seu último filme, *Tabu*, uma colaboração conturbada com Robert Flaherty. Foi Fritz Lang quem fez o discurso no funeral de Murnau.



ERICH VON STROHEIM (falecido em 1957) lutou amargamente contra estúdios e produtores, até que desistiu para sempre da direção em 1933. Os historiadores do cinema consideram o trucidamento de *Ganância*, cujo original tinha dez horas corridas e foi reduzido a $\frac{1}{5}$ desse tempo, e a subsequente perda de todos os originais em um incêndio, uma das piores calamidades artísticas que Hollywood já viu. Von Stroheim se concentrou na carreira de ator, e em geral é mais conhecido pelos papéis em *A grande ilusão* e *Crepúsculo dos deuses*.

Os pensadores e gurus

GREGORY BATESON continuou trabalhando em vários campos distintos: antropologia, psiquiatria, semiótica e teoria de sistemas e cibernética, disciplinas em desenvolvimento. De 1936 a 1947, foi casado com a famosa antropóloga americana Margaret Mead. Desenvolveu a maior parte de sua obra madura nos Estados Unidos; em 1956, o ano em que adquiriu a cidadania americana, ele e três colegas formularam a teoria do “duplo vínculo” da esquizofrenia, uma teoria popularizada na década de 1960 pelo terapeuta radical R. D. Laing — que frequentemente leva o crédito de formulador da teoria. A obra mais lida de Bateson é *Steps to an Ecology of Mind* [Passos para uma ecologia da mente] (1972). Morreu em 4 de julho de 1980.



ALBERT EINSTEIN fugiu da Alemanha em 1933, pouco antes de os nazistas começarem a queimar seus livros e estabelecerem a recompensa de 5 mil dólares por sua cabeça. Ficou no Instituto de Estudos Avançados em Princeton, onde passou o resto da vida principalmente trabalhando — sem sucesso — no desenvolvimento de um campo unificado de teoria (chamado às vezes de “Teoria de Tudo”)

e contestando a visão padrão da física quântica. Embora tenha sempre sido um pacifista, a ameaça de a Alemanha desenvolver armas atômicas o alarmava tanto que ele apoiou o presidente Roosevelt para iniciar o Projeto Manhattan. Até o fim da vida, foi atormentado pela possibilidade de esse ter sido seu maior erro. Muito antes de morrer, em 8 de abril de 1955, Einstein se tornou um mito tanto como homem quanto como cientista na ativa: no imaginário popular, ocupava o papel de homem mais sábio e gentil dentre os Velhos Sábios, e também de adorável professor esquecido. A presidência de Israel lhe foi oferecida em 1952, mas ele a recusou educadamente; nos Estados Unidos, deu apoio a vários movimentos progressistas e de esquerda, e era um incentivador valente da igualdade racial. Em 1999, a revista *Time* o nomeou Pessoa do Século.



SIGMUND FREUD publicou, depois de 1922, os chamados ensaios “metapsicanalíticos”: *O futuro de uma ilusão* (1927, acerca da fé religiosa), *Civilization and its Discontents* [A civilização e seus descontentes] (1930) e *Moisés e o monoteísmo* (1939). Em fevereiro de 1923, descobriu um pequeno nódulo na boca, aparentemente benigno. Era o primeiro sinal do câncer de mandíbula, causado pelo hábito excessivo de fumar, que o torturaria nos anos finais. Em 1931 — como em um último florescer do espírito humano alemão —, recebeu o Prêmio Goethe por suas contribuições literárias. Um ano depois, os nazistas tomaram o poder e começaram a queimar seus livros. Teimoso, permaneceu trabalhando em Viena apesar das perturbações por parte da Gestapo — uma provocação que ele encarou com coragem pessoal considerável. Mas o *Anschluss* de 1938 tornou sua estada inviável, então ele se refugiou na Inglaterra, estabelecendo-se no número 20 de Maresfield Gardens, em Hampstead; hoje, o lar de um museu sobre Freud. No outono de 1939, a dor do câncer se tornou insuportável, e com a assistência do amigo dr. Max Schur, ele tomou doses fatais de morfina e morreu em 20 de setembro. De certa forma, teve sorte: suas quatro irmãs foram assassinadas pelos nazistas em campos de extermínio. A história do triunfo e do recuo da teoria freudiana depois de sua morte é longa e extraordinária. Durante muitos anos depois da guerra, especialmente nos Estados Unidos, a

psicanálise floresceu como profissão e os termos e modos de pensar freudianos — nem sempre bem-compreendidos — permearam várias áreas da vida, desde o cinema até a crítica literária. Até mesmo as almas mais paroquiais tinham alguma ideia do que o complexo de Édipo significava. No fim do século XX, graças aos avanços na neurologia e ciências relacionadas, e também graças a escândalos constrangedores dentro do mundo da psicanálise, as teorias de Freud foram exterminadas severamente, de modo a serem consideradas pela maioria dos cientistas uma farsa e uma ilusão. Curiosamente, o rebaixamento não diminuiu seu status em círculos literários, onde seus conceitos fundamentais — e os de freudianos mais recentes, sobretudo Jacques Lacan — ainda são tidos por muitas pessoas inteligentes como verdades que não precisam de prova. Uma versão menos extrema e perfeitamente sustentável dessa última visão é a de que as falhas de Freud enquanto cientista não diminuem sua posição enquanto moralista no sentido europeu clássico, ou enquanto estilista literário de altíssimo grau; e que, independente dos erros que possam ter sido cometidos em seu nome, o efeito geral da obra freudiana ajudou a alimentar uma cultura mais tolerante e compassiva do que a cultura na qual ele foi educado.



G. I. GURDJIEFF se tornou famoso, injustamente, como “o homem que matou Katherine Mansfield”. Conforme fica bem claro de acordo com os registros, Mansfield já estava à beira da morte quando chegou ao Instituto; se ele apressou seu fim, só pode tê-lo feito em uma margem de dias, e é bem possível que ela tivesse sentido conforto com o regime dele. Outras pessoas que visitaram o Instituto — incluindo Crowley — ficaram muito impressionadas com o que viram. Em 1924, Gurdjieff sofreu um acidente de carro quase fatal, e em sua longa convalescência ele encerrou grande parte das atividades do Instituto para se dedicar a escrever sua imensa trilogia, *All and Everything* [Do todo e de tudo]. Esses três livros só foram publicados em inglês depois de sua morte: *Relatos de Belzebu e seu neto* em 1950, *Encontros com homens notáveis* em 1963, e o inacabado *A vida só é real quando “eu sou”* em 1974 (privado) e 1978 (comercializado). Viveu e lecionou em Paris durante a Ocupação, e morreu em 29 de outubro de 1949. As

doutrinas de Gurdjieff ainda são ensinadas em institutos de vários países, e a lista de discípulos é impressionante, desde Frank Lloyd Wright até P. L. Travers, autor de *Mary Poppins*.



CARL JUNG cunhou vários termos que foram inseridos no vocabulário diário de várias línguas: principalmente as palavras complexo, introvertido e extrovertido, mas também arquétipo, sincronicidade, sombra, anima e inconsciente coletivo. Conforme seu trabalho foi prosseguindo, ele se afastou das noções de cura analítica e se aproximou de investigações de arte, da mitologia e do oculto. Em seu livro de 1944 acerca da alquimia, por exemplo, argumentou que a busca pela Pedra Filosofal — em geral considerada por historiadores um início confuso e incoerente em direção às origens da química moderna — era, na verdade, um relato do progresso da alma pelos estágios da iniciação e da iluminação. Muitos de seus últimos livros são francamente místicos, incluindo a autobiografia best-seller e altamente palatável *Memórias, Sonhos, Reflexões* (publicada em 1962 — poucos meses depois de sua morte, em 6 de junho de 1961). A psicologia analítica jungiana ainda é praticada como método terapêutico, mas a influência de Jung foi muito profunda e impregnante no reino da cultura — graças, em parte, às obras populares sobre mitologia escritas por seu seguidor (e ocasional comentador de Joyce) Joseph Campbell, cujo *O herói de mil faces* é hoje um livro adotado por roteiristas.



JOHN MAYNARD KEYNES, apesar da fartura de opositores nos últimos trinta anos, ainda é tido como o economista mais brilhante do século XX, e certamente o mais influente. Seu modelo revolucionário de economia, que quebrou de vez com a escola clássica de Adam Smith e seus discípulos, foi articulado em diversos trabalhos complexos e densamente discutidos, incluindo *Treatise on Money* [Tratado sobre o dinheiro] (1930) e a obra-prima *Teoria geral do emprego, do juro e da moeda* (1936). O sistema econômico conhecido como “keynesiano” foi adotado pelos Aliados durante a Segunda

Guerra Mundial, e dominou a economia de todas as nações desenvolvidas do Ocidente no período de 1945 ao fim da década de 1970. Keynes morreu no dia 12 de abril de 1946, portanto não viveu para presenciar o florescimento completo das suas teorias; contudo, já era conhecido pelo público geral como o homem “que salvou o capitalismo”. As políticas keynesianas foram descartadas em alguns países graças à ascensão da chamada escola monetarista, inspirada em Friedman, Hayek e outros (aliás, Keynes admirava *O caminho da servidão*, de Hayek, e concordava com grande parte do livro); na opinião de vários gurus e comentadores, ele era obviamente desacreditado. Mas a crise econômica global que começou em 2007 o trouxe diretamente para o centro do debate econômico, e várias das políticas emergenciais adotadas nos Estados Unidos, no Reino Unido e em outros lugares nos últimos anos foram inspiradas nele. Keynes, cujos escritos não técnicos são deliciosamente lúcidos e eloquentes, muitas vezes é feito de bicho-papão pela direita. Na verdade, em se tratando de política ele era um homem de centro — em vários sentidos, um liberal à moda antiga — e olhava para o comunismo com antipatia e desdém.



BRONISLAW MALINOWSKI teve uma de suas obras, *Argonautas do Pacífico Ocidental*, rapidamente considerada uma das maiores realizações da antropologia, e obteve fama internacional. Durante grande parte das duas décadas seguintes, ele deu aulas na Escola de Economia de Londres, ajudando-a a se tornar um centro mundial de antropologia. O começo da guerra fez com que ele fosse para os Estados Unidos; permaneceu lá e lecionou em Yale até a morte, em 16 de maio de 1942.



P. D. OUSPENSKY se separou de Gurdjieff em 1924 e começou a ensinar suas próprias formas de sabedoria — formas que só podem ser diferenciadas das de Gurdjieff pelos membros do grupo. Sua maior publicação nos anos antes de morrer, em 1947, foi *Um novo modelo do universo* (1931). *Fragmentos de um ensinamento desconhecido: Em*

busca do milagroso, uma autobiografia que fornece um retrato detalhado da convivência com Gurdjieff, foi publicada logo após sua morte. Estudos recentes, principalmente os de Gary Lachman, sugeriram que a influência clandestina de Ouspensky no mundo da literatura das décadas de 1920 e 1930 foi consideravelmente maior do que geralmente se presume.



WILHELM REICH morreu de infarto em uma prisão no Maine no dia 3 de novembro de 1957 enquanto cumpria a pena de dois anos por desobediência ao tribunal. Suas primeiras obras, incluindo *Psicologia de massa do fascismo*, foram parte de um projeto ambicioso de reconciliar as doutrinas aparentemente inconciliáveis de Freud e Marx; essa parte da sua obra se mostrou altamente influente para a Nova Esquerda das décadas de 1960 e 1970. Mas seus trabalhos começaram a dar guinadas bem mais excêntricas para áreas que lembravam mais ficção científica do que ciência. Escapou dos nazistas em 1934 e acabou se estabelecendo em Oslo, ficando até 1939. Naquele ano, mudou-se para os Estados Unidos e logo formou uma prática psicanalítica próspera e lucrativa. Começou também a conduzir “experimentos” — cientistas de verdade lhe negariam esse nome — destinados a confirmar suas visões cada vez mais bizarras do universo. A criação mais famosa foi o chamado “Acumulador de Orgônio”: em termos gerais, uma caixa de madeira com revestimento interno de metal que servia para capturar “orgones”, uma energia cósmica primitiva. Reich dizia que, ao se sentarem dentro da caixa, os pacientes vivenciavam não apenas um estímulo sexual imenso, mas também a cura de várias doenças, incluindo o câncer. Conseguiu persuadir Einstein a participar de um “experimento” em 13 de janeiro de 1941. Einstein inicialmente concordou que a singela elevação de temperatura que mediram no acumulador podia oferecer algum suporte para a visão de mundo reichiana, mas logo mudou de opinião. Em 1942, com o dinheiro da sua prática e de um grupo crescente de discípulos, Reich comprou uma antiga fazenda no Maine rural e a rebatizou de Orgonon. O FBI já vinha prestando atenção discreta às suas atividades estranhas, mas ele jamais foi incomodado, até um artigo hostil ser publicado no *New Republic* chamando-o de charlatão sinistro. Outros artigos céticos

vieram, e a Agência de Medicamentos e Alimentação (FDA) se interessou e acabou proibindo que ele e seus seguidores transportassem acumuladores de orgônio através de fronteiras estaduais. Quando um de seus cúmplices desafiou a proibição, Reich foi chamado perante o tribunal em Portland, Maine. Ele se defendeu sozinho e foi considerado culpado por desobediência, recebendo a sentença de dois anos. Em agosto de 1957, a FDA também queimou cerca de seis toneladas de seus livros e papéis em Nova York, pelo visto sem pensar nas conotações infelizes desse ato. A influência póstuma de Reich na ciência é quase nula, embora suas teorias tenham afetado profundamente formas radicais de psicoterapia, assim como romances, filmes e o rock. Um filme cult, *W.R.: Mistérios do organismo* (1971), de Dušan Makavejev, ajudou a torná-lo mais um dos avós do movimento hippie.



W. H. R. RIVERS voltou a ter atenção pública na década de 1990 por causa da trilogia premiada de Pat Barker, *Regeneração*, que incluía um retrato emocionante do tratamento de Sassoon por parte do médico compassivo, bem como lembranças de sua época na expedição no Estreito de Torres. Poucos livros de Rivers ainda são publicados; a abrangência e a natureza das suas conquistas ainda devem ser exploradas adequadamente, mas é óbvio que foram imensas.



BERTRAND RUSSELL ficou mais conhecido pelo público como um criador de polêmicas e porta-voz de movimentos de protesto — acima de tudo da Campanha pelo Desarmamento Nuclear — do que pelo trabalho como filósofo, embora *História do pensamento ocidental* (1945) tenha sido um best-seller que lhe forneceu um lucro confortável na última década de vida. Sua própria obra filosófica foi obscurecida pela de seu antigo protegido, Ludwig Wittgenstein. Algumas pessoas se surpreenderam por ele ter recebido o Nobel de Literatura em 1950, visto que sua prosa nunca foi diferente da de, digamos, Keynes. Na opinião do próprio Russell, sua maior realização foi ter salvado o mundo de uma guerra nuclear: ele ligou para Khrushchev durante a

Crise dos Mísseis de Cuba em 1962 e fez questão de ter a palavra do líder soviético de que não atacaria o Ocidente.



NIKOLA TESLA, que nas década de 1890 e 1900 foi o engenheiro elétrico e inventor mais conhecido e largamente admirado nos Estados Unidos, morreu sozinho e empobrecido em 7 de janeiro de 1943 em um pequeno quarto de hotel de Nova York, que havia sido seu lar na última década. Tinha 86 anos. O brilhantismo dos seus primeiros sucessos foi obscurecido pela reputação de excentricidade crescente; várias representações do “cientista maluco” nessa época — por exemplo, nas primeiras tiras de *Super-homem* — foram inspiradas em Tesla. Dentre outras estranhezas, ele ficou obcecado por pombos, os quais coletava no Central Park e mantinha em seus cômodos. Tesla foi um celibatário, e eventualmente um eremita urbano. Desde a sua morte, uma nova forma estranha de celebridade lhe foi atribuída, e passou a ser visto como uma das figuras reais que assombram a imaginação pública no ponto onde a ficção científica se encontra com teorias de conspiração. Foi retratado em inúmeros filmes, romances, peças, video games e outros, sendo que o mais famoso é o personagem secundário em *O grande truque*, de Christopher Nolan (2006), papel encenado por David Bowie.



RICHARD WILHELM viu sua tradução do *I Ching* se tornar um best-seller inusitado quando foi tomada pelos hippies como uma ferramenta para a divinação. Morreu em 2 de março de 1930.



LUDWIG WITTGENSTEIN promoveu duas grandes revoluções na filosofia de língua inglesa: primeiro com o *Tractatus Logico-Philosophicus*; depois, certo de que essa obra era fundamentalmente concebida de forma errada, com o trabalho que acabou sendo publicado postumamente como *Investigações filosóficas* (1953). Durante quatro anos após a publicação de *Tractatus*, ele continuou

trabalhando na obscuridade como professor em uma escola de vilarejo, mas se demitiu de vez em 1926 depois de alguns incidentes nos quais perdeu a paciência com alunos lentos e bateu neles. Passou grande parte dos dois anos seguintes em Viena trabalhando na formulação e na construção da Haus Wittgenstein para sua irmã, Margaret (que lhe deu a tarefa porque viu que precisava desesperadamente de alguma coisa que o ocupasse). Ele se dedicou a esse projeto com um perfeccionismo que beirava o fanatismo, e embora a construção tenha sido muito admirada por historiadores da arquitetura, Margaret achou que era um lugar frio e desumano, mais conveniente para deuses do que para mortais. Convidado a voltar para Cambridge por Russell, Keynes e outros, Wittgenstein retomou o trabalho filosófico ali em 1929, e logo foi premiado com um PhD devido à força de *Tractatus*; além disso, virou cidadão britânico. Embora tenha assumido a cadeira de G. E. Moore em 1939, nunca se sentiu inteiramente confortável em Cambridge, e costumava ir embora e passar longos períodos em retiro silencioso. Durante a guerra, trabalhou no hospital Guy, em Londres, como porteiro de um dispensário; poucas das muitas pessoas com quem lidava percebiam que era um filósofo famoso, e ele ficava horrorizado nas raras ocasiões em que os pacientes o reconheciam. Depois de mais três anos de trabalho idiossincrático em Cambridge, quando pensou com cuidado sobre as questões que são trabalhadas em *Investigações*, parece que sofreu uma espécie de ataque nervoso e ficou na Irlanda de 1947 a 1948 para se recuperar. Desenvolveu um câncer de próstata que se espalhou para outras partes do corpo, e morreu em Cambridge em 19 de abril de 1951. A publicação de *Investigações filosóficas* dois anos depois encantou grande parte do mundo da filosofia de língua inglesa, e iniciou uma enxurrada de publicações que continua até hoje. Adeptos de Heidegger ou outros chamados pensadores “continentais” podem debater esse fato, mas para os não continentais, Wittgenstein é inquestionavelmente o filósofo mais importante do século XX. Sua influência abrangeu bem mais do que a filosofia profissional e as artes, principalmente porque a linguagem insistentemente simples com a qual *Investigações* foi escrita faz com que o livro seja fácil de ler, de maneira sedutora — embora captar por completo suas implicações possa levar anos, ou uma vida. A personalidade estranha de Wittgenstein, com o misto paradoxal de humildade profunda e arrogância, culpa dolorosa e capacidade para sentir simples prazeres, solidão e frieza — e

certamente seu gênio incomparável —, faz com que seja uma figura fascinante mesmo para os que não conseguem compreender sua obra. Em um século anterior, provavelmente teria sido um santo.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

Cartas, memórias e fontes primárias

- Acton, Harold. *Memoirs of an Aesthete*. Londres: Methuen, 1948.
- Brecht, Bertolt (org. e trad. John Willett e Ralph Manheim). *Bertolt Brecht: Collected Plays, Volume I, 1918-1923*. Londres: Methuen, 1970.
- Brecht, Bertolt (org. Herta Ramthun, trad. John Willett). *Diaries 1920-1922*. Londres: Methuend, 1987.
- Budgen, Frank. *James Joyce and the Making of Ulysses*. Londres: Grayson & Grayson, 1934.
- Buñuel, Luis. *Meu último suspiro*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- Burns, Edward (org.). *The Letters of Gertrude Stein and Carl Van Vechten, 1913- -1946*, Volume I. Nova York: Columbia University Press, 1986.
- Cather, Willa. *Not Under Forty*. Nova York: Knopf, 1936.
- Chaplin, Charles. *Minha vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- Connolly, Cyril. *Enemies of Promise*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1938.
- Conrad, Joseph (org. Laurence Davies e J. H. Stape). *The Collected Letters of Joseph Conrad, Volume 7, 1920-1922*. Cambridge: CUP, 2005.
- Eliot, T. S. (org. Valerie Eliot). *The Waste Land: A Facsimile and Transcript of the Original Drafts including the Annotations of Ezra Pound* (1971).
- Eliot, T. S. (org. Christopher Ricks). *Inventions of the March Hare: Poems 1909- -1917*. Londres: Faber & Faber, 1996.
- Eliot, T. S. (org. Valerie Eliot and Hugh Haughton). *The Letters of T. S. Eliot, Volume I, 1898-1922, Revised Edition*. Londres: Faber & Faber, 2009.
- Eisenstein, Sergei (org. e trad. Richard Taylor). *Writings 1922-1934*. Londres: BFI, 1988.
- Fitzgerald, F. Scott. *O grande Gatsby*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- Fitzgerald, F. Scott. “Echoes of the Jazz Age”, in *The Crack-Up*, org.. Edmund Wilson. Nova York: New Directions, 1945.
- Fitzgerald, F. Scott (org. John Kuehl e Jackson Bryer). *Dear Scott/Dear Max: The Fitzgerald/Perkins Correspondence*. Nova York: Scribner's, 1971.
- Gimpel, René (trad. John Rosenberg). *Diary of an Art Dealer*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1963, 1966.
- Hemingway, Ernest. *Paris é uma festa*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- Hemingway, Ernest. *Dateline Toronto: The Complete “Toronto Star” Despatches, 1920, 1924*, ed. William White. Nova York: Scribner's, 1985.
- Hesse, Hermann (trad. Mark Harman). *Soul of the Age: Selected Letters of Hermann Hesse 1891-1962*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1991.
- Joyce, James (org. Stuart Gilbert). *Letters of James Joyce*. Nova York: Viking, 1957.

Joyce, James (org. Richard Ellmann). *Letters of James Joyce, Volume Three*. Londres: Faber & Faber, 1966.

Joyce, Stanislaus (org. Richard Ellmann, prefácio de T. S. Eliot). *My Brother's Keeper*. Londres: Faber & Faber, 1958.

Kafka, Franz (org. Max Brod, trad. Joseph Kresh e Martin Greenberg). *The Diaries of Franz Kafka 1919-1923*. Londres: Secker & Warburg, 1949.

Kafka, Franz (trad. Richard e Clara Winston). *Letters to Friends, Family and Editors*. Nova York: Schocken Books, 1977.

Kessler, Count Harry (org. and trad. Charles Kessler). *The Diaries of a Cosmopolitan, 1918-1937*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1971.

Keynes, John Maynard, and Lopokova, Lydia (org. Polly Hill and Richard Keynes). *Lydia & Maynard: The Letters of Lydia Lopokova and John Maynard Keynes*. Londres: Andre Deutsch, 1989.

Lawrence, T. E. (org. Malcolm Brown). *The Letters of T. E. Lawrence*. Oxford: OUP, 1991.

Lawrence, T. E. (também conhecido como 352087 A/C Ross). *The Mint: The Complete Unexpurgated Text*. Harmondsworth: Penguin, 1978.

Lewis, Wyndham. *Blasting and Bombardiering: An Autobiography 1914-1926*. Londres: Eyre & Spottiswoode, 1937.

Mansfield, Katherine (org. Vincent O'Sullivan e Margaret Scott). *The Collected Letters of Katherine Mansfield, Volume 5, 1922*. Oxford: OUP, 2008.

McAlmon, Robert, e Boyle, Kay. *Being Geniuses Together, 1920-1930*. Londres: Michael Joseph, 1970.

Nabokov, Vladimir (org. Fredson Bowers). *Lectures on Literature*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1980.

Nabokov, Vladimir. *Fala, memória*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2014.

Nayman, Anatoly (trad. Wendy Rosslyn). *Remembering Anna Akhmatova*. Londres: Peter Halban, 1991.

Pound, Ezra. *Selected Letters 1907-1941*. Londres: Faber & Faber, 1950.

Pound, Ezra. *Os Cantos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Pound, Ezra (org. Forrest Read). *Pound/Joyce: The Letters of Ezra Pound to James Joyce*. Nova York: New Directions, 1970.

Pound, Ezra (org. William Cookson). *Selected Prose 1909-1965*. Londres: Faber & Faber, 1973.

Pound, Ezra (org. Brita Lindberg-Seyersted). *Pound/Ford: The Story of a Literary Friendship*. Londres: Faber & Faber, 1982.

Pound, Ezra (org. Timothy Materer). *Pound/Lewis: The Letters of Ezra Pound and Wyndham Lewis*. Londres: Faber & Faber, 1985.

Pound, Ezra, e Shakespear, Dorothy. *Ezra Pound and Dorothy Shakespear, Their Letters 1909-1914*. Londres: Faber & Faber, 1985.

Pound, Ezra, e Zukofsky, Louis. *Pound/Zukofsky, Selected Letters*. Londres: Faber & Faber, 1987.

Pound, Ezra (org. Thomas Scott, Melvin Friedman e Jackson Bryer). *Pound/The Little Review: The Letters of Ezra Pound to Margaret Anderson*. Londres: Faber & Faber, 1988.

Pound, Ezra. *Early Writings, Poems and Prose*. Nova York: Penguin, 2005.

Pound, Ezra (org. Mary de Rachewiltz, A. David Moody e Joanna Moody). *Ezra Pound to his Parents: Letters 1895-1929*. Oxford: OUP, 2010.

Power, Arthur. *Conversations with James Joyce*. Londres: Millington, 1974.

Prokofiev, Sergey (trad. e org. Anthony Phillips). *Sergey Prokofiev, Diaries 1915-1923: Behind The Mask*. Londres: Faber, 2008.

Sassoon, Siegfried. *The Complete Memoirs of George Sherston (Memoirs of a Fox-Hunting Man, Memoirs of an Infantry Officer, Sherston's Progress)*. Londres: Faber & Faber, 1937.

Schoenberg, Arnold (org. Erwin Stern, trad. E. Wilkins e E. Kaiser). *Letters*. Londres: Faber & Faber, 1964.

Schoenberg, Arnold, e Kandinsky, Wassily (org. Jelena Hahl-Koch, trad. J. C. Crawford). *Schoenberg-Kandinsky: Letters, Pictures and Documents*. Londres: Faber & Faber, 1984.

Stein, Gertrude. *A autobiografia de Alice B. Toklas*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

Stein, Gertrude, e Van Vechten, Carl (org. Edward Burns). *The Letters of Gertrude Stein and Carl Van Vechten 1913-1946*. Nova York: Columbia University Press, 1986.

Svevo, Italo (trad. Stanislaus Joyce). *James Joyce*. Nova York: New Directions, 1950.

Waugh, Evelyn. *A Little Learning: The First Volume of an Autobiography* Londres: Penguin, 1990 (edição revisada da original de 1964).

Wilson, Edmund. *O castelo de Axel*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Wilson, Edmund. *Literary Essays and Reviews of the 1920s and 1930s*. Nova York: Library of America, 2007.

Wilson, Edmund (org. Leon Edel). *Edmund Wilson: The Twenties, From Notebooks and Diaries of the Period*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1975.

Woolf, Virginia. *Mrs. Dalloway*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Woolf, Virginia (org. Anne Olivier Bell). *The Diaries of Virginia Woolf 1920-1924*. Harmondsworth: Penguin, 1981.

Wright, Frank Lloyd. *An Autobiography*. Nova York: Horizon Press, 1977.

Bibliografia de apoio

Ackroyd, Peter. *T. S. Eliot*. Londres: Hamish Hamilton, 1984.

Agee, James. *Agee on Film Volume I: Reviews and Comments*. Nova York: McDowell Obolensky, 1958.

Allen, Frederick Lewis. *Only Yesterday: An Informal History of the 1920s*. Nova York: Harper Perennial, 1957.

Appel, Alfred Jr. *Jazz Modernism: From Ellington and Armstrong to Matisse and Joyce*. Nova York: Knopf, 2002.

Avery, Todd. *Radio Modernism: Literature, Ethics and the BBC, 1922-1938*. Hampshire: Ashgat, 2006.

Banham, Rayner. *Theory and Design in the First Machine Age*. Londres: The Architectural Press, 1960.

Barnouw, Eric. *Documentary: A History of the Non-Fiction Film*. Nova York: OUP, 1993 (segunda edição revisada).

Baxter, John. *Buñuel*. Londres: Fourth Estate, 1994.

Bedford, Sybille. *Aldous Huxley: A Biography*. (Originalmente publicada em dois volumes em 1972 pela Chatto & Windus, Londres; edição em volume único de 1993, Pan Macmillan, Londres).

Bell, Quentin. *Virginia Woolf: A Biography*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1972.

Bell, Quentin. *Bloomsbury*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1968.

Benstock, Shari. *No Gifts from Chance: Edith Wharton, a Biography*. Nova York: Scribner's, 1994.

Bergreen, Lawrence. *Louis Armstrong, An Extravagant Life*. Nova York: Broadway Books, 1997.

Booth, Martin. *A Magick Life: A Biography of Aleister Crowley*. Londres: Hodder & Stoughton, 2000.

Bowker, Gordon. *James Joyce: A Biography*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 2001.

Boyd, Brian. *Vladimir Nabokov, The Russian Years*. Londres: Chatto & Windus, 1990.

Bradbury, Malcolm, e McFarlane, James (org.). *Modernism: A Guide to European Literature 1890-1930*. Harmondsworth: Penguin, 1976.

Brocheux, Pierre. *Ho Chi Minh, A Biography*. Cambridge: CUP, 2007.

Brownlow, Kevin. *The Parade's Gone By...* Londres: Secker & Warburg, 1968.

Carpenter, Humphrey. *A Serious Character: The Life of Ezra Pound*. Londres: Faber & Faber, 1988.

Chang, Jung, e Halliday, Jon. *Mao: A história desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Cheney, Margaret. *Tesla: Man out of Time*. Nova York: Dell, 1981.

Conrad, Peter. *Modern Times, Modern Places: Life & Art in the 20th Century*. Londres: Thames & Hudson, 1998.

Crawford, Robert. *The Savage and the City in the Work of T. S. Eliot*. Oxford: Clarendon Press, 1990.

Crick, Bernard. *George Orwell: A Life*. Londres: Secker & Warburg, 1980.

Davenport-Hines, Richard. *A Night at the Majestic: Proust and the Great Modernist Dinner Party of 1922*. Londres: Faber & Faber, 2006.

Delong, Thomas A. *Pops: Paul Whiteman, King of Jazz*. Nova York: New Century, 1983.

Douglas, Ann. *Terrible Honesty: Mongrel Manhattan in the 1920s*. Nova York: Farrar Straus and Giroux, 1995.

Eisner, Lotte H. (trad. Roger Greaves). *The Haunted Screen*. Londres: Thames & Hudson, 1969.

Ellmann, Richard. *James Joyce*. Oxford: OUP, 1959.

_____. *The Consciousness of Joyce*. Nova York: OUP, 1977.

_____. *Four Dubliners: Wilde, Yeats, Joyce and Beckett*. Londres: Hamish Hamilton, 1987.

Farr, Finis. *Frank Lloyd Wright*. Nova York: Scribner's, 1961.

Fass, Paula S. *The Damned and the Beautiful: American Youth in the 1920s*. Nova York: OUP, 1979 (edição revisada).

Fischer, Louis. *The Life of Mahatma Gandhi*. Nova York: Harper & Brothers, 1950.

Foster, R. F. W. B. *Yeats: A Life; Volume I, The Apprentice Mage 1865-1914*. Oxford: OUP, 1998.

_____. *W. B. Yeats: A Life; Volume II, The Arch Poet 1915-1939*. Oxford: OUP, 2003.

Frayling, Christopher. *The Face of Tutankhamun*. Londres: Faber & Faber, 1992.

Freedman, Ralph. *Life of a Poet: Rainer Maria Rilke*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1996.

Furbank, P. N. E. M. *Forster: A Life, Volume Two: Polycrates' Ring, 1914-1970*. Londres: Secker & Warburg, 1978.

Gay, Peter. *A cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *Modernismo – O fascínio da heresia: de Baudelaire a Beckett e mais um pouco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Gelb, Arthur e Barbara. O'Neill. Nova York: Harper & Brothers, 1960.

Gibson, Ian. *The Shameful Life of Salvador Dalí*. Londres: Faber & Faber, 1997.

_____. *Federico García Lorca: A Life*. Nova York: Pantheon Books, 1989.

Gilbert, Martin. *Winston S. Churchill, Volume IV (1917-1922)*. Londres: Heinemann, 1975.

Gordon, Lyndall. *Eliot's Early Life*. Oxford: OUP, 1977.

_____. *T. S. Eliot: An Imperfect Life*. Nova York: Norton, 1999.

Grant, Michael (org.). *T. S. Eliot: The Critical Heritage, Volume I*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1982.

Graves, Robert, e Hodge, Alan. *The Long Weekend: A Social History of Great Britain, 1918-1939*. Londres: Faber & Faber, 1941.

Hastings, Selina. *Evelyn Waugh: A Biography*. Londres: Sinclair-Stevenson, 1994.

Hayman, Ronald. K. *A Biography of Kafka*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1981.

_____. *Thomas Mann: A Biography*. Nova York: Scribner's, 1995.

_____. *A Life of Jung*. Londres: Bloomsbury, 1999.

Hobsbawm, Eric. *A era dos extremos: O breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Hochman, Elaine S. *Bauhaus: Crucible of Modernism*. Nova York: Fromm International, 1997.

Hone, Joseph. *W. B. Yeats*. Londres: Macmillan, 1943.

Hussey, Andrew. *Paris: The Secret History*. Londres: Penguin, 2006.

Isaacson, Walter. *Einstein – Sua vida e universo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Jackson, John Wyse, e Costello, Peter. *John Stanislaus Joyce: The Voluminous Life and Genius of James Joyce's Father*. Londres: Fourth Estate, 1997.

James, Lawrence. *The Golden Warrior: The Life and Legend of Lawrence of Arabia*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1990.

Jenkins, Roy. *Churchill*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

Jones, Ernest (org. Lionel Trilling e Steven Marcus). *The Life and Work of Sigmund Freud*. Londres: Hogarth Press, 1962.

Jones, Max, e Chilton, John. *Louis: The Louis Armstrong Story*. Boston: Little, Brown & Co., 1971.

Keats, John. *You Might as Well Live: The Life and Times of Dorothy Parker*. Nova York: Simon & Schuster, 1970.

Kenner, Hugh. *The Pound Era: The Age of Ezra Pound, T. S. Eliot, James Joyce and Wyndham Lewis*. Londres: Faber & Faber, 1972.

Kershaw, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Kibberd, Declan. *Ulysses and Us: The Art of Everyday Living*. Londres: Faber & Faber, 2009.

King, Francis. *The Magical World of Aleister Crowley*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1977.

Kincaid-Weekes, Mark. *The Cambridge Biography of D. H. Lawrence, Volume II: Triumph to Exile 1912-1922*. Cambridge: CUP, 2011.

Kracauer, Siegfried. *From Caligari to Hitler: A Psychological History of the German Cinema*. Princeton: Princeton University Press, 1947.

Kurrzke, Hermann (trad. Leslie Wilson). *Thomas Mann: Life as a Work of Art*. Princeton: Princeton University Press, 2002.

Lachman, Gary. *In Search of P. D. Ouspensky*. Wheaton, Illinois: Quest Books, 2004.

Lancaster, Marie-Jacqueline. *Brian Howard: Portrait of a Failure*. Londres: Timewell Press, 2005.

Lee, Hermione. *Virginia Woolf*. Londres: Vintage, 1997 (edição revisada).

Levin, Harry. "What was Modernism?," in *Refractions: Essays in Comparative Literature*. Nova York: OUP, 1966.

Lewis, David Levering. *When Harlem was in Vogue*. Nova York: Knopf, 1981.

Lewis, Jeremy. *Cyril Connolly: A Life*. Londres: Jonathan Cape, 1997.

Mack, John E. *A Prince of Our Disorder: The Life of T. E. Lawrence*. Boston: Harvard University Press, 1976.

Mackenzie, Norman e Jeanne. *H. G. Wells, A Biography*. Nova York: Simon & Schuster, 1973.

Maddox, Brenda. *Nora: The Real Life of Molly Bloom*. Nova York: Mariner Books, 1988, 2000.

McCormack, W. J. *Blood Kindred: The Politics of W. B. Yeats and His Death*. Londres: Pimlico, 2005.

McGilligan, Patrick. *Fritz Lang: The Nature of the Beast*. Londres: Faber & Faber, 1997.

Meade, Marion. *Dorothy Parker: What Fresh Hell is This?* Nova York: Villard Books, 1988.

Meade, Marion. *Bobbed Hair and Bathtub Gin: Writers Running Wild in the Twenties*. Nova York: Doubleday, 2004.

Mellow, James R. *Hemingway: A Life Without Consequences*. Boston: Houghton Mifflin, 1922.

Meyers, Jeffrey. *The Enemy: A Biography of Wyndham Lewis*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980.

_____. *D. H. Lawrence, A Biography*. Londres: Macmillan, 1990.

_____. *Edmund Wilson, A Biography*. Boston: Houghton Mifflin, 1995.

_____. *Orwell: Wintry Conscience of a Generation*. Nova York: Norton, 2000.

Milton, Giles. *Paradise Lost: Smyrna 1922*. Nova York: Basic Books, 2008.

Mitchell, Leslie. *Maurice Bowra, A Life*. Oxford: OUP, 2009.

Mizener, Arthur. *The Far Side of Paradise: A Biography of F. Scott Fitzgerald*. Londres: Heinemann, 1969 (edição revisada).

_____. *Scott Fitzgerald and his World*. Londres: Thames & Hudson, 1972.

Monk, Ray. *Ludwig Wittgenstein: The Duty of Genius*. Londres: Jonathan Cape, 1990.

_____. *Bertrand Russell: The Spirit of Solitude, 1872-1921*. Londres: Jonathan Cape, 1996.

_____. *Bertrand Russell: The Ghost of Madness, 1921-1970*. Londres: Jonathan Cape, 2000.

Montefiore, Simon Sebag. *Stalin: The Court of the Red Tsar*. Nova York: Vintage, 2003.

Moody, A. David. *Ezra Pound: Poet: A Portrait of the Man and his Work; Volume 1, The Young Genius 1885-1920*. Oxford: OUP, 2007.

Moore, James. *Gurdjieff: Anatomy of a Myth: A Biography*. Londres: Element Books, 1991.

Mundy, Jennifer (org.). *Duchamp Man Ray Picabia*. Londres: Tate Publishing, 2008.

Murray, Nicholas. *Kafka*. Londres: Little, Brown, 2004.

Nicholson, Virginia. *Among The Bohemians: Experiments in Living 1900-1939*. Londres: Penguin Books, 2006.

North, Michael. *Reading 1922: A Return to the Scene of the Modern*. Nova York: OUP, 2002.

O'Brian, Patrick. *Pablo Ruiz Picasso: A Biography*. Londres: Collins, 1976.

Page, Norman. *A. E. Housman, A Critical Biography*. Londres: Macmillan, 1983.

Painter, George D. *Marcel Proust*. Londres: Chatto & Windus, 1965.

Pais, Abraham. *Einstein viveu aqui*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

Payne, Robert. *The Life and Death of Lenin*. Nova York: Simon & Schuster, 1964.

Penrose, Roland. *Picasso: His Life and Work*. Londres: Gollancz, 1958.

Polizzotti, Mark. *Revolution of the Mind: The Life of André Breton*. Londres: Bloomsbury, 1995.

Prater, Donald. *Thomas Mann: Uma biografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

Raine, Craig. "The Waste Land", in *Haydn and the Valve Trumpet: Literary Essays*. Londres: Faber & Faber, 1990.

Reeder, Roberta. *Anna Akhmatova, Poet & Prophet*. Londres: Allison & Busby, 1995.

Richardson, John. *A Life of Picasso: Volume III: The Triumphant Years 1917-1932*. Londres: Jonathan Cape, 2007.

Ricks, Christopher. *T. S. Eliot and Prejudice*. Londres: Faber & Faber, 1988.

Rhode, Eric. *A History of the Cinema from its Origins to 1970*. Londres: Allen Lane/Penguin, 1976.

Robinson, David. *Buster Keaton*. Londres: BFI/Thames & Hudson, 1970.

_____. *Chaplin: Uma biografia definitiva*. São Paulo: Novo Século, 2011.

Sawyer-Laucanno, Christopher. *E. E. Cummings, A Biography*. Londres: Methuen, 2005.

Schnitzer, Luda and Jean (org.) (trad. David Robinson). *Cinema in Revolution: The Heroic Era of the Soviet Film*. Londres: Secker & Warburg, 1973.

Schorer, Mark. *Sinclair Lewis: An American Life*. Nova York: McGraw-Hill, 1962.

Seigel, Jerrold. *Bohemian Paris: Culture, Politics, and the Boundaries of Bourgeois Life, 1830-1930*. Nova York: Viking, 1986.

Seymour-Smith, Martin. *Robert Graves – His Life and Work*. Londres: Paladin, London, 1982 (edição revisada em 1987).

Shelden, Michael. *Orwell: The Authorised Biography*. Londres: Heinemann, 1991.

Shloss, Carol Loeb. *Lucia Joyce: To Dance in the Wake*. Londres: Bloomsbury, 2004.

Skelton, Geoffrey. *Paul Hindemith, the Man behind the Music*. Londres: Gollancz, 1975.

Skidelsky, Robert. *John Maynard Keynes 1883-1969: Economist, Philosopher, Statesman*. Londres: Macmillan, 2003.

Slobodin, Richard. *Rivers: Part I: Life*. Nova York: Columbia University Press, 1978.

Spoto, Donald. *The Dark Side of Genius: The Life of Alfred Hitchcock*. Londres: Frederick Muller, 1983, 1988.

Spurling, Hilary. *Matisse the Master: A Life of Henri Matisse: The Conquest of Colour, 1909-1954*. Londres: Hamish Hamilton, 2005.

Squires, Michael, e Talbot, Lynn K. *Living at the Edge: A Biography of D. H. Lawrence and Frieda von Richthofen*. Londres: Robert Hale, 2002.

Steegmuller, Francis. *Cocteau: A Biography*. Londres: Constable, 1986.

Stock, Noel. *The Life of Ezra Pound*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1970.

Stravinsky, Vera, e Craft, Robert. *Stravinsky in Pictures and Documents*. Nova York: Simon & Schuster, 1978.

Sultan, Stanley. *Eliot, Joyce and Company*. Nova York: OUP, 1987.

Surya, Michel (trad. Krzysztof Fijalkowski e Michael Richardson). *Georges Bataille: An Intellectual Biography*. Londres: Verso, 2002.

Sykes, Christopher. *Evelyn Waugh: A Biography*. Harmondsworth: Penguin, 1977.

Symonds, John. *The Great Beast*. Granada: Herts, 1971 (revisada em 1973).

Tomalin, Claire. *Katherine Mansfield: A Secret Life*. Londres: Viking, 1987.

Truffaut, François. *Hitchcock: Entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Turnbull, Andrew. *Scott Fitzgerald*. Londres: The Bodley Head, 1962.

Twombly, Robert C. *Frank Lloyd Wright: An Interpretive Biography*. Nova York: Harper & Row, 1973.

Von Salis, J. R. (trad. N. K. Cruikshank). *Rainer Maria Rilke: The Years in Switzerland*. Berkeley: University of California Press, 1964.

Walker, Alexander. *Rudolph Valentino*. Londres: Hamish Hamilton, 1976.

Walsh, Steven. *Stravinsky: A Creative Spring: Russia and France 1892-1934*. Nova York: Knopf, 1999.

Ward, Geoffrey C., e Burns, Ken. *Jazz: A History of America's Music*. Nova York: Knopf, 2000.

Webb, James. *The Occult Establishment, Volume II: The Age of the Irrational*. Glasgow: Richard Drew

Publishing, 1981.

Weber, Nicholas Fox. *The Bauhaus Group: Six Masters of Modernism*. Nova York: Alfred A. Knopf, 2008.

_____. *Le Corbusier: A Life*. Nova York: Alfred A. Knopf, 1966.

White, Eric Walter. *Stravinsky: The Composer and his Works*. Londres: Faber & Faber, 1966.

Willett, John. *Art & Politics in the Weimar Era: The New Sobriety 1917-1933*. Nova York: Pantheon, 1978.

William, Martin. *The Jazz Tradition*. Nova York: New American Library, 1971.

Williams, James S. *Jean Cocteau*. Londres: Reaktion Books, 2008.

Wilson, Jean Moorcroft. *Siegfried Sassoon: The Journey from the Trenches: A Biography 1918-1967*.
Londres: Duckworth, 2003.

Wilson, John Howard. *Evelyn Waugh, A Literary Biography 1903-1924*. Londres: Associated University Presses, 1996.